



100 ptas.

g-438

1887  
2.00  
1887

Livro de Mr. P.

Sisboa - 26 de Julho - 1899.

S. de Soto Cortés

isto

2500 reis

R. 11. 217 *errata corr*

INSTRUCAM  
DA ?

CAVALLARIA  
DE BRIDA.

TRATADO UNICO.

Dedicada ao Inviçto Martyr

S. JORGE

TRIBUNO DA MILICIA ROMANA , DEFENSOR  
da Igreja Catholica , antigo Patrao de Portugal.

P O R

ANTONIO PEREIRA REGO

*Cavalleiro da Ordem de Christo.*

COM HUM COPIOSO TRATADO DE ALVEITARIA.



COIMBRA:

na Officina de JOSEPH ANTUNES DA SYLVA,  
Impressor da Univerfidade. Anno de 1733.

*Com todas as licenças neccessarias.*

A custa de Manoel Castanheira Mercador de livros, & Familiar  
do Santo Officio.

*over*

INSTRUCAM  
DA  
CAVALLARIA  
DE BRIDA  
TRATADO UNICO

Dedicada ao Invisão Maruy

S. JORGE

TRIBUNO DA MILICIA ROMANA, DEFENSOR  
da Igreja Catholica, antigo Paez de Portugal

P O R

ANTONIO PEREIRA REGO

Cavalleiro da Ordem de Christo.  
COM HUM COPIOSO TRATADO DE ALVETARIA



COIMBRA:

Na Oficina de JOSEPH ANTUNES DA SILVA

Impressor da Universidade, Anno de 1757

Com todos os Direitos reservados

A custa de Manoel Casanova Mendonça de Livros, & Familias  
do S. Paulo

# A S. JORGE



Uscava eu ( Nobilissimo Cavalleiro ,  
& Augustissimo Martyr ) hum va-  
raõ insigne , debaixo de cujo presidio  
este meu Tratado visse a luz do dia :

*Eis. que se me offereceo o vosso para amateria  
apto, & para o amparo seguro. Sendo neces-  
saria a qualquer penna, que voa huma espada,  
que defenda, donde acharia a minha penna melhor  
defensaõ, que na vossa espada, cujos rayos aos ami-  
gos alumiaõ, & aos inimigos deslumbraõ ? He a  
materia apta para a eleiçaõ, que faço, porq̃ dedico  
a cavallaria a hum Tribuno do Romano exercito,  
quando vivo em carne mortal; & a hum Capitaõ  
da Igreja Catholica, quando immortal espirito.  
A gloria, em que reynaes agora, naõ apagou em  
vós, antes aperfeicou a inclinaçaõ generosa, que  
tivestes no mundo; porque sendo vosso espirito bel-  
lico na terra, despois que viveis no Ceo se vale-  
raõ, & valem de vós os Principes Christaõs nos  
conflictos, & batalhas. Duraõ em Portugal, Ara-  
gaõ, & Navarra muitos exemplos, mais que em*

Cedren.  
Compendi:

historia? Paulo  
Diacon. 1. *sagrados marmores entalhados, nas memorias es-*  
6. de gestis *critos. Deixo os documentos domesticos, da nossa*  
Longob. c. *Hispanha, & dos estranhos de Grecia, Franca,*  
5. Niceph. *Inglatterra; daõ testemunho ao mundo em suas hi-*  
1.7. cap. 15. *storias Cedreno, Paulo Diacono, Nicephoro, &*  
Bar. tom. *Veronio.*

7. Annal. *Exta o Epigrama de venancio Fortunato ao*  
Venant. *templo, que hoje tendes em Moguncia.*

Fortunat. *Martyris egregij pollens micat aula Georgi,*  
1. r. Epiph. *Cujus in huic mundū spargitur altus honor.*  
13.

*Carcere, cæde, fame, vinclis, sicc, frigore, flâmis,*  
*Confessus Christum, duxit ad astra caput.*  
*Qui virtute potens, Orientis in arce sepultus,*  
*Ecce sub occiduo cardine præbet opem, &c.*

*Foraõ as vossas acçoens taõ novas, & admiraveis*  
*ao mundo, que despertastes a inveja dos inimigos*  
*da Fè para vos cantarem entre as fabulas. Tanto*  
*cegam os rayos de huma luz grande? Necessario foy*  
*que a Igreja mandasse crer, que ouvera hum Jorge*  
*no mundo. Dura ainda hoje esta incredulidade na*

Gelasio  
Papa cap. *falsa escola, & pestilente cachira de Calvino, &*  
Sancta Ro- *Kennicio inimigos da verdade, & cõtrarios vos-*  
mana dist. *fos. Taõ do Ceo fostes todo, que pareceste na terra*  
15. *estranho. Sobre as certezaas da Fè naõ ha outra cer-*  
*teza; mas vòs fizestes palpavel, o q era crível, apa-*  
*recendo visivelmente entre nòs, & dando a nossos*  
*inimigos tanta materia de pranto, como a nòs de*  
*agradecimento. Quanto ao patrocínio da obra pa-*  
*ra que vos convidado, em vòs o tenho seguro; porque*  
*vale.*



valeremse os homens de outros homenss foyeito à  
mesma mortalidade, não podem adquirir aos seus  
livros aquella vida, a que aspiraõ iLenta, E livre  
de caduco fim de seus autores. Desde meus primei-  
ros annos comeei logo a versar a arte da Cavalla-  
ria no theorico, exercitando o pratico; o que lia re-  
duzia a obra, E algumas cousas, que observava  
obrando, acrescentava ao que lia. O que era incli-  
nação se me fez uso, E vida, E mais horas gastei  
nesto exercicio que em todas as outras humanas oc-  
cupações. Ao que li, E pratiquei fiz esta Sūma,  
que publico agora, não por ostentação propria, se-  
nam para comodidade alhea. O desejo he de apro-  
veitar, E creyo que he fallarvos ao coração offe-  
recervos este desejo, aos Portuguezes escrevo entre  
quem lograes a authoridade de Patrono, E aglo-  
ria de defensor, E indo de vosso nome titulado este  
papel em suas mãos logrará a attenção, E eu a  
vossos pés ponho o meu ( se algum tiver ) mereci-  
mento.

Vosso servidor devotissimo.

Antonio Pereira Rego.

PRO

13

Vosso scriuidor devotissimo.

Alonso Fernes Rego.

PRO

13

# PROLOGO

## A O LEYTOR.



QUEM se expõem a mandar os trabalhos do seu entendimento a julgar ao tribunal do vario juizo dos homeus, nem merece que lhe perdoem os erros, nem que lhe louvem os acertos. Ha quem condene o bom, ha quem aprove o mau, ha quem nem de hum, nem de outro cure. Os regidos censores de desluxir, os necios entremetidos a preverter, os incuriosos a desprezar; deve ser a porfia dos Escritores digna de todo este castigo. Eu que estava bem fora de semelhantes dependencias, & alheyo do pensamento de ser julgado sem necessidade fuy obrigado de amigos, & animado de doctos a fazer publico este mal limado volume, que ordenava mais por curiosidade propria, que para doutrina alhea. Obedeci a huns, & a outros, & por fazer me nos os meus defacertos lhes protestei, que os haviam de partir entre si, quando me visse censurado.

Naõ he o meu intento doutrinar aos grandes homens de cavallo, que destes quero eu aprender todos os meus dias; mais moço desto he o meu atrevimento. Com os moços curiosos fallo, & àquelles escrevo, que tendo muito desejo de exercitar esta excellente arte o não fazem por falta de regras, & preceitos, que no nosso vulgar se não tem até agora escrito com a clareza, que demanda a Cavallaria de Brida. Por esta causa intitulei este papel, *Instrucção da Cavallaria de Brida*, porque sirva de rudimentos a muitos para chegarem depois aos primores da arte, que outros lhe escreverão mais scientificamente.

Ajunto tambem huma recopilacão de toda a Alveitaria, por se não aver escrita no nosso idioma com as clarezas, que haõ mister

dos Alveitarēs, a cuja especulaçõ, & pratica me inclinei com algũ estudo, curiosidade, & experiencias, por ver o pouco engenho, a muita grossaria, & ignorancia, com q̄ os mais dos Alveitares lançaõ a perder os cavallos indo a darlhes remedio; porque possa todo o cavalleiro na sua estrebaria ou aonde a caso se achar mandar acudir aos seus cavallos com mais acerto, que em casa dos Alveitares; & os sabia conservar saõs, & preservados de achaques. Para esta recopilaçõ, que intitulo *Summula*, elegi as opinioes mais seguras de todos os Authores de Alveitaria q̄ adiante refiro no principio della, assim estrangeiros, como naturaes que melhor escreverãõ em diversas lingoas desta arte Vetricionaria. Muitas cousas adquiri com experiencia propria, mas anteponho as alheas; pelo que disse Plutarco, que a obra da aranha fãida das proprias entranhas não era melhor, que a da abelha colhida de estranhas flores.

Quizera acertar a fazer o que escreve Valerio Maximo no liv. 8. cap. 12. *Sapientissimi artis sua professores sunt à quibus, & propria studia verecundè, & aliena callidè estimantur.* Bem sey que muitos julgarãõ inutil esta obra minha; outros pòde ser que a experimentem proveitosa; aquelles não se me dà que me condenem; estes não quero que me louvem. Quem me reprehender me fará melhor segundo Auzonio.

*Cum vera objurgas, sic inimice juras.*

Quem me louvar me impedirá a melhora, conforme Juvenal Satyr. 1.

.... *Probitas laudatur, & alget.*

ROMANCE AO LEYTOR:

**P** Ara q̄ do Author te informe  
te offereço, leitor amigo,  
poucas flores de hũ remance  
entre as folhas deste livro.

**D** onde o Lima a Ponte morde  
com dentes de cristal fino,  
povo, que não só os cavallos,  
mas tambem enfrea os rios.

**A** ntonio Pereira Rego  
nace, & desde menino,  
em vez da cana pueril,  
montou os brutos altivos.

**D** e illustre fangue gerado,  
& de acçoës heroicas filho,  
não sei qual seja mais nobre,  
o herdado, ou adquirido,

**M** etido já nos estudos,  
ás letras já premitido  
foy moço de muytas artes,  
mas de nenhum arteficio.

**A** natureza officiosa  
o fez de mil prendas rico,  
parece que o natural  
premeou ao merecido.

**L** ogrou entre os outros dotes,  
todos d'elle mesmo dignos,  
huma viril gentileza.  
sem escandalos de lindo.

**M** as sempre tão absoluto  
senhor do seu alvedrio,  
q̄ alcançando tantos dotes;  
não chegou a ser marido.

**Q** uando a caçar se diverte,

mais por arte que destino,  
as aves tem menos penas  
do que executa castigos.

**C** om trombetas caçadores,  
lanças, tiros, caes temidos,  
he o flagelo das feras,  
q̄ tem por seguro os riscos.

**A** s manchadas feras busca,  
& faz os seus golpes limpos,  
nas campanhas por asfalto  
nas asperezas por sitio.

**J** oga as armas com destreza,  
E offerecêdo alguns partidos  
de barato ao seu contrario,  
lhe dá caro aver renhido.

**H** um tempo seguio da guerra  
o perigoso exercicio,  
quando das veas de prata  
correo fangue o nosso Minho

**E** levando do terreiro  
à campanha o mesmo estylo,  
no ferio andou tão valente,  
quanto airoso no fingido.

**O** ginete que o respeita  
só com natural instincto,  
se dá por envergonhado  
d' elle o não aver corrido.

**T** aão dono do irracional (mo,  
se mostra, & mestre tão pri-  
que faz do menos azado  
bruto, hũ ligeiro Hipogrifo.

**A** o subir de hum rude potto,  
em cada ensayo lhe finto,

levar a inveja hum tormento,  
cobrando o potro hum avizo.  
Quando escaramuças Guia,  
em confusos laberintos,  
qualquer discurso se perde ;  
elles sómente acha o fio.  
Se joga as canas de veras,  
Se faz o falso conflicto;  
as canas se tornaõ lanças,  
& he canas ver os seus tiros.  
Corre à sortilha taõ destre,  
que aquella mesma imagino  
que he a sortilha cõ que a sorte  
sempre o desprezou consigo  
Pois vello ao buscar o touro  
dentro do arriscado circo ,  
feridas tambem logradas ,  
golpes tambem succedidos.  
Delde logo se promete,  
que o mais ferõs inimigo,  
trazendo a lua por armas,  
torne quartos dividido.  
Este pois em ocio agora,  
q̃ he degoceo de entendidos ,  
alternando a lança , & pena,  
dous mal conformes officios ,  
En quarenta annos de idade ,  
muitos , quando bem vividos,  
ainda em quaresma de annos,  
rem do Ab il di vidi os brios.  
Neste tratado te offerece,  
todo o praticado , & lido.  
dos contendores nas praças ,  
dos professores nos livros.  
Aceita o dom , & a vontade,  
que eu sei que he seu disignio,

naõ mostrar cavalleiro,  
se naõ cortezaõ , contigo.  
Eterno será teu nome ,  
porq̃ algum dente maligno  
gastatá pedras gravadas,  
mas nunca papeis escritos.

*De hum amigo do Author*

### ROMANCE.

**I**Nsigne Pereira , invicto,  
nova admiração da Europa ;  
ou já no agrado das prendas,  
ou já no acerto das obras,  
Võs com cujo sangue illustre  
bem , sem que a vea se rompa  
o melhor fica corrido  
de q̃ com o vosso naõ corra.  
Võs com cuja espõra , & maõ  
o bruto aquem ninguẽ doma,  
ou já nas iras se enfrea,  
ou já nas furias se volta.  
Cuja discreta energia,  
na deste livro se abona , ( Etos  
pois correndo a folha aos do-  
moltra tanto acerto, em folha.  
Cuja galla , & discrição, (sombra,  
do na hũ bruto , hũ mudo as-  
se quando se monta aquella,  
esta quando se remonta.  
Mas nesta arte, que enculcaes  
naõ vos imitar he força,  
porque perco as estribeiras  
no q̃ esta lição me assombra.  
Qualquer escritor se admita,  
pois a elegancia mais docta

ha de escrever a Bastarda,  
quando escreve à Breda a vos-  
Nas noticias deste livro ( fa-  
vejo, por vã gloria nossa.  
quando a vossa fama corre,  
quanto o voffo nome monta.  
Se Troya a vòs tivera  
domando do bruto as forças,  
choráta os despojos Grecia,  
cantára os triumphos Troya.  
Vossos cavallos envejaõ  
os que na altiva carroça,  
pizando hum folio de luzes  
correm de Safir Alsombras.  
Mas ser voffo só merece.

o Pegazo, em quem se nota,  
dando húa fonte ao Parnaso  
dar materia a tanta historia.  
Montai pois q̄ assim seguro (ta,  
do bruto, em q̄ a morte mon-  
por mais q̄ venha cõ penas,  
se o seu corre o voffo voa.  
E seraõ vossas emprezas,  
& não com vã gloria pouca  
quando hús clarins para a fama  
hús padroës para a memoria

*De Frey Hyeronimo Vahia, em  
nome dos Leytores  
ao Author.*

### DECIMAS.

Vós & nós, Rego admirado  
feitas estamos fazendo,  
vós, nos escreveis correndo

& nós vos lemõs folgando :  
estas, que himos alternando,  
por bem voffo, & noffo bem,  
nenhúa parelha tem ;  
porque singulares sam,  
as vossas, fortes nos daõ,  
as nossas, justas, vos vem.  
Sempre roubaes os sentidos,  
quer discurfeis, quer corrais,  
correndo os olhos levais,  
& discursando os ouvidos :  
mas os sentidos, sentidos  
naõ ficaõ por se perder.  
que ouvindo voffo dizer,  
que vendo o voffo luzir,  
hum já naõ tem mais q̄ ouvir,  
outros já naõ tem que ver.

*Da Madne Mariana da Gloria  
Religiosa em Val de Pe-  
reiras, Prima do  
Author.*

### DECIMAS.

Primo de balde me animo  
a descrever vossas partes,  
pois sois nas melhores artes  
em tudo, & por tudo Primo :  
q̄ conheça o mundo effimo  
neste tratado profundo,  
que naõ admitis segundo,  
mas eom prova mais fiel,  
fizereis melhor papel :  
se vos viuva todo o mundo.

Se vos louvo vós offendo,  
cõ engenho, & metro eſeço  
mas não olheis ao que faço  
ſenaõ só ao que pertendo:  
que ſuposto não entendo  
da arte de cavalgar,  
ſempre vos ouvi gabar,  
& por boca alhea fallo,  
que quem vos vio a cavallo,  
não tem mais que deſejar.

*De } Gaspar Marinho Pereira  
Cavalleiro da Ordem de  
Christo, Primo do  
Author.*

#### DECIMAS.

**J**Aç agora como ſuspeito  
Rego com vossa inſtrução  
todos os mais ficarão  
tomando Rego direito:  
adquirrieis tal conceito,  
que os q̄ melhor voto tem,  
dirão, & dirão muy bem,  
q̄ por vós em toda a parte,  
da Cavallaria a arte  
he Rego vay, Rego vem.

De ambas as mãos vos valeis,  
de tal forte que ignoraes,  
com qual a redea guiaes,  
com qual a pena moveis  
mas diſtinguillas podeis  
deixandonos com ſuspeita,  
de q̄ ha deſfeito q̄ enſeita,

veudo que em vós chégã a ſer  
luſtre grande o não ſaber  
qual he vossa mão direita.

*De Dom Antonio de Amorim  
Pereira, Comendador de Santa  
Maria de Airais da Ordem  
de Christo, ſobrinho  
do Author.*

#### DECIMAS.

**N**Aõ ſey qual vos faz mayor;  
no mundo, q̄ vos aclama,  
ſe de cavalleiro a fama,  
ſe o credito de eſcritor:  
mas ſe hey de dizer ſenhor;  
neſta materia o que ſentendo;  
digo, & iſto ſe eſtá vendo,  
que de vossa pena uzando;  
haveis de alcançar voando,  
mais do q̄ alcançais correndo:

Esta arte ſendo vós guia,  
& niſto não deſmerece  
além de arte me parece  
feſta de Cavallaria:  
com tanta galantaria,  
& com razoões tão germanas  
acreditaes ſoberanas (ſtas,  
da Brida as leys nunca inju;  
que nella as razoões ſão juſtas,  
& a galantaria he Canas.



*De Frey Luis de Mendonça,*

DECIMA.

**A** Utor aos mais eminentes,  
cavalleiro aos mais subidos,  
deixaes, senhor, mui corridos,  
bê q̃ os fazeis mais correntes ;  
a manilha aos eloquentes,  
o preço aos destros levas,  
a vòs mesmo aventejaes,  
porque com geral espanto  
correndo nas praças tanto,  
nos livros correreis mais.

*De Gonçalo Marinho Pereira,*  
*Sobrinho do Author.*

DECIMA.

**P** Ode o celebre Mondego  
q̃ escolas cursa eloquente,  
envejarvos a corrente  
do Lima animado Rego,  
Parelhas com alto Pégo  
Podeis correr, já não fallo,  
no illustre, o discreto callo,  
pois com gloria, não pequena  
atè no correr da penna,  
ficaes sempre de Cavallo.

*De Paulo de Amorim Salgado,*  
*senhor dos engenhos da Con-*  
*ceição, & S. Paulo, Irmão*  
*do Author.*

DECIMA.

**L** Eva ô Tejo de ouro atea  
Môdego amores, & magoas  
o Douro copiosas agoas,  
o Minho leva Amaltheas,  
Guardina faudades veas.  
Cavado do Ceo protentos,  
Leça os seus remanços lètos,  
outros, nem penas, nê glorias  
Lima já produs memorias  
Contra os seus esquecimeños.

*De Christovão Salgado, Cavallei-*  
*ro da Ordem de Christo,*  
*Irmão do Author.*

DECIMA.

**U** Rnas de cristal prepara,  
Lima, a perene memoria  
do teu Rego & em ti por gloria  
renaa qual fenis rara ;  
se alcançou a sorte avara  
de Phaetonte a sepultura  
no pò, donde eterno dura  
quanto regoó mal a Ethente,  
Rego; q̃ emmenda a Phaetonte  
memoria eterna assegura.

*De João Silgado de Castro Capitaão Mór da Villa de Ponte de Lima por sua Alteza, irmão do Author.*

DECIMA.

**D**E Phaetonte as demasias  
hoje fazeis mais culpadas,

*De hum Amigo do Author.*

SONETO.

**D**El de Ethonte ; & Pirois flamante colo  
Las riendas pide el Juven animoso ,  
Y fue Phaeton , en precipicio undoso ,  
de un Polo incendio, Rayo de outro Polo ;  
Oy de ti solo, ò Rego, oy de ti solo

La rienda ardiente , el coche lumidoso  
De Ethonte, & Pirois sin peligroso  
Rezelo inutil, los fiara Apolo:

Ati los diera , ati los entregara,  
Sin que la hermosa luz del Orizonte

Tibia moriera , torpe se acabara ;

Pues tu mejor, que el lucido Phaetonte ;

Con arte docta, con sciencia rara ,

Sojugas a Pirois , domas a Ethonte.

*De Dom Luis Trancofo de Lira, Comendador da Ordem de Calatrava, senhor da Piconha, Primo do Author.*

SONETO.

**R**Endir del mar la indomata fiereza ,  
Templar del fuego el impeto sediento ;  
Parar en medio de su curlo el viento,  
Milagros son del arte , y la destreza ;

porque foraõ cavalgadas,  
se foraõ Cavallarias :  
vòs só governando os dias  
podeis fer Sol , & o Sol cego ;  
ou mais que Sol ( Claro Rego )  
pois se o Sol dobrãdo a magoa  
deu com seus cavallos na agoa  
vòs os fareis vir ao Rego.

Mas que será domar el aspereza  
De un Cavallo, de un bruto tan violento.  
Que es mar de espumas, fuego por aliento,  
Y de Aquilon la misma ligereza,  
Tifis, Anfion, y Prometeo perdonen,  
Por más que los zelebre el coro Griego,  
Y a tus pies sus cabeças descoronen;  
Todo lo han hecho tus destrezas, Rego,  
Pues regiendo un Cavallo solo, ponen.  
Lei al mar, freno al viento, y rienda al fuego.

*De Paulo Pereira de Mesquita, Primo do Author.*

SONETO.

Domando de un Cavallo la fiereza,  
Cuerpo, manus, y pies todo ajustado  
A la filla, a la rienda, al bruto ofado,  
Bien la Brida enseñò tu gentileza;  
Oy siguiendo felis la misma empreza  
A la vòs, pluma, y lengoa, has aplicado  
Dulçura, estilo, y alma, y acertado  
Describes, lo que obraste con destreza;  
En una, y outra accion airoso, y diestro,  
Vestido de dulçura, ò de brabeza.  
Fuerte en el campo, ò doto en esta suma;  
Te acclaman, Rego, todos por Maestro,  
Respetando la imbidia tu grandeza,  
O ya tomes la lança, o ya la pluma.

*De hum Amigo do Author.*

SONETO.

O Seu Pegazo, o seu Bellerefonte,  
Celebre a antiguidade mais constante,  
Diquelle os passos conte, as azas cante,  
Deste as victorias cante, os trofeos conte.

Derramé em agoa a Cabalina fonte  
Metrico alento a vea modulante,  
Com que o Cavallo que a abriu levante,  
E ao cavalleiro que o domou remonte,  
Vislumbre esse elogio será breve  
De quantos, Rego illustre, a idade nossa  
A vossa lança, à vossa pena deve,  
Pegazos pois do nastes, porque possa  
Achar mais Cabalinas, quando offerece  
Os voos immortaes da fama vossa.

*Do Tenente General Francisco Pita Malheiro, Cavalleiro  
da Ordem de Christo, Tio do Author.*

SONETO.

**C**avalleiro que ao cume do alto Monte  
Gloria, & honra te chama, & te desvella,  
Por aqui se caminha, a ponte he aquelle;  
Lá tens, ò Rego na sua patria Ponte;  
Mas qual em outra o fero Redomonte  
Fez celebre a excellencia de Isabella;  
Este fará, que de huma, & outra sellala  
A Brida só, por singular se conte.  
Triste daquelle q̄ apassar se avança,  
Sem confessar que he esta a estrada nova,  
Por onde a gloria militar se alcança.  
Cede: & não queiras mais expressa prova,  
Que a de sui pena, porque a de sua lança;  
Creyo que mais te renda, que te mova.

*De Sebastião Pinto Correa, Amigo do Author.*

SONETO.

**N**as regras, Rego, que nos dais agora  
De montar com destreza, & compostura,  
O vosso nome em gloria se assegura,  
E a nossa patria em honra se melhora.  
Já nas azas da fama voadora

Já nas azas da fama voadora:  
Vos leva pelo mundo alta a ventura  
E esta partida fora cousa dura,  
Se a vossa patria lá também não fora,  
No Capidolio está ainda o cavallo,  
De Marco Aurelio para gloria sua:  
Esperando que vós vades montalo,  
Que ainda que seja hum bronze a qualquer pua,  
A Baida sabereis também picalo  
Que deixe o Campidolio, & sai à Rua.

*De Francisco de Sousa Lobato, Cavaleiro da Ordem do Christo.  
Sobrinho do Author.*

SONETO

A S leis que com destreza executastes,  
Da Baida, com ventagem descrevestes,  
Como então nos terreiros suspendestes,  
Agora nas palestras admirastes,  
Muytas então envejas motivastes,  
Mil aplausos agora merecestes,  
Como Rego ligeiro então correstes,  
Qual Rego cristalino hoje limastes,  
Correndo as lanças, & limando o estillo;  
Insigne vos venera hum, & outro clima,  
Hum só por vellas, & ambos por ouvillo;  
Desde hoje, pois não pôde se reprima,  
Nem mais correr ao rebatado Nilo,  
Nem mais limar o nosso patrio Lima.

Do Doutor Pedro Marinho Falção, Amigo do Authór.

SONETO.

A palma que logrou Cesar em França,  
A vossa patria a fama vos ordena,  
Tudo foy obra de sua lança, & pena,  
O mesmo obra vossa pena, & lança.  
No Luzo bruto, Cesar sempre alcança.  
Immortal louro, gloria não pequena,  
Outra tanta alcançaes, quando serena;  
Por vòs a fama voa, & não se cansa.  
Em parellhas iguaes com bizartia,  
Emontaes vossa fama celebrada;  
Se ou Cesar; ou nada repetia  
Immortal nome, gloria incomparada,  
Repetirà mil vezes à porfia  
Agora o mundo, ou Pereyra, ou nada.



## INSTRUCCAM

DA

CAVALLARIA  
DE BRIDA.

## CAPITULO I.

*Que cousa seja Cavallaria: quais forã os primeiros inventores della: nobrezas: & excellencias desta arte.*



**M**UITA variedade se acha entre os artigos Escritores, para aver de averiguar, quem fosse o inventor da nobilissima arte de Cavallaria. A ingratidaõ dos homens se foy vallendo das comodidades das artes, sem conservar a memoria de seus Authores. Diodoro Siculo no livr.6. affirma, que foy Neptuno o primeiro domador de cavallos: outros querem, que Bellerofonte filho del-Rey Glauco, quando no celebre cavallo Pegaso venceu a monstruosa, & indomita Quimera. Os Numidas em Africa (hoje Reyno de Tunes) segundo Apiano livr. de Libia, ja pelejavaõ em cavalles, mas sem fellas. Os Lapitas povos de Thessalia em Grecia, que se chamãrãõ Pelerronios, & Centauros, achãrãõ o uso das fellas, & freyos. & forãõ os primeiros, que exercitãrãõ escaramuças, & cavallos armados. Herodoto exalta grandemente a Zepar de Pico, & affirma ser o primeiro, que demon scientificamente estes generos.

fos brutos. Trataõ nesta materia Celio Rodiginio livr. 5. & livr. 11. cap. 63. Gaspar de Ribera nas suas Apostillas. Angelo Policiano nas suas Miscellaneas. Cardano no seu livr. de Rerum varietate. Pedro Victorio, & outros: em cujos escritos se poderã ver copiosamente. A discordia destes Authores por duas vias pode reconciliar-se: A primeira dizendo, que todos os referidos foraõ inventores desta artè em varias Provincias. A segunda que a Cavallaria he cousa taõ nobre, & util, que varias naçoens arrogaraõ, & attribuirã a si a invenção della, & pela muita antiguidade desta arte, ignoramos o seu principio, como cousa de taõ alto preço.

Parece sem duvida, que a Cavallaria he das artes a mais principal, & a mais illustre, assim pelo prestimo, & utilidade, como pela estimação. A utilidade he tanta, quantas saõ as victorias, que na guerra se alcançaõ: A Cavallaria he a que mais rompe, a que mais atemoriza, a que mais promptamente obra; na Cavallaria confistio o nervo da antiga guerra segundo Aristoteles liv. 4. da Politica cap. 13.

Os Mayores Monarchas, os Princeses mayores se prezaraõ mais de Cavalleiros, que de Princeses, & Monarchas. Alexandre no seu Bucephalo se augurou pela boca de Phelippe seu pay, para conquistador, & senhor do mundo segundo o Curcio liv. 1. Julio Cesar mais se prezava das suas Cavallarias, que das suas batalhas; & delle se conta, que por destre, & forte no exercicio desta arte, sem sella, nem freyo fazia saltar, correr, & parãr o mais bravo, & indomito cavallo.

Taõ grande he a utilidade da Cavallaria na guerra, que de muitos Generaes sabemos, que acompanhados sómente da Cavallaria se deraõ por bem guardados nas campanhas, & muitos Princeses della sómente se daõ por assegurados, & servidos nas suas Cortes.

Na jornada que fez Phelippe Segundo, sendo Principe de Espanha, para Alemanha, por Italia, sahio a recebelo a Trento o Duque Mauricio: & como naõ trouxe o esplendor, & fausto digno de sua pessoa, deu occasiã a que os Espanhoes mur-



## Da Cavalaria de Brida.

3

mutassem: Chegoulhe alguma noticia, & depois de os hospedar, lhes disse, que queria mostrarlhes a sua recamera, & ornato de sua pessoa, & casa: & levando-os a huma galaria, que estava sobre hum terreiro da praça, lhes mostrou dous esquadroens de curo centos Cavalleiros armados, (aqueu avia mandado secretamente, que estivessem montados neste tempo,) & disse aos Espanhoes: Esta he a minha recamera, o ornato de minha casa, & a segurança de minha pessoa. Achava este Principe serem mais bem gastadas as rendas do seu estado com a Cavallaria sómente, & só com ella se dava por bem guardado.

Salamaõ o mais glorioso Rey do universo, & Principe das sciencias, tão inclinado foy à Cavallaria, & teve de Cavallos tanta copia, que cincoenta, & dous mil sustentava nas suas estrebarias, como se vê do 3. liv. dos Reys cap. 4. verso. 26. & do 2. Paralip. cap. 1. vers. 14. Verdade que se não crera se a Escritura Sagrada não verificara: & fora vão o testemunho de Josepho, nas Antiguidades liv. 8. cap. 2.

De Julio Cesar conta Tranquillo, que as guardas de sua pessoa fazia sempre com Cavallaria, & que escolhia para ellas Espanhoes Cavalleiros pelo bom concerto, que do valor da Cavallaria Espanhola se tinha, & lhes fazia favores, & honras grandes. Esta mesma attenção tiverão sempre os mayores Princeses aos singulares homens de Cavallo. O Emperador Carlos V. ordenandose humas canas em festas publicas, em que elle rambem entrava, com os grandes de sua Corte: & chegandolhe à noticia, que excluiaõ a hum grande homem de Cavallo, que alli avia com nobreza, ainda que sem titulo, nem igualdade aos demais: saindo hum dia à huma sala, donde se achavaõ todos os nomeados para as canas disse: He tempo de ordenar cada hum a sua quádrilha, & advirtão, que a fulano mo não occupen porque o tenho escolhido para a minha.

Antigamente só às pessoas Reaes era permittido andar a cavallo, & aos que a cavallo se achavaõ se tinha a veneração, & respeito; como Reaes pessoas. Depois se veyo a ordenar, que entre mil de pè se escolhesse o mais nobre para Cavalleiro, que se

se chamava Miles; Durou esta observancia até que os Persianos a relaxarão mais, permitindo, que os homens de illustre sangue andassem a cavallo com condição, que serviaõ na guerra de Cavalheiros. Na escritura lemos ser a mayor honra, que o Rey dos Persas Assuero podia fazer a hum vassallo, concederlhe, que montasse em hum Cavallo dos seus; assim foy honrado Mardoqueó, levado pela Cidade em hum cavallo del Rey: *Qui de sella Regis erat.* Esther cap. 6. vers. 8. Ficou por braço de nobreza entre os Persas o ser Cavalleiro. O mesmo era o Cavalleiro, que nobre, & principal. Usurpãõ este uso os Romanos dividindo a Republica, & Magistrados; Equites, & Plebeos, & as familias nobres se chamavaõ Equestres. De Persas, & Romanos se derivou este costume aos Espanhoes, & tambem aos Portuguezes: Cavalleiro chamaõ, & dizemos Cavalleiro ao homem nobre, a toda a boa acção, que se obra chamamos Cavallaria, & lance de Cavalhero à generosidade, à liberalidade, ao primor, ao bom trato, ao valor, à cortesia, à ostentaçõ ao luzimento, & às cousas, que mais se estimãõ no mundo chamamos de Cavalhero. Vemos que para se aver de lançar o habito de Christo, de que tanto se honraõ os mayores Senhores deste Reyno, & ainda mayores estimaçoens merecera se a facilidade, com que hoje se alcança as não diminua, ou de qualquer das outras Ordens Militares, se ha de mostrar primeiro, como o que os recebe he Cavalleiro. Tanta estimaçõ tem adquirido no mundo a arte de Cavallaria.

## CAPITULO II.

*Das vantagens, que a Cavallaria da Brida faz à da Gineta.*

**H**E questaõ mui renhida, & perfida entre os Cavalleiros praticos, & especulativos averiguar, qual seja de mais utilidade, & estimaçõ se a Cavallaria da Brida, se a da Gineta? Porê n'istõ não claras as vantagens, que aquella leva a esta, que se n'aver passado pela ponte dos Syllogismos de Aristoteles, mas só por esta do Lima o mostrarei com cla-

areza, & evidencia, pois só em defensão da Brida tomou a  
 ena.

Todos os apaixonados da Gineta trabalham incançavelmen-  
 te por sustentarem a conservação da sua Cavallaria, affligindo-os  
 grandemente o verem que esta se não segue, & vai deixando, & q̃  
 Brida se usa, & vai em augmento com universal estimação; & esta  
 he a mayor prova da excellencia da Brida, que com munmente se  
 braga tanto, quanto aquella se rejeita.

As cousas do mundo com os tempos forão apurando seus qui-  
 ates para mayor auge de sua perfeição: primeiro os homens ve-  
 tirão pelles de animaes, & habitavaõ covas, & palhoças, que vies-  
 sem a trajar gallas, & a viver em palacios. Assim tambem nas artes  
 os tempos as achãrão rudes em seus principios, & os tempos  
 as aperfeçoãrão; & salva a substancia forão elegendo humas fór-  
 mas, & reprovando outras. Na arte da guerra (se a calo não he  
 mais que arte) temos o exemplo: as armas antigas nos primei-  
 ros seculos, armados forão dentes, & unhas; o tempo trocou  
 esta forma em paos tostados: succedeolhe o uso do ferro: segui-  
 rãolhe as maquinas dos Arietes, & Trabucos; reformãrão-se  
 estes instrumentos, & outros muitos, & hoje vemos a guerra em  
 substancia a que foy sempre, & forma mui differente. Isto mesmo  
 passou nas outras artes nobres, & meccanicas. Reformouse na Ca-  
 vallaria a forma da Gineta, reyna a da Brida: floreceo a Gineta, &  
 murchouse ha muitos dias; & como a outro intento disse Ovid. 5.  
 tist. 9. *Nos quoque florimus, sed flos fuit ille caducus.*

Mas porque os defensores da Gineta não nos opugnem com o  
 nosso fundamento, & daqui nos concluaõ dizendo, que ao me-  
 nos foy mais antiga esta Cavallaria, & que a mayor antiguidade  
 argue mayor nobreza, he advirto, que nego ambas estas infe-  
 rencias; porque he evidente que he mais antigo o uso da Brida.  
 No cap. 1. dissemos que os que primeiro montãrão Cavallos foy  
 sem sella, & freyo: esta era Brida imperfeita, & com a sella se aper-  
 feçoou a Brida. Depois se inventou a Gineta, & usouse a Ca-  
 vallaria nestas duas formas: mas a larga experiencia mostrou,  
 que

que a Brida era muito aitorosa, & necessaria, & a foraõ abraçando todos, excepto poucos, que amaõ a Gineta mais por conveniencia, que por utilidade.

Da razaõ da arte he a utilidade, o uso de cousa inutil não se chama arte. Diogenes vendo a hum moço exercitar hum jogo com destreza lhe disse, como refere Laercio livr. 6. quanto melhor o jogaes, tanto peor fazeis. Em cousa sem proveito de que serve a destreza? Outro sabio diz Plutarc. em Laconicis, vendo a hum hospede seu, que se presava de estar sobre hum pê sómente largo espaço; & perguntava se se atrevia a fazello assim; respondeo isso faz qualquer pato, desprezando desta sorte a arte, que não tinha utilidade. E se como deixou escrito Apiano de bello Punico: *In bellis sola spectari solet utilitas*: & o mesmo dissera da arte da Cavallaria: & eu mostrar que a Brida he mais util, & prestante, que a Gineta, creyo que conseguirei o fim, a que me encaminho.

Para todas as acçoens da Cavavallaria tem mayor prestimo a Brida, que a Gineta, assim para a guerra, como para a paz. Para a guerra não ha duvida que he de mayor fortaleza, & segurança, & he de melhor exercicio das armas. Vejase o Soldadado à Brida com as suas pistòlas nos còldres (que na Gineta se não permitem) posto em pê nos estribos, fogueitando melhor o Cavallo com menos temperilho, que o freyo ginete, metido em humas borrenas, como em sua casa propria; taõ forte, & taõ firme, que parece alli pregado. Eu vi em presença de hum exercito nosso nesta Provincia do Minho, cortar huma balla de artelharia a cabeça a hum Soldado, & andar o cadaver hum grande espaço na sella, por mais que o Cavallo assombrado do golpe corria a huma, & outra parte. Isto que succedeo a hum n Bidaõ morto, se não acha muitas vezes em hum n Genetario vivo, que basta hum pequeno repellaõ, para o lançar fora da sella.

A postura da Gineta he de assentado, & he de pê a postura da Brida: já se vê quam impropria he para a peleja a Gineta. Rericula cousa fora que douõ se defassassem, para pelear em assentados: O alento não sofre estas fleumas, nem permite esta postura.

O verbo *sto*, que entre os Latinos he estar em pé; entre os mesmos significa constancia, & fortaleza na peleja: Virgilio livro 5. da *Aeneid*.

*His magnum Alcidem contra stetit* —  
& logo. *Stas gravis Entellus, nifuquet immotus eodem.*  
Stacio livro 10. da *Thebaida*.

*Nulla ne protepidis, clamabat, Numina Thebis*  
*Statis?*

Pelo contrario o assentarse he sinal de fraqueza, & de canção: Assim introduz Virg. a Entello recusando liv. 5.

*Hic gravis Entellum dictis castigat Acestes*  
*Proximus ut viridiante toro confederat herba.*

Assim descreve a Helena com o temor de Troya destruhida liv. 2:

*Abdierat se se, atque aris invisã sedebat.*

Assim se assentou Priamo junto ao Altar cançado dos estragos da sua Troya. — *Et sacra longevum in sede locavit.*

Mas deixando isto, vejamos o Cavalleiro da Gineta apeandose na guerra com pressa, ou matando-lhe o Cavallo, ou por outro qual-quer accidente, como ha de pelejar hum Cavalleiro, tendo o embaraço nos dous acicates das espôras de pua? Será necessario pedir tregois ao côrrario em quanto as tira com as mãos, ou com os pés, como elles advertem, se ellas quizerem sair.

Conduz ao que imos discorrendo a mayor segurança dos adereços de Brida para a guerra, & qualquer outro exercicio, porque o freyo tem flocinheira, & correa por baixo da garganta, com que se assegura, & faltao no da Gineta, por onde succedeo que o Cavallo muitas vezes o sacuda fôra. A sella gineta com se alargar, ou rebentar huma só filha, com que vai apertada dà com o Cavalleiro em terra, o que não acontece na da Brida; porque ainda que quebre huma, ou duas filhas, não he possivel que logo quebrem as tres, hum peitoral; que pega por quatro partes na sella, & rabicho, com que vai assegurada.

Logo para as festas publicas, & exercicios apraziveis vai hum Cavalleiro à Brida tão airoso, senhor de si, & do Cavallo, que leva conhecidas ventagens ao da Gineta, que vai encolhido, & acal-  
nha.

nhado, ainda que vá levantado da sella sobre os joelhos, ou estribéis, como elles querem.

Naõ ha duvida que a postura de pé he mais natural ao homem, que a de assentado; porque o estar assentado mostra fraqueza, & o estar em pé inteireza, & perfeição. A pé se notaõ, & apparecem melhor as perfeçoens do corpo humano: o homem assentado naõ he naturalmente perfeito.

Para o real exercicio de tourear, que he o mais galhardo de todos os que a Cavallo se obraõ (como em seu lugar diremos, naõ ha duvida, que ajudaõ melhor os Cavallos com as pernas, & como o redondear da espõra, para que redobrem, & andem mais prestes, & ligeiros. Os que defendem a Gineta naõ achãõ outra fazaõ, & convenienciã nella, senãõ a de levarem as pernas levantadas: mas por donde a defende n por ahi mesmo se abrem, porque a postura de pernas levantadas serã de mayor cautela, mas naõ de tanto valor. O tourear naõ he outra cousa mais, que buscar o perigo; & o melhor, que tem esta cousa, he o mayor risco que ha nelle. Com os mais ferõses touros, com os mais arriscados se ennobrecẽ, & acredita o Cavalleiro. Levantar as pernas he fugir ao perigo, & desluzir a açãõ: tourear à Brida he buscalo, & offercerse todo ao risco. Dizãõ que entregar se hum homem ao perigo evidente naõ he valor, senãõ desesperaçãõ: mas ainda que he mais arriscada a Brida naõ he o perigo tanto, como se cuida; & a experiencia o mostra; mas he mais arriscado, que a Gineta dentro dos meyos da virtude da fortaleza, & he mais perfeito o valor, porque he o risco mais provavel, mas naõ evidente, de forte que se a vicio.

Nas justas feaes, que com a Brida se se exercitaõ se vê que só se pôde fur da Brida encontrarem se dous Cavalheiros, ou duas torres armadas.

Se tratamos do manejo, & doutrina dos Cavallos, naõ se pôde negar, que he mais acomodada a sella, & freyo da Brida, como ensina Frederico Grizon, & outros, & o confessãõ os mesmos Escriitores da Gineta; porque só na Cavallaria da Brida, verdadeiramente se conhece cabeçaõ, vara, & açõte, segundo inge-

uamente concede Francisco Pinto Pacheco no seu tratado da Gineta, instrumentos, sem os quais perfeitamente se não pôde exercitar o manejo; & para acudir ao cavallo com as ajudas necessárias nas pernas, só tendo-as livres, & estendidas se faz bem. Nem he possível obrar à Gineta algumas Cavallarias, como são suspensões de mãos, cortelias, pôr hum joelho, ou ambos em terra, & outras muitas galhardias, em que he necessario chegar com a ponta do fribio à primeira junta do braço do cavallo, que com o primor da Brida se conseguem.

Alguns apaixonados da Gineta em seu abono allegaõ, que nas Cortes, especialmente na nossa de Lisboa se conserva o uso de andar à Gineta; mas eu creyo que não ouvera Gineta nas Cortes, se não ouvera lodos, & esta conveniencia lhe concedeo: antes bem considerado a mayor parte da gente da Corte, nem anda à Gineta; nem à Brida, & são as fellas huma Gineta adulterada, ou huma Brida com vicio.

Dizem outros defensores da Gineta, que como as cousas mais difficultosas de alcançar são as mais prezadas, a Gineta o deve ser, porque he mais difficil, que a Brida, mas estes facilmente se convencem mostrandolhes por experiencia, que o uso da Brida he mais difficultoso de alcançar com toda a sua perfeição, que o da Gineta. Vimos que quando era tão exercitada nas festas a Gineta, como hoje he a Brida se achavaõ nas Villas, & Cidades deste Reyno (especialmente nas desta Provincia do Minho) ao menos dous, ou tres homens de Cavallo em cada huma, com todos os requisitos de perieitos Gineticarios, o que não vemos na Brida, na qual não sey se se achão em todo este Reyno seis com todas as partes necessarias de insignes Cavalleiros de Brida: não deixando esta comtudo de ser muito facil para todos se poderem servir della, porque nem para a guerra, nem para as festas, nem, para o serviço, he essencial, que sejaõ canonicos.

Tem mais a Cavallaria de Brida esta excellencia, que he poderse exercitar em qualquer cavallo manso, ou bravo, pequeno, ou grande, largo, ou estreito. Não he assim na Gineta, para

a qual se requiere precisamente Cavallo de marca , manso , largo de bojo , & natural de boca , porque se for duro , ou espapado , nem o freyo ginete o domará , como convem , nem as cambas de tiros curtos o poderão recolher , como he necessario.

Logo ver aos Ginetarios andar buscando poyos , & ajudas para subir aos Cavallos , especialmente em Cavallos altos , os curtos de perna , & braço , não faz gentil aquella Cavallaria. Não succede assim na Brida , porque quaesquer menos destros montaõ , & desmontaõ com muita presteza em todo o torreno.

Outra incomodidade se acha no passieyo da Gineta , em que o Cavalleiro , ou ha de faltar à cortesia , & amizade , ou sair mui desalinhado. Demos que encontrou amigos a pè , ou na Cidade , ou no campo ; & que por primor se ouve de desmontar para ir em sua companhia , como ha o Ginetario de passear com os borzeguins de laço , ou atamarados , ou de qualquer sorte , que sejaõ. Com muita differença se desmontará , & passará o Cavalleiro da Brida ficando muito airoso , & com botas , & esporas , ainda a pè parecerá Cavalleiro.

Finalmente perguntára eu aos defensores da Gineta , em que fórma de Cavallaria demos nós , & vencemos tantas batalhas nos annos proximos passados ? Com que Cavallaria se faz hoje tanta , & tão dura guerra em Europa ? Certamente com a Brida. Não negarei todavia que os da Gineta farião muito bem cêtinellas . & vigias pela postura , em que estaõ montados , com tanto que deixassem o combate aos Cavalleiros da Brida. Celebre foy a Gineta , mas conheceose depois , que não era util para muitas aççoens : deixouse , & abraçouse a Brida. Bem se lhe acomoda aquilo de Cornelio Gallo.

*Diversos diversa juvant , non omnibus annis.  
Omnia conveniunt : res prius apta noce.*

Bem sei que não persuado aos antigos Ginetarios com estas razoens , porque o que foy criaçõ , se lhe fez natureza , & assim o disse Verino.



*Altera natura est habitus; quam junior arte;  
Perdites, tollet nulla senecta tibi.*

Bom será que exercitem a sua arte, & conheção as ventagens da alhea. Seja Genetario quem quizer, conforme ao conselho de Horacio, na sua arte.

*Quamscit uterque lubens, censebo exercent artem.*

## CAPITULO III.

*Da nobreza, & excellencias do Cavallo.*

**E**Ntre os varios animais, que a providencia Divina creou para o serviço do homem foy sem duvida o melhor, & mais necessario o Cavallo; sem o qual parece q̄ o trato do mundo se não poderia bem conservar; pois he certo, que dos Cavallos se servem os homens para as guerras, festas, & jornadas, & fora sem elle impossivel a muitos o poderem ir de hum Reyno a outro, de huma a outra Provincia; & em fim todas as viagens largas, que com o bom serviço deste animal tão suavemente se fazem; avendo occasiões em que he tão necessario, como hum Cavallo na guerra.

Deste generoso animal pudera dizer muito, quanto ao seu nome, fidelidade, nobreza, estimacão, prestar, & outras qualidades, se não estudara na brevidade deste tratado. O Cavallo se chamou assim pela inclinacão, que tem de cavar com as mãos a terra, diz Santo Isidoro nas Etymologias: ao que alludio Virgilio no 3. das Georg.

*— Cavatque*

*Tellurem, & solido graviter sonat unguia corni.*

Os Latinos lhe chamaõ tambem *Equus*, segundo o mesmo Santo Isidoro, porque *Equus* he cousa igual, & os Cavallos se buscavaõ iguais na cor, no corpo, & nas de mais partes

para os coches. Outros dizem que se chamou assim, porque não sendo o Cavallo igual em fermosura, & a justamento nas obras, perderá o nome de *Equus*; & se chamará *Gaballus*, que dizemos rocin.

Da fidelidade deste nobre animal andaõ cheas as historias. Plinio liv. 8. cap. 42. conta que o Cavallo de Nicomedes Rey de Bithynia, vendo a seu senhor morto na batalha, não quis comer mais até que acabou. Filarco escreve, que o Cavallo de Antiocho, vendo que Centareto lhe matára a seu senhor, & montára nelle, como despojo, se arrojou de hum despenhadeiro, & matou ao vencedor, & a sy mesmo. Celebra-se aquelloutro del-Rey de Scytia, que vendo ao senhor morto em desafio, & que o vencedor o despojava, o envellio, & matou a couces, & dentadas.

Os Poetas attribuem lagrimas aos Cavallos nas mortes de seus senhores: assim fez Homero ao Cavallo de Achilles, de quem acrescenta, que não sòmente reconhecia a seu senhor, se não a Patroclo seu amigo. A esta imiração Virgil. no liv. 11.

*Post bellator Equus positis insignibus Æthon  
It lacrymans, guttisque humectat grandibus ora.*

E não he isto tanto encarecimento poetico, que Niso de Sesa não escreva, que os Cavallos do Emperador Caligula com o sentimento de sua morte mostraraõ muitos sinais de dor, & recusaraõ o penso: & Pineda conta que o Cavallo de Castrioto sentio a morte deste Principe de sorte, que a pouco espaço morreu. Hieronymo Roman refere, que os Cavallos de Ludovico XII. Rey de França, sendo levados na pompa funeral, hiaõ com demonstração de sentimento, revolvendo os olhos muitas vezes para a tumba; donde vinha o Real cadaver: sendo de natureza feros, alli se deixavaõ tratar dos meninos, & gente popular; por onde se costumaraõ vestir de luto os Cavallos nas exequias dos senhores, attribuindolhe verdadeiro sentimento, de que se admira S. João Chrisostomo Homil. 3. ad Popul. Antioch.

Da nobreza deste generoso bruto, he argumento a amizade, que tem com o homem, a fidelidade, que lhe guarda, & o conhecimento, que mostra. Alguns Philosophos Gentios quizeraõ conceder verdadeiro discurso ao cavallo, & memoria, pelo muito, & mui vivo instinto, que consideravaõ nelle. Aristoteles diz, que o cavallo tem memoria perfeita do passado. Quando Avicena escreve, que ha animais cortezes, & amigos de companhia, do cavallo se ha de entender. Em Coriyo hum homem nobre emprestou a S. Joaõ Papa. Primeiro deste nome hum Cavallo, em que costumava andar sua mulher; & fazendo o Pontifice a jornada, & enviando o Cavallo a seu senhor, não quiz mais consentir este animal, que a mulher montasse nelle, até que o remetéraõ outra vez ao Papa, referindo o que avia succedido, alcarçando o cavallo conhecimento de servindo ao Pontifice, Romano, não era razaõ que hũa mulher o montasse. Conta S. Gregorio Papa no livr. dos Dialogos cap. 2.

Vincencio no seu Especulo tom. 1. livr. 18. cap. 48. refere, que morto Cario Migno o Capitaõ Rodato, se meteo Monge em Melde, & mandou guardar o seu cavallo: depois de muito tempo, sendo aquelle lugar assaltado pelos Mouros, se pozeraõ em defensão os Monges, & Rodato mandou vir o seu cavallo, que estava já muito velho, mas conhecendo a seu senhor se alegrou, & esforçou de forte que deixou admirados a todos, & entrou na peleja animosamente.

Maravilhosas cousas contaõ de alguns cavallos Solino, & outros. Famoso he o Bucephalo de Alexandre, que não consentia na sella outro, senão a seu senhor; & andando mui ferido este cavallo na batalha de Thebas, querendo Alexandre passar-se a outro para o mandar curar, Bucephalo o não consentio, aturando o trabalho até o fim da peleja. O cavallo de Cayo Cesar, que tinha os cascos das mãos formados à maneira de dedos, não admittia outro cavalleiro, se não a Cesar. Stacio no 9. da Thebaida introduz Hipomodonte, fallando ao cavallo de Tydeo defunto, que não queria deixar-se montar de outro.

*Hunc aspernantem tumido nova pondera tergo  
 (Unam quippe manum domitis expertis ab annis)  
 Corripit, affaturque. Quid ô nova jussa recusas,*

Conduz para mostrar o conhecimento do cavallo, & a sua nobreza o que diz Plinio no livr. 8. que o cavallo generoso conhece o parentesco, & não cobre a mãe; & que hum enganado para esse fim, tirados os antolhos, sentindo o caso se foy despenhar, & se matou a si mesmo: & outro no campo Reatino matou hum cocheiro, porque tapandolhe os olhos, o fez cobrir a mãe. Confirma isto mesmo o que Aristoteles, & Eliano livr. 6. cap. 47. escrevem, que as egoas são tão compassivas, que vendo algum potrosinho orfão o criaõ; & lhe dão leite. *Pulli sic alieno lacte à matribus orbi, quemadmodum homines parentibus amissis aluntur.* E vendo estas, & outras advertencias neste animal os Philosophos, não só discursão lhe atribuem, senão presagiar o futuro; como do cavallo de Julio Cesar, Roman no livr. 8. cap. 15. que dias antes que matasem a seu senhor andou triste, recusando o penso, & que Cesar o advertio, mas o não acautelou, como aos outros avisos de sua morte.

Finalmente porei aqui as palavras que no Texto Sagrado no livr. de Job cap. 39. estão escritas, que he o mais que pode del-le dizerse. *Nunquid præbebis equo fortitudinem, aut circumdabis collo ejus ianitum? Nunquid suscitabis eum quasi locustas? Gloria narium ejus terror. Terram ungula fodit, exultat audaciter, in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio. Super ipsum sonabit pharetra, vibrabit hasta, & clypeus. Fervens, & fremens sorbet terram, nec reputat tubæ sonare clangorem. Ubi audierit buccinam, dicit, vah procul odoratur bellum exhortationem ducum, & ullulatum exercitus.* Não escusaõ estas palavras a glosa de Lyra. Poemse aqui, diz o Doutor as maravilhas, que o Author da natureza obrou no cavallo: he admiravel na fortaleza, levando sobre si hum homem armado; he admiravel no coito, porque com as crinas se excita a elle, & coradas se lhe deminue a potencia: he admiravel na ligeireza, porque voa por salto, como o gafanhoto; he admiravel na onsa-

dia, porque se gloria com os terrores da guerra, escava a terra, de-  
sejando a peleja, & vay contra os honens armados animosamen-  
te; soaõ sobre elle aljavas, lanças, adaiças, & avendose de desani-  
mar se embravece, fervendo em colera, & rugindo como Leão  
sobre a terra, & a desfaz na carreira, a trombeta o esforça, que ate-  
morisa aos outros brutos, ouvindo instrumentos de guerra dá  
sinaes de alegria, de longe conhece a guerra pela preparação, &  
vozes dos inimigos, & as exhortações dos Capitães.

A vista desta verdade bem se pode crer ( mas não he necessa-  
rio referirse ) o que tantos contaõ da nobreza de Cylaro cavallo,  
que foy de Castor; de Rebo, que foy de Nerencio; de Arion,  
que foy de Neptuno; do Tride de Admento; do Æsthon de He-  
ctor; do Xanto de Aquilles; do Torrior de Marte; do Disto  
de Plutam, & de outros muitos que contaõ Gregos, & Lati-  
nos.

Quanto à estimacão que dos cavallos se faz, melhor teste-  
munha será a antiguidade, que o seculo presente: porque agora  
se compra com dinheiro, & entãõ se trocava hum cavallo por  
hum estado. Cyto Rey de Persas indo a conquistar Babilonia,  
& passando o rio Ginde, ou Ganges, como outros dizem, com  
a profunda corrente do rio se lhe afogou hum cavallo: jurou Cy-  
ro de fazerlhe guerra por esta causa, & juntando copioso exer-  
cito, dividio o rio em muitos, gastando nesta empresa muitos  
mezes, & fazendo hum dispendio grande. Contaõ Schedelno  
Chronicon Chronicarum, & lembrese disto Seneca livr. 3. de ira  
cap. 22.

Huma pessoa principal em Italia ( se não era Principe ) en-  
fermandolhe hum cavallo, que estimava muito, lhe mandou fazer  
huma cama com paramentos de seda, cousa sumptuosa, & estan-  
do o senhor impedido da gota, & não se movendo sem graves  
dores, se fazia levar aos hombros dos criados adonde estava o  
cavallo enfermo, acompanhado dos seus medicos, & pelo modo  
que podia com as mãos, com as palavras, com acenos o consola-  
va gastado hum thesouro na sua cura. O Petrarca o escreve de utra-  
que fortuna dialgo 30. & diz que este Principe era vivo no seu-  
tem:

tempo, homem de grande conselho, & lhe perdoa o nome; porque pondera a acção como Philosopho. Mais he o que diz Suetonio Tranquillo de Caligula cap. 55. Que em razão de hum cavallo que estimava muito, mandava callar a vesinhança, porque o não inquietassem; fez lhe huma casa de marmor com manjadoura de marfim, mantas de purpura, collar de perollas, deulhe criados com varios officios, para que o servissem, como senhor; & intentava darlhe consulado, que cuidasse delle, como de huma republica.

Muitos Princeses deraõ aos seus cavallo sepulturas honorificas, levantandolhes estatuas, & Mausoleos. El-Rey Dom Fernando de Napoles, porque hum cavallo seu o livrou de entre os inimigos (escreve Pontano) lhe fez hum honoroso sepulchro, Paulo Jovio conta o mesmo de Sultam Zelim, porque o seu cavallo o livrou das mãos de Bajaceto, & o poz a salvamento em Bornà. Alexandre honrou na morte ao seu Bucephalo, pondo a hũa Cidade, que edificou o seu nome, como diz Pomp. Mela livr. 2. cap. 47. O Emperador Adriano levantou columna com inscripção de ouro a hum cavallo seu de Montaria, segundo Dion. O mesmo fizeraõ a Cid. Ruy Dias ao seu Babieca; o Marquez de Pescara ao seu Mantuano. Finalmente no prestar do cavallo me remeto ao que disse Jorge Scoto.

*Cetera rerum opifex animalia sinxit ad usus*

*Quæque suos, equis ad cunctos se accommodat usus*

*Plaustrat trahit, fert clytellas, fert esseda, terram*

*Vomere proscindit, dominum fert, sive naturo*

*Flumina, seu fossam saltu, seu vincere cursu*

*Est salebris opus, aut oanibus circumdare salus.*

*Aut moles glomerare gradus aut flectere gyros*

*Libera seu vacuis ludit lascivia campis.*

*Quod si bella vocent, tremulos vigor acer in artus*

*It domino, & socias vomitore, & naribus iras.*

*Vulneribus offert generosum pectus, & una*

*Gaudia, marorem sumit, ponitque vicissim*

*Cum domino. Sortem sic officiosus in omnem,*

*Ut veteres nobis, tam certo federe junctum*

*Crediderint mixta coalescere posse figura,  
Inque Peletronij centauros edire sylvis.*

## CAPITULO IV.

*Climas, & patrias dos melhores cavallos, quais devem ser, & as  
egoas para a criaçãõ, & a ordem, que se  
hade ter com ella.*

**N**ão se pôde duvidar, em que os varios climas produ-  
zaõ diferentes naturezas, & obtem conforme as re-  
gioens diversos effeitos; como vemos criar-se nas par-  
tes do Norte o que se não cria nas do Sul, & ainda  
sem serem diferentes regioens experimentamos o mes-  
mo; porque de huma Provincia a outra, de huma a outra Ci-  
dade vemos diversas operaçoens, criando huma diferentes fru-  
tos de outra, não produzindo esta o que aquella produz. Da mes-  
ma sorte nos tem mostrado a experiencia: que os cavallos tem  
mais perfeiçoens, & melhores naturezas de humas regioens,  
que de outras, em que os Escritores antigos seguirãõ diversas opi-  
nioens; porque Horat. livr. I. louva muito os cavallos naturaes  
de Aargos. Marcial os de Asturias, parte de Espanha. Os de  
Agrigento Cidade de Cecilia celebra Virgil. Os de Elide Cida-  
de de Grecia louva Propercio. Os de Argeo monte de Capa-  
docia engrandece Claudiano, com os de Napoles, Scytia, de  
Irlanda, a que chamaõ Hubinos; de Tunes, Corcega, Cer-  
denha, Alemanha, & França. Plinio louva para o trabalho os de  
Galiza.

Porêm temos alcançado que sobre todos, saõ os mais perfei-  
tos cavallos o de Espanha, em que se comprehende tambem o  
nosso Portugal. Dizia Emmanuel Filiberto Duque de Saboya,  
& Principe de Piamonte, q̄ Espanha tinha tres excellencia gran-  
des: produzir ouro, homens fortes, & cavallos fermosos. Absyrto  
diz que os cavallos Espanhoes saõ grandes do corpo, fermosa po-  
sura, bem acondicionados, fortes no rrabalho, ligeiros na carreira,  
sem

sem necessidade de esporas, & muito leais. Boemio diz que Espanha foy sempre nomeada pella belleza, & velocidade de seus cavallos. Solino, & Pomponio Mela tambem louvaõ grandemente os cavallos Espanhoes, Estrabo affirma serem de tanto valor, & estima, como os dos Parthos, de quem se dizem tantas excellencias. Tambem os louva Suetonio Tranquillo: affirmando serem os melhores do mundo. O Padre Frey Affonso Venero no seu Enchiridion não cessa de exagerar as excellencias dos cavallos Espanhoes, como podem ver largamente os curiosos.

Suposto tudo isto avemos de entender, que de toda a Espanha, o principal paiz, onde se produzem os mais perfeitos cavallos he Cordova, Reyno de Andaluzia, onde se achaõ hoje os mais galhardos; & sendo das melhores raças, não ha mais perfeitos animais, porque nelles se acha logo a docilidade para a apprehensão da doutrina, a lealdade para o serviço, & a fermosura para o ornato: & com razão se deve louvar a boa ordem, com que alli se manda ministrar tão cuidadosamente, como vemos, & com preceitos inviolaveis á conservação, & augmento desta criação dos cavallos; pois sendo tão necessarios para as conquistas, & defensas dos Reynos, he razão se faça toda a diligencia para os adquirir, & conservar.

E suposto que nem em todas as terras, como temos dito se produzaõ tão perfeitos, vemos comtudo, que sendo as egoas fermosas, & de boas raças, & os cavallos castiços, se tem criado neste Reyno alguns muito galhardos, como vimos muito bem em hũa egoa, que o Conde de Villa-Nova conservou nas suas terras, a que lançava os melhores cavallos; & alguns naturaes do mesmo Reyno de Andaluzia.

E he certo, que avendo curiosidade, & ministros zelosos, & não ambiciosos; em todas as Comarcas deste Reyno, se irãõ multiplicando algumas raças, & se criarãõ cavallos fermosos; porque de todos os animais não ha outro que mais asemelhe a natureza, & inclinação dos seus progenitores, que o cavallo.

Além de que neste Reyno ha sitios, de que tem sahido muy bons cavallos, como he, a Serra de Minde, o campo de Coimbra,



bra, & outros: como o prova aquelle cavallo de Cesar taõ celebrado da fama, que naceo neste Reyno de Portugal. Assim affirmão os Escriptores, & o douto Manoel de Faria, & Sousa no seu Epitome das Hiltorias Portuguezas cap. 10. parag. 13. E he indubitavel que sendo as egoas de boas raças, & os cavallos castiços não deixão de produzir bons potros, precedendo todo o cuidado, & advertencia no modo de se lançarem, que deve ser nos mezes de Março, & Abril; assim para que pairão no principio do veraõ, & tenhaõ melhor pasto, como porque os potros temporãos, são sempre os melhores.

Não deve o cavallo em hum dia cubrir mais, que húa egoa; porque assim asseguraõ melhor; nem a egoa deve tornar ao cavallo, se não aos nove dias depois, ou aos dezafete, porque são os termos estes: segundo os melhores criadores, em que o ha de consentir, não estando prenhe, porque se o estiver o não consentirá de nenhuma sorte.

No anno que a egoa parir potro, não deve tornar a lançar-se, para que o possa criar bem; nem se deve recolher andando prenhe, salvo em tempo de grandes neves; & quando muito de noite: porque na liberdade se fortificaõ melhor os membros da criança; além de que bastaõ muitas vezes as saudades, & desejos do pasto, & liberdade para abortarem. E não deve ser assim depois que parir, se acaso for na força do inverno: porque a tenra idade do potro, & a tenuidade dos membros, em quanto he pequenino, não pôde resistir tanto às grandes neves, & frios.

Os cavallos para pays devem ser os melhores, & de melhores raças, bem proporcionados de membros, bem inclinados, muito saõs, de boa cor, & bem assignalados, muito livres de manqueiras, & achiques; porque de se fazer o contrario, vemos nacerem os potros já com alifafes, já com esperavoës, já lunaticos, & sogeitos a nevoas nos olhos, & com outros muitos achiques hereditarios, que segundo Galeno, 6. Aphor. com. 2º. Paschaliõ cap. 61. Perdulcio cap. 21. & outros muitos, se adquirem dos pays, por vicio da geraçãõ.

Tambem não deve ser velho, porque a fraqueza da potencia  
expul-

expulsiva, & vasos spermaticos, fazem que os potros sayãõ imperfeitos; & logo estes o mostraõ, sendo frouxos, desairosos, as orelhas muy grossas, concavidade sobre os olhos, & outros defeitos; como bem advirtio aquelle douto escritor Lourenço Rucio no seu livro de Alveitaria cap 8. cujas formais palavras saõ as seguintes *Quia pater robustus, & fortis membris, & virtutibus, rebusstiores generat natos; ideo ea etate debet equus eligi ad generandum, quando membra completa, & virtutes perfecta in eo reperiuntur. Nam fetus ex juvenulo equo natus, quia nec membra bene solidata, nec virtutes perfecta sunt in ipso, erit naturaliter debilis: & si ante admittitur, quam sit naturaliter perfectus ad generandum, filius imperfectus, & debiliior ex eo nascetur: Quia ex minus perfectum procedit; & ex magis perfecto, magis perfectum.*

Pelo que o cavallo para pay deve ser de cinco atè doze annos, & atè quatorze o mais; sendo bem pensado, & naõ mostrando de bilidade nas forças, & alento.

As egoas se podem lançar logo, que tiverem tres annos, & dahi até os quatorze; ainda que querem alguns criadores que sãõ atè dez façaõ boa criaçãõ, & sejaõ bem fartos de leite os potros. Serã sempre bom que estas sejaõ de marca grande, grossas, especialmente largas do bojo, & com as costellas, naõ muy revoltas, senaõ estendidas, porque alli se cria o potro no ventre mais membrudo, & perfeito. E que andando prenhes senaõ consinta andarem nellas, ao menos nos primeiros tres mezes, & nos dous ultimos, & menos sendo mulher, que ande cõm o menstro, porque quer Aristoteles que as faça mover sobindo nellas.

## CAPITULO V.

*Quais sejaõ as partes, & feiçoens, naturais, que fazem ao cavallo feroso.*

**H**E necessario que se haja entèdido, que debaixo deste nome cõmum de cavallo se comprehendem todos aquelles, que variamente se nomeaõ, cavallo de campo, faca, rocin, quartaõ, & outros. Porèm o cavallo, de que em

termos

termos fallamos, he aquelle, em que verdadeiramente concorraõ as perfeiçoẽs, que direi, ou a mayor parte dellas; porque raras vezes se poderãõ achar todas juntas em hum fogeito: porẽm aquelle que das que aqui apontar tiver mais, esse se entenderã, que tem maiores ventagens; & naõ fallarei nas cores, & sinais, que tem seus capitulos particulares.

Primeiramente deve o cavallo ser bem proporcionado de membros, com igual correspondencia de huns a outros.

Deve ter as orelhas juntas huma da outra, direitas para cima, & naõ derramadas, grandes, delgadas, com o pello cutto, que mostre as veas.

O topete comprido, & de sedas finas.

A testa larga, & sem covas fundas sobre as sobranceiras.

As queixadas estreitas no que vai da testa ao pescoço; porẽm bem apartadas, & largas huma da outra por baixo, para que a garganta entre ellas, & lhe naõ impida o recolher da cabeça para o enfrear bem.

Os olhos grandes, claros, alegres, & bem sahidos fóra, & a distancia que vai delles atè as ventas mui escarnada, estreita, & com mui pouco pello.

As ventas largas, & cõradas por dentro. O beijo de cima agudo, & mais comprido, que o debaixo. Os dentes brancos iguais com os debaixo. & naõ belfos. Os beijos assim de cima, como de baixo delgados, & naõ carnudos. A boca estreita, porẽm rasgada. Os padares acima dos dentes recolhidos. A barbada descarnada.

O pescoço estreito junto às queixadas, comprido, & que o seja mais dos peitos atè as queixadas, & mais curto das orelhas para a fernelha. Crinas compridas, finas, & naõ mui bastas. A taboa naõ redonda, mas larga, teza, & sem gato.

A cruz, ou fernelha grossa, & mais alta, que a anca.

As espaldas naõ mui carnudas.

Os peitos largos, sahidos para diante, & naõ encovados.

As mãõ grossas, mas descarnadas.

Os joelhos plainos.

- O nervo que vai por detraz da canella , grosso , & enxuto.
- A junta debaixo enxuta , & sem sedas nos travadouros.
- O travadouro, ou quarte lla curta.
- A coroa do casco negra, & que não seja mais larga, que o casco.
- Os candados largos, & altos.
- A tapa , & cinta do casco negra, ou parda , liza , & igual , & sem arrugas, & na forqueta do calcanhar , larga, & apartada.
- Todo o casco redondo, & mais largo muito em baixo, que em cima na coroa.
- As ramilhas enxutas, & a palma recolhida, para que fação o casco concavo , & vazio por dentro.
- E que as mãos sejam direitas , & não esquerdas.
- E que estando sobre as mãos aja mais distancia de hum a outro terço , do que de hum a outro casco.
- Os lombos fortes, & não muito pandos.
- As costellas que nação largas logo em cima , & que não sejam redondas , & apanhadas.
- Obojo largo , mas não mui decido.
- Os rins plainos.
- As ancas iguais, & partidas com canal pelo meyo.
- O sabugo do cabo curto, & grosso, bem recolhido no nacimiento, & bem provido de sedas finas , & luzidas.
- Por baixo do cabo que não seja concavo , se não sahido.
- Os testiculos pequenos.
- A verga curta , & com algum sinal branco.
- O embigo que não seja branco.
- As coixas largas , & grossas por dentro , & por fóra.
- As foztas sahidas , & avultadas.
- As curvas enxutas.
- Os nós das juntas descarnados.
- As pernas grossas de ossos, & nervos, porém enxutas de carne.
- As juntas debaixo, quartelas, & cascos, como dissemos das mãos.
- Largo , & apartado de huma , & outra perna.
- E sobre tudo será necessario, para dar alma a estas perfeições, que tenha coração, & alegria com alguma paixão moderada , para

que lhe não falte a viveza, & alento necessario.

Das cores, & finais, que fazem mais galharda a gentileza, & ornato do cavallo, não faço aqui menção, como disse, porque vão em seus capitulos particulares declaradas.

## CAPITULO VI.

*De todas as cores dos Cavallos, & do que denotão humas,  
& outras.*

**S**obre as varias cores dos cavallos, tem feito largos discursos os Escritores, inclinãdo se huns mais a estas, & outros aquellas. Porque assim como são diferentes os gostos, assim as opinicões são diversas.

Com que será necessario declarar por extenso quantas sejião as cores, sem fazer menção dos rodopios, & dos finais brancos bem, & mal postos; nem de outros mais, por pertencerem a outros capitulos; tratando só neste das cores simples, & mescladas, & dar methodicamente a razão porque hũas são melhores, & produzem melhores effeitos que outras.

Todas as cores do cavallo se reduzem a quatro, semelhantes aos quatro humores, de que o animal he composto; que são: Sangue, Colera, Fleuma, & Melancolia, sendo o sangue vermelho, a colera amarela, a fleuma branca, a melancolia negra: seguindo os quatro elementos que são, Ar comparado ao Sangue, Fogo à Colera, Agua à Fleuma, Terra à Melancolia. E da qui se segue que da cor do Cavallo se infirirá qual destes humores domina mais nelle. Porque sendo semelhante mais ao vermelho, diremos que o sangue, se ao amarelo, que a colera, se ao branco, que a fleuma, se ao negro, que a melancolia. E não só nos cavallos, mas nos mesmos racionais vemos produzirem os humores os effeitos do seu temperamento, he o homem sanguinho, rozado, leve; & alegre, & pelo contrario o melancolico, escuro, pezado, & triste, & assim os mais. Sendo certo que a natureza do temperamento move a inclinação, como o disse Plataõ, & outros Philosophos: & com mais efficacia no irracional; do que no homem, que com as operaçõs do discurso, & da razão a tempèra, & molifica.

Em

Em consequencia deste principio , regra , & sciencia certa ; direi quantas sejião as cores dos Cavallos, & as que denotaõ bom, ou mào temperamento , conformandome tambem com a experiencia.

As cores , em que mais dominaõ , dos humores o sangue , & dos elementos o Ar , saõ : castanho claro , castanho maduro, castanho nebruno, castanho pecenho , castanho dourado, castanho boyuno: & de todas estas cores saõ bons os Cavallos; & de bom temperamento, tendo os extremos pretos, & sendo sobre ellas bem affirmados, como em outro capitulo diremos. Tirando o castanho boyuno , que he huma cor deslavada como de boy, mayormente tendo os extremos da mesma cor, que estes rais naõ ha peyores beas, como nos tem mostrado a experiencia.

As cores, em que dominaõ mais, dos humores a fleuma, & dos elementos a Agoa he o branco , & a estes pertence o persolano , o ruço argentado , ruço queimado , ruço rodado , ruço cardenho , ruço tordilho , ruço sabino , ruço ruão , ruço palpado , ruço melado , ruço abetardado , ruço pecenho , & rozilho cabeça de mouro.

Os melhores cavallos destas cores, saõ aquelles , que ao branco misturaõ aquelles pellos, em q̄ domine mais a colera, & sangue, para que os anime. E he de bom temperamento o ruço sabino por ser composto de tres cores , castanho , branco , & preto ; estes costumãõ ser fortes manços, & de bom medtilho. O ruço rodado, & ruço escuro, tendo o pello negro , luzidio, & os extremos; porque domina nelles muita colera , & requeimandose se converte na melancolia adulta, com que saõ muito apaixonados, fortes, & aturadores. Os brancos saõ brandos, froxos, & de pouco alento, como tambem os ruços claros, & persolanas, & ordinariamente maõs cascos.

As cores , em que mais dominaõ dos humores a colera, & dos elementos o Fogo saõ : Alazaõ claro , alazaõ escuro , alazaõ tostado, ruão claro , & escuro, melado escuro , & claro, ruão picado , a que os Castelhanos chamaõ açucar e anella. Destes os melhores cavallos saõ , o alaziõ tostado, & escuro, & o ruão escuro, sendo

do assinalados com muitos brancos; porque com a fleuma tempe-  
rao a colera; Estes costumao ser muito fogosos, vivos, ligeiros, &  
esquentados de boca; as outras cores desmayadas nao provaõ bem,  
& ordinariamente saõ faltos de caes.

As cores em que dominaõ dos humores a melancolia, & dos  
elementos a terra, saõ o murfelo, o melroado, & andrino, o casta-  
nho escuro, o pardo, o pelle de rato. Destas os melhores cavallos  
saõ os castanhos escuros, andrinos, & murfelos, sendo o pello bem  
vivo, luzidio, & o do murfelo bem azivichado, porque denota re-  
queimação de colera convertida na melancolia adusta; de que se  
consegue terem muita payxão para o que he bom, que tenha mui-  
tos brancos.

As outras cores de parda amelloado, & pelle de rato saõ as pe-  
yores que ha. E assim costumao os taes cavallos serem de poucos  
espirtos, froxos, tristes, & achocofos.

Das cores de foveiro, & remendado se nao póde dar razaõ,  
porque de qualquer cor os póde aver misturada ao branco. E assim  
se entenderá confórme a ella a que humor, & inclinação mais se  
fogeita.

E sobre tudo se póde ter por regra geral, que toda a cor bem  
viva; o pello fino, lustroso, & curto; que se vejaõ as veas levanta-  
das sobre pelle delgada, saõ sinaes infaliveis de cavallo fino, & que  
já mais faltou aos sinaes.

## CAPITULO VII.

*Dos sinaes brancos dos cavallos, & dos que denotão bem, ou mal.*

**M**uitos tiverao para sy, (& com alguma razaõ) que os  
sinaes brancos dos cavallos, eraõ necessarios nelles para  
a galhardia, & ornato, que para prognosticos, & indi-  
cios da inclinação; porque como está dito, tudo o que  
elles tem de branco, he fleumatico, & mào, & sómen-  
te he necessario mais em algumas cores de fortes temperamentos,  
para as conter.

Porém para a fermosura, & perfeição do cavallo (como digo)  
saõ muito necessarios. E porque tambem he certo, como a expe-  
riencia mostra, que os zainos, por falta de sinaes, saõ ordinariamête

de pouco valor, & estima; com o que começando pela cabeça até os pés direy o conceito, que confôrme os Authores, & experiencia de huns, & outros se tem.

Primeiramente a estrella branca na testa, a que os Francezes chamaõ, pelota, estando alta, he bom sinal. A sylva branca, começando acima dos olhos, & acabando antes das ventas, he bom sinal. A frente aberta, que he huma sylva larga, como não chegue das bandas aos olhos, nem cubra as ventas, he bom sinal.

A verga com sinal, ou malha branca, he bom sinal.

O pè esquerdo, he bom sinal, & melhor os pès ambos, & sendo os brancos de hum, & outro iguaes muito melhor, & estes sendo marchetados com arminhos, ainda com mais ventagem.

As moscas brancas por todo o corpo do cavallo, como não sejam mais pequenas que moscas; porque estas taes costumão avelas em potros, quando a pelle he tenra procedidas de picadas d'ellas, & he indicio de pelle molle, porèm as que são naturaes são boas.

Estes até qui são só verdadeiramente os bons brancos.

Os que se lhe poem, & são mal opinados, são a estrella posta à baixo dos olhos, ou a huma banda, que he mau sinal.

A sylva, que principia dos olhos para baixo, he mau sinal, & os cavallos que assim a tem costumão ser encapotados, rasteiros, & desairosos no obrar; & se esta sylva para, & entropolla com a cor do cavallo, & ao depois torna a continuar, peyor (que aos taes chamaõ sobressaltados) & são reputados por traydores, com que algũs pessoas tem delles peyor opiniaõ que dos argeis.

A sylva, que nascendo direita, for voltando a acabar sobre a algũ das queixadas, he mau sinal, & peyor sendo sobre a esquerda.

O que chamaõ façalvo, ou touca branca que cobre com o branco a mayor parte do rostro, he mau sinal, & peyor se continuando por cima das ventas, entrar na boca, a que chamaõ (beber em branco) & ainda será muito peyor, se comprehendendo algũ dos olhos ou ambos, tomarem a cor do branco, ficando zarcos.

Qualquer outro sinal, ou malha nas queixas, he mau sinal.

O branco por baixo da barriga, tambem he mau.

Huma mão branca he mau sinal, & peyor sendo a esquerda.



As mãos ambas brancas, he maõ final, & quanto mayor branco peyor, & muyto mais, naõ avendo branco nos pès.

O pè direito branco, he reprovado, a que chamaõ Argel.

O que tem o pè direyto, & a maõ da mesma parte, chamaõ Travado. Como tambem o que tem a outra maõ, & pè da mesma sorte.

O que tem o pè direito, & a maõ esquerda se diz Argel Travado.

O que tem o pè direito com as mãos ambas, chamaõ Transtravado.

A mà opiniaõ, que se tem destes Argeis, sem se dar outra razãõ mais que dizerse, que assim o ouviraõ sempre dizer; & que saõ rãõs afortunados como se afortuna estivera no pè, ou maõ branco. Eu a tenho, & tive sempre por abuso, da mesma maneira por frivolas, & fantasticas todas as razoës, que para isso daõ varios Autho.es, porque todas saõ aparentes, & naõ verificadas. Mayormente a mà opiniaõ que se tem do pè direito sómente branco, de que todos fazem peyor conceito, julgando o pelo mais fino Argel, he o a que acho menos razãõ, porque tenho conhecido muito excellentes cavallo.s, & muito bem afortunados com este final; & pelo contrario, vi entrar ballas por entre muitos Argeis, & virem acertar nos bem offinalados. Mas nem comrudo isto aconselharey aos que tiverem azar nelles, que os usem, porque bastará a mà fè, & desconfiança para que no animo vaõ já perdidos.

## CAPITULO VIII.

*Dos redopios bons, & maos, & dos que chamaõ Gayas.*

**N**O tocante aos redopios he necessario entenderse, que huns saõ naturaes, & outros extraordinarios. Os naturaes, he bom prognostico, que naõ falte algum no seu proprio lugar, & pelo contrario faltando com elle a natureza he prognostico adverso. Saõ os naturaes, hum em meyo da testa, outro na gargãta, dous nos peitos, nas verilhas dous no embigo hum. Dos extraordinarios querem es Francezes, q̄ sejaõ bons, & de cavallo de condiçaõ soberana dous, ou tres na testa.

São muito excellentes os rodopios junto às crinas na taboa, & quanto mais junto à cabeça, melhor, & sendo comprido, a que chamaõ (espada Romana) ainda com mayor ventagem; & se da outra parte da taboa ouver outro semelhante no mesmo lugar, he sobre todos melhor.

Todos os rodopios da espora para trás são bons; & muito melhores se forem junto ao nacimiento da colla de ambas as bandas, porque os cavallos, que os tem, costumaõ ser mui velozes corredores. E por isso chamaõ os Mouros aos taes rodopios, figas para os que vem a trás.

Tambem os dous naturaes das verilhas he bom final, que se fubaõ bem alto junto aos rins.

Os rodopios, que denotaõ má inclinação, são aquelles, q̄ estão nas espaldas, ou junto dellas, & pelos peitos fóra dos naturaes. E em fim todos os que estiverem vezinhos à região do coração, porque a estes chamaõ Gays, que se achaõ mui ordinariamente nos cavallos traydores, & de perversa inclinação.

## CAPITULO IX.

*Como se ha de fazer escolha nos potros, que andão nas manadas; & das cautelas, com que se devem comprar os que estão já recolhidos, & pensados.*

**A**ssim como ha algũs homens inimigos de criar potros, & que seguem aquelle proverbio, de que quem cria hũ potro, não cria outro; assim ha outros taõ inclinados a esta criação, que apenas lançaõ de casa huus já feitos, quando logo trazem outros. E para que aja muitos, & bons cavallos, he de louvar a curiosidade desta criação, mayormente nas pessoas que vivem fóra no campo, & quintas largas, aonde lhe he mais facil, & conveniente, porque sem trabalho os vaõ criando alli suavemente no pasto, não deixando por isso de ter os cavallos, que costumaõ para seu serviço; porque se assim não fosse, estariaõ todos os dias com os olhos nas creanças do potinho, esperando já quando lhe avia de servir, que seria hũa esperança larga.

A primeira, & mais principal cousa, que aconselharei aos que quizerem fazer boa criação he, que mandem sempre vir os potros do Reyno de Andaluzia, de que já fallamos; que pela experiencia, que temos, sempre he mais segura a criação, que nelles se faz; porque ainda os que não são finos, sempre saem, ao menos com serviços bastantes; & raras vezes se tem visto, que sayão froxos, ciosos, ou moleiros, que são irremediaveis diffeitos, & de que se seguem outros peiores.

Porém, quando não seja possível, que venhão daquelle Reyno, ao menos que saiba, & se informem da raça dos pays, & avós; & se do pay, & mãy tem sahido outros bons cavallo. E quando não possão proceder estas informações, & os forem escolher nas manadas, será necessario que tenham observação a estas advertencias seguintes.

Que entre toda a manada será melhor aquelle, que levantar a cabeça mais por cima dos outros.

O que dandolhe hum tiro, ou fazendo algum estrondo, primeiro sair do bando, mais furioso, & ligeiro.

O que passando algum ribeiro, valado, ou prede se arrojar primeiro a passar diante.

O q̄ tiver as orelhas mais juntas, grandes, direitas, & delgadas. Os olhos mais vivos grandes, & sahidos fóra.

A cabeça mais piquena, seca; & escarnada.

O nescoço comprido, porque entendem pouco os que buscão curtos, & grossos.

As costellas largas, & bojudas. Os ossos dos quadriz distantes hum do outro.

O sabugo do cabo curto. As coixas com algumas fodras sahidas, que he sinal infalivel, de que venha a largar muito:

As pernas bem a partadaç húa da outra, como tambem as mãos; & que não sejaõ esquerdas.

Os calcões redondos, negros, ou pardos.

E isto basta que se ache em hum potro bruto, ainda que pareça feyo, porque tudo depois vem a compor com as carnes, sendo

pensado, & com luzimento do pello estando recolhido. No que toca ás cores, brancos bem postos, redopios, & outros finais, que não são os menos principais, que se hão de advertir no potro, se podem ver nos capitulos, em que largamente faço menção de todos, pelos não repetir duas vezes. E tudo o mais que neste ponto se acrescenta são prolixidades escusadas, em quanto aos potros bravos.

Nos que estão já recolhidos, & pensados, são mais enganofas as compras, & escolhidas, que nelles se fazem, porque estando já limpos, gordos, cubertos, & com o pello assentado, enganaõ ordinariamente à primeira vista, de tal sorte, que os mais advertidos tem errado em semelhantes compras. Além de que alguns criadores os empão, & dão a comer mantimentos mui prejudiciaes à conservação da saúde, que suposto a tenhaõ de presente, depois com qualquer trabalho, lhe sobrevem grandes achaques daquelles mantimentos grossos, & demasiados, que o calor, por superfluo, não pôde vencer; & ficando sem perfeito cozimento, se convertem em humores crassos, & petuitosos, de que se conseguem grandes enfermidades, & manqueiras, como ordinariamente vemos.

Costumaõ tambem estes criadores fazer estrellas brancas nas testas dos potros, & molcas pelo corpo, para que pareçaõ bem assinalados, querendo com a arte enganar a natureza.

E tambem para encobrir os defeitos dos mal assinalados, como argeis sobrefaltados, & outros, tingir-lhe os brancos mal postos, com que a natureza os assinalou.

Tambem costumaõ limar os dentes, & concertalos com alguns ingredientes, para que pareçaõ da idade que elles quizerem. Que todas estas cousas são mui faceis de fazer, como ao diante se veráõ no tratado da Alveitaria, para que las saibamos conhecer. Pelo que he necessario ter advertencia a tudo isto, para não serem enganados, enformando-se dos penfos, com que o potro foy tratado, & donde o creador o trouxe, que finais, & idade tinha. E sou de parecer que he o melhor não comprar estes potros recolhido.

## CAPITULO X.

*De que idade se devem recolher os potros à estrebaria; & como se devem fazer trataveis, & fogueitar às prisoens.*

**P**Arece cousa digna de reparo, & admiração, que sendo o potro hum animal bravo, & que ordinariamente, nasce no campo, & no deserto, ou nas montanhas, como hũa fera, se dome, fogueite com tanta facilidade, como ve-

Tanto que o potro se apartar da manada, & conduzir do monte, se tratá alguns tempos nos campos; ou tapadas com outras bestas, até perder as saudades; & o não tirarão do pasto até a idade de dous annos, & ainda mais, avendo comodidade aonde paste feguro, & livre de egoas, se a condição delle o permittir. Que suposto que o Capitão Pedro de Aguilar, no seu livro da Cavallaria cap. 6. aconselha, que de hum anno o recolhaõ à estrebaria, & costumem às prisoens; tem ensinado a experiencia, & o mostra a razão, que andando livres no seu pasto natural, & descubertos ao tempo, se fornecem, & fortificação melhor nos membros, crescendo, alargando, & endurecendo, para que depois sintão menos o rigor, & aturem mais o trabalho.

Com que sendo o potro da idade que dissemos, se recolherá à estrebaria, & estará alguns dias solto, & sem prisaõ; aonde se lhe lançará de comer muito a meúdo, assistindo o mais do tempo gente com elle até se ir domesticando, de sorte, que suavemente o possaõ fogueitar às prisoens, sem fazer grandes estrondos; porque de os quererem prender na força da braveza, tem succedido muitas desgraças, encabrestandose, quebrando mãos, & pès; & fazendote em pedaços. E será muito conveniente que estejão na mesma estrebaria com elle na manjadoura outros cavallos mansos, com que se vâ costumando; & se deve usar de toda a brandura; dandolhe de comer na mão, & pondolha pelo lombo, & depois pouco a pouco, pela cabeça, & orelhas, levantando

tandolhe as mãos, & pés, até que vá consentindo tudo, & sem o escandalizarem se venha a conseguir delle toda a mansidão necessaria.

## CAPITULO XI.

*Como devem ser as estrebarias, & manjaduras de fôrmas curiosas, & das preparaçoens que ha de aver nellas.*

**N** Em a todos he possível terem as estrebarias, & manjaduras com a grandeza, & perfeiçoês, que convem. Porém aquelles que tem comodidade para isso, entendão que he bem empregada a despeza, que se faz na obra de huma estrebaria boa, porque além de ser ella o mayor indicio de huma nobre casa, he razaõ que seja boa, limpa, & alegre; porque todo o homem curioso, & dado à nobre inclinaçãõ da cavallaria, folga de ir todos os dias, dar huma vista aos seus cavallos, gostando de os ver comer, & mandar limpar; & como diz Pedro de Aguilar: *El ojo del señor engorda el cavallo.*

A primeita, & principal cousa que deve ter hu na estrebaria, sãõ as portas altas, & largas, porque de naõ ser assim, tem succedido mil desgraças, levantandose o cavallo, ou por se doce da boca, ou por algum medo, que tomãse, dar com a cabeça na lumieyra, & cair morto; & tambem sendo estreita, topar com as borrenas da fella, ou estribos, & succederem mil desmanchos. Logo deve aver mais que huma porta; para que avendo alguns cavallos pouco seguros, possãõ tirar para fóra os outros, sem que passam por elles.

O comprimento, & largura da estrebaria, será confôrme a comodidade, & gosto de cada qual. E sendo de duas larguras, para que possãõ estar cavallos de huma, & outra parte, deve ser de tal sorte; que entre huns, & outros fique hum corredor, & espaço largo, aonde se possãõ passear os cavallos alli, recolhidos do ar, quando no inverno vem suados do trabalho, pelo meyo do qual averà hum canal de boa pedra largo; porém niõ fundo; & o de mais ladrilho, sobre que estaõ os cavallos, serà de pedras meúdas, & naõ lizas, nem iguaes; porque aquelles, aonde naõ assentaõ o casco

casco por todo entra melhor o ar nelle ; & tambem com qualquer patear do cavallo lança fóra o esterco , que recolhe nos pés , & mãos ; & sempre será o ladrilho de forte , que fique mais alto junto à manjadoura , porém pouco , & vâ fazendo vertente para o meyo da estrebaria , para que as humidades corraõ sempre para o canal. Sendo a estrebaria de huma só face , & a manjadoura será o ladrilho da mesma forte , que dissemos , & o canal por detrás dos cavallos.

Suposto que a estrebaria clara com muitas portas , & janellas seja aprafivel , & conveniente , para que no veraõ possa entrar livremente o ar fresco de noute ( que he muito necessario , ao menos quando com o verde ferve o sangue aos cavallos , ) comtudo he mui util , que as portas , & janelas , ao menos no inverno não tenham a estrebaria muy clara , & ainda no veraõ sendo fresca he bom estar escura , porque assim não se divertem , & comem melhor os cavallos , & não são tão vexados das moscas ; & para que seja saudavel , será bom que estejam ao norte algumas janelas , ou frestas. Se a estrebaria estiver em sítio , que se possa trazer agoa corrente ao canal della , será grande regalo para a limpeza dos cavallos , & descanso para os lacayos , & moços de estrebaria , como tambem porticanos , & resiltos se trazem às pias das manjadouras , para os lavarem , & beberem os cavallos.

Das manjadouras di ei , que as melhores de todas são as de pedra de esquadria muy bem escodada com os frizos redondos , & altos , para que o cavallo tope nelles com o pescoço , & não com o peiro ; & assim se costumão a ter a cabeça mais alta que he bom habito para enfrearem levantados.

Não sou do parecer daquelles , que querem que as manjadouras sejaõ vazias por baixo pelas desgraças , que cada dia vemos , mentodote o cavallo pello vaõ della , dando alguma volta quando está deitado.

Que as manjadouras tenhaõ de vasio coufa de hum palmo , para que o cavallo esteja sem topar cõ as rodela dos joelhos das mãos nella ; he o que me parece acertado ; & nas de pedra de que fallamos ainda he mais necessaria esta cautela.

E conforme o comprimento, de que for feita a manjadoura, se irá repartindo com a mesma esquadria em lugares, dando a cada hum cinco, ou seis palmos: será funda para que não caya a palha, ou erva, mais igual para que se não ajunte o pó todo em hum lugar; & terá a hum lado huma pia enbebida na mesma manjadoura, & à face della para beber, & comer a reção, com hum buraco largo em baixo feito de sorte, que a agoa, que sobejar, & aquella com que se lavar a manjadoura vá toda pelo buraco cahir ás mãos do cavallo; & cada repartimento, ou pesebre terá a mesma ordem.

E assim estas manjadouras, como as de pao, se lhe pôde fazer por baixo huns vãos, sem que seja à face, se não mais dentro (como dissemos) com sua porta de dobradiças, & aldrava, para que alli se recolha com facilidade a cama do cavallo. Cada pesebre ha de ter duas argolas postas nos lados, & huma na parte defronte do cavallo.

Direy outro artificio de manjadoura, ou prevenção nella para que os cavalloos ficando sóos, & a estrebaria fechada não passem mal em muitas horas, & ainda dias deixandolhe agoa em hum balde. Estas se haõ de fazer de sorte, que de frente da cabeça do cavallo esteja huma fresta, ou janela de grades de ferro de tal largura, que possa caber apenas por entre ellas o focinho do cavallo, & pela outra patte de trás da grade, se fará de taboado, ou pedra hum recetaculo largo em cima, que venha vertente para a grade, com que esta venha a ser fundo; & então se pô le deitar nelle vinte, ou quarenta fochas de palha segada, ou tiiga, de que o cavallo vai tirando pouco a pouco o que lhe pede o appetite, ficando a de mais sempre sem se destruir, nem faltat ao cavallo a necessaria, & da mesma sorte se deitará o feno, ou erva.

Averá mais entre os repartimentos da manjadoura huma argola em cada hum, para que della se pendure hum pao, com huma tranca grossa quadrada de quinas vivas de comprimento de dez, ou doze palmos mais grossa atrás, que adiante; do qual se pegará huma pontaria argola da manjadoura, & outra com huma corda se atará em outra argola, que estará no alto dos pilares da estrebaria



baria se ouver, ou nas traves, & barrotes della, com tanto que o tal pao fique pendente, & semova com qualque tope, que nelle faça a anca do cavallo; & para que nos principios mais o tema, serà bom pregarlhe nos lados à face no direito da anca, humas pontas de cravos pouco sahidas fóra, para que estas o piquem, quando lhes chegue com a anca. E com estes repartimentos move-diços estarão os cavallos muito direitos, como a experiencia mostrarà, castigando-se por si mesmo tanto que se arrimaõ, & livres de defastres, que cõ os repartimentos fixos acontecem.

Não são menos necessarias para a conservaçoõ dos cavallos as prissoens, que juntamente os fogueitem; & segurem de desgraças. A primeira prisão he a cabeçada forte, dobrada, & mui bem estofada na focinheira; & no alto da cabeça, sem que se não moleste o cavallo, nem lhe faça callos, & cicatices, em que depois vem a nacer cabellos brancos, & ficaõ defairosos: desta devem ser as argolas fortes, & de tornel, para que as cadeas se não entorem; & ha de ter mais huma argolinha na focinheira com seu engonço tarraxado entre os couros, para que não possa molestar.

As cadeas haõ de ser duas, que venhaõ das bandas; & porque ha muitos cavallos, que tomaõ na boca a cevada, & a derramaõ fóra da manjadoura, serà necessario a estes para os costumar a que comão direitos, prenderlhe hum fiador de corda na argola da focinheira para a da parede.

As maniotas haõ de ser de linho, brandas, grossas, porque assim asseguraõ mais, & molestaõ menos; & não sejaõ compridas, que daquimacê saferem sobre canas, dando com huma, ou outra maõ nas canas dos braços, como vemos cada dia pela experiencia.

As peas feitas para estarem ordinariamente na estrebaria, he bom que sejaõ compridas, com que o cavallo esteja com pès, & mãos no seu compasso natural; & em quanto se não costumã a ellas por se não embaraçarem serà necessario, que tenhaõ huma cordinha atada de huma a outra, que passe por cima do lombo do cavallo; & tambem devem de ser grandes, & grossas, como disse-mos das maniotas. Os laços dos travoens sejaõ grossos, & as cadeas

deas não sejaõ mui compridas.

A mayor parte dos Authores que tem escrito sobre estes pontos aconselhaõ, que os cavallo estejaõ sempre cõ duas cadeas maniotas, duas soltas, & dous travaõs. Eu me não confórmo cõ elles, porque acho a tanta prizaõ muitas encomidades. A primeira he, que deitandose, ou levantandose o cavallo se embaraçou com huma mão na solta da outra parte, ou com o travaõ de hum pè em outro, se fará em pedaços, revolvendose em laços indissoluveis. A segunda he, que com o medo, & receyo daquellas prisoens, não ousa, nem se atreve o pobre cavallo a deitar-se para descansar, & dormir. A terceira, que estando assim oprimido, nem se alegra, nem se logra para medrar, & engordar, nem com os pès, & mãos se coça, & defende das moscas, estando continuamente em huma opressão, como que aconselharey, que sendo o cavallo manso esteja sómente com as maniotas, & hum travaõ; & avendo os paos dos lados que differmos, até este se pôde escusar, não sendo cavallo bravo; que ajaõ mister mais; porque se tem visto por experiencias, quebrando acaso huma cabeçada, ficar o cavallo prezo só por hum travaõ, & sendo fogoso, puxar tanto pelo pè, que o quebra, ou desloca.

Além do que temos dito, não devem faltar nas estrebarias todos os moveis: & instrumentos necessarios nellas, como são, almofixas, luvas de esparto, esponjas, escovas, mandiz, pentes de osso largos, & brandos, facas de cortar o suor, ferros de encrespar os cabos, & crinas, baldes para os lavar, cantaros de cobre, varas de mar-meleiro, que por falta dellas castigãõ muitas vezes os cavallo com paos grossos, & os pizaõ, & maltrataõ; cabeçoës, & antolhos, para quando os ticaõ à limpar, mastigadouros, algũs cornitos de cabras para alimparem os cascos, bassouras, forquetas de levantar as cammas, enxada, hum vaso com vinho, sal, & cebola para lhes lavar as bocas, quando enfaltiaõ, torquez, & martelo para rebater alguns canelios, que se levantaõ, & pela dilação de ir a casa do ferrador se arranca a ferradura, & muitas vezes com ella meyo casco, de que fica o cavallo maltratado; hũa bigorna, grandeiras de abater a palha, as mantas, lençoes, & toucadores necessarios.

## CAPITULO XII.

*Como se devem pensar, limpar, & tratar os cavallos, & o cuidado, & advertencias que nisso deve aver.*

**T**oda a conservaço dos cavallos, consiste no bom cuidado, & de que sejaõ limpos, & tratados, como convem: para o que he necessario escolher moços da estrebria curiosos, & com inclinaço aos cavallos, & amor a seu amo; porque de naõ serem assim, se segue o desprezo dos cavallos, & detrimento de seus senhores.

Para este cuidado, & tratamentos dos cavallos; serà necessario fazermos duas divisoẽs; porque os de regalo, & estado propriamente para o passeio das Cidades, & Villas se devem tratar com diferente modo daquelles q̄ queremos para o exercicio da guerra, trabalho, & serviço ordinario.

Para os cavallos de regalo he conveniente, que estejaõ sempre de veraõ com lenço, & toucador; & de inverno da mesma sorte, porèm com a sua manta por cima.

Logo pela manhãa irãõ tirando cada hum dos cavallos para fora da estrebria; os que forem inquietos cõ cabeçaõ, & antolhos, porque dentro nella nunca convem o limparem se em razaõ do pó que cae pela manjadoura, & outras inconveniencias. Logo que for tirado, se lhe meterá o maltigadouro, para que assim se esteja aliviando, & desflemando, em quanto o limpaõ, sendo isto em jejum antes de se lhe dar a reçaõ, & naõ sendo tempo em que coma verde, se almoçará mui bem dos joelhos para cima tudo o mais muito esfregado com almofaça, mandil, & escova, naõ só para que laya o pó, mas para que se abraõ os pòros, & por elles se ventilem, resolvaõ os humores que a natureza lança ao couro, & cotículas. Depois de mui bem almoçados, & limpos com o mandil, se molhará hum pano com pouca agoa, naõ ficando mais que lento, & se correrá o pello todo, para que fique nedeo, & lustroso.

Logo lavarão as crinas, & cabo, & ainda não verão será bom que seja sempre com agoa quente, porque despega melhor o suor, penteando-os, & entrando-os, com advertencia de que não deixem estar as tranças feitas mais tempo do que de hum para o outro dia, porque estando mais sem as pentarem, & tornarem a fazer novamente, se cortaõ, & caem às mãos cheas.

Lavar-seã também o rosto ao cavallo, & os olhos com agoa fria, porque repercute os humores, & fluxões, & os alimpa, & aclara muito, & também com a mesma os pés, & mãos, & cascos, & pondolhe seu lençol, & toucador se recolherá à estrebaria, dando-lhe a sua reção de cevada, ou centeyo limpa de pò, & purgada das pedras.

Depois se lhe irá lançando a palha necessaria sacodida, & gramada mui bem antes de a segarem, & pelas dez, & onze horas, se lhe dará de beber no inverno agoa morna, & no verão fria, que não seja de poços, ou cisternas; deitando-lhe nella hũa tigella de farinha, triga, ou centeya, & também pôde servir de milho mais se a beber bem.

A noute, o melhor costume he dar-lhe de beber ptimeiro, que a reção; porque tem mostrado a experiencia que assim a come melhor. Para de noute se lhe deitará palha necessaria, & se lhe fará sua cama enxuta. Para alguns cavalloos fogueitos a trocilhoes procedidos de frialdade das pedras, & humidades, tenho usado algumas vezes de hum caniço, mandando-lhe fazer a cama em cima delle, com que ficando mais quentes, & enxutos, se achaõ bem.

Com este trato, que he bastante, se conservaõ os cavalloos, sendo de boa natureza, & temperamento, muito gordos, & fermosos; porém aquelles, a que não bastar este penso para os engordar, & alargar, se lhe pôde dar hum quarto de farelo, pelo meyo dia, botrifado mui bem com vinho, sendo, o cavallo froxo; porque sendo colerico será melhor a agoa quente; & ou seja desta; ou daquella, se ha de molhar o farelo de sorte que nem fique em papas, q̃ o enfastiem, nem tão seco que lhe cause tosse.

Tambem se lhe pôde dar para de noute huma palhada feita em balde grande com camadas de palha, & farelo entropoladas, & escal-

escaldado tudo com agoa fervente, abafado hum pouco para que amolleça, & darlhe morna.

Tambem será bom darlhe na beberagem hum pão de trigo em massa desfeito nella.

O centeyo cozido he muito bom mantimento para engordar, & em breve tempo, & faz boa nutrição, porque indo assim cozido & estuado se converte mais depressa em sustancia.

Tambem usaõ alguns de milhos, nabos cozidos, & outras em papadas que eu não gabo, & de que ordinariamente mais usaõ os criadores, que e mo porcos os cevaõ, para melhor os venderem.

Todos os mimos, que dissemos, & outros muitos se permitem aos cavallos de regalo; porèm àquelles, que queremos para servir na guerra, no campo, & no demais trabalho ordinario, não cõv em que se ponhaõ neste costume; com que para os taes a melhor ordem he não aver, nem hora certa para a reção, nem para beber, dando-lha hum dia pela manhã, outro ao meyo dia, outro em outras horas diferentes, comendo em hum dia tres, ou quatro reçoês, & em outro nem humas; em hum centeyo, em outro milho, ou cevada, bebendo hoje a humas horas, a manhã, a outras mui diferentes; porque habituados nisto, como o tem mostrado a experiencia, vem depois a não estranhar as faltas, nem a reparar nas sobras, que em varias occasiões das campanhas, & incidentes de jornada ordinaria; mente a contecem.

E por este modo, & sem se faltar à ordem, que dissemos, se podem engordar muito bem estes cavallos, dandolhe largas reçoês, & muitas, com variedades sempre a vendo todo o cuidado na limpeza, & em todo o mais bom trato.

### CAPITULO XIII.

*Como se deve dar o verde aos cavallos, & o que nesse tempo se deve observar.*

**H**E o verde dos cavallos o mais natural penso para o seu regalo, & o mais necessario para a sua saude; avendo todas as cautelas, & advertencia no tempo, modo, & ordem, com que deve dar-se, como direy.

Para

Para os cavallos novos até quatro annos, não lhe serve de dano antes de proveito, o comerem verde em todo o tempo do anno, porque he mais acomodado à sua natural inclinação.

Os de mayor idade basta sô que os mezes de Abril, & Mayo o comaõ, dandolhe tenro o primeiro, para que purguem bem. E passados os dias, em que o cavallo tenha purgado, antes que comece a medrar com o novo sangue, se mandará sangrar duas vezes na vea univèrsal da taboa, enarepolando dous dias entre huma, & outra sangria. E se ouver inchimento com presença de sangue, se continuarão mais conforme a ella. E suposto que muitos saõ de contraria opiniaõ seguindo a Galeno, Avicena, & outros Medicos, a experiencia (que segundo os Philosophos) *genuit artem*, tem mostrado, que os mayores damnos, que sobreveem de se não fazerem, os convence.

He muito necessario neste mesmo tempo, dar banhos de agoa doce a donde a ouver, tendo os cavallos nella com os peitos para donde vier a corrente, tempo de huma hora pela manhã, & outra de tarde, porém sempre a horas que haja Sol, levando-os, & trazendo-os muito sossegados, & deixando-os enxugar da agoa primeiro, que os recolhaõ na estrebataria, porque de os recolherem molhados lhes sobreveem muitas vezes sarna.

Tambem estes banhos se podem dar nas marès de agoa salgada; porém não convem que estejaõ nellas mais que hum quarto de hora, porque suposto q̄ esta tenha mayor força para gastar as humidades, astringe, & tapa muito os póros, & a exalação dos humores.

No primeyro mez do verde para que os cavallos melhor purguem, he muito boa regra não lhe dar reçaõ de cevada, nem outro penho, antes hum punhado de farelo às horas, que costumavaõ comer a reçaõ.

O melhor verde de todos he a cevada, a qual para purgar se ha de dar antes que mostre a espiga; logo a erva mollar, & com ella as que chamaõ lingua de ovelha, trevo, cardos, & cerra-della, que estas sãõ para os cavallos as de melhor nutrição, & as que elles comem melhor. E para os primeiros dias, em que que-

remos que elles purguem, he melhor erva molar tenrã, que a cevada; porém a cevada dà mais sustancia, & se deve ter ordem em a não semear toda junta, se não as semanas entrepoladas, para que sempre a aja tenra, & na fórma que a queremos, & tambem se ha de semear mui basta, & com tanta differença da que se semea para fructo, que o campo que desta se semea com hum alqueire, daquella se ha de semear com tres.

Tambem se deve ter cautela, em que não se dê verde de alguns campos, que costumaõ produzir algumas ervas venenosas, nem donde se ajaõ semeados puros, alhos, linho, especialmente canamo, nem cebolas.

Nas terras aonde os verdes são mui ferteis, pingues, & sustanciaes, he menos seguro o querer servir dos cavallos, no tempo que o comem, porque aquella crecença de sangue, & alteraçãõ de humores, pôde fazer que deçaõ a alguns lugares dos pés, & mãos aptos para os receberem, & congelandose nelles se formem manqueiras com a opressão, & violencia que sobre elles faz o corpo no forcejar do exercicio.

Este inconveniente não he tão forçoso, aonde os verdes são de menos sustancia, mais duros; & demais tenue mantimento, como os de entre Douro, & Minho, & outras muitas partes, de que a experiencia nos tem mostrado que passados os primeiros dous, tres mezes de verde, servemse dos cavallos para tudo; & lhe não faz mal algum.

Toda via depois que o cavallo deixa de purgar, sempre he mui necessário darlhe alguns passieyos todos os dias de mão, trazendo-o mui bem cuberto, & com antolhos se se inquietar, porque o não provoque a inquietaçãõ a movimentos fortes, & violentos.

Alguns aconselhaõ que os cavallos estejaõ desferrados aquelle primeiro tempo do verde, porém não he regra geral, nem eu me acomodo a ella, mas sómente a acho conveniente para aquelles cavallos, que por mui duros, & empedernidos dos cascos, se tem perdida a boa fórma delles, com a destemperança endurecida, os quaes com a brandura, & humidade do verde

queiramos contemperar, abrindo-os a meúdo com o puxavante até os reduzir a sua natural fórma, como diremos no Tratado da Alveitaria.

## CAPITULO XIV.

*Como se devem ensinar os potros, antes de serem montados a algumas cavallarias, que não dependão de pezo, ou trabalho, & como se lhe ensinão as cortesias, pondo hum joelho, ou ambos em terra.*

**S**ÃO tão doces os cavallos, & aptos para aprenderem tudo quanto lhe ensinam, que em huma Cidade de Napoles, que se chamava Sibari ( refere Plinio ) ensinavaõ os cavallos a dançar ao som de huma sanfonia, & o faziam perfeitamente. Antes que os potros cheguem à idade, & tempo de serem montados, se lhes podem ensinar algumas cavallarias que não sendo violentas; que os maltratam, as concebem naquella tenra idade, com mais facilidade, & apreheção. Como os caens de perdizes, ou de coelhos, q̄ em pequenos se ensinão a darem voltas, terem sofrimento, & trazerem ás mãos, com que depois vam para o monte meynos ensinados. Assim o potro em quanto novo se pòde ir metendo seguramente nestas cavallarias, que se seguem.

Porfelle ha o cabeçaõ, & com elle levado aonde aja terreno brando, ou areal, & em falta se lhe podem deitar alguns cestos de area meüda, ou terra branda, ou palha no lugar do manejo, & alli se prenderà entre dous piloës pelas argolas dos lados do cabeçaõ, com cordas seguras, para que se defengane de que não pòde soltar-se, & alli posto, lhe poderão ensinar as cortesias facilmente, fazendolhe pôr hum joelho, ou ambos em terra, para o que, primeiro he necessario que lhe ensinam a que ponha ambos, porque depois fica mais facil de aprender a pôr hum só, & assim estarão duas pessoa dos lados,



com hums açoutes de correas brandas, postas nas pontas de dous paos, & com ellas dará ao mesmo tempo em huma, & outra mão do cavallo, até que elle ponha os joelhos em terra. E em caso que não acabe de obedecer, lhe prenderão nas quartellas em cada huma sua corda, pelas quaes ao tempo que elle estiver remexendo as mãos, com as pancadas dos açoutes, lhe puxarão brandamente por detraz, até que com effeito venha a dobrar os joelhos, & tanto que os pozer no chaõ lhe acudirão logo as pessoas, que tem os açoutes com huma folha de couve, erva, ou pão, affagando-o, & movendolhe o cabeçaõ, para que venha a cair em que acertou com o que querião d'elle. Porque o affago, & o castigo; são a lingua que estes animaes mui bem entendem.

Logo dahi a hum pouco se lhe tornará a fazer o mesmo, continuandolhe esta lição alguns dias, & fazendolhe sempre algum som, & final de boca no mesmo tempo, em que o estiverem castigando, porque depois de se continuarem alguns dias, virá a pôr os joelhos só com ver os açoutes, & depois só com o final, & som de boca. E quando quizerem que não ponha mais que hum joelho, bastará sómente ameaçalo de huma parte, & se não bastar, & os quizer pôr ambos, se lhe atará na mão, que não ha de dobrar, huma corda, que terá outra pessoa de diante segura, com que virá o comprehender huma, & outra cousa, & depois quando o montarem só com o final de boca, ou com lhe chegarem com a ponta do estribo à primeira junta da mão, ajoelhará logo, & então

se poderá ensinar a dar alguns passos atraz, &

adiante para fazer as cortesias com medida, & concerto.



## CAPITULO XV.

*Como se ensina hum potro a que ponha a barriga em terra, para que cavalguem nelle, & que se não levante, se não quando o cavalleiro quizer.*

**P**Ara se ensinar hum potro a que se ponha com a barriga em terra, & se não levante em quanto o não mandarem, se ha de prender entre dous piloës, na fórma que dissemos no capitulo acima, alli, o haõ de castigar quatro pessoas com os açoutes brandos (que avemos dito) em pès, & em mãos juntamente, atè que venha a dobralos todos, & a deitar-se. E se com isso não obedecer ferá necessario atarlhe nos pès, & mãos quatro cordas, puxando ao mesmo tempo do castigo as duas dos pès para diante, & as das mãos para traz, fazendo a este tempo algum sinal sempre, ou som de boca, & logo que for ao chaõ, se lhe acodirá com as folhas, de erva, ou paõ, affagando-o a sy deitado dandolhe alli de comer, por algum espaço, & alli mesmo lhe desatarão as cordas, alargarão o cabeçaõ, & o deixarão levantar, & fazendolhe outro sinal, ou sou de boca ao levantar muito diverso, do que se lhe fez para se deitar; & o levarão para a estrebaria, & continuandolhe esta lição todos os dias duas vezes, a virá a fazer brevemente, & cõ tanta facilidade, que em o trazendo ao lugar da lição, vendo os açoutes, ou ouvindo o sinal, se porá logo com a barriga em terra, por aver entendido que só com a facilidade de o fazer, se livra daquelles castigos, & grangea os affagos, & quando elle nos principios depois de deitado, se quizer tornar a levantar, antes de esperar o sinal, se lhe acudirá logo com os castigos de voz, & açoutes a estranharlho, que depois o virá a fazer com tanto medo, & sentido no sinal, como o caõ de perdiz, a quem poem o paõ na testa, & ficando com esta doutrina se poderá depois mandar abaixar para montarem nelle todas as vezes que quizerem.

## CAPITULO XVI.

*Como se deve ensinar hum potro para que cabindo na campanha, ou batalha siga a seu senhor, & torne a subir-se nelle.*

**J**A' tenho mostrado no terceiro capitulo deste livro por experiencias claras o quanto sejaõ reconhecidos os cavallos do bem, ou mal, que se lhe faz. Como vemos ordinariamente ( ainda nos menos castigos, em que não ha tanta docilidade ) que vendo entrar na estrabaria seu senhor, ou as pessoas, que costumão affagalos, & pensalos, dão rinchos, fazem meneyos com a cabeça, orelhas, & a legria de olhos, como em demonstração de gosto, & reconhecimento. Com que não ha que duvidar em que o potro comprehenda toda a doutrina, em que o souberem indus-triar.

Tanto que o potro for tirado para o lugar do ensino, & prezo a hum poste pelo mesmo cabeçaõ, deixando-o só, sem alli apparecer seu senhor, se chegarão a elle tres, ou quatro homens, ou mais, cada hum com a espada nua na mão, açoute, ou vara na outra; & andando todos em torno ao redor do potro, o irão açoutando, & ameaçando com as espadas desparando tambem alguns tiros de polvora, & logo, vendo-se o potro neste aperto desesperado, virá pela parte de diante seu senhor, & se irá chegando a elle, fazendo fugir os homés todos, & o tirará do pilão, & affagando-o o levará atraz de sy, dandolhe pão, ou ervas.

Depois de se fazer nesta fórmula isto alguns dias, se acrescentará o segui em os homens o potro, chegando-lhe alguma vez com o açoute, & sempre com as vozes asperas, fogindo ao mesmo passo com elle seu senhor; repetindo isto muitas vezes, até que o potro venha bem aperceber, que só seguindo, & chegando-se bem para o senhor, que o livra, pôde fugir, & escapar aos rigores daquelles grandes castigos: com o que depois solto, & livre, entre qualquer pendencia, ou batalha seguirá, & buscará sempre a seu senhor.

## CAPITULO XVII.

*Como se hade ensinar hum potro a bater com a mão a huma porta.*

**A**inda que este capitulo seja de pouca importancia, como seraõ outros, ha com tudo pessoas taõ curiosas, & inclinadas a ensinar varios brincos aos seus cavallos, que desejaõ exercitar com elles tudo o que pòde dar a arte.

Para se fazer que o potro saiba bater a huma porta, he muito facil, chegando as primeiras vezes a hũa meya porta fechada, aonde elle por cima mera a cabeça, & pescoço dentro, & naõ possa passar o corpo, & alli prezo para dentro, lhe estarãõ dando com hum açoute naquella mão com que quizerem que bata, & querendo levantala, & defendela, virá a bater com ella, como quando elcava, & tanto que der duas; ou tres vezes, se lhe darà logo erva, ou paõ, com que virà em breves dias a perceber, que só com o escavar, & bater da mão se livra do castigo, & se lhe offerece o comer, & depois de montado em lhe tocando com o estribo, ou ponta da vara aquella mão, chegando a qualquer porta baterá logo cõ ella sem difficuldade, ou fazendolhe algum sinal com que o ajaõ costumado.

## CAPITULO XVIII.

*Como se devem ferrar os potros, & as caudelas, que nisso deve aver.*

**T**anto que se vir que o potro está já manso, & que com o uso de lhe levantarem todos os dias os pès, & mãos, para lhe alimparem os cascos, batendolhe muy bem nelles o naõ estranha já, estando a tudo quie-

to, se trate entãõ de o ferrarem com a mayor brãndura, que for possivel, porque de outra sorte, & de os começarem a ferrar cõ aziares, & outros castigos, & violencias, vem depois a temerem os ferradores, & a ser necessario para os ferrar, metellos em potro, & prisoens fortes com muito trabalho.

Nas ferraduras se não pòde dar regra geral, quaes sejaõ as melhores, porque devem ser confõrme os cascos, & as feições, ou defeitos, que no pè, ou maõ ouver, para os ajustar, & remedear. E assim se deve advertir, que para o potro, que tiver as quartellas cõpridas, devem ser as ferraduras mais entaloadas, & encorporadas atràs, que adiante, deixandolhe da mesma sorte mais casco atràs nos candados, do que adiante no lume, & ponta do casco: porque com esta prevençãõ se evita; & remedeia o defeito, de que as quartellas compridas, não venhaõ a derrubar-se, & pelo contrario se deve usar em tudo isto com os que tem as quartellas curtas.

E se o cavallo for esquerdo de alguma maõ, pè será o canelão da ferradura mais grosso daquella parte para donde troce, & calcã canha a maõ, & deixandolhe da mesma parte mais casco para que a iguale, & a endireite. E tendo os cascos vidrosos, pequenos, & quebradiços, devem as ferraduras ser delgadas, & leves, porque as grossas, & pezadas os quebraõ, & arrançaõ.

E tendo o cavallo os cascos muito brandos, a que chamaõ, (casti molli) he bom remedio depois de lhe fazerem o casco com o puxavante, & provarem a ferradura, que esteja certa, metela no fogo, & porlha vermelha hum pouco, porque faz assento, & tempèra muito o casco, & o fortifica; entãõ como arrefecer, pregala.

Sendo o cavallo de bons cascos, he bom, em quanto potro; trazelo com ferraduras grossas, & pezadas, ao menos nas maõs, porque assim se costumaõ a levantallas melhor.

E geralmente se deve advertir, que toda a ferradura seja de ferro mais brando, ficando ao atarracar muito plaina por dentro, & muy bem banhada, & escoada para o vão do casco, porque não assente na palma, mas sómente na tapa em redondo, por junto ao debrum da ferradura. E que as craveiras sejaõ abertas, & muy

to largas pela parte de fóra , para que a mayor parte da cabeça do cravo entre , & se encaixe nellas , & pela parte de dentro que não tenha mais largura que aquella , em que caiba a haste do cravo , tendo as taes craveiras apartadas humas das outras , porque indo os cravos juntos apanhaõ facilmente huma parte do casco , & o arrancaõ , sendo estas craveiras nas ferraduras dos pès feitas mais atraz alguma cousa , & nas mãos mais adiante , por causa de que nos pès ha mais grossura na tapa atraz , & mais adiante nas mãos .

E sobre tudo deve o cavalleiro ter sempre os seus cavallos ferrados , que alguns ha que lhe não lembra , se não na hora que lhe são necessarios , em que o ferrador , tal vez com pressa , & menos advertencia , os desbarata , & como na conservaçaõ dos cascos consiste todo o serviço do cavallo , & por falta de hum casco , & de huma ferradura se mal logra muitas vezes hum intento de importancia , de que nasceo dizer hum curioso : que por huma ferradura , podia perder hum Reyno , seguindo aquellas consequencias , de que pela perda de huma ferradura , se perdia hum cavallo , & por hum cavallo hum General , & por hum General hum exercito , & por hum exercito hum Reyno . Com que deve todo o cavalleiro mandar ter com os cascos , & ferragem do seu cavallo todo o cuidado .

E ainda nas jornadas que fizer , será necessario mandar levar a hum lacayo huma ferradura , de que me tenho servido muitas vezes , & dado a invençaõ , & molde a muitos amigos , das quaes deve ter sempre algumas todo o cavalleiro curioso , & amigo de conservar os seus cavallos , porque as faz qualquer official com muita facilidade , & com a informaçaõ sómente , sem que lhe seja necessario ver outras .

Esta ferradura , se faz por baixo no affento , como as outras , tendo juntamente por toda ao redor huma cinta , forjado tudo inteiriço , levantada como a que tem o fundo de hum pannel , que tenha altura de dous dedos , a qual vem cingir o casco pelo meyo del le em redondo , ficando só aberto , & livre aquelle espaço , & lugar dos candados , como fica nas ferraduras ordinarias . Nesta cinta , que abrange o casco , se haõ de fazer quatro baracos de huma

parte,

parte, outros tantos da outra no alto della naquella direitura, aonde costumão fahir as pontas dos cravos ordinarios, em os quaes haõ de estar sempre huns perafusos, que andem ajustados com roscas, & se apertem, como os de espora de çapato, comprimindo de huma, & outra parte o casco, que como he mais estreito em cima, do que em baixo, se não pôde fahir a ferradura, & haõ de ser plainos nas pontas, & não agudos, porque não são para entrarem, ou penetrarem o casco, & sómente servem de o apertar de huma, & outra parte, segurando a ferradura, & como esta se affirma com se apertar com mais, ou menos comprimento dos perafusos, vem a servir em qualquer casco sendo ordinaria, ainda que huns sejaõ maiores, que outros, & duraõ muito tempo, fervindo em muitas occasiões; porque tanto que o cavallo se desferra se lhe poem a ferradura, até chegar aonde aja ferrador, & se guarda para outras semelhantes necessidadas, conservandose os cascos sem se desbaratarem.

## CAPITULO XIX.

*De que idade, & com que cautela se deve começar a pôr a freyo, & sella ao potro, & como se ha de subir nelle.*

**S**endo o potro de tres annos, he tempo de se ir costumando à sella, & freyo, porque sendo já de maior idade, & forças, será mais aspero, & difficuloso de reduzir, porém he necessario ir com muito tento, & paciencia nestes principios, porque delles se segue o fazer bom, ou mau cavallo.

O primeiro freyo, que se deve meter ao potro, será leve, brando, & sem cousa de asperiza, embrulhada no bocado huma estriça untada de mel, & sal, a barbella larga, & com o freyo posto sómente desta maneira o deixarám estar prezo a huma argola fóra da estrebaria, huma, ou duas horas cada dia, & estas podem

podem ser aquellas, que se gastaõ em quanto o alimpaõ, & almo-  
fação.

Depois de feito o acima dito lhe porãõ algumas vezes junta-  
mente com o mesmo freyo o cabeçaõ ; & pelas redeas delle o po-  
dem ir levando hum, ou dous moços da estrebaria a passear, & f-  
forcejar muito lhe porãõ primeiro os antolhos, andando com elles  
algum pouco, atè se ir costumando : isto se fará alguns dias de ma-  
nhã, & tarde sem subire n nelle.

Irse lhe ha pondo a sella na mesma estrebaria, avendolhe pri-  
meiro posto os antolhos, para que não faça estrondos, vendo vir  
a sella sobre sy : & as primeiras vezes lhe não meterá rabicho, dei-  
xando-o estar cõ ella, comendo na manjadoura muita parte do dias  
ao depois lhe irãõ pondo algum pezo sobre a mesma sella mui bem  
atado, de pedras, ou areia em hum sacõ, & se lhe irãõ acrescentando  
cada dia atè ser pezo de hum homem, com o qual o irãõ tirando da  
estrebaria cõ o freyo, & cabeçaõ pelas redeas delle, & assim o pas-  
searáõ mui bem alguns dias, tambem de noute por onde aja partei-  
ros, & ferreiros defenganando-o, sem o castigarem daquillo, de que  
tiver medos atè de todos os perder.

Depois sendo já de tres annos, & meyo com segurança, & sem  
remor o podem ir montando, & cariciando, & sempre ao subir, &  
decer dandolhe huma folha de couve, ou alface, & se fizer alguma  
repugnancia, que mostre ser malicia, & não brutalidade, se lhe es-  
trahará com a voz, & com algum castigo de vara, ou açoute leve as  
primeiras vezes. Subindo nelle se não servirãõ das redeas do freyo,  
mais, que para acompanharem o cabeçaõ, porque sobre elle ha de  
levar o potro todo o pezo, & força da cabeça, tomando no meyo  
da mão esquerda huma redea do cabeçaõ, & nos dedos da mesma  
mão as redeas do freyo froxas, & na mão direita a outra redea do  
cabeçaõ sómente, que com huma, & outra hade ir governando o  
potro para esta, ou aquella parte.

Sendo de natural muito inquieto, & furioso, como alguns  
sãõ, ataráõ duas cordas nas segundas argolas, que estaõ das ban-  
das do cabeçaõ, & pegando dous homens nas pontas, hum de  
huma parte, outro da outra, o irãõ assim levando direito, sem po-  
der



der inquietar-se, nem fugir, nem andar mais que aquillo que elles quizerem, fazendo isto algumas vezes atè de todo se ir costumando, & amansando, & como andar livremente bem manejado com o cabeçaõ, se lhe irãõ pouco a pouco tomando, & ajustando as re-deas do freyo, alargando mais as do cabeçaõ, atè que venha a entender o freyo de todo: & se vá mandandõ, & governando por elle, usando o cavalleiro sempre de toda a mayor brandura de maõ que ser possa, porque daqui he que os cavallos por boa maõ ficãõ firmes, brandos, & bem entreados, ou pelo contrario avendo roim maõ, asperos, encapotados, & defabridos.

## CAPITULO XX.

*Das diversas causas, porque os cavallos não enfreãõ, & como não le só procedido da boca ( como muitos erradamente imaginãõ, & ordem, que nisso se deve guardar para os enfrear com perfeiçãõ, para o exercicio da Brida.*

**T** Em mostrado a experiencia, & não repugna a razaõ, que para se entream, & doutrinarem os cavallos, especialmente para o exercicio da Brida, se não devem enfrear logo em potros, com o mesmo freyo, & canhão, com que depois se haõ de ajustar, para lhes servirem quanto viverem. A primeira razaõ que ha para que assim seja, he, que hum potro novo não tem tanta força, & vigor para receber hum canhão forte, ou pezado, como hum cavallo de seis, ou sete annos; & metendolhe este não podendo resistir-lhe, se entrega logo a encapotar-se, abaixando a cabeça, & fazendo thesou-ras, & outras fealdades. A segunda he, que todos os potros, ainda que as bocas sejaõ aquellas, que depois vem a ser duras, o não são nunca naquella tenra idade em que todos tem as gengivas, & assentos tenros; & com aquella dor, & sentimento, que recebem dos freyos fortes, andãõ tristes, & sem concerto, & tratando de  
lhe

lhe resistir, ou se poem espapados, ou andaõ demandando as cambas com o beijo, sem trazerem o sentido em fazer cousa; que bo seja, o que não succede, depois que usãõ os freyos, & endurecem mais nos assentos, & na idade. A outra razaõ he, que os cavallos que naturalmente forem de feiçoës, & natureza duros de boca, d assentos, ou barbata, costumados logo em potros tenros a freyo fortes, ganhaõ callos, & mayores durezas, & entãõ que meyo fica para se enfream assim duros, & calosos na idade mais forte, & vigorosa? Com o que direy o melhor modo, que me parece, & que a experiencia me tem mostrado, para enfrear a todos, & quaeque cavallos de diferentes naturezas, que sejaõ.

O primeiro freyo, que ponho a todos os potros junto com o cabeçaõ, & logo depois sem elle, he huma Brida leve ajustada com o tamanho da boca, com dous cubos grossos, lizos sobre os assentos, que peguem no meyo com dobradiça, & acima dos cubos huma, ou duas cadeasinhas mui bem cubertas de coscos lizos, & mivediços, barbella grossa de fuzis lizos, & redondos, cambas curtas, & com copos largos, porque impedem muito a que as tomem com o beijo, & com freyo desta sorte vou metendo o potro depois do passeio, a todo o manejo, & vendo que me anda bem enfreado, & ajustado, não mude de freyo, & se vejo que hum potro espapa, & traz a barba mui levantada, sem lhe mudar de bocado, lhe mando acrescentar ao comprimento das cambas, dandolhe mayor queda, & volta para o pescoco, & peito do cavallo, & se vejo que encapota, & mete muito a barba ao peito, mandolhe encurtar mais as cambas, & aperto hum ello na barbella, com que ficar remedeados estes defeitos.

Logo depois que vejo que o potro com as forças vai tomando toda a coragem, & está já vigoroso, & na perfeicão de sua idade, puxando muito do freyo, ou saindose nas voltas, & na carreira, & que mostra já os efeitos proprios de sua natureza, trato de o enfrear com propriedade, consõrme a ella, & às feiçoës, & defeitos, que mostra, tendo por certo que não ha cavallo algum, que não seja capaz de se enfrear, porque como este animal foy criado para o serviço do homem, seria improprio de servir, sendo incapaz

capazes de enfrear, & que o acharemse muitos desbocados, & sem obediencia, ao freyo he sómente procedido de não saberem entender, como se devem enfrear, nem donde nasce este defeito.

Para que primeiro he necessario, que se aja entendido que são muitas as cousas, porque os cavallos não enfream, as quaes hurey relatando, & que não he só da boca, como alguns Authores erradamente imaginarão. Porque os cavallos huns não enfream, ou enfream mal pela condição de ardentes, & desesperados, outros pela de letdos, & pouco sensiveis; outros pelo pescoço ser grosso, & carnudo junto às queixadas, outros por terem os ossos da ganacha, ou queixos mui estreitos, & chegados hum ao outro, com que o cavallo não pôde meter o pescoço entre elles para recolher a cabeça, outros porque tem esta mesma ganacha tão larga, & aberta, que tendo alli o pescoço, & garganta delgados, recolhem tanto a garganta entre as queixadas, que lhe impede a respiração, de que a estes nasce ordinariamente espaparem algumas vezes, & darem para cima cabeçadas, outros de terem a taboa do pescoço muito comprida por cima, & muito curta por baixo, de que lhes nasce trazerem a barba muito baixa, & arcada para os peitos, outros de terem a cabeça tão grande, carnuda, & pezada, que não podem trazer armada, & levantada em alto, outros por terem a barba mui dura, outros pela terem muito escarnada, outros por terem a lingua muito grossa, que não deixa assentar o freyo, outros, que por terem a lingua mui comprida a redobração no freyo, & sorvem para cima, tirando os assentos, outros porque dobração os beiços para dentro sobre os assentos, ficando o freyo em cima delles, com que não recebem o sentimento necessario, outros porque os assentos por sy são naturalmente duros, & de pouco sentimento, outros porque são tão doces, & doridos delles que em se tocando o freyo, se derribão todos para traz, não dando lugar a que se possa pegar, & afirmar na redea, outros porque dão em vicios procedidos ordinariamente de ruins mãos, como são andarem sempre transformando o freyo, metendo huma, ou outra camba na boca, fazendo thefouras, deitando a lingua fóra, sopessando o freyo, torcendo a cabeça

beça para esta, ou aquella parte, dando fochinhadas adiante, & outros mais vicios, sem se ajustarem, nem tomarem firmeza de rosto, para cujos defeitos hiremos dando os remedios, & declarando-os o melhor que for possível; suposto que o olho, o bom discurso, & disposição do cavalleiro seja o principal para saber conhecer os erros, & applicar os remedios.

## CAPITULO XXI.

*De como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por fogosos, ardentes, & esquentados, não enfreão*

**N**ÃO enfreão alguns cavallos, que são esquentados, & ardentes da boca, porque sendo naturalmente fogosos, com a muita payxão perdem o tino, & sentimento, & como desesperados fogem, & se despenhaõ, servindolhes entãõ o puxar da redea, & molestia do bocado mais de espõras para fugirem, que de freyos para os fogueitarem.

Estes cavallos os ajusta mais a boa tempera de mão, do que o rigor dos freyos, & que o cavalleiro os não meta em desesperaçãõ com sofreadas, ou fortes esporadas, de que estes taes poucas vezes necessitãõ, dandolhes penfos frescos, & não sopas de vinho, & outros sustentos fortes, que lhe acrescenciaõ o calor.

A estes não convem freyos de assento fixos, porque como o temor os enfrea mais, do que o rigor, não ha de aver cousa, em que os assentos peguem com firmeza, para o que he conveniente hum freyo de quatro cadeaslinhas, cheyas todas de coscos, & aneis lizos, as cambas compridas, mas de sorte que o cavallo as não possa pôr no peito, se elle for mui recolhido, que entãõ serão curtas, & dizeitas, a barbella grossa, & posta em ponto largo, & deve a mão andar sempre leve, & não aferrada. E quando o cavallo tomar muita payxão, & se enfadar, será necessario ilhe bracejando a redea, com que se irá logo ajustando, & se corren-

do, ou voltando se sair, ou se alargar, he remedio efficaç largarlhe a redea toda, para logo lha tomar de repente, com que paraõ, & andaõ temerosos, & obedientes sem nenhuma outra violencia.

## CAPITULO XXII.

*Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por froxos, pesados, & de pouco sentimento não enfreadõ.*

**O**S cavallos lerdos, pesados, & de pouco sentimento nunca podem enfrear muito airofos, porque como são de pouco animo, & espirito, sempre andaõ tristes, & desconsolados. Convem a estes, freyos que os esperem cõ montada alta, & sem dobradiça, melcões grossos, & arrayados, cambas compridas, & não mui revoltas, barbella de ellos torcidos, & delgados. Querem a mão mais viva, & aspera, para andarem mais recolhidos, leves, & cuidadosos, & rambem os ajuda muito a que tragaõ o rosto levantado, a espora, que os esperte.

## CAPITULO XXIII.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por muito doces, & brandos de boca, a que chamaõ (boqui molles) não enfreadõ.*

**O**S cavallos mui doces de boca, & que nella são muito sentidos, a que chamaõ (boqui molles) são aquelles, que com qualquer minima soffreada, ou escandalo, que se lhe faça na boca, ou seja estando nelles a cavallo, ou tendo os o lacayo pela redea, se levantaõ, ou deixaõ cair para trás, & andando com freyos, que os moleste, nem anda seguro o cavalleiro de poder cair com elle, nem he senhor de si com o temperilho, & movimento da redea. Estes se enfreadõ facilmente com hũ bocado leve de cubos grossos, q̃ peguem cõ dobradiça hum no outro, vazios por dentro, para que sejaõ leves,

mui

muy lizos, com huma cadeafinha acima delles, cuberta de coscos lizos, barbella de ellos grossos, & lizos, tudo isto na medida da boca, para que não ande transtornando, & por isso não ha de andar a barbella froxa, que faça mover muito as cambas, que hão de ser delgadas, & leves nas pontas.

## CAPITULO XXIV.

*Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem o pescoço muito grosso junto às queixadas, não enfream.*

**H**A alguns cavallos, que tem o pescoço muito grosso, & carnudo junto às queixadas, tão juntas huma da outra, que suposto que tenha o cavallo bom temperamento de boca, & inclinação, lhe não he possível meter a cabeça por não poder recolher o pescoço entre as duas queixadas. Para estes o melhor remedio he tirarlhes de hũa, & outra parte aquella carne grossa, que faz este impedimento, o que se faz com muita facilidade, sendo alveitar esperto, cujo methodo se poderá ver ao diante no Tratado da Alveitaria cap. 40. com que ficará logo remediado, porque todas as demais cautelas para este defeito são inuteis.

## CAPITULO XXV.

*Como se devem enfrear, & remediar aos cavallos, que por terem a cabeça muito grande, & pezada, não enfream.*

**A**Lguns cavallos ha, que tem a cabeça tão grande carnadura, & pezada, que não a podem levantar, & trazer armada como convem, & com este defeito não só parecem mal, mas tambem dão grande molestia, enfado ao cavalleiro, pelo pezo, com que carregando no freyo lhe canção o braço, por onde disse hum cavalleiro com muita graça indo em hum cavallo destes, a hum seu amigo, que lhe preguntou, para donde marchava? Amigo, vou levar

vat a cabeça deste meu cavallo a Viana.

Eltes querem os freyos com montadas altas, & carretilha no alto della, a barbella de ellos oitavados, com quinas vivas, & pegada no alto do olho da camba, que serão curtas, & sobre tudo trazellos muito tempo sobre o cabeçaõ, para se affirmarem alto, lhe remedeia muito este defeito, & trazendolhe depois com o freyo só, a mão aspera; & levantada, avivando o muitas vezes cõ esporas.

## CAPITULO XXVI.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem o pescoço muito comprido por cima, & muito curto por baixo, não enfream.*

**M**uytos cavallos ha, que pelo alto da taboa por donde vão as crinas, tem muito comprimento, & pela parte de baixo do peito atè as queixadas são muito curtos, de que lhes nace trazerem a barba muito baixa, & o pescoço arcado para os peitos, a que chamaõ encaportados, & por mais variedades de freyos que se queraõ excogitar, se não podem nunca levantar, com que armem bem airofos. Contudo muito se emenda este defeito, com lhe porem freyo de cambas curtas, sem volta, alto de montada, & com tres perinhas penduradas nella, porque querendo-as alcançar a lingua, vão levantando mais o rosto, os assentos dos melcês compridos, & a barbella leve, & de ellos lizos, & sobre tudo a mão alta, & adiante, & não bastando estas prevençoens, se fará huma bolla de paõ leve, como huma laranja, & furada pelo meyo, se meterá nella hum cordaõ ou correa, que aperte debaixo do freyo por detraz das orelhas, com que fique a bola de baixo da ganacha, entre o pescoço, & as queixadas, porque com este remedio não podem meter a barba nos peitos, & assim se entrefrea melhor, & mais levantado.

## CAPITULO XXVII.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem o pescoço muito delgado, & a garganta, metendo muito a cabeça tomão a respiração, & não enfreão.*

**H**A alguns cavallos, que tem a ganacha, & ossos das queixadas tão largos, & apartados hum do outro, que tendo juntamente o pescoço alli, & a garganta escarnada mettendo muito a cabeça, se recolhe tanto a garganta entre a ganacha, que lhe impede o tomar da respiração, de que nace ordinariamente darem cabeçadas para cima, & para diante, & espaparem, tudo a fim de quererem respirar, & valer-se dos alentos, os quaes trazendose oprimidos, & apertados de redea suaõ, & cansão muito com qualquer trabalho violento; porque não respirando bem se affogaõ mais depressa.

O remedio para estes, he por lhes freyos brandos, que os não tomão muito, & trazelos sempre em ponto largo de redea, & com mão firme. E se nem assim bastar, he bom remedio, por selhes huma correa, que debaixo da testeira do freyo venha dar volta por o redor da ganacha, & vá pegar da outra parte da testeira, que ficando teza lhe impedirá o recolher a garganta, com que ficará este defeito de todo remedado.

## CAPITULO XXVIII.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a barbada muito carnosa, não os castigando a barbella, não enfreão.*

**M**Uytos cavallos tem a barbada, que he o lugar aonde assenta a barbella tam grossa, & carnuda, que só trazendo aquelle lugar ferido, & chigado se enfreão. Com tudo nam he bastante isso, para que os firmamos primeiro que nos ajamos de servir delles.



Com que se costuma remedear este defeito, pondolhe o mayor vigor do freyo dentro da boca, para que com menos resistencia da barbella se logeite.

Os freyos para estes taes cavallos se querem de meloës redondos, & que andem bem ao redor, & de montada inteiriça, as cambas altas no que vai do assento para cima, a barbella grossa, liza, & redonda, as cambas não mui compridas, salvo se o cavallo levantar muito o rostro.

## CAPITULO XXIX.

*Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem mui escarnada a barbada, & beiços não enfreão.*

**H**A tambem cavallos tam delgados dos beiços; & escarnados de barbada, que cõ pouca força de redea se lastimão muito, recebendo alli grande dor, por não aver entre a barbada, & osso carne alguma. com que resistião á violencia da barbella, & com este sentimento se não acomodão aos manejos da redea, porque a dor grande os diverte de entenderem o que lhes mandaõ com a redea para esta, ou aquella parte. Este inconveniente he facil de remedear, para os trazer sabrosos, com lhe pór freyos de meya montada assentos de meloës oitavados, leves, & de cambas delgadas nas pontas, & voltadas, barbella de ellos lizos, redondos, & grossos.

## CAPITULO XXX.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a lingua muito grossa, não enfreão.*

**H**A cavallos, q̃ tem a lingua em tão grande extremo grossa, & carnuda que ficando mais levantada, que os assentos, não deixa assentar nelles o freyo em seu lugar, ficando levantado dos lados, com o que se anda balanceando para huma, outra parte sem assentar, & não tomando firmeza, não recebe o cavallo obediencia.

Este inconveniente se remedeia, com se lhe pôr freyo de montada larga, com dobradiças nos pés della; os assentos grossos, & altos dos que chamaõ de tambor, barbella torcida em ponto largo, cambas compridas. E se isto não bastar para que a lingoa caiba livre, sem resfritir ao freyo, se usará de outro de meya montada, que no pés della aonde chegaõ os meloës, ou tambores, q̄ haõ de ser muito curtos, tenha huma queda para cima, para que a lingoa fique alli livre, & não empida que os tambores dos assentos, assentem em seu lugar, com que ficará o cavallo fogueitando-se ao freyo, sem lhe servir de empedimento o effeito da lingoa grossa.

### CAPITULO XXXI.

*Como se deve n enfrear, & remediar os cavallos, que por terem a lingoa muito comprida a trazem de fóra, ou revolvendoa ao bocado o sobem acima, & não enfreão.*

**C**avallos ha, que tem a lingoa tam comprida, que volta a ponta della por baixo do freyo para cima, & tirando-os dos assentos não he possível ajustarem-se, nem obedecerem como convem, & outras vezes deitaõ a ponta da lingoa fóra, trazendoa dependurada, que he defeito mui feyo, & que parece malissimamente.

O erro do forver o freyo para cima, se remedeia facilmente com se lhe applicar de montada alta, & com travessas de coços, que venhaõ do alto da montada pegar na camba acima do lugar dos assentos, o bocado justo, & a barbella de tres ellos, ou fuzis sómente, compridos os dous das bandas, & curto o que assenta no meyo da barbada, & que ande justa, & firme, as cambas compridas, & bem voltadas para os peitos, & assim para este defeito, como para o de trazer a lingoa de fóra, he o melhor remedio cortarle aquella parte, & comprimento della, que parecer superfluo, que sem risco algum se faz com facilidade pelo modo que se pôde ver no Tratado da Alveitaria capit. 21. advertim.

indo q̄ muitas vezes se costuma remedear este deffeito nos principios, quando os cavallos começã a mostrar este vicio, sómente com aver cuidado de lhe dar com hũa vara na mesma lingua quando começã a deitala fóra: pelo que sempre se deve recorrer primeiro aos mais faceis remedios.

## CAPITULO XXXII.

*Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que metendo o beijo de baixo do assento do freyo, & não recebendo entã sentimento, não enfreãõ.*

**C**omo os freyos por brandos que sejam, sam sempre molestos aos cavallos, lhes fazem buscar naturalmente todo o remedio para que se aliviarem daquella opressã. Ha alguns cavallos que se valem de meter parte do beijo entre o freyo, & assentos das gengivas, por ser aquelle mais duro, & ter mayor resistencia do que estes, & assentando o freyo sobre os beijos senã enfrea, nem fogeita o cavallo. Para o que he só remedio efficaz, o freyo de cubos, nascendo do principio delles huma paleta de ferro do comprimento de tres dedos, & menos, atravessados, de largura de huma face estreito, & da grossura da cota della mui liza, & nedeã por huma, & outra parte, a qual vem a ficar entre o beijo, & a gengiva, sem que moleste a esta, nem aquelle. E este remedio escusa humas subarbadãs de cordas quebradiças, & molestas ao cavallo, que alguns Authores, como Pedro de Aguilar, & outros, a conselhaõ. As cambas devem ser direitas, a barbella justa com que ficará o deffeito de todo remedeado, não se podendo valer o cavallo do tal vicio.



## CAPITULO XXXIII.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos; que por andarem sempre transtornando o freyo na boca para huma, & outra parte, & sem tomarem firmeza, não enfreão.*

**H**A hum vicio, em que dão muitas vezes os cavallos procedidos ordinariamente de roins mãos, & de não aver nellas a firmeza, & temperança necessaria, que he andarem sempre transtornando o freyo para huma, & outra parte, sem se ajustarem, nem affirmarem o rosto.

Estes querem freyos de assentos fixos, & lizos, com duas cadeafinhas de coscos acima delles, para que tomem gosto, & firmeza na boca, & sem montada, justo o bocado, a barbella firme, de ellos outavados, & retorcidos, & não muito grossos, para que a molestia da barbella o devirta da inquietação da boca, as cambas curtas, & grossas, & sobre tudo a boa mão firme sempre, & em seu ponto conveniente.

## CAPITULO XXXIV.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por meterem huma, & outra camba na boca, & as andarem sempre buscando com o beijo, não enfreão.*

**H**E vicio muitas vezes achado nos cavallos, darem em se defender da fogueição do freyo, com buscarem huma, & outra camba com o beijo até a colherem nos dentes; & alguns ainda deste vicio passão a peyor extremo, que he poremse em fugida tanto que assim as apanhaõ. E com ser este hum defeito dos peyores, que pôde aver, se remedeia com muita facilidade, só com qualquer freyo de Brida, porque não sendo ainda mui confirmados no vicio, costuma bastar para o evitarem trazerlhe no freyo copos redondos, largos, & pegados cõ pès curtos.

Porém os cavallos, que forem já mais confirmados neste vicio, se lhe põem humas travessas no lugar dos copos, cruzadas com outras nacidas da mesma camba, mais abaixo tres dedos, mui bem lavradas, que pareçaõ guarnição do mesmo freyo, com que não podendo o cavallo abranger, sem colher de lado as taes travessas, se desengana logo de poder alcançar a camba, com que se vem a ajustar, & tomar firmeza no enfreamento.

## CAPITULO XXXV.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem sempre a boca aberta, & fazendo com ella tesoura, não enfream.*

**H**A huns cavallos, que tem a boca muito rasgada, a q̄ chamão (boca de ganço) & como o freyo puxa pelo queixo de baixo, a trazem estes ordinariamente aberta, fazendo tesoura com ella para huma, & outra parte, & he deffeito este bem difficuloso de remedear, como o achãrão sempre todos os antigos, & modernos. Vemos com tudo que alguns se remedeão com freyos de montada alta, & barbella apertada, que não volte a mótada a tocalle no padar, cambas curtas, mão doce, & temperada, que aqui importa muito. E quando assim se não remedeie ló a barbella de focinheira, de que se faz menção no cap. 42. o fará trazer a boca fechada, & não fazer tesoura.

## CAPITULO XXXVI.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a boca muito pequena, a q̄ chamamos (boca de coelho) não enfream.*

**H**A rambem cavallos, de tam pequena boca, & tam pouco rasgada a que chamaõ (boca de coelho,) que não se podem enfrear com os freyos ordinarios, porque pondoselhe o freyo adonde acaba o rasgado da

boca, fica sobre os dentes, & se os queremos pôr sobre o lugar proprio dos assentos, não cabe o freyo, ou ficaõ os beiços nos lados levantados para cima, com dissabor, & desgosto do cavallo.

Com hum de dous modos se costuma remedear este deffeito. O primeiro he, pondolhe hum freyo de meloës compridos, & delgados, com hum fio de coscos meùdos acima junto delles, barbella grossa, & liza, cambas curtas. O segundo, & mais efficaz he rasgarlhe a boca dos lados, que se faz na fórma, que dizemos adiante no Tratado da Alveitaria capitulo 21. & com este meyo se lhe ajustará o freyo nos assentos propios, sem difficuldade alguma.

## CAPITULO XXXVII.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por andarem sempre dando cabeçadas para cima, & para baixo, não enfream.*

**M**uytos cavallos ha, que de vicio, & de serem costumados com ruins mãos, andaõ continuamente dando cabeçadas para cima, & para baixo, sem quererem ajustar-se, nem pôr o rosto firme, intentando livrar-se, & facudir da boca aquella mollestia, que lhe daõ os freyos. Para estes convem freyos firmes, & que não balancem, de cubos lizos, barbella de ellos grossos, & grandes, em ponto justo, cambas curtas, com cadeasfinhas dellas para o meyo da barbella, ajustadas, para que não balancem as cambas, & sobre tudo mão firme, & em ponto baixo, & não bastando isto, se usará do cabeção alguns dias, que o fará tomar firmeza, & segurança do rosto.



## CAPITULO XXXVIII.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos espapados, que por trazerem a boca, & rostro levantado para cima, não enfrearão.*

**O** Utro defeito ha nos cavallos que chamaõ espapar, que os Castelhanos dizem ( estrelleiros ) que andaõ sempre com a barba levantada para diante, & com os olhos para a Estrellas. Estes tomaõ este vicio para se defenderẽ da molestia, que lhe faz o bocado, & a barbella, & com o muito levantar da cabeça ao puxar das redeas, se lhe escoa do lugar proprio o bocado dos assentos, & a barbella os não castiga. E não só tem o erro de andarem defabridos, & descompostos, mas tambẽ andaõ sempre occasionados a cair por não verẽ donde poem os pès. Este defeito he mais difficuloso de remedear no uso da Gineta, do que com os freyos da Brida, cõ os quaes se remedeia logo, pondolhe hum freyo de cubos grossos, & lizos, & duas cadeasfinhas acima, cheas de coscos, a barbella grossa, & liza, posta em ponto largo, as cambas bem compridas, & derribadas para o peito, a maõ sempre baixa, & firme, & tambem ajuda muito a que o cavallo se vá ajustando, afirmando, & recolhendo, o trazer a vara, ou bengala atravessada sobre as crinas, & as redeas por baixo della. E quando com estes meyo se não recolha de todo, o fará infalivelmente, trazendo-o com o cabeção primeiro por algũs dias até se desenganar, & afirmar de todo.

## CAPITULO XXXIX.

*Como se devem enfrear, & remediar aos cavallos, que por trazerem a cabeça torta para huma banda, não enfrearão.*

**O** Utro vicio ha muito feyo, & descompsto nos cavallos, que he trazerem a cabeça torta para huma das partes, alguns a trazem torcida para a direita, & para a esquerda outros, com que nam só andam desairosos,

& mal compostos, mas também não podem obrar as cavallarias, como convem.

Muitas vezes se costumaõ remedear, & concertar estes cavallos com lhes torcerem alguma cousa ás cambas, para a mesma parte, para onde trazem a cabeça torta, trazendo as redeas iguaes, & não se concertando lhe torção sómente a camba da mesma parte, encurtando mais a redea da parte contraria, picando com a espõra do outro lado, & bastando isto lhe farão freyo, que tenha da mesma parte para onde inclina o rostro, hum melaõ no assento outavado, grosso, alto, redondo, & a camba da mesma parte também grossa, & pezada, & da parte cõtraria hum cubo lizo, & leve, & também a camba leve, que com isto se remedeará; & quando não baste se recorrerá ao cabeçaõ, que o fará indireitar efficaizmente.

### C A P I T U L O XXXX.

*Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazem a boca sempre seca, & aspera, não enfream.*

**C**avallos ha, que naturalmente trazem sempre a boca seca, & aspera, sinal infalivel de não andarem gostosos do freyo, & ainda que alguns andem fogueitos, & o bedientes a elle, não obraõ as cavallarias com a alegria, & concerto, com que o fariam trazendo freyos, de que gostassem.

A estes se devem pôr freyos de meyas montadas, cheyas todas de coscos, & no meyo do alto della tres perinhas pendentas, os assentos lizos, & que andem bem ao redor, as cambas grossas em cima, & bem delgadas embaixo, o bocado todo de ferro de calda de branda, a mão sempre movente, com que virá o cavallo logo a fazer escuma, & tomar gosto do freyo, andando juntamente ajustado, & mais alegre.



## CAPITULO XXXXI.

Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem os lumbares dos assentos da boca, & da barbada callosos, & endurecidos, não enfreão.

**A**lguns cavallos ha, que pelo muito uso dos freyos, variedade delles, & diversidade de mãos ásperas vem a criar tão grandes callos, & durezas nos assentos, & tambem na barbada, que resistem a toda a força dos freyos mais fortes, sem receberem sentimento algum. E por que este he hum grande erro, & descomodidade, & torna os cavallos incapazes de todo o serviço, não se podendo ninguem servir delles com legurança de sua pessoa, se deve acudir com remedio mais efficaz a este defeito. E deixando alguns incertos, & duvidosos, direy o mais efficaz, & infalivel, que he, cauteriar selhe toda aquella callosidade, assim dos assentos, como da barbada, que se fará na fórma, que se achará receitada no Tratado da Alveitaria cap. 25. com q̄ ficará sem a incomodidade dos cavallos, enfreado como convem.

## CAPITULO XXXXII.

De dous remedios particulares para os dous defeitos em geral mais ordinarios, que são; cavallos muito duros de boca, & muito molles della.

**A**lem do q̄ temos dito em particular nos capitulos atrás sobre os diversos enfreamentos dos cavallos, direy em geral dous infaliveis, para os dous defeitos communs, & universaes, que mais ordinariamente se achão, hum para os cavallos, que fogem, & não obedecem ao freyo, por qualquer causa, que seja, assim de natureza, como de resabio ou dureza; & outro para os que pelo contrario são tam boquimolles, & doces, & medrosos dos freyos, que não andaõ nem obraõ, nem se ajustaõ com medo delles.

Para

Para os que fogem, & não obedecem aos freyos, he efficaz remedio porlhe hum canhão de montada inteira, com peras penduradas do alto della, meloës, grossos, movidiços, & outavados, barbella grossa outavada, & torcida, cambas compridas, & fortes, & se as puzer no peito; curtas, & direitas, & não bastando o freyo assim sómente, se porá nelle huma barbella de cordão que he nesta forma.

Farscha hum cordão de ferro de quinas vivas, torcido, de medida de hum palmo, que tenha mais grossura nas pontas, para que batidas se lhe faça hum furo em cada huma, nos quaes se haõ de pegar humas cadeas finhas, como barbellsas, & o cordão se ha de dobrar à medida do focinho do cavallo, & no freyo se haõ de pôr dous ganchos, como o da barbella ordinaria, cada hũ de sua parte, sem outra barbella, & entã se pega huma destas cadeas no gancho da parte direita, & logo se traz por baixo da barbada a dar volta pela parte esquerda, & acomodando o cordão ao redor do fucinho por baixo da focinheita, venha a pegar a outra cadea ao outro gancho do freyo, que está da parte esquerda, com que fique mui bem ajustada, & vem assim a ficar duas barbellsas sobre a barbada, & por diante o cordão, o qual se pôde alargar, ou apertar pelos mesmos ellos das cadeas, he remedio este, com que não he possível fugir o mais indomito, & desbocado cavallo, porque quanto mais puxa, ou quer abrir a boca, mais se aperta, & atormenta, como a experiencia me tem mostrado muitas vezes.

Para o outro deffeito, que he pelo contrario, se lhe porá freyo, de ferro brando, muito leve, os assentos de cubos grossos, lizos, redondos, cõ duas cadeas finhas de coscos lizos, barbella de ellos grossos, & lizos, cambas leves, & revoltas, & ajustado no tamanho da boca, porque não ande batendo, & se andar com a boca escandalizada, será bom trazerlhe, alguns dias em todo o ferro, que anda dentro da boca embrulhadas, humas estrigas com mel, como dissemos se avia de fazer aos potros, embrulhando na barbella hum couro brando engraxado até que de todo vã tomando segurança.

## CAPITULO XXXIII.

*Advertencias geraes, & muito necessarias sobre o enfreamentos dos cavallos.*

**N**ão obstante o que temos dito nos capitulos atraz sobre os remedios de cada hum dos defeitos dos cavallos em particular, he necessario que juntamente se advirtaõ algumas cousas, que em geral convem liberense. A primeira he, que suposto que alguns cavallos não enfream logo bem com os freyos fortes, convenientes aos seus defeitos, nem por isso, se lhe ha de pôr logo o brando, desconfiando de que não enfreya, porque com algum uso d'elle, se vem a compor, & ajustar, fazendolhe se for necessario acrescentar, ou diminuir alguma cousa naquillo, de que se achar que pôde proceder o defeito. E da mesma maneira ao brando; & doce de boca, se lhe não deve pôr freyo forte ainda que não mostre logo andar ajustado com aquelle, q̄ he conformado aos seus defeitos, compondolhe antes nelle o q̄ parecer necessario. E assim se deve entender em todos os de mais.

He necessario, que se advirta, que suposto que hum cavallo mal enfreado, & duro de boca enfream bem com qualquer freyo, que se lhe prove ( não lhe sendo, conforme razãõ conveniente ) que nem por isso lhe ficará servindo sempre bem; porque ordinariamente todo o de mau enfreamento se fogaite, & ajusta grãdemente a qualquer freyo, que de novo se lhe ponha as primeiras vezes; porque o estrahalo, & o não entender ainda os movimentos d'elle, & da redea, o faz andar temeroso, & obediente, por em depois que o costuma, & senhorea, se zomba d'elle, & fica peyor que dantes. E por este principio que a experiencia tem mostrado ser certo, se pôle inferir o quanto erraõ aquelles, que dizem: Eu porrei tantos freyos ao meu cavallo até que lhe acerte hum, que lhe convenha, fazendo-os com esta variedade de fabricar, & descompor totalmente.

He necessario mais que aja advertencia, em que os freyos re-

dos, de que temos tratado, sejam feitos pela propria medida da boca do cavallo, ajustado de sorte, que os assentos fiquem postos sobre o seu lugar proprio, & sempre se acomodam melhor justos, & firmes, do que largos.

Tambem se deve advertir que o ferto, de que os freyos geralmente forem feitos, seja de qualidade branda, & muy bem deltemperado, excepto as cambas, que não importa serem duras.

Tambem he conveniente q̄ os cavallos em quanto se não ajustão de freyo firme, & seguro, se não ande nelles variando de mãos, porque os diversos movimentos os perderão de todo.

Mais se deve reparar em que todas as montadas, ou meyas montadas, de que nos capitulos a traz faço menção, não deve ser alguma com dobradiça no alto della, como se usam em muita quantidade de freyos, & especialmente nestes que vem de França, porque os cavallos, que se entream com elles, muito melhor enfreariaõ com qualquer outro porque ha cavallos como vemos de tam boa natureza, que com huma corda na boca obram todas as cavallarias do manejo, & se assim não fora, por causa impossivel tenho que ouvesse cavallo, a que os raes freyos podessem trazer enfreados, porque além do que vejo com a experiencia, & mostra mui bem a razão, mal pôde enfrear com firmeza, & segurança o freyo pegado no alto da montada com ello, ou dobradiça, o qual metido, & posto na boca do cavallo não ha mais que ver, porque a montada está direita, & os assentos postos, & iguaes em seu lugar, porém tanto que o cavalleiro puxa pela redea, abre em cima a montada, & os assentos se apartam, & tiram de seu lugar, & vem caindo sobre as gengivas, & beiços para a parte de fora, & se o cavalleiro puxa a redea para huma, ou outra parte corre logo hum dos assentos para fóra da boca, ficando a abertura da montada no assento, & ella aberta toda como se pôde com a experiencia ver. Pelo que este modo de freyos he inutil para todo o cavallo, & não aconselho em nenhum caso, advertindo que as montadas, & meyas montadas de que fallo, hão de ser de duas dobradiças, ou torneis, cada huma em seu pé da montada, & que fação a voltas sempre antes para cima ao direito dos tolanos, ou pa-

dir da bôca, do que sobre a lingua. E para que mais facilmente, & com menos despeza se possa remediar, & emendar as faltas, ou defeitos do freyo, será sempre bom usar daquelles de perafusos, com que se tiraõ humas embocaduras, & poem outras, conforme he necessario ao defeito, ou vicio do cavallo, & ainda as cambas dos mesmos perafusos se alargaõ, & encurtaõ o que he necessario; hoje se fazem mui bem, & muito leves todos estes freyos nesta Villa de Ponte de Lima, donde se mandaõ ir de muitas partes deste Reyno, & ainda da Corte, como tambem as sellas de Brida bem armadas, ou seja pelo primor dos officiaes, ou pela curiosidade de quem as manda fazer.

## CAPITULO XXXIV.

*Como devem ser as sellas de Brida, sellotes de campo;  
& mais arroyos.*

**A** Coufa mais essencial, & necessaria para a perfeiçãõ, & fortaleza da cavallaria; he o bom feitio, & proporçãõ da sella de Brida, & mais jaezes, como alicerse, & fundamento, sobre que se assegura, & vai fundada toda a obra da cavallaria, porque em ser a sella ajustada, & armada de forte, que per sy mesmo dê boa cavallaria, consiste a metade da boa postura do cavalleiro.

Ha muitas diversidades de sellas de Brida, porque cada qual as manda fazer conforme ao serviço, para que lhe são necessarias. Deixando à parte as de que ordinariamente se servem os Clerigos, Frades, & homens de negocios, que he necessario serem acomodadas para malas, alforjes & coxins. As melhores para o campo, para a caça, & para as jornadas são os sellotes razos, que chamaõ de campo; estes se devem fazer sem borrenas, mais que as pequenas de diante, compridos, leves, largos atraz, & mui bem estofados; & sendo estes bem feitos costumaõ dar taõ suave, & segura cavallaria, que as pessoas, que andam habituadas nelles; obram com tanta segurança todas as cavalla-

rias nos mesmos, que esculão as outras fellas mais seguras, & tem consigo aquella grande suavidade de montar, & desmontar tão facilmente, nestes mesmos se poem tambem argolas atraz para as malas, & passadores diante para os coldres.

As principaes, & proprias fellas da cavallaria de Brida, sam as de quatro borrenas, das quaes as duas de diante haõ de ser direitas abaixo, & naõ escoadas para diante, como alguns fazem, com que lançaõ as pernas, & pès aos peitos do cavallo, haõ de ser tezas, delgadas, estofadas pela parte de dentro da fella, postas, & pegadas para melhor segurança sobre o vaso de diante.

As borrenas de detraz, naõ haõ de ser nas pontas debaixo escoadas para diante, como muitos as fazem, que he grande defeito, mas devem ser direitas abaixo, & a ponta de detraz, que fica para a parte das verilhas do cavallo, ha de assentar sobre o vaso de traz, & entre humas, & outras borrenas, nem ha de aver tanto aperto, que a perna se naõ revolve livremente, nem tanta largueza que se naõ ajuste. Entre hum, & outro arçaõ deve aver o espaço largo, para que o corpo ande alli bem livre, & ha de ser mais alto o de diante, porèm naõ muito, salvo for assim necessario para emendar o erro de algum cavallo baixo das maõs. O coxim naõ ha de ser muito estofado junto à maçaneta, porque assim cae o corpo na fella melhor, & mais direito.

O pano dos suadouros seja fino, que naõ toma tanto suor, nem endurece tanto como o grosso, naõ devem ser muito altos para que melhor ajustem, que he grande engano fazerem-se os suadouros muito levantados, & he a causa de se naõ ajustar o cavalleiro nos movimentos do cavallo, porque entre as coixas do cavalleiro, & o corpo do cavallo, ha de haver a menor distancia que for possivel, que atè para o cavallo he assim mais suave o trabalho. Devem ser os suadouros mui bem abertos, & vazios na regiaõ dos lombos, & q̄ sejaõ estofados de cabos de bois, em agoa de cevada cozidos, & encrespados, como o sabem preparar os selleiros curiosos porque desta sorte naõ se amassaõ, nem endurecem, nem esquentão os cavallos, preservando-os de mataduras.

Os Polacos, & Granadinos usaõ das fellas com õs pãos por baixo, sem suadouros, poem'hes alli huma manta, ou lençol em dobras, & a sella em cima, servem'he nas jornadas de cobrirem os cavallos de noute. Tambem em Alemanha usaõ o mesmo, mas he por baixo do suadouro, & este he delgado com pouco estofo, & preserva muito este modo os cavallos de mataduras. Os ferdilhoes, em que andaõ os lóros haõ de ser pegados entre o meyo das botremas, & bem no meyo, porque de os costumarem pór ordinariamente mais adiante, naceo o dezar de fugirem as pernas para as paz do cavallo, & cair o corpo para trás, que he mui grande deffeito, & pouca segurança, & a chapa em que está pegado o ferdilhaõ, terá nesse mesmo lugar alguma queda para sobre os suadouros, mas não ferá tanta que possa molestar o cavallo.

De peitoral o melhor modo, he o que hoje se pratica, porque assegura bem a sella, pegandoa por quatro partes, assim nas five-las de cima, co no nas cilhas em baixo, & com aquellas duas five-las nos lados dos peitos, para que de qualquer parte se possaõ apertar, & alargar.

As cilhas saõ mui boas de pano, com as guarniçoẽs fortes de couro, porque assegurando bem não molestaõ tanto, como as de couro duro. Estas devem ser tres, duas que haõ de pegar das quatro pontas (em que haõ de ter fivellas) nos quatro correoõs, que devem ser mui bem pregados nos vasos, & pelo meyo dellas irá a que chamaõ cilha mestra, que ha de abraçar toda a sella em redondo, por cima dos suadouros, & das chapas, que os prendem, ficando sómente por cima della o coxim da sella, & os lóros ficarão livres pela parte de diante. Nesta cilha mestra, he o melhor modo por'he tambem duas fivellas nas pontas na igualdade das outras, & aparte que vai por cima dos suadouros, que tenha correoõs em ambas as pontas, em que se aperte, porque desta forte facilita a que possa porse, & tirar-se a sella de huma, & outra parte.

Os lóros haõ de ser fortes, & dobrados, com fivellas seguras.

O melhor modo de estribos sam aquelles, que tenhaõ duas fa-

ces, para que de qualquer parte os possa tomar o pè, & haõ de ter por baixo quasi hum palmo pequeno de comprido, naõ muito largos, mas que baste para entrar qualquer pè livremente, por mais largo que seja, & constará o lastro de baixo de cinco travessas fortes, principalmente a primeira de huma, & outra parte, aqual será mais levantada alguma cousa do que outras, tendo algum fio interpolado com sacabocados, ou guarnição em que pegue melhor o pè, que alli faz toda a preza, as faces, ou sejaõ vazadas abertas ao boril, ou lizas confôrme o gosto de cada qual, sempre haõ de ser taõ largas em baixo, que as segure a grade, & taõ estreitas em cima quanto occupe o loro.

Os estribos de argola são bons para os sellotes de campo, de que já fallamos, & para estes propriamente se inventarão; comtambem para o mais uso das sellas de campanha.

De rabicho o melhor modo he aquelle, que se pega com duas lategos na sella, pelas bandas dos lombos do cavallo, porém ainda sam melhores tendo huma fivella perto da sella hum couro, pela qual com mayor facilidade, & ainda decima do cavallo se póde apertar, & alargar o rabicho, o qual deve andar sempre em boa proporção, que nem moleste o cavallo, deixe correr a sella. As cabeças das haõ de ser leves, seguras, estreitas.

Os xereis, mantas, cubertas, tarizes de qualquer cor que sejam sempre parecem bem nas sellas de Brida, porque para esta cavallaria foraõ inventados, & quanto mais lustrosos, melhor parecem, & com passamanos, borlas, & bordados de mais custo, mais realção. Os cavalleiros Ingletes fazem sellas de tanto custo, que até os panos dos suadouros nas sellas de importancia são de veludo & daqui se poderá inferir, quaes podem ser, & os jaezes.





## CAPITULO XXXV.

*Como se deve começar a ensinar o potro a andar de passo, & como se ensina a andadura.*

**T**anto que o potro mostrar obediencia, & se for já mandado bem com o freyo, assim junto com o cabeçaõ, o itaõ metendo a todo o passo largo, & desenvolto, que he grande parte em todo o genero de cavallos, especialmente para o exercicio da Brida. E assim o farãõ andar com a cabeça firme, & recolhido de detrás, tocandolhe algumas vezes por cima do hombro com a ponta da vara na anca, divertindo-o no mesmo tempo com a maõ da redea, chegãdolhe outras vezes com as pontas dos estribos aos braços, para os fazer levantar melhor as maõs. E nesta fórma lhe darãõ passayos largos, porque costumãõ assentar melhor o passo, continuando hum quarto, ou meya legoa.

E porque ha pessoas q̄ querem que os cavallos para o campo, tenhaõ andadura, avendoselhe de ensinar, os haõ de costumar por algumas decidas abaixo apressando-os, & fazendo-os arrojar, mandandolhe a redea com o passo juntamente, que tendo bom natural para a tomar, & avendo boa maõ, se fará nella facilmente. Porém quando assim naõ baste será necessario valer das soltas, trazendo-o com ellas alguns tempos, atè que se veja que já as escusa, advertindose que quando as tirarem, lhe haõ de pôr humas correas apertadas moderadamente nos proprios lugares, aonde as soltas andavaõ, trazendo-as alli alguns dias, porque se tem achado que assim ficaõ melhor na andadura, parendolhes que ainda trazem as soltas. Naõ se andarã nelles de outro passo atè não estarem bem firmes na andadura.

Porèm quem ouver de criar potro propriamente para o campo, & para que tenha boa andadura, lhe deve pôr as soltas logo q̄ seja de dous annos, & meyo, & que ande assim com ellas no campo seis mezes, & mais, atè se montar, porque ficaõ assim tam habituados, & desenvoltos na andadura, que naõ sabem andar a outro passo, porém devem ser as soltas de sorte que aonde abran-

gem os pés, & mãos tenhaõ estofos por baixo mui brandos, que não firaõ, nem fação chaga, em que depois nadem muitas vezes cabellos brancos, que lhe fervem de defeito. A andadura sendo solta, & quieta he muito boa parte nos cavallos de campos, que não são de muito corpo, nem muyto cheyos de carnes, porém haſſe de advertir que o uſo della diminue muito a coragem, & brio dos cavallos, que ſe querem para o manejo das cavallarias altas.

## CAPITULO XXXXVI.

*Como ſe devem ensinar os potros a fazer os lados, & entender a perna, & as ajudas.*

**E**M quanto hum potro não andar bem enfreado, contentado, desembaraçado, & ſogeito aos movimentos da redea, não deve meter ao ensino das cavallarias, porq̃ ſerá mais perdelo, que aproveitalo. Porém depois que totalmente o eſteja, & ſe poſſa com ſegurança começar já a manejar, a primeira couſa que ſe lhe deve ensinar, he o entender a perna, & fazer os lados, porque he eſta lição o principal caminho, para que com mais facilidade, menos rigor, & trabalho venha a entender, & obrar todas as mais cavallarias, & ſe ensinará com brandura, & ſem eſpereza, porque em quanto o potro não entende o que lhe querem, ſe defende muitas vezes, acudindo com a boca, com a perna donde a eſpora o aperta. Pelo que as primeiras vezes ſerá neceſſario que hum, ou dous moços com as mãos o vão repuxando, ajudando-o o cavalleiro com o cabeçaõ, & redea deſſe repuxada firme, & tirante da parte contraria, & da outra para onde ha de ladear, lhe ha de ir dando algumas ſofreadas, levando o roſto do potro ſempre direito a alguma parede baixa, donde pela outra parte della vá hum moço, com hum fiador, que tenha a outra ponta pegada na argola de diante do cabeçaõ, & em todo o tempo que for ladeando o potro, lhe levará ſempre o cavalleiro arrimada a perna contraria, junto à barriga, tocando-lhe algumas vezes brandamente com a eſpora, não o puxando

cando nunca quando elle for obedecendo, & ladeando, & sempre no mesmo tempo levará huma vara arrimada á mesma anca, & contra contraria, castigando, & repuxando com o temor della, mas de tal sorte que não occasione pernadas, que se evitarão muito com o divertir aos mesmos tempos do castigo, com o cabeçaõ junta- mente, & redea, com que a poucas liçoës sem rigor virá a entender a perna, & fazer os lados, que haõ de ser para huma, & outra parte.

A esta mesma lição pertence o fazer entender ao potro da mesma maneira, que o chegarlhe a perna até junto à verilha, he para que fuja della com as cadeiras para a parte contraria, como tambem o arrimarlhe a perna das cilhas para diante, he para fugir com os peitos, & rostro para a parte contraria, ensinando juntamente a arriar para trás, & a sair adiante com compasso, & lição, com que bem o entenda, sem violencia, porque tudo isto he muito necessario primeiro, para a apreheñsão de todas as mais cavallarias.

## CAPITULO XXXXVII.

*Como se deve ensinar aos potros os trotes, & galopes, voltas, & redobres.*

**T**Anto que o potro andar bem solto, & desembaraçado do no passo se poderá meter nos trotes, entrando nelles primeiro em via direita, sem o torcer a huma, ou outra parte, fazendo passear de trote o comprimento de huma carreira, levando da mesma sorte do principio até o fim, & logo do fim, até o principio obrigando a que nelles levante bem os braços, tocando nelles algumas vezes com a ponta da vara, & tambem com os lados dos estribos pela parte de dentro, trazendo assim muy firme de rostro, levantado de diante, & recolhido de detrás.

Depois que assim andar bem os trotes direitos, se irá metendo nelles em torno, & voltas largas, & indo pouco a pouco apertando mais o circulo, & dandolhe mais vol-

ris sobre aquella mão, a que elle andar mais repugnante, & quando o quizerem fazer destrocár da volta de huma mão, para a outra, será sempre com a cabeça para dentro da volta, & não para fóra, arrimandolhe para isso a perna direita a diante da cilha, & a esquerda atrás quando o quizerem quebrar para a mão esquerda para começarem a volta sobre a direita, & pelo contrario, quando o quizerem carregar sobre a direita, para começarem a volta sobre a esquerda. Ao que se virá a fazer facilmente avendo dantes ( como já dissemos ) entendido bem a perna, & tudo melhor com a ajuda do cabeçaõ.

Em todo o manejo assim das voltas, lanços, redobres, carreiras, & todas as mais cavallarias, se deve adestrar primeiro o potro mui bem, fazendo-as de passo, & trote antes que o passem a cavallarias altas, porque depois que assim bem as entender não ha muita difficuldade a fazelas logo altas, & de todo o modo que quizermos. Depois de andar assim mui bem ajustado, & entendendo os movimentos, & ajudas das pernas, para o dobrar, & redobrar, se irá levantando no galoges, começando sempre as primeiras voltas nos trotes. Não se lhe darán pelas primeiras vezes galopeadas mais que duas, ou tres em voltas cada torno, fazendoo destrocár algumas vezes de huma volta para a outra, advertindo que ao destrocár lhe fique sempre diante a mão de dentro, porque andando na volta sem que a mão de dentro ande diante, he arriscado a cair logo, porque he andar falso, & não certo, & por isso chamamos destrocár, que he passar adiante a mão, que andava attás, & ficar atrás a que andava diante. E para o potro o vir assim a entender são muito necessarias as ajudas das pernas, & da espõra, chegado-lhe se for necessario com a ponta do estribo à mão, que ouve de passar adiante, castigandoo, & acompanhandoo até o fazer destrocár, porque costumandoo andar falso, será andar sempre o cavalleiro com evidente perigo, porém depois que o potro for entendendo, & obrando ( como dissemos ) se lhe deve continuar lição todos os dias, se elle for mui alentado, de outra sorte bastará hum dia, & outro não.

He sempre conveniente que o manejo seja em terra branda,

& de manhã, ou de tarde, antes de comer a refeição, porque além de ser assim mais util para a saúde, se costumão n'elhor a comer depois do exercicio, para que assim o fação sempre quando mais trabalhados estiverem,

Nunca se deve dar o trabalho aos potros com excesso, porque de os enfatiarem, & trabalharem muito em quanto novos, vem a tomar refabios, & manhas, querendo defenderse por temerem o excessivo trabalho, com que não podem. E assim deve ser antes mais vezes, & de cada huma dellas tam moderado, que se deixe sempre no melhor, antes deseioso de mais, do que enfatiado do muito, & em caso que se incline a tomar alguma manha, ou refabio, se correrá aos capitulos, em que se trata de cada huma dellas em particular, por se não repetirem duas vezes.

## CAPITULO XXXXVIII.

*Como se devem ensinar os potros a puxar os braços, pizar em hum só lugar para diante, & as curvetas.*

**H**A dous modos de passieyos nos cavallos de conta. O primeiro, & de mayor estimação he o passieyo firme, & em compasso vagaroso, puxando os braços altos, & sacudidos para fóra. O outro he aquelle, a que chamamos pizar, suspendendo o corpo, como nos trotes sobre hũ pè, & mão contraria, & logo sobre a outra mão, & pè contrario, q̄ tambem he passieyo muyto airoso, levantando as mãos altas, & sacudidas para fóra.

Para o ensino de hum, & outro, he a mais principal cousa, & necessaria a inclinação natural, & galhardia do cavallo, porque faltando esta nunca o fazem bem, ou ao menos, não aturam muito em hum, & outro passieyo. Logo aos principios se prenderám duas cordas nos travadouros das mãos do cavallo, tomando o cavalleiro as pontas dellas cada huma em sua mão, ajustando a redea no botaõ, ou tomando na boca, como melhor se acomodar, & levando justo, & firme, lhe irá ajudando a levantar com as cordas huma mão, & outra em compasso grãye, & igual, até

que o cavallo venha a conhecer, avendo cuidado de lhe acudirẽm com algum affago, dandolhe algum genero de verdura, quando ouver andado alguns passos com acerto, & se quizer remexer-se, ou não andar direito, se lhe porá o cabeçaõ, pelo qual o irãõ levando duas pessoas dos lados, pelas redeas delle, com que virá a entender, & habituar-se, avendo liçoẽs repetidas, que são as que vem gem rudo.

O outro passayo, que diffemos do pizar, se ensina, prendendo o cavallo primeiro entre dous piloẽs com o cabeçaõ ( como diffemos em outros capitulos, ) & alli se lhe ataráõ as cordas nos travadouros dos braços, & passadas por cima do cavallo, hũa para huma, & outra para outra parte, as teráõ duas pessoas pelas pontas ( como diremos para as suspensoẽs de mãos, ) & dandolhes de huma parte em huma mão, & da outra em outra, o farãõ ir levantando em igual compasso, ajudandoo com as cordas até que vá entendendo, o que querem delle. E depois que for pizando em igual compasso, sem aver mister cordas, o irãõ fazẽdo andar assim adiante, para que saiba pizar sem se sair de hum lugar, como tambem passeando.

Depois montaráõ nelle para lhe irem mostrando a que o faça cavalgado, & sempre he bom quando os ensinaõ fazerlhe alguma som de boca, que pòde ser o que usãõ os almocreves de lingoa, para fazerem andar as mulas. Tanto que o cavallo pizar bem com as mãos, o fará naturalmente com os pès, para os quaes não he necessario fazerlhe diligencia alguma. E em quanto os cavallos não andarem muito certos, & ajustados em qualquer destes passayos, que tenho dito, se não meterãõ em outro passo, nem em alguma outra cavallaria, porque o perderãõ facilmente se o natural não for muito fino, & proprio para elles.

Para os cavallos fazerem as curvetas, devem ter natural inclinação a meterem bem os pès, pondo sobre elles todo o pezo do corpo, o que não he possivel aos que a não tem naturalmente, porque além de parecerem mal as que lhe obrigaõ a fazer forçadas, se resabiaõ facilmente se os apertaõ muito. Aos que são suficientes se devem ajustar nellas, para que as façãõ compostas, &

com lição, divertindo os que as não continuem muito, porque se vem a enfasiar, & repugnalas de todo. Porém levando os no passeio do puxar os braço, ou pizar, com final, de que levantando a mão direita a ponta da redea alta, se metaõ nas curvetas, fazendo sómente dellas tres galopes, & logo tornando ao pizar, ou passo grave, por outro espaço, antes que torne a ellas, sempre com o rosto fixo, & direito. O corpo sem se atravessar a huma, ou a outra parte, o que se concertará cõ ajuda da perna para onde a atravessar, castigandoo com a espõra, ou vara bem atrás da mesma parte, para donde atravessar a anca.

## CAPITULO XXXIX.

*Como se devem ensinar aos potros as suspensões de mãos.*

**P**ara esta cavallaria, que he mui galharda; se quierem cavallos muito alentados, sufridos, & leves de mãos, para que com mais facilidade a possaõ aprender, porque para hum passeio publico não ha mais perfeita lição, nem mais airosa. Para o que se lhe porá o freyo com as redeas ajustadas no botam, & com elle o cabeçaõ, & pelas argolas das bandas, se prenderá a dous piloens, & allí em subirem nelle, se lhe prenderá huma corda em a quartella de huma mão, outra na da outra, passando as pontas dellas por cima da fernelha do cavallo, nas quaes pegarão duas pessoas, tendoo da parte direita a que estiver na mão esquerda, & o da parte esquerda a que estiver na direita do cavallo, & cada hum destes homens terá sua vara delgada, ou açoute brando na mão, dando hum só com ella na mão do potro, até que levante, & levantada, a terá suspendida, o que tem a corda nella, mui bem até junto à barriga, & depois de ater assim por hum pequeno espaço, dará hum final com o estalo da linha, como costumaõ os almoctreves, & dando este final, soltará a mão dando logo no mesmo instante na outra hum

hum açontê, à fará levantar, & puxando outro pela cõrda della adeixará estar suspendido o mesmo espaço, que a outra. E assim estarão continuando neste compaço, levantando huma, & descendo outra, dando sempre o final atè que continuando as liçoõs alguns dias o cavallo venha mui bem entender o que pertence delle, gastando cada dia nesta doutrina hum quarto de ora, dando ao cavallo no fim della humas folhas, ou paõ, & tambem no meyo da liçoõ, quando algumas vezes destrocãr prestes, & mostrar, que vai entendendo. E como já for fazendo bem, se lhe irá tirando as cordas, & se lhe darão as varadas em cima da primeira junta da mão, pela parte de dentro, para que depois tocandolhe alli com o estribo ( se necessario for ) o entenda melhor. Suposto que sendo ensinados com a paciencia, & continuacão, o venha a fazer perfeitamente só com final, esperando para destrocãr, & se alguma vez na liçoõ for a destrocãr antes do final, se castigará a mão, que abaixou, dandolhe tambem pelo corpo, estranhandolhe com a voz, para que torne ajustar-se, & o fará depois com segurança. E como o fizer bem o irão encaminhando a que cada mão, que for destrocãdo, a vá pondo sempre alguma coula diante, para que assim faça o passêyo grave, & vagaroso, que he o para que se lhe ensina.

## CAPITULO L.

*Como se devem ensinar os potros a correr a carreira com perfeição, & concerto.*

**D**E quantas variedades de boas cavallarias se exercitam, he das melhores, & mais galhardas a carreira, em a qual mostra o cavalleiro mais que em todas a fortaleza, hizarria, & sciencia desta arte. E da mesma sorte o cavallo mostra, & dá a conhecer logo aos que o entendem o seu valor, & animo, ou a vileza, & inutilidade.

Deve o cavallo primeiro que se meta ao exercicio violento da carreira, estar em comprida idade, & em suas forças perfeitas



porque de não ser assim se occasionarão achaques, & manqueiras nos pés, & mãos, procedidas da extenção que aquelles nervos, & ligamento tenros fazem na violencia da carreira, com o pezo do cavalleiro, & do seu proprio. Além de que não estando ainda nas suas forças todas, se costuma a cocher puxado, & violentado com o pescoço estendido, em cujo costume ficam depois para sempre, com o que só estando o cavallo com todas as suas forças, mui bem pensado, & viçoso, se ha de meter à carreira, para a qual se buscará terreno brando, & se tiver valles, ou paredes, não será peyor para as primeiras vezes; porque não tenha o potro para onde se devirta na carreira, & se ha de passar primeiro muitas vezes de passo do trote, & algumas de galope, tendo parado algum pouco no principio, & no fim, para que venha a entender os limites, a que ha de chegar, & fazendolhe arrostar a carreira, o largará a toda a furia com algum estrondo de vozes nos principios, juntos com o castigo das espóras, para que o devirtão, que não acuda a ellas com alguma defença. E se per si correr com toda a violencia se não castigará entam denenhũa maneira, levandolhe em toda a carreira a redea firme, sem movimento, & em tal ponto que corra em a cabeça levantada, & composta, costumandoo a que corra atropolado, & meúdo, & não a salto sobre as mãos, advirtindo que se correr mui veloz, & fogoso, se lhe ha de dar a carreira mais curta, & mais larga, ao que for mais logrado, porque como todo o cavallo para correr a carreira fina, & como convem a deve passar em hum só folgo, sem tomar em toda ella respiração, o não poderá conseguir em carreira mui comprida o que for mui veloz, & apaixonado, por se affogar mais depressa, que o logrado, & quieto, que leva os alentos mais livres, & espaçofos para a correr mais larga. Com o que para os apaixonados, & fogosos será a carreira ordinaria de cento, & vinte passos de passleyo de hum homem ordinario, & para o cavallo logrado, & menos veloz na carreira, sera de cento & cincoenta dos mesmos passos que de huma, & outra vem a ser o mesmo, com que as affinalão a melhor opiniaõ dos Authores. E ao tempo de parar se lhe irá metendo a mão com brandura, &

devagar, para que sem violencia vá metendo os pés em bom compasso, & derribando as cadeiras sem excessão, em que possa receber molestia, & só em caso que para a dureza, ou inclinação do cavallo seja necessario parallo às sofreadas se fará, & não de outra maneira. Depois que o cavallo assim for passando as carreiras em firmeza, & segurança, se irá costumando a que volte para tomar carreira, humas vezes sobre a mão esquerda, & outras sobre a direita, porque tudo he necessario, fazendoo estar sossegado & quieto no principio, & fin, passeandoo muitas vezes, & assaado, passandolhe sómente duas carreiras, & poucas vezes, como que como as sabem correr com satisfação, lhes não esquece, & fazem melhor folgados.

## CAPITULO LI.

*Como se deve ensinar ao cavallo, o fazer os lanços, chaças, repelloes, & a remetidas.*

**A**S chaças, lanços, & repelloes, se não devem ensinar ao cavallos, em quanto potros, & por isso o guarda para este lugar, porque se tem visto ordinariamente, ter a causa de se costumarem a anteparar no meio da carreira, & maiormente temerosos de boca. Com que se não deve meter em quanto potros, & pouco usados nos termos, & medida da carreira nestas cavallarias, & só depois q̄ torem muito tempo se haõ de admitir a ellas, porque verdadeiramente são as em q̄ o cavalleiro mostra a melhor arte, & galhardia, & o cavallo o mais lento, & doutrina. Sêdo como tenho dito o cavallo muito bem a entender a perna, se hade preparar primeiro para os lanços, & repelloes cõ as pernas, & com a redea, tendoo sobre os pés de largado de repente a toda a furia, parandoo na força della; & em mandoo hũ alento, atremeçalo da mesma maneira a outra parte, costumandoo pelos movimentos da redea, & finaes das pernas a entender, os que querem, que sejaõ de firme a firme, & da mesma forte as chaças, & repelloes, que tambem se fazem andando

voltas, no espaço, que vai de huma a outra, que todos necessitam muito de coragem de cavallo, & destreza do cavalleiro.

As arremetidas, que tem mayor serviço para o exercicio da guerra, & não menos galantaria para a paz, são aquellas, q̄ saindo o cavallo com toda a furia, ha de parar com o rosto para donde partio, o que he facil de ensinar, nos cavallos que estão bem feitos à penna, arremeçando os nas arremetidas a toda a força de carreira, & logo aos ultimos trancos do parar hirlhe chegando huma perna junto à verilha, & a outra diante das cilhas junto ao peito, ajudando-o, & acompanhando-o com o corpo, & ajustamento da redea, com que em tomando conhecimento da lição o vem a fazer bellamente, avendoselhe feito para mayor facilidade primeiro muitas vezes de passo, trote, & galope, & logo que em cada huma das arremetidas tomar hum folego, arremeçallo outra vez para donde partio, & tambem para as bandas sequizerem, porèm em tornar pela mesma trilha com a propria furia, velucidade, mostra o cavallo mais a fineza de seu animo.

## CAPITULO LII.

*Como se deve ensinar o cavallo, que ande voltando sempre com o rosto para fóra, & anca para dentro.*

**E**sta cavallaria de fazer o cavallo as voltas, & redobres sempre com o rosto para fóra, & com a anca para dentro da volta, he huma lição, que parece muito bem, porèm sendo o cavallo froxo, & rasteito nam ha para que cançar em se lhe ensinar, porque além de a não fazer nunca bem feita, se poderá inclinâr a querer defenderse com acudir à penna com o dente, ou com algumas pernadas, servindo-lhe mais de ganhar resabios, que de adquirir doutrina. Porèm sendo alentado, & inclinado a meter bem os pès, & levantar de diante, a fará logo com facilidade. Para o que se passará primeiro de passo, & depois de trote ladeado, antes que entre nos galopes, fazendo as voltas estreitas, porque assim lhe são mais facéis de vencer, trazendo-o com o cabeçaõ as primeiras vezes

vezes, & com a perna de fóra mui bem arrimada junto à vecchia & a de dentro junto aos peitos, & a redea do cabeçaõ da parte de fóra mui bem puxada para fóra, & a de dentro mais larga, por não tanto que possa sair adiante, & dando huma, ou duas voltas sobre huma mão, tocalle logo todas as ajudas pelo contrario, para o quebrar, & redobrar sobre a outra, & continuar assim até duas voltas sobre huma, & outras tantas sobre outra, & poucas mais, para que o faça bem, & sem quebrar a coragem, & se tambem for necessaria ajuda da vara, usará della, & para que venha a entender bem a liçaõ, se lhe deve continuar alguns dias, sem o meter em outra, em quanto a não fizer com perfeiçaõ, & firmeza.

### CAPITULO LIII.

*Dos cavallos rifadores, & rinchoens, & dos remedios, que se lhe devem applicar.*

**E**Ntre todos os defeitos não poderá aver outro peyor do cavallo, que o ser cioso, rinchão, & rifador, porque além de serem maos, se conseguem, & naceem delles todos os maiores, porque castigando os se poem logo em defeitos, se mordendo, tirando couces, & outras velhacarias, & correndo se paraõ, ou trocem no meyo da carreira, se alli está egoa ou mula, & com aquelle zelo não consente junto a sy outros cavallos, trazendo ao cavalleiro inquieto, & divertido com o cuidado sempre no cavallo. E finalmente não obrando, nem fazendo coisa que boa seja, com trazer o sentido divertido, & não basta afastarem lhe as egoas, & mulas, porq̃ tambem os moleiros tem o mesmo dos machos, & outros de facas pequenas, & algũs cavallos capados.

Este vicio he propriamente da natureza, & algumas vezes costuma ser ajudado de aver cuberto o cavallo alguma egoa, & como traga consigo tantas incomodidades, se deve fazer todo o possivel para se remedear.

Tenho alcançado da experiencia hum remedio efficacissimo para vencer estes defeitos, que não parece de razão, porém com

a prova que delle se faça, espero se acredite o seu effeito, q̄ não he irracionavel ainda que o pareça.

Todos os Authores aconselhaõ, que se trabalhe muito o cavallo ciofo, & se ponha magro, para que perca, ou diminua o cio, com isto mesmo se tem alcançado que o ganha o cavallo mayor, chegando ao fim de huma jornada larga, em companhia de egoa mais ciofo, & inquieto, do que no principio della, procedendo isto do grande calor que suado, & esquentado recebem os rins da sella, communicandose com mayor facilidade sendo magro, por aver menos impedimento de carnes entre a sella, & os rins.

Com o que tenho achado (como disse já) que o melhor remedio para tirar o cio ao cavallo, & com elle todos os deffeitos, que deste vicio lhe procedem, he o regalallo, & engordallo, muito, porque as carnes, & a gordura lhe cobrem os rins de tal forte, que não só o metigaõ, mas totalmente o perdem. E assim me mostrarão mui poucos cavallos, com a anca partida, com rego muito bojo, & muitas carnes, que andem rinchando, & fazendo inquietaçoes de ciofo, & rifador, & pelo contrario poucos são os migros, & cheyos de mataduras, a que falem estes resabios, & não he fóra de razão physica, que a gordura mitiga a luxuria.

Tambem aproveita muito, dar nove manhãs a beber ao cavallo em jejum, hum quartilho de agoa estillada de golfões.

O capar os cavallos, he o mais efficaz remedio de todos para o cio, po. em não deve fazer lenaõ a cavallo raõ vigoroso, que por mais forças, & brio que lhe tire a capadura, lhe possaõ ficar ainda alentos, & espiritos bastantes, porque aos saltos de espiritos acabaõ de decipar, & afroxar as capaduras. Suposto que diga Pineza, que os de Epiro mandavaõ capar todos os seus cavallos, para lhe aturarem mais na carreira, a experiencia mostra o contrario, & tem os capados tambem de deffeitos o ruim pello, o pescoço mais delgado, & os olhos mais tristes, & juntamente as manhas, & vicio que tomaõ depois de capados tarde, ou nunca se lhe tiraõ.

Se em alguma occasião quizerem, que o cavallo não rinche, com lhe atarem a lingua ao bocado com hum cordão, não rinchará em quanto a tiver assim, porèm isto não he tirarlhe o vicio.

## CAPITULO LIV.

*Dos Cavallos, que se empinaõ, alevantaõ sobre os pés, ou caem para trás, & dos remedios, que se lhes devem applicar.*

**H**E hum dos peyores vicios, que ha nos cavallos o empinar-se, pelo risco, que tem em cair para trás, & ficar o cavalleiro, se não for muito destro, por baixo delle, com grande perigo. E porque são diversas as causas, porque os cavallos se levantaõ, será necessario distinguillas, para confóme a ellas, applicarmos os remedios.

A primeira, & mais ordinaria causa, porque os cavallos se levantaõ, he por serem reveloës, & refabiados, querendo com aquella malicia defenderse de passar a carreira, ou fazer outras cavallarias, a que os obrigaõ. Estes se querem mui bem castigados, & vencidos, para que se defenganem de que não lhes pode valer o seu intento. E para isto se fazer com segurança lhe porãõ hum cabeçaõ de bons dentes, em ponto muito baixo, & no lugar das redeas delle, se porãõ duas cordas, & no meyo das dellas no mais baixo dellas se porãõ hum argola, pela qual se meterãõ as duas cordas, que vierem do cabeçaõ, das quaes o cavalleiro tomarã as pontas, vindo humã pela parte direita, & outra pela esquerda, por fóra das borrenas de diante, as quaes juntas, & iguaes levarã o cavalleiro na mão esquerda, com as redeas juntamente menos tirantes, & na mão direita hum bom açoute dos curtos, que chamaõ de pulso, porque se trazem particularmente em França pendurados no pulso, & largará alguma couza às cordas no lugar aonde o cavallo costuma levantar-se, & tanto que elle for aintentalo assim, lhe puxará com toda a força as cordas, para que o castigue o cabeçaõ, & baixe a cabeça para entre as

maõs, & com o açoute tambem, & esporas ao mesmõ tempo: advertindo sempre que para os castigos nos cavallos fazerem fructo, se haõ de fazer logo no mesmo tempo, em que comettem a velhacaria, porque de outra sorte o naõ entenderaõ. E este remedio escusa todos os que alguns aconselhaõ de lhe quebrar huma cantara d'agoa na testa, & outras cousas semelhantes, com pouco fructo: & tem este a segurança de que com as cordas, & cabeçaõ se naõ pòde levantar de nenhum modo, ainda que as cordas naõ vaõ por argolla, se naõ só por entre as maõs: & quem for homem de cavallo, sem lhe tirar as cordas nem cabeçaõ, & só afroxando-as, & trazendo as com temperança, correrà, & fará todas as cavallarias, acodindo com os castigos (que dissemos) ao tempo que o cavallo acometter o relabio, porque no obrar o descobriã melhor para se castigar. E feito isto algumas vezes, se defenganarà, & perderà o relabio, como a experiencia o tem mostrado muitas vezes.

Levantaõse tambem alguns cavallos por serem tam temerosos do freyo, & doces da boca, que em se lhe afferrando as redeas, se poem direitos; & estes caem mais facilmente que todos os mais porque se levantaõ ordinariamente com os olhos voltados para cima, & com pouco sentido no que fazem, pelo terem mayor na dor que recebem na boca.

Para estes o remedio melhor; he o bom freyo, de que já dei fórma no cap. 23. junto com aver grande cuidado em naõ apagar nunca com violencia às redeas: & q̃ naõ fique a lingoa ao enfiar por cima do bocado, ou entre do freyo ao cavalgar alguma camba na boca, que possa causar este damno.

Levantaõse tambem os cavallos por serem rifadores, & ciolos em o zelo de outros. Para estes he bom costumallos nas estrebarias com mais cavallos, tendo-os bem presos de pès, & maõs em quanto se nam costumam, & montar nelles com humas soltas, como as que se poem para andadura: levando-os assim entre outros cavallos, & castigando-os com a esporas, & com huma vara pelas maõs ao tempo de quererem levantar-se, & ritar: com que se virà a costumar; suposto que os relabios, & manhas que nadem de cio sam as peyores, porque

sem cessar; a causa nunca cessam os efeitos.

Levantaõse mais os cavallos por tomarem medo a algũa coisa, & querem obrigarlos à força, a que cheguem ao que temem. Este modo he mais facil de evitar, porque como os medos aos cavallos se não tiraõ com forças, & castigos, que he ignorancia, pois o não fazem de malicia, se não de erro da vista, & engano da fantasia, se remedeaõ não com castigos, mas só com brandura, fazendo os chegar com affagos, atè os defenganar do seu erro.

## CAPITULO LV.

*Dos cavallos que mordem, & dos remedios que se lhe devem applicar.*

**O**rdinariamente se costumaõ muito os cavallos a morder, de brincar com elles os moços na estrebaria, começando primeiro com o beijo, & depois passõ a jogar com os dentes. Outros o fazem sem isso, tratam de se defender de que cavalguem nelles.

Os que estaõ ainda no principio do vicio, basta só castigallos com huma vara no mesmo focinho, quando o inclinaõ a morder, porque fazendo assim algumas vezes perdem o vicio: porém para os que estiverem nelle já mais confirmados, será necessario metterllos algum tempo com aquella barbella de focinheira, de que faço menção no cap. 42. mui bem justa, com a qual não pôde morder de nenhuma maneira: & quando fizer acção de querer arremeter, castigalo entaõ com a vara, ou açoute fortemente no focinho, com que virá a perdêr a manha, & defenganarse. Se for macho de liteira, ou outra cavalgadura, que seja necessario trabalhar muiro, & com o aperto da focinheira se affoge, se lhe porá antes do que a focinheira huma bóla de pao, como huma laranja pequena, pegada no freyo, sobre o bocado entre os assentos, comque não pôdem morder, nem lhe impede a respiração.



## CAPITULO LVI.

*Dos cavallos reveloës que recuão, & não querem  
ir para diante.*

**O**s cavallos reveloës adquirem ordinariamente este vicio; ou se confirmaõ nelle de os deixarem sair com a sua sem os convencerem, porque depois lhe parece, que só com a portar da resistencia, podem conseguir o seu intento. Para o que o melhor remedio he sempre o não lhes deixar valer a sua, prendendolhe huma corda nos testiculos, & levalllos onde elles costumaõ cometer o vicio: & tanto que elles começarem de parar, & recuar, que lhe puxe huma pessoa por detrás pela corda com brandura, porque não moleste com excesso naquella parte, que com pouca diligencia andarà logo para diante. E aquelles que ainda não forem muito confirmados no vicio, só com se lhe atar no alto do sabugo do cabo a corda, puxando para trás quando elle recuar, bastará para o fazer andar por diante.

Tambem he bom remedio huma sachá de palha acesa na ponta de hum pau, metida na parte de detrás por entre as pernas, tendo o cavalleiro decima o cabo recolhido, porque se não queira. Ensinaõ alguns Authores, espòras vermelhas no fogo, & piccallos com ellas. Não sei como as consentirão nos pès os cavalleiro, nem como ellas tiradas do fogo se conservarão vermelhas: estes me parecem remedios da fantasia, & não da experiencia.



## CAPITULO LVII.

*Dos cavallos que dão couces, & dos remedios, que se lhe  
devem applicar.*

**H**E tam feyo nos cavallos o defeito de dar couces, que parece os faz desmerecer o nobre nome de cavallo. E assim se acha mui raras vezes nos castigos este erro: o qual nace ordinariamente de quem os exercita saber pouco de cavallaria. De muitas causas tomaõ os cavallos esta malicia: humas vezes de não quererem consentir as espõras, outras de quererem resistir ao trabalho, por lhe averem dado muito, em outras occasioens, tambem o serem naturalmente malignos, & quererem empregar os couces em quem tem junto a sy, ou em outros cavallos: & por qualquer causa que seja sempre he mau. Deveselhe remedear com aver grande cuidado em lhes trazer a mão muito levantada, & darlhe humas soffeadas fortes ao mesmo tempo que lhe derem com as espõras, na occasião que elles commetterem o vicio, ou o forem a intentar trazendo hum açoure de pulso bem aspero, para lhe dar nas ancas ao mesmo tempo fortemente: & quantos couces der, tantas vezes lhe haõ de repetir este castigo, & até que elle desista, & se defengane; & aquietandose baixarlhe a mão, desviarlhe as pernas, & affagalo, para que venha a conhecer, que do erro lhe nace o castigo, & da emenda o affago, & se andar muito ferido das espõras darlhe tempo a que fare.



## CAPITULO LVIII.

*Dos cavallos que fazem corcòvos, & dos remedios, que se lhe devem applicar.*

**B**Uscaõ os cavallos maliciosos todos os meyo, que podem para se livrarem do trabalho, & opressão, a que não querem sogetarse, usando specialmente dos corcòvos, para facudirem de si o cavalleiro, & como o comfigam huma vez, basta para que fiquem confirmados neste vicio. Para o que he o melhor remedio de todos, andar no tal cavallo até o reduzir pessoa, q̄ saiba andar forte, & ajustado na sella, sendo esta de boas borrenas, & com as cilhas apertadas, que assegurem, por que a mayor razaõ de usarem os cavallos os corcòvos, he por conhecerem logo, & sentirem muy bem, que o cavalleiro, ou sella se move, & como assim o sintão ao primeiro corcòvo, os continuão por terem certo, que hão de facudir fóra de sy aquelle pezo, que sentem moverte, & despregarse, como tambem o fazem ordinariamente as azemolas, em sentindo a carga froxa, & que lhe balancea. E fazendo o cavallo os corcòvos para recusar o manejo, o castigaráõ com as espòras, & açoute fortemente, em quanto os fizer, & obedecendo a entrar no que querem delle, se suspenda o castigo logo, & affaguem, & se não trabalhe entã muito, para que entenda que tanto que obedece, se livra de todo o rigor.

## CAPITULO LIX.

*Dos cavallos, que se deixãõ cair de barriga no chaõ, tanto que montãõ nelles.*

**H**A alguns cavallos, que em subindo nelles de maliciosos, ou terrestes, & de pouco animo, ainda que estejam gordos, & valentes, se deixaõ cahir no chaõ, & se deitaõ de proposito, por se livrarem daquella opressão, temendo o trabalho, que em outras occasiões experimentarãõ. Para o que he necessario, que estejaõ duas, ou

tres pessoas aparelhadas com varas, ou açoutes junto ao cavallo, & com humas cordas preparadas, para que tanto que se deitar carreguem logo sobre elle, & o prendaõ de pès, & maõs, & o açoutem fortemente alli, impedindolhe que se não levante; que tanto que isto fizerem huma vez, veiaõ que não ha de ser necessario fazer segunda; antes estando deitado na estrebaria, tanto que vir gente se levantará logo com muita mais presteza do que costumava como muitas vezes por experiencia se tem visto.

## CAPITULO LX.

*Dos cavallos que se deitaõ, & revolvem na agoa, tanto que passãõ por ella.*

**M**uytos cavallos ha que em passando qualquer vaõ do rio, ou lagoa, se deitaõ, & revolvem na agoa, d'indo juntamente hum banho ao cavalleiro: alguns o fazem de malicia, outros por se refrescarem vindo suados, & elquentados, & tambem por costumarem os banhos do rio, porém de todo o modo he muito grande defeito, & incommodidade para o cavalleiro.

Sendo o vicio moderno, & o cavallo vivo, & espinhado, bastará sómente passar as agoas com a redea teza, & levantada, não o deixando beber, & picando o passar advertido, & com pressa. Porém se for cavallo logrado, & confirmado no vicio, será necessario tirarlho de todo com castigo, que lhe lembre: dos quaes he o melhor ir hum moço nelle em pello, & tres, ou quatro homês junto a elle pela agoa, & tanto que se deitar, chegarem todos sobre elle, & prendelo, de maõs, & pès, ou carregaremno todos de tal modo que escuse as prisoens: & logo lhe meterão a cabeça debaixo da agoa, tendoa assim algum pouco, com que elle se aflija, & lhe pareça que o querem afogar, deixando estar, ainda que beba mais agoa do q̄ lhe for necessaria, & dandolhe juntamente alguns açoutes por algumas partes do corpo, & eu seguro que fazendo se isto bem feito, elle se não deite mais na agoa, porque indo a entrar nella depois o fazem com muito receyo, desejando passalla, & sair fóra com muita pressa.

## CAPITULO LXI.

*Dos cavallos que não dão pela espõra, nem acodem a ella.*

**H**A cavallos tão lerdos, molles, & soffredores da espõra, que nenhum caso fazem della, a que algumas pessoas chamaõ com galantaria ( faltos de memoria ; ) porque a penas se movem ao tempo de picar, quando logo se esquecem, & tornaõ ao descânço de seu passo vagaroso.

Os que fazem de fraqueza, falta de forças, & cançados, he o remedio engordalos, & deixalos descânçar, para tornarem a cobrar forças, & substancia: porèm aos que de logrados, & de pouco animo se expoem a soffrer antes a espõra que o trabalho, será necessario rasgalos mui bem com espõras anavahadas das que chamaõ ( pontas de oliva, ) depois lavarlhe as picaduras com pimentaõ, sal, & vinagre, que ao outro dia eu seguro que montado nelles, não seja necessario mais que acenarlhe com as pernas, para que andem vivos, & ligeiros, ficando mais recordados dahi por diante. Em estes rais se não deve andar nunca sem espõras mui agudas, & mui bem apertadas nas botas, porque as espõras de çapato, ou as que andão frouxas, & desapertadas, não castigaõ os cavallos, como convem, nem elles as temem tanto como as fixas.

## CAPITULO LXII.

*Do cavallos que não querem tomar a carreira.*

**M**Uyos cavallos ha que não querem tomar a carreira, & tanto que os passैयाõ, & poem no principio della, por mais que os piquem, & açoutem não saem de nenhum modo. Procede este vicio ordinariamente de os correrem mui repetidas vezes passandolhes mais carreiras, do que elles podem, & picando os nella muito, de que lhes nato o recear a carreira, por temerem as esperadas, qm toda ella costumaõ receber. Estes sãõ peyotes de remedear, do que o

foraõ antes de os ensinar a correr. Com o q̄, he necessario passealos muitas vezes, & trazelos de trote, & logo de galope, fazendo-lhes passar assim a carreira sem castigo, nem escandalo algum; & depois obrigarlos a que corraõ, profiando com todos os castigos de espõras, & açoutes, se necessario for, tambem algumas pessoas de fora com varas, & vozes atè o fazerem sahir. E tanto que parir; & desfiltir do vicio, levarlhe as pernas por toda a carreira delviadas, & sem castigo algum em toda ella, ainda que corra pouco; & tanto que parar, decer logo d'elle, affagandoo muito; & mandandoo passar de redea pela mesma carreira muitas vezes, & continuandolhe esta lição alguns dias se virá a defenganar, & conhecer que só com o correr, se poderá livrar do castigo, & do cavalleiro, & que obedecendo elle, o descarrega, & se apea deixandoo livre.

### CAPITULO LXIII.

*Das cavallos que tropeçaõ muitas vezes, & das causas, & remedios.*

**M**uytas pessoas, ou para melhor dizer, a mayor parte dos que andaõ a cavallo, costumaõ os cavallos, & os ensinaõ a tropeçar, & a cahir com elles: & isto com hum erro universal que lhe applicaõ para não tropeçar que he castigalos com as espõras, ou varas, & asperas sofreadas: sem averem reparado, & entendido que o tropeçar não pòde ser nunca malicia, nem erro da vontade, para que mereça castigo: com que o mesmo castigo lhes serve para que em topando o casco, ou ferradura com o minimo tope, ou roçadura em qualquer cousa, & na mesma terra limpa se arremessaõ logo adiante, embaraçando o compaço das maõs em que hiaõ com que tropessaõ mais; & algumas vezes caem, & sempre abillam, & inquietam a quem vai nelles. Pelo que se não devem dar esporadas, & nem castigo algum quando a caso tropece, & logo verám como conseguem o remedio; & sómente

aos cavallos que são rendidos dos peitos, ou mal seguros das mãos, será bom trazerlhes sempre as redeas mais tezas, & arrecadadas.

## CAPITULO LXIV.

*Dos cavallos, que se trocem, & afastaõ indo na força da carreira.*

**P**Or muitas causas se trocem os cavallos na carreira, desviandote mais para esta, ou aquella parte; porèm a mais ordinaria, he por falta de doutrina; & he defeito este muito mau; porque nem terrem para correr lanças, nem para se passear huma carreira com composiçã, & sem cuidado; além do perigo que pôde occasionar ao cavalleiro, despeñhando, ou arrojandote entre gente com muito damno.

Já se vê que a primeira cousa, para se poder remedear este re-  
fábio, deve ser o enfrear o cavallo com o freyo conveniente, & depois advertir se elle costuma encostar-se mais para a espõra que o pica, ou afastar-se della, porque dos cavallos mal doutrinados ha muitos que para onde os picaõ, para a mesma parte se chegaõ: & assim correndo, se verá: se elle foge à espõra chegarlhe sómente a da parte contraria, para que fugindolhe se indireite, & se para a que lhe chegaõ se arrima mais, chegarlhe entã a mesma da parte para onde elle se troce; & se nem com huma, nem com outra ajuda deixar de trocar para huma parte, se lhe tapará o olho daquelle para donde foge; porque não vendo para donde se ha de afastar, se endireitará certamente; & tambem o cabeçaõ he efficaz remedio para este defeito.



## CAPITULO LXV.

*Dos cavallos que partem a troncos descompostos, & correm a saltos levantados.*

**H**E cousa muito má de sofrer, o partirem os cavallos a saltos descompostos na carreira, ou passando a trãcos altos; porque nem o cavalleiro pôde parecer bem, nem ir quieto, & a seu gosto com este aballo. Procede este damno ordinariamente dos primeiros ensinõs que dão ao cavallo, porque ficando nelles os vay continuando de mal em peyor, se o não sabem evitar.

He necessario para o remedio, trazer o cavallo muito sollegado, passeandolhe a carreira muitas vezes, & afastandolhe as pernas passar a carreira de galopes meûdos, & vagarosos, afferrando as redeas mui bem, porque supposto que nas primeiras vezes lhe façad com isto alguns saltos mayores, logo os virá a assentar; & depois que assim a for passando de galope meûdo, irlhe soltando mais a redea do meyo da carreira por diante; & logo ir só com galopes o primeiro terço da carreira, & o demais correndo; & depois sempre os primeiros tres, ou quatro galopes brandos; & vagarosos, com que venha a habituar se, & a conhecer que primeiro que corra ha de começar com tres galopes brandos, & o demais corrido a toda a furia. E quando isto não baste para o reprimir, se use do cabeção com as cordas que dissemos no cap. 54. por entre as mãos, com que não poderá correr mais que aquillo que quizerem; & correndo assim opprimido, se vai costumando a ir a meudando os saltos, & correr atropelado, & quieto, como convem.





## CAPITULO LXVI.

*Dos cavallos que parão sobre as mãos.*

**H**ecoufa feya, & descompоста nos cavallos o pararem sobre as mãos, com que o cavalleiro se defacommoda muito, ficando sempre pouco ayroso. Procede este defeito de roins mãos, junto com serem os cavallos fracos de lombos, baixos das mãos, & algumas vezes pouco seguros dos pès.

Os remedios para isso, sam: o freyo de cambas curtas, a mão alta, & costumallos a parar em decidas, onde forçosamente haõ de meter os pès, & picalos ao principio de parar, para que se arrojem, & tirandolhes entã das redeas metem os pès melhor, ferralos desentaloados dos pès; & com menos disto obrado por hum homem de cavallo com boa mão, & que o entendaõ, se remedeia logo.

## CAPITULO LXVII.

*Dos cavallos que fogem da carreira, & se saem de escaramuça.*

**O**s cavallos que fogem da carreira, & se saem das escaramuças, o fazem ordinariamente por enfatiados daquelle trabalho, que não querem aturar: & com este defeito sam incapazes de se servirem delles os homens, assim na guerra, como nas festas publicas, & em todo o lugar; tanto pelo risco, como pela fealdade.

Tenho achado, que se emmendaõ muito os cavallos deste vicio, com levarse o cavallo a terra larga, & limpa, & alli passar hũa, ou mais carreiras sem lhe dar esporadas, nem castigo no termo della, & tanto que elle pelo habito do vicio se sair fugindo da carreira, picallo entã muito, & açoutallo fortemente, deixando ir correndo largo, & atabafandoo sempre com os castigos, atè se afoagar, & cançar.

Eda mesma sorte, andando nas voltas brandamente, & sem castigos se elle se sair picallo, & apertallo muito; como tenho dito, que

que depois recebido de que a sahida que faz o levē muito longe, & a muitos castigos se não sae mais, se acomoda à sujeição. Porém não se deve dar aos cavallos, occasião para estes, & semelhantes resabios, com as demasias de carreiras, & voltas que alguns fazem, de que não tirão outro fructo mais que lançar a perder os seus cavallos, & mais ordinariamente os alheyos: de que alguns dizem com muita graça, que não ha melhor cousa que besta de fóra, espóra de casa.

## CAPITULO LXVIII.

*Dos cavallos, que não querem voltar sobre huma mão.*

**A**lguns cavallos ha, que ou por resabios de andarem em mãos de roins homens de cavallo, ou por natural inclinação não querem de nenhuma maneira voltar sobre huma mão, sendo faceis em darem sobre a outra quantas voltas quizerem; & ordinariamente esta falta he sobre a mão direita. Alguns dizem que nace de que os maos cavalleiros se não acomodão tambem a maneamem as redeas, para amaõ direita, por lhes ficar o movimento mais violento, & menos natural, do que para a esquerda, com o que vão pondo o vicio ao cavallo. Outros achão que por costumarem os cavallos em potros mamarem mais da parte esquerda, achando dali mais faceis a voltar sobre a mão esquerda, & menos sobre a direita.

De qualquer causa destas, ou outra qualquer que seja, he necessario metellos a caminho, porque he defeito este que impede a perfeição de hum bom cavallo. A principal causa de que se ha de tratar, he ver se anda o cavallo entreado, como convem: logo fazelo entender a perna, se a não entende, porque com esta doutrina fó escusará todo o mais trabalho que se póde ter com elle. O pilaõ he infalivel remedio para este defeito, trazendo o cavallo nelle com o cabeçaõ sempre sobre a mesma mão que

que elle recusa, sem lhe dar volta alguma sobre a outra, affagando, dando-lhe paõ, ou erva, quando andar bem, trazendo primeiro na volta ao passo, & trote muitas vezes, antes de o meter no galope: & depois de lhe averem dado algumas liçoens no pilaõ, & que se entenda anda já defenganado, se podem dar solto ao redor do mesmo pilaõ, porque pela mesma trilha anda á melhor; & para que se conserve depois bem seguro na obra sempre que voltarem nelle, começarão as voltas sobre a mão do refabio, & acabaráo sobre ella.

## CAPITULO LXIX.

*Dos cavallos, que ficarão refabiados com o muito trabalho depois de alguma companhia, ou festas.*

**H**E tão excessivo o trabalho que algũs cavalleiros (bem que verdadeiramente não merecem este nome, os que o fazem) dão aos cavallos, tanto que se colhem sobre elles, & principalmente nos mais obedientes, & melhores, porque não mostraõ nunca froxidaõ, que forçosamente se haõ de enfasiar, & mostrar que se enfadam; como não tem outras palavras com que expliquem a sua queixa; tratam de recusar o trabalho, defendendo-se com algum refabio, de que não escapaõ ainda os de melhor inclinaçãõ, sendo demasiadamente obrigados àquillo a que já não podem.

Tenho pelo melhor remedio de todos para os cavallos, que antes deste trabalho, ou festas eraõ litos, o dar-lhes hũa larga folga, na qual não só se vem a esquecer dos cestros, mas tomando forças, & alentos, tornarão a obrar sem nenhum vicio advertindo que as primeiras vezes q̄ depois os meterem a manejo se lhe dê mui poucas voltas, & menos carreiras, deixandoos sempre com desejo de mais.



## CAPITULO LXX.

*Dos cavallos que se inquietão, & não tem sofrimento no principio, & fim da carreira.*

**H**A grande numero de cavallos que não querem ter sofrimento para estarem algum instante no principio da carreira, sem se resolverem, & inquietarem; & o mesmo fazem alguns no fim, depois de averem parado: o que he grande descomodidade para o cavalleiro, especialmente quando corre lanças, & que he necessario esperar no fim da carreira direito, & quieto.

Tenho alcançado, que se remedeia este defeito cõ fazer muitas vezes, o que direi: pôr o cavallo com o rostro na carreira, & esteja alli logo hum moço, que lhe pegue no freyo, & o segure, & desmontando d'elle o cavalleiro, o mesmo moço o passe, até o fim da carreira. Logo tornará a montar, & passeando a carreira, buscar o principio della; & ahi voltando o cavallo para a carreira, parar, & desmontar outra vez; & fazer isto muitas vezes, com que o cavallo se costuma a voltar para a carreira, incerto do que haõ de fazer, se o aliviarão com se apearem, ou se quererão correr: & como se inclinaõ mais ao que os alivia ( como o fazem na vontade, com que se chegam para desmontarem, ou para irem para a estribaria ) do que aquillo que os molesta, vem logo a arroltrar a carreira, & a deixarem se estar muito quietos, ainda que corraõ muitas vezes.

No fim da carreira para estarem quietos, se ha de usar o mesmo; tanto que o cavallo parou, apelar logo, & deixalo alli quieto, pegando hum moço nelle; & fazendose muitas vezes como renho dito, ao depois tanto que o cavallo parou, que lhe afroxão a redea, & carregaõ ( se necessario he ) mais sobre o estribo esquerdo, já se aquieta, esperando que se apeem, & o deixem, com que vem a segurar se infalivelmente.

## CAPITULO LXXI.

*Dos cavallos que não querem consentir que o cavalleiro traga na mão lança, ou vara, e o mesmo receyo tem à espóra.*

**H**A alguns cavallos tam vivos, fogofos, & inquietos que não ha aquietalos, tanto que sentem a lança na mão, ou vara, & das espóras tem o mesmo receyo. Não são estes ordinariamente os peyores, porém necessitaõ mais dos homens de cavallo expertos, do que os outros cavallos, porque com a temperança, & bom modo os asseguraõ para tudo.

He necessario primeiro, para que vão perdendo o medo à vara, bengala, ou lança, abanar-lhe as moscas na estrebaria com hum ramo, do qual se haõ de ir tirando as folhas pouco a pouco, até que fique o pau com huma, ou duas na ponta, depois sem alguma, coçando assim com ella, & depois com outra mais grossa: com que trazendoa acavallo primeiro com folhas, & depois sem ellas, & mais grossas a virà a consentir depois, & não estranharà da mesma sorte a bengala, & lança. E para perder os receyos das espóras, he o melhor não lhas chegarem, ainda que as tragaõ, tanto que as escusa; salvo se der pernadas a ellas, ou outra mostra de malicia, ou coegas, que entaõ serà necessario usar de espóras fixas, que não ande a roseta, & de pontas grossas, para o não escandalizarem tanto no principio, em quanto se não vai costumando a ellas.



## CAPITULO LXXII.

*Dos Cavallos, que se não querem deixar montar*

**N**ÃO querem alguns cavallos consentir, que subão nelles ou por inquietação natural, ou por receyos do trabalho, que lhe daõ todas as vezes que os cavalgaõ. E he esta hũa grande descomodidade para o cavalleiro, sendo-lhe necessario muito trabalho para tomar o estribo, & montar com segurança.

Se os cavallos fazem esta repugnancia por novos, se remedeã facilmente, com o muito uso de subir, & decet nelles: nam lhes dando trabalho que os desespere; & tambem mandandoos todos os dias a beber, & a lavar por hum moço a cavallo porque co o uso de saberem que vaõ ao que elles desejaõ, se chegaõ com toda a vontade; & assim se costumaõ a não duvidarem em ser montados. Se contudo o fazem de malicia acudindo com o dente, ou com a perna ao estribo, he conveniente castigallos com boas varas no focinho, ou pè com que acodem, ao mesmo tempo em que o intentaõ, & se necessario for, porlhe humas soltas ao montar algumas vezes atè remediarem o vicio. E se o fizerem por andarem mui picados, feridos, & escandalifados das espõras, deixallos ficar, & descansar. Tambem os antolhos remedeã esta falta em quanto se não emmenda.

## CAPITULO LXXIII.

*Dos cavallos espantadiços, a que chamaõ (passarinheiros.)*

**H**E grande defeito terem os cavallos espantadiços, a que alguns chamaõ (passarinheiros) que sempre vaõ a temer, & reparar; & muytas vezes se revolvem de repente, dando com o cavalleiro em terra, ou pouco menos; & sendo por caminhos, que tenhaõ das bandas despeñadeiros, se precipitaõ com muita facilidade.

Ordinariamente nasce este defeito de ser o cavallo curto da vista, com que a falta della lhe representa as cousas diferentes do que são. A muitos lhe faz damno aquellas sedas, que tem compridas por baixo dos olhos, não das pestanas, mas outras que estão mais por baixo, que se atravessão diante do objecto, & lhe formão diferentes figuras, com que he necessario arrancaremse estas sedas.

Tambem he causa deste defeito, ou ao menos de que o cavallo faça nelle mayores excessos, o picaremno, castigandoo no tempo que elle se espanta, & se quer segurar no que vê, porque sabendo que se faz reparo, o castigaõ, depois tanto que percebe o objecto, em lugar de se segurar virã de repente, & se arroja como desesperado, fugindo ao castigo, que sabe se lhe segue do medo, & reparo que fez. Com que se não deve castigar nunca, porque o medo, ou falta de vista, não he malicia, & sem malicia não ha castigo; & se trará de noute, & de dia por onde ouver muito concurso de gente ferreiros, carpinteiros, com bom tento, & sem rigor, com que virã a perder os medos, & temores que tiver.

## CAPITULO LXXIV.

*Dos cavallos que não querem sair para fóra da estrebaria.*

**S**ão tão manhosos alguns cavallos, que sentidos de repetidas vezes lhe dãem muito trabalho, não querem sair da estrebaria, ainda que lhes fação muita diligencia, sendo este hum erro muito grande, quando deve aver toda a facilidade no sahirem os cavallos das estrebarias, porque a pressa com que muitas vezes succede serem necessarios, não permite dilacões de os tirarem com trabalho, & ceremonias.

Sendo o cavallo confirmado neste vicio, será necessario deixalo estar sem comer a mayor parte de hum dia, & depois tirallo a primeira vez com a violencia que for necessaria; & tirado assim;

darlhe fóra a reçaõ, & mais comer : & logo aõ outro dia, & aos seguintes, não lhe dar a comer a reçaõ ; nem beber dentro, se não fóra da estrebaria, tornando a recolher depois que comer ; & fazendo isto algumas vezes sem lhe dar trabalho, perderá logo este vicio, castigando dentro sempre que duvidar em sair, & se necessario for, fazerlhe fumo na estrebaria, & atemorizalo com fochas de palha acezas, até que saya, & se venha a coneguir o fazelo com facilidade.

## CAPITULO LXXV.

*Dos cavallos que não consentem andar a destra.*

**M**Uyos cavallos são tam inquietos vendose leves, & sem pezo em cima, que dão grande trabalho aos moços, que os passeão de mão, fazendo brincos, & saltos, & pretendendo soltar-se. Esta incomodidade se acha mais ordinariamente nos cavallos novos, q̄ estão folgados, & viçosos : com que o melhor remedio nos principios, he passealos com antolhos, & continuar muito nos passeos : & depois quando vem cançados de trabalhar, passealos entãõ, porque andaõ mais quietos, trazendolhes as redeas ajustadas, mas de tal modo, que se não levantem, ou cayaõ para trã.

E se tudo não bastar será necessario trazelos no passeio com humas soltas, castigandoos algumas vezes, quando se inquietarem, até virem a tomar quietação ; melhor será que os passeie o moço que costuma darlhes de comer, & que elles conhecem, dandolhe algumas vezes no passeio pão, ou humas ervas, com que vem depois a seguillos soltos, & sem pegarem nelles.





## CAPITULO LXXVI.

*Dos cavallos que não querem entrar na agoa para os lavarem.*

**N**ão querem alguns cavallos entrar na agoa do rio para os lavarem, fazendo tantos excessos, que tornaõ muitas vezes para casa, sem ser possível lavallos, nem dar-lhes os banhos q̄ são muito necessarios em alguns tempos de Verão. Procede este receyo de os castigarem algumas vezes muito ao entrar sem necessidade, ou de os obrigarem a entrar em poços, & nadarem contra seu gosto, ou metendo a cabeça por baixo d'agoa vendose affligidos, ou deitandolhe agoa dentro das orelhas, com que depois se querem defender de entrar naquellas molestias, que receberão na agoa.

He bom remedio para õs costumar, deixallos estar sem beber hum dia, ou dous, para que a sede os obrigue a entrar na agoa, & levantandolhes as redeas, para que não bebaõ logo na marjem, vão entrando mais facilmente adiante

Tambem será bom metellos, com antolhos, ou recuando-os para trás pela agoa, até de todo entrarem nella; & metidos não os molestar, nem levar a poços onde seja necessario nadarem, ou affigiremse; tendoos quietos com os peitos na corrente, & dando-lhes alli de comer alguma cousa, affagando-os muito, com que virão depois a entrar com muita facilidade.

## CAPITULO LXXVII.

*Dos cavallos que rasgaõ, ou comem as mantas, & as não consentem.*

**O**s cavallos em quanto sam novos intentaõ muitos vicios, em que não he bom deixallos conformar. São alguns em roerem as mantas, rasgalas, & deitalas fóra de sy, taõ contumazes, & porfiosos, que ainda estando com elles, & ameaçando-os cõ castigos se não aquietão.

He bastante remedio, para a mayor parte delles, molhar as

mantas em hũ cozimento feito de nabos, de trovisco, pizad  
 primeiro, fel de boy, & cebo derretido, & misturado : com isto nã  
 tem gosto de metellas na boca ; nem tocallas. Comtudo já vi algu  
 cavallo taõ confirmado no vicio, & que ainda assim as rasgava com  
 que para estes taes serã necessario, usar de hum pao de tal compr  
 mento, que chegue da focinheira do cabresto até a cilha, furado  
 nas pontas com humis correas nellas, que ate humã ponta na cr  
 liz da manta, & outra na focinheira do cabresto : destes paos se  
 podem pôr dous, hum de cada parte ; porẽ n costuma bastar hum,  
 para que o cavallo nã possa voltar a cabeça, para humã, nem pa  
 ra outra parte, porque para ambas he impedimento bastante : isto  
 se deve usar sò nente até o cavallo estar costumado, ao que se acor  
 modará mais facilmente no Inverno, porque o frio lhe faz cu  
 sentir melhor a manta.

## CAPITULO LXXVIII.

*Dos cavallos que estão sempre ferrando os dentes na man  
 jadura com birra.*

**M** Birra he hum vicio, que se acha em muitos cavallos, &  
 ordinariamente basta que hum o tenha em hũa estre  
 ria, para que os outros o tomem logo : donde algũs  
 pessoas enganadas quizerão dizer q era achaque con  
 tagioso, o que pela experiencia se mostra nã ser assim  
 mas sò nente vicio : porque se o cavallo o fizeta por ter impedi  
 mento na boca, ou garganta, que o nã deixasse engolir, sem  
 aquella ajuda de ferrar os dentes, nã era possivel que logo os de  
 mais tivessem o mesmo impedimento, para fazerem o proprio  
 com que se tem bem averiguado que he sò nente vicio, & que co  
 mo tal, o tomão tambem os mais cavallos ; como o tabaco que os  
 homens tomão por verem tomão a outros, & depois se vão con  
 firmãdo no vicio ; ou mais propriamente como vemos abrirse a  
 boca a humã pessoa, & logo abrirse tambem a muitas mais das que  
 estão presentes.

Deve atalhar-se este defeito, por evitar os dârnos que causa, que são tres. O primeiro encher-se o cavallo de flatos no forver de vento que lhe corresponde às ilhargas, fazendo os sujeitos ordinariamête a torcilhoês ventosos, & se virão a fazer estreitos das ilhargas todos os que usão este vicio. O segundo he que com aquelle uso se lhe gastaõ, & moem os dentes. O terceiro he de vertillos de deitando lora a cevada, & mais mantimento.

Se for o vicio moderno, bastará castigallos quando o comerem algumas vezes, ou que coma em manjadoura de pedra: porêm sendo já muito confirmados, será necessario cobrir os paos da manjadoura, em que ferraõ os dentes com huma tolha de flandres, ou chapas de ferro, & ainda com alguns picos, se for necessario.

Algumas pessoas os tem presos a huma argola, dando-lhes de comer no chaõ, & a cevada embornal; porêm isto tem seus diltcommodos, cada qual escolherá o que melhor lhe parecer.

## CAPITULO LXXIX.

*Como se devem fazer as compras, & troca dos cavallos de conta.*

**P**ara as compras, & trocas dos cavallos, he necessario primeiro pôr de parte toda a inclinaçõ, & appetite, que muitas vezes se tem de hum tal cavallo, para que livre a eleiçãõ, possa distinguir os defeitos das bondades; porque como a affeiçãõ cega, se não poderãõ conhecer com clareza, & com verdade. Todos os livros de Cavallarias, & Alveitarias vndaõ cheyos de tantas advertencias nesta materia, que he superfluo tornar a relatallas: para as quaes era necessario dizer as partes, & feições que ha de ter hum cavallo, os sinaes, os defeitos, os enfreamentos; & tudo isto, & os demais que se deve buscar no cavallo, que se compra, tenho já dito

nos capitulos da escolla dos potros, & nos demais a que tocaõ, onde se achará tudo o que se deve buscar de boas partes no cavallo, & os defeitos de que se deve fugir. Com quiz por não repetir cousas duas vezes, enfadando aos leitores direi sómente por summa: que as mais seguras compras são as de cavallos conhecidos, daquelles de que não ha conhecimento, sendo cavallos de compra comprallos com a cautela, de que primeiro os terão em casa alguns dias antes de se pagarem, para que meudamente se possa informar das partes, ou defeitos que tiverem, porque de outra sorte, será sempre arriscada a eleição, pois he impossivel vendo hum cavallo conhecerse logo com segurança as sufficiencias, & os defeitos, especialmente os da inclinação, & os de comer, ou não comer bem, & outros, que na estrebaria só se alcançaõ, & nas feiras, que todos os vendedores com hum fingida pressa sabem encobrir, como cada dia vemos.

Para as trocas serve guardar a mesma regra, & sendo em feira feita à ventura, se deve ao menos advertir huma cautella que he reparar muito nos defeitos, que o outro busca mais no meu cavallo, porque esses serão os que se acharão no seu, por cuja causa o troca, & quer melhorá; como se elle examina muito os olhos, nesses acharão erro do seu, & se nas pernas da mesma maneira: & será sempre necessario mandar meter na agoa o cavallo, & assim molhado lisarlhe muito bem as pernas, & braços, antes que examine o alveitar, porque assim lhe achará mais manifestas as lesões, se as tiver, avendofelhe pago primeiro. E para este exame ser com todas as cautelas, & meudezas, veja-se no tratado de Alveitaria o cap. 1. que nelle declaro tudo largamente, & por isso me não alongo aqui mais.



## CAPITULO LXXX.

*Como devem ser as botas, & espóras, as lanças de Brida, de  
sortilha, & as de justas, candieiros, corda, fiel,  
sortilha, estafermo, borquinha,  
canas, & alcanzias.*

**A**S melhores botas sam aquellas, que forem do uso mais moderno, & essas parecerão sempre melhor, porque toda a antigoalha he desayrosa. Convem comtudo que sejaõ bem ajustadas na medida da perna como as de que se costumaõ servir nas festas os Francezes aceado cavalleiros, que usando-as para as jornadas tam largas, que alguns as alcançaõ com os çapatos dentro, as fazem tão polidas para festas, & ajustadas que vem cuzerilhas o çapateiro na perna. He tambem conveniente que as solas não sejaõ mui duras, nem mais que huma, para que o pé se ajude melhor do movimento, & seja com o carnoz para fóra, para que pegue melhor no estribo.

As espóras tambem tem seus vasos; porè n sem desviar delles, se podem acrescentar, ou deminuir, confórme parecer conveniente; porque aos ho nens, que tem as pernas compridas sempre são necessarias espóras, que armem altas, & com rosetas grandes, para que sem grande movimento de pernas alcance a barra do cavallo: & devem ter sempre as rosetas mais como folia de oliveyra, que como ponta de espinho, & muito bem ajustadas nas botas, porque estando fixas, castigaõ melhor que froxas:

As lanças de Brida devem ser feytas de faya, ou pinho de Flandes, & de comprimento de doze palmos, o pé grosso, & com pezo bastante, porque assim facilita melhor o manejo della; o punho não seja grosso, nem tão delgado, que não encha mui bem a mão; as roscas são as melhores de seis, ou oito frizos, porque assim parecem melhor, são mais galhardas,

ainda que alguns achão ; que tomão muito vento ; que será de feito só para os novatos , que em quanto o forem podem usar de quatro , que também sendo largas , & altas as roscas , se praticão ; humas , & outras devem ser bem fahidas , & pyramidaes até a ponta , com seu encaixe de ferro no remate ; porém a ponta não sehtaõ delgada que a qualquer vento vá tremendo , & brandindo , & he necessario que a lança para publico seja dourada , & pintada cõ primor.

As de justas devem ser só de quatro roscas , maia baixas , & pequenas , & o pè mais delgado , para que melhor se possa unir ao peito das armas : podem ser as ponteiras levadiças , & separadas , para que nos mesmos tronco tendo hum encaixo , se metão humas , & outras : & sendo as justas entre amigos , se devem dar huns furos cruzados nas ponteiras , para com menos resistencia quebrarem.

Os candieiros he mui facil mo lo para o uso da fortilha , frangos , patos , & carneiros , porque evitaõ o trabalho , & incommodidades , que tinhão os postes meridos na terra , de que usavaõ os antigos , abrindo , & tapando covas no meyo da praça , impedindo em quanto estavaõ postos a ordem das escaramuças , & occasionando depois de tirados tropeçarem os cavallos ; que punhaõ as mãos na terra da cova brandamente cuberta.

Todos sabem a feicão dos candieiros cõm que sómente he necessario advertir , que ajaõ de ser bem largos , & pezados no assento , as hastes fortes , & leguras ; para o que são melhores as hastes de huns castanheiros nõvos delgados , & direitos , tirando-lhe sómente a casca , porque não quebraõ ainda que cayaõ ; & sendo para acção publica serãõ mui bem pintados , & ayrosos , & na haste terãõ tres , ou quatro buracos , huns mais altos , & outros menos ; pelos quies se meterá a corda com o fiel , de tal maneira ajustada que acorda encha mui bem a argola do fiel , porque de outra sorte com qualquer vento andarã volutando para hum , & outra parte o que deve ser de comprimento de tres dedos atravessados , que he o mais ajustado ponto , sendo yaziõ

vazio por dentro ; & a fortilha de tal largura , que possa entrar pela lança até comprimento de tres palmos ; & na mesma fortilha ha de estar pegada huma molezinha dobrada , para entrar , & pegar dentro no fiel.

Para os patos , & carneiras serà a corda mais grossa , & se porà nos furos mais altos dos candieiros.

A barquinha deve ser inteiriça , & de pao seguro , para que resista aos bores das lanças , bem encevada ; & tambem para elle se requerem lanças fortes , sendo de Baida. O feitio deve ser como hum barco de pescar ordinario , porèm com quilha alta , & forte por baixo , que venha da proa até a popa , & os furos por onde vay a corda de humia ponta até a outra se querem lisos , & largos , para que de volta na corda com facilidade.

O estafermo se ha de fazer de pao mui leve , posto sobre hum pilar , onde fique tão levantado , como o cavalleiro. Alguns o poem sobre as réas das justas na do meyo , & alli se desviaõ os cavalleiros menos , & por isso castiga mais. Terà no braço esquerdo rodella , ou borquel de aço , que deve estar abraçada , & pegada no peito esquerdo , & terá algum friso ao redor , & não escoada , que peguem nelles as lanças para o fazerem dar volta : o torno sobre que andar o corpo mui bem desfempnado , & ligeiro , & na mão direita o açoute.

As canas são melhores defalgueiro , ou castanho direitas , & não mui leves , & nos pés cortadas redondas , & sem bicos.

As alcanzias do tamanho de laranjas , secas sómente ao Sol , & não cozidas , & mui bem cheyas de varias flotes , porque quando dão no cavalleiro , quebrando o cobrêm todo , & acabada a festa , fica tambem o terreiro muito aprazivel , ayroso ; & alcatifado.



## CAPITULO LXXXI.

*Como devem os cavalleiros fazer as entradas na praça com ostentação, & luzimento.*

**O** Mayor ornato de humas festas publicas, consiste nas boas entradas na praça com perfeição, & luzimentos; porque destas primeiras vistas concebe o povo mayores esperanças, recreando os olhos na variedade das galas; concertos dos cavallos, em prezas, & letas das adargas, & vendo como em hum só aspecto junto, quanto espera lograr por partes: & para que seja com boa ordem, não deve aparecer cavalleiro algum no terreiro, sem ser em companhia dos mais. Para o que antes de entrarem na praça se ajuntarão em huma rua, ou sitio livre, aonde se ajustem, & componhão tudo primeiro, fazendo ir diante as charamelas, & atabales, logo as folias, pèllas, gaitas, bailes, musicas com instrumentos em varios coches, ou ceges descubertos, logo se seguirão duas azemolas com as canas cubertas, com reposteiros, se então se ouverem de jugar; logo os tambores, depois os cavallos de mão, dous a dous com espaço entre hum, & outro par, de dez, ou doze palmos, logo os trombetas com muyto adorno, plumas, & galhardetes nelles, & em os cavallos; a estes se irão seguindo os cavalleiros emparelhados, que sendo possível ser cada huma parelha da mesma gala, & semelhança de cavallos, ainda seriaõ mais perfeitas, deixando entre huma, & outra espaço de duas varas. E nesta fórmula avendo de jugar canas, ou fazer escaramuças dobradas, farão logo a mesma entrada com as lanças nas mãos, & adargas abraçadas com os seus motes nellas, que cada qual quizer levar, feito a seu intento, & indo armados desta sorte ainda parecem mais galhardas as entradas, sendo a jugar canas, ou a fazer escaramuças dobradas com lanças, & adargas; & sendo a ir levar o Mantenedor ao terreiro então não são necessarias



rias lanças ; nem adargas ; & só o Padrinho do Mantenedor deve levar a lança de Brida posta em seu lugar , sendo o penultimo do acompanhamento , & o Mantenedor o ultimo. E nesta fórma entrarão muito devagar dando volta sobre a mão direita a toda a praça , fazendo cortesia a todos os que se acharem nella ; & avendo alguma pessoa Real , se irá buscar primeiro fazendolhe as cortesias na fórma que diremos no capitulo de Tourear ; & às damas que estiverem nos palanques , & janellas , se farão puxando os cavallos alguns passos a trás , & acabada a volta se recolha o Mantenedor à sua tenda , & na mesma fórma , acabada a festa devem fazer a saída , & acompanhamento ao Mantenedor , ou seja o mesmo , ou qualquer outro , que ultimamente fique senhor do terreiro , & sendo entrada para se jugarem canas , ou fazer escaramuças , se disporão na fórma que dizemos nos capitulos das canas , & escaramuças , acabando sempre a sahida com a mesma volta à praça , & concerto , com que se ouver feito a entrada.

## CAPITULO LXXXII.

*Como se deve ensinar a cavallaria de Brida a hum moço novo , que ainda de todo ignora.*

**I**ngenua, & louvavel he em moços nobres a inclinação , & desejo de aprender o exercicio da cavallaria : porque sobre a nobreza cae esta inclinação , como o esmalte sobre ouro , caleficando com as nobres inclinaçoens as qualidades , adquirindo-as ainda os que de todo as não tem ; como pelo contrario os inimigos deste exercicio , & inclinados aos baixos , & terrestres , mostraõ faltas de sangue , & pensamentos

Na República de Athenas, quando florescia no mayor auge o seu governo, se apremiava com grandes rendas cavalleiros mestres para ensinarem a cavallaria às pessoas mais nobres que quizessem aprender, como o foraõ algum tempo Simon, & Genofon, & outros muito illustres Athenienses, de tão grande opiniaõ, que deixaraõ sua fama nas estampas da immortalidade, com que se faziaõ naquellas escolas grandes homens de cavallo; porque he a cavallaria huma das artes que mais necessita de regras, & doutrina, sem as quaes saõ tudo delares, & imperfeições.

Para darmos a este capitulo as regras convenientes com todas as meudezas necessarias, se deve entender primeiro; que a pessoa a quem ensinamos esta arte de entender, & exercitar a cavallaria de Breda, a está ainda ignorando totalmente, & que assim necessita de todos os principios della: & debaixo desta supposiçaõ irei mui meudamente declarando, tudo o que lhe pertence.

Primeiramente advertirá logo o principiante, se está o cavallo ferrado, a sella, rabicho, & peitoral em seu lugar, as cilhas moderadamente apertadas, os lótos em seu ponto, & as fivelas delles bem corridas acima, porque lhe não fiquem debaixo dos joelhos, o freyo sobre os assentos, a barbella em seu ponto necessario; & se o cavallo está oprimido de alguma cousa, doente, ou manco, para o que lhe mandará dar primeiro pelo lacayo alguns passos.

Logo chegará ao cavallo por diante para que o veja, & com a mão esquerda tomará as redeas entre o dedo polegar, & os dous seguintes, & logo os dous menores meterá entre as duas redeas, porque a estes tocaõ os movimentos leves de huma, ou outra em particular, os quaes não pôde fazer o polegar com os outros, porque governaõ a uniaõ de ambas juntas tomadas as redeas desta sorte, & o botaõ dellas corrido primeiro para cima da mão (porque serve muitas vezes de embarçaõ) as ajustará em tal ponto, & medida, temperadas ao sentimento da boca do cavallo, que nem sejaõ tão puxadas, que o alterem nem

taõ brandas, que não pate, & pegará com ellas affim na maçaneta da sella, & chegando o hombro esquerdo junto à mesma pa esquerda do cavallo, meterá o pè nõ estribo, & pondo a maõ direita no arção trazeiro, dará hum brinco, & se meterá na sella, & com o pè direito tomará o estribo, sopezandose, & ladeando-se na sella, para bem se ajustar, & afirmar; advertindo que os lóros estejaõ em tal medida, que levantando nos estribos lhe caiba huma maõ estendida por baixo entre o corpo, & a sella, & que não meterá nos estribos mais que a ponta do pè, que he das mãos necessarias advertencias; em que deve habituar-se, porque além de ser a melhor; & mais ayrosa, & verdadeira cavallaria, he adõnde o pè tem toda a força, & palpavel movimento; & metendose em todo o estribo, ou passando adiante, não pòde affirmar o corpo, nem estibar-se com concerto, & composição de pernas, ainda que affim lhe pareça que assegure melhor o estribo, he engano, que antes o leva perdido.

E logo se ajustará apertandose não com as curvas das pernas, mas com os joelhos, porque pertendendo apertalos com as mesmas rodellas dos joelhos, logo os pès nos estribos ficarão melhor plantados; porque estes hão de ficar de forte, que quem olhar pelas costas ao cavalleiro, lhe não veja dos pès mais que os calcanihares sómente, & estes por baixo, nem ficarão mais pendurados; do que a planta do pè, nem mais levantados que ella, mas tão iguaes como se estivera posto em pè, em terra plaina, com os pès direitos, & sem dobrar, ou torcer os tornozelos para fóra, como alguns, que se fazem parecer tercidos, & aleijados.

Depois de apertados os joelhos, & muyto bem levantado como em pè, porá o corpo de forte que fique quasi a plumo ao direito das pernas, na qual postura se abituará a andar sempre sem se arri-mar aos arções de trás; nem de diante, que depois de costumado o não estrenhará.

O braço direito, poderá trazer humas vezes sobre a polpa da coxa junto à verilha unhas a baixo, & com o cotovelo arcado, & não encolhido para trás; outras vezes o braço deitado ao oli-

vel do corpo, com as costas da mão sobre a coxa, & não com a palma; & levando vara, ou bengala, que nesta cavallaria serve de bengalla será mais ordinaria postura della entre o arçãõ dianteiro, & a crina do cavallo, levando com ella assim o braço arcado, sempre he bom ir variando de posturas o braço, ou vara, para não pareça affectação.

Com a mão da redea terá sempre o cuidado necessario de docemente as redeas ao cavallo, sem nunca se descuidar dellas com os movimentos necessarios, como leme desta naõ, aumentando-as, & alargando-as, conforme a dureza, ou brandura do cavallo, dobrando-as para huma, ou outra parte com a mesma advertencia; temperando com os movimentos da mão os deuses que o cavallo tiver no modo de armar a cabeça; porque levantando muito a barba he necessario que ande a mão da redea baixa entre as crinas, & maçanete da sella, & se armar humo, & encaporado deve andar a mão alta, & mais estendida para as orelhas do cavallo, do que para a maçaneta da sella. O corpo muito direito, & sem o torcer, às bandas, o rostro alegre levantando, & sem affectação nos movimentos, o chapeo firme, & levantado de diante, as acçoens soltas, a postura forte, & desvolta.

Se for com capa; he o melhor modo deixalla ir cahida pela espada da parte direita abaixo. Porém querendo correr, & manejar o cavallo, então será necessario, para que as mãos andem livres, & a capa segura, & ajustada, trazer a ponta direita por baixo do mesmo braço, & lançalla por cima do hombro esquerdo, & depois a ponta da parte esquerda lançalla por cima do mesmo hombro esquerdo, com que venha a pender; ou pegar ao lado direito.

Depois que o novo cavalleiro andar bem adestrado nestas regras, montando, & desmontando facilmente, sem se acostumar a buscar poyos, ou degraos (por nenhum caso) para subir nos cavallos; se hirá habituando tambem a cavalgar da outra parte com as mesmas circumstancias, que da esquerda dissemos; porque he hum grande defeito que ha em muitos cavalleiros naõ saberem; ou naõ serem facéis em cavalgar de huma, & outra

partê; porque ha occasioens apressadas, em que he necessario montar daquella parte, donde se colhe o cavallo mais depressa; como da mesma sorte o desmontar, que succede sendo sempre para hũa parte, ser nos braços talvez do inimigo; ou em pontos de cortesia; buscar-se ao cavalleiro pela parte direita, & elle cair no erro, ou grossaria de decer pela esquerda, parecendo que lhe foge, ou lhe dá occasião, a que com huma volta por redor do cavallo o busca: & assim se habituará a subir, & decer mui prestes; advertindo que não largará a redea da mão, até não ter os pés ambos seguros em terra.

Tambem terá cuidado, & advertencia, em que medida de lóros fica bem estribado, para que nella tome o comprimento, que vai do alto do meyo da sella até o estribo, medindoo com seu palmo, para que depois quando cavalgar, saiba em que ponto cavalga, por escusar de alargar, ou encurtar, depois de estar montado.

## CAPITULO LXXXVIII.

*Como o novo cavalleiro deve passar a carreira, com concerto,  
& composição, conforme a arte.*

**D**Epois que o nosso novo cavalleiro andar mui bem ajustado na sella, & no passeyo do cavallo, & o manejar livremente com a redea para huma, & outra parte, que com uso, & exercicio o fará em breve tempo; & depois que se der já por bem seguro na sella, & com firmeza bastante, que possa passar a carreira sem defeitos, a passará algumas vezes, trotando outras, & sendo em presença de quem o possa emmendar será melhor, para lhe advertir os defeitos, que com os sentidos da redea, da pessoa, do cavallo, & do terreno, não poderá prevenir, & avendo ultimamente passeado à carreira parará o cavallo no lugar do principio della, & estará assim hum pouco com a anca para a carreira em cujo tempo firmará o chapeo, & tomará as pontas da redea na mão direita, pondo a fechada com ellas em huma das posturas, que

que differos, & logo com toda a defenvolturã de animo foflegado, o hirã voltando sobre qualquer das mãos ( fuposto que sobre a esquerda he a melhor pratica, mas tambem sobre a direita não he etro, não levando lança, ou espada empunhada, porque entã o ferã ) & neste voltar do cavallo lhe livra á o corpo do fio da carreira, carregandoo algum tanto para q̄ voltando affim, fique logo com o rosto mais direito na carreira, revolvendo com espaço em que bem lhe caiba o corpo, porque de se voltar remexido sobre os pès, tem succedido desgraças. Logo que aja arroftado a carreira deixará sair sem o parar; porque nesta nossa Cavallaria da Brã he froxo, & defayroso todo, & quilquer parar, tendo arroftada a carreira, sendo só permittido na Gineta; levando o cavallo afferrado os primeiros galopes para que faya meúdo, & atropelado, & com toda a feurança de corpo, como se fora pregado, levantado da sella sobre os joelhos, & estribos, direito o corpo feuras as pernas, firmes os braços, cada hum em feu lugar nas posturas que difemos, sem em toda a carreira fazer movimentos com elles, nem voltar com a cara a huma, & a outra parte, nem tomar respiraçã em toda a carreira, porque quebranta, & afroxa muito o alento: o chapéo firme, & levantado diante, para que não tome a vifta, nem vã abanando que he dezar muito feyo: chegando as pernas ao cavallo só quando for necessario, & sempre ao principio do parar, para que o cavallo se arroje melhor a meter os pès, & levantar de diante: & começando a parar sem deitar o corpo para trás (como muitos erradamente fazem) hirã levantando a mão direita com as pontas das redeas nui ferena, ficando ao ultimo tranco do cavallo com ella no direito do ouvido, & abaixará logo que aquietar, & ficando sempre co n a mesma firmeza, & defafogo, terá alli o cavallo foflegado algum espaço.



## CAPITULO LXXXIV.

*Como deve o cavalleiro andar na escaramuça.*

**N**A escaramuça, & voltas entrará o cavalleiro com a mesma composição de corpo, & pernas ( que diffemos ) com todo o alento, & galhardia. As pontas das redeas na mão direita, levantadas ao ouvido com o braço arcado, começando sempre sobre a mão direita, tomando as voltas largas no principio, acompanhando sempre o cavallo com as ajudas das pernas necessarias, porque voltando sobre a mão direita, levará a perna esquerda mais arrimada à barriga do cavallo, carregando mais atrás, que adiante, & voltando sobre a esquerda, da mesma sorte tará com a direita, & se o cavallo andar com o rostro muito por fóra, & quizer recolher mais lhe poderá chegar a perna de dentro bem atrás, & a de fóra bem ás cilhas, para que fugindo ao castigo se afaste mais com a anca, & se recolha por diante; trazendo o cavallo sempre mui ajustado, & arrecadado, para que não caya levando sempre por diante, para que meta bem os pés, & ande sobre ellas mais vigoroso, & alentado, & antes que o cavallo se enfade, ou afrouxe, o parará primeiro que elle pare, sendo sempre com o rostro para dentro das mesmas voltas, salvo se o cavallo for muito feito, porque os que não são se costumão a sahir, & fugir da escaramuça, pelos averem costumado a sahir com chaça no fim della, & acabadas as voltas, arriará o cavallo alguns passos atrás, afrouxandolhe logo a redea, & saboreando com ella.



## CAPITULO LXXXV.

*Como se devem correr as parelhas com ajustamento;  
& perfeição.*

**S**ÃO as parelhas cousa mui agradável, & festiva para o publico nas occasioens de festas, como aja nellas ajustamento, & ordem: & se os cavalleiros nas galas, & adorno dos cavallos vão emparelhados, como fica dito, ainda são mais vistosas, & enlevão mais os olhos, & as attenções.

Para se correrem as parelhas, he necessario, que ambos os cavalleiros portão logo ajustados; para o que he mais seguro o levarem os primeiros dous, ou tres galopes os cavallos afferrados levando os corpos, & as mãos na propria postura hum, & outro cavalleiro, olhando para as cabeças dos cavallos, que não passe hum adiante do outro, porque aquelle que passar será culpado, pois o poder ir retendo, se o outro não corre tanto; & pelo contrario o que ao parar ficar a trás, terá a culpa, tendo o remedio das espóras, para chegar mais ao termo se por menos obediente ao freyo não parou tanto a rísea o outro.

E devem advertir, que com a perna de dentro não picarão os cavallos por evitar as desconmodidades de embaraçar hum estribo, com o outro, ou com huma a outra espóra; sendo bastante a da parte de fóra, assim para castigar o cavallo, como para ajustar melhor a parelha: & na mesma igualdade, & ajustamento, em que pararem, se hiraõ sahindo da carreira, para irem em ordem buscar outra mais, que ouverem de correr, em as quaes o cavalleiro mais cortez procurará sempre dar a parte direita ao que for mais velho, & de mais authoridade, ou àquelle com quem quizer usar primor.





## CAPITULO LXXXVI.

*Como se devem jogar as canas, & alcanzias assim cingidas, como dobradas, & de quadrilhas.*

**A**lguns Authores destes nossos tempos; insignes no exercicio da Gineta, & doutos nos escriptos da mesma arte, dizem, que o jogo das canas não he permitido à Brida, & que só em Coimbra, & no seu campo com licença escolastica, & liberdade rustica se concede, ou se tolèra este exercicio. Creyo que estes Authores assim o julgam, & creame o leytor, que eu tambem julgo o contrario. Tem a sua opiniaõ muitos sequazes discipulos da Gineta: & tem a minha muitos patronos cavalleiros da Brida. O que defende huma escola inteira sempre he provavel, ainda que outra escola toda se lhe opponha. Thomistas, & Escouistas são o exemplo entre os Theologos: Bridoes, & Ginerarios entre os cavalleiros.

Quizera eu saber porque razãõ este Author acha improprio na Brida o exercicio das canas, sendo a Brida huma cavallaria perfeita, donde ha cavalleiro, & cavallo, arte, & preceitos, com as ventagens, que mostramos no capitulo segundo deste tratado? Porventura porque os antigos o não usavaõ? Isto seria pregar a roda do tempo, & parar a volubilidade do mundo. Bem sey que antigamente se não jugariam as canas à Brida, porque se usava sò a sella Gineta: usouse a Brida, jogaõse as canas com mais fortaleza, & segurança, com mais facilidade, & defen-  
volutura: antes como exercicio he tam semelhante à guerra, só na cavallaria de Brida he mais propriamente exercita-  
do.

Necessario he advertir, que ha muitas formas, & modos de jogar canas: mas deixando de referir os menos praticados, direi os que melhor parecem no exercicio da Borda semelhante ao da guerra.

Primeiramente se partirá o terreiro, ou praça em duas partes, ficando tantos cavalleiros de huma como da outra, deixando de huns a outros espaço de huma carreira ordinaria: & de cada huma parte tiverá hum quadrilheiro, ou guia principal, que terá cuidado de compor a sua quadrilha de forte que estejaõ todos com as cabeças dos cavallo iguais como frente de batalhaõ, direitos os rostos de huma quadrilha, para os da outra, ficando cada hum dos quadrilheiros no corno esquerdo da sua quadrilha, bem na frente do ultimo cavalleiro da outra, & no meyo da praça se porãõ duas balizas, postes, ou candieiros, em tal medida que se contem tantos passos de huma quadrilha ao poste primeiro, como deste ao segundo, & como do segundo, à outra quadrilha.

Logo ( sendo o jogo fingelo ) sahirá o quadrilheiro levando a cana na mão junto à cinta, o braço arcado, unhas acima, a ponta para a orelha esquerda do cavallo, bem premeada a cana, a adarga com huma embraçadeira no pulso, & outra no meyo da mão, & não no braço, como alguns erradamente levam; porque o levar a embraçadeira dentro na mão, não impede os movimentos da redea que vay nos dedos. Nesta fórma partirá em carreira direita, indo em roda ella levantando a cana com serenidade, & galhardia, voltandoa por cima da cabeça, a despedirá muy bem por alto, antes que quebre o cavallo a voltar sobre a mão direita, o que não fará até nim ter passado o olivel de ambos os postes. E tanto que despedir a cana, passará logo as redeas à mão direita, para voltar o cavallo, deixando os postes dentro da volta, & hirá fazendo o circulo com a cara sempre nos contrarios, sem mostrar medo, ou receyo, nem apartar a adarga de seu lugar, sem ver primeiro vir a cana, nem cobrir o rosto,

porque será peyor indoo a descobrir darlhe a cana nelle, pela não aver vigiado dantes, sendo obrigado a acudir com a adarga não só a reparar-se a fy, mas tambem a todo o corpo do cavallo. O que na sella de Brida se faz ainda com mayor bracejo do que na Gineta, onde temem com o muito voltar o corpo atrás, cravarem hũa das espóras de pua no bojo do cavallo.

E se o contrario que ovier seguindo sahir tarde, ou correr pouco o cavallo, o podem ir esperando sobre a redea algum pouco, não fazendo a retirada com tanta furia, como ha de fazer vindo o contrario sobre elle mais ligeiro; & virà a parar junto ao ultimo cavalleiro da sua quadrilha, voltando logo o cavallo depois de haver parado, para os mais companheiros, encorporandose com elle como o lado da adarga, ficando no lugar ultimo.

O cavalleiro, que da quadrilha da ouera parte o veyo seguindo, tanto que despedio a cana, na mesma fórma irá voltando, deixando tambem os postes ambos no meyo da volta, como difemos; até elle não voltar de todo o corpo do cavallo, sobre a mão direita, não sahirá do seu posto, o que ouver de seguillo, & ir sobre elle; & em caso que lhe possa dar alcance, nunca he conveniente que chegue tanto o cavallo, que toque a anca do outro, porque nem assim he mais ayroso, nem mais forte o tiro da cana.

Nesta mesma fórma, & com as mesmas advertencias, irão sahindo sempre todos os mais de seu lugar, chegando de lado todos os cavalleiros da quadrilha, para que sempre esteja armada na mesma fórma, em que de principio a puzemos. Com que cada hum dos cavalleiros, ha de sahir do proprio posto, & lugar donde o guia saho. E assim andando sempre em huma roda viva, nunca a fortuna, & composição das quadrilhas falta da sua primeira fórma; advertindo que o melhor que tem o jogo das canas, he a grande presteza, & agilidade com que haõ de sair, & enetar os cavalleiros, sem aver a minima encerpolação. Sendo jogo de parellhas, ou de quatro, ou mais (suposto que a verdadeira regra he não passarem de quatro, porque de quatro co-

marão o nome de quadrilhas, ) se jugarão, guardando em tudo esta mesma forma; advertindo sómente que os que vão por fóra dão a volta mais larga, & que assim he necessario picarem mais os cavallos, & os de dentro largarem menos as redeas, para que voltem todos iguaes, & encorporados, & desta mesma sorte jogão as alcanzias. No fim parece muito bem travar-se huma escaramuça, sahindo hum fio de huma, & outro da outra parte, com as adargas, & lanças de arremeção, ou com as mesmas canas, & adargas, começando logo com as passagens de huns por outros, pelos lados esquerdos, indo continuando a escaramuça na forma que dizemos no capitulo seguinte, as alcanzias se jogão da mesma forte que as canas.

## CAPITULO LXXXVII.

*Como se deve fazer a escaramuça de dous fios com concerto, conforme a regra militar.*

**A**

Escaramuça de dous fios, que mais se pratica, por ser mais ajustada com a verdadeira ley da cavallaria, & da guerra, se ha de fazer na forma seguinte.

Ajustar-se-hão em numero tantos cavalleiros para hum fio; como para outro: & logo emparelharão os guias hum com outro; & da mesma forte os mais que se seguem atrás, deixando tanto espaço em vazio entre huma, & outra parrelha, quanto couberse o comprimento de hum cavallo. E nesta forma sahirão levando os cavallos sobre os pès sem muita furia, levantando todos as mãos direitas com as pontas das redeas ao ouvido, como dissemos; & sendo com lanças sahirão com ellas na postura da cinta, o ferro adiante pela orelha esquerda do cavallo; & passados os primeiros tres, ou quatro galopes, a hirão levantando com galhardia, & fortaleza á mesma postura do ouvido; & nesta forma irão dando huma volta larga a toda a praça, sobre a mão direita; & acabada esta irão cortando a praça, & no

meyo della se dividirão nesta fórma : o que vai pela iparte esquerda, hirà sahindo adiante, carregando sobre a sua mão esquerda, não para fazer volta sobre ella, mas para fazer mais campo, para voltar sobre a mão direita, & neste mesmo tempo hirá o outro guia fazendo outra volta sobre a mão direita, com tal medida, & espaço, que acabada a volta, ao mesmo tempo hum, & outro guia, se fiquem arrostando frente a frente, cada qual no seu destrito dividido, a que vulgarmente pela semelhança da guerra se diz : cada qual a seu castello. Logo se acometerão passando huns pelos outros, pelos lados esquerdos, arrojando nestas passagens os cavallos com mais furia. E tanto que o guia passar pelo ultimo cavallo do outro fio, quebrará o cavallo sobre a mão esquerda, para ir tomando a volta larga sobre a direita; que dada ella, assim de huma, como de outra parte, se tornarão a arrostar, & a fazer segunda passagem, huns por outros, & no fim della se tomará a mesma volta ( como dissemos ) quebrando o guia o cavallo para a mão esquerda, & tomando outra volta da mesma sorte sobre a direita; & tornando-se a arrostar, se virão acometendo, como fizeraõ para as passagens; & chegando hum dos guias, qualquer delles, ao ultimo cavalleiro do outro fio, tomará a volta sobre a mão esquerda, & outro guia, chegando ao ultimo cavalleiro do outro fio, voltará sobre a mão direita, ficando por dentro do outro, & fazendo estas voltas largas, para que não se embarracem, continuando-as até que se ajaõ encontrado os guias hum com o outro tres vezes, na ultima se sahirá cada qual com o seu fio para o posto, ou castello contrario, fazendo nelle volta sobre a mão direita, assim hum, como o outro; & no fim delle, arrostando-se huns com os outros na mesma forma que dissemos, se tornarão acometer, & a voltar hum fio sobre o outro na mesma fórma, & com as mesmas voltas, & tres encontros, que dissemos; com tal advertencia que o fio que ficou por dentro, & deu as voltas sobre a mão direita as ha de dar nesta segunda sobre a esquerda, ficando por fóra; & o outro fio por dentro dando-as agora sobre a direita; recolhendo-se no fim dos 3. encontros cada qual

qual a seu castello, dando sua volta nelle sobre a mão direita; & arrostandose outra vez no fim della, se a cometerão huns aos outros como para as passagens dissemos. Porém tanto que hum guias com seu fio chegar ao outro, se tornará a revolver sobre a mão direita ao seu castello, na fórmula de quem joga canas, & tornando a arrostar-se com segunda volta sobre a mesma mão, sahirá hum dos guias a tomar ao outro lado esquerdo ao meyo do terreiro emparelhando-se com elle; & o mesmo fará cada qual com seu companheiro, & nesta fórmula irám dando volta redonda à praça passando suas carreitas emparelhados, não partindo huns até que os outros não sayão, donde pararão.

Todos os outros modos de escaramuça sendo conforme a regra vem a dar neste mesmo, tirando, ou pondo mais, ou menos voltas; ou passagens; ou principiandose a tal escaramuça, sahindo logo cada hum dos guias com o seu fio da parte do seu castello, sem darem aquella primeira volta à praça, & acabarem da mesma sorte, ou começarem os fios ambos unidos em hum, indo hum dos guias atrás do ultimo cavalleiro do primeiro fio. Depois de assim darem volta à praça apartarse hão cada hum com o seu fio, para a sua parte, porém fazendo cada huma sua volta sobre a mão direita, & depois continuando a escaramuça na fórmula que temos dito; porque outras invençoens, & modinhos de trepaffos, parecem mais voltas de dançadores que regra de cavalleiros.



## CAPITULO LXXXVIII.

*Como se deve fazer huma escaramuça de hum só fio, acomodando em pouca praça todo o mayor numero de cavalleiros que ouver,*

**H**E cousa mui vistosa, & aprazivel em hum terreiro huma escaramuça de hum só fio, em o qual o guia, sendo cavalleiro destro, faiba meter em pequena praça todo o mayor numero de cavalleiros, que nella se acharem. Para a qual começará logo a mea redea a dar volta em redondo sobre a mão direita a toda a praça, & como sendo o numero grande, antes que se acabe a volta, viria a topa com os ultimos cavalleiros, a não ha de cerrar de todo, mas antes de chegar ao fim della, irá quebrando mais sobre a mesma mão direita, & por dentro da volta larga que os cavalleiros vão dando, irá fazendo outra volta sobre a mão esquerda com toda a largueza, que poder tomar, sem que tope nos que vão por fóra. E logo que tiver acabado esta volta da mão esquerda, terão lugar de serem passados todos os cavalleiros, & então irá dobrando outra sobre a mão direita, tão larga, como a que começou no principio, por que então a tem desimpedida os cavalleiros, por irem seguindo a da mão esquerda por dentro, que elle tem dado em segimento das suas pizadas. E da mesma sorte irá continuando as voltas que quizer, sem que haja embaraço, nem cavallo que perca o galope, avendo cuidado nos cavalleiros todos, que figão sempre as mesmas pizadas do guia: & parece muito bem este envolver, & desenvolver toda esta cavallaria com arte, & boa destreza.

## CAPITULO LXXXIX.

*Como se devem correr os carneiros, & patos à espada, & mão perdizes, ou frangos à lança, estafermo, & barquinha.*

**P**ara te correrem os carneiros se terá advertencia, em que se ponha a corda alta, para que fique o pescoço do carneiro no olivel da cabeça do cavalleiro, & te mandará desviar do fio da carreira mais dous, ou tres palmos, para a parte direita, assim para que o cavalleiro corra melhor, sem receyo de topar nelle, como porque a espada corta sempre melhor, no terço da ponta. Correrá o cavalleiro mui bem seguro; levantado da sella; & partindo com a espada na cinta, a tirando por cima do braço com tal medida, que tirada ella com o braço arcado, & cotovello para cima, vá logo cahindo no pescoço do carneiro, dando o golpe ( não de revés, como alguns erradamente fazem, que he contra o movimento do cavallo, & não pó-le levar força que faça obra ( mas de talho pondolhe a espada do meyo para diante, ajustando o golpe com a violencia do cavallo; & puxando com ella para sy, cortará a cabeça fóra, sendo ajustados os movimentos, mas que seja levantado tambem os melmos cornos, como muitas vezes nesta Villa se tem visto. Equando assim succeda, nem por isso o cavalleiro olhe para trás, nem volte a ver as ventagens que fez, porque parecerá mal; & da mesma sorte ainda que erte o golpe, ou o execute mal, porque o fazer de tudo isso o menos caso he o mais ayroso.

E correndo logo de principio com a espada na mão a levará em huma de duas posturas; ou atravessada sobre as crinas do cavallo com o braço arcado, ou decida ao olivel do corpo, não fazendo menção do golpe, se não ao tempo conveniente de o executar. E as mesmas regras se devem guardar para correr os patos á espada, & correndo-os á mão se deve advertir, que para fazer melhor preza, & arrancar a cabeça com mayor facilidade,



se ha de pègar no pesçoço com a mão virada, cõ o dedo meminho para cima, & o polegar para a cabeça do pato, porque deste modo não pôde fugir a cabeça da mão, & assim dos carneiros, como dos patos que ganhar não faça estimação deixando-os aproveitar a quem os quizer.

As perdizes vivas, rolas, codornizes, ponbcs, & frangos se penduraõ na corda por fios singelos, que se jaõ faceis de quebrar, & se poem bem no fio da carreira em altura que não tope o chapeo nelles, & se correm com a lâça de Brida, posto hum ferraõ na ponta, ou com o arremessaõ, & tirando-se as lanças com as galhardias, & floreyos, que cada hum quizer fazer, viraõ cair com ella na perdiz, & mais aves que dissemos: & levantõa na ponta assim mesmo a irãõ offerecer às pessoas a que quizerem fazer esta linsonja, de que se deve fazer estimação, porque tudo o ganhado pela lança, a merece.

O estafermo, se ha de correr com as lanças de Brida mais fortes, para que não quebrem, & resistãõ ao tope, ou tambem com o conto do remessaõ: as de Brida fazendo-as, & desfazendo-as com os mesmos movimentos, & posturas, que dizemos nas justas, & não na fortilha, & com o remessaõ se partiã à carreira com elle no hombro unhas abaixo, & a ponta para diante, & aos primeiros dous trancos, se irá levantando a mão ao direito do ouvido, & logo voltando a lança com o conto que a qui serve de ponta, inclinando para a orelha esquerda do cavallo o fará ir cahindo na rodella, ou borquel do estafermo, passando com o cavallo mui ligeiro, para que se livre do açoute, sem fugir com o corpo para as bandas, nem mostrar receyo delle, & se melhor lhe quizer escapar o fará com levar lança curta, ou remessaõ traçado com pequeno troço para diante, porque assim passa depois do tope mais depressa, & da mesma sorte se corre a barquinha, & com as mesmas cautelas, posturas & movimentos.



## CAPITULO LXXX.

*Como ha o cavalleiro correndo, ou voltando levantar do chão a espada, chapeo, ou lenço.*

**S**E o cavalleiro correndo, ou voltando lhe cahir alança, chapeo, ou outra cousa, & quer por mostrar destreza levantalla, o poderá fazer facilmente, avendose primeiro exercitado em particular, & ao cavallo; começando a adestrarse andando o cavallo de passo, logo de galope, voltando, & depois correndo; para o que fará apertar a sella com as cilihas, & com amestra assegurandoa muito bem ajustada, & pegando com a mão da redea na mesma redea, & na maçaneta da sella juntamente, levantará a perna esquerda de sorte, que com a curva, & barriga della pegue na burrena de detrás, & se hirá debruçando para diante, arrimado sempre à espalda direyta do cavallo, & estendendo o braço ao chão, levantará com toda a facilidade o que pertencer, & com muita mayor, escaramuçando em voltas largas, em q o cavallo se quebra, & dobra muito, ficando do corpo ao chão, menos distancia: & costumandose afazelo assim muitas vezes, lhe não achará difficuldade alguma, suposto lhe pareça muita antes de se aver exercitado, se a sella for larga, & o cavalleiro curto, pôde pegar cõ o calcanhar, & espórá na borrena para mayor bracejo.

## CAPITULO LXXXI.

*Como se haõ de correr as lanças de Borda à fortilha, & as regras que se devem guardar.*

**D**E nenhuma sorte aconselharei a cavalleiro algum que se disponha a correr a fortilha com lança de Borda sem que primeiro ande muy seguro, & ajustado na sella, & veja que passa as carreiras com toda a firmeza, & desenvoltura; porque para se tirarem as lanças com as

leys, & galhardias necessarias, haõ de ir o corpo, & pernas taõ firmes, & ajustados aos movimentos do cavallo, que pareça tudo huma mesma cousa unida, cavalleiro, & cavallo. Porque se naõ ouver esta grande firmeza, & ajustamento, & o cavalleiro for banbeando na sella, será cousa impossivel naõ só tirar bem as lanças, mas nem aindo fazer acção boa a cavallo, ou se os estibos por falta de firmeza lhe forem bailando nos pès pela carreira; ou se por mal seguros os Joelhos, forem abrindo, & cerrando, ou se o corpo mal seguro for fazendo balanços, & compaços, ou se por acudir ao reparo de qualquer destes defeitos, se afferrou com força à redea por ser hum arrimo que acha na mão a que se pegue; & com elle, ou fez ir anteparando o cavallo, ou a trancos descompostos. Pelo que sem preceder primeiro esta firmeza, & segurança, se naõ deve expor o cavalleiro a correr com lança ao menos em publico, porém achandose já sufficiente o fará na fórma seguinte.

Para que o cavalleiro aprenda, & exercite a obra das lanças, & fortilha com todo o fundamento, he necessario que saiba, & aja entendido primeiro que aquella carreira ha repartida em tres terços, nos quaes se comprehendem, & estão significados em summa todas as principaes operaçoens da guerra viva, significando o primeiro terço preparar, fortificar, & armar, o segundo arrojar, envestir, & pelejar; & o terceiro retirar, reparar, & refazer: & que conforme ao que obrar em cada hum destes termos, haõ de ser julgadas pelos juizes as boas acçoens, ou os defeitos que fizerem.

Apriemeira cousa será buscar cavalleiro experto, naõ só na pratica, mas tambem na especulativa, para que o apadrinhe, & possa industiar, & advertir em todas as acçoens necessarias, mayormente quando chegar às occasiões publicas. Porém agora para mayor clareza do nosso intento avemos de suppor, que assim o padrinho com o cavalleiro ignoraõ totalmente o estylo todo, porque assim o irey relatando muyto por meudo; para que a todos os mais novatos seja intelligivel.

Estão no principio do ultimo terço da carreira postos os caõs

eiros, nelles hã corda com o fiel, & fortilha, hirã o padrinho com a lança na mão, posto o conto, & pè della sobre a polpa da perna, na fórma em que logo diremos a ha de levar o cavalleiro, & pondose diante do afillado hirã m passeando a carreira, começando o passieyo do lugar donde ha de vir a parar, & hira com galhardia, rostos alegres, & cortesia a todos, fazendo as afillado com o chapeo, & o padrinho beijando a lança; & logo a pessoas Reaes tirará tambem o chapeo, passando primeiro a lança à mão da redea, puxando o cavallo atrás tres vezes, como he costume; & logo chegando por baixo da fortilha concertará, pondoa de tal sorte que fique dous dedos acima do chapeo do afillado; para o que o mandará chegar debaixo della, & correrá o fiel quatro dedos, desviado do fio da carreira, que vindo correndo o cavalleiro lhe fique a fortilha pelo olivel da orelha esquerda: advertindo mais que a corda esteja bem teza, porque estando froxa não varie os movimentos com qualquer vento, & que junto aos candieiros não esteja pessoa alguma, porque estando rapazes inquietos, ou algumas pessoas mal intencionadas, não só se arriscará a perder as lanças; mas averte com a corda na garganta: advertindo isto, se hiraõ continuando o passieyo, & tanto que o padrinho achar que o afillado tem chegado ao posto, & lugar donde se ha de correr, mandará parar o afillado, & elle dando mais dous passos adiante, inclinando o cavallo à parte direita algum tanto voltará logo sobre a esquerda, & chegando pela direita do afillado, beijando a lança lhe dará inclinada com a ponta para diante delle, passando logo por detrás da anca do seu cavallo, para voltar sobre a mão direita, ficando com o rosto para a esquerda do afillado: o qual recebendo a lança com a mesma acção de cortesia, a porá com o conto sobre a coxa junto à borrena de diante acima do joelho hum palmo, pouco mais ou menos, a ponta inclinada para diante, que fique pelo direito da orelha esquerda do cavallo; porém levantada em tal medida, que se da ponta della cahir hum prumo, fique dando na dita orelha do cavallo: & abrangerá a lança com todos os dedos da mão sem estender o index por entre as ro-

cas acima (como alguns etradamente o fazem,) & com á braço algum tanto arcado, levantado o cotovelo, & não encolhido, as pernas, & corpo tão direito; & ajustado como já dislemos, & armado nesta fórma, advertindo que em toda a carreira não ha de tomar respiração, porque se o fizer de minuitá muito o alento, & firmeza da lança.

Hirá virando o cavallo, livrandolhe o corpo algum tanto para a parte direita, para que volte melhor sobre o fio da carreira, & voltando sobre a esquerda, partirá logo em arrostando a carreira; porque nesta cavallaria, he froxo, & se não permite ter primeiro parado o cavallo algum tempo, como na Gineta. Logo no primeiro tranco levantará a lança dous dedos, sem advertir da mesma postura em que a leva, mais que despegala da coxa; & ao segundo tranco a hirá começando a decer, levando o lugar da mão pelo olivel do corpo abaixo, afastando d'elle a lança, espaço de dous dedos, até de todo ficar o braço estendido, & o conto da lança cahirá ao olivel do canto da aba da sella de detrás, & a ponta assim nesta como em todas as demais posturas, & movimentos, hirá sempre inclinada para a parte esquerda de tal modo, que fique cobrindo o corpo do cavalleiro; de sorte que quem estiver no lugar donde o cavalleiro partir a carreira, veja sempre o ultimo da ponta da lança pela orelha, & lado esquerdo do cavalleiro, & no mesmo ponto em que chegar com a lança a esta postura, a hirá logo levantando pelo mesmo olivel do corpo; & assim que a for levantando, hirá arcando o braço porque lhe dê mais ar, & galhardia, até que o cotovelo fique no direito do ouvido, unindo, & affirmando o pé da lança junto ao sangradouro do braço. Até esta postura, que he a mais galharda de toda a carreira gastarâ tam sómente hum terço della, & daqui começará a ir baixando muito serenamente a lança, & braço sem d'elle despegar o pé até cahir com a ponta na fortilha indoa, recolhendo com o mesmo braço no enriste (sem a pegar no corpo) com hum principio de volta, com que si quem as unhas para o peito, & não para o sovaco. E até esta postura, que he no lugar da fortilha gastarâ o segundo terço, &

passando a fortilha que he o principio do terceiro, começará a desandar aquella meya volta da mão, que deu ultima, tirando juntamente do enrite a lança, & braço adiante, coufa de quatro dedos. E logo a hirá decendo ao olivel do corpo na mesma forma que dissemos nos segundos trancos da carreira, com que ao penultimo tranco a tenha de todo decida, & ao ultimo a torne a pôr na coxa: advertindo que em todo o curso da carreira não ha de ter a lança, nem hum instante ociosa. Logo que o cavalleiro tiver parado, partirá o padrinho correndo, tratando, ou passeando (se bem não deve ter com muito vagar pelo não fazer esperar) & se vier correndo parará o cavallo atrás d'elle, & logo passando pela mão esquerda do afilhado, voltará sobre a direyta, & lhe tomará a lança com a cortesia que já dissemos, sahindose de volta por detrás da anca do cavallo do afilhado; o qual voltando sobre elle o seguirá, para tornarem a ir buscar outra carreira na mesma forma, & assim mesmo em todas as mais, & na ultima acompanhará o padrinho ao afilhado até o tirar fóra do destrito da carreira. Tambem se corre á fortilha tirando as lanças á ley de armas que he na forma que no capitulo de justas diremos, porém são na fortilha menos ayrosas, & pouco usadas.

He bom para tirar melhor as lanças, levar o estribo da parte direita mais curto huma polegada, porque como o corpo pende para a parte da lança se endireita melhor com esta cautela, & leva mais fortaleza, & segurança, porém isto he segredo, & não se gra.

Muitas vezes os cavalleiros novos, descuidados levão a boca aberta na carreira, que he grande fealdade, o que devem emendar com trazerem grande cuidado nisso até perderem o vicio. Algumas circunstancias mais que parecer que aqui faltam se acharão no cap. 93. dos juizes.



## CAPITULO LXXXII.

*Como se deve correr as justas Reaes, & ordem que deve aver nisso.*

**H**E a cavallaria das justas, assim nas veras, como nos exerecios apraziveis, a mais perfeita, & natural no exercicio da Brida, suposto que alguns antigos a quizerão tambem uzar impropriamente à Gineea. Não ha festas publicas com perfeição, q̄ se não authorizem com as justas. Para as quais primeiramente se devem fazer tres teas de taboado do comprimento da carreira, & quando menos, a do meyo serão as taboas pregadas, bem lizas, & justas, & sendo sobre postas hão de ficar as que sobrepozerem à mão esquerda da carreira, porque assim ficão livres de toparem tanto ao correr sobre hũa parte, como ao voltar sobre a outra. As teas das bandas tambem bastarão de pano, suposto que as de taboado sejaõ melhores para evitar disgracas, terá a do meyo de altura seis palmos, & o mesmo averá de largura entre hũa, & outra.

Entrará o mantenedor das justas da mesma sorte que dissemos da sortilha, acompanhado de toda a cavallaria, dando volta à praça, & estando os juizes já nella; indo muy bem armado de peito, & espaldar sobre colete de anta bem seguro, & comprido, murrião, viseira, gola, braceletes, & luvas: entrando logo na praça com lança na mão, como tambem o padrinho com outra das quaes levarão os contos em postura mais baixa quatro dedos, do que dissemos na sortilha, & dada volta se recolherá à sua tenda.

Logo poderão entrar os ventureros; precedendo primeiro as licenças, & todas as mais circunstancias, que dissemos nas entradas para a sortilha, por as não repetir duas vezes. Podem fazer as entradas, assim hũs como os outros cõ a viseira aberta, & levantada, & só nente ao entrar das teas chegará o padrinho, & cerrará a viseira ao afilhado, & o meterá no principio, & entrada das teas;

ficandollie a do meyo à mão esquerda, & ao mesmo tempo estará da outra parte o venturoiro na mesma forma ( que dissemos ) armado hum, & outro com as lanças sobre a coxa, & neste tempo estarão ao lado direito dos afilhados os padrinhos pela parte de fóra das reas com as suas lanças tambem na mesma postura, correrão os padrinhos com as vizeiras abertas, ou fechadas, conforme as leys do quartel. Tanto q̄ a trombera der final partirão com todo o alento, & fortaleza ao mesmo tempo que o mantenedor o venturoiro, com que venhão a encontrar-se no meyo da carreira pelos lados esquerdos, ficando sómente a tea em meyo.

Tanto que o justador partir, logo ao primeiro tranco, dará hum sopeso à lança, tanto quanto a podesse tirar de hum encaixo como hum argola se nelle estivesse, logo a hirá de golpe levantando sem atquear tanto o braço como na fortilha, nem levantar tanto a lança, & a hirá deffendo inclinando a ponta muito mais que na fortilha à parte esquerda, & metendoa no enriste com mais volta de munheca, que na fortilha, a fará vir cahindo no contrario, fazendo sempre o rico à vizeira por ser o demais ventagem.

Nas justas hão de ser os movimentos mais breves, & fortes, porque se parte a carreira sómente em dous termos, sendo forçoso incluirse no primeiro sómente os dous terços que na fortilha significão preparar, fortificar, armar, atrojar, envestir, & pelejar, & não andarão com varios movimentos da lança, buscando ao contrario, quando com a postura firme, que levar o não alcance, porque he grande defeito, & imperfeição, nem atravessalla de forte, que tope com o lado no contrario, & não com a ponta, porque quebrandoa desta forte, será melhor lança a que não quebrou, ainda que não topasse. Deve hir a lança muy bem segura no enriste, & apertada na mão, para que com o bote lhe não salte fóra della, como tambem o corpo firme, para q̄ recebendo algum grande golpe, não altere movimentos, ind muito advertido, em não desviar o corpo, ou cabeça para huma, & outra parte, & quebrando, ou não quebrando a lança, sempre a parte que



que lhe ficar na mão levará até o fim da carreira, tirando do en-  
 riste com defandar a volta, que dantes avia dado, fazendoo assim lo-  
 go que passar o contrario, ou seja com a lança inteira, ou cõ a par-  
 te della que levar, & tirada do enriste, puxandoa algum tanto a  
 diante, a tornará a vir pôr na coxa sobre o mesmo lugar onde a ti-  
 nha ao partir da carreira, com que ao ultimo tranco a tenha no  
 tal lugar. E o padrinho ao mesmo tempo que o cavalleiro, virá  
 tambem correndo mais atrás delle alguma cousa por fóra da tea,  
 pela parte direita do cavalleiro, & voltando sobre a mão esquer-  
 da dará pela direita a sua lança ao afillhado, recebendo delle ao  
 mesmo tempo a que tiver na mão, ou seja quebrada, ou inteira,  
 tornando a metello logo sem lhe levantar a viseira na tea da ou-  
 tra parte, & passando por detrás, se porá ao seu lado direito  
 por fóra das teas, esperando na mesma fórma, que na primeira  
 carreira, o final da trombeta para passar a segunda, como disse-  
 mos na primeira. Corridas ambas tirará o padrinho ao afillhado  
 do destrito da carreira, antes que lhe levante a viseira, & então  
 lha pôde levantar, & a mesma fórma que temos dito do mante-  
 nedor deve observar o ventureiro, & seu padrinho como todos  
 os mais.

Logo poderão os padrinhos hir ver, & examinar os afillhados  
 contrarios se ficáraõ desarmados, ou feridos, rotas as viseiras, a-  
 bertas, ou descompostas as armas, ou parte dellas, & as mais  
 advertencias, que diffemos no capitulo a tráz da fortilha, para  
 assim o requererem, & fazerem presente, & publica aos juizes, aos  
 quais hiraõ logo, & beijando as lanças, & inclinando as cabeças  
 que he a mayor cortesia, que armados podem fazer, trataraõ de  
 relatar cada qual seus requerimentos, que os juizes com toda a  
 attençaõ devem ouvir para sentencearem com justiça, & darem  
 o preço, ao que a tiver, advertindo que nas justas he a melhor  
 feridas a mais alta, & melhor a q̄ faz rope do que a q̄ resvala, me-  
 lhor a q̄ quebra a lâça em muitas astilhas, q̄ a que se parte em hum  
 só lugar, melhor a q̄ quebra na ponta, que a q̄ quebra mais atrás,  
 melhor a q̄ desarma o contrario ainda q̄ não quebre do q̄ a q̄ que-  
 brou sem desarmar, & assim das mais conforme rezaõ se julgaraõ as

ventagens, como também os defeitos, sendo maiores os da lança que os das armas, & maiores os destas, que os do corpo, & os deste maiores que os do cavallo, & assim os mais que por serem diversos, & casuais se não podem comprehender todos para se especificarem, ficando ao bom juizo, & arbitrio dos juizes conformado em tudo o mais com as regras que dissemos da fortaleza.

## CAPITULO LXXXIII.

*Das pessoas que se devem eleger para juizes dos preços, como se devem julgar, com mais algumas advertencias. daquelle acto.*

**P**ER A juizes dos preços se devem eleger tres pessoas de respeito, & authoridade que hajaõ sido homens de cavallo, vistos na pratica, & especulativa em todas as leys da cavallaria, os quaes seraõ obrigados em foro de consciencia, & em obrigação de primor a julgar bem, & verdadeiramente assim como entenderem, porque de muito tempo (como vemos està introduzido entre os cavalleiros por ley de duello, & pender as competencias destes desafios muito semelhantes (ainda que festivos, & entre amigos) aos verdadeiros de que fazem menção com tantas & tão escrupulosas regras, & preceitos aquelles que admitiraõ as leys de duellos, como Possævino, Joã de Ligano, & outros; costumes que os Lombardos trouxeraõ a Italia, & abraçaraõ antigamente os Francezes Alemães, & Espanhoes de que se lembra Martin DelRio Magic. disquisit. l. 4. cap. 4. quaest. 4. sect. 2. E ainda que aquelles duellos sãõ injustos, & condemnados pello direito Canonico, & não assim estes festivos, & lusorios: os juizes devem proceder com attenção, & igualdade, porque ha alguns cavalleiros tão escrupulosos, q̄ não estimaõ estes desafios em menos que os de veras, porque como levaõ nestes a honra, & brio (que entre cavalleiros ainda se estimaõ mais que a mesma vida) se escandalizaõ muito saltandolhe com a justiça. Pelo que os juizes se de-

vem apartar de todo o odio, & affeição, que a estes, ou aquelles possuão ter, para que livremente, & sem paixão hajaõ de julgar com inteireza, pois só este nome de juiz merece quem inteiramente julga. Cassionoro o disse l. 3. Epist. 27. *Tandiu enim iudex dicitur, quandiu justus putatur.*

E porque não poderemos numerar todas as ventagens que ha para ganhar, nem os defeitos, que podem haver para perder, ficará a arbitrio do bom juizo, & elleição dos juizes a averiguação dos casos, que aqui não poderemos comprehender.

Primeiro que o mantenedor, & mais cavallaria entre na praça, estaraõ nella postos os candieiros no principio do ultimo terço da carreira, como a fortilha na forma que já dissemos no cap. 91. & os juizes teraõ tomado lugar, que se lhe averá feito em palanque levantando, donde livremente vejaõ desde o principio até o fim da carreira. Alguns querem que o lugar dos juizes seja no fim della, bem na frente, porque dalli vem melhor todas as perfeçoens, ou faltas que desde o principio traz o cavalleiro, porém ha para isso algúas descommodidades, que o impedem; como são, poderse desenfrear hum cavallo, ou parar largo, & dar pelo palanque onde estiverem, tambem o pô que se levanta ao parar lhe faz dano, & o principal, & mais forçoso impedimento he, que vendo os cavallos o fim da carreira impedido não correm ordinariamente com a velocidade, que o fazem na carreira aberta. Pello que o melhor lugar para os juizes, he o de junto à fortilha da parte da lança, permitindoõ assim o sitio; porque se neste lugar impedirem a vista das janellas, & palanques, tambem em tal caso bastará que estejaõ da outra parte. Depois que assim estiverem em seu lugar, poderá entrar o mantenedor na praça, dando volta a ella com todo o acompanhamento de cavallaria diante, & se hirá recolher à sua tenda, & della mandará o padrinho com o quartel fixado em huma adarga a entregar aos juizes, em cujo poder ficará para lhes servir de ordenação, em o qual hiráõ declaradas as leys, & forma em que o mantenedor desafia por quartel a todo o cavalleiro que lhe qui-

zer compêtir.

Os ordinarios estilos são dous. Ao primeyro chamaõ facamalo; & he que todo o que perde sayá para fóra como mao cavalleiro; & por isso dizem facamalo: O segundo he facabueno, que he fahir fóra o bom cavalleiro, & por isso se chama facabueno, posto que como bom ganhe, ficando sempre o mantenedor no campo, ainda que como mao perca, se bem este segundo he menos uzado, & de menos galantaria que o primeiro.

Logo querendo entrar algum ventureiro na praça armado, com padrinho, & lança como ventureiro, será obrigado a mandar antes que entre o padrinho a pedir licença aos juizes para fazer sua entrada na praça, que elles são aqui propriamente os senhores della, preguntandolhes que lhe declarem as leys do quartel, se dantes as não tiver sabido, para que em tudo as siga, & póde juntamente pedir a licença, para que o seu afilhado ventureiro, sogeitandose às leys do quartel, possa correr tal preço a duas lanças, depositando prenda equivalente, declarando o titulo com que o cavalleiro se nomea, abonando nas suas calidades, & concedida a licença, dará parte della ao padrinho do mantenedor, para que lhe conste que tem na praça contendor, que lhe aceitou o desafio: o qual tanto que tiver esta noticia fahirá sem dilação com o seu padrinho a correr as primeiras duas lanças, & no fim da segunda carreira, tanto que o padrinho lhe tomar a lança, o hirá acompanhando até se tornar a recolher na tenda, & logo entregará a propria lança ao padrinho do ventureiro para que corra com ella, porque não haja ventagens em serem diferentes, recebendo ao entregar della outra da mão do mesmo padrinho do ventureiro para que não fique desfarmado, & na mesma forma do mantenedor, hirá o ventureiro correr outras duas lanças, & no fim dellas romandolhe o padrinho a lança o hirá acompanhando até bem se fahir do destrito da carreira. Logo assim hum padrinho, como o outro, podem hir a ver, & examinar se levou algumas ventagens o contendor do seu afilhado; advirtindo se leva alguma ponta de paõ, ou ferro cravada na so-

la da bota, para segurar melhor a grade do estribo, ou se o leva atado por algum modo ao pé; se leva alguma fita que ate o joelho à sella, ou borrena; se leva o chapeo preso com fita por baixo da barba, que o não pode fazer sem licença dos juizes, & consentimento do contendor; se leva alguma correa pegada por baixo dos arçoens dianteiros, a que vá pegado com a mão da redea pella carreira para hir mais firme; se leva alguma roseta pegada na aba da sella por escufar de picar o cavallo, temendo descomporse, porque tudo isto são ventagens, & não he rezaõ que as aja como temos dito; ou se o cavallo se desferrou, ou lhe quebrou alguma coufa que o desarme. Depois voltarão com as mesmas lanças nas mãos, & chegarão aonde estão o juizes a relatar cada qual a justiça de seu afillhado, com toda a cortesia, fallando primeiro o padrinho do mantenedo, que sempre lhe toca o allegar primeiro, por ser author, que por quartel desafiou, & altercando as rezoens, que tiverem, não levantarão cousas que não ajão succedido, porque alem de ser cousa indigna de homem cavalleiro, levantar aleives, são alli as acçoens notorias, & manifestas, & a obrigaçõ dos juizes não he somente julgarem pelo arrefoado, mas tambem pela vistoria que para isto são convocados àquelle lugar, ouvindo todas as rezoens, que de huma, & outra parte se tiverem allegado, consultarão entre si para resolverem a sentença, que avendo determinada a relatará hum delles com toda a clareza aos dous contendores, dando as rezoens todas por onde hum ganhou, & as porque o outro perdeu, pondo com isto o preço na lança ao vencedor, que fazendo logo a cortesia cumprada aos juizes, o levará ao seu afillhado: o qual o não deve recolher, nem tirar da lança, avendo damas na praça, & terreiro, porque será mostrar gróffaria, & pouco primor, pois pela posse, & cortesia se lhes deve; como tambem ellas de qualquer estado, & calidade que sejaõ; são obrigadas pelo estillo, & introducçãõ já muy antiga, a aceitalo com a estimaçãõ q̄ merece o que pela ponta da lança foy ganhado; o padrinho que leva o

preço não dirá recado largo, nem esperará grandes repostas por evitar escandalo, que talvez pôde occasionarse destas, aquellas palavras, mas sômente nomeará aquella pessoa para quem vay o preço, porque as mais que estiverem no palanque, ou janella se não alvorocem, & levantem erradamente, dizendo que o mantenedor, ou venturheiro o manda sem referir o seu nome proprio, entregandoo com o chapeo na mão da redea, beijando a lança, & depois de recebido se retirará alguns passos atrás, antes de por o chapeo, & de voltar o cavallo.

Para que os preços sejam julgados com a justiça, que convem devem os juizes repartir entre si o cuidado de todos os movimentos daquelle cavalleiro qualquer que seja, tendo hum por sua conta as perfeçoens, & os defeitos do corpo do cavalleiro notando a cara, braços, & pernas; outro as acçoens, tempos, & movimentos da lança, outro o ajustamento, ou faltas do cavallo, & todos os acertos; ou erros do padrinho.

Já supponho, que os Juizes devem saber que aquelle termo da carreira, he dividido em tres terços, como já temos declarado no cap. 91. em que se trata do modo de tirar as lanças, & que sendo o primeiro terço para o cavalleiro se armar, & pôr em fôrma de peleja: o segundo batalhar, & o terceiro retirar, se devem conforme a isso julgar os quilates das ventagens, & defeitos, sendo mayores os que succederem no tempo da peleja, que os que acontecerem no termo do armar para ella, & mayores os que ouverem no armar, do que os que se fizerem ao retirar, depois de passar o choque da fortilha; como se hum cavalleiro largou o estribo no primeiro, ou segundo terço da carreira, ainda que o torne a tomar logo, he mayor defeito, do que o outro, que o perdeu no ultimo terço, & assim se entenderão nos mais, que diremos começando primeiro pellas feridas da fortilha, & depois dos defeitos.

O melhor tiro que se faz com a lança, he no meyo da fortilha levandoa, porque he verdadeiramente o alvo, & objecto a que se atira, o que se segue he pela parte de cima, & assim dimin-

muindo, o da parte debaixo, logo no lado, que fica à parte esquerda do cavalleiro, que mostra fazer a ferida cuberto com a ponta da lança para dentro; depois no lado direito, & deste se segue o tope do fiel, que supposto digaõ alguns que por mais artilhado he o melhor, não he bastante rezaõ, porque como o que buscamos he a fortilha, os topes que nella mesmo se executaõ são mais proprios ao intento, & conforme a estas feridas que dizemos se ha de julgar por melhor lança a que for mais vezir ha a ellas, como he fer melhor a que vay mais perto do tope de cima, que do debaixo; & melhor a que vay mais vesinha ao debaixo, que aos dos lados, & logo ao do lado esquerdo; que ao do direito, assim as mais. Advertindo que não basta o lever a fortilha, ou o mayor tope para ganhar, se ouver saltado o cavalleiro ás regras, & leys principais de medir os tempos da carreira, & lança fazendoa, & desfazendoa com regra, & nos seus termos, trabalhandoa sempre sem a trazer nem hum instante ociosa, mas com toda a firmeza, ajustamento, & concerto.

Agora hiremos dizendo dos defeitos começando pelos mayores, & assim diminuindo até chegar aos mais leves, que suposto se não poderaõ comprehender todos (pois he impossivel reduzir a regra todos os futuros contingentes) podemos com tudo advertir aquellas que mais ordinariamente são factiveis, que em numero são vinte: os quais irei referindo successivamente, para que se aja entendido que assim como se vão nomeando, assim vão diminuindo nos graos de mayor para menor defeito.

O mayor, defeito de todos he, cahir o cavalleiro no segundo terço da carreira, sendo mayor quilate, do que cahir no primeiro, & assim se devem hir entendendo de todos os mais.

Logo cahir com o cavallo, que he ficar renidido, ainda que não seja tanto culpa do cavalleiro como o primeiro feria.

Depois cahir a lança que he entregar as armas na peleja.

Correr por fóra dos postes, que he desviar, & fugir do campo, & termo que está assinalado para o conbate.

Encordoar, que em quanto à lança, he como ir por fóra do

dos postes, pôrquê o deſcrito aſſinalado para o deſaſto; lie da corda para baixo, & entre hum, & outro poſte; que ſerve de balifas, com que indo a lança por ſima vay já por fóra do termo aſſinalado, & he perdida.

Cahir a eſpada ſuſto que não he arma, com que alli ſe peleja, nem ſe leva empunhada, que por iſſo he menos defeito; do que fugir do choque por fóra do deſcrito com o corpo, ou com a lança, encôdoando; he com tudo arma de reſerva, que cahindo, não ſo deſarma, mas deſauthoriſa.

Cahir o eſtribo deſarma, mostra fraqueza, & indicio de mau cavalleiro.

Cahir o chapeo deſarma, & deſauthoriſa, & pouq̃ não he defeito que impida o offender, ainda que o ſeja para o reparo, he menos defeito, que os acima referidos.

Cahir a eſpora deſarma, & vem a ſer falta na compoſição do cavalleiro, & mais para ajudar o cavallo.

Quebrar cilha, o peitoral, ou rabicho que deſarma o cavallo.

Cahir ferradura na carreira ao cavallo.

Voltar às aveſtas o cavallo para correr.

Não correr bem pelo ſio, & meyo da carreira.

Dar o cavallo alguns couces na carreira.

Chegar o cavalleiro ao fim da carreira com os pés mais medidos nos eſtribos, do que os tinha quando lhe deu principio.

Fazer algum movimento leve com a ponta da lança para buſcar a ſortilha ao paſſar por ella.

Parar o cavallo com a lança atravessada; & não direito.

Correr pouco o cavallo por falta de o não picar.

Cahir ſita, ou prenda leve,

Dar alança ao Padrinho, ſem acção de a beijar.

Conforme a eſtas regras ſe podem julgar as mais ventagens, & defeitos que aqui não comprehendemos. Advertindo tambem que quando as lanças dos dous cõpetidores forem iguais nas feridas



feridas da fortilha, devem os juizes recorrer aver qual as tirou mais ajustadas com as leys da cavallaria: & avendo igualdade, passará a ver qual mais ayrosas, & galhardas, & avendo a mesma igualdade, ao que vay mais bem posto de corpo, & pernas, & corre mais ajustado, & avendo sido iguais nisto ao que levar melhor gala, & mais concerto, & não avendo ainda ventagens, ao que levar mais fermoso, mais bem ajazado, & ajustado cavallo, & avendo em tudo igualdade, sem haver a minima ventagem a que possa recorrerse, então aqui somente se manda a correr terceira lança, & quando nella não aja tambem differença ( que tudo pôde succeder ) se partirá o preffo pelo meyo, ficando o mantenedor no terreiro que só esta ventagem se lhe concede, porque se outra se lhe desse, não haveria quem levando a minima contra si no ganhar, ou perder opiniaõ, & preffo lhe aceitasse o desafio. E assim não acho rezaõ a muytos que mandão favorecer aos mantenedores, & concederlhe ventagens, sendo pelo contrario observado nos desafios verdadeiros, quando eraõ tolerados, em os quais se permitia a eleiçaõ do campo, & armas ao ventureiro desafiado, & outras ventagens mais, com que Andre Alciato de duello cap. 29. Fausto cap. 30. João Baptista Mainoldo de leys allegando a Paris de Puteo de duello, & outros aconselharão que o ventureiro desafiado levase todas as ventagens que pudesse, ainda que fosse com armas traydorás, & falsificadas, o que não deve aprovarse, antes estranhar-se muyto, porque os homens honrados, & mais sendo cavalleiros, ainda são mais obrigados a toda a limpeza, & verdade, funde só as suas ventagens das suas cavallarias. E assim a melhor opiniaõ, & de mais rezaõ he, que nem ao mantenedor desafiado, nem ao ventureiro desafiante se conceda ventagem alguma. E finalmente attenderão os juizes muyto ( como ja dissemos ) no ajustamento do cavalleiro na quietação, segurança, & serenidade das lanças, para conseguirem as ventagens, & poderem julgar com consciencia, credito, & aplauso.

## CAPITULO LXXXIV.

*Como se deve tourear à Brida, & os estilos que se devem observar conforme a melhor opinião.*

**H**E a arte, & destreza de tourear hum dos mais galhardos exercicios que se obraõ na cavallaria, & por essa rezaõ a estimaõ, & se gloriaõ, & prezaõ de a exercitar todos os grandes Senhores que a podem aprender, & se achaõ com natural inclinaçõ. E como este acto he ordinariamente taõ publico, onde o cavalleiro leva a julgar todas suas açcoens a tantos, & taõ diversos juizes, quantos sãõ os que estaõ vendo, devem com rezaõ fazer primeyro todos os enayos que lhe parecem necessarios, para com toda a perfeiçõ obrar depois, & sem hir fiado nelles, & nas suficientes operaçoens de animo, naõ deve expor a sua honra, que està primeyro, & logo a sua vida, a hum acto tão notorio fazendo sómente quando para todas as açcoes deste exercicio se achar capacitado. Para o que farey algũas advertencias, sem embargo das muytas, com que todos os Authores da Gineta se tem taõ largamente dilatado.

He este exercicio de tourear mais frequentado à Gineta do que à Brida, sem ser por outra rezaõ mais que a de levar o cavalleiro as pernas mais levantadas; & com menos risco dos cornos do touro, que mostrãõ mais temor, porẽm naõ mais valor, nem bizarrria. Com que outras mayores commodidades da Brida facilitaõ, & remedeãõ este inconveniente como fica dito no cap. 2.

A primeyra, & mais necessaria cousa, para este acto; he o fazer elleiçãõ de bom cavallo, que deve ser alto, & naõ muyto muyto vivo, & ligeiro, porẽm naõ ponedor, nem inclinado a fazer curvetas, muito fogeito, & obediente ao minimo manejo da redea de mãõ chea, & naõ boquimolle, mui bem adaptado

trado não entender a perna, & fazer os redobres, quebrando-se com presteza a huma, & outra parte, & o devem ter na estrevaria entre duas vacas manças, que comão com elle na manjadoura muitos dias, & sobre tudo que seja cavallo castiço, de boa condição, que para os publicos sempre são mais seguros, & leais.

Os garrochoens devem ser de sette palmos, & só se permitem de outo para a postura da anca revolta, de pinho seco, & com alguns furos, se forem muito fortes, os ferros compridos, bem tirados, & não muito largos, & sem farpas, que possam pegar, as hastes das garrochas se requerem de mayor comprimento, & mais delgadas com muitos furos, cheyas de varias fitas, os ferros quanto mais pequenos, mais depressa entraõ a enbeber as farpas.

Como devem ser as entradas na praça todos o sabem, fazem cada qual com mais, ou menos lacayos, & ostentaçõ, de galas, conforme seu gosto, & possibilidade. Huns fazem as entradas antes de sahir o touro fazendo as cortesias devidas conforme as pessoas, que estiverem presentes, & avendo pessoas Reais, se devem hir buscar primeiro, puxando o cavallo atrás tres vezes, como todos sabem, sem antes disso tirar o chapeo a pessoa algũa, & logo depois a toda a praça em redondo, fazendo a volta sobre a mão direita. Outros fazem as entradas depois do touro andar fóra, q̄ não tem esta menos galantaria, entrando naquelle tempo, em que todos se afastaõ, & recolhem para os palanques, & lugares seguros.

Deve entrar o cavalleiro ayroso, alegre, & desenvolto, como se alli não ouvera touro, nem coula de sobressalto, tratando com todo socego de continuar as suas cortesias, fazendo-as com o chapeo abaixo até sobre a coxa com o vaõ da coxa para fóra, que he mais rasgada, & ayrosa a cortesia (suposto que se uzem na postura da Gineta, pondo o chapeo no peiro) & sempre com todo o cuidado, ainda que o não manifeste nos movimentos do touro, levando o lacayo do garrochaõ com elle sempre prestes junto da anca do cavallo, ao lado direito,

para

para que se o touro ò acometer , o ache prompto para lhe fazer a sorte , & tambem será obrigado a acodir a qualquer dos lacayos, ou pessoa a que o touro tomar nos cornos , ainda que vã no acto das cortêsias , & depois as tornará a continuar , indo logo que as acabar , a demandar o touro a donde estiver , tendo grande advertencia de o não cometer nunca por parte donde lhe fiquem paredes , ou palanques à mão esquerda do touro , nem por detrás , porque lhe impedirão o poder sahir do encontro.

Com hũa de tres posturas se costumaõ buscar os touros com o garrochaõ. A primeira , & mais galharda he a de rosto a rosto, que em todo o genero de acometimentos , he sempre a mais soberana , & limpa , levando o cavallo de passo muy aprecebido, a ponta do garrochaõ mais levantada , porque he melhor para o ferir , & acertar o golpe o decela alguma cousa, do que o levanta & assi n como o touro vier investindo ladear o cavallo algũa cousa à parte esquerda , que para isso são melhores as judas das pernas livres , para sahir melhor do encontro , & executar , a sorte , pondelhe sempre a pontaria entre os cornos , porém mais para a parte direita delles , por se não arriscar a passar o garrochaõ por cima em claro , & não se deve dar com elle chuçada , senão a pontallo sómente com firmeza do braço , que o touro se crava por si mesmo , carregando depois de elle se hir entrando. O ferro do garrochaõ senão deve por atravessado , senão de fio, que para esta postura he mais seguro , porque ainda que se erre a nuca , sempre a ferida executa , porque não sendo nelle , sempre he no pescoço , ou na entrada das paz , por donde o garrochaõ se embebe grande parte , cahindo ordinariamente o touro morto. E logo que execute a ferida , arrimando a perna direita muyto ao cavallo , fará quebrar sobre o touro , sahindo logo a diante , & lançado para o ar a parte que do garrochaõ lhe ficou , não o seguindo o touro , porque se o seguir lhe hirã dando com elle no focinho , atè que desembaraçandose d'elle tome outro garrochaõ , & em caso que não execute o golpe sempre sahirã pela anca do touro sobre a mão direita , & avendo feito bo

forte, ou morto o touro, se não alvoroce com demonstraçoens de vangloria, que he confa aborrecida, mas ficando seguro, & senhor de si, como dantes, & terá advertido aos lacayos, que cahindo o touro, lhe cortem logo os jarretes pelos inconvenientes que de não o fazerem algumas vezes se seguem tornando se a levantar.

Nesta mesma postura, que dissemos, se busca tambem o touro, partindo a elle á meya redea, & ao mesmo tempo, em que elle parte, levando o cavallo justo, & muy bem acompanhado da perna direita, para o carregar à parte esquerda, livrandolhe o corpo do fio do encontro, & passado elle quebrallo sobre a mão direita, ou execute, ou não a ferida, porque para o touro revolver sobre o cavalleiro, o faz menos naturalmente, & com mayor dilacão sobre a mão direita, do que sobre a esquerda. E assim se tornará a preparar, & o prover do garrochaõ, como temos dito.

A segunda postura de buscar o touro, & mais uzada he ao estribo, para o que se deve hir buscando a passo ordinario; porèm sempre o cavallo apercebido. E tanto que o touro partir (que logo mostra quando o quer fazer, como bater as orelhas para diante, que he sinal infallivel) se inclinará o cavallo de forte, que o touro o venha investindo pelo direito do estribo, & chegando a medida do garrochaõ, ha de ser o mesmo o porfelhe entre os cornos, & o arrimar a perna direita ao cavallo atrás, fazendo desviar a anca, & quebrar sobre o touro, sahindo sobre a mão direita, & seguindo em tudo o mais o que já temos dito.

Tambem se busca touro para esta mesma postura voltando em galopes ao redor d'elle sobre a mão direita, apertando as voltas até elle atremeter, ou largar o posto, indo sempre com o garrochaõ preparado, & tanto que o touro acomete, se lhe faz a sorte com muita segurança, porque indo o cavallo nos galopes fica mais facil em livrar logo o corpo do encontro.

A terceira postura he, a que chamaõ de anca revolta, esta he a mais segura, & menos uzada, & não taõ ayrosa como as outras.

& se execute do não o garrocho mais comprido hum palmo que os outros, e speran lo se o touro com a anca para elle, & o cavalleiro com o corpo voltado sobre o lado direito, tendo o cavallo muy apercebido, para que tanto que o touro chzgue à medida a ferida se execute, & enconginente se saye logo a diante, porque ao desarmar o touro, o não apinhe. E assi n esta sahida como todas as mais, não deve o cavalleiro fazer muy largas, por não parecer que foge; mais que sómente a que baste para livrar do encontro revolvendo antes o cavallo do que correndo antes, porque o segue menos a volta, que a carreira.

Tambem se tourea, & fazem sortes muito engraçadas com o garrocho, levando vacias ficas junto da farpa, & como estas são mais compridas que os garrochosens, & se pega nellas unhas acima, tem menos risco as sortes, que com ellas se executão, & se podem fazer em todas as tres posturas, sendo a principal a de rosto a rosto, & tambem a do estribo, que a da anca revolta, he menos propria nesta postura.

Co n a garrocha se fazem as feridas nas mesmas partes, que com o garrocho, & tambem no focinho onde pegaõ muito melhor, & nas orelhas, olhos, testa, & tudo o que ha do peito para diante, onde parece muy bom depois da sorte as astilhas pregadas, & as fitas tremolando.

E se advirca que de qualquer maneira destas que se façõ as sortes, haõ de executar sempre, quando o touro cometer, porque irlhe meter o garrochoõ onde elle estiver acantoadado, ou rendido, nem quando elle passa para outra parte, ou vay fugindo, não he cousa praticavel, nem tambem conveniente andar com muitos excessos, buscando o touro quando he pouco animoso, & anda fugindo, ou buscando as tranqueiras por onde se saye, o mais que se pode fazer quando elle anda pela praça, he irlhe occupar o posto onde mais costuma estar parado escavando, porque alli o virá melhor a cometer.

Em todas as sortes andarã o cavalleiro sempre muito defogado, & tenhor de si, com grande cuidado na compostura do corpo, & pernas, mas não mostrando ser affectação na adver-

tencia, fenaõ como descuido natural, empunhando o garrochaõ com ar, & manejando a garrocha com galhardia.

As causas que obrigaõ ao toureador, a puxar pela espada ( que deve ser larga, & com bom fio, ) & avançar com ella ao touro, sam todas aquellas, em que o touro o offender, deixando ( como dissemos ) afrontado, como saõ: ferirhe o cavallo, fazerhe perder o estribo com encontro, quebrarhe o peitoral, ou huma das tres cilhas ( porque sendo todas se ha de apear, & envestir a pè ) cahirhe o chapeo, tomarhe algum lacayo nos cornos, ou toureiro, que ande com elle acompanhando, porque sendo outras diversas pessoas, só lhe acodirá com o garrochaõ, & assim algumas mais semelhantes, em que se veja recebe o cavalleiro agravo. E logo que tirar pela espada, que será com toda a defensiva, & por cima do braço da redea, investirá ao touro por toda, & qualquer parte, que o colher mais depressa, dandolhe de cutiladas, & procurando sempre que estas se jaõ antes do meyo do touro para diante, que para trás, & quanto mais chegar, & arri-mar a elle, saõ mais seguras, & melhores, chegandose sempre com o lado direito, & depois de aver dado algumas cutiladas boas, & que bem se manifestem o deixe acabar de jarretar aos lacayos, porque andando o touro já rendido naõ pareça: em mouro morto graõ lançada, & em todas as occasioens que puxar pela espada, ha de fazer que primeiro o touro morra, do que a embainhe.

Os casos, que obrigaõ ao cavalleiro a buscar o touro em pè, & investillo às cutiladas, saõ todos aquelles, que por qualquer modo lhe impediaõ o buscallo de cavallo, como saõ matarhe o cavallo, ou ferillo tanto que o encapacite, ou fique com tanto medo, que totalmente fuja ao touro, o quebrarhe as cilhas todas, o cahirhe o cavallo, & quebrarhe as redeas ambas, ou huma só, cahirhe a espada, & assim tudo o mais, em q̄ o cavalleiro fique desfarmado, & incapaz de poder envestir o touro de cavallo, & outros casos a estes semelhantes, q̄ como saõ algũs cõtingentes, se naõ podẽ prevenir se regularaõ pelos q̄ temos relatado, & tambẽ será obrigado a por logo os pès em terra, se vir q̄ alguns amigos se anticipaõ a decer palãques a seu respeito, ainda q̄ seja sem aver occasiaõ para isso.

Tanto que o cavalleiro se pozer com os pès em terra sem embaraço nem dilacão alguma, hirà logo com a espada na mão rosto a rosto direito ao touro, advertindo de que em o touro o acometendo o espere não de ilharga mas com o peito a elle, na qual postura ha de estar até chegar mui perto, porque de se desviarem a gnis mui cedo; nace o hirem os touros seguindo, & executando, com que só ao tempo do abaixar o touro a cabeça, & fazerte para o levar, he que ha de desviar então o pè direito com o corpo sobre o esquerdo, deixando cahir no mesmo movimento a espada sobre o pescoço do touro, ou tambem no focinho, ainda que o golpe do pescoço he o melhor, com que fazendose com acorpo, & ligeireza, hirà o touro desarmado adiante, deixando livre, se logo tornar a fazerte, esperallo outra vez da mesma forte, todas as mais que forem necessarias. Este modo de desviar para a parte direita do touro, he muito melhor que para a esquerda, porque os touros sempre abaixão, & arrimaõ o corno esquerdo, & não o direito, como a larga experiencia tem mostrado, & o golpe tambem he mais seguro, & melhor de talho, que de revés, comtudo pelas differenças de casos, & successos, que pòde aver, bom he saber livrar o corpo com presteza sobre huma, & outra parte.

## CAPITULO LXXXV.

*Como se deve aver o cavalleiro nos casos, que lhe succede  
rem de repente, para que em todos se mostre  
experto, advertido, & com bom  
acordo.*

**S** Aõ tântas, & taõ innumeraveis as variedades de successos, que nos repentes podem acontecer aos homens andando a cavallo, que seria impossivel comprehendel-las, & reduzillas a numero, para excogitar os remedios de evitallas, com que daremos sómente alguns pa-



Em aquelles casos, que mais ordinariamente costumão succeder.

Quando hum cavaleiro correndo a carreira com lança, ou andando na escaramuça com a remeção, & lhe succeder cahirhe em qualquer acto, que seja, terá grande advertencia em puxar logo pela espada, & continuo até o fim com ella na mão.

No caso, em que o cavallo correndo lhe rebentarem as cisternas, ainda que o sinta, ou que de fóra lho digaõ, não se altere, nem pare, se não no fim da carreira, levando o corpo muito direito, & as pernas muito ajustadas, metendo a mão a parar mais larga, & da mesma forte o fará quebrando o peitoral, ou rabiço.

No caso, que ao cavallo quebra huma das redeas correndo, ou voltando, lhe lançará a outra logo por cima da cabeça, para a parte da que quebrou, & puxando dalli por ella, parará o cavallo logo.

No caso, em que correndo, ou voltando, quebrarem as redeas ambas, se debruçará o cavaleiro sobre o pescoço do cavallo, & lhe pegará nas cabeçadas, & por ellas o bocado torcendo para huma parte, & sendo o pescoço comprido q̄ lhe não possa chegar ao freyo, lhe porá o chapeo diante dos olhos, ou hum lenço, com que parará logo.

No caso, que o cavallo lhe fuja correndo, com tomar o freyo nos dentes afferrados nelle, lançará logo a mão ao alto da cabeça, largandolhe primeiro a redea toda, & a levantará para cima, com que desafferrará o freyo, & logo de repente, & com violencia lhe puxará pelas redeas, & parará.

No caso, que o cavallo ponha as cambas nos peitos, & cõ ellas assim fuja, lhe lançará as redeas por cima da cabeça, que fique para huma parte ambas, & puxando por ellas juntas o fará parar logo, voltando para aquella parte.

No caso, que o cavallo fuja de esquentado, ardido, ou desesperado, sendo em terra limpa lhe largará toda a redea picando muito, porque atabalado assim com a violencia, & falta de respiração, chamandoo depois com a redea, & fazendolhe o corpo,

parará, & quando o não faça, lhe deitará também as redeas ambas a hum parte ( como acima dissemos, ) & com ellas assim voltando lhe a cabeça, parará, não sendo em terra limpa, se pôde valer do chapeo nos olhos, capa, ou penço, & quando faltem estas couzas, tire depressa a castaca, & lha deite sobre os olhos, porque não vendo, parará logo.

No caso que o cavallo tropece & escaramuçando, ou correndo, deve o cavalleiro ter advertencia de não puxar pela redea para sy em ponto baixo, se não levantarha para cima, junto às orelhas, porque com isto não hirá ao chaõ tão facilmente, nem terá o cavalleiro o risco de voltar o cavallo sobre elle.

No caso que o cavallo cahir correndo, ou voltando, terá o cavalleiro advertencia em abrir as pernas, logo que elle for cahindo, para que fique em pé, ou ao menos lhe não fique debaixo alguma perna, porém ficando de pé no direito da sella, se pôde tornar a levantar com o mesmo cavallo facilmente.

No caso que o cavallo se empine, & levante tanto que se veja vai virando para trás, tirará do estribo o pé direito, & livrando o corpo sobre o esquerdo, como quando se apea, se porá com ligeireza de pé em terra, para que não fique debaixo do cavallo.

No caso que o cavallo passando por alguma agoa, escavenella, ou mence com a colla, ou dê com o focinho na agoa para hum, & outra parte ( que sam tudo sinaes de quererse deitar nella ) tenha ao mesmo tempo vigilancia de o ir soffriando alto, & picando com presteza até passar fóra da agoa.

No caso que o cavallo passando por alguma ponte, sem emparo, ou por algum caminho que tenha rio, ou despenhadeiro de algum lado, & tomando medo começar á recuar com as ancas para a parte do perigo, o não picará, porque picando recuará mais, & se despenhará mais depressa, com o que assim como mostrar o medo, se virará com o rosto para donde está o perigo, & dandolhe soffreadas o fará ir recuando até que passe assim o lugar do receyo, que passado este, & tornando a

por direito, continuará por diante livremente.

No caso que depois que o cavalleiro partir a carreira; vir que alguma pessoa, animal, ou outro embarço se atravessa nella, não tratará de querer parar o cavallo, porque lhe será difficultoso, salvo se conhecer delle ser muito sojeito ao freyo, & doce da boca, mas não o sendo, hirá antes torcendo a carreira para hum lado, desviandoo do impedimento, ou deitandolhe as redeas por cima da cabeça, para huma parte, & com ligeireza o fará voltar para ella.

No caso que correndo parelha cahir o chapeo ao companheiro, para fazer menos feyo defeito, & mostrar em tudo parelha, deixará tambem logo de endustria cahir o seu, & se quizer fazer ao companheiro hum louvor grande, o será, tirando o seu proprio na mesma carreira, & pondoa na cabeça do companheiro.

## CAPITULO LXXXV.

*Como se hão de tratar, & conservar os cavallos, para que com saude, & fortaleza possam acurar os mayores trabalhos de campanhas, festas, & jornadas.*

**H**E o cavallo hum animal vivente, & sensitivo, sojeito á corrupção, & achaques de que não pòde acautelarse, como os outros animaes se acautelam, guiados pelo instinto natural, que os ensina a bulcar os meyo da sua conservaçam, fogindo das calmas para as sombras, dos frios para os abrigado, & assim nos mantimentos, comendo os que lhe são bons, rejeitando os que lhe ponem ser nocivos, & outras prevençoens naturaes, de que nam pòde usar o cavallo que está preso, & sojeito ao homem que governa, & não tem liberdade para poder tequir as suas o peraçõens naturaes. Pelo que he necessario, que se tenha com elle todo o cuidado, se o seu prestimo o merece para que possa servir bem, &

conservar-se muito tempo, porque tratandose com as cautelas, & precauçoens que direi, pôde hum cavallo aturar muitas campanhas, trabalhar em muitas festas, & seguir jornadas largas de duzentas, & mais legoas, estando sempre tambem como no primeiro dia, que da eltrebaria sahio, & se pôdem fazer assim nos cavallos de regalo mais fermosos, & estimados.

Quando se ouver de preparar hum cavallo para ir a húa campanha, a humas festas, ou jornada larga, he necessario primeiro que o cavallo esteja de longe mui bem pensado de palha, & cevada, & que não esteja muito gordo em extremo, salvo se apalha, & cevada só nente lhe tiver posto as carnes, porque essas sam então mui naturaes.

Antes de entrar ao trabalho, se deve exercitar hum dia, & outro não, seis, ou sete vezes, se he para campanha, ou festas correndolhe duas, tres carreiras, passeando-o, montando duas, ou tres horas em cada hum destes dias. Se for para jornada, fazelo andar o primeiro dia huma lego, o terceiro duas, o quinto quatro, & assim ir acrescentando, & sem ir longe, o passeie hum moço de cavallo tantas horas como poderia andar de legoas, com que o cavallo se vay habituando, & endurecendo para não estranhar nem resfriar na jornada.

Logo se deve mandar ferrar alguns dias antes da campanha, festa, ou jornada, porque as ferraduras lançadas de fresco, etaldao, & molestaõ, se logo se tegue o trabalho violento dos pès, & mãos.

He necessario verlhe o freyo, que vâ em seu lugar, & se tem a boca chagada, ou que lhe faz alguma molestia, curalo primeiro, & porlhe o freyo que na jornada o não moleste, & sempre para as jornadas ao menos, são melhores os leves que os pezados.

Convem muito que aja boas sellas, para campanhas grandes, & jornadas largas, das quaes sejaõ os vasos mui iguaes, que não assentem nas pontas, nem em huma parte mais que em outra, nem sejaõ tão levantados diante, como fazem nas sellas de festas, porque ao cavalleiro, & ao cavallo são incomodas.

Os suadouros sejaõ de pano fino , que não recebe tanto suor , nem esfola , como o grosso , não haõ de ser cheyos de lãa , se não de cabos de boy cozidos em agoa , & primeiro que se fevaõ se haõ de torcer como cordas para que depois de cozidos desfeytos fiquem crespos , & se nam amassem. Isto evita grandemente as mataduras. O pello de Veado tambem he bom , para encher os suadouros , não se querem estofados muyto altos , porque fazem mover a sella para huma , & outra parte , & esfolar o couro. Se huma sella assentar igualmente , sem fazer mais força em huma parte , que em outra , nunca pôde ferir o cavallo , porẽm todas parece que assentaõ bem aos que o não entendem , & poucas sam as que nam façãõ muita mais força em huma parte , que nas outras. Para examinar isto ha de porse a sella , & hum modo pequeno em cima , entãõ hir metendo a mão por baixo dos suadouros , & logo se vê onde o vaso , ou suadouro aperta o cavallo , para se remedear , porque nesta cautella vai muyto.

Se o cavallõ ouver de levar mala na garupa , he necessario que leve por baixo hum xerel , com seus suadourinhos pequenos , cheyos muy bem dos mesmos rabos de boy , porque não es quente , & esfole aquelle lugar dos rins , que molesta muito o cavallo.

He boa cautela levar para as jornadas huma , ou duas ferraduras , das que dissemos no capitulo dezouto , porque tanto que hum cavallo se desferra , se lhe poem logo , vay atẽ onde aja ferrador com o casco inteiro , & sem isso chega muitas vezes incapaz de se lhe pregarem cravos , & mal pregados , torna logo a cahir a ferradura huma , & outra vez , atẽ que incapacita o cavallo , & embarça huma jornada , ou o serviço de huma campanha.

Quando se vay em huma jornada perto de estalagem huma legoa , meya , ou hum quarto , he bom se se acha agoa , meter o cavallo com os pès , & mãos nella , que os lave ,

& lhe reperecuta os humores, & darlhe de beber, porque aquelle pouco, que depois caminha faz dissipar a frialdade, & viveza da agoa; & se a não ouver se não na estalagem, será bom não lha dar de poço, ou siltarna, se não a mais temperada que se achar, a melhor he a de rio, depois de fonte, antes que de poço, & dando-felhe em algum vaso será bom que os criados metaõ as mãos nella, & a mexaõ hum pouco, para que perca alguma parte daquella viveza, & se ouver farelos, ou farinha serão bons nellas, porque engrossaõ, & impedem a sua penetraçõ nos póros que vão abertos do caminho, & não he bom darlhe logo de beber chegando suado, senão dalli a hum pouco.

Se o cavallo chegar muito molhado, se lhe correrá o suor como o fio de huma faca por todo o corpo, particularmente, pernas, & braços, sempre para donde corre o pello, & depois que estiver o suor seco, se podem lavar as pernas, & braços com agoa fria.

Não se devem esfregar as pernas, & mãos quando o cavallo chega suado de qualquer trabalho que seja, como as mais das pessoas erradamente o fazem, de que procedem resfriamentos pela ignorancia de tal cautella, porque vindo o suor, & humores derretidos, esfregando as mãos, & pés, que se são as partes baixas onde elles caem com facilidade, he certo que as esfregações de rolos de palha, que lhes fazem, chamem, & atraheõ alli mais, & mais humores, que depois se congelaõ arrefecendo o cavallo, de que ficaõ mancos, & perdidos.

Se ouver lugar de se passear o cavallo, vindo muito suado, he boa cautella até arrefecer, com que seja parte abrigada que sendo frio, & vento he melhor recolhelo, correlhe o suor (como disse) com a faca brandamente, tirarlhe o rabicho, & peitoral, alargarlhe as cilhas, meterlhe por baixo dos suadouros humas manadas de palha limpa, que tenhaõ os suadouros apartados do couro.

Deixar-se ha estar com o freyo hum quarto de hora sem comer, porque assim de se jando tirallo faz escuma, que lhe alimpa a garganta, & lhe humedece a lingua, & boca, & com esta dilacão breve

breve vem a comer depois melhor, & mais em hũ quarto de hora, do q̄ sem ella avia de comer em duas horas inteiras, se estiver enfastiado, lavemhe as ventas, & boca com vinagre, porque o alivia muito, ou com vinho, não havendo vinagre.

As primeiras jornadas sempre he bom fazelas menores, & menos apressadas, & depois hir acrescentando, como no primeiro dia seis legoas, no segundo outo, depois dez, & doze, que as sentirá entãõ menos o cavallo.

Quando à noute se vai dormir a huma estalagem, antes de chegar a ella meya legoa, vaíse mais de vagar, dando a redea toda ao cavallo, para que vá defatogado, & lhe sirva aquelle pouco de passeio, com que seco do suor, & se o levar hum criado, ou pessoa q̄ possa hir a pè hum quarto de hora, o leve entãõ de redea este pouco até chegar à estalagem, & se recolher nella escusando outro passeio.

Todo o cavalleiro curioso, & o que deseja seguir o seu intento, & que o cavallo lhe não falte na jornada, o vai ver logo, & lhe manda lançar por baixo dos pès palha fresca, porque esta industria os faz urinar logo, & ficaõ aliviados.

Não se lhe ha de dar logo ao cavallo a cevada em chegando primeiro he melhor lançarhe palha, depois de estar o freyo ( como dissemos ) & se ouver farelos trigos, he bom refresco, molhados, para hum cavallo que vem esquentado, entãõ a cevada, & palha necessaria.

Veja-se a manjadoura se está limpa, ou se tem buracos, porque os costumaõ fazer os mesmos estalajadeiros, para cahir a cevada, para os seus porcos, & galinhas, & o cavallo comer dous bocados, & enfastiar logo, he melhor tirarhe a cevada de diante, porque mais o enfastia, & depois tornar adarilha.

Ha de fazerse a cama ao cavallo com sua palha fresca, & prendete de forte, que nem fique taõ comprido, que se encabreste na corda, ou cadea, nem tam curto, que se não possa deitar.

Depois que o cavallo está já descansado na estrebaria, o suor

enxuto, & os humores quietos, então ao deitar na cama, se mande esfregar o suor que está seco, para que não entupa os poros, & se ouver almofaca he muito bom almofacar o cavallo, depois do suor seco, ainda que seja à noite, espaço de meya hora, porque se abrem os poros, & se facilita a sahida dos fumos, & excrementos que chamaõ do terceiro cozimento, o que a catpa, & suor coalhado impede, & entupe com grande damno da saúde do cavallo.

Logo lhe devem correr todo o lombo, & lugar da sella para ver se achão algum polmão, ou matadura, se acharem polmão tomarão duas, ou tres claras de ovo, ou mais confõme a grandeza delle, & hum pedaço de pedra hume pizada, & muito mexida com as claras, que fique a modo de nata, & aplicada sobre o tumor com estopas por cima, que ajudem a sustentar, verão que pela manhã não tem nada.

Logo devem ver a sella, & tirarlhe naquelle lugar algum estofo, metendo-o para outras partes, & porám a secar os suadouros ao ar, ou ao fogo, porque não estejão pela manhã molhados, varrejando-os muito bem.

Se achar matadura a lavação com vinho morno, desfazendo nelle hum torraõ de açucar, & o lugar do suadouro, que fez a matadura, & corte-se fóra com huma thesoura mayor pano do que he a matadura, & torne-se a sircir nesse mesmo lugar hum couro branco de cordavaõ, ou carneira, com a parte mais branda para a matadura, este couro se engraxa primeiro, embebendo nelle muita manteiga, que para isso he a melhor graxa, mas em falta serve qualquer outra, ou toucinho, ou sabão, & todas as vezes que se tirar a sella, se ha de alimpar o couro, & tornallo a engraxar de novo, & por bixo delle que ande a lã muito leve. Já fiz jornadas em que o cavallo sahio de casa com matadura, & depois de muitos dias de caminho com esta cautella chegou o cavallo saõ ao fim da jornada, & assim chegaõ muitas vezes mais gordos, & alentados do que partiraõ, se hi todo o cuidado com elles, & cautelas necessarias.

Veja-se a sella se abriu os vasos, ou se se movem antes q se tor-  
nem



nem a pôr no cavallo, para que se conferte primeiro.

Verfeha se o rabicho ferio o cavallo debaixo da colla, & en-  
tao alargarlho mais, & engraxallo alli muito bem, & lavar a feri-  
da com azeite, & vinho partes iguaes, & batido bem huma cou-  
ra com outra, & porlhe carvam pizado, & logo pela manhã esta-  
rá bom.

Ver o peitoral, se no lugar dos còdres, ou rabicho em cima  
dos rins tem o pello rapado, ou se esfolo o couro, ou faz tumor,  
& estregar aquellas partes offendidas com fubaõ, & forrar por bai-  
xo das fivellas, ou couro duro, que offende a parte com hum pe-  
daço de couro brando muito ensaboado, & em falta hum pano  
velho, ou baeta, até sarar.

Ver o lugar da barbeilla se está com chaga, lavalla muito com  
agõa ardente, & em falta della com azeite, sal, & vinho, & cobrir  
a cadeafinha com couro engraxado com manteiga, ou outra gra-  
xa.

Vejaõse as mãos por junto dos machinhos, se estão feridas,  
se o cavallo se corta para mandar recolher as feraduras, que com  
a continuacão da jornada se não vá decepando.

Apalparaõ os casco, & palmos por dentro, se estão mui es-  
quentados, & asperos, porque he bom remedio meterlhes dentro,  
& ao redor esterco de vacas fresco, & na falta delle o do mesmo  
cavallo amassado com vinagre, que isto lhe adoçará os cascos, &  
tirá a dor.

Algumas vezes se deitaõ os cavallos logo, chegando à estala-  
gem, ou de qualquer jornada, ou trabalho, & se os levantaõ tor-  
naõ a deitar-se, & fazem cuidar aos que o não entendem que estão  
doentes, isto succede de estar atormentado dos cascos. Lo-  
go se manifesta apalpando-os, se estão muito asperos, & es-  
quentados, & se vê nos olhos do cavallo, que está alegre  
estando deirado, & comem assim mesmo sem se levanta-  
rem, mostrando todos os sinais de saúde. Para isto he bom  
untarlhe todos os cascos com manteiga fresca, & porlhe o  
esterco de vacas ( que dissemos ) & ver se assenta alguma ferra-  
dura, se tem o casco cheyo, porque logo a ferradura onde assenta  
está

está mais líta, & nedeã do que nas mais partes.

Se o cavallo for digno de estimação, & tendo trabalho muito alguns dias, ou seja nas jornadas, ou nas campanhas, ou feitas, mandaráo ferver em huma caldeira esterco de bois, ou vacas frescos, em vinagre, com que fique a modo de papas, & o carregaram muito bem pelas espaldas, ancas, pernas, & braços, esfregando-os muito, & arripiando o pello, para que penetre, & não havendo para tudo, ao menos as pernas, & braços, estará assim a noute, & se ouver lugar para estar mais hum dia ainda fará melhor effeito, depois mandalo lavar ao rio, ou com agua morna, sendo inverno, ou não havendo rio, & experimentarãm como esta carga tão facil lhe fortifica, & enxuga, os pès, & mãos, & os faz tam lisos, & enxutos, como se não ouveram trabalhado.

Quando se dorme na estalagem, he necessario mandar muito cedo dar a cevada ao cavallo, mandalo, alimpar muito bem, porque ficando, terra, ou o pello endurecido do suor seco, por baixo da sella, fará facilmente mataduras.

Sempre he bom pela manhã pôr cedo a sella ao cavallo, porque com ella às costas come melhor, por se aproveitar do tempo, & ver que ha de sair. A experiencia o tem assim mostrado.

Antes de sair da estalagem, & lugar donde aja ferrador, se veraõ as ferraduras se faltaõ cravos, ou estão gastadas, para que se lhe acuda, cravejando o cavallo, ou ferrandoo do que for necessario, porque com esta cautella hitaõ os cascos melhor conservados, & inteiros.

Se à noute, por descuido, não olháraõ, se o cavallo tinha alguma matadura, & pela manhã ao pôr da sella acháraõ alguma que não aja entãõ lugar para as precauções, que dissemos, lave-se ao menos com vinho, & se lhe rape o pello à roda, & lhe ponhão hum panno vello, & brando em duas, ou tres dobras em cima, & quanto mayor for será melhor, que tome os sudouros todos, se for possivel, & por cima deste panno atarãm nãstros que voltem por baixo da barriga, & que assegurem muy bem

bem o pano, porque os suadouros entãõ se mōvem em cima do pano, & nãõ offende a matadura.

Sahindo pela manhãa da estalagem, nãõ darãõ logo de beber ao cavallo, se nãõ depois de aver andado huma, ou duas legoas, & seja antes em rio do que em fonte, havando commodo para isso ( como temos dito ) & antes em fonte do que em agoas de presa, que nãõ corraõ, & o livrem de beber em agoas chocas, & corruptas, & quando o cavallo vãi esquentado o nãõ deixem beber de hum só folego, senãõ levantarlhe a redea que beba de tres, ou quatro vezes.

Se o cavallo na jornada, ou em qualquẽr trabalho perder a vontade de comer, he necessario lavarlhe a boca, & lingoa do pò, com vinagre, & lãl, & meterlhe duas bólas de manteiga pelas orelhas, & se nãõ bastar, demlhe hum pique no padar da boca à noute, & o espremaõ muy bem, & se lançar demasiado sangue, demlhe farelos molhados, & logo parará. Se o cavallo for de estimaçãõ, podefelhe dar meya onça de triaga desfeita em vinho que fará grande effeito.

Quando em tempos de veraõ se chega ao jantar a huma estalagem, & se ouverem de passar alli duas, ou tres horas da calma he necessario tirar fóra a sella, depois de passada meya hora, & esfregar, & alimpar os lombos, ao cavallo, & pôr a sella ao Sol, & enxugar os suadouros, & batela muy bem, por se nãõ tornar a pôr molhada, & mandarlhe lavar os braços, & pernas com agoa fria, se ouver comodidade para isso.

Quando o cavallo chega suado, & elle tem ovas alifases, ou outras semelhantes manqueiras, he bom molhallas entãõ com vinagre forte, duas, ou tres vezes quente, porque as dissipa, & consome, achando os pòros abertos, para as penetrar.

Se o cavallo se diverte com a gente, olhando para huma, & outra parte, lançando a cevada da boca, & perdendoa com o divertimento, he bom deixallo só, & às escuras, se ha moscas que o inquietem.

Depois de vir humj cavallo de huma larga campanha, fe-

tas, ou jornada comprida, em que teve muito trabalho, he necessário em chegando, se for cavallo de prestimo, & estimação, mandado sangrar, se mostrar que vem pizado, ou arrepiado, do pello, na vea da taboa duas sangrias, huma em hum dia, & outra dalli a dous, para o refrescar, & aliviar, tirandolhe mui pouco sangue. Quando se lhe der a primeira sangria, se tomará o sangue em hum vaso, & se estará mexendo, para que se não coalhe, & o misturarám com outra tanta agoa ardente, & com isto o esfregarán muito pelos peitos, mãos, & pés, & na segunda sangria se fará o mesmo, & ao outro dia, & depois da ultima se levará ao rio, se for veraõ, para o lavarem, & meterem na agoa huma hora, continuandolhe os banhos alguns dias, & se for de inverno, farlheão hum banho, com que se lave, de agoa morna, em que ajaõ cozido salva, alecrim, mentrastos, marcella, & louro, se o cavallo mostrar que anda esquentado, misturarán tambem erva huma pouca de tan-chagem, & alfices.

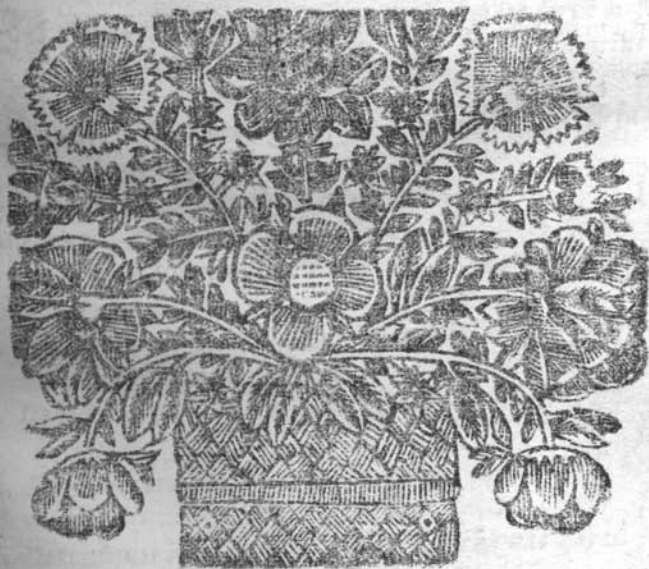
Se o cavallo trouxer os pés, & mãos inchados grossos, ou arrepiados, mandaraõ ferver em huma caldeira grande, vinho, & em falta delle agoa, & estando fervendo lhe deitem dentro huma quantidade de cinzas quentes, & vermelhas (se forem de vides sam melhores,) & depois lavarám com esta decoada, & com as mesmas cinzas envoltas mui-bem os pés, & mãos do cavallo muitas vezes, aqueitandoa sempre, que logo desincharam, ou tambem com o esterco de vacas ferverido em vinagre (como dissemos,) que tudo he bem, facil, & barato, fazendo tambem bom effeito, como da experiencia o veráo.

Se o cavallo vier debilitado, & se veja que não necessita de sangria, farlheão a carga, com que se ouver de cobrir de outra sorte. Ferverám em huma caldeira muita borra de vinho tinto, & nella deitarão farinha triga, ou de cevada a que baste para a engrossar, que fique de sorte, que pegue bem, & com isto quente, carregarám o cavallo, reformandolhe a carga tres, ou quatro vezes, huma cada dia, co-

brin-

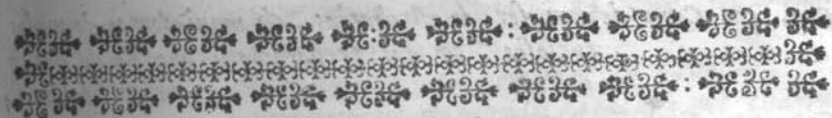
brindolhe os peitos, lombo, ancas, mãos, & pès: sò os cascos se  
hão de encher por dentro, & por fóra de esterco de vacas, cozi-  
do em vinagre, como dissemos, & avendo bom cuidado na lim-  
peza, & comer do cavallo, em breves dias tornará logo a seu vi-  
gor, ficando de hum trabalho melhor habituado para aturar ou-  
tros mayores.

FINIS.



trabalho es peias, tempo, tempo, anas, anas, & pés: lo es o tempo  
de escher por dentro, & por lo de elico de vaxa, cora,  
no en vingar, como dillemos, & sendo bom cuidado no fim  
das, & como de cavallo, com oves das tornas logo a la vi-  
por, ficando de hum trabalho melhor habido para a sua  
das maiores.

FINIS



# INDEX

## DOS CAPITULOS DO TRATADO D E CAVALLARIA.



- Ap. 1. Que cousa seja cavallaria, quaes forvõ os primeiros inventores della, nobrezas, & excellencias desta arte. fol. 1.*
- Cap. 2. Das ventagens, que a cavallaria de Brida faz à da Gineta. fol. 4.*
- Cap. 3. Da nobreza, & excellencias do cavallo. fol. 11.*
- Cap. 4. Clymas, & praticas dos melhores cavallos, quaes devem ser, & as egoas para a criação, & a ordem que se ha de ter com ella. fol. 17.*
- Cap. 5. Quaes sejam as feições, & partes naturares, que fazem ao cavallo fermoso. fol. 20.*
- Cap. 6. De todas as cores dos cavallos, & do que denotão humas, & outras. fol. 23.*
- Cap. 7. Dos sinais brancos dos cavallos, & dos que denotão bem, ou mal. fol. 25.*
- Cap. 8. Dos rodopios bons, & maos, & dos que chamaõ gayas. fol. 27.*
- Cap. 9. Como se ha de fazer escolha dos potros q' andão nas manadas, & das cautellas, com que se devem comprar os que estão já recelhidos, & pensados fol. 28.*
- Cap. 10. De q' idade se devẽ recolher os potros à estrebaria, & como se devem fazer trataveis, & sogeitar às prisões. fol. 31.*

- Cap. 11. Como devem ser as estrebarias, & manjedouras de modos curiosos, & das preparaçoens que ha de haver nellas. fol. 32.
- Cap. 12. Como se devem pensar, alimpar, & tratar os cavallos, & o cuidado, & advertencias que deve haver nisso. fol. 37.
- Cap. 13. Como se deve dar o verde aos cavallos, & o que nesse tempo se deve observar. fol. 39.
- Cap. 14. Como se devem ensinar os potros antes de serem montados, a algumas cavallarias, que não dependão de peso, ou trabalho, & como se lhe ensinaõ as corezias, pondo hum joelho, ou ambos em terra. fol. 42.
- Cap. 15. Como se ensina hum potro a que ponha a barriga em terra, para que cavalguem nelle, & que se não levante, senam quando o cavalleiro quiser. fol. 44.
- Cap. 16. Como se deve ensinar hum potro para que cahindo na campanha, ou batalha, siga a seu senhor, para que torne a subir nelle. fol. 45.
- Cap. 17. Como se ha de ensinar hum potro a bater com huma mão a huma porta. fol. 46.
- Cap. 18. Como se devem ferrar os potros, & as cantellas que nisso deve aver. fol. ibi.
- Cap. 19. De que idade, & com que cantella se deve começar a por o freyo, & sella ao potro, & como se ha de subir nelle. fol. 49.
- Cap. 20. Das diversas causas porque os cavallos não enfreadõ & como não he sô procedido da boca, como muitos erradamente imaginãram, & a ordem que nisso se deve guardar para os enfrear com perfeiçãõ para o exercicio da Brida. fol. 51.
- Cap. 21. De como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por fogosos, ardenies, esquentados nam enfreadõ. fol. 54.
- Cap. 22. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que



que por froxos, pezados, & de pouco sentimento  
nãõ enfreãõ. fol. 55.

Cap. 23. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que  
por muito doces, & brandos da boca, a que chamãõ  
(boquimoles) nãõ enfreãõ. fol. 55.

Cap. 24. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que  
por terem o pescoço muito grosso, junto às quei-  
xadas, nãõ enfreãõ. fol. 56.

Cap. 25. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que  
por terem a cabeça muito grande, & pezada,  
nãõ enfreãõ. fol. ibi.

Cap. 26. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos  
que por terem o pescoço muito comprido por  
cima, & muito curto por baixo nãõ en-  
freãõ fol. 57.

Cap. 27. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos,  
que por terem o pescoço muito delgado, & a  
garganta metendo muito a cabeça tomaõ a respira-  
cãõ, & nãõ enfreãõ. fol. 58.

Cap. 28. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por  
terem a barbada muito carnosa nãõ os castigando a  
barbella, nãõ enfreãõ. fol. ibi.

Cap. 29. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos que  
por terem mui escarnada a barbada, & beijos nãõ  
enfreaõ. fol. 59.

Cap. 30. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que  
por terem a lingua muito grossa, nam en-  
freãõ. fol. ibi.

Cap. 31. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que  
por terem a lingua muito comprida a trazem de  
fõra, ou revolvendoa no bocado a sobem a cima,  
& nãõ enfreãõ. fol. 60.

Cap. 32. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos,  
que metendo o beijo de baixo do assento do  
freyo, & nãõ recebendo entãõ sentimento;

- não enfreaõ. fol. 61.
- Cap. 33. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por andarem sempre transtornando o freyo na boca para huma, & outra parte, sem tomarem firmeza não enfreaõ. fol. 62.
- Cap. 34. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por meterem huma, & outra camba na boca, & as andarem sempre buscando com o beico, não enfreaõ. fol. 62.
- Cap. 35. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem sempre aboca a berta, & fazendo com ella thesoura não enfreaõ. fol. 63.
- Cap. 36. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a boca muito pequena, a que chamamos (boca de coelho) não enfreaõ. fol. 63.
- Cap. 37. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por andarem sempre dando cabeçadas para cima, & para baixo não enfreaõ. fol. 64.
- Cap. 38. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos espapados, que por trazerem a boca, & o rosto levantado para cima não enfreaõ. fol. 65.
- Cap. 39. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos que por trazerem a cabeça torta para huma banda não enfreaõ. fol. 65.
- Cap. 40. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem a boca sempre seca, & aspera não enfreaõ. fol. 66.
- Cap. 41. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem os lugares dos assentos da boca, & da barbada callosos, & endurecidos não enfreaõ. fol. 67.
- Cap. 42. De dous remedios particulares para os dous defeitos em geral mais ordinarios, que se sam cavallos muito duros de boca, & muito molles della. fol. 67.

- Cap. 43. Advertencias geraes, & muito necessarias sobre o enfreamento dos cavallos. fol. 69.
- Cap. 44. Como devem ser as sellas de Brida, sellotes de campo, & mais arreyos. fol. 71.
- Cap. 45. Como se deve começar a ensinar o potro a andar de passo, & como se lhe ensina a andadura. fol. 75.
- Cap. 46. Como se devem ensinar os potros a fazer os lados, & entender a perna, & as ajudas. fol. 76.
- Cap. 47. Como se deve ensinar aos potros os trotes, galopes, voltas, & redobres. fol. 77.
- Cap. 48. Como se devem ensinar os potros a puxar os braços, pizar em hũ sô lugar, & para diante, & as curvetas. fol. 79.
- Cap. 49. Como se deve ensinar aos potros as suspençoens de mãos. fol. 81.
- Cap. 50. Como se deve ensinar os potros correr a carreira com perfeição, & concerto. fol. 83.
- Cap. 51. Como se deve ensinar ao cavallo o fazer os lancos, chaças, repelloes, & arremetidas. fol. 84.
- Cap. 52. Como se deve ensinar o cavallo que anda voltando sempre com o rosto para fóra, & a anca para dentro. fol. 85.
- Cap. 53. Dos cavallos rifadores, & rinchoes, & dos remedios que se lhe devem applicar. fol. 86.
- Cap. 54. Dos cavallos que se impinaõ, alevantaõ sobre os pès, ou cahem para tràs, & dos remedios que se lhe devem applicar. fol. 88.
- Cap. 55. Dos cavallos, que mordem, & dos remedios que se lhe devem applicar. fol. 90.
- Cap. 56. Dos cavallos reveloes, que recuaõ, & não querem ir para diante. fol. 91.
- Cap. 57. Dos cavallos, que dão couces, & dos remedios que se lhe devem applicar. fol. 92.
- Cap. 58. Dos cavallos, que fazem corcovos, & dos remedios que se lhe devem applicar. fol. 93.
- Cap. 59. Dos cavallos, que se deixaõ cahir de barriga no chaõ tanto que montã nelles. fol. 93.

- Cap. 60. Dos cavallos, que se deitaõ, & revolvem na agoa tanto que passãõ por ella. fol. 94.
- Cap. 61. Dos cavallos, que não daõ pela espõra, nem acodem a ella. fol. 95.
- Cap. 62. Dos cavallos, que não querem tomar a carreira, fol. ibi.
- Cap. 63. Dos cavallos que tropeçaõ muitas vezes, & das causas, & remedios. fol. 96.
- Cap. 64. Dos cavallos, que se irroem, & afastaõ iudo na força da carreira. fol. 97.
- Cap. 65. Dos cavallos que partem a trancos descompostos, & correm a saltos levantados. fol. 98.
- Cap. 66. Dos cavallos que parãõ sobre as mãõs. fol. 99.
- Cap. 67. Dos cavallos, que fogem da carreira, & se sahem da escaramuça. fol. ibi.
- Cap. 68. Dos cavallos, que não querem voltar sobre huma mãõ. fol. 100.
- Cap. 69. Dos cavallos, que ficaraõ resabiados com o muito trabalho, depois de alguma campanha, ou festas. fol. 101.
- Cap. 70. Dos cavallos que se inquietãõ, & não tem sofrimento no principio, & fim da carreira. fol. 102.
- Cap. 71. Dos cavallos, que não querem consentir que o cavalleiro traga na mãõ lança, ou vara, & o mesmo receyo tem à espõra. fol. 103.
- Cap. 72. Dos cavallos, que se não querem deixar montar. fol. 104.
- Cap. 73. Dos cavallos espantadiços, a que chamaõ passarinheiros. fol. ibi.
- Cap. 74. Dos cavallos que não querem sahir para fóra da estrebada. fol. 105.
- Cap. 75. Dos cavallos que não consentem andar a destra. fol. 106.
- Cap. 76. Dos cavallos que não querem entrar na agoa para os lavarem. fol. 107.
- Cap. 77. Dos cavallos que rasgãõ, ou comem as mantas, & as não consentem. fol. ibi.
- Cap. 78. Dos cavallos, que estão sempre ferrando os dentes na manja.

dos Capitulos.

175

- Cap. 79. *jadoura com birra.* fol. 108.  
 Como se devem fazer as compras, & trocas dos cavallos  
 de conta. fol. 109.
- Cap. 80. Como devem ser as botas, & espôras, as lanças de Brida  
 de sortilha, & as de justas, candieiros, corda, fiels, sorti-  
 lha, estafermo, barquinha, canas, & alcanzi-  
 as. fol. 111.
- Cap. 81. Como devem os cavalleiros fazer as entradas na praça cõ  
 ostentação, & luzimento. fol. 114.
- Cap. 82. Como se deve ensinar a cavallaria de Brida a hum moço no-  
 vo, que ainda de todo a ignore. fol. 115.
- Cap. 83. Como o novo cavalleiro deve passar a carreira com con-  
 certo, & composição conforme a arte. fol. 119.
- Cap. 84. Como deve o cavalleiro andar na escaramuça. fol. 121.
- Cap. 85. Como se devem correr as parelhas com ajustamento, & per-  
 feição. fol. 122.
- Cap. 86. Como se devem jogar as canas, & alcanzias, assim singe-  
 las, como dobradas, & de quadrilhas. fol. 123.
- Cap. 87. Como se deve fazer a escaramuça de dous fios, com concerto,  
 conforme a regra militar. fol. 126.
- Cap. 88. Como se deve fazer huma escaramuça de hum só fio, aco-  
 modando em pouca praça todo o mayor numero de caval-  
 los, que ouver. fol. 129.
- Cap. 89. Como se devem correr os carneiros, & patos, à espada, &  
 à mão, perdizes, ou frangos à lança, estafermo, & bar-  
 quinha. fol. 130.
- Cap. 90. Como ha o cavalleiro correndo, ou voltando de  
 levantar do cham a espada, chapeo, ou len-  
 ço. fol. 132.
- Cap. 91. Como se hão de correr as lanças de Brida, à sortilha,  
 & as regras, que se devem guardar. fol. ibi.
- Cap. 92. Como se devem correr as justas reaes, & a ordem que de-  
 ve haver nisso. fol. 137.
- Cap. 93. Das pessoas, que se devem eleger para juizes dos preços,  
 como se devem julgar, com mais algumas adverten-  
 cias

- cias daquelle acto. fol. 140.
- cap. 94. Como se deve tourear à Brida, & os estylos que se devem observar conforme a melhor opiniaõ. fol. 148.
- Cap. 95. Como se deve haver o cavalleiro nos casos, que lhe succedem de repente, para que em todos se mostre experto, advertido, & com bom acordo. fol. 154.
- Cap. 96. Como se hão de tratar, & conservar os cavallos, para que com saude, & fortaleza possaõ aturar os mayores trabalhos de campanhas, festas, & jornadas. fol. 157.



# DECLARACAM

DO

# CAVALLO

ANATOMISADO.

**P**ARA mayor intelligencia das enfermidades; & luzoões, que se pòdem achar em hum cavallo, me pareceo conveniente, & necessario mostrallas com clareza na estampa, seguinte, apontando a lezaõ com huma ponta da linha, & com a outra o Capitulo da cura, & seu remedio Advertindo, que muitas enfermidades deixo de apontar na estampa por naõ terem lugar certo, como saõ sarna, que a pòde haver em todo o corpo, torcilham, agoamento, febre, & outras muitas, que se poderaõ ver em seus Capitulos particulares, que as declaraõ.

DECLARACAM

C A V A L L O

AMATOMISSADO

ARA mayor inteligencia das en-  
midades; & Inços, que se podem  
achar em hum cavallo, me pareceo  
conveniente, & necessario mostrarlas com  
clareza da estatura, & figura, expondo  
a letra com humo, para da linha, & com  
a letra o Grande da curva, & ten reme-  
dio. Aclarando, das muitas variedades  
dezo de apontar, as estaturas por não re-  
tem lugar certo, como se jána, que a  
pode haver em todo o corpo, torcillam,  
agornamento, febre, & curvas muitas, que  
se podem ver em seus Capítulos particu-  
lares, que as declararão.

SUM.

M

DI



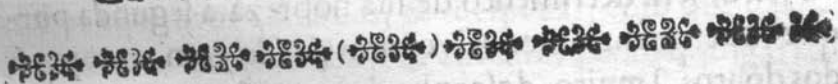
# SUMMULA

DA

## ALVEITARIA

EM QUE SE ENSINA O MODO  
de conhecer os achaques, & lesoens dos cavallos, como  
se haõ de fazer as sangrias, ajudas, xaropes, purgas,  
desgovernar, dar fogo actual, & potencial, des-  
palmar, fazer as cargas, & curar todos os a-  
chaques, começando da boca, & continuan-  
do pela cabeça todo o sorpo até as ferradu-  
ras dos pés.

POR ANTONIO PEREIRA REGO  
Cavalleiro da Ordem de Christo.



INTRODUCC, A M.



Inclinação, que desde a menor idade tive à  
cavallaria, em cuja occupação despédi a ma-  
yor parte do tempo, me trouxe a communi-  
car a luz o tratado, q̄ tenho offerecido, don-  
de escrevi as regras de escolher, domar, pensar, & me-

ter, a exercicio os cavallos, seguindo a ordem, & documentos dos que trataraõ esta arte, & naõ admittindo (ainda que por summa, & compendio) cousa que pertença a hum absoluto tratado.

Mas o amor desta arte, & o desejo de descobrir mais me levou (se naõ me arrojou por ventura) a ver os livros de Alveitaria, & examinar as causas dos achaques dos cavallos, meterme depois ao pratico, fazer anatomias nos corpos daquelles que matou a enfermidade, ou mal entendida, ou naõ bem remedeada, & a escusarme, quanto podesse a jurisdicaõ que muitos Alveitares tinhaõ sobre cousa tanto de meu gosto, ordinariamente, ou com ignorancia, ou com desprezo exercitada. Vi me com as noticias da arte, com os livros entre as maõs, & com naõ poucas observaçoẽs minhas, & resolvi me ajuntar ao tratado da Cavallaria este tratado.

Dois cousas me moveraõ, a primeira porque reputo a noticia da Alveitaria por mui officiosa, & util ao cavalleiro, sem detrimento de sua nobreza, a segunda porque experimentei nos Alveitares (talho com excepçaõ dos doutos) muito desconhecimento da arte, & erros mui em prejuizo da fazenda, & gosto dos homens de cavallos.

Quanto ao primeiro como o cavallo seja materia da cavallaria, naõ sei em que diffiram substancialmente saber pensalo, & sabelo curar, & pelo titulo, que o primeiro pertence ao homem de cavallo, lhe convem o segundo; o fazer, & o cõservar pertencem ao mesmo: que im-

porra que a arte da cavallaria a perfeiçõe a hũ bruto, se  
 o não poder conservar vivo, & saõ depois de perfeito? fa-  
 zer mal a hum cavallo já he proverbio em Hespanha,  
 que denota cavalleiro; fazer bem ao cavallo, sendo ac-  
 ção naturalmente melhor, não sei como possa ser cousa  
 indigna de hum estuudio da cavallaria. Ao mesmo se-  
 ñhor pertence ferir o servo, & curalo, & ao cavalleiro  
 fazer mal ao cavallo, & fazerlhe bem. O uso dos acha-  
 ques propios fez Medicos a muitos homens, antes, se-  
 gundo escreve Erasmo no liv. 6. dos apothemas, dizia  
 Tiberio Cesar, que ridiculo lhe parecia o homem, que  
 depois de sessenta annos de idade dava o pul'õ ao Medi-  
 co, podendo em tanta vida, adquirir sciencia para curar  
 seus achaques. Não vem violenta esta sentença ao ca-  
 valleiro que depois de muitos annos de exercicio man-  
 da o seu cavallo aos Alveitares; pois segundo o cõmum  
 proverbio, o uso das enfermidades delle o póde fazer  
 mestre. Finalmente no Capit. 3. do tratado acima n. o-  
 strei os excessivos cuidados, & despezas, com que gran-  
 des senhores trataraõ aos seus cavallos, & não julgãõ  
 indigna de suas pessoas a arte de os curar, quando tanto  
 os estimavão.

Quanto ao segundo reconheço, como n. ui doutos  
 homens escrevam de Alveitaria, & andam pelas mãos  
 tratados claros, & scientificos, mas a mayor parte dos Al-  
 veitares deste tempo, como homens incapazes de boa  
 literatura, errão na applicação dos remedios, ignorando  
 as causas, tempos, & as outras circumstancias da arte.

Hum Medico ( refere Santo Agostinho ) deũ a hum enfermo remedio , com que conualeceo de achaque. Succedeo que outra vez lhe tornou semelhante accidente: o enfermo sem consultar ao Medico tomou o mesmo remedio, & se lhe aggravou o mal: chamou-o depois, & admirado lhe contava, que a mesma medicina, que hũa vez lhe dera saude, outra vez lha avia deteriorado. Respondeulhe o Medico: o remedio era o mesmo, & o naõ aver obrado agora, foy porque eu volo mandei. Assim se deve entender, & naõ como alguns maliciosamente entendem, o que disse Ovidio no 2. Trist. que a Medicina humas vezes dà a saude, & outras a tira.

*Eripit interdum, modo dat medicina salutem.*

Vi a alguns Alveitares fazer muitas diligencias, & mostrar desejo effcaz, de remedear hum cavallo, bulcarem os livros, & cançaremle todos, mas sem proveito: porque naõ ajustavaõ o especulativo ao practico. De semelhante Medico fallou Seneca, quando disse em hũa das suas Epistolas: *Medicorum concilia de vitia, qui parum docti, satis seduli, officiosissimè multos occidunt: fugi dos Medicos que com pouca sciencia, & com muito cuidado, com fazerem quanto pòdem, & mataõ a muitos.* Outras vezes vi a alguns Alveitares, indo loccorrer hũ pequeno dano, tornallo mayor, & irremediavel com a applicação de indvidas medicinas, que foy o que disse Ovidio no 3. de Ponto Eleg.

*Curando fieri quedam maiora videmus.*

*Vulnera, que melius non tetigisse fuit.*

Pudera referir varios exemplos, que vi, & bastarãem estes dous que aqui refiro. Hum amigo meu, em cuja casa me holpedei fazendo jornada, tinha hum cavallo de muita estimação sua, mal tratado de hum olho havia muitos dias, & me fez queixa de que curando dous Alveitares com continuas assistencias, se hia o achaque exasperando mais. Tinha o cavallo hum olho cerrado, & inchado todo ao redor, lançando lagrimas continuas, tam calidas, q̄ tinhaõ escaldada toda aquella parte por donde corriaõ, & a circunferencia do olho tinha aquelle mesmo calor. Mandou logo vir os Alveitares para me enformarem radicalmente dos termos do achaque, & do que haviam obrado, & chegando mui confiados na sua sciencia, me disseram que tinham curado o cavallo conforme as regras dos Authores lançandolhe todos os dias dentro do olho pedrahume, pòz de ciba, tutia preparada, pimenta, lixo de lagarto, vidro pizado, & outros mais ingredientes, que ensinavaõ Calvo, Reyna, & Redondo nos Capitulos das enfermidades dos olhos, & haviaõ obrado conforme a arte.

Daqui podem inferir os Alveitares doutes a ignorancia destes homens; pois padecendo este cavallo hũa defluxão de colera, & sangue, como os manifestos accidentes, & indicações o mostravaõ, & necessitando de evacuações, & contemperança da parte, elles o irritavam mais, metêdo no olho pòs asperos, & mordicantes, cujo effeito era para termos contrarios com que certamente hiam cegando o cavallo, se se lhe naõ acudira a tempo.

Deste

Deste exemplo se mostra, q̃ a ignorancia de muitos confunde os achaques, & preverte os remedios, lendo o que não entendem, & obrando o que não sabem.

Em casa de D. Manoel de Azevedo, Fidalgo bem conhecido neste Reyno, estava hum cavallo meu muito ferinoso, que me avia mandado, por fazerme merce, o Marquez de Tenorio, avifoume D. Manoel de Azevedo, que dando o cavallo humas carreiras, ao parar da ultima recebera hum grande sentimento dos peitos, ou mãos, & ficara logo com hũa no ar, sem a poder assentar em terra, & que assim estava avia algũs dias, & o curavaõ Alveitares de opiniaõ, q̃ avia mandado vir de varias partes, os quaes o tinhaõ sangrado, & carregado, & applicaraõ outras couzas: mas que como não melhorava, se resolviaõ adarlhe grades de fogo nos peitos, entendendo que estava aberto. Não me pude eu conter, & fui a ver o cavallo: tomey as enformaçoẽs, ouvi os Alveitares & para acreditar a resoluçaõ do fogo, que lhe queriaõ dar, tornaram em minha p. esença a apalpar o cavallo, & tanto que lhe levantavam a mão, & bracejavam com ella contra o peito, com as dores se derrubava todo para traz. Não me satisfiz eu destas diligencias, mandei passear, o cavallo huma, & muitas vezes, de cuido, & subindo huma ladeira para melhor enformaçaõ dos movimentos, & logo passei a apalpar por minha mão meudamente, até que vim a alcançar que o sentimento era no cotovello da primeira junta da mão, & q̃ pegando os Alveitares nelle para lhe fazerem os movi-

mentos da espalda , o magoavam com a mão com q̄ pegavaõ, de quelle se dertubava, & sentia, & no peito não avia sentimento, ou dor: & fazêdo reparo, como na carreira limpa pod. se receber pancada, mandei q̄ lhe possessem a sella, & tubindo nelle vim a alcãçar, que a ponta do estribo na força do parar passando com o pé adiante, deu alli pancada rija, que pizou nervos, & juntas, & como dor do cotovelo magoava ao cavallo quando o bracejavaõ, conheceram os Alveitares o seu erro, & que obrando às elcuras lançavaõ a perder hñ cavallo, grandeandolhe os peitos saõs com fogo vivo. Conhecido o achaque; frou brevemente o cavallo com huns oleos fõmente, que se lhe applicãraõ para mitigar a dor, & confortar os nervos.

Destas observaçoens, & experiencias pudera fazer grande reſenha, mas bastem estes dous exemplos para obiar a tantos danos, quantos a confiada ignorancia de muitos Alveytares estã occasionando frequentemente. Neste tratado offereço ao Leytor o methodo curativo dos cavallos, & a destinçaõ scientifica dos achaques, & causas delles, discorrendo as enfermidades pelas partes do corpo do cavallo, começando da boca, & continuando pela cabeça todo o corpo atè as ferraduras dos pès.

Para esta obra me vali além da industria propria dos Authores, que melhor elcreveraõ desta materia em varias lingoas, como saõ: Publ o Vegecio, Plagenio, Aldroando, Absirto, Anatolio, Hierocles, Exgenio Mançano,

cano, Mago Carthaginense, Diocles, o Capitão Gene-  
 fonte, Theomenesto antiquissimo escriptor, o Marquez  
 de Meucaſtle Inglez, douto, & elegante, Monsieur de  
 la Brove, Pirro Antonio Ferrato impresso em Napoles  
 o Hippiatrique de Horace de Franchini, q̄ segue a dou-  
 trina de Ruini, Pluvinel composto em dialogo ensinan-  
 do não só a cavallaria, mas tambem regras necessarias à  
 Alveitaria, La connoissance duchaval de Mōsieur Rou-  
 utay, Pasqual Caraciolo, intitulado, Gloria dil cavallo,  
 Pietro Crescenzo, Giordano Ruffo, Colombro, Cesar  
 Ruini, declarando doutamente a anatomia do cavallo,  
 sendo dos Italianos, que melhor escreveraõ, Monsieur  
 de Beurépere, intitulado Modele de cavalier François,  
 Monsieur de El Campe, que trata do manejo, & enfer-  
 midades do cavallo, o Mareſchal François o Mareſchal  
 expert, que he dos mais antigos Francezes, que escreve-  
 raõ, Monsieur de la Buſſiuiene, la grande Mareſchalerie  
 de Monsieur Espiney, Phelippo Scaco no seu tratado  
 da Meſchalia, Gervais Markant Author Inglez, Carlo  
 Ruini intitulado infirmitâ del cavallo, Le Parfait Ma-  
 reſchal, Lourenço Rufio, D. Manoel Dias, D. Juan de  
 Aries Avila, Conde de Puño em roſtro, Pedro Lopes  
 de Zamora, Miguel de Paracuellos, Frãciſco de la Rey-  
 na, Juan Gomes Elcamilia, Hernan Calvo, Balthazar  
 Ramites, D. Francisco Perez Navarrete, o Capitão D.  
 Bernardo de Vargas, & Machuca, Juan Bautiſta Ferra-  
 to, Martin Arredondo, Federico Grilon, & ultimamēte  
 me valho tambem de alguns documentos q̄ entre a lua  
 caval.



cavallaria trás o noſſo Francisco Pinto Pacheco, & de outros.

Sei que não ha de faltar quem me improve decer da arte da cavallaria a materia menos apta a cavalleiro: já fatisfiz a esta objecção, & se lhe não fatisfiz ainda, o amor da arte da cavallaria me desculpa, & o deſejo de aproveitar a muitos. Direi o que dezia Claudiano a Pro- bino.

*Sed quid agam? capisse vetat reverentia veſtri.*

*Hinc amor hortatur ſcribere: Vincat amor.*

Melhor defenſam me offerece a ſentenaa de Agoſtinho: *Qui ſe dicit ſcire, quod neſcit, temerarius eſt, qui negat ſcire quod ſcit, ingratus eſt.*

A clareza com que quiz fazer eſta Summula de Alveitaria, me obrigou a buscar os meynos de fazer, & palavras com que melhor me explicaffe, attendendo mais a que todos me entêdeſſem, q̃a ſeguir eſtylo mais Rhetorico, porque além de ſer couſa indigna, eſcrever de alguma arte com palavras affectadas, & vocabulos eſquisitos; eſta de Alveitaria em razaõ dos q̃a profeſſam, pede o mais vulgar modo de dizer, & fallar nas materias, & com os termos; & vocabulos da preſſiãõ, que de outra ſorte ſe não explicaõ.

\* \*  
\*

SUM:

INTRODUCTION

La science de la nature est une science qui se propose pour objet de découvrir les lois qui régissent le monde physique. Elle se divise en deux branches principales : la physique et la chimie. La physique étudie les propriétés générales de la matière et du mouvement, tandis que la chimie se consacre à l'étude des transformations que subissent les corps sous l'influence de certaines forces.

Les principes de la physique sont fondés sur l'observation et l'expérience. On a remarqué que les corps tombent vers le centre de la terre, et que les planètes décrivent des courbes régulières dans le ciel. Ces faits ont conduit à l'établissement de lois générales qui régissent le mouvement des corps et des astres.

La chimie est une science qui a pour objet l'étude des propriétés des corps et des transformations qu'ils subissent. Elle se divise en chimie minérale et chimie organique. La chimie minérale étudie les propriétés des corps inanimés, tandis que la chimie organique se consacre à l'étude des corps organisés.



## S U M M U L A

D A

## A L V E I T A R I A .

## C A P I T U L O I .

*Como se haõ de conhecer, & saber examinar as idades, achaques, & defeitos dos cavallos.*



Uy necessario, & nada menos louvavel será, que o cavalleiro examine, & saiba conhecer perfeitamente os defeitos, & achaques dos cavallos, & que totalmente não fie este conhecimento, & noticia de outra pessoa. Mas os Alveitares sam chigados

por sua proffissam a reconhecer, & averiguar exactamente os defeitos, & achaques do cavallo; porque sendo chamados para este exame, o possaõ fazer com toda a sciencia, & boa satisfacaõ, & offerecendo-se para este sem as noticias necessarias, he justo que paguem por seu dinheiro o dano, que na averiguaçam não viraõ, nem acautelaraõ, & em foro de consciencia nunca serãõ desta restituicaõ relevados. Sei que se queixaõ ordinariamente das escaças pagas, & serãõ razaõ que se dê espendio congruo a seu trabalho, & que o premio os alente para atenderem melhor às obrigaçoens da arte.

Para bem se examinarem os defeitos, & achaque de hum cavallo,

vallo, se deve fazer com toda a attençaõ, & mayor nos cavallos de mais preço, advertindo a tudo na fórma que direi.

Princiramente, se ha de ver a idade, para a qual ha muitas noticias, sendo a principal os dentes, que he necessario ter destes todo o conhecimento, & para o ter com fundamento se deve saber que o cavallo tem vinte, & quatro dentes queixaes, com que mastiga, doze da parte alta, & doze da baixa, & tem mais quatro colmilhos, dous debaixo, & dous de cima, & logo doze dentes de diante, que são aquelles com que pegaõ na palha, & cevada, & com que apanhaõ a erva quando andaõ a pascer: com que vem a ser em numero quarenta. As egoas ordinariamentê não tem colmilhos, & aquellas, q̄ os tem são boas. Estes doze dentes de diante vem aos potros aos tres mezes depois de nacidos, & por isso lhe chamamos dentes de leite, que são os que melhor nos manifestam a idade do cavallo; porque aos trinta mezes algumas vezes mais, ou menos caem quatro destes dentes, os que estão mais diante no meyo dos outros, & vem em seu lugar outros mais fortes, que são os que o cavallo ha de ter para toda a vida, logo se differença na brancura, & no feitio tanto dos outros, que não he necessario muita declaração para os saber estremar. Aos tres annos, & meyo caem outros quatro seguintes junto aos novos, & vem outros, & aos quatro annos, & meyo caem os ultimos, que são os que estão junto adonde o freyo assenta, & vem da mesma sorte os novos, com que aos cinco annos se vê que inda não estão iguaes aos outros, & aos seis já igualam: porém tem huma cova aberta pela parte de dentro da boca, que não acaba de cerrar-se, se não depois de sete annos, de que vem o dizerem estar desta idade ferrado. Porém no meyo inda se mostra ordinariamente alguma cova, ou abertura, ou ao menos huma negridaõ a modo de fava seca, que até os oito annos manifesta a idade com certeza, se bem ha cavallos, que sendo pensados em casa de criadores com potagens, grão cozido, massas, & farelos, com que não gastaõ os dentes, parecendo de sette annos muitas vezes, sendo já de nove, porque as covas se vem a ferrar com o moer dos dentes, vindo crecendo da raiz, & não que o osso se acres-

reue naquella parte para fazer cerrar a cova.

Em Alemanha alguns mercadores de cavallos, que os criaõs, & vaõ comprar para os vender: pelos não terem muito tempo em casa, & gatarem com elles mais sustento, lhe arrancam os dentes do leite todos, tanto que elles são de tres annos, & como a natureza sente aquella falta acode logo com outros, & assim os vendem para a guerra, & se desfazem delles, dizendo que são de quatro para cinco annos, porque menos desta idade se não servem delles nas campanhas. Os colmilhos começam a nascer depois dos quatro annos para os cinco.

Tanto que os cavallos nam julgam já, & estão de todo cerrado, pode-se ver se os dentes são brancos, & as gengivas bem chegadas a elles, porque será final de não passar de dez anno, & pelo contrario sendo amarellos, & muito compridos, descarnados, & apartados das gengivas, he final de velhice. Se o dente de baixo tem mohido muito o de cima, fazendo nelle encaixo, conhecido he certo, que o cavallo passa já de dez annos. Quando os dentes de cima crecem para diante a modo de colheres, & os de baixo fazem huma concavidade por baixo da lingua, he final de grande velhice.

Quem tem muito uso de olhar os dentes aos cavallos, & procurar saber-lhes a idade só por elles virá a alcançar melhores noticias para a certeza do que por nenhuns outros indícios, porque os demais todos tem suas fallencias. Alguns buscão huns iões no sabugo do cabo, dos quaes vem hum aos dez, ou doze annos, & a muitos cavallos lhe não vem: outros nõs vem aos doze, ou quatorze, & assim continuam, & se conhecem apalpando de cima para baixo.

Pelo beijo de baixo conhece tambem a idade, quem he curioso em fazer experiencias em varios cavallos, contando as arrugas que faz obeijo, & por ellas entenderá os annos que tem o cavallo.

As mãos, pernas, & verilhas tambem mostram logo se o cavallo he novo, porque estão lizas, & frescas, & em mu-

tas acçoens mostra logo o cavallo não ser velho, comendo bem, & outros muitos indicios. Com tudo direy alguns finais de velhice, como são: as celhas com pellos brancos; grandes covas sobre ellas; as pestanas arrugadas: quando se pega no couro sobre huma queixada do cavallo, ou sobre as päs, & elle está hum pouco sem tornar a estenderse, he final de velhice, & quanto mais tempo está a pelle sem tornar a seu lugar, mais velho he o cavallo.

He final certo de velhice, quando o cavello acima da forbrancelha lhe vem huns pellos brancos da grossura das castas de huma faca, & nunca succede isto, senão de quinze, de fazeis annos por diante.

Os cavallos ruços, se fazem brancos por todo o corpo, & de pois pintos, sem embargo de que alguns nadem brancos, ainda que são poucos.

Alguns cavallos sendo velhos os vendem por novos muitos contratadores delles, & para isso lhe limaõ os dentes para os fazerem curtos, & brancos, & lhe abrem com hum boril, & instrumentos subtris humas concavidades pella parte de dentro, com que parece nam estarem ainda cerrados, & nella lhe metem tinta negra com agoa forte, ou queimaõ hum graõ de centeyo na concavidade, que a tingem perfeitamente, porque sahe delle hum oleo, que se pega, & dura em quanto dura o dente. Tudo isto he necessario advertirse, para que nam sejaõ enganados, reparando que logo se pode conhecer esta facilidade, em que as raizes dos dentes estão mais descarnadas, & apartadas das gengivas, do que as costumão ter os cavallos novos, & a marca tingida he ordinariamente mais negra, que a natural, & se o cavallo pellos mais finais do corpo, que temos dito mostra indicios de velhice, logo se manifestará o engano.

He necessario reparar mais, que os cavallos capados, ou muita parte delles não cerram nunca a concavidade dos dentes, ainda que sejam muy velhos, com que enganõ aos que o não entendem, & se ha de conhecer, a differença em q̄ estes tais

tem também a concavidade em todos os mais dentes igualmente, o que não he assim nos outros cavallos. Também enganaõ alguns cavallos capados em se ver que não tem ainda colmilhos, porém he engano, porque elles lhe não nace[m], se foraõ capados em novos, antes que os tivessem.

Vistos os dentes, & mais indicios da idade, se passará a ver os olhos, que são bem difficultosos de conhecer, não he bom velos ao Sol, vem se melhor os olhos, quando hum cavallo sae da estrebaria, ou parte escura: he necessario estar montado algu[m]em no cavallo, porque entãõ os abre melhor, & os remexe: se for em feira, pòdem verse à sombra, ou pondo o chapeo por cima que lha faça, & não se vem melhor de rosto a rosto, se não das ilhargas, porque se vé se ha mancha, grossura, ou pèta alguma no cristal do olho, & se ha alguma malha, ou cousa mais branca, ou mais escura que o chistalino do olho, he sinal que o olho nam he bom. Alguns cavallos tem hum circulo ao redòr dos olhos, & nem por isso lhe faz prejuizo à vista, porém he melhor não os ter. Se os olhos tem o branco algum tanto achumbado, & pouco resplandecente, nam he bom.

Se o branco tem por baixo huma cor de flor de pessgueiro desmayado, & como turba, & pouco resplandecente, he sinal infalivel de ser lunatico, & fogeito a lhe acudir[m] humores aos olhos nas luas, de que ordinariamente cegaõ. Logo se lhe ha de ver a menina do olho, & reparar bem atè o fundo, que se não veja nella impedimento, & se he larga, ou muito apanhada, ou se tem dragãõ, que he huma manchinha branca no fundo do olho, porque se a ouver, està o cavallo cego, ainda que os Alveitares digaõ que o curaráõ, que he cousa impossivel, porque já mais farou cavallo algum dragãõ. De nuvem, ou outros impedimentos de vista sim. Se a menina do olho he branca a que chamaõ gazeos, nem por isso deixa de ver, mas he defeito grande, & nunca a vista he segura.

Tambem se deve reparar muito se he hum dos olhos mais pequeno que o outro, ainda que esteja mui claro, & veja perfei-

tamente, porque o tal olho mais pequeno vai perdido, & cegará infalivelmente.

Ha outros muitos sinais para se ver se o cavallo se fia na vista, ou se he falto della: como se o leuão pelas pontas das redeas com a cabeça baixa de pressa por entre pedras logo tropeça, & vai com a vista olhando a qui, & alli, não se affirmãdo como mete as mãos, & pès.

Tambem na estrebaria olhando muito para trás, levantando huma, ou outra orelha, & nós caminhos indo reparando, & duvidando em qualquer cousa, tudo isto são desconfianças da vista.

Os cavallos, que tem os olhos pequenos, & encovados, são fogueitos a humores nelles, & cegueiras. Os cavallos amelroados, pardos, murzelos de pello grosso, ruões desmayados, são mui fogueitos a roim vista.

Quando os cavallos mudaõ os dentes do leite, alguns tem entãõ a vista tam turba, que parecem cegos, porèm logo tornaõ a ver perfeitamente, & isto não he defeito.

Alguns Alveitares abanaõ com a mão defronte do olho do cavallo, ou apontaõ com o dedo, ou punho ao direito, & tanto que o cavallo fecha o olho, dizem que os tem perfeitos sem mais cousa alguma, & se os tem abertos, dizem que não vê nada. Tanto que se vê fazer isto a hum Alveitar, basta para se conhecer que elle não sabe nada.

Avendo-se visto os olhos, se passará a ver entre as queixadas, se são muito apertadas, que he grande defeito, ou se tem algum rumor, que possa ser formento para mormo, & sinal de que o não tenha lançado, sendo forçoso que todos os cavallos o tenham como bexigas os homens, & he melhor que já ajaõ passando por este mal. Verão se entre as mesmas queixadas ha grandulas fixas, que não são boas, as moventes sendo pequenas não são de consequencia. He necessario apertar os narizes, & a boca ao cavallo hum pouco, que não bafeje, & depois largalo para espirar, & ver se lança mormo, ou materia pelas ventas. Tambem por entre as queixadas se lhe ha de



apertar a garganta com a mão , obrigando a tossir para ver se aquella tosse provoca outra que o cavallo tenha , & se quando tosse bate as ilhargas , ou tem difficuldade na respiração , ou se tem facilidade , & igualdade natural della.

Logo verám se está desgovernado por baixo dos olhos , ou sangrado ; ou se tem cicatrices de muitas sangrias nos lagrimais , ou veas das cenas , ou de fogo , & tambem acima dos olhos , ou por dettás das orelhas , que sejaõ sinais de doenças delles , ou da cabeça.

Veráõ se tem o lugar da barbella calloso , ou com chaga , que he final de ser mal entreado : se tem na lingua atada alguma reata para não rincar , se tem algumas peloras de algodão , ou chumbo dentro nas orelhas , que lhe costumão meter os vendedores para dissimular muitos vicios. Verá as orelhas por dentro até o fundo onde poder alcançar com a vista , para reparar se tem alvaraços , ou se os tem tingidos para que se não conheçaõ , ou cicatrizes onde os ouvesse tido.

Chegarão logo à taboa do pesçoço a ver se tem muitos callos de repetidas sangrias , que será indicio de ser fogueito a doenças que o obrigarão a ellas.

Veráõ se tem garô carnozo no lugar das crinas ; que he hum grande defeito aquella carne superflua , que faz virar as crinas , & trocar a taboa para huma parte com pezo , & fealdade.

Veráõ a cernelha se he forte ; & fixa , movendoa com a mão , porque ha cavallos que por haverem tido nella machaduras penetrantes mal curadas lhes fica depois leza , & relaxada.

Veráõ as paz , & peitos se lhe falta o pello em alguns lugares , se tem callos de sedenhos , & canhoês , ou marcas de fogo que serám sinais de aver sido aberto , ou de que tivesse alguma lesam , & rendimento nas pás , ou peitos , de que poderia nam ficar seguro , parecendo. Ollhará as pás se he mais seca huma que a outra , ou os peitos

ros ençovados ; que sam os finais de estar o cavallo pereido.

Veram as veas dos peitos, se estaõ callosas de muitas sangrias, que seraõ tambem indicios de achaques dos mesmos peitos, & muitas vezes dos olhos; moverlheão huma, & outra pá, & para ver se mostra nellas algum sentimento.

Verãm as maõs se estaõ detgovernadas nos terços, & logo hiraõ correndo o nervo atè baixo, a rodela do joelho ao redor, a cana toda em redondo, a junta de baixo, & a quartella, advertindo, & reparando se descobrem alguma das manqueiras, & defeitos; que adiante no Tratado das enfermidades meudamente explicaremos, que as naõ repito aqui pelas naõ dizer duas vezes.

Para este exame. he bom meter o cavallo na agoa, & lisar-lhe os pès, & maõs com ella, porque melhor manifeste qualquer lesam.

Veráo logo os cascos se sam mais estreitos em cima do que em baixo, que he notavel defeito, & certeza de virem a mandar se com quartos, & outros malles.

Se saõ compridos, avendo de ser redondos.

Se saõ arrugados, & escamosos, como cascos de ostras, que he final de serem maos, porque os bons devem ser lisos, & neteos.

Se tem debruns, que os cinjaõ, que saõ finais de averem tido agoamentos, ou se os tem limados, com que se naõ dizem.

Se tem quartos, ou raças topadas com cera, porque se naõ vejam,

Se saõ cheyos por dentro, avendo de ser vassios.

Se saõ estreitos, enchapinados, & apanhados nos candados, havendo de ser pelo contrario.

Se tem hum candardo mais baixo que o outro.

Logo passaraõ a fazer as mesmas diligencias nos pès vendo os quartos trazeiro, se está algum mais sumido, porque se costuma mirar por esparavaõ, gavarros, ou manqueiras do jarrete.

Deixarão estar o cavallo sobre terra igual, para verem se he esquerdo das mãos, ou zambro dos pés.

Se tem as mãos arcadas, se tremem com ellas, que he final de arruinadas.

Se tem os travadouros, & quartelas muito compridos, que os machinhos nas decidas, ou entre pedras toquem o chaõ.

Se se toca com huma mão na outra, de que logo se manifestaõ huns callos, ou pellos rapados, & se he topinho dos pés.

Repararã se estando assim quieto, estende algũa mão adiante, a que chamaõ mostrar estrada de Santiago, que he final de besta fraca, ou estaçada. Se suspende o corpo sobre tres pés, descancando nelles, tendo ao mesmo tempo hum, ou outro deponeta no chaõ, o q̄ sendo nos pés não he de reparar, porẽm nas mãos he muito mau, & final de doença, ou manqueira na mão suspendida.

Logo o mandaraõ passear pela ponta da redea de trote apressada, reparando se levanta tanto huma mão como a outra, & da mesma sorte hum, & outro pé, ou se tropeça: porque o costume mostra neste modo de passayo melhor, que de nenhũa outra sorte.

Verã se se escalda muiro dos pés, puxando-os com bazarria, porque parece perfeiçã, sendo ordinariamente esperavoẽs encubertos, que se não manifestaõ, como se verã no capitulo dos Esperavoẽs. Vejã se se enfarilha, & encruza as mãos, que são sozgeitos a cahirem.

Verã se ha comer para ver se tem birra, ou se come sem temperilho os mantimentos ordinarios. Se roe, & espedaça as mantas, & as não consente, que o tem muitos de costume. Vejã se ferrar, porque he grande falta não ter nisso toda a facilidade. Vejã se selar, & enfrear se mostra alguma repugnancia, ou malicia. Vejã se o freyo tem alguma invençãõ, ou cautella com que lhe dissimulem algum vicio.

Logo subiráõ nelle com a redea algum tanto froxa, para ver se se deixa montar com facilidade, ou se acode com o dente, ou pernada ao estribo. Notaram se subindo nelle se derruba dos

lombos, que he final de fraqueza delles.

Se consente as espòras, ou as repugna com coucès, ou dentes.

Se cabea quando o picaõ, ou se tem o cabo atado por baixo às cilhas para dissimular este defeito, ou se tem na ponta do sabugo algum pezo que se lhe poem para não cabear.

Correrãm a carreira do principio para o fim, & depois do fim para o principio, para ver se mostra repugnancia, & o correrão estando cavallos dos lados no meyo da carreira para ver se duvida passar por elles, & chegar ao fim della.

Naõ corram para donde estam cavallos, se não delles para outra parte. Meterãm o cavallo onde aja egoas, mulas, & machos, para ver se he ciofo, & rifador.

Verãm se he capado, porque he desmerecer muito de seu valor. Vejaõ se o vendedor lhe traz a sella muito adiante, para que se lhe não conheça a fraqueza que poderà ter nos lombos.

Verãm se tem as rodela dos joelhos callosas, esfoladas, ou sem pelo, & a ponta do focinho da mesma sorte, que he final de ser sojeito a tropeçar ameúdo.

Se tiver nos ossos dos cadris esfolado o couro, & nos q̄ estão abaixo das orelhas, & sem pello, he grande noticia de ser doente de torcilhaõ, & dores de barriga, que com muito deitar, levantar, & esfregar fazem aquellas manchas.

Se tem o pello ouriçado, que será indicio de aver tido agoamentos.

Se tem farna, ou se lhe caem as crinas, & cabo, se depois de correr, ou trabalhar bate muito com as verilhas fazendo nella humas covas, & os nervos abaixõ dellas estão a modo de cordas tirantes, porque são sinaes de polmoeira, ou estaçamento, & falta de respiraçãõ.

E todas estas cousas deve saber de raiz o Alveitar bom, ou as pessoas, que se puserem a querer examinar os defeitos de hum cavallo, que suposto pareçaõ muito as advertencias o cavalleiro experto, ou Alveitar pratico em huma volta que dá hum cavallo lhe conhece logo os defeitos, ou perfeiçoës que tem.

## CAPITULO 2.

*Como se hão de fazer as sangrias, & as cautelas que se  
devem observar.*

**H**E a sangria o melhor, & mais efficaz remedio de toda a medecina, sendo applicada em termo, & occasião conveniente, & sendo executada pelo contrario, pòde servir de mayor dano para a vida do animal, pelo que se deve usar della com muita attenção. Ha muitas causas, em que he unico, & necessario remedio a sangria. A primeira, he quando a superabundancia universal de sangue não cabendo em seus vasos, opprime as opperações naturaes, & não o podendo regular a natureza, causa febres, & outros accidentes. A segunda causa, he algumas vezes o grande calor do sangue, que serve dentro das veas, onde a sangria o refresca, & abate o fervor. A terceira causa que obriga a sangrar, he para tirarmos os humores corruptos, que estão offendendo a massa sanguinaria, & por sua malignidade não podem causar dentro nas veas, se não roins effeitos, & aliviando a natureza com a sangria fica mais sufficiente para dirigir, & resolver o restante. A quarta, he quando o sangue por alguma causa tem impedimento a correr livremente todas as veas, a sangria lhe abre caminho, & facilita os seus movimentos. A quinta, he para fazer revulção, & divertir o que corre a huma parte, ou a outra com impeto, & abundancia, procurando suspender, & divertir o curso, A sexta, he para aliviar a parte, que se acha carregada, o que se faz tirando sangue da mesma parte affectada. E suposto que a massa sanguinaria comprehende o sangue que está no figado, & veas, & este em parte degenera em colera, malencolia, ou fleuma, & entam com a sangria se evacua estes humores, havendo advertencia de que sendo o vicio no sangue de colera, se ha de sangrar o

cavallo ântes mais vezes, & pequenas sangrias, & se o vicio no sangue for malencolico, se ha de romper bem a vea, porêm poucas sangrias, & em pequena quantidade, & se o vicio no sangue for de fleuma crua, pituitosa, & fria, se deve tirar menos sangue que em nenhum outro humor.

A sangria fazendo-se sem muita necessidade, & quando nam convem he causa de grandes danos, porque confóme, & resolve os espiritos; que he todo o fundamento do calor natural, & tira tambem o alimento, que está preparado para sustento das partes, & da mesma sorte causa outras incommodidades grandes. Pelo q̄ he necessario consultar primeiro a necessidade, a s forças, & a idade do cavallo se está mui fraco, & atenuado, & necessita talvez mais de se lhe acrescentar ao sangue, do que de lho tirarem sem grande necessidade.

A sangria he muito necessaria para a precaução aos cavallos que comem muito, & trabalhaõ pouco, sangrando-os ao menos duas vezes no anno: para evitar as doenças que grangeaõ com a muita crecença do sangue, que adquirem com os mantimentos.

A sangria he muito necessaria para as febres, para os agoamentos, para as quedas, para a sarna para o mal de olanda, para a fluxão sobre algum membro ( como não seja dos olhos lunaticos ) para o vertigio, para inflamações, & em fim para muitos achaques.

Ha alguns Authores que não aprovaõ a sangria por precaução, dizendo, que se se não fizer sempre no tempo que se costuma, causará algum achaque ao cavallo: porêm ha outros de contraria opiniaõ, aos quaes eu me acoimodo, pelo que tenho experimentado: porque ainda que seja pollos nesse costume, se eu posso preservar os meus cavallos de muitos achaques, que os obriguem depois a levar muitas sangrias, com lhe dar huma, ou duas de precaução, que habito, ou costume he, em que haja muito trabalho, o mandar sangrar hum cavallo de regallo, huma vez, ou duas no anno, & ao menos as sangrias dos padares no veriaõ, sempre são excellentes, & nos cavallos comedores, &

folgados, me parecem taõ convenientes, que são daquellas, a que chamaõ sangrias de necessidade.

## CAPITULO 3:

*Em que tempo são mais convenientes as sangrias nos cavallos,  
& em que veas se haõ de fazer con-  
foreme as causas.*

**Q**Uando se sangraõ os cavallos por precauçaõ, he necessario sangrar os novos a quatro, ou cinco dias de Lua, & os velhos em Lua chea: isto se entende se acõmodidade, & tempo o permittir. Os cavallos em quanto potros o menos q̄ os poderem sangrar he melhor, como tambem aquelles que são já muito velhos, não se devem sangrar, salvo em grande necessidade, nem os cavallos q̄ deitaõ o centeyo inteiro no esterco, & assim mais a erva, ou palha mal cozida, porque estes ordinariamente são faltos de sangue, & calor para a digestão dos alimentos:

Não se devem tambem sangrar sem muita causa os cavallos frios, & fleumaticos, nem se devem usar as sangrias no tempo de grandes frios, sem muita necessidade, nem de grandes calmas, porque necessitam entaõ os corpos mais de foccorridos; que de desbaratados.

Os cavallos tem grande numero de veas por todo o corpo, como se vê com tam especificadas clarezas no livro de Anatomia de Carlo Ruini, impresso em Veneza. Potêm as veas, que mais ordinariamente se sangraõ, sam as veas universaes da taboa, que estaõ por cima da garganta. Sangrasse nellas por precauçaõ, por dores da cabeça, por farna, por fervura de sangue, & por outras muitas cousas.

Sangrasse nos lagrimais por alguns accidentes de olhos, como pancadas, mordedura, ou ferida, ou fluxaõ, q̄ não seja de Lua, & nesta parte se sangra com lanceta.

Sangrasse nas veas das fenas por cima dos olhos, para mormo  
para

para accidente do cerebro, & outras causas.

Sangrassê por baixo da lingua, por doenças da cabeça, por fastio, ou esquentados do trabalho, dor de barriga, olivas, & outras mais cousas com lanceta sutil.

Sangrassê por cima das ventas, atravessando-as, sem se buscar vea, com hum furador, ou sovella, para as dores de barriga, para as olivas, & para hum cavallo esquentado de correr.

Sangrassê no padar a direito dos dous dentes, mais de diante; no segundo tolano, quando hum cavallo està enfastiado, ou tem os tolanos engrossados, alli se sangra com lanceta, com prêgo, ou com cornito; & para estancar o sangue lhe darâm farelos molhados, & se não batar, se lhe levantará a cabeça com huma corda pela parte do focinho como quando os põem para lhe dar beber, rajem, & logo parará o sangue.

Sangrassê nos terços das mãos, pela parte de dentro a cima da junta do joelho, adonde a vea he mais grossa, & levantada, & se faz nesta parte por algum esforço da pã, ou carga de peitos, ou por resfriamentos, & por outras muitas causas.

Sangrassê na quartella por obstruções, males dos machinhos, & de toda a mão & com lanceta.

Sangrassê na palma, junto à ponta do casco para inchaçam das pernas, pancadas, de casco, agoamentos, & outras mais causas.

Sangrassê nasilhargas, junto às verilhas, para dores de barriga, & para muitas qualidades de males, & se sangra com lanceta.

Sangrassê nas bragadas, para agoamentos, esforços de ancas, & outras mais cousas, & se sangra com flame, o lanceta.

Sangrassê na colla; para febre, & outros achaques, & se faz com lanceta comprida.

Quando se sangrar o cavallo, se deve sempre abrir bem a vea, para que faya o sangue grosso, & terrestre, porque sendo pelo contrario sahiria o sutil, ficando a sorofidade, salvo quando



quando a sangria for feita para atalhar , & devirtir alguma fluxam de sangue , que entã se quer mais dilatada, que copiosa,

## CAPITULO 4.

*Que observaçoës se devem guardar no fazer a sangria saber, a quantidade , & conhecer a calidade do sangue.*

**N**O dia em que o cavallo ouver de ser sangrado, se não deve montar nelle, nem ainda no dia dantes, se for possível : & depois da sangria, se não devem servir del- le, ao menos aquelles tres, ou quatro dias, ainda que não tenha outra doença, mais que o averfelhe revolvi- do, & tirado o sangue.

A sangria he sempre mais conveniente pela menhaã, do que de tarde, não avendo necessidade, que a obrigue a fazer a todo o tempo. Deve estar o cavallo tres horas sem comer, antes da sangria, huma depois, & sômente acabado de se lhe fazer lhe darã huma canada de agoa fria a beber, para que o san- gue revolto, & alterado se assente, & recolha ao intimo de seus vasos. Não se deve almofaçar, nem alimpar antes da san- gria.

Os Alemaens mandaõ correr, & trabalhar os seus cavallos antes da sangria, dizendo, que com aquella inquietação se mistu- ra o sangue roim com o bom, como a borra com o vinho, & que assim evacuaõ melhor, envolta no sangue a malinidade. Porém enganaõ-se muito: porque segundo os melhores Phylososofos com aquella agilidade, & inquietação, se enche o sangue de espiritos, & abrindose a vea, sahe o mais sutil, & faz a sangria mayor dano, do que proveito.

Aos cavallos sangrados, se lhe deve dar bons pensos, co- mo he a cevada branca, & o farello trigo, porque es refreca,  
&

& da boa nutrição.

Quando se fizer a sangria se deve regular a quantidade conforme o cavallo, se he muito comedor, ou enfastiado: se he grande, ou pequeno, se as veas são grossas, cheyas, ou tenues, & conforme a impetuidade com que sahe o sangue reparando sempre na grandeza da doença, nas forças, na idade, & estado do cavallo, & sem grande causa se não devem fazer grandes evacuações, de sangue porque com estas se faz grande dissipação dos espiritos, seguindo-se do muito tirar do sangue, não só fraqueza, mas opilações nas veas, & cruzas, que são principios de muita enfermidade.

A quantidade de huma sangria ordinariamente; são tres arrates de sangue, a mayor quatro, a menos dous. He muito má pratica a dos Alveitares em não receberem o sangue em algum vaso, para que com clareza se possa ver, & julgar a quantidade. He necessario que o sangue se tome em hum vaso, o qual se tenha medido primeiro, com agoa, para saber quantos arrates, ou quartilhos leva, ou por onde chega, para conforme a isso regular a quantidade do sangue que se quer tirar, & logo se deixará coaltar, & se porá em parte a donde o Sol o não seque, nem de fumo, pò, ou vento, para que se veja com clareza a sua calidade, para o que se terá cuidado as observações seguintes.

Repararão em sangrando o cavallo, se o sangue corre doce, & lentamente, sem impetuidade, & se se pega nos dedos, tocando nelle, que são sinais de ser viscoso, proprio a gerar obstruções, em tal caso necessita de sangrias, porque he sinal de repleção.

O sangue que escuma muito, sendo recebido perto da vea, em distancia ordinaria, mostra haver calor, & excitação de espiritos, & daqui se julga que o cavallo está esquentado, ou de sua stento, ou de trabalho, violento, ou que he de temperamento vigoroso. Estes tais devem ser sangrados, antes mais vezes, & tirando menos sangue de cada huma, & sempre lhes convem a sangria, de precaução ao menos duas vezes no anno, se sam mu-

pensados, & com pouco exercicio.

Quando o sangue se coalha muito depressa, havendo febre, he final que a substancia he crassa, grossa, & terrestre.

Se o sangue for difficultoso, & dilatado em se coalhar, he final de ser tenue, & sutil.

Se o sangue faz muita agoa, & soro, significa embicilidade de rins, ou obstrucção nas veas, ou que os poros do couro difficultam a ventilação, por estarem entupidos, por falta de nam serem almofaçados, & limpos, para facilitarem a evaporação dos fumos, que são os excrementos do ultimo cozimento, que se faz em todas as partes do corpo do cavallo.

O sangue que he amarello por cima, & negro por baixo, mostra que está o cavallo esquentado, & que a colera predomina.

O sangue cheyo de fleumas, & agoa branca, denota no cavallo compreição fria, & humida, & que não deve ser sangrado sem muyta necessidade.

O sangue achumbado, & de cor de terra, denota no cavallo pezo, & carga de humor melancolico, porêm deve sangrar-se poucas vezes. O sangue dos burros he sempre desta sorte.

Em resolução se o sangue estiver bem vermelho, he bom; se amarello he collerico, se pallido cru, he fleumatico, se chumbado, & esverdeado, malencolico, & terrestre.

Se o sangue se não coalha (como diffemos) he final que o cavallo está cheyo de roins humores, que necessita de repetidas sangrias, em pequena quantidade, & de ser purgado para evacuar os humores corruptos que com a sua putrefacção esquentão o sangue nas veas, sendo causa de toda a sorte de doenças, com que he necessario, havendo sangue desta sorte, purgar o cavallo com medicamentos, que purguem das veas.

Quando o sangue he grosso, & pegajoso, & que apartando hũdo outro se torna logo a pegar, & unir, ficando sempre com boa cor, denota enchimento, & sendo assim, se deve sangrar a meudo.

Quam

Quem for curioso de provar o sangue na lingua, advertirá logo, que o doce he o melhor, & mais natural, & se for aspero, & mordicante, será fleumatico, & pituitoso, & sendo amargo será colerico, cheyo de bila; & se for azedo, & estitico, será malancolico, & terrestre, & se for salgado, entrão deitará numa fleuma pituitosa. & salgada.

Devese reparar, em que sendo necessario ao cavallo sangra-lo, & purgalo, se deve começar primeiro pela sangria, porq̃ estas o preparaõ, & refrescaõ, para que a purga não esquente, & inflame os humores.

O sangrar depois da purga, nunca he conveniente aos cavallos, porque os medicamentos purgantes alteraõ, & movem muitos humores que não evacuaõ; & com o tirar do sangue se recolhe às veas, servindo de mayores danos.

A sangria dá muita luz, & noticia da inclinaçãõ, & temperamento do cavallo, mais certa, do que os indicios que tiramos das cores dos pellos, & outros sinais que buscamos, porque pelo sangue se põe julgar da saude, do temperamento, da inclinaçãõ, & ainda do vigor, ou frouxidaõ do cavallo.

## CAPITULO 5.

*Do modo, & ordem, com que se hãõ de dar as ajudas aos cavallos.*

**A** Ajuda vem de huma palavra grega, que significa lavar, & assim propriamente he a ajuda huma lavagem do ventre que serve para alimpar, provocar, & facilitar a sahida dos excrementos, & amolentar a dureza, para corregger algumas destemperanças, para abraudar dores, para expellir ventosidades, para curtos de ventre immoderados, para matar bichas conteudas nos intestinos, & para outros muitos achaques. Com que a ajuda evita, & remedeia nos cavallos infinitos achaques]: porque não ha quasi parte

parte alguma que não receba algum alivio; pela correspondencia que todas tem com os intestinos, os quaes estando livres das imundicias, que os occupaõ, aliviando-se com a ajuda daõ liberdade às outras partes, para que se possaõ descarregar dos humores superfluos que as offendem.

As ajudas se podem applicar repetidas vezes em quasi todos os achaques dos cavallo, porque he remedio seguro.

O cozimento mais ordinario das ajudas, he o mesmo, & das mesmas ervas que os Medicos costumão receitar, para os achaques dos homens. Porém avendo cerveja, he para os cavallo a melhor infusaõ de todas, & nella, ou no cozimento das ervas ordinarias se haõ de lançar os pòs, electuarios, & medicamentos purgantes, ou laxativos que forem convenientes para a qualidade do achaque.

Ha-se de advertir que a quantidade de cada hũa ajuda ha de ser se impre de sete, ou outro quartilhos, porque sendo de dous, ou tres (como as costumão lançar muitos Alveitares,) não podem fazer effeito algum.

Antes de se lançar a ajuda, se ha de meter a mão no cavallo; mui bem untada de azeite, ou manteiga, & mui brandamente para se tirar o estercos a que se poder chegar.

He necessario tambem que a ajuda vâ mais quente, que morçna, como não seja de sorte que possa esaldar os intestinos. Para se lançar ajuda he conveniente, que tenhaõ os Alveitares, & pessoas curiosas, ceringas feitas de proposito para isso, que levem ouro, ou nove quartilhos, porque lançada a pedaços não tem o effeito conveniente, deve ser o cano de comprimento de mais de hum palmo, & de largura, que caiba por dentro a ponta de hum dedo, & em falta de ceringa tambem se pòde usar de huma borraça, como as que servem para vinho, com o cano da forte que dissemos; ou de hum odrezinho de cabrito com bocal, & aberto por detrás.

Antes que o cavallo tome a ajuda, estará quatro horas sem comer enfreado, & huma depois, & tanto que se lhe lançar lhe taparám o cõffo com o mesmo cabo, não a deixando lançar em

meyo quarto de hõra, ou mais se as dores o não apertarem demasiadamente, & tanto que for começando a lançala, o passatão hum pouco, porque assim vazará melhor.

Além das ajudas que vão receitadas em seus lugares, nos capitulos dos achaques, em que são necessarias, porey aqui algumas muito experimentadas.

*Ajuda carminativa para dissipar ventosidade.*

Tomaráõ as cinco erva emulientes, & lhe juntaráõ macella, & ouregaõs, de cada hum huma maõ cheya, & na ultima feryura lhe lançatão de erva doce, duas ouravas, depois se coe, & se ajunte meyo arratel de mel rosado, quatro onças de benediçta laxativa, electuario de bagas de louro duas onças.

*Ajuda purgativa.*

Tomaráõ cozimento das ervas ordinarias laxativas, & em seis quartilhos da calda, desfarão duas onças de mel violado, & outro tanto de açucar mascavado, quatro onças de catholico commum, meyo arratel de manteiga fresca, pode se meter em lugar de catholico meyo arratel de mel mercurial, & se quizerẽ aumentar lhe a virtude lhe juntaráõ hum quartilho de vinho de infusão de crocus metallorum: esta infusão se faz metendo em cada quartilho de vinho huma outava de crocus metallorum, que esteja de infusão vinte, & quatro horas, & o mesmo crocus metallorum que serve para huma infusão, pòde tornar a servir para quatro, ou cinco infusões.

*Ajuda adstringente.*

Tomaráõ tres quartilhos de agua daquella, em que os ferros apagaõ os ferros quentes, faraõ ferver nella de tanchagem, de murta, de folhas de acipreste, de cada huma huma maõ cheya, a este cozimento coado, misturarão tres quartilhos de leite, no qual meterão por seis, ou sete vezes hũs seixos vermelhos primeiro no fogo, & lançados assim no leite, juntaráõ bolo armenio fino, & farinha tostada no forno, de cada hum duas onças, & meya onzia de gemas de ovos, meyo arratel de açucar mascavado, hũa onça de oleo de marmelos.

*Ajuda anodina, para abrandar dores.*

Tomarã quatro quartilhos de leite, & dous do cozimento ordinario: misturarã hum arratel de farinha de linhaça, que desfarã mui bem, com meyo arratel de miolo de paõ: flores de macella, huma maõ chea: ferverã tudo, & depois se coará, & se desfarã no coado quatro, ou seis gemas de ovos, quatro onças de oleo rosado, ou violado; meyo arratel de manteiga, ou de grayxa de ganços, ou galinhas. Tambem serve para a calda da ajuda anodina, o caldo de tripas de carneiro, desfazendo nella os ingredientes, que dissemos.

*Ajuda diuretica para as difficuldades de urinar.*

Farã ferver as cinco raizes aperitiva, que sam de grama, funcho, aypo, espargo, & gilbarbeira, atè que estejam mui cozidas: em outro vaso cozerã huma galinha, com as cinco ervas emollientes, tanto de huma calda, como de outra: depois de coadas lhe juntarã huma onça de sal prunele derretido, por outro modo, sal mineral; meyo arratel de termentina, que se ha de desfazer com tres gemas de ovos: depois lhe desfarã de diaprunis tres onças, & hum quartilho de vinho de infusã de crocus metallorum, que farã mais effeito, que tudo como dissemos neste capitulo.

## CAPITULO 6.

*Do modo de dar os xaropes, & dos simples com que se compoem.*

**P**ara se ordenarem os xaropes conforme o humor que se quer preparar, he necessario que se saibam os simples, que preparã cada hum dos humores, & assim direi alguns.

*Defestivo para preparar a colera.*

Os simples, que preparã, engrossã, & refrescam o humor colerico, sam, a lingua de boy salvagem, a sempre

viva mayor, a alface, & tanchagem, as sementes frias; mayores, & menores, as flores cordeaes, chicorias, & outros: os pòs de diaphanicam, de enxofre, de diatraga cautum, &c.

*Dezestivo para a fleuma.*

Os simples que preparaõ a fleuma, sãõ as raizes aperitivas, de grama, funcho, aypo, espargo, & gilbarbeito: as sementes de anis, de funcho, de chicoria, de espicanardo, as raizes de aristoloquia, de enulacampana, de galanga, de salça parrilha, de valeriana, de zodoaria: as folhas de asyntro, de agrimonia; bertonica, funcho, loureiro, hypericam, alecrim, erva sidreira, ouregaõs arruda, salva, serpaõ, & as quatro sementes quentes mayores, & menores, como as de cardo benedicto, de coentro, de bagas de louro, de zimbro, & outros. Os pòs de aromatico rozado, de dearrodam Abba; de, de figado, de antimonio, &c.

*Dezestivo para a melanconia.*

Os simples, que preparaõ a melanconia, sãõ as raizes de peilipodio satiriam, de regalice, de freixo, de fel da terra, as folhas de borragens, de lingõ de boy salvagem, de centaurea menor e fumaria, scolopendria, as quatro sementes quentes, as flores cordeaes, & outros desta qualidade: os pòs de lætificans Galeni, os torciscos de asyntro, de dialacca, de eupotorio. De todos estes pòs, & outros mais se podem ir dando ao cavallo na reçaõ alguns dias antes de se purgar, para prepararem os humores, de que estiver mais replecto, ou lançados em enfusaõ feita dos simples, que acima dissemos.

*Xarope preparente para a colera.*

Os xaropes se devem ordenar conforme o humor que queremos se prepare para a purgaçaõ, com que sendo colerico, se podem compor de xarope violado, de romãas, de almeiana, acetoço, de cada hum duas onças, resolvase em



agoa de azedas, de lingoa de vaca, de borragens, de almeirão, de cada huma quatro onças, sendo esta quantidade para hum só, & destes haõ de ser quatro.

Sendo para preparar a purgação da fleuma, se haõ de fazer os de xarope acetoso, & çumo de endivia, de mel rosado, de hyfopo, com as quatro raizes, de cada hũ duas onças, resolvaõse em agoas de betonica, de borragens, & de funcho de cada huma quatro onças, para hum xarope.

E sendo para preparar o humor melancolico, ha de ser o xarope de borragens, de almeirão, de lingoa de vaca, de peros camoeses, de cada hum duas onças, resolvaõse em agoa de luparos, de borragens, & de almeirão, de cada huma quatro onças para hũ xarope, & desta maneira poderã regular as quantidades, conforme a necessidade, & os humores que se ouverem de preparar, para serem purgados.

Antes de se dar o xarope, estará o cavallo enfreado sem comer tres horas, & duas depois, & se lhe ha de dar pela manhã, hum xarope cada dia, sem quatro manhãs.

## CAPITULO 7.

*Das cautellas, que se devem observar para purgar os cavallos;  
& de todos os medicamentos purgantes que a  
elles convem.*

**E**M todas as cousas onde ha bondade, & malinidade juntamente, como se achão nos medicamentos purgantes he necessario aver grandes cautelas na eleição, conhecimento nas causas, experiencia nas drogas, pratica na execuão, porque as duvidas para a purgação dos cavallos são consideraveis.

Para se dar huma purga a hum cavallo, he necessario grande experiencia, para saber se necessita della, & que medicamentos lhes convem, medir a quantidade, & qualidade de cada hum, dispor a fórma, o tempo, a necessidade, & finalmente todas as cir-

cunfancias necessarias, que hirey dizendo:

He certo, que as menos vezes, que poder purgar hum cavallo, he o melhor, & se não deve executar, sem muita necessidade; porque os cavallos são mui faceis em se inflamarem, & como he necessario darlhe grande quantidade de medicamentos purgantes, não se pôde fazer sem lhe alterarem o calor estranho, os quaes achando disposiçam nas partes, acendem muitas vezes febre, ou deixam o corpo com grande calor.

A segunda razam he, porque os cavallos tem a purga, & medicamento no corpo ordinariamente vinte, & quatro horas, primeiro que obre, & nesse tempo aqueçam, & alteram sempre algumas partes, porque nam podem estar sem obrarem os seus effeitos, esquentado, & irritando a natureza. Comtudo a necessidade faz vencer todas as duvidas, & he necessario forçosamente em muitas occasioens, que os cavallos se purguem: porém se deve fazer com toda a consideração; observando o clima, a doença, o temperamento, a idade, & podendo ter o proprio natural do cavallo; que como he privado da razam, nos não pôde informar, nem dizer a tua necessidade.

He tambem necessario por todas as inducaçoens, conhecer o estado da doença, porque estando os humores abatidos, & vencidos pela natureza, sam faceis a evacuar, & estando crus, & indigestos, são rebeldes, & não obedecem aos remedios.

Quando a necessidade obriga a que o cavallo seja purgado (depois de se aver conhecida a natureza, as calidades, a quantidade, & o lugar do humor, que pecca) se reparará no natural da doença, do temperamento do cavallo, tanto por suas acçoens, como por seu peljo, para conforme a isso recorrer aos medicamentos, que se devem escolher mais apropriados a todas as attençaes.

Quasi sempre he necessario antes de purgar, preparar o humo, que se quer evacuar; porque sendo cru, & misturado com os bons humores que se devem conservar para sustento do

do animal, seria quasi impossivel fazer sahir o cru, & rebelde, nem com o mayor trabalho, por isso se não deve purgar o cavallo no principio do mal, porque o humor não obedecendo aos remedios, se esquenta, altera, & augmenta o achaque em lugar de o deminuir. E como nos cavallos não podemos scientifica, & distintamente conhecer final algum certo da separação dos humores, & cozimento delles, por serem as ouzinas dos cavallos, quasi sempre turbus, & com pouca differença nos excrementos do ventre, & he o mais seguro, esperar a melhora clara, ao menos nas doenças violentas, porque a melhora nos cavallos he certo final do cozimento dos humores, & se pôde entam purgar com segurança, precedendo primeiro tres, ou quatro xaropes, para preparar, & separar o humor, que tenhao propriedade de cozer, & dirigir o humor que querem evacuar, como vaõ alguns receitados, porque assim como huma postema, & tumor, antes que esteja preparado, & cozido, senão costuma abrir; & evacuar, assim o humor que está dentro do corpo se não pôde tirar, nem evacuar, sem preparação, & cozimento.

Todos os humores se evacua pela purgação dos medicamentos, sómente o sangue se peca em quantidade, se ha de evacuar pela sangria, porém se por alterado se corrompe, & mudando em parte a sua substancia, degenera em algum outro humor então se evacua tambem pela purga, como humor, & não com o sangue.

Devese advertir na purgação que o cavallo fizer no esterco, que lança, porque costuma ser de huma de quatro maneiras, de que se tira grande indicação do vicio, & predominação dos humores, não fallando aqui no sangue.

Aprimeira he, quando o cavallo purga huns humores amarellos, esverdeados, acres, amargosos, & ferventes, he final que a evacuação he de colera.

A segunda he, quando lança humores viscosos, & grossos, como claras de ovos, muitas vezes pegajosos, & algumas agres, & salgadas, he final que purga o cavallo humores fleumaticos, & pitui-

mitofos.

A terceira quando fae o humor negro, aspero, & muitas vezes mordicante, como se fora agoa forte, que este mostra que o cavallo purga humores melancolicos.

A quarta forte de evacuaçãõ se faz quando os humores claros, liquidos, & delgados, a que chamam forosidades: & este se compara à segunda evacuaçãõ; que diffemos, que he final de fleuma pituitosa.

A experiencia tem mostrado, & feito conhecer, que ha remedios, que purgam os humores, & que tem propriedade para fazer sahir alguns mais certos que outros, conforme a virtude, & propriedade dos purgantes. Donde nace fazeremse tres classes de purgativos: huns para a colera; outros para a fleuma, outros para a melancolia, apropriados cada qual para o humor, & vicio, que domina, & causa o achaque.

A razãõ, & o modo com que os purgantes obram, & atraem aquelle humor, conforme a sua virtude, ao estomago, & intestinos, provocando a purgaçãõ, ou seja lubrificando, irritando a natureza com a sua acrimonia, ou por sua malignidade, a natureza fazendo força para lançar fóra, lança com elles os humores, ou por virtude oculta, como pedra de cevar puxem os purgantes ao estomago, conforme as suas virtudes os humores, ou por qualquer modo que seja tudo isto sem cousas, sobre as quais deixemos quebrar as cabeças aos Medicos Filosophos mais especulativos, porque ao Alveitar lhe basta só saber, que quando tais medicamentos, tira com elles os humores que pretende, & alcança saude ao cavallo, que isso he o que procura, & não buscar o fundo das razoes da Medicina.

Devese reparar tambem, se o humor, que pecca he em abundancia, porque emtaõ he necessario remedio mais violento, & se estiver nas primeiras vias, he mais facil de se evacuar, sendo muy acres tem necessidade de se adoçar, & abrandar, & se for muy viscoso, & crasso se ha de atenuar, &

adel-

adelgaçar, & facilitar-lhe os caminhos, para sair, para o que serve muito as preparações dos xaropes convenientes.

Não se deve crer, que os purgantes de huma classe não purguem mais, que hum humor, porém he certo que purgam em mais quantidade, & com mayor potencia daquelle para que tem a virtude apropriada.

Os mais convenientes purgativos para os cavallos, são as que dizei aqui, & as quantidades, com que se deve usar delles para que toda a pessoa possa fazer eleição dos que convem conforme a diversidade dos achaques, & humores que se pertenderem evacuar, que suposto se achão nas Pharmacopeas assim os simples como a forma dos compostos me parece por aqui os mais convenientes, para que se escuse ver mais livros.

*Dos remedios, que purgão abila, ou coleva.*

A Canafistula he bom purgativo para este humor, porém ainda que seja a mayor quantidade não será bastante para provocar purgaçã a hum cavallo, tenam for ajudada de outros purgantes mais fortes, esta tempera, & humedece as partes esquentadas, pode-se dar para os achaques dos rins, & da bexiga correctã com as sementes de anis, & funcho.

O Maná he igualmente benigno, usase pouco para a purgaçã dos cavallos, porque só nam tem força bastante, porém dado com outros purgativos mais agüdos, purga o peito, & he familiar à tosse.

O çumo de rotas purga as ferrosidades belicofas, porém com menos força que o electuario dellas, que este tem mais efficacia por causa do diactidio, que entra na sua composição.

Os Tamarindos adoçam a bila, & fazem purgar, nam se dam nunca só aos cavallos, porém são mui convenientes nas purgas, porque refrescam, & são familiares.

O Ruybarbo he huma raiz que purga a colera, aperta, & fortifica com propriedade; he bom para os cursos do ventre immoderados: A quantidade que se dà a hum cavallo, sam quatro, ou cinco onças, & como he custo só a cavallos de estimação se costuma dar misturado com outros ingredientes mais fortes, porque he per si só fraco na purgação.

O Aloes he hum dos medicamentos mais convenientes para os cavallos, porque penetra, & abre, purga a bila, & a pituita, alimpa o estomago, & os intestinos: he bom para a cabeça para os olhos, & para o figado pela correspondencia que estas partes tem com o estomago, he bom para matar lombigas, mas porque he muito amargoso, convem corregerse com nós nocada, cravos, & canela, porém a melhor preparação, com que bem se correge, he destemperado com çumo de rosas, molhandose nelle muitas vezes. O çumo de lingua de boy, de borragens, de cardo benedicto, sam tambem mui a proposito para esta correçam. A quantidade que se pôde dar a hum cavallo sam quatro, até cinco onças, & he o melhor purgativo que temos para os cavallos.

Os Mirabolanos são de cinco especies: cetrinos, chebulos, indicos, emblicos, & belericos, sam bons porque não esquentam, porém são fracos na purgação. Daõ-se em manteiga, oleos, ou azeite, porém servem poucas vezes aos cavallos, porque seria necessário dar-lhe muitos arrates para fazerem purgação: com tudo podemse misturar com outros purgativos mais fortes.

A Escamonea he muito bom purgativo para os cavallos, porém ha de ser preparada no vapor de enxofre, porque assim fica para os cavallos com grande efficacia, mas nem rodos os Boticarios sabem fazer bem esta preparação. Purga a bila com muita propriedade ainda das partes mais remotas. Deve dar-se em azeite ou gria, que a doce a sua acrimonia, & modere a alteração dos intestinos, he perfeito purgativo para os cavallos, & sempre experimentei nelle bons successos. Pode-se dar em substancia cinco outavas, até seis, & meya, escolhendose sempre a mais

mais clara, & limpa.

O Antimonio cũ , não he purgativo , mas sendo preparado he excellente purgativo para a bila , & quasi todos os humores superfluos , he violento , porèm não esquentá , infundido em vinho , & dado ao cavallo hum quartilho , ou quartilho , & meyo deste vinho , o faz purgar bastantemente , & he facil remedio , & barato. Quando se quer preparar huma purga para evacuar a colera se ordena nesta fórma.

*Purga para evacuar a colera.*

Tomarão aloes tres onças , flores de violas , rosas singellas , & hypericam de cada hum huma cutava, pòs de canela, & almecega de cada hum meyo escrupulo , escamonea preparada no vapor de enxofre duas outavas , pizado tudo em grosso modo, se darà em hú arratel de manteiga em forma de pirolas.

Tambem se pôde usar das pirolas , que se achão preparadas nas boticas , de diaprunis solutivo , & outras : & dos electuarios de çumo de rosas , dando ao cavallo doze quantidades de que se dà a hum homem.

*Os remedios, que purgam a pituita, ou fleum, são os seguintes.*

Catthamos he huma semente da qual o meolo purga a fleuma, & as agoas, & he boa para os bofes, correge se com anis, canela, & galanga , alguma cousa esquentá , & não he vehemente no purgar , podem se dar seis até sete onças a hum cavallo.

O Agarico atenué , destapa & purga a bila, & fleuma , tira do cerebro dos nervos , & dos musculos , seria hum dos melhores medicamentos para os cavallos se fora mais purgante , & menos custoso. Fazem delle torçiscos , que o corregem , & adoçam. Dasse em quantidade quatro até cinco onças.

O Tubit purga a pituita crassa , viscosa, & podre, tira das partes remotas , mas com brandura. Podese dar a hum cavallo quatro, ou cinco onças.

Os Hermodatiles purgão brandamente a pituita , & humores viscosos, & purgão das juntas com especialidade, corregem se

com espicacardo, & canela, dam-se de quatro até cinco onças.

O Mechoacam purga a pituita aquosa, he bom para a tosse envelhecida, dores, de torcilhão, & mal de Olanda, correge-se com canela anis, & almecega, daõ-se quatro até cinco onças.

A Coloquintida purga a pituita, & outros humores crassos, & viscosos das partes mais remotas, como do cerebro dos neryos, & musculos das juntas, & dos bofes, he mui excellente para tirar a fleuma vitrea, que se pega por dentro das tripas, & causa torcilhões, correge-se em trociscos, ou com oleo de amendoas doces; he bom purgativo para os cavallos, porque obra bastantemente, & he pouco custo. Podem-se dar seis outavas até huma onça, em manteiga, ou graixa de porco.

O Opoponaco purga a pituita viscosa das partes mais remotas, como são as juntas, & he benigno, correge-se com gengibre, canela, ou raiz de enula campana. Dã-se em quantidade de quatro até cinco onças.

O Euphorbio he o çumo de huma arvore mui quente que purga a pituita crassa, & aquosa com tanta violencia, que he necessario dar-se com muita cautela, & mui bem corrigido desfeito em vinagre estilado, ou çumo de limoens, no banho maria, & assim quente passar o licor por hum pano dobrado. A quantidade que se der não passará de duas outavas, juntas com quatro onças de canafistula, que o acodem, & temperem.

Os Engos sam purgativos leves, porém misturados com outros fortes, tem propriedade para purgar os humores aquosos.

O çumo da raiz de açucena, puxa com força as serosidades pituitosas, correge-se com canela, & se dà a hum cavallo outo até dez onças.

A Jalapa he huma raiz, que purga as fleumas aquosas com bastante virtude, correge-se com canela. A quantidade



de para hum cavallo, são duas onças. Para se fazer huma purga para hum cavallo, que evacue com propriedade a pituita, ou fleuma se ordenará na fôrma seguinte.

*Purga para a fleuma, & humores aquosos.*

Tomaram huma onça de diachartano, de agarico torcicado duas outavas, turbit, & hermodatiles de cada hum, hũa onça; espicanardo, canella, gengibre de cada hum huma outava, coloquintida outava, & meya, misturarãm tudo em pó, & lançado em dous quartilhos de vinho branco se dará ao cavallo.

Tambem se pôde usar das piloras que se acham nas boticas, de Agarico, de Sarcocolla, de Coloquintida, de Hiera Cumagarico, de *Cotia fatidia maioris masua* Se o cavallo for magro, se lhe podem dar antes electuarios de Diaphenicaõ, de Benedicta laxativa Nicolai, & Hierapicra Galeni, electuario *in dum maius masua*: das quaes piloras se podem unir as que forem necessarias em roucinho, ou manteiga, como diremos do capitulo seguinte. Advertindo que das quantidades, que se costumam dar a hum homem se haõ de dar doze ao cavallo.

*Dos medicamentos que purgão a melancolia;*

O Sene tem o primeiro lugar entre os simples purgativos, porque he hum remedio geral, que eutra em todos os purgantes, & de todos os humores purga com bastante efficacia especialmente o melancolico requeimado, & pituita grossa, puxa todos os humores podres, & corruptos, abre as obstruçoens envelhecidas, correge-se com erve doce, gengibre, & cravo. A quantidade para hum cavallo sam seis até sete onças.

O polipode he hum preparativo, que per si só não seive para purgar hum cavallo, mas ajuntase a outros purgantes, & correge-se com regalice, gengibre, aris, & suncho. A quantidade par hum cavallo são seis até sete onças.

O Eleboro negro he huma raiz, que purga a melancolia, & outros humores requeimados, & rebeldes, he excellente remedio para purgar os cavallos, corregefe com agoa fria, & depois se infunde quatro horas em vinagre, & se seca ao fogo lento. A quantidade para hum cavallo sa n seis outavas, atè ouro o mais. Podefe-lhe ajuntar anis, & funcho.

O Lapis Armenius he huma pedra que se acha nas minas da prata em Alemanha, & Armenis donde tomou o nome, lavase com agoa de rosas, ou de lingoa de boy. A quantidade para hum cavallo saõ quatro atè cinco onças. Para compor huma purga, que evacue com propriedade. O humor melancolico se faz para hum cavallo do modo seguinte.

*Purga para a melancolia.*

Tomarãm de folhas de fene huma onça, & meya, eleboro negro lavado primeiro, & infundido em vinagre quatro horas, & depois seco, duas outavas; cristal de tartaro meya onça. Lapis Armenius lavado dez outavas, anis, funcho, & canela, de cada hum outava, & meya: pizarão tudo em grosso modo, & farãm a beberajem em dous quartilhos de infusaõ de borragens, lingoa de boy, & fumaria.

As pirolas que se acham nas boticas, para purgar a melancolia dos cavallos, saõ as pirolas *inde pirolas lapide lazuli, & de lapide Armenio*, & outras: os electuarios diasenna, a confeiçaõ amoc; & de todos estes medicamentos se podem eleger os que parecerem necessarios, confôrme a necessidade.



## CAPITULO 8.

*Cemo se ha de dar a purga aos cavallos , & a erdem que nisso se deve guardar.*

**A** Vendose determinado o modo da purga , que se deve dar ao cavallo , se ordenará desta maneira. Tomaraõ as drogas , & as pizeiam grosseiramente , & se misturaraõ em dous arrates de toucinho , ao qual se tirará o sal primeiro , demolhando.o , & lavando.o em varias agoas ; & se pizará unindo as drogas mui bem nelle , ou tambem se podem unir em outro tanto pezo de manteiga ; logo se fará tudo em pirolas tamanhas como nozes grandes , & se for para beberagem he necessario depois de pizadas grosseiramente, lançalas na infusaõ , que tiverem ordenada , com que seja sempre quantidade de cinco , ou seis quartilhos , conforme a grandeza do cavallo , & se dará ao cavallo pelo corno, tendo-lhe a cabeça levantada por huma corda , que pegue por dentro da boca , pela parte do focinho.

Se for para fazer huma infusam simples , estaram os medicamentos infundidos vinte , & quatro horas , & depois coarense ; & nesta calda coada , se haõ de fazer os electuarios , pòs ou outros ingredientes , conforme se tiverem determinado.

Na manhãa , em que o cavallo ouver de tomar a purga , ha de estar enfreado , sem comer seis horas dantes , & cinco depois. Avendo o cavallo bebida a purga , lhe enxagoaraõ a boca com hum quartilho , ou meyo de vinho , para lhe tirar o roim fabor.

Se for em pirolas , depois de as ter engolido se lhe ha de dar hum quãrttilho de vinho branco , para as fazer decer ao estomago , & para lhe tirar toda a amargura , porque se naõ affija.

He necessario que o cavallo que se cuver de purgar , tome

to me hu na ajuda á noite, quando ouver de tomar ño dia seguinte a purga.

Sendo passadas vinte, & quatro horas pouco mais, ou menos, começará o cavallo a purgar, & entã o tiraram da estrebaria muito bem cuberto, & o passearão hum quarto de hora, porque o passeio o ajuda a vazar melhor, & se repetirá o passear-se de duas em duas horas, advertindo que se for de Veraõ, senão passee pelo Sol, nem de Inverno pelo frio, senão no corredor da estrebaria, se o ouver, ou em parte abrigada.

Depois que o cavallo tiver purgado, se lhe dará outra ajuda fresca, & adoçada, para lhe alimpar as fezes, & temperar a acrimonia, com que os medicamentos purgantes deixão offendidos os intestinos.

Serã necessario que o cavallo, depois que tomar a purga, até que de todo a tenha evacuado, não coma palha nem grão, senão sómente farelo escaldado, & cevada cozida: quando não coma bem isto se lhe pôde dar alguma erva de bom nutrimento, ou cevada verde.

De todas as purgas, que vão receitadas nas doenças em seus lugares proprios, tenho feito experiencias com bons successos, nellas se pôde acrescentar, ou diminuir as quantidades dos ingredientes, confôrme a necessidade, termos, & calidades das doenças, & são as mais louvadas, & aprovadas purgas dos melhores AA. que ex professo escreverão desta faculdade.

Mas como achei sempre grande difficuldade na purgação dos cavallos, sem que os medicamentos purgantes adquirissem alguma alteraçã, ou desordem interior, tenho achado que he bom purgativo este oleo seguinte.

*Purga.*

Tomará n dois arrates de azeite commum, hum arratel de vinho tintõ, cinco onças de polpa de coloquintida, huma onça, & meya de fatinha de linhaça, tres nabos de açucenas cortadas em fatias, visco de maceita, huma onça, huma maõ chea de flor de macella, meterá n tudo em huma panella cuberta com outra menor con o fundo para cima, & se barrará n muito bem com fa-

rinha,

rinha, misturada com cinza, & barro, para que não vapore, & se porá a fogo lento, até que o vinho se gaste, que costuma consumir-se por tempo de dez, ou doze horas, depois se tire do fogo, & deixe arrefecer, sem se destapar, & estando meyo frio, se coará, & espremerá. Esta quantidade he para duas purgas, & nesta mesma fórma, computado as quantidades, se pôde fazer para quatro, ou seis cavallo, ou quantidade, que quizerem, & se guarde este oleo, que dura dez, & doze annos com toda a sua virtude. Ha de dar-se morno, & não muito quente, & se dá em hum quartilho, & meyo, ou dous de caldo de tripas, & cabeça de carneiro, observando as cautelas que temos dito acima.

*Outro catolico excellente, de que se pôde usar, para quasi toda a sorte de doenças, o qual devem ter em sua casa todos os bons Alveitares*

Tomarã de Jalapa tres arrates, de coloquintida dous arrates, & meyo, de sene hum arratel, de turbit, & hermodatiles, de cada hum outo onças, de raizes de eleboro negro seis onças, estando primeiro vinte, & quatro horas de infusão em vinagre; de aloes seis onças; de gracia Dei, & assarabacara, de cada hum quatro onças, de canela, cravo, & anis, de cada hum huma onça, metterã tudo em hum vaso, com çumo de maçãas camoezas, & sumaria, de cada hum tres arrates, çumo de limoens hum arratel, agoa de chicoria, & de agrimonia, a que baste, para que fique dous dedos por cima das drogas, & se sjuntará espirito de vitriolo, duas outavas, estará tudo por tempo de sete dias a dirigir no banho maria, ou sobre cinzas quentes, ou ao Sol muito quente do Estio, coarão tudo, & se espremerã fortemente em huma impressã, & sobre fogo lento, farã exalar até que fique no fundo em modo de electuario.

Para huma purga, ha de dar-se somente huma onça, & meya o mais. E isto acima ha de compor hum Boticario, que o faz facilmente, & podese fazer mais, ou menos quantidade, regulando as quantidades, conforme o que temos dito. Para se dar ao cavallo se ha de unir em toucinho, ou manteiga, & fazer piro-

ras, & se o cavallo for magro, he melhor darlho em bebida em dous quartilhos de vinho, porçem para os cavallos gordos, he melhor em pirolas.

## CAPITULO 9.

*Como se ha de desgovernar hum cavallo, & das advertencias que deve aver nisso,*

**H**E hum remedio muito proveitoso aos cavallos, & mui ordinariamente necessario, o desgoverno, & he cousa tam commua, que o mais ignorante ferrador o sabe obrar, mas porque o fazem muitas vezes, sem as atençaens necessarias, lhe succede algumas mal.

As causas que obrigam a te desgovernarem os cavallos, direi nos capitulos onde tratarmos das manqueiras, nos lugares em que os achaques necessitarem dos desgovernos.

Muitos aconselhaõ, que se desgovernem os cavallos em potros, sem necessidade, sendo cousa desprepositada, & que só com necessidade, se pòde fazer, salvo se o potro trazer já do ventre da mãy. alifafes, ou esparavoens, como muitos trazem, porque entaõ he necessario o desgoverno, porque tendo já alli aquelle formento, com facilidade lhes vem a crecer, & impossibilitalos, com que a isto se chama já necessidade.

Os lugares aonde se praticaõ os desgovernos, são nos terços das mãos pela parte de dentro, acima da junta do joelho, aonde a vea mostra mayor corpo, devem se fazer naquella parte, onde o couro estiver mais delgado, & menos embaraço de nervos, & ligamentos.

Logo se desgoverna tambem na quartella por cima da coroa do casco, pela parte dedentro, ou pela de fóra, q̄ rapandose o pelo se vê logo pulsar e vea grande em hum, & outro lado, & nos pès se achaõ as proprias nas mesmas quartelas.

Desgoverna se mais no lugar das bragadas acima da junta, onde

de a veyã está mais manifesta, & na mesma veyã se desgoverna tão bem por baixo da junta, & do lugar onde se formam os esparavões.

Desgoverna-se também abaixo dos olhos hum pouco, para se impedir no fluxo delles.

Para se aver desgovernar hum cavallo, he necessario, que seja em tempo conveniente; não sendo nunca em tempos frios, nem de calmas, nem em dia de nevoas, & sempre he mais conveniente, que se façam os desgovernos no ultimo quarto da desfeita da Lua: & deve o cavallo estar de palha, ao menos hum mez dantes, & quinze dias depois.

Para se cortar a veã como convem, se ha de reparar o pello primeiro, & fazer alguma esfregação branda com a mão, para que a veyã melhor pulse: & logo pegar os dedos na pele, & levantá-la para dar o golpe, & abri-la sem ferir a veyã, porque ferindo-se, perturba com o sangue a execução. Logo com o cornito rombo, & nedeo, (& não com instrumentos de ferro) se irám despegando, & apartando da veã as cordas, & ligamentos, que se acharem sem os offender, & se levantará a veã sobre o cornito, & por entre elle, & a veã se meterá, huma linha segura, na qual se dará hum nó nas pontas sem se apertar, & sobre o mesmo cornito, se picará a veã, deixando tornar a seu lugar, sem largar porém della a linha, & assim se deixará sangrar até dous, ou tres arrates de sangue, conforme o cavallo; & no tempo que for sahindo o sangue, irám apertando, expremendo, & comprimindo o tumor, ou parte, que for a causa do desgoverno: & avendo se sangrada a veã bastantemente, se tornará a tirar para fora, puxada com a linha, que a tem segura, & pondoa outra vez sobre o cornito lhe meterám outra linha, atando huma para a parte de cima com dous, ou tres nós mui bem apertados, & outra para a debaixo, da mesma sorte, cortarám a veã atravessada, para que fique desunida, lavando logo a parte com vinho morno, para que defaltare, applicandolhe depois seus defestivos ordinarios, como adiante em seu lugar yaõ receitados:

& se ouver balfamo, applicado na parte sarará sem materias em muito mais breve tempo : & de qualquer modo sempre o cavallo fara dentro de dez , ou doze dias. Advertindose que não chegue com a boca às feridas , porque o costumaõ fazer , & lhes faz muito dano ; sendo causa de ficarem cicatrices.

Alguns cavallos ha, que são taõ fogeitos a receber a quantidade de humor no lugar dos alifafes , & em toda aquella junta das pernas, que não basta só o desgovernalos alli pelo modo ordinarios & assim se haõ de desgovernar , arrancando , & tirando fóra hum palmo de vea, que vem a ser a que occupa aquelle espaço, que ha entre hum desgoverno, & outro.

Não deixa esta obra de ser difficil de fazer ; porèm os que com experiencia o souberem obrar com o methodo conveniente, he remedio bem efficaz para secar os humores , & grossuras daquella junta , & perna, & serve de impedimento para que não corraõ a ella sempre costuma, quando se faz, acarretar grande inchaçãõ, que se vai depois aplacandõ com os lavatorios estiticos.

Tambem sem se atarem as veas , se desgoverna ; comprimindo sómente o sangue com caparrosa , & algodãõ retalhado, ou com ortigas pizadas ; ou com farinha de favas, pellos de lebre, incenso, & vinagre ; & com hum chomacinho de pano em cima , com sua atadura. E desta maneira não tem ritco algum , & os desgovernos farã in mais depressa, & não fica final onde foraõ feitos ; & tem se atarem as veas cortadas , nem comprimir a ferida com atadura se fazem tambem os desgovernos , se se sabe tomar o sangue que ha muitos modos para isto : como he tambem huma agoa chimica, q̄ he hoje mui vulgar , a que chamaõ agoa das arterias.

Quando se ouver de desgovernar algum cavallo por ter as pernas, ou maõs muito inchadas, se lhe ham de applicar primeiro remedios para que desfinchem o mais que poder ser antes que lhe façãõ os desgovernos.



## CAPITULO 10.

*Do modo com que se ha de dar o fogo, do effeito que faz, & das cautellas que se devem observar.*

**S**endo o fogo actual hum remedio mui efficaz para muitos achaques dos cavallos, se nam deve applicar, se nam por ultimo remedio, depois de se haverem feito todos os mais que forem convenientes ao achaque, assim pela molestia, que causa ao cavallo, como pelos finaes, & catateres, que mais ordinariamente deixa impressos.

Para se dar fogo ao cavallo, he necessario, que esteja primeiro algum tempo de palha, & q̄ não seja em tempo de grandes frios: ne n. e. nas; & não sendo em necessidade urgente, he melhor occasião no mingoante da Lua, logo aos quatro, ou cinco dias, depois de cheya.

Sete, ou oito dias antes de dar o fogo se ha de preparar, & amolentar a parte com os unguentos, banhos emollientes mais efficazes, os quaes adiãte vão receitados em seus lugares proprios; porque estes remedios abrandam, & preparam o humor, para que o fogo mais facilmente o resolva, & consuma, porque tem huma singular propriedade para dissipar; & penetrar os humores, & apertar a parte.

Estando a parte amolentada, & preparada; he necessario dar o fogo ligeiramente conforme o lugar; humas vezes em forma de palma, & outras de pena, & outras de grades, de roza, pè de gallo, ou de outra qualquer figura.

Sempre o fogo se deve dar de sorte, que não fure, nem penetre o couro todo, porque assim obra com mais efficacia tapando os pòros da evaporação, retondindo, & fortificando o calor, para que melhor penetre: no que se enganam muitos Alveitares, parecendo-lhes, que o furar o couro com o fogo o faz ter mayor

effeito. Dar-se-ha com o instrumento mui vermelho até que fique a parte bem acereijada.

O melhor instrumento para dar o fogo, he o de cobre, porque este metal he mui amigo das chagas. Os mais dos Alveitares o dão com ferro; tambem se dá com prata, & se for com ouro melhor.

As facas de fogo, ham de ser tam grossas na cota, como hum dedo, & no fio pouco mais grossas, que as de cortar; devem ser estreitas, com que entre o fio, & a cota, nam haja mais que a largura de dous dedos, porque assim recebem, & conservam mais o fogo, & fazem melhor effeito, como a experiencia mostrará.

Sempre he bom dar-se o fogo ao través, donde corre o pello, que assim se enxergam menos os sinaes, que dobrando depois o pello por cima, os cobre.

Darey aqui hum methodo novo; que com a experiencia descobri de dar o fogo, sem ficarem sinaes no pello, que se vejam, & he muito conveniente para cavallos de conta, & de regalo; aos quaes fazem perder toda a estimação, as marcas, & caracteres que costuma deixar o fogo ordinario.

Estando preparadas as facas de fogo com o fio bem delgado, & vermelhas no fogam, se cortará primeiro com huma navalha sutilmente o couro na parte até o meyo, & mais, mas de tal sorte, que não cheguem a rompelo de todo, correndo o golpe para a mesma parte, para donde corre o pello. Deixarám estar o golpe espaço de meyo quarto ao ar, porque alterando a ferida, a faz abrir para melhor se apartarem as beiras: & assistindo duas, ou tres pessoas abrião com as mãos muito bem o couro para as bandas, & com a faca de fogo se irá correndo o fundo do golpe com destreza, & habilidade, nam queimando as beiras de cuticula, nem tocando as raizes do pello. Depois se cobrirã os golpes, e fogo com unguento, feito de cera amarella, & azeite sem fil em ponto brando, & em falta disto tambem serv emanteiga crua só nente. A experiencia mostrará o bom effeito deste

novo estylo de dar fogo.

Utam alguns sobre o fogo deitar pez negro derretido, com cotaõ, ou frisa por cima. Outros poem rezina, trementina, breu, & outros semelhantes, que acho serem desnecessarios, porque nam servem mais que para levar consigo mayores pedaços de couro quando caem, ou se tiram, & deixarem mais largas, marcas, & cicatrice.

## CAPITULO II.

## Do fogo, &amp; canterios Potencias.

**O** Fogo potencial he mui louvado, & necessario para apli-  
plicar em partes a donde não possamos usar do actual,  
& tambem nos valem dos potenciaes para achaques  
menos fortes, & mais facéis de vencer; comõ tambem  
pela certeza, que temos de q̄ sendo bons, & bem appli-  
cados, obram quasi como fogo actual, sem deixarem marcas, ou  
sinaes.

Os melhores, & mais efficazes Potenciaes, que fazem taõ  
bom effeito comõ o fogo actual, sem deixarem sinaes, sam os se-  
guintes.

*Fogo Potencial.*

Tomarã duzentos, ou trezentos bichinhos destes negros,  
que se acham grande quantidade nos campos, no mez de mayo, &  
Abril: os quaes sam muito duros, & se encolhem, que a penas se  
põdem abrir com os dedos, & sam compridos quasi como hum al-  
finete, & ha campos onde se achaõ milhares delles: estes meti-  
dos em huma panela vidrada com hum arratel de unto velho, se  
tapará a panela, deixando-os estar até que morram: depois piza-  
rã os bichos com o unto, unindo bem tudo se guardará para a  
necessidade, que quanto mais velho, melhor effeito fará.

Para se applicar este unguento, he necessario haver primeiro  
amolentado a parte se for dura, tapar o pelo, & çarjala meuda-

men, & untar com esta graixa applicando huma pã; ou ferro lar-  
go vermelho de frente bem perto que faça penetrar, & se applica-  
rá tres vezes em nove dias. Isto fara os alifafes, ou elparavoës; &  
outros tumores admiravelmente, & as ovas, ainda que sejam en-  
velhecidas: faz destillar humas agoas amarellas, & formar na par-  
te hum modo de larna, & caspa, que cae aos nove dias, & fica o lu-  
gar enxuto, & não cae o cabello, nem ficaõ sinaes alguns. He ne-  
cessario prender bem o cavallo, que lhe não toque com os dentes,  
porque o matará.

Tambem huns bichos a que chamaõ (abadejos, ou vacas lou-  
ras) pódem servir em falta dos que acima apontamos, porèm não  
fazem tam bom effeito como os outros.

*Outro fogo artificial, & Potencial.*

Tomarám manteiga velha quatro onças, de azougue duas, de  
Euphorbio huma, de cantaridas huma outava; enxofre vivo, &  
oleo de louro, de cada hum duas onças: he necessario desfazer o  
azougue com o enxofre; & misturar tudo frio; & guardalo para  
a necessidade.

Para se usar deste Potencial, he necessario amollentar a parte  
primeiro, como acima diffemos, com hum dos emollientes, que  
adiante se acharám nos capitulos dos tumores, & depois rapar o  
pello na parte, & untala com cautela, de que não corra para as par-  
tes saãs o unguento, porque as escaldará, & lhe porão defronte a  
pã, ferro, ou enxada vermelha no fogo (como diffemos) tam che-  
gada ao unguento, quanto o cavallo poder sofrer sem que o quei-  
me, & se prenda o cavallo de sorte, que lhe não toque com os den-  
tes pelo perigo que tem. Este unguento se ha de applicar tres ve-  
zes em noye dias com as mesmas cautelas.



## CAPITULO 12.

*Como se hão de despalar os cavallos.*

**H**A pessoas, que cuidão que despalar hum cavallo hē tirar-lhe o casco fóra, ou que hum cavallo despaldado fica perdido: sendo que esta obra bem executada não faz o minimo defeito ao cavallo, nem val por isso menos hum tostaõ; antes serve muitas vezes de que valham dobrado; se dantes tinhaõ algum defeito, que com o despalar se remedeasse.

Muitos Alveitares fazem grande reparo em se disporem a despalar hum cavallo, & fazem bem; porque lhe nasce esse receyo dos maos successos, que experimentaõ na obra, nacidos dos erros, pouca experiencia, & menos engenho, com que o fazem.

He forçoso despalmarem-se muitos cavallos por varias causas, & enfermidades que em seus lugares diremos.

Para se fazer esta obra com todas as cautelas, com bom modo não avendo necessidade urgente, que a obrigue a fazer em qualquer tempo, se deve primeiro ter o cavallo de palha algum tempo dantes, & não mui sobreposto de carnes; & he necessario que se aja entendido, que o que se ha de tirar, he aquella sola debaixo, a que chamamos, palma, a qual está cercada, & abraçada com a cinta, & tapa do casco.

Alguns dias dantes se haverà lavrado primeiro bem o casco, & applicado dentro na sola huma pouca de manteiga crua, misturada com farinha de cevada, para abrandar aquella parte, sem alteraçãõ: logo se terà preparada huma ferradura de parafusos daquelle de que temos dado methodo no capitulo 18. do tratado da Cavallaria, ainda que os Italianos se servem das mesmas ferraduras ordinarias, com os canellos sómente mais compridos. Tratarãõ logo com o puxavante bem amolado hic cortando ao redor entre a palma, & ao casco, separando com o canto do mesmo pu-

xavante a palma da tãpa, cortando toda a que poderem sem muito sangue entre a palma, & a cima; não adelgaçando porẽm tanto a palma, que possa quebrar ao arrancar, & logo irão despegando a palma com a palheta de ferro, que tem o feitio como lingoa, & estando despegada por huma ponta, lhe pegarão com a torquesa; & a arrancarão inteira; & he necessario força, para que se faça cõ presteza: advertirão logo se fica alguma cousa da palma velha, que serve depois de molestia, & de impedimento à formatura, & crecença da palma nova, & se deixará sangrar o pè, ou mãõ abundante mente.

Algumas vezes costuma o sangue, per si mesmo estancar-se mais cedo do necessario. Porẽm quando se não estanque, atarão huma atadura muito bem apertada na quartela, que paratã logo, entã se lavarã toda a chaga com sal, & vinagre, & se lhe porã em toda ella hum adstringente de felugem, vinagre, claras de ovos, embebido tudo em huma estriça, com seus panos em cima, & ao redor; & se lhe porã a ferradura de parafusos por cima de tudo isto. E quando não aja esta, lhe farão huma taboinha do tamanho do casco muito leve, & delgada no assento d'elle; & ao redor do casco, se apertarão huma cataplasma do mesmo adstringente em outra estriça, & por toda a quartela, & ajunta acima, se untarão huma vez cada dia com a carga, & composiçãõ adiante escrita no capitulo 13. juntandolhe a terça parte do bolo Armenio.

Dahi a dous dias se fomentarão o adstringente por cima do outro, sem despegar a estriça da palma, mas embebendoo sómente nella; hirão continuando depois a composiçãõ da carga, sobre a palma, junto nella o bolo Armenio (como dissemos) que he o melhor remedio, que se ha de continuar, porque sem outro algum mais, costuma vir a palma perfeitamente.

Terão advertencia se a carne sobrepuxa em alguma parte; porque entã se lhe han de applica em cima ortigas pizadas, & tornar aipor o aparelho ordinario; & se em alguma parte da palma ouyer carne esponjosa, & sanguinolenta, ou pizada, que im-

pede o tornār a palma , se lhe applicarām pòs de pedra hume para a gastar.

Se a palma tardar em vir , & a chaga estiver em carne , se lhe applicarām em cima pizadas as folhas de huma erva a que chamaõ ( lampafos ) que tem huns botoes , que se pegam nos vestidos , a que alguns chamaõ amores.

Outras vezes a palma pòde vir mui humida , & entam se lhe ham de pòr sómente fios , ou estriga , com pouca clara de ovo.

Se a palma vier mui seca; & aspera se lhe applicará da carga do capitulo 13. sendo bolo Armenio, & se lhe porá quente.

Se a palma apalpendote com o dedo se achar que vem mui branda , & que nam quer tomar a dureza necessaria; se lhe applicará em estriga o emplasto , feito com duas partes de breu , & huma de cebo de carneiro , tudo derretido , & unido.

Se em alguma parte da palma não quizer vir a dita palma , se lhe applicará de trementina de veneza taõ lavada primeiro que se faça branca como papel, huma quarta unida com duas gemas de ovos.

Averá mais grande advertencia, em que o cavallo não molhe o pé, ou mão em todo o tempo da cura , & esteja sobre palha fresca, & branda , que sendo curado com todo o cuidado , lhe virá taõ boa palma como a dos outros pès.

### CAPITULO 13.

*De como se hão de fazer as cargas perfeitas para os cavallos.*

**T**odo o Alveitar curioso , & amigo de ganhar opianiam , & fazenda , desejando fazer bem sua obrigação , deve ter sempre feito em sua casa a carga , ou emmieure , como os Francezes lhe chamam , que aqui recitarey , porque he medicamento que está sempre sendo necessario , para a [mayor parte das enfermidades dos

dos cavallos, com a qual se elcufam muitas drogas, & emplastos repetidos das boticas.

He remedio prompto para se acudir logo com elle a huma queda, pincada grade que de hum cavallo, a hum esforço de cadeiras, a hum rendimento de rins, ou peitos, a hum agoamento, ou resfriamento, a hum tumor, que o resolve, ou suppura perfeitamente; & em fin para outros infinitos achaques, de que a experiencia fará conhecer maravilhas, como eu com admiraveis successos a tenho axperimentado: o mesmo confessam averem tido desta unctura os melhores Alveitares, & Authores estrangeiros, como os curiolo; poderam ver nos livros Francezes intitutados. La grande Mareschallerie, o Mareschal François, o Mareschal Expert, o Parfait Mareschal; & nos Italianos modernos como sam Pietro Crescenzo, Giordano Ruffo, Colombro, & outros muitos. He a fóma da carga, ou unguento da maneira seguinte.

#### Composição de Carga.

Meteram em huma caldeira dous arrates de sebo de carneiro, que primeiro se haja derretido, & apartado delle as membranas, & hum arratel de unto de porco, feito tambem em pingo, tiradolhe o sal em varias agoas da fonte, de azeite hum arratel, quatro quartilhos de vinho tinto bom; ferverá tudo espaço de duas horas: depois lhe lançaram pez negro, & pez branco, de cada hum, hum arratel, com dous onças de oleo de louro; & derretido tudo, se tirará do fogo, & fóra lhe lançarám de trementina commum, hum arratel; tudo mexido por espaço de hum quarto de hora: & afastado esta composição já meya fria, lhe lançarám hum arratel, & meyo de mel commum, duas onças de cominhos em pó, & hum quartilho de agua ardente fina; & se engrossará com alguma farinha triga peneirada a que baste, para que fique em fóma de unguento, mexendo sempre tudo até que esteja frio. Esta composição de carga, ou unguento; sendo bem feita, assim como digo, se conserva hum anno, & dous



com toda a sua virtude, estando cuberta, & em parte onde não aja humidades. Junta-se a esta quantidade de composição tres arrates de bolo Armenio, quando he para repercurtir fluxam, & fortificar huma parte para cavallos abertos, esforço, & rendimento de paz, de cadeiras rins, resfriamentos, & outtos achaques que em seus lugares diremos. Para o que conforme estas quantidades, se tomará do unguento dous, ou tres arrates, ou o que for necessario, para a occasiam, que se offerecer, & conforme ao que se tira, se lança, & se une nelle dos pòs de bolo Armenio o que baste, conforme aquella quantidade. Para se applicar esta carga, se aqueça só a necessaria em huma caçoula, ou tacho, & se está grossa, se lhe misturará borra de vinho tinto, & em falta, o mesmo vinho; & se ficar rara se lhe misture farinha triga, ou centeya peneirada. Esta carga sendo bem feita, se costuma pegar, & conservar mui bem nas pernas, & em todas as mais partes, porém quando por algum erro de mal feita se nam pegue bem, lhe misturarám mais trementina, & pez negro.

Esta carga se ha de applicar o mais quente que for possível, & quanto a mão com que se unta poder sofrer, embebendo cõ grande estregação para a fazer penetrar; & quando se mete dentro em algum casco, pòde ir fervente.

Não se tira esta carba, até o cavallo sarar, antes se reforma as vezes, que parecem necessarias; & depois se despega com vinho quente, que não he muito difficultosa de sair.

Ha tambem outras cargas muito boas, & muito faceis para fortificar as pernas, & mãos dos cavallos, & dissipar os humores quando não são agoamentos, ou grande extremo de males, como são as seguintes.

#### Carga.

Fe verám em huma caldeira, borra de vinho tinto, & lhe lançarám farinha triga a que baste para se engrossar, como papas, & assim mui bem quente, com que não escale, carregaráo

garão o cavallo por todas as partes costumadas, esfregando muito bem para que penetre, & pegue.

*Outra carga.*

Ferverão esterco de boys, ou vacas fresco; com vinagre, & carregarão o cavallo em quente, porque para o enxugar, & adocar as pernas, & miõs muito trabalhadas, he bom remedio; como tambem para os cascos por dentro, & por fóra, & fazendo tam bom effeito, he muito facil:

*Outra.*

Para hum repente, tomarão agoa ardente em hum alguidar, & sangrarão o cavallo sobre ella mexendo sempre; tirando dous, ou tres arrates de sangue; conforme a necessidade, forças, & corpo do cavallo, & que seja a quantidade de agoa ardente tanta como o sangue: & lhe lançará n farinha triga, ou centeya peneirada, & carregarão o cavallo. He boa carga esta para os cavallos; que saem quebrantados, & pizados do trabalho de humas grandes festas, ou campanhas.

## CAPITULO 14.

*Dos sinais, & observaçõ, para conhecer todo o cavallo doente.*

**C**Ono o cavallo he hum animal falto de razam, & que não sabe queixarse, & dizer o seu mal, & padece muitas vezes doenças, que se não manifestam; he necessario excogitar todas as indicaçoens possiveis, para se conhecer quando está doente, como tambem a qualidade do achaque que padece.

Huma das principaes demonstraçoens, que o cavallo dà logo em se sentindo doente; he o fastio: outro sinal, que poucas vezes falta, sam os olhos tristes, ou alterados.

Toda a pessoa que tiver muita experienciã dos achaques dos cavallos, só com reparar bem nos olhos, conhecerá o que está

está enfermō, que parece sam espelho, em que se estão vendo os achaques.

Advertirã tambem se tem as orelhas mais derribadas do costume, se as tem frias, & a boca esquentada, cheia de baba grossa, & pegadiça, a lingua seca, & quente; o pello nas verilhas, & mais extremidades, arripiado; o esterco duro, & negro, ou esverdeado; se a ourina não he dourada, se não crua, & branca, ou muito vermelha; se lhe choram os olhos; se o beicho debaixo está pendurado, & apartado dos dentes, se tem a cabeça baixa, carregada; se afroxa andando, ou cansa logo suando suor frio, sendo dantes vivo, & ligeiro; se vendose entre outros cavallos se nam alegria, costumando dantes fazelo; se se levanta, & deita a meúdo na estrebaria; se cheira as ilhargas, & olha muito para as verilhas, torcendo o corpo para huma, ou outra parte; se o coração, & pulso lhe palpita muito, o que se conhece pondolhe a mam por baixo da pá esquerda, pela parte das cilhas, & por outros muitos mais sinaes mostram os cavallos logo, que estão doentes.

Reparese logo o que mais importa, que he saber conhecer, & differençar o achaque que padece, & as causas delle, sendo certo, que este conhecimento nos cavallos em muitos achaques he bem difficultoso de alcançar, porque nam fallam, nem podem dizer aonde têm a dor: & assim convem excogitar a mayor parte de seus males por indicios, & consequencias para lhes applicar os remedios com propriedade a elles. Para o que convem naquelles, que se não manifestão com clareza, estar muito tempo, junto ao cavallo, assim fóra da estrebaria, como nella: reparando com toda a attenção em todas as minimas acções, para vir a alcançar a certeza da qualidade da doença; que por falta deste conhecimento he, que succede mal em muitas curas aos Alveitares pouco experimentados; porque nam vendo hum cavallo mais, que hum instante, se resolvem logo a capitular o achaque, & a applicarlhe o remedio, sendo impossivel o alcançarem o conhecimento delle, não sendo ao

menos mui patente, quando os mais doutos Philosophos confessão, serem as enfermidades mui difficeis de conhecer, ainda nos homens, co no diz Hypocrates: *Occasio præces, studium difficile, experimentum periculosum.* E assi na experiencia nos faz conhecer cada dia o difficil, & perigo nas curas, quando dos achaques falte o conhecimento.

## CAPITULO 15.

## Da Birra.

**C**omo o meu intento he, ir descrevendo todos os achaques dos cavallos, começando da boca, & continuando pela cabeça, & todo o corpo até as ferraduras dos pès ( como tenho dito ) não quero aqui deixar de fazer menção da birra, supposto que nas melhores opinioens se tem averiguado seja vicio, & não achaque, como disse já no tratado da Cavallaria entre os vicios dos cavallos. Não quero contudo deixar de satisfazer às opinioes contrarias, para que aquelles que dizem que he achaque, lhe achem o remedio.

Dizem estes que por ter o cavallo a garganta muito estreita, & voltada, ou dobrada junto às queixadas, se ajudaõ de ferrar os dentes na manjadoura, para fazerem mais força ao engolir os mantimentos. Porém de qualquer sorte que seja, he sempre de prejuizo ao cavallo; porque he certo lhe faz ganhar ventosidade, gastar os dentes, & perder a cevada da boca. Remedease este achaque, ou vicio, com se por ao cavallo huma argola de ferro, de largura de tres, ou quatro dedos, no pescoço, junto às queixadas apertada muito bem, mas de sorte que possa comer, & respirar, com a qual não ferrará os dentes, & tambem costuma bastar hũa cinta larga de couro grosso, & duro.

Muitos cavallos nam ferram mais os dentes, se os poem em manjadouras de pedra, ou nam os tendo em manjadou-

ra, mas sómentê presos a huma argola, dandolhê a rēçãõ em hum embornal de pano, pendurado da cabeça, como se usa nas campanhas, & com este costume se esquecem, & vem a perder o tal feito.

## CAPITULO 16.

## Da Fava.

**H**E a fava huma inchaçam de carne dura; quasi como huma avelã, ou fava propriamente, que crece no padar da boca, pegada aos dous dentes do meyo, mui ordinaria na mayor parte dos cavallos, especialmente em quanto novossa qual se manifesta logo aos olhos, & ao tacto.

Esta se tira com hum ferro, que todos os Alveitares tem para isso, aqueitando-o primeiro no fogo, com que vã melhor; & com advertencia que não carregue, nem toque sobre as raizes dos dentes: & para se fazer bem, se ha de abrir a boca com a grade que costumaõ, desviando a lingua para que a não escaldem.

Qualquer moço de farrador sabe tirar estas favas, & por isso não são necessarias mais declaraçoens.

## CAPITULO 17.

## Da Boca cheya.

**M**Uytas vezes com a crecença de sangue incham todos os tolanos do padar da boca do cavallo, mais ordinariamente sendo novos, & incham algumas vezes de forte, que passam abaixo dos dentes, impedindo o comer ao cavallo. A isto chamaõ ter o cavallo a boca cheya.

Remedeia se logo este achaque, picando esta inchaçoõ com hum

hum crayo , ou lanceta nos mesmos tolanos , fazendo o pique nos primeiros tolanos, no meyo delles , & naõ nas dobras , espremeudo todo o padir para os despejar. Depois que tiverem lançado bastante sangue , se co'tuma estancar por si mesmo , & quando o naõ faça , se dè de beber ao cavallo agoa bem feia , com que parará , ou com farelos molhados , ou levantandolhe a boca para cima com huma corda , como se faz para lançar beberagens.

## CAPITULO 18.

[ *Dos Çapinhos, ou Barbeloës.* ]

**D**Ebaixo da lingua dos cavallos no canal da boca , nascem humas pequenas crecenças de carne , que chamaõ çapinhos : estas tirando a lingua para huma parte se vem , & manifestam logo , costumam impedir muito o beber ao cavallo.

O remedio naõ he mais que cortalos com huma thesoura , & sem outra cousa mais sãraõ logo por si mesmo.

## CAPITULO 19.

*Dos Sobredentes.*

**M**Uytas vezes succede , que hum cavallo de muita estimaõ se perde , emmagtecendo , & pondole em miseravel estado , por naõ poder comer ; & procede isto algumas vezes de ter sobredentes, ou dentes de lobo , como os Francezes lhe chamaõ , que sãõ alguns dentes , que nascem cavalgados sobre os mastigadouros queixaes , humas vezes pela parte de dentro molestando , & picando grandemente a lingua , quando o cavallo mastiga , & outras pela parte de fóra , estimulando os beiços , & gengivas.

Creecem estes dentes de sorte , que por naõ terem sobre as pontas outros , que os gasteem , q̄ chegaõ os de fóra a furar os beiços ; &

os de dentro a carne das queixadas, & com ser esta incommodidade, se remedeia ( sendo advertida ) com muita facilidade.

Abri-se-ha mui bem a boca ao cavallo com a grade, & passo de ferro, no qual embrulharaõ hum pano, ou estofa, que não molle a dureza do ferro as gengivas, & desviando a lingua para huma parte, se cortará o tal dente, ou a demasia delle com hum escorço, ou goiva, mui bem amollada, & sutil, & se o dente não tiver mais que alguma ponta sómente, que offenda, bastará gasta-se esta com huma lima bem picada.

Este defeito se acha mais ordinariamente nos cavallos velhos, do que nos novos, com que he necessario se attente muito a isso,

## CAPITULO 20.

*Da boca ferida.*

**Q**Uando o freyo por aspero, ou por a mão do cavalleiro ser desabrida, carrega muito sobre os assentos, se costumaõ lastimar, & fazer chagas naquelle lugar, que se ve de grande molestia aos cavallos

Naõ tendo estas passado a mais, se esfregarãõ to dos os dias sete, ou oito vezes com mel rozado, & em poucos fararãõ não as aggravando com o freyo atè encourarem.

Porém se o osso estiver offendido, levantada alguma lasca, ou ouver podridaõ, & ulcera, será necessario deitar na parte cinco, ou seis onças de Vitriolo, tendo primeiro a boca mui bem aberta ao cavallo com a grade, & desviada a lingua, deixando-o estar assim meyo quarto de hora, para dar lugar a que o oleo penetre, & faça seu effeito, sem que a baba o impida, depois ao dia seguinte, & aos mais; esfregarãõ a parte com mel rozado, que logo aquella podridaõ, & ossos movidos, & estranhos por si mesmo cahirãõ, & como não ouver corrupçam, se irá lavando a parte com agoa ardente ouro, ou dez vezes cada dia atè de todo

fer fam : & se dará folga ao cavallo para que a cuticula da parte se fortifique , pondolhe depois freyos de assentos brandos , grossos , & lizos.

## CAPITULO 21.

*Da lingua ferida.*

**S**E o golpe na lingua for pequeno ; não he necessario fazer-lhe coufa alguma , porque logo fara por sy mesmo. Se for grande , que quasi parta a lingua , se lhe darã huns pontos com retrós , & terã o cavallo sem comer alguns dias , dandolhe sò beberagens substanciaes de farinhas trigas , de cevada , & de centeyo.

As feridas da lingua sam mui faceis de sarar , *assim o he tamẽ* bem , quando por ser a lingua comprida , & incommoda ao enfreamento se corta : o que se faz ( porẽm com cautela ) dando primeiro huma sangria ao cavallo nos peitos , avendoo adientado huns dias , logo , se lhe corte aquella parte da lingua superflua com hũa tisoura bem afida , & se cauterizarã toda aquella parte com hum ferro vermelho no fogo ; & estarã o callo sem comer algũs dias , dandolhe sòmente beberagens , & dado que a lingua lhe inche lhe daraõ mais sangrias , lavandolhe a boca com hum lavatorio de vinho , rozas , tanchagem , cevada com casca , & açucar. Da mesma forte se rasgaõ , & curaõ os beiços quando a boca por pequena impede o enfreamento.

Tambem ha huma enfermidade na lingua , que chamaõ ( *peanha* ) porque os cavallos , que padecem a tem tambem nos pès , & mãõs ; faz humas chaguinhas cubertas de graõsinhos , como milheras de peixe. Estas se raspaõ com huma navalha , sangrase o cavallo debaixo da lingua , & se lavaõ a meudo as chagas com hum lavatorio de agoa de tanchagem , sal , pedrahume , ouregaõs , mel rosado , vinho tinto ; continuando atẽ *sararem*.



## CAPITULO 22.

*Do fastio dos cavallos, & dos remedios para os fazer comer.*

**S**ão tantas, & tão diversas as causas, porque os cavallos perdem a vontade de comer em todo, ou em parte, que seria necessario nomearmos aqui todas as enfermidades, para dizermos todas as causas, & assim direi sómente aquellas, que sem ser por doença interior, ou manifesta os enfastia, ensinando os meyoys para os fazer comer.

Quando o cavallo enfastiado esfregar muito os beiços, & queixadas pela manjadoura, he necessario verlhe os beiços pela parte de dentro, porque costumão criar huns bichinhos, com que logo se manifesta huma quantidade de bexigas pequenas, & esta incommodidade lhe tira totalmente a vontade de comer, pondose magros, & debilitados.

O remedio he, cortar com huma navalha todas aquellas bexigas, sem deixar alguma, porque basta a minima que fique para tornar a nacer mais em breve tempo, & depois de cortadas esfregar aquella parte com sal, & vinagre, & logo se verá como o cavallo come brevemente, & perde o fastio.

Tambem se advirtirá, se o cavallo tem os tolanos do padar muito inchados, a que chamão ( boca chea, ) de que já fizemos menção em o Capitulo 17. Dar-se-ha nelles huma sangria, & não se alcançando a causa certa de fastio; sempre he seguro este remedio das sangrias, as quaes qualquer moço de mulas, ou almocreve as pôde dar cõ a ponta de hum prêgo. Em Alemanha as fazem estes com hum corno de veado aguçado, que trazem à cinta pendurado, como arma de ferir, & a esta sangria chamaõ dar hum golpe de corno.

Se o cavallo não perder o fastio, será necessario polo no manguadouro duas horas de manhã, & duas de tarde a desfleumar, lavarlhe mui bem a boca, & os limos que tiver nella com vinagre, sal, & ouregãos.

Se for tempo de rabaõs , se lhe darám a comer com as mesmas folhas ; que estes lhe abrem muito a vontade de comer.

Se tiver muito calor , & arquejar a meudo com as ilhargas, he bom darlhe em meya canada de agoa de almeiroes, meya onça de triaga bem desfeita ; & em falta della orvietaõ, que isto lhe consumi á as cruezas do estomago , que lhe tiraõ a vontade de comer , & he sempre bom remedio , & seguro.

Tambem he bom para tirar o fastio ao cavallo , fazerlhe mastigar a erva que chamaõ (Sabina ,) porque as folhas , & ramos delle fazem apetercer o comer ; & tambem pizadas as folhas , & misturadas com cevada , & farelo , saõ uteis para lhe tirar o fastio , & apetercer o mantimento.

Tambem he bom remedio para abrir a vontade de comer ao cavallo , meter em huma panela , de agraço , ou de vinagre, hum quartilho , tres dentes de alho meyo pizados , meyo punho de sal ; mexido tudo , & lavarlhe a boca a meudo com hum pano , embrulhado na ponta de hum pao ; lavandofelhe primeiro a boca com agoa fresca , & tendoo hum pouco no mastigadouro ; que isto lhe abrirá a vontade de comer , tirandolhe todo o fastio.

Se o cavallo ( depois destas diligencias ) ainda naõ comer, se lhe meterá na boca a mastigar hum pao de loureiro , ou figueira , untado de mel rozado , repetindoo assim muitas vezes.

Como o cavallo sem comer morre , ou comendo mal se vay consumindo ; he necessario buscar todos os remedios para lhe fazer perder o fastio , & assim será conveniente fazer o seguinte remedio , que he muito efficaç.

*Para o fastio.*

Tomarám dous arrates de miolo de paõ branco relado , & molhado em agraço , & em falta deste , em vinagre ; deitarfelheão quatro colheres de meza, cheas de sal , & outras quatro de mel violado , & em falta bastará o commum ; amassado , & envolto tudo isto , se meterá em huma panela , & se fará ferver a fogo lento hum quarto de hora ; depois se lhe lançará de canela meya onça ; cravos pisados doze, hũa nõs noscada , meyo arratel de cevada ; tudo muy bem pisado , & misturado , se tornará a fogo lento , para se incorporar,

& o fogo seja pouco para que a virtude das drogas aromáticas se não exhale.

Para se usar este remedio, he o melhor modo, tomar hum nervo de boy seco, & pôr de molho a ponta mais grossa huma noute, ou fazella mastigar ao cavallo primeiro, que logo abrandará, & pizala com hum martelo; & untandoa assim, muito bem enlopada na massa; se meterà na boca do cavallo bem acima, deixaando mastigar hum pouco, & logo tornando a untar o nervo; continuar o mesmo tres, ou quatro vezes, & depois lançarlhe de comer; fazendo esta diligencia de tres em tres horas, alimpando o nervo mui bem das fleumas, & viscosidades todas as vezes que o tirarem, antes de o tornarem a untar, & se pôde chegar com elle mui bem à garganta estando brando, porque alimpa, & desempede; & os cavallos, que tem comido alguma pena se facilitam com esta mesinha applicada no mesmo nervo; adeirala logo. Este remedio se tem visto absolutamente fazer grandes effeitos.

### CAPITULO 23.

*Dos cavallos, que deixão de comer por doenças graves, & que sustentão se lhes deve dar.*

**S**E os cavallos por doenças, que padecem perdem a vontade de comer totalmente, he necessario para os não deixar morrer fazelos engolir à força algum sustento, pois lhes falta o discurso, & a razão que tem os homens, que os obriga a comer nos achaques, sem terem vontade. Para o que não ha outro remedio mais, que o commum, & ordinario de se lhe deitarem beberagens por hum corno, tendolhe a cabeça, & boca levantada.

Nestas beberagens se praticaõ usualmente grandissimos erros; porque os cavallos, que estão com febre, debilitaçãõ, & falta de forças, lhe costumão dar caldos de frangos, & galinhas, leitões, & outras potagens de viandas substanciaes, parecendolhes, que o mesmo sustento, que he bom para os homens, he conveniente

para os cavallos, não entendendo, que aos animaes se lhes deve dar o sustento, conforme sua natureza; como se vê, que a carne he boa para o cão, & a não come o cavallo, & da mesma forte, a palha; q̄ dá mantimento ao cavallo, não serve ao cão, & assim na mais diversidade de mantimentos. Não advertindo, os que erradamente usam estas potagens, que os comeres grossos, gordos, & de grayxa, que para os homens são uteis, & substanciaes, são para as naturezas dos cavallos indigestos, & improprios, convertendose em veneno, & causandolhe mayores danos, como tambem hum summo fastio, para não poderem comer os mantimentos naturaes, pois como todos sabem he impedimento total para os cavallos não comerem, o untaremhe a boca, & dentes com sebo, ou grayxa estando saõs, quanto mais doentes.

Pe'lo que direi os sustentos semente que se podem dar com seg'uraça aos cavallos doentes em geral, porque pouco differem para hums, ou outros achaques; entendendo-se daquelles cavallos, que não comem nada mais, que aquillo, que se lhe lançar com o corno.

*Beberagens para os cavallos doentes,*

A farinha de cevada branca peneirada, ( porque com a casca não convem ) he a melhor de todas as beberagens, dada em agoa mais quente, que morna, mui bem desfeita, & unida nella, dá bom sustento; & facil de digerir, brando, & conveniente em todos os achaques dos cavallos, muito familiar nas febres, & alteraçõs de sangue.

Logo a farinha de trigo, dada na mesma fórma, & esta pôde levar tambem o farelo; que do trigo he mais conveniente.

Tambem a farinha de centeyo, ou milho grande, se pôde dar ( não avendo febre ) na falta das outras: & nestas beberagens se podem unir as medicinas, que forem conformes, & convenientes à enfermidade, que padecer o cavallo.

## CAPITULO 24.

*Do fluxo de sangue pela boca.*

**P**Or muitas causas costuma succeder fluxo de sangue ao cavallo pela boca, ou ventras, & algumas vezes por ambas as partes juntamente.

Succede este accidente por quedas, pancadas de cabeça, grande trabalho em tempo de calmas, fervor de sangue, ou tosse grande, & outras muitas causas.

O melhor remedio nestas occasioens, he o mais prompto, pelo risco que ha na dilacão delle.

Costumaõ muitas vezes bastar para estancar o fluxo de sangue, meter o cavallo logo com todo o corpo no tio, ou preza de agoa, deitandolha tambem pela cabeça, avendolhe primeiro embebido pelas ventas tanchagem, myrrha, incenso, & ortigas, tudo pizado.

Em caso que logo não estanque, sangrar-se ha na vea das bragadas na perna direita, abrindo pouco a vea, para q̄ a sangria corra mais dilatada, & não bastando ainda, se lhe levantará a cabeça, dandolhe pelo corno a bebida seguinte.

*Beberagem para estancar o fluxo de sangue.*

Tomarã agoa estillada de golfaõs quatro onças, de pós de bolo Armenio quatro outavas, de myrrah, & incenso, cada huma duas outavas, agoa de tanchagem estillada cinco onças, de vinagre quatro onças, seis claras de ovos mui bem batidas, & misturado tudo em frio se dará a beber, repetindo algumas vezes.

E sendo pelas ventas, se siringarã com agoa de tanchagem de erva moura, & de ortigas, claras de ovos batidas, & pós de bolo Armenio.

Advirtase, que se a fluxaõ proceder de tosse forte, se dará a bebida que distemos quente, & para as demais causas fria.

Se estiver o cavallo repleto, se lhe dará hũa ajuda de malvas, alface, tanchagem, chicorias, & horragens, cozidas em sete quartilhos

tilhos de vinho tinto, com meyo arratel de mel rozado, & huma quarta de manteiga crua.

Tambem costumaõ estancar os fluxos de sangue com fortes esfregações de pernas, & braços, atando depois de as fazer no alto dellas humas correas, ou cordas mui apertadas.

## CAPITULO 25.

*Das chagas, & callos, que se fazem na barbada do cavallo.*

**C**ostumaõ muitos cavallos terem chagas no lugar da barbada, que he aonde assenta a barbella; por causa de serem duros os assentos da boca, & carregar toda a força sobre aquelle lugar. Outras vizes por ter a barbella mui delgada, ou de quinas vivas, que ferem, & penetraõ o ceuro. Tambem as maõs asperas, & desabridas de alguns cavalleiros, sam occasiaõ de fazerem chagas em todo o cavallo.

Estas se curaõ lavando-as primeiro com agoa ardente; depois applicando sobre ella hum defestivo de mel rozado, termentina, pedra hume, queimada em pò, com todo o ovo, & dando folga ao cavallo sarará logo.

Tambem se costumaõ criar neste lugar alguns callos taõ duros, que impedem o bom enfreamento dos cavallos, naõ recebendo sentimento algum naquelle lugar.

Eltes se remedeam, abrindo o couro cõ huma navalha, & cortando toda a dureza callosa, & cauterizar com fogo actual a parte, & depois curando a chaga com seu defestivo ordinario.



## CAPITULO 26.

*Das chagas, ou ulceras de dentro das ventas.*

**Q**Uando os cavallos fazem alguma larga purgação pelas ventas de humores acres, callidos & mordazes; costumão fazer chagas por dentro, por todo aquelle lugar por donde correm.

O principal remedio, he acudir a curar a causa da fluxão, que será pelo modo, que adiante diremos em seu lugar, porque parada ella, logo fica facil o remedio. Haõ de lavar-se as ventas com hum siringatorio de mel rozado, leite de mulher, azeite sem sal, & agoa rozada, muitas vezes sem nada, parando a fluxão, farão por sy estas chagas.

## CAPITULO 27.

*Da fluxão dos olhos.*

**C**ostumão os cavallos ter muitas, & varias enfermidades nos olhos por differentes causas, que pelos accidentes se deixão conhecer.

Quando a fluxão do olho o inflama, inchando, deitando lagrimas callidas, & acrimoniosas, escaldando algumas vezes a parte por donde correm, & tendo o cavallo o olho fechado, ou pouco aberto, he necessario sangralo logo nos peitos; & applicaalhe ao redor do olho, affastado delle o defensivo seguinte

*Defensivo para o olho inflamado.*

Tomarãm bolo Armenio em pó, vinagre, & claras de ovos batidas, disto o que baste, se applicará ao redor do olho, mudandose duas vezes no dia, & dentro no olho se deitarãm duas vezes cada dia tres, ou quatro gotas da agoa seguinte.

*Agoa para o olho inflamado.*

Tomarãõ hũ oyo cozido, & tirada a casca, se abritã pelo meyo,

&

& tirada a gema se encherá o lugar della de caparroza branca ; & se tornará a unir o ovo, atando-o muito bem com hum fio, & assim se porá de molho em meyo quartilho de agoa rozada, que o cubra por espaço de seis horas, que passadas se deitará o ovo fóra, & se usará desta agoa rozada, de que tenho experimentado grandes effeitos na fórma, que digo.

A virtude desta agoa, he tirar o fogo, empedir a fluxaõ, & desfazer a nevoa ; porèm advirtate, que perde a virtude passando de outro dias, & se corrompe, & faz azeda.

Tambem he bom pôr sobre a inflamação do olho ; panos molhados em agoa rozada, leite de mulher, claras de ovos, & açucar candil.

*Outro remedio para aplicar sobre a inflamação do olho.*

Tomará n o miolo de huma maçã camoeza, assada primeiro, & applicada quasi frio sobre o olho, mitiga muito a dor, & aplaca a fluxaõ.

*Outro remedio.*

Tomará m unto de lebre, & derretido no fogo se coará por hum pano, & o pingo, que cair, se lavará muito bem em agoa de ranchagem, & feita d'elle huma bolafinha, se ha de pôr na cova, que está acima da sobrancelha, & sobre ella se porá huma pastafinha de chumbo larga, mas mui branda, & delgada como hum vinthem, atando por cima hum pano, que a comprima, para que se vá derretendo a bola, & possa penetrar.

Advirtase, que para todas as applicações de remedio nestas partes, he necessario, que se fure hum pano por donde sayão as orelhas do cavallo, & que venha por cima dos olhos a atar por baixo das queixadas, porque de outra sorte não poderão nunca estar firmes, nem em seu lugar as mesinhas.

Tambem se deve reparar, que ha fluxaõ de olhos tam leve, que não necessita destas applicações de remedios ; que fõmente com os lavarem com agoa fresca seis, ou sete vezes no dia, & cõ duas sangrias faraõ logo.



## CAPITULO 28.

*Da pancada, ou golpe sobre o olho.*

**Q**Uando hum cavallo recebe alguma pancada grande sobre o olho, ou com vara dentro delle, ou golpe, he necessario primeiro de tudo picarlhe a orelha da mesma parte na ponta, & fazelhe lançar algum sangue, espremendoa, & puxandoa, como tambem espremer a fetida, que o cavallo tiver, & logo o sangrarãem nos peitos, repetindo as sangrias confôrme os accidentes.

Sobre o olho applicarãem miolo de paõ branco tostado no fogo, & enfopado em vinho, sendo para o golpe, ou pancada; & para os mais accidentes, se pôde usar dos remedios, que dissemos atrás.

Tambem he remedio mui excellente para toda a doença, ou seja de golpe, pancada, ou humores, o uso de huma mesinha, que chamaõ ( *Lapis admirabilis* ) a qual se faz da maneira seguinte.

*Lapis admirabilis para os olhos.*

Tomarãem caparroza branca dous arrates, pedra hume tres arrates, bolo Armenio meyo arratel, litargitio de ouro duas onças, tudo em pô se porã em hũa panela nova, & melhor vidrada cõ seis quartilhos de agoa, & ferverã em fogo de brazas lento, & sem fumo, mexendose algũas vezes atẽ se gastar a agoa, & ficarã no fundo huma massa endurecida, que he a que chamaõ ( *Lapis admirabilis* )

Destã se toma meya onça, & se deita em tres de agoa da fonte, na qual se desfaz em breve tempo, fazendo toda a agoa branca como leyte mexendose. Destã se molharã o olho do cavallo, deitandolha dentro, & por fóra, porque desinflama, apaga o fogo, & impede as fluxoens.

Tambem he conveniente esta agoa para as chagas, & ulceras, porque as defeca, alimpa, & sara em breve tempo, como para as fluxoens todas dos olhos, & ainda dos lunaticos he excellente.

Depois

Depois que o cavallo tiver o olho desinflamado ; & se tiver tirado o calor estranho todo com a virtude das meslinhas , & ficar o olho com alguma nevoa , se meterà dentro nelle sal de chumbo , a que chamão ( Sal de Saturno , ) que para as nevoas he de grande virtude , pouco mordicante , & com a sua frialdade ajuda ainda a placar o calor que ouver.

Advirtase que todos os pôs que mando applicar nos olhos ; se haõ de por nesta forma.

*Modo de applicar os pôs dentro do olho do cavallo.*

Levantaram a pestana do olho com huma mão , ou a farã levantar por outra pessoa , tomarã n os pôs na ponta do dedo polegar , & assi n os pegarã no olho , deixando cair a pestana sobre elles , porque o uso ordinario dos Alveitares de os assoprarem por hum canudo , fazem desesperar hum cavallo , & tanto , que he segunda vez já se não aquietão , nem os querem consentir.

*Pôs para gastar as nevoas dos olhos.*

Tomarã chrítal mineral , q̄ por outro nome se chama ( Sal prunele , ) & se farã em pô sutil , & applicado ao olho repetidas vezes , gasta a nevoa sem alterar , porque refresca.

A farinha triga bem peneirada , & sutil , tambem continuada gasta a nevoa , sem alteraçã.

## CAPITULO 29.

### *Dos cavallos lunaticos.*

**O**S cavallos Lunaticos são aquelles ; que padecem em certas conjunções de Lua , huma fluxã nos olhos , humas vezes em ambos , outras em hum só , & sobre a fluxã lhes fica o olho cuberto de nevoa , & algumas sem fluxã manifesta , lhe vem logo a nevoa.

He mais ordinario este achaque nos mingoantes da Lua , & algumas vezes no principio della. Alguns cavallos lhes toca de tres , em tres mezes , outros de seis em seis , & alguns mais a meudo , & sem guardar regra.

He mais ordinario este achaque , quando os cavallos comem palha , do que estando de verde ; porque purgando melhor com elle evacuaõ , & desistem aquelle humor.

Este mal he herederario , & muyto prejudicial , porque continuando a repetir muitas vezes , vem a cegar os cavallos infallivelmente , se lhe naõ acodem com promptidaõ , & cuidado.

Os sinais para se conhecer esta fluxaõ de Lua , se manifestaõ , estando como accidente ; porèm passado elle ficaõ muitas vezes tam claros , & bellos , que he muito difficultoso o conheceremse os olhos , o que tem da Lua ; & sómente os Alveitares que forem bem expertos , saberaõ colher alguns indicios , como saõ o branco dos olhos , ser mais amarellado o lagrimal vermelho , & logo mais escarnado do ufo das fluxoës , & todo o chrystal do olho meynos resplandecente , & mui achumbado.

Nunca o cavallo Lunaticõ deve ser sangrado , ainda que tenha quaesquer achaques de outra qualidade , porque o irãm cegando com muita brevidade , salvo em necessidade urgente de doença perigosa , como febre , ou outra semelhante , em que corra risco de vida ; se naõ lhe acodirem com a sangria , & entaõ se sangra nas ve-  
rilhas , ou bragadas.

Naõ se deve dar a comer ao cavallo graõ ; em quanto dura o accidente , antes se lhe darà farelo de trigo , molhado , em lugar da reçam. No verãm he bom que durma fóra da estrebaria ; porèm no inverno os frios , & ventos nortes , lhe sam prejudiciacs.

O melhor remedio para esta enfermidade , he , deitar ao cavallo no olho , assim no tempo da fluxaõ , como quando se teme , ou espera , o oleo de Saturno , porque tem particular simpatia com a Lua , & accidente dos olhos. E ainda quando estaõ claros , & bons , he remedio para os preservar da Lua , & deitar dentro deilles duas , ou tres gotas do oleo , de outo em outo dias ; & quando falte o oleo se usará na mesma fórma do Lapis admirabilis , que já dissemos , desfazendo tres onças delle em meyo quartilho de agoa rozada , & outro tanto de agoa de cerude.

Se a nevoa for grande, & a fluxão não obedecer com risco de poder cegar o cavallo, se lhe abrirã o couro sutilmente á ilharga dos olhos de huma, & outra parte, abaixo das orelhas, no plaino das queixadas, & se meterã debaixo da pele huns pedacinhos de raiz de Genciana, untados de basalicaõ, alimpando-os, & tornando-os a untar duas vezes cada dia.

Hum Author Inglez moderno, & douto aconselha, que ponhaõ sobre o olho nevoado, por espaço de vinte, & quatro horas, hum çapo, micrado primeiro no lume, que logo lhe tirará a nevoa. Eu o não experimentei nunca, porque com as mefisthas, que tenho referidas, remediei sempre os meus cavallos, & dos amigos ajudandome tambem algumas vezes de huma obra de mãos, que sem se ver executar, se não põde explicar.

## CAPITULO 30.

### *Do tumor que nasce entre as queixadas.*

**N** Ace hum tumor aos cavallos, entre as queixadas, pela parte debaixo, a huns mayor, & a outros menor, a que vulgarmente os Alveitares chamã mormo; como tambem o chamã a outras muitas enfermidades, com menos razão, que a esta; mas não vão de todo errados, porque como esta palavra (mormo) he derivada de (*morbis*) que significa doença, vem sempre a dizerem bem em lhe chamarem mormo.

A este humor, que a natureza costuma descarregar nesta parte, chamã os Francezes gourme, & nós mormo hereditario, porque tem mostrado a experiencia que poucos, ou nenhuns cavallos deixão de padecer este achaque; ou seja logo em potros; ou depois de mayor idade. Este humor parece comparado propriamente às bexigas, que às peffoas vem, ou em menor, ou em mayor idade. Entendem os melhores Authores; que a origem deste tumor, trazem já os potros do ventre da mãy; como tambem os Authores da Medicina dizem das bexigas.

Mas deve advertirse, que nem sempre a natureza descarrega este humor naquelle lugar de entre as queixadas, suposto que alli seja mais ordinario; porque algumas vezes o descarrega em outros emuntorios, ou parte, que achou mais disposta para receber, & muito ordinariamente o costuma expulsar em materias pelas ventas. O Tumor, de que aqui tratamos, se ha de curar na fórma seguinte.

*Como se cura o Tumor entre as queixadas.*

Raparãm o pello muito bem na parte, & se lhe applicarãm humas fomentaçõs de azeite de lubarga, grayxa de unto sem sal, oleo de amendoas doces, & de basilicaõ, tanta quantidade, como das outras cousas, tudo unido a fogo brando; untar-se-ha a parte esfregandoa muito bem, pondolhe em cima huma pelle de hum cordeiro, ou carneiro ludrosa, com a lãa para o tumor. Com isto virá logo a suppurarse, & tanto que mostrar taõto de materia, se abrirá com hum cauteiro de fogo, dado debaixo para cima, & se não deixará sair toda a materia de huma vez; metendolhe huma mecha molhada em oleo de aparcio, gema de ovo, & mel rozado; & passado tres dias se meterá untada em basilicaõ, usando as mechas muitos dias, sem deixar tapar o buraco; valendose tambem das mechas de esponja (se necessario for) para que haja lugar de se descarregar mui bem a natureza de todo aquelle humor maligno.

Se a ferida criar beiços, & se tapar muito com carne flacida, se untarãm as mechas com unguento Egypciaco, & se ainda assim não baltar, se lhe tornará a dar fogo; advertindose, que se não fangre o cavallo, nem divirta o humor a outra parte.

Da mesma sorte, se deve curar este apostema em qualquer outra parte, aonde apontar, cõ o mesmo cuidado na boa evacuaçãõ delle.

Quando a natureza descarrega o humor pelos natizes, & ventas; no Capitulo 32. da fluxaõ do mormo pelas ventas; se acharãõ como se deve ajudar, & facilitar a descarga delle.

## CAPITULO 31.

*Das Landoas, que nace[m] entre as queixadas.*

**S**Uposto que algumas Landoas, se achão entre as queixadas, que não são de consequencia por serem pequenas, moventes, & facéis de resolver; ha outras grandes, & fixas, que mostraõ indicios de mormo.

Sendo fixas as Landoas, convem naquelle lugar fazer-las vir a suputaçãõ, com os emollientes maturativos, & fomentações, que forem necessarias; de que já fallamos no capitulo atrás, pelas não repetirmos duas vezes.

*Como se tirão as Landoas moventes.*

As Landoas, que não estão muito unidas, & pegadas á garganta para se tirarem, se ha de abrir o couro, & cortalas com hũa faca de fogo actual, desviando primeiro com os dedos, & não com instrumento de ferro os nervos, & ligamentos, que não recebem prejuizo; pegando na Landoa, & puxando por ella, atarlhe atrás nas raizes aonde ella estiver pegada huma linha forte muy bem apertada, & segura, com que o golpe de ferro seja entre a Landoa, & a linha, sem a tocar o fogo, porque a não queime, ou desate. Logo se meterà no vasio donde se tira, humas pranchetas de fios untadas em Egypciaco, continuando todos os dias duas vezes, diminuindo a quantidade, atè que de todo faze a chaga.

## CAPITULO 23.

*De toda a especie do mormo.*

**H**A muytas especies de mormo, que padecem os cavallos; humas com menor força, que outras. Este achaque he procedido de intemperanças varias, como de passarem de hum grande, calor ao frio; ou de algum trabalho demasiado, com que se esquentarão, & de stempéraõ as partes interiores; ou vindo o cavallo suado, & es-

quentado o deixaraõ esfriar de repente , ou tambem por se derreterem os humores com algum calor estranho , ou por mau cozi-mento de ruins viandas, de que vem a proceder o mormo, & tambem a descarga d'elle, que sahe pelos narizes, & se conhece, & manifesta pela destillação, que faz de agoadilhas acres , ou materias pelas ventas, espirrando muitas vezes , outras tossindo, estando triste, & a cabeça carregada.

Por muitos sinais deve conhecer o Alveitar esperto os quilates, ou graos da malignidade do mormo, como são deitar em huma tigela de agoa o humor, que sahe pelas ventas, o qual se se vai ao fundo, he sinal de podridão, & malignidade, porèm nadando em cima, não he de prejuizo grande, em razão de que aquelle humor, que se vai ao fundo, he materia, & se fica em cima, he sómente fleuma.

Logo tambem pelo bafo do cavallo, & respiração dos narizes, se conhece pelo cheiro bom, mau, ou peyor, & se entende logo se a fluxaõ procede de ulcera, & assim outros sinais, que com a experiencia se conhecem.

*Como se cura a fluxaõ do mormo pelos narizes.*

Em todo o genero de mormo, que intenta a purgação pelas ventas, se haverão desta maneira. Não será sangrado o cavallo, se não em tres casos. O primeiro se com a tosse se lhe difficultat a respiração, q̄ se conhecerá pela ancia, & palpitação grande, & apresada das ilhargas. A segunda se o humor, ou mormo lhe fizer inflamação, ou impedimento na garganta, olhos, ou parte principal, que logo se manifesta. A terceira se tiver febre, & estiver repleto, com presença de sangue, que se conhecerá, applicando a mão debaixo da pá esquerda da parte das cilhas, aonde se acha a palpitação, & conhece o calor estranho, os lagrimaes vermelhos, a lingua, & boca esquentada, a cabeça baixa, & triste, porque intentando a natureza a purgação pelas ventas, que he mui facil nos cavallos, & pôde ser copiosa, se não deve divertir para outro caminho, pelo grande risco, que tem de suffocar, & matar o cavallo, & sómente convem ajudar a purgação das ventas, que será da maneira seguinte.

*Como se ha de fazer purgar o mormo pelas ventas.*

Tomarãem duas penas de pato, das do meyo da aza, & se molharão as ramas dellas em manteiga derretida, & depois de se deixarem esfriar, se polvorizarão mui bem de pimenta, & tabaco partes iguaes, & assim as meterão pelas ventas acimo do cavallo, atandoas em baixo nos canos com humas linhas seguras, que vão pegar por de trãs das orelhas. Com isto passearãem o cavallo de trote pela redea, & logo verãem hir expellindo grande quantidade de humor, espirrando muito, & quando for tanto, que se pegue, & entupa os narizes, se ciringarãem com duas partes de agoa ardente, & huma de azeite commum, batidos hum com outro, sem ir ao fogo, por se não exhalar a virtude da agoa ardente.

Tambem se pôde deitar em cada humas das orelhas, huma bolazinha, como graõs de bico, feitas de manteiga crua, & oleo de amendoas doces.

Se o mormo do cavallo for mui forte, & não destillar se não mui pouco, se fará o remedio seguinte.

*Outro remedio para fazer lançar o mormo pelas ventas.*

Tomarãem tanta manteiga fresca como hum ovo, esta se potrà derreter, deitandolhe ao depois de fervida meyo copo de vinagre, & dez graõs de pimenta pizada, tudo mui bem mexido, se deitarã mais quente, que morno ( com que não escale dentro as ventas do cavallo ) ametade em cada humas dellas, lançada pelo corno, tendolhe para isso a cabeça levantada, & logo que se lhe lançar, se passeará o cavallo pela redea de trote.

Isto se faz huma vez sómente cada dia, ou hum dia, & outro não, fazendo se sómente tres vezes, porque basta, para que o cavallo não só deite todo o mormo, mas ainda os mais humores ruins os puxe todos, & vá purgando pel s ventas muitos dias.

Este remedio seguinte suposto que he muito experimentado, não deixa de ser algum tanto violento, pelo que se não deve continuar muito com elle aos cavallos muito fracos; & debilitados, especial mente em tempo de muitos frios, ou gsandes calmas, nem tambem a cavallos, que estejam muito enfermos, & te-



tenhaõ perdido de toda a vontade de comer.

*Para fazer lançar o mormo com abundancia pelas ventas.*

Tomarã hum onça de tabaco de corda , cortado meudo , & lançado de molho em hum quartilho de agoa ardente, por espaço de seis horas , ao depois se coarã por hum pano , sem se espremer.

Esta agoa ardente assim coada , se darã pelas ventas ao cavallo amormado , ametade por cada huma , mandandoo logo passear pela redea de trote meya hora , havendo estado princiro duas horas enfreado sem comer.

Se o cavallo for fraco, ou estiver dibilitado, se fará esta mesma infusão em leite fresco , & não em agoa ardente, usando-se da mesma forte, & não he necessario, que seja todos os dias , mas basta de dous em dous , ou de quatro em quatro, confôrme a quantidade do humor , & a disposiçã do cavallo , que isto o fará lançar em abundancia.

*Fumaça para o cavallo de mormo.*

Quando o mormo esteja encruado , he necessario para o fazer detreter , dar a toda a cabeça do cavallo humas fumaças, que serãõ nesta fôrma.

Tomarãõ betonica escubiosa, ortelãa, agrimonia, salva, louro, alecrim, mentrastos, funcho, cortadas estas ervas meudas , & polvorizadas com intenso, & borrifadas com agoa ardente fina, se deitarãõ em humas brazas, & metendose por todã a cabeça do cavallo hum faco aberto por ambas as pontas ; se darã fumaça por dentro d'elle, para que bem penetre todo o interior da cabeça , com q̃ o cavallo purgarã bastantemente pelas ventas , & nesta fumaça estarã hum quarto de hora , repetindose-lhe algũs dias.

Humas videiras , tem grande virtude o fumo dellas para fazer lançar o mormo, & muito melhor quando sejaõ verdes.

*Mastigatorio para os cavallos muito enfermos de mormo.*

Tomarãõ manteiga , tanta como hum ovo, huma onça de canella pizada, duas de açucar , meya nõs noscada pizada , meyo copo de agoa ardente, tudo unido em fogo brando, & atado em hum pano, tanto, como duãs nozes, se pegarã no mastigadouro , & se-

rà o cavallo huma hora pela manhã , & outra à tarde nelle, que fará grande effeito.

Deve aver cuidado em se alimpar muito, & ameúdo do mastigadouro todo aquelle humor , que o cavallo destilla pelas ventas, & baba , porque alguns o tornaõ a lamber, & lhe he de grande prejuizo, pegandose juntamente aos outros cavallos, se comem daquella palha , erva , em que cae, ou bebendo no mesmo vaso, & ainda do fumo, que lança o esterco.

He necessario , que em quanto o cavallo tem mormo , não beba agoa fria , & sendo este com tosse seca , & forte , não basta que seja quente , mas ha de ferver algum pouco para gastar as cruizas, & dar-se quente com farinha de cevada , ou de trigo , & depois que os cavallos tiverem purgado bem o mormo , he bom metelos a pascer verde , & não se deve dar graõ ao cavallo ; que estiver com mormo antes farelo de trigo borrifado com vinho.

*Para a tosse do mormo.*

Se se entender que o cavallo tem vicio no bose , que se infere da continuação da tosse , se lhe dará huma bebida desta maneira.

Tomarám dous arrates de enxofre , & o derreteiám em húa colher grande de ferro , & lançarám de repente em quatro canadas de agoa fria , & se tornará a tirar , & se ferverá segunda vez tornando-se a lançar na mesma agoa , a qual se dará a beber ao cavallo em tres manhãas , & se não parar de todo a tosse , se tornará a repetir outras tres vezes a mesma bebida , dahi a nove dias.

Esta agoa fara muitas vezes tosses velhas ; & polmociras muito antigas.

Se o cavallo for muito sogeito a esta doença de mormo , será necessario depois que com os remedios estiver bom delle , purgalo, para precauçaõ ; de que lhe não torne a repetir com a purga seguinte.

*Purga para o mormo.*

Tomarám tres arrates de toucinho gordo , remolhado para se lhe tirar o sal, em varias agoas , ao qual se misturará huma onça de pirolis *sine quibus esse nollo* , & huma onça de Hierapiera Galeni,

com

com agarico, huma drama de escamonea, outra de turbit, outra de mechoaçam, duas outavas de pòs cordeas, & em falta desses lhes deitarão de canella, & anis, nõs nõscada, de cada hũa outava; & tudo se unitá mui bem com o toucinho pizado, de que se farão pirolas, como nozes grandes, & se darã ao cavallo com todas as mais cautelas, & circumstancias, que se ensinaõ nos Capítulos 9, & 8. do modo de dar as purgas.

## CAPITULO 33.

*Dos achaques, & enfermidades da cabeça.*

**O**S mais ordinarios, & trabalhosos achaques da cabeça; sãõ os procedidos da colera, que costuma causar aos cavallos huma doença muito semelhante à zircia dos homens, porẽm muito perigosa, nos cavallos, & arriscada aos matar, se nãõ forem soccorridos com promptidãõ.

Os sinais sãõ bastantemente manifestos, porque como o cavallo padece grande quantidade de humores biliosos, lhe affigem todo o corpo, & as partes principaes, tirandolhe a vontade de comer, causando febre, & accidentes.

Conhecesse principalmente, porque os beiços, & gengivas estaõ amarellas, & todo o branco dos olhos; o cavallo triste, & carregado da cabeça. Os Authores Alemães chamaõ a esta doença gelbelubet, que significa doença amarella. E assim como elles a conhecerãõ melhor, que nõs, lhe achãrãõ os melhores remedios, que a experiencia nos tem mostrado com o seu effeito.

*Como se acode a esta doença da cabeça.*

Primeiramente se sangrarã o cavallo duas vezes na vea da tãboa, huma pela manhã, & outra de tarde, logo ao outro dia se fará o seguinte.

Tomarãõ outo quartilhos de agoa da fonte; esta se ferverá, & se deitarã fervendo em hum quarto de cinza bem peneirada em hum balde, ou alguidar sobre ella, ao depois de mexida, & allentada a cinza, se tornarã a agoa ao lume, & fervendo

se tornará a lançar na cinza, fazendo esta diligencia tres vezes, & na ultima, se coará esta agoa, & se lhe juntará hum quartilho de azeite, & huma quarta de pòz de bagas de louro.

Estará o cavallo enfreado da meya noute até pela manhã, & logo he necessario darlhe duas sangrias nas ilhargas, ao mesmo tempo; & quando não faya bastantemente sangue, se podem fazer nas bragadas, tirando de entre ambas; tres arrates de sangue, & dahi a duas horas, lhe darão pelas ventas dous copos da composiçam ( que acima diffemos, ) morna, & bem mexida. Depois se deixará estar o cavallo duas horas enfreado; & passadas, lhe darão a beber agoa fria, & a comer farelo trigo molhado em agoa, & pão, erva, ou o que elle apetecer; por espaço de meya hora; logo o tornarão a enfrear, & lhe lançarão da mesma sorte outros dous copos pelas ventas, da mesma composiçam, deixando-o ficar com o freyo outras duas horas, & da mesma maneira se hirá repetindo, por esta ordem, até de todo acabar de tomar a composiçam inteira.

Este remedio pelos narizes fara o mal da cabeça, ainda que não tire totalmente a causa; porém para temperar o ardor da bila, & fazer cozimento ao humor, he necessario deixar o cavallo só, & às escuras, para que durma, & tome descanso, & se não quizer comer, se recorrerá ao Capitulo 22. dos cavallos enfaliados, aonde se ensinão os meyoys para isso.

Como o cavallo for cobrando melhora, se passeará pela redea, para que fação ventilaçam os espiritos. Se o cavallo mostrar grande carregaçã no cerebro, ou ancia no coração com perigo de morrer, se lhe farà o remedio seguinte.

*Remedio para divertir a grande carregaçã do cerebro.*

Tomaraõ de Eleboro negro, tão grosso, & tanto, como hũa ferreta de ataca, & se abrirá a pele nos peitos do cavallo, & entre ella, & a carne se meterá este pedacito, de sorte que fique dentro; o que fará hũa inchaçam mui brevemente, como hum chapeo, puxando, & divertindo o humor, que não entupa o cerebro, ou suffoque o coração.

Por se ha logo huma carga em toda regiã da cabeça feita na

mancira seguinte.

*Carga para a cabeça.*

Sangrarám o cavallo na vea da taboa , tirandolhe dous arrates de sangue, que estaraõ mexendo com a mão, para que se não coallie; & posto ao fogo com tres quartas de azeite , huma de vinagre, seis claras de ovos, batidas primeiro, se porá sobre o fogo, mexendose, sempre até que se reduza em fórma de unguento; porém as claras se haõ de misturar depois q̄ não estiver fervente; & estando morno, se cobrirá toda a cabeça com esta carga de unguento, deixando só os olhos livres, que isto fará derreter, & evacuar as materias, juntas nos canais, & tapará as partes para impedirem a fluxaõ, que ouver de vir a ella.

Para ajudar a estes remedios, he necessario dar a meudo ajudas purgativas, ao cavallo, para fazer revulsaõ, divertindo, & evacuando os humores pela via dos excrementos, que será com a ajuda seguinte.

*Ajuda para o cavallo doente da cabeça.*

Tomarám malvas parietarias, mercurias, duas mãos cheyas de cada huma; estas se ferveraõ mui bem em outo, quartilhos de agoa; do qual cozimento se coarám cinco quartilhos, & nelles se deitarám, de anis em pó duas onças, & outras duas de benedicta Lixativa, meyo arratel de mel mercurial, hum quartilho de bom vinho, meyo de azeite commum; & se lançará ao cavallo mais quente, que morno, como não escalde, que costuma fazer com effeito com as cautelas, que temos ensinado no Capitulo 5. das ajudas.

Tanto que o cavallo estiver saõ da cabeça, he necessario purgalo logo, para evacuar, & extinguir as causas, porque não tornem a repetir, o que se fará com a purga seguinte.

*Purga para as doenças da cabeça.*

Tomarão polpa de canafistula quatro onças, agarico trociscado duas onças, escamonea preparada tres outavas, enxofre duas outavas, ruybarbo em pó duas outavas, que se borrifará primeiro com agoa ardente tres vezes, de sorte, que hum borrifo enxuto, fazer outro, semente de coentro em pó, & de flores de

macella, de cada hum huma outava, & tudo o que se poder reduzir em pó se deve fazer. Mexido mui bem tudo, que amassarã em dous arrates de manteiga crua, unido tudo, de que se farã pitollas tamanhas, como nozes, & se darã ao cavallo na fôrma, & cõ as cautellas, que temos ensinãdo nos Capitulos 7. & 8. do modo de dar as purgas

Se o cavallo não ficar bem evacuado, se torne a repungar ao terceiro dia, com a mesma purga, & se lhe lançarã; depois de haver purgado huma ajuda, composta de cozimento das cinco ervas emollientes costumadas, em a qual se deitarão duas onças de anis, meyo arratel de manteiga fresca, hum quartilho de vinho de infusaõ de crocus Metallorum, o qual se ensinã a fazer no Cap. 5. meyo arratel de mel mercurial, & toda a calda serã sete, ou outro quartilhos, & se lançarã ao cavallo na fôrma, que dissemos no Capitulo 5. das ajudas.

Estes males da cabeça tambem se communicã, & pegaõ aos outros cavallos, pelo que he necessario aparralos, & que não comaõ, nem bebaõ nos mesmos vasos.

## C A P I T U L O 34.

*Da Erisipela, & inflamaõ do rosto do cavallo.*

**C**ostuma a Erisipela manifestarse no rosto dos cavallos, por huma de três maneiras. Humas vezes como farna, com burbulhas, & cossa grande, que faz com que o cavallo roãdo se com excessõ, se esfolã, & faz humas codeas, que gretaõ, & lançaõ hum humor liquido, aere, & mordaz. Outras vezes com inchaõ em todo, ou na mayor parte do rosto callida, & haver melhada, particuларmente nos beiços, & lagrimaes dos olhos, com fogo, & calor em todo o rosto. Outras vezes tomando lugar separado, & fazendo nelle tumor particular, como he em alguma das queixadas, ou acima dos narizes. A primeira se deve curar desta maneira.

*Remedio para a Erisipela com borbulhas cossa, ou cassa.*

Sangrar-se-ha o cavallo nos peitos as vezes, que parecerem necessarias, & se desfazà enxofre em azeite, misturandolhe fezes de ouro em pó, com outro tanto verdete, & çumo de laranja; & com isto untado a meúdo toda a parte, & não deixando roçar o cavallo farará logo.

O segundo accidente, que se manifesta com a inchação do rosto todo inflamado, necessita de mais sangrias, tambem nos peitos, & se lhe applicará em toda a inflamação o remedio seguinte.

*Para Erisipela, quando inflama o rosto do cavallo.*

Tomarã de fumo de tanchagem, & da erva moura, de cada hum duas onças, agoa rozada tres onças, pedra lume em pòs hũa onça; & posto isto em huma tigela, tomarã, quatro, ou seis seixos pequenos brancos, & os farã vermelhos em hum fogam, & assim os deitaraõ nestas agoas; & esfriandose os meteraõ cutra vez no fogaõ, & depois de vermelhos, se lançaraõ da mesma maneira por tres vezes, & logo se lançaraõ na agoa tres claras de ovos batidas primeiro; & com isto se molharà toda a inflamação, pondo huns panos assim molhados, picados, ou que não seja o pano muito tapado, postos sobre a parte toda, & tanto que se enxagarem, & secarem, se tornaraõ a molhar, continuando isto até apleacar de todo a inflamação.

O outro accidente de tumor separado, se curará nesta fórma.

*Para a Erisipela em tumor separado.*

Faraõ hum emplasto de deaquilaõ menor, outro tanto de emplasto Elij Zacharias; misturado com elles hum casco de cebola assada, pizado, se tomar termo de resolução, se lhe continuará o mesmo, & tomando o de maturação, se ajudará a esta; com hum emplasto de raizes de malvas, malvaisco enxundias de pato, & galinha, raizes de lirio, cebola, farinha de cevada.

Se estiver muito endurecido, & convier, que verha a maturação, se fará o seguinte, que tem grande força para fazer supurar.

*Emplasto*

*Emplasto para supurar o tumor erisipeloso.*

Tomirão raizes de brionia meyo arratel, cortada em talhadas, ou relada, feita em dous quartilhos de azeite sem sal, até se gastar a maior parte. Isto espremido: & coado, se lhe juntará trementina de Bata meyo arratel, de cera cinco onças, humas gotas de vinagre forte, de tudo se faça unguento grosso, & viscoso, que fique como emplasto, & se applicará em pano grosso; & vindo a maturaçõ, se abrirá com lanceta, não estando em parte donde se tem a fixa de sangue, & se irá depois curando, como nos mais apostemas, com seu defestivo de oleo de aparicio, trementina lavada primeiro em agoa de tanchigem, gemas de ovos, & mel rozado, & oleo de aparicio, munificando depois, & cicatrizando, como he ordinario; porque para as cousas que todos sabem, não he necessario relatadas mais por meudo, quando o nosso, he hir se npre buscando a brevidade.

## CAPITULO 35.

*Do Espasmo.*

**O** Espasmo he huma doença, que tem alguma semelhança com a perlisa dos homens, & muito perigoso nos cavallos, se se lhe não acode com promptidaõ.

He causado ordinariamente de grandes humidades, que a cabeça recebe no tempo, que o cavallo come verde, ou porque vindo suado, o penetre algum grande frio, ou receber queda, ou pancada, de que os membros padecem impedimento, com que se relaxaõ os nervos, & ligamentos.

Humas vezes he o espasmo em toda a cabeça, outras em algũ membro particular, & ainda em alguma parte da cabeça, ou na boca. Manifestase, em que o cavallo tem as orelhas tezas, & sem movimentos, os olhos voltados, & a cabeça estacada; sendo em membro particular o tem relaxado, & com falta de movimento natural.

He necessario acudir ao cavallo antes do septimo dia com to-



dos os remedios, porque lhe costuma repetir o mal, ou augmentar-se; & o pôde matar facilmente.

A primeira cousa será, dar ao cavallo huns xaropes, para preparar, & digirir o humor nesta fórma.

*Xaropes preparantes para o espasmo do cavallo.*

Tomarão raizes de manjerona, de salça parrilha; & ortelãa; de hylopo, & segurelha, folhas de agrimonia, betonica, & pericão, loureiro, funcho, ouregaõs, alecrim, arruda, salva, & as quatro sementes quentes, mayores, & menores, como as de cardo benedicto, de coentro de bagas de louro, & as mais; a que se ajuntarão, pôs de Atrodoã Abbade, & de aromatico rozado, que fará o Boticario conforme a arte, do qual cozimento, se dará ao cavallo pelo corno, quatro xaropes em quatro manhãas continuadas, dous quartilhos em cada xarope, & no quarto dia à noute, se dará huma ajuda na fórma seguinte.

*Ajuda para o cavallo espasmado.*

Em o cozimento ordinario das cinco ervas, lançarão em seis quartilhos d'elle, duas onças de mel violado, outro tanto de açúcar mascavado, duas onças de diacatalicão, meyo arratel de mel mercurial, & se quizerem que seja mais purgativa, se lhe ajunte hum quartilho de vinho de infusão, de crocus Metallorum, infundido como dizemos no Capitulo 5. & se lançará, como temos dito no Capitulo 5. das ajudas, & no outro dia pela manhãa, se lhe dará a purga seguinte.

*Purga para o cavallo espasmado.*

Tomarão do Catolico, que ensinamos no Cap. 8. das purgas huma onça, & se lhe ajuntará mais tres outavas de Agatico torcificado; & se unirá tudo em dous arrates de toucir ho; tirandolhe primeiro o sal em varias agoas da fonte, & fazendose em pirolas, como nozes, se darão ao cavallo com as cautellas, que dissemos nos Capitulos 7. & 8. do modo de dar as purgas.

Esta mesma purga se tornará a repetir ao terceiro dia, quando com a primeira não obre copiosamente, dandolhe sempre outra ajuda, como ouver purgado; & depois de assim estar muito bem evacuado ( que dantes não ) se lhe applicará na parte a

com.

composição seguinte.

*Fomentação para a parte espasmada.*

Tomarão de mostarda hum maõ chea, sementê de funcho, de arruda, de pimenta, de cada hum outro tanto; pizaraõ estas sementes, & lhe ajuntará n de gomos de salva, de funcho, de louro, de ouregaõs, de trementina, de cada hum huma maõ chea pizados grosseiramente; & se frigirá tudo em oleo de lubaga, & se lhe ajuntará hum golpe de agoa ardente, lançado depois que se tirar do fogo, & tudo isto para melhor se conservar sobre a parte leza, se estenderá em pano de linho, que não seja mui tapado, cozido todo ao redor, & acolchoado com alguns pontos, & se porá quente sobre a parte, enfiopando novamente, de duas em duas horas, em agoa ardente morna, & se porá sobre a cabeça huma pelle de rapoza, ou carneiro, com a lã para o pello do cavallo.

*Que se hade meter pelas ventas ao cavallo espasmado.*

Tomarão huns pedaços, ou gomos de cacapucia mayor, que he huma erva, a que alguns chumaõ (Figueira de inferno,) pizadas grosseiramente, & se meterá nas ventas do cavallo; & para que a não espirre, & lance fóra, se ata na rama de humas penas de pato, que se metem pelas ventas, & se atão pelos ganos por cima das orelhas.

Tambem he necessario, ter o cavallo no mastigadouro huma hora pela manhã, & outra de tarde, para desfleumar, & nelle se atará o seguinte.

*Mastigatorio para o cavallo espasmado.*

Tomarão huma nõs noscada pizada, outro tanto de salva, & o mesmo de erva doce; com huma colher de mel mercurial, tudo atado em hum pano, que se prenderá no mastigadouro, reformando outro tanto, para cada huma vez.

S: o mal for tão grande, que não obedeça, será necessario dar ao cavallo por o redor das orelhas, humas farijas de fogo actual, & comerá sempre o cavallo mantimentos secos, se for fogueito a este achaque.

## CAPITULO 36.

## Do Vertigio.

**D**este achaque chamado ( Vertigio ) morrem muitos cavallos, por falta de os não saberem conhecer alguns alveitares , & lhes não acudirem , como convem. He procedido dos vapores , que se levantão ao cerebro , lançados do figado , estomago , & outras partes interiores.

São causa desta doença o muito trabalho acelerado , no tempo das grandes calmas , ou ruins cheiros das estrebatias , o correr as carreiras mui compridas , & violentas , & muitas vezes as curvetas mui frequentadas , em cavallos fogosos ; o muito comer , sobre tudo no tempo das calmas , quando o estomago está mui debil , & cheyo de humores fluctuosos.

Os sinais desta doença são mui facéis de conhecer , porque o cavallo se vê logo titubiar , & andar como bebado , dando com a cabeça pelas paredes , & manjadoura , com tanta doudice , que se matará , se o não tiverem seguro , deitase , & levanta se arremetendo com outra violencia diferente , que nos torcilhoës , & com a vista curva , & perdida.

Para dar remedio a esta doença , he necessario logo sangrar o cavallo nas ilhargas , & deitar lhe huma ajuda das ervas ordinarias , às quaes se juntará tambem de macella duas mãos cheyas , meyo punho de erva doce , lançada na ultima fervura , & a seis quartilhos deste cozimento coado , se juntará meyo arratel de mel roçado , & duas onças de electuario de bagas de louro , ou em lugar delle , ainda melhor , hum quartilho de vinho de infusão de crocú Metallorum , a que alguns chamaõ vinho emetico , que ensinamos no Cap. 5.

Depois de se aver purgado com ajuda , o deixarão descansar meyo dia , & o tornarão a sangrar nas mesmas ilhargas , & lhe esfregará n fortemente os braços , & pernas com huns esfregões de palha molhada em agoa ardente , ou vinho quente , & se lhe continuarão mais ajudas , & sangrias , com que melhorará logo.

Se sobrevier febre (o que succede algumas vezes,) se ocorrerá aos Capitulos aonde tratamos das febres.

## CAPITULO 37.

*Do desvario.*

**S**uccede tambem aos cavallos outra especie, ou semelhança de Verrigio, que he hum desvario da cabeça, & não he Vertigio; os quaes sabindo da estrebaria, se deixaõ cahir de repente; & se tornaõ a levantar, & estaõ, como perturbados sem poderem terse.

Procede esta desordem da grande quantidade, de fumos, que do sangue se levantaõ, & de comer o cavallo muito, & estar largo tempo na estrebaria, como hum homem, que depois de estar muitos tempos na cama, levantandose lhe parece andar o mundo à roda.

Conheçesse, & differe do Vertigio, em que o cavallo està bom na estrebaria, alegre, & come bem, & ló ao sair tem o desvario, & não tem os olhos espantadiços, como no Vertigio.

O remedio he; dar ao cavallo hum par de sangrias na taboa, darlhe huma ajuda, & menos de comer, para que não crie tanto sangue, exercitandoo ameudo, que logo farará sem mais cousa alguma.

## CAPITULO 38.

*Dos alvarazos.*

**O**s alvarazos de hum achaque, que se poem nas orelhas; pela parte de dentro, & tambem nos narizes, beiços, olhos, fesso, verilhas, & em fim todas as partes, que estaõ faltas de pello, humas vezes em todas, & outras em algumas dellas.

São procedidos de humores melencolicos, & corruptos, & se manifestaõ com humas manchinhas brancas, como escamas de peixe,

peixe, que depois crecem, & se augmentão de maneira, que fazem parecer ao cavallo muito feyo, & defayroso; & assim se devem logo atalhar em quanto pequenas, evacuando primeiro o humor cõsangrias, & purgando o cavallo com Jalapa, & depois se molharão as malhas sutilmente com agoa forte dos prateiros; repetindo de tres em tres dias atè se corroerem; depois se untará com manteiga crua, & litargio atè sararem.

## CAPITULO 39.

*Das Olivas.*

**H**E muito ordinario crecerem a alguns cavallos humas glandulas, a que chamamos (Olivas,) os Castelhanos (Advivas,) os Francezes (Avizes.)

He cautado este achaque de hum cavallo passar de hum extremõ a outro, como de huma grande fome a huma grande fartura, ou de muita quentura, a frio grande, vindo muito esquentado, beber muita agoa fria, ou naõ o cobrindo, & guardando do ar frio, vindo suado, ou por grande feivor de sangue.

Manifestase claramente este achãque com estes sinais, que digrei. Pegarã na orelha do cavallo, & pendurandoa para baixo. aonde a ponta chegar, entre as queixadas; & o pescoço alli he o proprio lugar aonde vem as Olivas, humas vezes pequenas, como azeitonas, outras vezes mayores, & algũas crecem cõ taõ grande inchação, que tomaõ a respiraçaõ, & suffocaõ ao cavallo causandor, & ancia; fazem deitar, & levantar o cavallo a meudo, virando a cabeça para as ilhargas, com que alguns Alveitares se engam, cuidando que he torcilhaõ.

As Olivas em quanto são pequenas, se resolvem facilmente, sangrando primeiro o cavallo debaixo da lingua, & logo nas ilhargas, evacuandoo tambem com ajudas, & depois puxar as glandulas com huma torqueza, & com omplas, sem abrir o couro mais, que sõmente esmagadas, esfregandoas, nuito, com que se vem

vem a consumir, & resolver.

Alguns as abrem, & tiraõ, porèm he erro, & risco, & occasiã de tornarem a vir outras. Depois de se corromperem he necessario deitar humis gotas de vinagre dentro nas orelhas do cavallo, & esfregalas, para que penetre abaixo, & tornar a sangralo nas vertilhas.

E se as Olivas forem taõ crecidas, que façã tumor, que oprima a garganta, serã necessarias mais evacuações de sanguias nos peitos, & dar ao cavallo beberagens de agua morna, com farinha de cevada, ou trigo, & mel com nã, & faraõ que o tumor venha a supuraçõ, para o que se lhe applicarã hum emplasto nesta fórma.

*Emplasto para supurar as Olivas em tumor.*

Tomaraõ cominhos em pò, farinha de linhaça galega, lixo de pombas, tudo peneirado, se ferverã em leite de mulher até tomar fórma de emplasto, applicando o quente; isto fará puxar o humor, que não offenda a garganta, & madurar o tumor, tirando juntamente as dores, para que não façã mais attracção a parte.

C A P I T U L O 40.

*Como se ha de tirar a carne mal posta nas ilbargas da taboa junto às queixadas, que impede o enfreamento, como tambem o gato carnoso, junto às crinas.*

**M**Uytas pessoas, que não tem visto esta obra de tirar o gato, & carne mal posta, que impede o enfreamento lhes parece cousa muito difficulosa, sendo que huma, & outra se consegue com muito bom successo, sabendo obrarse como convem, porque o tirar a carne, sem haver podridaõ nella, nem humores, que a causem, & fomentem, he muito mais facil de farar, do que aquella, que se tira por causa da podridaõ, ou symptomas, & humores.

Para se fazer esta obra, se ha de abrir o couro ao compido,

como

com hum só golpe mayor ainda, do que a carne, que se ouver de cortar, & apartandose a pele para huma, & outra parte, se cortará com huma navalha sutil toda aquella carne, que faz o gato, ou difficuldade no enfrear, porque nem em huma, nem em outra parte destas, ha impedimento de principal arteria, musculo, ou nervo, que seja perigoso o cortar-se, como se vê na anatomia do cavallo, que trás com tam claras meudezas Cezar Ruini. Suposto que lance muito sangue, se pôde deyxar sahir até dous, ou tres arrates, porque assim fica melhor descarregada a parte: logo se lavará cõ vinho quebrado sómente da frialdade no fogo, & se cozerá o couro com pontos, pondo por cima de todo o comprimento do golpe, huma tira de pano delgado, untada de termentina fina, lavada primeiro em agoa de tanchagem, & sobre ella porã cataplasma de todo o ovo, continuando a cura da primeira tençam, porque muitas vezes costumam sarar com ella, & se fizer materias lhe darã huma lancetadã, ou mais se forem necessarias, pela parte mais baixa, metendolhe mechas com seus defestivos ordinarios, até sarar de todo. E da mesma sorte, que se fizer esta rotura de huma parte do pescoço, se fará da outra depois que a primeira estiver siã, para que a obra se consiga com perfeição, igualdade; & segurança.

## CAPITULO 41.

## Do Ante-cor.

**O** Ante-coração, ou Ante-cor, como o capitulam os Authores Latinos, he humor colerico, & sanguineo, que se fórma diante do coração, nos peitos, humas vezes no meyo, outras tomando tambem com o peito parte da pá do cavallo. Esta enfermidade he muito perigosa, porque facilmente se communica ás membranas, que cercaõ o coração, as quaes a recebem com facilidade; por serem algum tanto esponjosas, & dali offendem o coração, & fazem morrer o animal, & por isso deste mal mui pou-

cos escapão , & menos, se lhe não acodem com muita pressa, & cuidado , curandoos methodicamente.

Manifestate pelo tumor , que aparece , & pela tristeza do cavallo , & porque cae algumas vezes em terra por desmayo do coração , & perde o comer.

Os remedios purgativos alterantes , não obraõ neste mal coufa alguma , antes põdem servir de damno , por fazerem communicar ao coração os fumos , & vaporações daquelle humor.

He necessario começar por ajudas, & dalas a meúdo, com tanto que nellas não entre purgativo algum ; depois se ha de cercar o tumor com huma raya de fogo, para que não se estenda, & fazer huma cruz pelo meyo delle , applicando hum cauterio de fogo no meyo, que penetre o couro , & se não ponha cera , nem betume algum sobre o couro , mas sómente untar o fogo , & tumor cõ manteiga cozida, ou unto derretido. Logo sangrar o cavallo na taboada parte direita , tirando sómente hum quartilho de sangue , por não dibilitar a natureza; que necessita de todas as forças , para combater com o mal, servindo só a sangria de reveller o impeto da fluxão.

Ao dia seguinte, se lhe dará pelo corno a potagem , que se segue:

*Beberagem para o Ante-cor.*

Tomarám bagas de louro, & de zimbro, de cada hum quatro onças , aristolochia redonda, poz de Marfim , de cada hum duas onças, genciana, & raiz de Angelica , de cada huma duas onças, & meya , myrra huma onça , & meya , açafraõ meya outava. Faráẽ tudo em pôs grossos, & se daráẽ com humas gotas de vinagre , & duas onças de conserva de rozas , & duas drammas de triaga velha ; & depois se passará o cavallo meya hora , que não haja comido duas horas dantes , & duas depois , o que lhe será facil , porque o mal lhe tira a vontade de comer.

Alguns aconselhaõ que esta potagem , que dissemos , se dê logo , antes da sangria , & de tudo o mais , para que defenda o coração , & não he desacertado ; porẽm se se der dantes , &



mais ao dia seguinte , depois da sangria, & do fogo ; & ajuda, ainda será melhor.

Avendose obrado o que temos dito ; ao outro dia se tornará a sangrar, na mesma parte, tirando sómente hum arratel de sangue, & logo lhe fará.n com huma lanceta, ou poltemeiro cinco, ou seis buracos divididos sobre o tumor , não cortando mais , que a pele, & entre ella , & a carne do tumor meterám huns pedacinhos de eleboro negro tamanhos , como huma ferreta de atasas , & o tumor se unte todo muito bem com o leguinte.

*Para untar o Antecor.*

Tomarám dous unguentos de agripa, de alter, marciatao, partes iguaes , & adelgaçados com oleo de louro ; & se untará o tumor.

Não se deve fazer reparo na inchação ; que fazem os pedacinhos de eleboro ; porque puxam para fóra todo o humor venenoso, & maligno ; assim faz inchar em grande extremo , toda aquella parte , que he a tenção , com que se applica , & os unguentos para madurarem, & abrirem os póros, com que o veneno , & malignidade achem toda a facilidade, para a sahida , & se não recolhaõ ao coração a suffocar o animal.

S: o mal apertar muito , & o cavallo não tomar alivio, convem tornar a fazer outra sangria no dia seguinte , & em todos, huma, & duas ajudas laxativas emollientes ; lançandolhe no cozimento de mel rozado meyo arratel, huma quarta de oleo de arruda ; seis gemas de ovos , huma onça de sal commum, hum arratel de azeite. sem nenhum purgativo , por medo de se não irritar este venenoso humor.

He necessario tambem fazer passear o cavallo de tempo , em tempo, para excitar o calor natural , a que se desembarace, do que lhe he nocivo, & facilite o humor a que saia. Se o mal apertar muito o cavallo , & lhe tirar toda a vontade de comer , será necessario buscar todos os meyo para que coma , valendose para isso dos remedios, que temos dito nos Capitulos 22. & 23.

O oleo de arruda, que diffemos para as ajudas, he muito necessario, & para muitos outros achaques dos cavallos, & muito facil, com o que direy, o como se faz, para q̄ o possa ter quem quiser em sua casa.

*Como se faz o oleo de arruda, para servir aos cavallos.*

Tomarã hum arratel de azeite commum, & se lançará em hum tacho, com duas mãos cheas de arruda, que ferverã a togo léto, & depois se coará, espremendo a arruda, tornando a lançar o mesmo oleo no tacho, lhe deitaraõ outras duas mãos cheas de arruda, & tornarã a ferver, & coandose segunda vez, se fará o mesmo na terceira. Depois guardar se ha o oleo, que tem grande virtude, & efficacia para digirir, & gastar os humores crassos, & viscosos. He bom para a colica, para dores de rins da bexiga, do ventre, assim metido nas ajudas, como applicado exteriormente, serve muito a doencas, frias, mas como he quente, se não deve usar delle, sem conhecimento da causa da doença.

## CAPITULO 42.

*Do latejar do coração.*

**O** Latejar do coração, he hum movimento violento, & precipitado, com que o coração, optimido, se quer livrar do que o affige, & lhe he nocivo. A causa mais ordinaria desta ancia, he hum fumo, ou vapor negro, & maligno, em que o humor melencolico contribue muito, quando está dentro nas veas, de que se levantam espiritus fluctuosos, que offendendo a traca.arteria, fazem o latejar do coração, o que nos homens, he ordinariamente acompanhado de febre. Porém nam he assim nos cavallos, aos quaes vemos de ordinario com estas palpitações, sem febre, nem sinaes della, & outras vezes com menos latejar, & com febre grande, como conhecemos por todos os

symp-

symptomâs ; sendo a febre sempre nos cavallos de grande perigo , & esta palpação muito facil de satar , & de que raras vezes se veria morrer cavallo algum.

Conhece se o latejar pela palpação ; que faz o coração entre a pã esquerda, & as costellas. Differe tambem da febre, em que os cavallos não perdem o comer, & sômente estam como caçados , nem tem a lingua seca, & esquentada, nem o bato das ventas, & boca sae callido , & fogoso , como nas febres.

Os remedios que fortificaõ o coração, & os alegraõ, & animaõ os espiritos , que dissipã os vapores crassos , & q̄ resistem às suas malignidades, sam os que convem , como saõ os seguintes.

*Beberagem cordeal para o latejar do coração.*

Tomarã borragens, lingua de boy salvagem, erva cidreira, de cada huma ; huma mão chea ; faraõ hum quartilho de cozimento fervendo meya hora, depois se tirarã do lume, & se ajuntarã duas mãos cheas de azedas, & deixando esfriar tudo, se coarã ; & no coado, desfarã duas onças de conserva de rozas, & hum escrupulo de açafraõ, faraõ beber tudo isto morno ao cavallo, dahi a duas horas, lhe daram huma ajuda, que tenha virtude para dissipar as ventosidades, & abrir as obstrucções, o que darã grande alivio aos cavallos oprimidos deste mal, que precede de vapores, & ventosidades.

*Ajuda para o tremer do coração.*

Tomarã seis quartilhos de calda laxativa, ( como já remos ensinado, ) & lhe ajuntarã artemisia, macella, & coroa de Rey, de cada huma duas mãos cheas, linhaça, & semente de funcho; de cada hum duas onças, erva doce huma onça, pizadas as sementes; tornarã a ferver meya hora, depois coado, lhe ajuntará n mel escumado meyo arratel, & outro tanto de manteiga fresca, cõ hũa onça de sal pizado, & duas onças de oleo de arruda; ao dia seguinte se lhe darã hũa sangria ventilativa, tirando hum arratel, & meyo de sangue, nas bragadas, & se sentirem que ha calor estranho, repetirã as sangrias, & lhe darã outra ajuda desta maneira.

*Summula*  
*Outra ajuda.*

Em oito quartilhos de agoa lançarão, as cinco ervas emollientes ordinarias, & meterão as raizes de azedas, lingua de boy salvagem, com as sementes de pepinos, de coloquintida, aboboras, & meloës. pizadas grosseiramente, & hum pouco de anis. Depois de tudo cozido, & coado ajuntarám à calda de seis quartilhos, huma quarta de manteiga fresca, duas onças de canafistula, meyo arratel de oleo rozado, & lançarão a ajuda na forma, que dissemos no Cap. 5. das ajudas, & se ainda o cavallo não farar, continuarão com mais ajudas refrescativas, como esta que direi.

*Outra ajuda.*

Tomarão seis quartilhos de foro de qualquer leite, & farãm ferver nelle as cinco ervas emollientes por tempo de meya hora, com duas onças de anis, & depois o coarã, no foro se lançarã seis gemas de ovos, huma quarta de manteiga fresca, meyo arratel de mel violado, huma onça de sal em pó, & dará ajuda ao cavallo. Se o cavallo não estiver esquentado, & for no inverno, se não sangrarà, salvo em grande opressão, & estando cõ muitas carnes, por que entã se lhe dará esta beberagem.

*Beberagem para a palpação do coração.*

Tomarão cardo benedicto, salva, alecrim, de cada hum meya mão chea, faraõ hum quartilho, & meyo de cozimento, que fique depois de ferver huma hora, & lhe ajuntaraõ hum quartilho de vinho branco, & os poz leguintes, de bagas de louro, de aristologia redonda, limadura de Marfim, de cada hum huma outava, galanga, canela, & cravos, de cada huma, hum escrupulo, o pezo de seis graõs de trigo, de açafraõ. Daraõ isto morno a beber ao cavallo, depois o passearáõ meya hora, & com menos disto saram os mais delles. Porém advirtã que ainda que tome melhoria, não deixem de continuar os remedios, que parecerem necessarios, por que já vi desaparecer este mal de todo com o primeiro remedio, & ldepois repetir com muito mayor força.

## CAPITULO 43.

*Do Esforço, ou Rendimento das pãs;*

**E**ste accidente, sendo mui commum aos cavallos, ha muitas ignorancias no verdadeiro conhecimento, de suas especies, & assim he necessario examinar as circumstancias, porque por falta de se não conhecerem bem, & saberem curar methodicamente, ficaõ os cavallos estropeado, & inuteis todo o tempo de sua vida.

Para se conhecer este mal, convem primeiro saber, que a pã do cavallo, não está pegada ao corpo com osso algum, mas somente applicada sobre a extremidade das costellas, & na quella situação unida somente com cordas, & ligamentos que asseguram, & por isso com qualquer esforço, que o cavallo faça correndo, ou voltando, pondo huma mão em alguma pedra movente, tropeçando, ou metendoa em qualquer cova, ou por outras muitas causas, de que procedem fazerem os ligamentos alguma extensão extraordinaria, da qual recebendo accidente, & dor, chamaõ à parte humas certas agoas pegadiças, & petuitosas, que embarçaõ o natural movimento da pã. Estas agoas correndo à parte leza a relaxaõ, porque se engrossaõ, & endurecem nella, impedindo a facilidade do movimento, que havia dantes, causando dores mais, ou menos, conforme o grande, ou pequeno Esforço, procedidas da extensão das cordas, & dessas agoas, que muitas vezes alteradas, ainda que não endureçaõ causaõ acrimonia.

Pelo que o intento principal da cura, deve ser sempre encaminhado a atenuar, & consumir aquellas agoas, & humores por resolução, & evacuaõ, fortificando a parte para a reduzir ao seu primeiro estado.

Não deixa de ser este mal difficiloso de conhecer, quando se não vio fazer o Esforço. Porém manifesta-se, vendo que não levanta o cavallo bem a mão offendida, & envolvendo sobre ella, lhe faz causar sentimento, & fazendo volta sobre a contraria,

faz meya volta sobre a saã , primeiro que carregue sobre a offendida, que he sinal infalível do rendimento.

Tambem se conhece levantando a mão offendida , & fazendo mover a pá atrás, & adiante, aonde mostra logo dor, & sentimento, & se examine, em que parte o mostra mayor, que he muyto necessario ponderala, para melhor applicação dos remedios porque sendo esforço sómente, & não aberto, se distingue neste conhecimento.

Tambem he bom sinal, para conhecer, se o manquejar he da pá, ou se da mão, & casco; o advertir, que se o cavallo, depois de ter caminhado, & aquecido, manqueja menos, he da pá, & se depois de caminhar manqueja mais, he do casco, ou braço, que neste caso se deve apalpar, & correr muyto bem com a mão, para ver aonde tem o mal, desferrando a mão, alegrando o casco, & batendo tambem ao redor, até se achar donde mostra o sentimento, para que com certeza do mal se lhe applique a cura que convem.

Advirtase que bem pôde hum cavallo manquejar da pá, sem estar rendido della, nem aberto, mas por aver recebido pancada nella, queda, ou aver topado com o peito ou pá, ou couce de outro cavallo; ou por aver sido apertado da sella no alto das pás; põrêm para qualquer destes accidentes, sempre he conveniente o principio da mesma cura, que se applica para o Esforço.

*Como se acode ao cavallo, que fez o Esforço, ou Rendimento na pá.*

Avendo-se reconhecido, que o cavallo manqueja da pá, sendo pouco, por aver feito algum Esforço, pondo a mão em pedra movente, ou metendoa em buraco, com que fizesse alguma extensam leve, bastará sangralo nos terços duas sangrias, a primeira na mão contraria, & a segunda da propria leza, & metelo na agoa adonde esteja a nadar com as mãos, & não quieto, meya hora pela manhã & meya de tarde, como não seja em tempo de grandes frios, que com isto sarará logo, sendo o achaque leve.

Se o Esforço for mayor, & que com o remedio precedente não cure, se fará o seguinte.

*Remedio para mayor Esforço da pã.*

Sangratão o cavallo nos terços, recebendo o sangue em hum vaso, mexendo sempre com a mão, porque se não coalhe, & misturandolhe hum quartilho de agoa ardente, carregará a pã com este sangue, esfregandoa mui bem, para que a agoa ardente penetre, que com a qualidade, que tem de resolver o humor, & corroborar o sangue, basta muitas vezes este remedio, para sarar o cavallo, o qual estará sempre com maniatas justas.

Se com este remedio não sarar o cavallo, & que a manquicira continue, se lhe applicará o seguinte.

*Carga para o Esforço, ou Rendimento da pã.*

Tomarám da composição da carga primeira, que vay receitada no Capitulo 13. & se carregará, & untará com ella toda a pã offendida, a qual se ha de reformar tres, vezes, hum dia, & outro não, & será o mal mui grande, se não sarar com isto. Não se devem espantar ainda que a carga faça inchar a pã, & haja dor na inchação, que tudo he bom sinal, & se remedeia a inchação, depois, q̄ o cavallo fara com os banhos do rio no verão ou de vinho, sendos inverno, em q̄ ajão fervido alecrim, mētratos, poejos, & macella.

Se o mal for tão obstinado, que não queira obedecer aos remedios apontados, será necessario fazer nadar o cavallo a seco, o que se fará desta sorte.

*Para o cavallo Rendido da pã nadar a seco.*

Atarám a mão saã do cavallo com huma corda, & se dará volta com ella por cima da cernelha que torne a pegar na mesma não saã, suspendendoa no ar, para que não possa chegar cõ ella ao chão, & desta sorte se passea o cavallo hum pouco sobre os tres pès, com o que fazendo força sobre a não doente aquece, & faz abrir os pòros, para que os medicamentos possam penetrar, & a virtude, que tem de dissipar estes humores petuitosos.

Depois que o cavallo tiver nadado a seco meyo quarto de hora, he necessario sangralo nos terços, & tomar o sangue mexendo sempre, & misturado com a carga primeira, que dissemos no Capitulo 13. a qual se ha de aquecer primeiro, que lhe misturem o sangue, & applicada sobre toda a pã. & braço, tendo o cavallo com

hum

hum patim na mão saã , que he hum ferro ovado por baixo , que o não deixa ter a mão fixa , nem eitar sobre ella para que esteja sobre o doente , & se ha de reformar a carga depois de vinte , & quatro horas , com que será impossivel deixar de sarar com estes reme-  
dios.

## CAPITULO 44.

*Do cavallo aberto.*

**S**E O cavallo der taõ grande pancada , ou fizer algum excessõ taõ violento , que despegue huma , ou ambas as pãs de seu lugar , que he aquillo , a que propriamente se chama abrir , ou despentear , o que se conhece mandado decer o cavallo por algũa ladeira , o qual se não pôde ter nas mãos , ou naquella de que está aberto , pondoas abertas , & com os calea-  
nhares mais para fóra , que a ponta do casco , abrindo os cotovellos em cima , & sumindo os peitos , para dentro , tambem bracejando com a pã , mostra logo hum sentimento grande.

Algumas vezes lhe inchaõ os peitos , & pãs , & estando direito tem as mãos mais largas , & apartadas , do que costumava.

Sem embargo de que se conheça claramente estar o cavallo aberto , se lhe deve fazer primeiro todos os remedios leves , que atràs dissemos no Capitulo 43. do Esforço , ou Rendimento da pá , porque ha cavallos de tam boa natureza , & temperamento , que estando totalmente abertos , tem sarado com elles. Porém vendo-se que com estas não obedece será , necessario passar aos mais fortes , & proprios para este mal.

*Remedio para o cavallo aberto.*

Primeiramente se terá o cavallo muy bem chegado a huma parede prezo , & seguro , para que possa sofrer a violencia da cura , ou deitado no chaõ em parte branda , alli lhe esfregarão a pã toda com hum tijolo , taõ fortemente , que fique como pizada , molhandoa com agoa ardente , depois de se haver esfregado. Logo lhe farã duas aberturas de largura que caiba hum dedo pole-



gar, huma entre as mãos por baixo da pá, & outra acima no peito por donde topa o peitoral na pá, tres dedos afastada da junta, outra por de tras da pá mais alta, & outra pegada ao corovello, com que não fique na junta, porque não impida o movimento, nem chame o humor a ella; logo he necessario despegar a pele da pá cõ instrumento de pao boleado, & lizo, metendoo para varias partes, & despegando com elle a pele de muita parte da pá, affoprando com hum canudo pelos buracos, & esfregando com a mão ao mesmo tempo: & entã meterã humas penas de ganço inteiras, untadas em basilicaõ, & se porã de sorte assegurando os pés entre o mesmo couro, que não caiaõ.

He necessario todos os dias duas vezes tirar as penas, & espremer as materias, tornando a metelas untadas no mesmo basilicaõ, ou unto velho, o que se ha de continuar quinze, ou vinte dias, & mais, se for muita abundancia das materias, & no fim tirando as penas, as feridas por si faraõ.

Algũs cuidã que as penas, & canhoës não he necessario estarem mais que dez dias, porque esses bastaõ para lançar as materias todas, porẽm he grande erro, & engano, porque sò são necesarios nove dias para digirir os humores, que foraõ causados da esfregaçãõ; & pizadura do ladrilho, & tirando as penas em dez dias, de que utilidade poderã ser? Quando he necessario tempo para escoar da pá todo o que tem de impuro, & obrigar a natureza a descarregar pelas materias aquelles humores peruitosos, & agoas grossas, acres, & mordicantes, que entre a pá, & as costelas estaõ impedindo; que a natureza faça a uniaõ natural.

Poderã bastar nove dias, se o mal não for velho, porẽm quando resistir aos remedios, & não obedeça, convem a evacuaçãõ mais larga.

Não se deve imaginar, que poderã ficar fistulas, ou callos, porque avendo sempre as penas untadas, & as materias correndo livres, não ha que recear.

Tambem em lugar das penas usãõ alguns sedenhos, que fazem muito bom effeito, se esfregarem, & pizarem as pás primeiro, como temos dito, porque isso he o principal, & com estes:

estes remédios não poderá deixar de sarar o mayor mal.

## CAPITULO 45.

*Dos peitos sumidos, & pàs secas.*

**O**S cavallos abertos, q̄ por falta dos Alveitares, ou descuidos de seus donos haõ sido mal curados; vem a tal extremidade pelo tempo, & mal, que tem padecido, que os peitos se consumem, & as pàs se secaõ com a falta do calor natural, porque os espiritos, não fazem seu curso livre, a animar aquella parte, por estar leza, & entupida o q̄ se manifesta claramente com a vista. Para este estado da enfermidade, he admiravel remedio o leguinte.

*Unguento para os peitos sumidos, & pàs secas.*

Tomará n raizes secas de malvaisco, hũa onça, consolida mayor, duas onças, & se forem verdes, tomarám dobrado pezo, graõs de Alforfas hum onça, salva, serpão, ouregãos do mato, de cada hum duas mãos cheas, lançarám fóra as raizes das ervas, & limpas estas, se cortarão meúdas, & se pizaram em grosso, & os graõs de Alforfas, tudo metido em hum vaso de alambique, com dous quartilhos de agoa ardente refinada por tres vezes, cuberto o alambique com seu capitel; que nam tenha abertura nem bico, por onde destille ( que a estes chamão alambique cego : ) & tapadas mui bem as juntas, se meterá o alambique em hum tacho, ou caldeira de agoa sobre o fogo, que nam esteja mais quente, que quanto a mão possa sempre sotter a agoa, & estará assim seis horas, porque dentro se purifiquem as mezinhas, & fazendo circulaçoës na destillação; com que depois das seis horas se tirará do fogo, & se coará por hum pano, & o que ficar liquido, & coado se tornará a meter no alambique com hum arratel de sabam duro, cortado meúdo, & fechandose o alambique como dantes, se tornará a por no tacho da agoa, com a mesma quantia, que dissemos, por espaço de huma hora, que passada se tirará, & deixará arrefecer assim fechado, depois ficará hum unguento,

de que se usará como diremos.

Tambem se pôde usar outro unguento muito bom, ainda que não tem tanta efficacia, como o primeiro.

*Outro unguento.*

Tomarám hum quartilho de agoa ardente refinada tres vezes, & se lançará em hum vaso de vidro forte, & lhe misturarã meyo arratel de sabão duro pizado, & tapando o vidro, para que não evapore, se porá sobre cinzas quentes, & se deixará estar com fogo brando, para que não estale, até que o sabam se desfaça, depois se tirará do fogo, & deixará esfriar, sem o destaparem, & ficará feito o unguento, do qual se usará como do outro acima desta maneira.

Passarão o cavallo meya hora de trote apressado, para que aqueça, estando incapaz de poder passear, lhe esfregarão os peitos, & päs com huns esfreguens asperos de palha, para os fazer aquecer; estes se untarã mui bem com o unguento, esfregando muito, para os fazer penetrar, & untados, tomaraõ humas pás de ferro largas; ou enxadas vermelhas no fogo, & se porã junto aos peitos, & päs, sem chegar có ellas ao cavallo; mas tam perto quanto elle as possa sofrer, porque penetrando o unguento com a sua virtude, & com a que lhe dá o calor do ferro, abre os póros, consume o impuro, & attrahe o calor, & espiritos à parte.

Esta untura se ha de fazer na fôrma que digo, todos os dias, até que o cavallo cobre perfeita saude. Este unguento applicado na mesma sorte, fara tambem o Rendimento, ou Esforço de peitos, se não for aberto totalmente.

C A P I T O U L 46.

*Das mãos quebradas.*

**M**uytos cuidam, que quebrando o cavallo huma mão, ou pè pelas canas, que se lhe não pôde fazer cura, & assim o mandaõ logo enterrar, ou lançar fóra, como já inutil, no que se enganaõ, porque os cavallos

vallos saram perfeitamente, se a quebradura he curada, como cõvem, suposto lhes fique alli hum nõ, & sobre osso, que lõtente os destea, & quando naõ ficam capazes para grandes cavallarias, o ficam ao menõs para jornadas, & serviço ordinario, como dantes.

Carlo Ruini, no seu livro texto de Alveitaria Capitul. 15. que escreveo em Italiano, com muita erudiçaõ, & experiencias grandes, declara o methodo da cura mui meudamente, & vem a ser a mesma; que os Algebristas fazem ao homem, ou a qualquer animal, que tenha braço, ou perna quebrada, encanandoa, & pondolhe suas cataplasmas ordinarias, acrecentando mais, que esteja o cavallo de maneira que naõ possa porse sobre a maõ, ou pè quebrado, até naõ estar perfeitamente endurecida a soldadura, para o que se tenha o cavallo posto sobre fundas com a maõ dobrada pela junta, & metida em outra funda pendente no mesmo corpo do cavallo. Soleyssel no seu livro intitulado Le parfait Marechal no Capitulo 46. tambem faz mençaõ de hum cavallo, & de hum macho, que curou de pernas quebradas, com bom successo. Pelo que se naõ devem deixar, sem remedios os taes cavallos.

## CAPITULO 47.

### *Das mãõs pizadas, & inchadas do trabalho.*

**M**Uytas vezes, avendo os cavallos trabalhado muito em campanhas, festas, ou jornadas, lhe incham as mãõs, & ficaõ os nervos endurecidos, & o pello arripiado, como claramente se manifesta.

Havendo a carga, & composiçaõ, que dissemos no Capitulo 13. he o melhor remedio, applicada na fórma, que no mesmo Capitalo se enõna, & naõ avendo esta, se farà a seguinte.

*Carga para as pernas inchadas, ou endurecidas do trabalho.*

Tomarã m dois quartilhos de agoa ardente, meyo de oleo de nozes, outro meyo de manteiga fresca, huma onça de pedrahume queimada em pò, & metido tudo em huma caçoula, ou panela vidrada, cobrindoa com outra mui bem barradas, que nam

evaporem , se porà sobre cinzas quentes , por espaço de oito horas. Depois se deixará esfriar antes de se abrir , & com este unguento , se esfregaraõ fortemente as mãos , & pernas , avendo-as primeiro esquentado , com hum esfregaõ de palha grossa.

Continuando isto alguns dias ficarão logo as mãos desinchadas ; lizas , & brandas.

Sendo em tempo de verã , lhe será para o mesmo de grande proveito , os banhos do rio , estando nelles quieto , & com os peitos para a corrente.

Se os nervos estiverem mui endurecidos , as mãos tezas , & inchadas , se fará este remedio.

*Para os pès , & mãos endurecidos , & inchados.*

Tomarã quatro , ou seis cachorrinhos de leite , postos a ferver em huma panela , com dous , ou tres quartilhos de borra de vinho tinto ; até que a carne se despegue dos ossos ; depois lhe lançarã huma mão cheia de raizes de malvas , & malvaisco , & tanto q tiver bem fervido , a tirarã do lume , & lançarã os ossos fóra. Ajustarã á composiçã mel , & grayxa de pato , de cada hum dous arrates , oleo de linhaça , & de açucena , de cada hum seis onças , unindo tudo em quanto estiver quente , com o que untarã fortemente os braços , & pernas todos os dias , até de todo sarar , aqueitando sempre esta composiçã , & applicando com todo o calor , que a mão poder sofrer.

Para esta incomodidade , & nervos endurecidos , he tambem provavel remedio o oleo seguinte,

*Oleo de tijolo para as pernas tezas , endurecidas , & inchadas.*

Tomarã hum tijolo velho , que peze hum arratel , & o farãõ vermelho no fogo , & assim o lançarã em azeite ; & depois q estiver frio o farã em pó , & misturarã hum arratel de fubaõ duro com o azeite , & pô de tijolo , & outro arratel de cal viva ; hum cento de minhocas lavadas primeiro em vinho , meterã isto tudo em hum alambique , metendo-o obre fo fogo da fornalha ordinaria , distillará pelo cano hum oleo excellente , para a incomodidade das mãos , & pès sobreditas , esfregandoas com elle alguns dias , conserve este oleo muito tempo , com sua virtude guardado em vidro tapado.

## CAPITULO 48.

*Da sobre-rodela.*

**A** Cima da rodela do joelho, se faz muitas vezes hum tumor mayor, ou menor, tomando partes da junta, sendo algumas vezes mais duro, & outras menos, & se manifesta com a vilita; & porque algumas vezes faz manquejar o cavallo, & mostra dor dobrando-lhe o joelho, se não for muito dura se lhe applicará o seguinte.

*Remedio para a sobre-rodela.*

Tomirãr raizes de açucena, & de malvaisco, de cada huma duas onças, de violas, & milvas de cada huma duas mãos cheas, sendo de linhaça, & funcho, de cada hum duas onças, ferva tudo, & depois de estar bem brando, & desfeito, se lhe juntará de agoa ardente, meyo quartilho, estando já fóra do fogo, & se applicará quente.

Sendo a dureza grande, que se não desfaça com o sobredito, applicado nove dias, se lhe rapará o pello, & se lhe darão humas sarjas meulas, que não cottem mais que a cuticula, esfregandoas primeiro mui bem, as untará n com o Potencial primeiro do Capit. 11. applicado na fórma, que se declara no dito Capitulo, cõ que será o tumor remediado. Advirtindo, que se use sempre do primeiro remedio, ainda que a sobre-rodela seja mui dura, porque quando se não desfaça ao menos abranda para q depois obre melhor o Potencial.

## CAPITULO 49.

*Das Lupas.*

**A**S Lupas he hum tumor, que occupa a rodela do joelho, fazendo-se sobre ella hũa inchação, que costuma ser de duas maneiras. Humas vezes de hum humor aquozo, molle, & fleumatico, outras vezes denso, &

tenoso com que em parte differe nas outras, & applicação dos remédios.

He procedido este achaque mais ordinariamente de tropeçar o cavallo, & dar com força com os joelhos em pedras, ou durezas, & algumas vezes dar com elles na manjadoura, que não tem algum vazio por baixo.

Se as Lupas forem aquosas, lhe applicarám logo a composição do Capitulo 13. que bastará para a resolver, desgovernando primeiro o cavallo do alto, & baixo da mão.

Sendo o tumor duro, se rapará o pello, & se lhe applicará o emplasto seguinte.

*Emplasto para as Lupas densas.*

Tomarám raizes de Brionia redonda, meyo arratel, cortadas meudas, & se frigirám em dous quartilhos de azeite, até se gastar, pizado isto, & depois espremido, & coado, juntarlhe de trementina de Beta meyo arratel, cera quatro onças com algumas gotas de vinagre forte, que fique em fôrma de emplasto, & se applicará quente.

Este emplasto he fortissimo, para desfazer toda a dureza, humas vezes por resolução, & outras supurandoas, cõfôrme o intento da natureza; com o que vindo as Lupas a maturação, se abriará pela parte mais baixa, desviando de tocar nervos, ou ligamentos, curandoas com suas mechas, & desfestivos ordinarios.

Em caso, que a dureza esteja tão callosa, & rebelde, que não obedeça, se lhe dará hum dos Potenciaes do Capitulo 11. com as circumstancias, que nelles se declaram.

CAPITULO 50.

*Do Eslabaõ.*

**O** Eslabaõ he hum tumor, humas vezes grande, outras pequeno, o qual se poem na junta do joelho pela parte de detrás, aonde ella faz a dobra, causase de pancada, ou relaxaçam de nervo, que faz alli cabeça, & como he a junta causa ordinariamente dor, & inchaçãõ, & por estes mesmos sinæ. se manifesta.

O melhor remedio ; com q̄ costumaõ farar estes tumores dolorosos naquella parte , he o seguinte.

*Remedio para o Eslabaõ.*

Tomarã m duas partes de leite de mulher , & hũa de agoa ardente , & assi n em fcio lhe misturarã m esterco de menino fresco, o que baste para se engrossar , & se applicarã em pano grosso, repetindose alguma vezes , isto aplaca a dor , abranda resolve , & gasta o tumor , & se o tal for muito duro, lhe applicarã o Potencial primeiro do Capitulo 11. dandolhe as sarjaduras muito superficiaes.

O fogo actual he aqui muito arriscado , & se tem visto deixar o nervo entumecido , & crestado , & o cavallo perdido, com que se não deve usar delle.

A mesma cura , que temos dito se deve observar nos sobrenetivos simples, ou eslabonados.

CAPITULO 51.

*Das Gretas.*

**C**ostumaõ vir aos cavallos muito trabalhãdos ( particularmente àquelles , em q̄ ha pouco cuidado de os alimpar , & lavar ) humas gretas , a que os Italianos chamaõ (Malãndres,) na dobra do joelho, da parte de detràs , pelas quaes destillam humas humidades acres , & mordicantes, fazendo alli co deas , & gretas dolorosas, que fazem manquejar o cavallo , & cõ mayor clareza o fazem logo ao sair da estrebãria , & por estes mesmos sinaes se manifestaõ.

*Remedio para as Gretas.*

Ea incomodidade he mui facil de remediar, avendõ cuidado de levar a meúdo aquella parte com urina fresca , & logo untala com manteiga de vaca, fervida primeiro muito , atè que se faça negra.

O oleo de nozes, com agoa rozada , partes iguaes, batido muy ro hãma cousa com outra , tambem as fara , continuando , & se tiver muito fogo, se lave com vinho primeiro , & logo se unte com

unguen-



unguento rozado, avendo sempre cuidado da limpeza, & de que o não recolhaõ na estrebaria com as mãos cheas de lodo.

## CAPITULO 52.

*Das Sobre-canas.*

**A**S Sobre-canas he hum tumor duro, & sem dor, do tamanho de meya nõs, & algumas vezes mayor, que se poem na cana do braço pela parte de dentro, abaixo da junta do joelho; o qual procede mais ordinariamente de dar o cavallo com a ferradura de huma mão pela cana da outra. Alguns o fazem mais vezes estando com manivelas largas, ou com qualquer outra pancada, que dê na cana; porq̃ algumas vezes he pela parte de fóra, & tambem de diante. Muitas vezes procedem as Sobre-canas de trabalharem o cavallo muito novo, & se manifestam pelos sinais sobreditos.

Se este tumor não toca nervo, nem sobe à junta, não he propriamente manqueira, porque não faz prejuizo ao cavallo; com tudo, porque algumas vezes crecem, & porque causam fealdade, he conveniente o curalos, para o que darei hum remedio muito facil, com que os Alveitares Alemaens os costumão curar, & farão muitos perfeitamente.

*Remedio para as Sobre-canas.*

Tomaraõ na Primavera huns paos de avelcira, & salgueiro; & os porám ao fogo, os quaes distillaõ huma agoa pelas pontas, q̃ ficaõ fóra do lume. Esta se irá recebendo, & guardando, cõ a qual rapando primeiro o pello da Sobre-cana, & amolentandoa com a esfregação, de hum pao lizo, se lhe applicarà desta agoa, esfregando muito o tumor com ella, pondolhe em cima huns panos em dobras molhados na mesma, repetindo-os quatro vezes no dia, continuando muitos, & vendo que se vay consumindo a dureza, se continuará até de todo sarar, ou a tornarãm a repetir dahi a hum mez: Em quanto durar a cura, não sairá o cavallo fóra, nem molhe a mão.

*Outro remedio para as Sobre-canas.*

Raparã m o pello , & esfregarão muito bem o tumor, para que abrande; logo lhe porã m em cima huma pele de toucinho gordo, com a gordura para fóra , & sobre ella darã m hum botam de fogo, que seja plaino , & tamanho como hum tostam; & logo voltarã m o toucinho, & com outro botaõ da mesma sorte feito, que estará já quente , & se lhe applicarã da outra parte estando a gordura para dentro, & se lhe irã continuando desta sorte mais vezes atè que a sobrecana se consuma.

*Outro remedio para tirar as Sobre-canas.*

Tomaaõ hum ferro vermelho, embrulhado em hum pano molhado, & passarã m por cima do tumor atè que caia o pello; que ficarã como a palma da maõ; porẽ m sempre ( como dissemos ) ha de ter primeiro mui amolentado , & esfregada a dureza, depois se picarã o tumor penetrando-o, & esfregalo cõ sal meudo, & tomar hum dente de alho na ponta de hum ferro, & metelo em oleo de nozes fervendo, & applicado assim quente muitas vezes, atè que o tumor esteja molle, tomando alguns dentes de alhos crus, pizados, & applicalos sobre o tumor, apertando-os, que não caiaõ, & passados dez, ou doze dias, estará gastada a sobrecana. Porẽ m este ultimo remedio, deixa sempre algũa falta de pello no meyo, por que faz huma chaga, a qual fara de pois, metendo o cavallo em banhos do rio, ou lavando-o com agoa ardente, sem mais nada. Veja-se tambem o Capitulo 63. das sobremaõs.

## CAPITULO 53

*Da Extensãõ, & Relaxamento dos nervos das maõs.*

**A**lgumas vezes se relaxam os nervos, que vam por detrás da cana da maõ, mostrando dor, ou inchação, & proceda este accidentente mais ordinariamente de alguma carreira violenta, ou cavallarias fortes, mayormente

mente em cavallos novos, nam tendo ainda os nervos, & ligamentos com aquella dureza, & corpulencia necessaria. Logo se lhe deve acudir desta maneira.

*Remedio para os nervos relaxados.*

Lavar-se haõ logo os nervos com agoa ardente morna em muito pouco fogo, porque não exhale a virtude: depois se lhe applicará Balamo primo, que he o mais excellente para esta incomodidade. Aonde não haja este balamo se usará do oleo de tijolo, que dissemos no Capitulo 47. com outro tanto leite de mulher, com que aplacará a dor; & depois lhe applicarã da composiçã da carga, que dissemos no Capitulo 13. pondose quente, que tem grande força para consumir os humores, & fortificar os nervos.

Tambem san bons os banhos quentes de caldo de tripas; & meüdos de carneiro, cozendo com elles de macella, salva, funcho, & ortelãa, de cada hum, huma maõ chea.

CAPITULO 54.

*Da inchação sobre a junta, & nó da maõ.*

**M**uytas vezes incham as maõs, & pés aos cavallos principalmente em cima da junta de baixo das maõs, & pés, & succede ordinariamente depois de haverem trabalhado muito, para o que he necessario fomentar a inchação desta maneira.

*Fomentação para desfinchar as maõs.*

Tomaraõ oleo de nozes, & agoa ardente, partes iguaes, muito batida huma coula com outra, & com isto fomentado a parte de manhã, & tarde, passeandose primeiro o cavallo espaço de huma hora, com que por tempo de oito, ou dez dias estarã desfinchar das.

Se a inchação for tão grande, & rebelde, que não obedeça, se applicará quente a composiçã do Capitulo 13. com bolo Armenio, que a fará desfinchar em breve tempo.

Algumas vezes inchaõ as mãos mais acima da junta, procedida do muito descanso, estando o cavallo na estrebaria comendo sem exercicio. Esta inchação com o passearem, & meterem na agoa fara.

*Outro remedio para desinchar as mãos.*

A decoada de cinza de vides, lavando muito bem a inchação com ella, & applicando sobre a parte as mesmas cinzas, tudo quente, com panos, que sustentem: Este remedio faz desinchar as mãos algumas vezes em vinte, & quatro horas.

## CAPITULO 55.

### *Das Ovas.*

**A**S Ovas he hum achaque muito conhecido de todos, & poucos cavallos deixaõ de as ter, em novos, ou velhos, sendo muito trabalhados. Procedem ordinariamente de os trabalharem em porros, especialmente de lhe darem trabalho no tempo que comem verde.

Manifestase no alto da junta, que está sobre a quartela, como duas avelãs, ou ambolinhas; maiores, ou menores, cheas de hum humor molle, a que os Francezes chamaõ (mulettes.)

Nam sam as Ovas muito difficultosas de gastar, porèm com a continuação do trabalho: tornam logo a vir facilmente.

Curam-se com decoada feita de cinza de vides, lavandõas com ella quente, & applicando as cinzas da mesma sorte sobre ellas, apertandoas com hum pano, desecaõ muito as Ovas, & as pernas inchadas.

*Outro remedio.*

O miolo de pão enfiado em vinho tinto, quente, & posto sobre as Ovas de huma, & outra parte, atando levemente, fara algumas Ovas, em tempo de vinte, & quatro horas.

*Outro remedio.*

Agua ardente com pedra hume, desfeita nelle, lavando as

Ovas à meúdo também as defeca.

*Outro Remedio.*

Todas as vezes que o cavallo vier suado de trabalhar, pondoz lhe sobre as Ovas de huma, & outra parte, humas esponjas enfiadas em agoa ardente, & vinagre, partes iguaes, em breve tempo consume as Ovas.

Se as Ovas forem já antigas, & engrossadas. será necessario desgovernar a mão, ou pé no alto pela parte de dentro, & na quarta, pela parte de fóra. Suposto que o contrario aconselhem alguns Authores Castelhanos, os Italianos porêm o aprovaõ, & tem mostrado a experiencia, que assim obra o desgoverno mais seguro effeito, porque se atalha melhor a circulaçaõ do sangue, & dos humores, & depois do desgoverno se applicará sobre as Ovas este repercurfivo.

*Repercurfivo para consumir as Ovas.*

Tomarám pões de rozas vermelhas, tres outavas, pões de Solo Armenio, quatro onças, goma de trigo, quatro onças, çumo de tanchagem verde, & çumo de marmelo, de cada hum, huma onça, vinagre rozado tres onças, misturaraõ tudo em frio, & se unirá em tal fórma, que se for raro, se lhe ajunte geço, & sendo basto, vinagre rozado; applicandose em fórma de emplasto, continuando alguns dias, até que todo consume as Ovas.

*Outro remedio.*

Sendo as Ovas tam rebeldes, ou endurecidas, que nam obedeaõ aos remedio, se lhe dará o Potencial primeiro do Capitulo 11. applicandoo com a ordem, que nelle se declara.

Alguns Alveitares abrem as Ovas. Porêm não he acerto: porque aquillo he humor, que está dentro de ciste, & paniculo, & he muito attiscado a ficar o cavallo aleijado, como temos visto; & quando o não fique, se o humor he tam delgado, que se evacue pela abertura, também assim he facil de defecar com os medicamentos, sem risco de se abrir, & as que se abrem vemos, que nem por isso deixaõ de tornar a vir com mayor abundancia.

## CAPITULO 56.

*Das Porrilhas.*

**E**sta manqueira, a que chamaõ (Porrilhas) he da mesma sorte, que as Ovas, & dellas he, que ordinariamente se vem a formar, porque endurecendo se por serem mal curadas, ou envelhecidas, se vem a fazer, as que chamaõ Ovas em potradas, & dahi passaõ a se chamarem Porrilhas. Sam da mesma sorte que dissemos das Ovas, sómente tem a differença de serem mais grossas, & endurecidas.

O melhor, & mais prompto remedio, depois de se haver des governado a mão, ou pè do alto, & baixo, como dissemos das Ovas, he applicarlhe logo hum dos Potenciaes do Capitulo 11. & quando não farem, se lhe darà o fogo actual, que he o ultimo remedio, de que eu delejo sempre livrar os cavallos, podendo escusarse, com os remedios menos violentos.

## CAPITULO 57.

*Da Deslocação. & Esfriamento da junta.*

**E**ste accidente de esfriar, ou deslocar a junta succede ordinariamente aos cavallos, pondo alguma mão violentamente em qualquer pedrinha movente, ou metendoa em cova, & torcendoa para alguma parte, se estiram, & violentam os nervos, & musculos, ou ligamentos da junta, de que o cavallo fica muitas vezes estropeado, se lhe nam acodem logo; porque neste caso o remedio mais prompto, he o melhor, antes que o ar estranho, & os humores deçam à parte leza.

E suposto que o cavallo não possa totalmente tirar o osso da junta, & ficar fóra della, ao menos a vem a torcer, ou a puxar mais de seu lugar, do que costuma no seu ordinario movimento natural.

Logo que isto socceder, lavarám a junta, ántes que o ar estranho a penetre, & altere, & cõ agoa ardente, & se lhe applicará quente a composição do Capitulo 13. & sobre ella huma cataplasma, ou estopada, que cubra toda a junta com seu pano por cima. Estará assim vinte, & quatro horas em estrebaria abrigada. Passado este termo, se tornará a lavar com agoa ardente, & porlhe de novo outra carga da mesma composição sobre a velha, & continuando até sarar de todo.

Se o cavallo até vinte, & quatro dias não sarar perfeitamente, será necessario fazerlhe hum banho da maneira seguinte;

*Banho para a deslocação da junta.*

Tomatám raizes de malvas, & malvaisco consolida mayor, tudo pizado grosso, se cozerá em borra de vinho, & como eltiverem meyas cozidas, lhe ajuntarám de flores de macella, gomos de fava, de hyfopo, de alecrim, de ouregaõs do mato, de acinro, de funcho; de loureiro, tudo pizado, fervetá por tempo de duas horas, & se se gastar a borra lhe lançarám mais. Depois de aver fervido este tempo, se tirará do lume, & se apartará da borra, & pizará tudo em hum almofatis, alimpando algumas durezas, ou raizes grossas, que ficassem. Logo lhe misturarám da borra, em que foy cozida, & lhe misturaráo grayxa de ouriço cacheiro, & grayxa humana, & quando as não haja, servirá grayxa de pato, a que parecer necessaria, & se tornará a ferver tudo, até que a humidade da borra se gaste, & fique grosso; & cõ isto quente, depois de se haver lavada ajunta com agoa ardente, se applicará em toda ella com sua estopada, tornandose a reformar da mesma maneira de vinte em vinte, & quatro horas, continuando este remedio até recuperar saúde.

Se o cavallo não sarar com este ultimo remedio emdoze dias, será necessario applicarlhe o unguento dos cachorrinhos, de que fizemos menção no Capitulo 47.

A pele de lebre he boa para atar os medicamentos com a pelle para dentro, ao menos no tempo do inverno, & advirtase que se dê larga folga ao cavallo.

## CAPITULO 58.

*Das humidades, & gretas, que se criaõ nos machinhos, & quartelas, & das mais inchaçoës daquelle lugar.*

**I**Nchaõ, & gretam os machinhos, & quartelas, & fazem humas codeas asperas, abrindo o couro algũas vezes pela parte de detrás, no lugar dos machinhos, atè os candados, diltillando ordinariamente humas agoas acres, & mordazes, que escaldam aquellas partes, & fazem muitas vezes manquejar o cavallo, o que naõ tem perigo, avendo cuidado de se curarem.

Procedem estes males das lamas, & descuido dos criados, recolhendo os cavallos nas estrebarias com os pès, & maõs çujas.

A primeira cousa, que he necessario, rapar o pello, & applicar-lhe huma carga, que he mui commua, & efficaz para gastar, & consumir todas estas humidades, a qual se faz da maneira seguinte.

*Composiçaõ emplastica para dessecar as humidades, & sarar as gretas.*

Tomarãõ malvas, & malvaisco, de cada hũ duas maõs cheas, dezoito cebolas cessens, cortadas meudas, tudo em huma panela com cerveja, ou em falta desta com tizana de cevada, ferverá tudo até se fazer como massa, lançando mais tizana, se se gastar, & depois que tudo estiver cozido, se tirará, & pizará apartando alguns nõs, ou durezas, que fiquem das ervas, & se lhe ajuntará hum arratel de manteiga, outro de graxa branca, & tornará ao fogo, lançandolhe a mesma tizana, em que se cozeo, & ferverá mais algum tempo, mexendo seupre, & como se for incorporando se tirará do fogo, & se lhe ajuntará de trementina, & mel, de cada hum, hum arratel, mexendo tudo, & compondo de sorte, que ficando mui grosso, lhe ajuntem tizana, & se delgado fatinha triga.

Esta composiçaõ tem grande virtude, que conserva dous mezes, & mais. E suposto se crie algum bolor por cima, naõ

deixa



deixa por baixo de estar boa, & fazer a sua obra, & se applicará quente, reiterandose todos os dias, & quando se aquentar só a parte, que se ha de gastar.

Se ha muita humidade se poem fios, estriga por baixo, & a composiçã por cima, & se alimparã muito aquellas partes, lavadas algumas vezes com agoa ardente.

Se ouver ulcera, & calos rebeldes, que não queiraõ sarar logo, se usará do unguento negro, que se faz desta maneira.

*Unguento negro para todos os males rebeldes, ulceras, & corrupções de pès, & mãos.*

Meterãõ em huma panela, hum arratel de mel commum, outro de caparroza em pò, & quente a fogo lento, se mexerã atè q̄ ferva, & tirada do fogo, se deixará fazer morna, depois tornarã ao fogo, cõtinuando isto tres vezes, & como estiver quasi frio, se meterã no unguento huma onça de arcenico em pò, tornando novamente a por a panela no lume, atè que feiva, & tirada se mexerã sempre atè arrefecer.

Advirto que não estejaõ sobre o fumo, que evapora este unguento, quando està quente, porque pòde fazer muito dano aos circunstantes, por ser venenoso.

Para se applicar, se rapará primeiro a parte, esfregandoa com hum rolo de palhas asperas, depois untarã a parte com o dedo levemente, applicando este unguento hum dia, & dous não, & verãõ, que sarará perfeitamente todas as mais resistentes ulceras, humidades, & gretas, que over.

Tambem se deve advertir, q̄ se as mãos, ou pès estiverem mui inchados, se lhe applicarã primeiro os remedios, que dissemos no Capitulo 54. para desincharem, porque depois fará sua obra com efficacia o unguento.

## CAPITULO 59.

*Das Encabrestaduras.*

**C** Hamao Encabrestaduras às chagas, & golpes, que os cavallos muitas vezes fazem nas quartelas, embaraçandose com as cadeas, ou cordas das prizoões, ou sejaõ as dós cabrestos, ou soltas, travoës, & manioras, com que algumas vezes fazem tam grandes golpes, que chegaõ a descobrir ossos, & nervos, sobrevindolhe inflamaçoens, & accidentes, que necessitam bem de remedios.

Outras vezes são tão leves, que seraõ sómente com azeite, vinho, partes iguaes, fervidos, atè que se gaste o vinho, lavada a ferida todos os dias duas vezes.

Sendo os golpes grandes, & avendo inchação, não ha remedio melhor, que sangrar o cavallo na taboa, lavando primeiro a chaga com vinho morno, & logo hirlhe applicando o unguento da composição do Capitulo 13. o qual fará tam bom effeito, que em breve tempo será o cavallo saõ. Solysel no seu livro intitulado le Parfait Marechal, tràs hum caso no Capitulo 128. de hum cavallo, que curou, sem esperança de poder sarar, que encabrestandose, cortou ao redor da quartela todo o couro, & carne ficado só o osso & nervos à vista, & q̄ lhe não applicou desde o principio atè o fim da cura outra cousa mais, que o unguento da composição, que digo, & assim em outras semelhantes se rem experimentado.

## CAPITULO 60.

*Dos Arestins*

**O** S Arestins he huma humidade mordaz, que faz ouriçar o pello, pondoo tezo, como arestas, que por isso se chamáram (Aristins.)

Poemse por toda a quartela, atè a coroa do casco, & sobem

lobem muitas vezes pelos braços, ou pernas até o meyo della.

Procedem de andarem os cavallos por humidades, & lodos, para o que são ainda peyores os das ruas, que os dos caminhos, & tambem se causaõ das ourinas, & immundicias das estrebarias humidas, & çujas.

Conhecemse, vendose o pello raro, & tezo; & muitas vezes com inchaço, & grossuras. Para este mal ser curado, se procederá desta maneira.

*Cura dos Arestins.*

Raparão o pello, & lavada mui bem aquella parte com vinho quente, se lhe applicará em cima, agoa segunda dos ourives, q̄ he hum agoa verde, esfregando a parte com ella todos os dias, & não farando logo, se lhe administrará o seguinte.

*Outro remedio.*

Derreterãr sal armonicado em vinagre forte, & depois de esfregada a parte para aquecer, se esfregará com elle, & quando não fare, se fará este, que se segue.

*Outro remedio.*

Depois de esfregada a parte para aquecer, tomarãr algodão molhado em espirito Vitriolo, & molhada a parte dos Arestins levemente farará, & não farando, se usará segunda vez deste remedio, que em breves dias o fará sarar.

*Outro remedio.*

O unguento verde, de que se faz menção no Capitulo 99. da farna, tem virtude para sarar os Arestins. O mesmo effeito faz para os rebeldes, o unguento negro do Capitulo 58. por mais envehcidos, & ulcerados que sejam. Porém estes dous unguentos, se não applicam avendo fogo, & inchaço inflamada, porque se a parte estiver inchada, se fará o remedio seguinte.

*Remedio para a inchaço dos Arestins.*

Tomarãr em hum panela nova, nove quartilhos de agoa, & lhe meterãr de caparrosa hum arratel, de pedra hume outro, tudo em pó, ferverãr até se gastar amerade, & com esta agoa lavaraõ os Arestins todas as noutes, com que desinchão, & faraõ.

Se os Arestins forem mui humidos, que ha alguns, que lan-

ção muitas agoas, foraõ este remedio.

*Remedio para os Arestins muy humidos.*

Tomaraõ hum arratel de fabam molle, duas onças de sal commum pizado, huma onça de pedrahume queimada, tudo muybem unido, untaraõ com isto os Arestins, & passadas vinte, & quatro horas; lavaaõ toda a parte com a decoada de cinza de vides, tornando a reiterar a mesma cura por tres vezes, tararam em tempo de nove dias. Tambem fara os Arestins a composiçam do Capit. 13. misturando nella a terça parte do enxofre pizado, desfeito co azeite, unido sobre o fogo, & applicado quente.

## CAPITULO 61.

*Da Coça das maõs, & pernas dos cavallos.*

**A**lguns cavallos tem huma Coça nas maõs, & pernas de tal forte, que nem comem, nem aquietam, com o sentido, & cuidado de se coçarem, & roçam muitas vezes o pello, fazendo faltas nelle. He mais ordinaria esta falta nos cavallos velhos, do q̄ nos novos. Comtudo alguns tambem a tem quando estam em descanso, depois de estarem muito trabalhados. Esta incomodidade cessa logo, tanto que se lhe applicar o remedio seguinte.

*Para a Coça das pernas.*

Tomaraõ meya onça de Euforbio em pò, metido em hum quartilho de vinagre forte, se pora no fogo de cinzas quentes espaço de tres horas, & com este remedio mais quente, que mornos se esfregaraõ as pernas do cavallo, avendolhas primeiro estregadas com hum rolo de palhas asperas, para que aqueçam. Este remedio costuma sarar ao menos da segunda vez, & em seguimento disto, he bom sangrar o cavallo na taboia hum par de vezes, observando o modo de dar as sangrias; como dissemos nos Capitulos 2. 3. & 4.

## CAPITULO 62.

*Das Alcançaduras.*

**H**A muitos cavallos, que correndo, ou voltando, se alcanção, dando golpes com as ferraduras dos pés nas mãos, mòrmente os cavallos curtos. Eu vi alguns, que não davaõ carreira, em que se não ferissem, tirando algumas vezes pedaços da coroa do casco. Para esta incomodidade a melhor cura he nesta fôrma.

*Para curar as Alcançaduras.*

Primeiro de tudo, he necessario lavar a ferida, & alimpar toda aquella parte com vinho quente, & fali se ouver algũ pedaço despegado, cortalo, & tomar hum ovo affado duro, partilo pelo meyo, & meterlhe pimenta em pó, & applicalo bem quente sobre a parte bem atado. Se o cavallo não sarar bem pela primeira vez, se tornará a repetir o dia seguinte.

Se o alcance fizer grande cova sobre a coroa do casco, se encherá de pimenta, & se lhe porá em cima hum adstringente de fuljuzem, vinagre, claras de ovos, & bolo armenio.

A composiçãõ da carga do Capitulo 13. tambem fara estas alcançaduras, applicada em fôrma de emplasto com ataduras.

## CAPITULO 63.

*Das Sobre-mãos, ou Formas, & Cravos.*

**A**Sobre-mão, he hum rumor duro, que aparece na quartela, acima da coroa do casco, participando algumas vezes delle, & pela mayor parte he mais por diante, ou pouco às bandas. Os Francezes lhe chamão (Formas,) & a differença, que fazem dos Cravos, he sómente serem mayores, & menores duras, porque os Cravos sãõ mais pequenos, & mais endurecidos, & se formam

mais

mais ordinariamente das bandas, chamandose cravos repassados aquelles, em que a dureza passa a outra parte, & faz manquejar muito, & com dores; o que não tem a sobre-mão, que ordinariamente costuma ter pouca dor quando a apertaõ cõ os dedos; porém muitas vezes faz manquejar, porque comprime os nervos, cordas, & ligamentos, algũas vezes arruina tambem o casco, porque lhe impede a substancia.

Estes achaques procedem mais vezes de trabalharem o cavallo muito na tenra idade, & de lhe darem carreiras violentas, com que os ligamentos brandos, & tenues se relaxam, & fazem aquella contuzão. Outras vezes de tropeçar o cavallo com força, correndo, ou voltando, & tambem de andarem com ferros de soltas, ou maniotas asperas.

As sobre mãos se manifestam de principio, como huma favas porém depois vem a crescer, & a fazerse algũas vezes, como meya laranja.

A cura he bem difficulosa pelos caminhos ordinarios. Os estrangeiros affirmam averem curado muitos nesta fórma.

*Cura para as Sobre mãos.*

Tomarã hum meya bola de pão tamanha, como ametade de huma laranja, & vaziaõda por dentro na fórma de hũa meya laranja sem miolo, lhe meterã dentro huma esponja, pondo isto sobre o tumor com a esponja, & abertura para elle, mui bem seguro que não caia. O mesmo tumor ajuda a sustentar, deixando na meya bola hum buraco para a parte de cima, pelo qual todos os dias se lâçará vinagre forte, para que a esponja o receba, & esteja sempre ensopada, continuando nesta fórma, sem nunca se tirar a meya bola, dentro de vinte, ou trinta dias, sarará a Sobre-mão pela penetração, & repercussão do vinagre, & tambem o aconselhaõ para as sobrecanas, eu o não experimentei, porém será facil, & sem perigo a experiencia.

He bom o fogo Potencial, que vay no Capitulo II. dado com as circumstancias, que nelle se aconselhaõ, como tambem para os cravos, desgovernando o cavallo do alto, & baixo, se o casco não estiver falto de substancia, porque quando o esteja se acabará de

arruinar,

arruinar, por lhe atalharem todos os caminhos da substancia.

Se não sarar com o Potencial dado tres vezes em nove dias, se-  
rá melhor tornalo a repetir, depois de passarem alguns, do que  
darlhe o actual, que suposto a mayor parte dos Aucthores o aconselhaõ,  
tenho visto roins successos com elle, crestandose, & encoz-  
lhendose os nervos, & ligamentos, & quando se lhe haja de dar seja  
mui superficial, & não profundo, por que he alli a pelle delgada, &  
acabará de arruinar o cavallo, nem lhe toquem com o fogo na co-  
rta do casco,

## CAPITULO 64.

## Dos Gavarros.

**O**S Gavarros he hum apostema de humor podre; & cor-  
rupto, procedido de descarga, que a natureza faz da  
quelle venenoso humor.

Muitas vezes procede tambem de pizadura, que re-  
cebeo a parte, arrahindo humores a ella, & corrompen-  
dose. fazem aquella penetraçõ.

Ha tres generos, ou especies de Gavarros, suposto que os Au-  
thores Espanhoes entendem, que só hum; porém pela differença  
do lugar, & variedade da cura se distinguem, porque suposto, que  
todos sejaõ do mesmo humor, & putrefaçõ, são muito difficul-  
tosos de curar, os que estaõ entre o pello, & casco, & pelo contra-  
rio muito facéis de sarar, os que não tocaõ o casco, & estaõ situa-  
dos sómente na quartela; hums, & outros se manifestam com hum  
tumor pequeno; mas com dor grande.

Aquelle Gavarro, que está entre o pello, & casco, a que os  
Francezes chamaõ encornado, porque participa da tapã do casco,  
que elles nomeaõ; corno tem muito mayor sentimento, que ape-  
nas deixa o cavallo tocar com a ponta do casco, & ordinariamen-  
te abre huma greta antes de esperar supuraçõ, porque o humor cru  
& mordaz, faz desunir o casco naquella parte.

O segundo he aquelle, que comprehende o nervo, a que cha-  
maõ

maõ Gavarro nervudo.

O terceiro, & de menos cuidado, he o Gavarro simplex, que he aquelle, que está na quartella, sem abraçar nervo.

A cura destas duas especies, ha de ser encaminhada a fazer sair fóra a cabeça do Gavarro, porque sahida ella, logo a enfermidade se vence com a cura. Chamaõ cabeça de Gavarro a hum pedaço de carne podre, que em saindo fica hum buraco. A cura será desta maneira: Tanto que se perceber o tumor, se fará hum cozimento nesta fórma.

*Cozimento para os GAVARROS.*

Tomarão de cardo morto, & malvas partes iguaes, duas, ou tres cebolas cortadas meullas, huma onça de lixo de pombas, & duas onças de unto sem sal, ou de basalicão; tendo tudo cozido, lhe ajuntarão huma maõ cheia de azedas pizadas, com farinha de linhaça tudo em fórma de emplasto, & se applicará em estopada sobre o tumor muy bem quente, que sendo applicado duas, ou tres vezes, virá logo saindo a cabeça do Gavarro para fóra.

*Outro remedio.*

Tomarõ manteiga fresca, & azeite, partes iguaes, & se porá a ferver em pouca agoa, & se lhe ajuntará a farinha triga penseirada, ferverão até ficar grosso, & se lhe ajuntará na ultima fervura de esterco de galinhas pizado a quarta parte. Tambem fará sahir a cabeça do Gavarro este remedio, que se segue.

*Outro remedio.*

Tomarão quatro cebolas cessens, assadas debaixo de cinzas quentes; se pizarão depois, & lhe ajuntarão outro tanto de esterco de menino em pó, & duas onças de oleo de linhaça, tres onças de manteiga salgada, duas gemas de ovos duras, tudo pizado, & unido sobre o fogo.

Tanto que cair a cabecinha ao Gavarro, lhe meterão no buraco huns fios enrolados com basalicão a primeira vez, para que acabe de supurar, & atrahir o restante, & se ouver podridão, se untarão os fios com *Egyptiaco*, & tanto que a carne estiver limpa, lhe deitarão pòz de carvão pizado, com que sairá logo.



A composição branda do Capiculo, também faz sair a cabeça do Gavarro.

O Gavarro encornado, ou encascado, que está entre o pello, & o casco não lança a cabeça, nem a faz, porque o casco faz que o Gavarro abra por si, sem se suprar, & por isso he mais mordicante a materia enervada, & difficuloso de sarar, & se lhe não acodem com promptidão, solapa, & corrompe muitas vezes todo o casco, & se desara, ficando o cavallo perdido.

He necessario alegrar muito o casco, para que vapore, & faça pouco pezo. O despalmalos logo como muitos aconselham, he causa muitas vezes de se desarar o casco, não o havendo de fazer, se o não despalmassem, por razão de que a dor; que causa o despalmar, chama os humores àquella parte.

A sangria da ponta do casco, que chamaõ (tonre,) he de grande proveito, como a experiencia tem mostrado, suposto que os antigos não tratarão della neste caso.

Se o cavallo estiver bem pensado, primeiro se deve sangrar na taboa algumas vezes.

Neste caso não serve o cauterio Potencial. Porque alguns Alveitares deitarão a perder muitos cavallos, seguindo hum conselho de Francisco de la Reyna, que o devia escrever sem o ter experimentado, que he, meter pela boca do Gavarro huma pedra de solimaõ tamanha, como meya avelã, a qual ainda que fizera a sua obra boa, depois de aver feito, fica dentro; & vay ao fundo do seyo, & caverna, que o Gavarro faz grande, & com a potencia do veneno estranho altera a parte com tanta violencia, que vem a fazer, que a mão sem remedio se perca.

Pelo que he mais seguro o cauterio actual, que estando na mão do official, lhe dá o espaço, que baste para fazer a obra, & o tira logo. Este se deve meter com muita cautela tenteando primeiro com humã vareta de chumbo liza, & sem ponta para saber o comprimento, & largura do seyo, & confôrme a ella meterlhe o cauterio, arrimado sempre mais à carne, do que ao casco, porque entrando por elle cõ o fogo encima no nacimiento, ficará sempre disforme. Depois se irão dirigindo as materias cõ suas mechas de

desistivo ordinario, para que abraõ porta, a que possaõ sair as materias, & escaras do fogo, & se vã mundificando, & cicatrizando a a chaga.

*Outro remedio para o Gavarro encascado.*

Os Authores Inglezes gabaõ muito os pöz de simpatia, & affirmãõ que elles só lançados dentro no Gavarro o curam, & faraõ perfeitamente, por virtude oculta. Eu nunca fiz esta experiencia por não aver occasiam, depois que soube a qualidade, & virtude sua.

He necessario que em todo o tempo da cura do Gavarro, esteja o braço do cavallo da quartella para cima, entolado com huns panos em muitas dobras, molhados em vinagre, & çumo de tançagem, ou de erva moura, & que haja cuidado de os molharem tres, & quatro vezes no dia.

## CAPITULO 65.

*Do Galapago.*

**M**uytos se enganam, & equivocam com os Galapagos, não os sabendo differençar dos Gavarros, sendo cousa muy distincta na qualidade, ainda que suposto faça o Galapago greta na coroa do casco, entre ella, & a tapa, como faz o Gavarro, se differença em que este, faz caverna profunda, & materias ordinariamente fetidas, causando excessivas dores, & com grossuras, & bordas, rudo sinaes, que não ha Galapago, que he na superficie, & sem os outtos symptomas, & com lhe apartarem bem o casco, que abre junto à coroa rapando o pello, & applicando o unguento negro, que dissemos no Capitulo 58. fara em breve tempo, estando em estrebaria enxuta, & andarã sempre com os cascos baixos, & não enchapinados.

## CAPITULO 66.

*Dos cascos enchapinados, ou encastellados.*

**O**S cascos enchapinados são aquelles, que estão muy duros, apanhados, & mais estreitos junto à ferradura, do que na coroa do casco, especialmente do meyo para trás, & algumas vezes com debruns na cinta do casco, procedidos de agoamentos, & muytas vezes aperta, & oprime tanto o sauco, que está dentro do casco, que faz man-quejar o cavallo, & aquella roim formatura, he occasião de se abri-rem Quartos infalivelmente.

Esta incomodidade se acha mais ordinariamente nos cavallos de regalo, do q̄ nos trabalhados, & de menos carnes, porque aquelles comendo muito, & estando allí quietos não são os cascos socorridos com a humidade, substancia necessaria, como aviam de ser movendose os pès, & mãos com continuação, fazendo frequencia no exercicio, abrindo as vias para facilitar a entrada da humidade, que tempera, & augmenta a sua natural composição.

Tambem o mau ferrar occasiona muita parte deste dano, como pelo contrario o bom modo de ferrar o remedea.

Para se dar remedio a este dano, estando o casco já mal formado, & muito empedernido, importaõ pouco os muitos unguentos, que os Alveitares aconselhaõ, porque hũ casco duro, he muito mau de pénétrar, tanto assim he, que escrevem os Chronistas de Alexandre Magno, que o veneno, que Antipatro mandou para o matarem em nenhum vaso de metais, ou vidios o poderã conservar, que o não rompefe, & penetrase, se não dentro de hum casco de cavallo.

Como o que o principal he pertender, que o casco duro, & empedernido vá faindo, & q̄ venha crescendo brando, o que se faz referrandose o cavallo a meudo. Faraõ hũas riscas, com hum renete desde o alto do casco até a ferradura, não taõ profundas, que penetrem toda a grossura da cinta, mais entradas do meyo do

casco para baixo, & menos para cima, porque assim vay alargando, desoprimido do grande aperto da tapa, Seraõ as riscas largas huma da outra tanto, como huma polegada. Faraõ que o cavallo tenha as maõs sempre metidas em huma cova, ou receptaculo, que se lhe faz junto às maõs, chea de esterco de vacas fresco, reformado a meúdo, adelgaçando-o com vinagre, & agoa, porque isto o faz crescer em breve tempo, & ainda que não penetre a dureza empedernida, penetra ao menos os candados, & abranda a palma do casco, & a coroa d'elle, paraque creça, & venha brando, & se vay alargando com esta brandura, & pezo do cavallo.

He necessario que neste tempo coma o cavallo verde, porque lhe dà mais humidade, para poderem abrandar, & crescer melhor os cascos. E não pareça que este esterco lhe possa fazer mal, porque até o seu proprio lhe he conveniente, como veraõ em que os cascos dos pès, saõ sempre melhores, que os das maõs, por estarem ordinariamente cheyos por dentro do esterco do cavallo.

Para tornar a por estes taes cascos na sua boa, & natural forma ( quando se não configa, com o que temos dito ) he ultimo, & melhor remedio o despalmalos, que sendo feito com o methodo conveniente, como temos dito no Capitulo 12. nam tem nenhum prejuizo, nem ha melhor meyo para conseguir o remedio, aproveitando-se de algumas advertencias, que se fazem no Capitulo 67. dos Quartos.

## CAPITULO 67.

### *Dos Quartos, & Raças.*

**Q**uartos saõ hũas aberturas nos cascos, que principiam ordinariamente no alto; junto ao pello, & vem abrindo para baixo, chamaõse Quartos, porque se abrem na quanta patte do casco, humas vezes pela parte de dentro, & outras pela de fõra. Alguns disseõ, que o chamarse Quarto era, porque o cavallo não valia mais que

que hum quarto, do que havia de valer não o tendo.

Sucedem sempre os Quartos nas mãos, porque estas naquelles lados, tem a cinta do casco mais delgada, & mais grossa adiante, o que he pelo contrario nos pés, adonde se achão tambem algumas vezes estas aberturas, porém sem diante, & não nos lados.

He muyto consideravel defeito este nos cavallos, & se acha mais ordinariamente nos de mayor conta, & que tem mais pezo de carnes. Se esta encomodidade nasce da destemperança seca dos cascos, que lhe tem feito perder a boa fórma; he necessario todo o bom methodo da cura, porque se assi n não for, ainda que se curem huns, logo tornão outros, & incapacitaõ o cavallo de todo o serviço; com o andar abrem, & fechaõ, & algumas vezes lançaõ sangue, & causaõ grande dor.

Os Quartos procedem mais communmente dos cascos se retem encastelados, & enchapinados com securas, & como ficam mais estreitos junto à ferradura, & mais largo no alto, junto ao pello com força, & pezo do cavallo abre, & arrebenta em cima; porque o sauco que vay por detrás não cabe no aperto do encastelamento do casco.

E tambem quando ha huns debruns, que hajaõ ficado de algũs agoamentos; causam a mesma incomodidade.

Se o casco sendo bem temperado, & em natural proporçam formado, se lhe abriu hum Quarto por algum incidente, como de hum salto grande sobre pedras, ou outro semelhante caso; este não tem perigo, porque tanto que se cura, & encabeça fica seguro o cavallo.

Os sinais por donde os Quartos se conhecem são os mesmos; que tenho dito. Primeiro que vamos aos remedios mayores, será bom applicar estes, que direy primeyro, que muytas vezes costumaõ bastar.

*Remedio para os Quartos.*

Alimparãõ muy bem abertura, alegrando com o renete, com que não fique dentro alguma cousa çuja, lavandoa com vinho, logo se aquentará oleo de louro, & fervendo se meterá huma sa-

ria finha de dente de alho, alimpa, q̄ caiba, na abertura, & na ponta de hum paõ se molhará no oleo, & assim fervente, se meterá no Quarto.

*Outro remedio.*

Molharám a rama de huma pena em agoa forte dos prateiros, & se meterá por dentro do Quarto; porque se deitar sangue, & tiver dores he bom remedio que o cauteriza, & fortifica, fazendo vir de dentro o casco endurecido; que a abertura de fóra não ha que cançar com remedios, para a fazer soldar, & os que o aconselhaõ, o não obraõ, como dizem.

Quem se quizer hir servindo do cavallo, ainda que tenha Quartos, & mais que vâ sarando, usará desta maneira.

*Outro remedio.*

Mandarám abrir, ou alegrar alguma cousa o Quarto, & dentro, depois de muy bem limpo, deitaraõ pimenta pizada, & com huma vela de sebo estarã pingando em cima atè tapar a abertura; & se for veraõ, que temaõ se derreta o sebo, & caia, se tará huma massa mais dura para applicar derretida em lugar d'elle, feita de cera, sebo, & trementina.

Fariãõ desentaloar muy bem o casco com o puxavante, supõsto que muitos aconselhaõ o contrario, mas a experiencia mostrará o effeito.

Os canellos das ferraduras, se querem curtos, & desapertados das ranilhas: No direito donde está o casco se ha de aparar com o puxavante, mais do casco, do que nas mais partes, com que assentado o casco na ferradura, possa caber grossura de meya pataca entre ella, & o casco, naquelle direito, aonde está o Quarto, & entre o casco, & pello, se irá sempre untando com o unguento, que direi, que suposto os livros aconselhaõ grande quantidade de unturas para os calcos, só neste tenho achado verdadeira efficacia.

*Unguento para os calcos.*

Tomaraõ manteiga fresca, hum arratel, de sebo de bode, outro, ou de carneiro em falta d'elle, derretido primeiro, & apartado das membranas, junto em huma certaã, com quatro onças de cera branca, outras quatro de trementina commua, seis onças de

de azeite, depois de derretido tudo, se tire do fogo, & se lhe ajunte meyo quarrilho de çumo de tanchagem, & torne ao fogo, mais seja brando, & antes esteja mais tempo, sempre será necessario outro, ou dez horas, para que se gaste, & consuma o çumo da tanchagem sem ferver a cacham, porque diminuirá a virtude da tanchagem, & o meyo para isso he tiralo do lume todas as vezes que quizer levantar fervura, tornando logo a por, & assim continuar. Estando feito se tire, & deixe esfriar mexendose sempre; & quando se for começando de coalhar, lhe misturarão huma onça de incenso em pó, mexendo até arrefecer.

Este unguento defaltera o calor estranho, faz crescer o casco com muita brevidade, & o que cresce vem bom, & temperado, o que não fazem os basilicoës, & grayxas, que não são corregidas.

*Outro unguento.*

Mel commum misturado, & unido com manteiga crua, ou com febo de bode, ou carneiro derretido, tambem fazem muito bom effeito, sendo no inverno, & no verãõ cõ unguento rozado tambem serve.

Para hum cavallo ser curado perfeita, & methodicamente, dos Quartos; sendo cavallo que o mereça, he necessario muito tempo, & muita paciencia, & entãõ se faz a cura nesta fórma, que direi.

*Modo de curar os Quartos.*

Primeyramente não se ha de ter o cavallo com muitas carnes, & se comece a cura em Março, sendo possível, porque he assim conveniente, por muitas causas. Meterse o cavallo no verde, comendo delle em quanto durar a cura, & o desferrarão das mãos, aonde tem os Quartos, & lhe farão huns riscos com o renete (como diffemos dos cavallos enchapinhados,) & estarão sobre esterco de vacas, que sempre se irá renovando fresca de sorte, que esteja sempre mole em cova, ou modo de tabuleiro, em que o cavallo tenha sempre as mãos no dito esterco; no qual se lançará outra tanta cevada muito cozida, até que rebente, & pizada com a mesma agoa, em que se cozeo; nesta fórma terá sempre

as mãos, com que não passe o esterco muito acima do pello, a coroa, & casco se untará de tres em tres dias com o unguento de tanchagem, que acima dissemos neste Capitulo, & se irá referrando o cavallo a meúdo com tanto, que lhe não chegue ao sangue, nem o façam doer dos cascos, porque se se lastimar delles, não se podendo ter nas mãos, será então necessario que esteja ferrado.

Depois que assim estiver, tempo de dous mezes, se verá os Quartos se vam abaixando, & os cascos se vam reduzindo a melhor fórma, porque algumas vezes só com isto se vam abrindo em baixo, & alargando os candados, & ranilhas, depois com o bom modo de ferrar, que acima digo se vam aperfeiçoando, & tornando a sua natural fórma, porém se não se alargarem por baixo, nem forem perdendo de todo a dureza, será conveniente despalmar o casco de huma mão, & depois que estiver saã o da outra, tudo na fórma, & com as cautelas que digo no Capitulo 12 do despalmar, & assim como for endurecendo a palma, se ha de ir metendo ainda sobre as cataplasmas, huma fórma de pao leve feita a modo de ametade de hum ovo mayor, ou menor, conforme o tamanho do vazío do casco; posta com a parte ovada para a palma, & com o plaino para o chaõ, muy bem liza, & nedeia, sobre a qual carregando o pezo do cavallo vay abrindo em baixo, que he o que se pertende, para que fique livre de tornarem depois. Quantos, & conseguindo se saúde perfeita, averá sempre cuidado de humedecer os cascos depois, com o remedio do esterco de vacas, pois he tam facil, & em falta tambem he bom o do mesmo cavallo; molhado primeiro, & metido dentro nos cascos, ainda que não sejaõ tão efficaç, como o outro, & a untará de tempo em tempo, ao menos no de muitas calmas, & no de geadas.

A Raça do pè se remedeia sòmente com o cortar do casco, como dissemos, com que não assente no direito da Raça da ferradura, & com isso sahirá logo, & não abrirá mais.

As Raças, que são atravessadas, não são de cuidado, & com se lhe applicar o unguento, que dissemos da tanchagem, vam logo



obedecendo, & se tempera o casco, & preserva de não virem outras,

## CAPITULO 68.

*Das Encravaduras, pregoo da rua, & astilhas, que offendem o casco.*

**H**Uma Encravadura he muy pouca cousa, & não se fazendo caso della, póde passar a grande mal, & deitar a perder hum cavallo. Muytas vezes basta huma gota de azeite quente para a sarar, & outras he necessario muito trabalho, para as remedear; pelo que se não deve desprezar nenhuma encravadura, por pequena que seja.

Para se ver se o cavallo está encravado, quando manqueja, se mandará passear por ladrilho, em o qual se sente mais, que na terra branda, & se levantará a mão saã, & com o martelo se irão batendo as pontas dos cravos, para ver em qual delles mostra o sentimento. Sendo o cavallo ferrado de pouco tempo he mais certo indicio, para se entender, que será encravadura; logo se lhe tire a terradura, advirtindo no fahir dos cravos, se aquelle, em que o cavallo mostra dor; trás alguma estilha-menos, que fique, dentro, ou se vem farpado, ou fez algum Joelho para dentro, ou trás fargue para hir enformado melhor na cura, então se ha de alegar, & manifestar com o canto do puxavante, a parte offendida, & deitarlhe dentro oleo de Maravilha, que adiante neste mesmo Capitulo direi, que sem mais outra cousa fara; pondolhe em cima sebo derretido.

Se não ouver o oleo, remedeese com azeite, em que fervaõ humas folhas de betonica, & lançarlho fervente, advirtindo que não corra para o pello, & coroa do casco, porque a queimará, & sobre elle sebo derretido, tapãdo com elle o buraco, para que não entre outra humidade.

Se ouver indicio de que dentro, aonde o cavallo se doe está alguma farpa, ponta de prego, ou astilha de paõ, he necessario hir descor-

descobrimo com o puxavante, alegrando tudo o que for possível, sem que se chegue ao sangue para tirar o que estiver estranho; que sem sair nunca a cura se poderá vencer, porém se lhe nam poderem chegar, se irá usando do óleo de Maravilha; que dicemos, porque elle a fará sair com a materia em breves dias.

Se começar a fazer materia, se trate logo de apertar a coroa do casco com hum restringivo declara de ovo, vinagre, & fuzagem em estriga, sem mais cousa alguma; & este se reformará duas vezes no dia em quanto ouver materia no casco, dando a esta sempre toda a boa saída por baixo, para que não suba à coroa do casco.

Se o cavallo meteo prego, ou astilla, que penetra muito; & tornou a sair, deixando buraco, he necessario tentalo para ver aonde chega, & se está entupido, que impida a saída da materia. Isto se faz com tenta de chumbo, ou cano de huma pena de galinha muito branda, & sutilmente, que não sirva de mayor dano, & dentro se lhe lançará óleo de Maravilha fervente a primeira vez, & as demais morno, huma vez cada dia, até de todo sarar tapando sempre a boca do buraco com sebo.

Se for muita a materia, se tapará o buraco cõ algodão, & não com sebo, curandose duas vezes no dia, continuando sempre a cataplasma do restringivo na coroa do casco.

He bom dar dous passos ao cavallo, quando se cura com o buraco aberto, para obrigar a sair a materia.

Se não ouver o óleo de Maravilha, será necessario hir cortando da palma ao direito do buraco tudo o que poder ser, sem se chegar ao vivo, porém avendo o óleo, não ha que temer, que elle he penetrante de forte, que chega ao intimo da lezaõ, & fara por si só admiravelmente, & faz muitas vezes sair as astilhas de pau, & pedaços de ferro, que se não imaginavaõ estarem dentro.

Se a cura se dilatar, será indicio de aver astilha, ou cousa estranha dentro, mas sempre sairá, ainda que se retarde, com tudo he bom meter brandamente a pena para a mover, & facilitar a saída.

Algumas vèzes os pregos, ou astilhas offenderãem, & picarãem, o nervo, que vai por dentro, o que se conhece na maior dor, que entãem tem o cavallo, & na retardaçam da cura, em que em lugar de materia sae agoa amarella pela ferida; & o nervo da mão incha, ao que he necessario acudir em vendo estes sinaes, que são bẽ manifestos, com despalar logo a mão, ou pè, na fôrma que ditamos no Capitulo 12. com que ficará manifesta a chaga, para se ir curando como as mais chagas ordinarias.

O ballamo unido, & adelgaçado com oleo de apaticio, tambem pôde servir, em falta do oleo de Maravilha, porém não penetra tanto, nem tem tão efficaz virtude.

A receita do oleo de Maravilha tam celebrado de todos os Authores de varias naçoës, como a sua obra merece, se faz na fôrma seguinte.

*Oleo de Maravilha.*

Tomaraõ oleo de trementina, & de apericaõ, de cada hum quatro onças, oleo de Petroleo duas onças, meterãem tudo em hum valo de vidro, sobre cinzas quentes, & se lhe meterã meya cutava de Orcanette pendurado por hum fio no vaso, aquecerã tudo, tempo de hum quarto de hora, depois se tirará fóra o Orcanette, & guardarãem o oleo para as necessidades.

Se quizerem fazer este oleo em fôrma de unguento, lhe misturarãem cera, porém não he entãem penetrante, mas serve de unguento, para se applicar á fíatica, golpes, pizaduras, obstruçoens, & outros muitos achaques, & sobre tudo tem virtude para as doenças dos cas. os.

Para as encravaduras, & picadas frescas, de que já tratar os, ha muitos remedios para se lhe acudir logo, como trementina, quente com azeite, ou sem elle, o azeite só, o sebo derretido com pimenta, agoa ardente com açucar, azeite fervido com Sabina, ou com Aristoloquia, ou com Agrimonia, ou Serpentina, ou a erva chamada Milefolio, fervida com vinagre, com qualquer destes ingredientes, que acharem mais prompto, se podem servir delle, porque a dilacão de buscar o primeiro remedio, não sirva de maior dãno.

Quando as encravas se fazem em jornadas, não he necessário mais, que deitar dentro o azeite fervente, com huma das ervas ditas, ou sem ellas, se se não acharem, & tapar o buraco com sebo, & em cima pez negro, & ferrar o cavallo para continuar a jornada.

Quando o cavallo manquejar de hum cravo, & se vir que elle não penetra, & está muito por fóra, & sem embargo disso o molestava, se não torne a meter pela mesma parte; se não por outra, porque muitas vezes he a dor por compressão.

Se hum cravo sair com a ponta mais perto, do que he o seu comprimento da haste, não deitando fóra mais que a pontinha, he necessario tornalo a tirar, porque he final, que tem feito Joelho para dentro, & que póde fazer dano, ainda que logo o não mostre.

## CAPITULO 69.

*De quando as materias sobem à coroa do casco, & ameaçaõ o desfaralo.*

**H**A muitas vezes encravaduras desprezadas, & outras enfermidades dos cascos mal curadas, das quaes as materias sobem ao pello, por entre a cinta do casco, & o sauco, com muito perigo de se poder de farar, & despegar o casco todo, assim como já está naquella parte, por onde sobe a materia. Procede isto ordinariamente das materias retidas dentro no casco, sem lhes dar saída para bayxo.

Este mal he mais ordinario nas bestas muires, porque tem os cascos mais delicados.

O remedio he, logo que se perceber, despallar o casco para o desabafar, & abrir ao impulso das materias, apertar a coroa do casco com os restringivos de claras de ovos, fulujem, & vinagre em estriga bem ajustada, & repetida muitas vezes; porém antes de despallar, he necessario a cudir primeiro com alguns remedios bons, porque estes escusam muitas vezes o despallar, alegrando, & desabafando muy bem o casco, & palma, despegando

alguma

alguma cousa della, se for necessario, para dar saída às materias, & continuar com o canto do puxavante, ou renete, até descobrir o mal. Se ouver o oleo de maravilha, de que atrás tratamos, metido quente na parte fara, & penetra tudo, & logo passará ao mesmo pello. E se virem que em duas, ou tres curas não cessão as materias de sobir, faraõ este remedio.

*Remedio para as materias que sobem entre o casco.*

Tomaraõ EGYPCIACO commum duas onças, & pòz das nozes de galhas tres onças, pòz de rozas vermelhas, & muita, de cada hum, huma outava, quatro onças de mel commum, farã cozer tudo a fogo lento, mexendo até que se engrosse, & deste unguento applicaraõ sobre a abertura, que está em cima da cotoa do casco, & o restringitivo, que dissemos por toda a mais coroa, & todo o casco, excepto por baixo, que alli se continuará, como dissemos, que logo aos tres dias, irá pegando o casco como saeco, & nam sahirá mais materia acima.

Muitas vezes, depois de se despalar hum cavallo, quando cuidam, que já vay sarando, responde a meteria acima, procedida das applicações, que fazem para fazer a rova palma. Em tal caso, convem logo acudir acima, com o restringitivo pelo casco, & por cima delle, & somente no lugar aonde sae a materia, se ha de usar do unguento, que dissemos, applicado com estrigas, cu fios em cima delle, com que ao terceiro dia não subirá mais materia, & irá unindo, & sarando.

Com este unguento se atalhia a que não desfare o casco, porq se desfarar, & cahir nunca mais o cavallo prestará para nada, & se o pozerem em cura de novo casco, mais custará a cura, & trabalho, do que ficará valendo depois o cavallo. E suposto que Martim Arredondo, diz, que curou huma mula, & que a mandou saã a seu dono, poderia ser que a mandasse, porque a não quereria por paga da cura.

Não a conselharei que alguem se dispoza a mandar fazer tal cura, nem ao Alveitar que a aceite, salvo se for mais amigo do proveito, que o credito.

Muito se empenha a descreyer esta cura de fazer casco novo,

Carlo.

Carlo Ruini no seu livro, Infirmita del cavallo. Tambem Phelippo Escaco no seu livro de Mescalzia, impresso em Veneza, & outros mais, mas nem com se leguirem as suas curas, & receitas à ríca, se tem obrado nada, com que me não canço a relatalas, tendo da experiencia de todas maõ conceito.

Muitos que não entendem nada de Alveitaria, cuidão, que he o mesmo haver sido hum cavallo despalmado, que desarado, sendo tam diferente, que o despalmado fica curado, & não val menos, & o desarado fica perdido, & não val nada.

## CAPITULO 70.

### *Da manqueira por defeito, ou falta de cascos.*

**H**A duas maneira da falta de cascos, huns por muito molles, & humidos, a que chamaõ (Casqui molli,) outros por muito asperos, & quebradiços, que chamaõ (Casqui vidroso,) estes vidrosos se conhecem estalarem de tezos, & aquelles na brandura de molles.

Para os cavallos, que tem os cascos vidrosos, & estaõ faltos delles; por averem tirado com a ferradura pedaços, ou andarem alguma jornada desferrados, he necessario apartarlhes o casco, & verem se tem alguma pizadura particular dentro, que logo aonde a ha, lhe doe mais, & está mais quente, & tem huma nodoa avermelhada, porque entãõ convem hir com o puxavante atrás della mais dentro, com que se não chegue ao sangue, & lhe applicarãõ o seguinte.

### *Para a pizadura de dentro do casco.*

Derreterãõ pez negro duas partes, & huma de sebo, ou manteiga, & fervente tudo, lhe meteram dentro no casco, advirtindo, que não corra para o pello, que escalde, & a deixarám coalhar primeiro, que abaixe a maõ ao cavallo, & sobre isto, como tambem ao redor de todo o casco, lhe porãõ humas papas nesta forma.

*Papas para o casco pizado.*

Tomaráo dous arrates de unto velho, ou em falta pingo, de-  
reterse ha em huma certãa, ajuntandolhe hum quartilho de vina-  
gre, & meteraõ dentro farelos trigos, com que fique em fôrma de  
papas grossas, & se applicará duas vezes no dia, com sua atadura, &  
em breve tempo será fáo.

A carga da composiçaõ do Capitulo 13. tambem he excellen-  
te, metendose fervente dentro, & morna ao redor, fará farar o ca-  
vallo brevemente.

Estes cavallos de cascos vidrotos, & quebradiços, os fazem  
muitas vezes peyores os ferradores, com lhe meterem os cravos  
muito juntos, saindo as pontas humas iguaes das outras, & com  
isto apanhaõ huma parte do casco, que arrancam com a ferradura.

Outras vezes lhe metem os cravos, com receyos de encrava-  
los, tam baixos, que logo quebram o casco, & se desferram, & ar-  
ruina n os cascos com poucos passos, que andem sem ferradura.  
O unguento de cascos do Capitulo 67. he bom para conterpar,  
& fazer crescer estes taes cascos. Para o defeito dos cascos molles  
he bom remedio este, que direy.

*Remedio para os cascos molles*

Aparatãõ primeiro o casco mui bem, & ajustarlhe a ferradu-  
ra, & logo que estiver medida, & ajustada antes de a pregar faze-  
la vermelha no fogo, & porlha em cima com huma torquesa, ou  
tenãz, deixandoa fazer cama, & logo que arrefecer, pregala, & a-  
pertar entãõ os canellos, & ferrando estes taes cascos assim todas  
as vezes, veraõ que bom effeito achaõ, porque aquelle fogo fortifi-  
fica, & desopila os cascos molles, & faz juntamente melhor assento,  
para assegurar a ferradura.

Em muita parte da Italia os mesmos ferradores, fazem as fer-  
raduras, & não ferreyros, & aos mais dos cavallos ferraõ com esta  
ordem. E sobre tudo he necessario, que em todos os cavallos de  
roins cascos haja cuidado de os ferrarem sempre, depois da Lua  
cheya, & nunca em crescente della, & logo veraõ o effeito.

## CAPITULO 71.

*Da pancada do casco, ou ferradura assentada.*

**A** Junto neste Capitulo a pancada do casco, com a ferradura assentada, porque ambas fazem os mesmos symptomas.

Quando hum cavallo manqueja de hum casco, & se nam tem visto dar pancada nelle, tendose primeiro precebido, que não he enervado, se irá apalpando com a torqueza todo o casco, depois de tirada a ferradura, apertando-o pelos lados, & por diante, & se não bastar para mostrar aonde está o sentimento, irão batendo na palma com hum martello de cravejar, para vir a perceber o lugar da dor, & se não bastar, mandaraõ levantar a mão saã, posta a doente em terra igual, & irá batendo com o martelo, ou pè do puxavante toda ao redor, & no bayxo, & alto, atè se enformar do lugar da dor, porque para donde ella for, a ha de ir buscando por dentro do casco com o puxavante, tirando do casco, ou palma o mais que poder pera desabafar, & vintilar o fogo sem que chegue ao sangue, & se entender que haja materia, a deve descobrir, & sempre neste caso he seguro o fazer logo huma fonte na ponta do casco, de que póde fazer huma sangria das ordinarias, porque sem embargo de que alguns são de opiniaõ, que se não faça neste caso esta sangria, outros a aprovaõ, & a experiencia tem mostrado que he muy efficaz, & descaregada a parte, & a refresca; que he o que se pertende. E se ador for grande (sem embargo de se haver primeiro sangrado o cavallo na taboa, & ao outro dia na fonte,) & continuar, se despegue alguma cousa da palma com o canto do puxavante na parte affecta, & se lançará alli o oleo de Maravilha, que diffemos no Capitulo 68. muy bem quente, & na falta delle o oleo rozado fervido com trementina lavada primeiro em agoa, de tanchagem, ainda que não he tam boa como o oleo. Logo se deve ter cuidado com a coroa do casco, cõ cataplasmas de de-



fenivos, que o melhor, & mais facil he o de claras de ovos batidas com felugem, & vinagre, applicadas em estriga.

Se a pancada fresca, & de pouco tempo, depois de se alegrar o casco, & desabatar o lugat della, se lhe applicarão sómente hũas papas, que tambem faceis por dentro, & ao redor, desta maneira.

*Papas para o casco pizado.*

Tomarão esterco de vacas fresco, & o frigarão com azeite, & assim fervente se meterá dentro no casco, & ao redor, como não cheguem ao pello, que o escalde, repetindo isto hũa vez cada dia, em poucos satará o cavallo, sem vir a fazer materias, nem ser necessario mais trabalho.

O mesmo, que tenho dito se ha de observar na ferradura assentada, a qual se conhece em ver, que a ferradura, quando a tiraõ, está logo liza naquelle lugar, & a palma alli mais alta, & logo se doe na parte, & se vê que he na palma, & não na cinta do casco.

Este defeito de assentar a ferradura, he ordinariamente culpa do ferrador porque, ou deixa a palma mais alta, que a tapa, & cinta do casco, ou não banha a ferradura com bastante vertente para dentro, para que não assente na palma.

Se o cavallo por caminhar por calmas, ou areas quentes, ou correndo muito, se esquentar das palmas, como algũas vezes succede, & com isto se doer do casco, & se vé logo que o tem muito seco, & com grande quentura, se lhe meterá dentro sem tirar a ferradura, & por fóra, do unguento de cascos, que dissemos no Capitulo 67. & ao dia seguinte darlhe banhos de agoa morna, em que se ajam cozido malvas, & tanchagem partes iguaes, usando-os alguns dias, & o unguento depois do banho atè o calor estranho desistir de todo. A carga do Capitulo 13. tambem faz o mesmo efeito.

Cevada cozida atè que arrebente, pizada depois, & posta no casco, tambem serve, & a agoa em que se cozeo para banhar o casco, morna.

## CAPITULO 72.

*Da podridão, ou figos das ranilhas, & formigueiro.*

**M**Uytas vezes padecem as ranilhas varias enfermidades, com que os cascos se não arruinando, por nam haver a limpeza necessaria, & recolherse o cavallo á estrebaria com as ranilhas enfopadas em lamas, de que resultaõ estes danos.

A primeira cousa que se fará, he alimpar, & cortar com o puxavante tudo o que for impuro, sem q̄ se chegue ao sangue abrindo muito bem os candados, & applicar alli o seguinte.

*Adstringivo para as ranilhas.*

Tomaraõ cal viva em pô, & se meterá em vinagre, & depois se coará, & o vinagre coado, se porá a ferver, & com elle affim fervente, se molharão muito bem as ranilhas sem chegar ao pello, & sobre ellas se applicará depois restingivo de claras de ovos, batidas com felugem, & vinagre, continuaram aquelle lavatorio hum dia, & outro não, até sarar, & se enxugar de todo.

Se for rebelde em sarar, lhe applicaraõ o unguento negro do Capitulo 58. que logo consumirá tudo.

Se o cavallo tiver Figo, que he hũa carnosidade exterior, ou alguma carne esponjosa, se lhe cortará com hũa faca de fogo pela raiz, & se lhe applicará em cima azeite fervido com trementina, & cera amarella.

Se depois que cahir a escara, se vir que fica algũa raiz do Figo, ou carne flacida, se lhe lançaõ pöz dobrados que são tantos de Joannes de Vigo, como de pedra hume até se gastar, & sobre elles Egypciaco.

Se as ranilhas se desatarem alguma cousa, despegando a tapa do fauco, se lhe applicuem os remedios, que dissemos no Capitulo 68. das Encravaduras, & seu defensivo a roda do casco.

A fonte da ponta do casco, tambem he remedio mui provado para todas as alteraçoes de ranilhas, & com ella feita, & def-

arrugada a parte, obedecerá mais de pressa aos mais leves reme-  
dios.

Se as ranilhas padecerem alguma incomodidade por ser hum  
andado mais baixo, que outro, se lhe remedeia com se pôr na fer-  
adura canello forte, & justo da parte do candado, q̄ abaixa mais,  
& cortarlhe o outro canello, para que ficando o que está mais le-  
vado em vão, venha abaixando até igualar o outro.

Não he mellaor para os cavallo de roins candados o deixa-  
los entalados, como muitos ferradores imaginam, antes dissipam  
os, & abrillos, porque de se fazer o contrario, se vem a encafte-  
jar, & enchapinar.

O Formigueiro he hum burquinho; que sobe entre o casco,  
& o sauco; procede ordinariamente de não serem referrados os  
casco, & estarem muito envelhecidos, he necessario atalhar o  
Formigueiro, antes que suba muito, & faça manquejar o cavallo.

Tanto que se perceber este achaque, se deve lavar muito bem  
o casco, alimpar o buraco, & lançarlhe dentro humas gotas de a-  
groa forte dos Ourives, & dahi a tres dias deitarlhe dentro oleo de  
Maravilha, de que atrás tratamos, & se não ouver seja oleo de no-  
zes fervente, & continuar alguns dias com elle, que fará logo,  
sem difficuldade alguma.

### CAPITULO 73.

*Como se ha de chamar o calor natural a hum casco, que está  
privado de substancia, por causa de achaques.*

**S**uccede muitas vezes, q̄ os cavallo por averem tido doen-  
ças nos braços ou pernas, averem sido desgovernados, &  
se lhe aver applicado forçosos astringentes, vem a secarlhe  
o casco por falta de alimento, & de não ser fomentado, &  
foccorrido da natureza, & vay perdendo a sua fórma de  
tal sorte; que vem a fazer o cavallo inutil.

Isto se conhece em que algumas vezes o cavallo manqueja, &  
se lhe faz o casco mais pequeno, & apanhado, & batendo nelle  
foa, como cousa concava.

Para acudir a este dâno, he necessario golpear o casco todo de alto abaixo com o renete como dissemos para os enchapinhados; porêm profundando mais juntos os riscos, & abertos mais largos na superficie, do que no fundo, applicarlhe os unguentos dos cascos, que dissemos no Capitulo 67. depois se lhe applicará o seguinte.

*Fomentação para o casco sem substancia.*

Tomarão esterco de ovelhas duas partes, & huma de esterco de galinhas, & se meterá em huma panela com vinagre, & sal, tudo ferverá até se reduzir em papas grossas. Em outra panela ferverão malvas até apodrecerem, & estando bem cozidas, se lhe meterá linhaça em pò, & tornará a ferver hum pouco; depois se tirará do fogo, & se pizará em hum almofariz, & se lhe ajuntará huma outava parte de alhos crus, muy bem pizados, & tudo junto reduzido em modo de massa molle, se encorporará com as papas, que se cozerão na outra panela, & se ajuntará a tudo hum pouco de oleo de lirio.

Depois de se ter muy bem aparado o casco com o puxavante, se lhe applicarão estas papas dentro do casco muyto ferventes, & se renovarão quatro, & cinco vezes no dia, & ao redor do casco applicarão a carga do Capitulo 13. & verão, que em breve tempo chamarão a substancia, & se hira humedecendo o casco, se já de todo não estiver perdido.

E ao braço, ou perna toda, se lhe darão banhos com caldo cabeça, & pès de carneiro cozido com salva, funcho, & linhaça no qual se lançará a terça parte de agoa ardente, depois de se retirado do fogo, & se darão quentes, tudo o que for possizel, sem que se escale.

CAPITULO 74.

*Das mataduras, chagas, & feridas.*

**A**S mataduras, chagas, & feridas dos cavalloos são de muytas maneiras, & trazem algũas consigo grandes consequencias, porque hũas são absolutamente mortaes, outras perigosas. outras tam leves, que lavando-

se só com água fresca paraõ ; outras ainda que pareçaõ péquenas , se tem dor grande , necessitaõ de se lhe acudir , porque sendo desprezadas arruinaõ muitas vezes hum cavallo.

He necessario reparar muito na qualidade das chagas , & feridas, que humas são feitas com espada , outras com bala , & outras por defeitos da sella.

As mataduras, ou chagas, que são feitas na carne sómente, são de menos cuidado , do que as feridas de nervos, ou juntas , & ossos, & tambem as penetrantes pelo corpo do cavallo , porque estas são pela mayor parte mortaes.

Todas as chagas , & feridas dos cavallos, são mais trabalhosas de curar no tempo de calmas, porque as moscas as ajudaõ a corromper , se as não tem muito acauteladas.

Para tratarmos de todas as chagas he necessario , que se haja entendido algumas maximas geraes. A primeira he , que a carne do cavallo , he muy sojeita à corrupçaõ , taõ molle, & flacida, que a minima cousa , que toca, estando alterada, de subito se corrompe ; & sendo assim, se deve penetrar, o menos que poder ser com o ferro hu ma chaga , porque toda a carne por donde corta o ferro , fica alterada, & he força , que depois se desfaça , & alimpe sahindo em materia , com que ao menos se dilata mais a cura.

A segunda he , que se deve tirar toda a malicia , & podridão se ouver, & esta tal se pòde cortar com navalha, conforme o lugar aonde estiver ; porêm sendo em parte , que possa fazer dãno , he melhor gastala com medicinas , que tenhaõ força de corroer.

A terceira he , que nas grandes chagas se deve fazer revulsaõ no principio , para divertir a fluxaõ , a qual se faz com as sangrias sem ter necessario confiar de outras revulsoens menos efficazes como são, esfregaçoens, ventosas, ligaduras, porque as sangrias se fazem com mais segurança, & menos trabalho, & estas temperaõ o calor ; diminuem a quantidade , divertem , & moderam o curso, & impetuidade do humor, & se este he corrupto , & podre, aliviam a natureza para melhor ajudar os medicamentos a que obrem o seu effeito. Com que são as sangrias no principio

de mayor proveito, do que todos os mayores defensivos.

A quarta he, que todos os humores, que se poderem repercutir, ou resolver sem perigo, nunca se devem fazer vir a supuração, & assim se deve tratar sempre dos repercussivos, quem a propriedade de fazer fugir os humores, q̄ correm à parte offendida. Os Medicos repararã em alguma occasião, em que se não devem usar, como assim he em tumor critico, que procede de hũa descarga da natureza, com que alivia o interior à custa de hũa parte menos nobre, ou quando o tumor he nas partes emuntorias, ou se a chaga he feita de materia venenosa, ou que a materia he crassa, adusta, & viscosa, que he quando tem raizes na parte, que nestes casos não se deve repercutir o humor, antes tratar de resolutivos, porque estes podem resolver o humor, nam impedindo a supuração, quando a natureza a queira intentar.

A quinta he, que as chagas pizadas sam mais dilatadas, & difficéis de sarar, porque he necessario que toda a carne pizada apodreça, & saya primeiro em materias antes que sare a chaga, com q̄ ha dilatação na cura.

A sexta he, quando os beiços da chaga estam callosos; duros, & secos, que impedem o poder sarar a chaga, que neste caso he necessario sarjalos, & applicalhe o unguento verde do Capitulo 99. & se o nam ouver pôde servir o Egypciaco para comer aquelles callos, sem o que a chaga não pôde sarar.

Para curar qualquer chaga, he necessario sempre cortalhe o pello dous, ou tres dedos ao redor, & que esteja tudo limpo. As chagas simplex, feitas com a fella, ou outra cousa, que não penetra muito, não he necessario mais, que fazerlhe o seguinte.

*Para as chagas simplex.*

As chagas simplex, & mataduras, que estão na superficie, não he necessario mais, que lavalas a meúdo com vinho tinto morno, & porlhe em cima farelos trigos, & verã a brevidade, com que sarão. Quando as mataduras fazem callo dentro, que chamam unha, se curarã nesta fôrma.

*Para as mataduras com unha.*

Tomarãõ oleo de nozes, & outra tanta agoa de flor muito em batidas, que fique a modo de unguento, & se lhe applicará sobre o callo, & unha, com que fairà em breve tempo.

*Outro remedio.*

O unto velho, ou toucinho fervido, & pizado, com huns cascos de cebola com nua assada, applicandose sobre a unha a faz sair.

Sempre se deve procurar, que a unha faya antes com os emolientes, do que arrancandoa com ferro, & violencias, caindo o tal callo, ou unha se lavarà a chaga com vinho morno, & depois mettendolhe farelos trigos fara brevemente.

Se a chaga for grande, & profunda, que seja necessario mecha, ( como succede ser na cernelha, ou nas coxas, ou em outra qualquer parte ) não se use de outra mecha, se não de toucinho algado, porque estas sem pizarem, fazem purgar as materias, & consolidam a chaga, sem a molestarem; sendo certo que toda a outra casta de mechas, de qualquer sorte, q̄ sejaõ, não podem deixar de aggravar, & dilatar a cura, porque ( como dissemos ) he a carne do cavallo muito molle, & facil de pizar.

As mechas de toucinho se cortam ao comprido, conforme a medida da chaga, & dentro se derretem alguma cousa, porèm para se tornarem a meter, se alimpam, & deixam arrefecer, para se entezarem primeiro; o toucinho seja cru. Quem o não tiver ainda uzado, logo experimentarà o bom effeito destas mechas sendo tão faceis.

Se a chaga for çuja, & a carne sanguinolenta, & que os desfeitos ordinarios não possaõ obrar com efficacia o que he necessario, se deve meter o fogo com ferro vermelho para queimar, & contumir toda a malicia rebelliosa ( com tanto que se nam toque com o fogo no couro, porque não se tocando nam apparecerà depois final donde foy a chaga: ) & posto o fogo se applicará por cima da parte, hum defensivo de bolo Armenio, vinagre, & clara de ovo, depois fairà a escara ficando a chaga limpa, & facil de faltar, obrando mais o fogo em hum instante, que os mayores unguentos repetidos.

Devese

Devese advirtir, que os mundificativos ordinarios, que servem para os homens, se não devem meter em uso nos cavallos, porque não obrão nada, nem tem a força, & vigor, que he necessario para elles, os quaes são compostos de mel, trementina, fatinha de favas, cevada branca, çumo de tanchagem, raiz de licio, & outros, nem os unguentos Aureum, o emplasto de Betonica, & de Gra-cia Dei, & outros semelhantes. E conto com as chagas dos cavallos se não deve diffinular, & pôr em dilacões as curas, porque lhes não dem lugar a corrupção, convem usar dos remedios, que lhe sejam mais proprios, & efficazes.

O Egypciaco, não ha que duvidar, que he bom mundificativo para o uso dos cavallos, & quem o quizer fazer em sua casa com a força, & ingredientes, que são necessarios, para a obra das chagas dos cavallos, he muito facil, & se faz desta maneira.

*Como se faz o Egypciaco para os cavallos.*

Tomarão mel commum, quatro onças, que se milturará com meyo quartilho de vinagre, ferverá a fogo lento, & como começar a engrossar, lhe ajuntarão duas onças de verdete, & ferverá tudo de vagar, mexendose, até que se faça a modo de unguento; & se guardará em hum vaso para as necessidades.

O unguento verde, que se receita no Capitulo 99. ainda tem mais força, que o Egypciaco; para que hum, & outro unguento digitão, & mundifiquem com mais efficacia, se ha na parte putrefação, he bom lavar muito primeiro os unguentos em agua ardente, & depois applicalos, porque assim preservaõ muito de gangrenas.

Muitas vezes he necessario untar as mechas de toucinho do Egypciaco, ou unguento verde, para digitir, & mundificar a podridão, se a ha na chaga, & ainda que a mecha, quando depois a tiraõ sahe verde, não he do humor da chaga, se não do verdete do Egypciaco, com que não ha nisso engano.

Ha algumas chagas envelhecidas, nas quaes a carne não póde tomar, nem quer vir a cobrir a chaga, & particularmente succede isto sobre ossos, & nas chagas dos pés, & mãos, para o que, he necessario servir do aloe, & da sarcocola, que se podem applicar

em



em pó, ou misturados com trementina, ou mel rozado, ou com algum unguêto familiar, & apropriado para isso. Porém não tenho achado cousa melhor, para curar carne em breve tempo sobre os ossos, ou em qualquer outra parte, que os pões seguintes.

*Pões para fazer crescer a carne,*

Tomarão sangue de dragão, bolo armenio fino, de cada hum meya onça, almecega, & sarcocola, de cada hum tres outavas, aloes; aristoloquia redonda, & raiz de lirios, de cada huma outava, & meya, farão pões de tudo, metendo delles sobre a chaga, ou misturados em xarope de roza, ou trementina lavada, ou çumo de alintro; estes farão curar carne aonde não ouvesse já esperança de que crecesse.

As chagas depois de limpas, dirigidas, & mundificadas, se devem sómente secar com os pões, que adiante diremos, tendo sempre o pello ao redor cortado, como temos dito. Porém, como nos cavallos, que são necessários para o serviço, convem toda a brevidade nas curas, direi hum unguento admiravel, que faz mais effeito em hum dia, que os outros em muitos.

*Unguento para sarar, & secar as chagas, & mataduras.*

Tomarão folhas de aristoloquia comprida, veronica; & salva, de cada hum, huma maõ chea, & outra de fanicola, raizes secas de malvaileco, cortado tudo meúdo, se meterão em hum tacho, com hum quartilho de nata, cozido tudo em hum quarto de hora, lhe ajuntarão de consolida mayor huma onça, feiverà tudo até que não fique da nata, se não a manteiga; depois coará a manteiga, por hum pano raro, ou sedaço em hum vaso, & nas ervas, & raizes, que ficarem no tacho, se meterá huma quarta de toucinho gordo, pizado primeiro; isto fervido mui bem, & cozido por tempo de meya hora, que o toucinho esteja derretido, na ultima fervura lhe lançarão duas onças de azeite commun, depois se coará tudo no vaso, que tem a manteiga, & se tornará a pizar o toucinho, que ficar por derreter, & as ervas para se espremer tudo, & coar, com que não fique sumo, nem grayxa. Estando tudo assim quente lhe misturarão huma onça de pez naval derretido; & hũa onça, & meya de pedra hume em pó  
le

se mexerá tudo até que artefeça, & se guardará para as necessida-  
des.

Para se usar deste unguento, se ha de aquentar a parte delle  
que se ouver de applicar na chaga, & molhar nelle hans fios, &  
applicalos mornos sobre a chaga, & logo se verá, como em br-  
ves dias faz grande effeito.

He necessario além da applicação do unguento considerar, se  
a chagatem alguma cousa de estranho, que se deve tirar, & se ti-  
ver callo, ou unha, se ha de apodrecer para que saya, ou porlhe o  
fogo, & depois de sair o callo, se lhe applicará o unguento.

*Pós para secar as chagas.*

Tomarã cal virgem, & a meterã n em agoa ardente, que  
baste para desfazer a cal, & isto se amassarã com mel commum, &  
se fará, como hum bolo, o qual meterã a secar no forno, depois  
que o pão se tirar, fazendo esta diligencia mais vezes, até que o  
bolo fique biscoitado, de que se faraõ pós, que tem efficaz virtu-  
de para dessecar as chagas.

O carvão pizado, as cinzas peneiradas, a salva em pò, tam-  
bem servem para dessecar as chagas.

Se a chaga tiver alguma parte, aonde se não possa alcançar cõ  
a vista, & que seja necessario mundificala, & alimpala, não sendo  
capaz de se lhe pôr o fogo, por ser parte de nervos, ou ossos, em  
as quaes não devem applicar fogo, será necessario mundificala com  
a agoa seguinte, metendoa com mechas, ou siringa.

*Agoa para alimpar as chagas.*

Meterã em quatro quartilhos de agoa dous punhados de  
cal viva, & a deixaraõ estar seis horas, & depois vaziaa a agoa,  
meterã huma outava de solimaõ em pó, ou mais, se quizerem  
mais forte, em cada arratel desta agoa, lavaraõ a chaga algumas  
vezes com ella, & se for achaga muito podre, & çuja, lhe porã  
hum pano molhado, com que alimparã muito, & tambem o un-  
guento verde do Capitulo 99. farà bom effeito, logo continuar  
com o unguento, que acima temos dito, com que me parece que  
tenho advirtido tuco o necessario para todas as chagas ordinarias,  
em que não averã duvida em conseguir a cura dellas.

As chagas donde sae grande fluxo de sangue, que se não pode extinguir sem muito trabalho, por razão de alguma vea, que está cortada, se a vea se vê, & se poder atar, he mais breve, & seguro remedio; porèm nam sendo possível, se lhe applica á incenso, & aloes em pòz, tanto de hum, como de outro, que se mistura com clara de ovo, que fique em fôrma de mel, & se lhe ajuntarem pellos de lebre cortados meùdos. Se este remedio nam bastar, faça se o seguinte.

*Para estancar o fluxo de sangue das chagas.*

Tomatão sangue de Dragão, & sangue humano seco, & vitriolo, tudo feito em pòz, metidos sutilmente, donde sae o fluxo todos, ou alguns destes pòz cessará sem duvida; & se o lugar da parte o permitir, tambem huma ligadura apertada ajudará muito. Se o sangue parar, não he necessario tratar da cura da chaga em tres dias, para que haja lugar de consolidar a vea.

Os simplex, que obstringem o sangue, sam raizes de ortigas, cascas de romãs, & de pinhas, folhas de tanchagem, de ortigas, & salva, porcas de carvalho queimadas, & pagadas, com vinagre, farinha de favas, felugem, pedrahume, esponja seca feita em pò, & outros muitos simplex. Porèm ponho estes para que na necessidade se valhaõ, do que acharem mais depressa; se bem em necessidade mui urgente, & fluxo impetuoso, não ha cousa melhor, nem mais prompta, que fogo, se o lugar o permitir, ou Potencial, como he o Afenico só, ou o solimaõ, que fazem hum callo logo; porèm he necessario, q̄ haja cuidado ao cahir a tal escara, que não abra outro fluxo, & assim por entam se não ha de irritar a parte com remedios acres, & violentos de todos os simplex, ou parte delles, he facil cousa compor os remedios para atalhar o sangue de huma chaga.



## CAPITULO 75.

*Das pizaduras, tumores da cernelha, ou cruz.*

**O** Scavallos se pizaõ, ou fazem tumores no alto da cernelha sobre a uniam das päs, & algüas vezes mais atrás ou adiante, procedidos ordinariamente das fellas serem muito largas dos vasos de diante, & assentarem na cernelha, outras vezes de serem tão apertados, q̄ os sudouros a comprimem, & pizam de sorte, que vem a fazer tumores, & mataduras trabalhosas, de que succedem morrer muitos cavallos, por estar aquella parte acima do coração, que com qualquer malignidade de humor, q̄ penetra baixo se offende, & tambem porque está participante da conglutinação, que fazem as päs em cima, & movimento continuo dellas. Logo que o cavallo tiver tumor, ou inchação na cernelha, se lhe applicará hum adstringente desta maneira.

*Adstringente para o tumor.*

Tomarã tres, ou quatro claras de ovos batidas muito bem, lhe lançaõ huns pös pedrahume, mexido tudo atè se fazer huma escuma muy grossa, & isto se applicará em toda a inchaçam, cõ cataplasmas de estopas por cima, que com isto parará logo a inchação; tornar-se-ha a applicar do mesmo modo passadas seis horas, q̄ por mais que a cernelha esteja pizada, sempre se ha de começar pelo adstringente, que dizemos, porque muitas vezes escusa tudo o mais. Porém se na parte ouver já pulsaçam, & indicio de materia com principio de supuração, se ha de ajudar a que venha a madurar, & abrir, para o que direi os melhores, & mais faccis remedios.

*Maturativo para fazer supurar o tumor.*

Hum remedio muy efficaç, ainda que grosseiro, & mal cheiroto para fazer supurar em vinte, & quatro horas este tumor, he o esterco de homem fresco, sem mais outra cousa, & já se tem applicado a homens bem asseados, que só com elle tiveram o successo, que pertendiam. Tambem he bom emplasto para supurar

estes

estes tumores o seguinte.

*Outro emplasto para supurar, & aliviar a dor.*

Tomaraõ cominhos em pò, farinha de linhaça, tanto de humma, como de outra, ferverá tudo em leite de vaca, & lhe ajuntará esterco de pombas em pó o que parecer necessario; este se applicará em humas cataplasmas, que logo fará amadurecer, & supurar, aliviando a dor juntamente.

Tanto que o tacto da materia se conhecer, que nam tem por cima mais, que o couro, não he necessario esperar mais dilacão, porque pôde fazer alguma corrupcãõ, & penetrar para dentro, & assim se deve logo abrir; & com fogo he mais seguro. Se o tumor for grande, será bom fazer hum buraco em cima, & outro em baixo, & meter de hum ao outro, hum sedenho para evacuar bem todas as materias, sem que fique receyo de que possa ficar naquella parte algum formento, que venha a fazer mayor dãno, & se não for tão grande o tumor, bastará hum buraco na parte mais baixa, ou em cada hum dos lados, conforme a situaçãõ do tumor, & então se lhe pôdem meter nos buracos as mechas de toucir ho salgado, como diffemos no Capitulo 74 fazendo-as de todo o comprimento, que for necessario, & em quanto o tumor for lançando-se ha sempre de ter todo muy bem untado com basilicam, ou unto.

Se ouver muita podridaõ, he necessario meter as mechas untadas de Eypciaco, & avendo cavernas, a que não cheguem as mechas, siringarãõ com a agoa de arcabuzadas; que adiante diremos até sararem, & será mais facil esta cura, do que romper muita carne com navalha para descobrir o fundo das chagas. Se continuando esta cura (como temos dito,) dez, ou doze dias, a chaga não for sarando, & a inchaçãõ não estiver gastada, será conveniente não deixar fechar os buracos, & renovalos com lhes tornar a meter o fogo, & continuar as mechas até sarar de todo.

Em caso que a materia se engrosse, & não se alimpe com os sringatorios, será forçoso o abrir com golpe, & manifestar o apoplema para ser curado, como chaga, & algumas vezes he necessario mais que hum golpe.

Tambem succede algumas vezes destas curas, se sam dilata-  
das, fazerlhe callos, ou unhas nellas, as quaes se devem queimar, &  
penetrar cõ hum botaõ de fogo, & tambem a carne podre, & fi-  
cida se a ouver na chaga, se pôde queimar, com ferro plaino (co-  
mo já dissemos,) tratando das chagas.

He necessario g.ãde cautela no modo de ter prezõ hum ca-  
vallo, que tem estas chagas, que com as materias, ( & ainda mais  
quando vão já sarando ) fazem toda a diligencia por se coçarem,  
& buscam para isso mil industrias, com que coçando a chaga a tor-  
nam a pizar, & apodrecer de novo, não podendo já mais cobrar  
saúde, com que sendo possivel até pelo cabo devem estar prezos,  
& com duas cadeas no cabresto para as bandas, & dous paos do  
cabresto para a cilha, que ainda que se nam deite; não importa,  
porque deitandose se esfregam, & deitam a perder a cura.

Como as chagas estiverem limpas, & mundificadas, se seca-  
raõ com pôs, que as não deixem criar carne esponjosa, & as vam  
preservando limpas até serem saãs, para o que sam bons os pôs do  
Capitulo 74.

Sapõito que atrás fallando das chagas simplex, tenho recei-  
tado hum unguento perfeito para as sarar, que não he necessario  
outro, com tudo, porque algumas vezes faltam ingredientes para  
huns, & os ha para outros, direy outro unguento muito experi-  
mentado para curar todas as chagas.

*Unguento para as chagas, & mataduras.*

Meteraõ em hu-na panela grayxa de porco, & azeite de cada  
hum, hum arratel, & se porá ao fogo, com duas maõs cheas de  
raizes de Lapazas, que he, Lapatum acutũ, & fervendo por tem-  
po de meya hora, se mexerá por vezes, ao depois lhe acrecenta-  
rãõ duas maõs cheyas de erva de carpiteiro, que he, mille folium,  
cortada meüda, se deixará ferver mais meya hora, & mais; coada  
depois esta calda por hum pano se espremerá, & as raizes  
se lançaraõ fõra, & ao coado, se lhe ajuntará hum arra-  
tel de trementina commua, & sem tornar a fogo, começando de  
engrossar lhe deitaraõ de verdete em pó huma onça, & de cal vi-

va, huma mão chea, tudo mexido até arrefecer.

Este unguento fica como balfamo, lavando primeiro a chaga com vinho, se applica quente, pelo que se aquece só o que for necessário, & com huma pena se cobre a chaga mui bem com elle, sem ser em muita grossura, com que achaga se não veja, & assim se deixe estar ao ar, & sem outra cousa por cima, & sempre cõ advertencia de que se não roce, nem esfregue o cavallo.

## CAPITULO 76.

*Das chagas dos rins, & feridas penetrantes do corpo do cavallo.*

**J**A que temos tratado dos tumores, & chagas, as devemos hir continuando por todo o corpo do cavallo, entãõ tornaremos ao nosso methodo, que he hir continuando todos os achaques desde a cabeça até as ferraduras dos pès.

As pizaduras, ou chagas sobre os rins se devem tratar cõ tanta precauçam, como as das cernelhas, de que já falamos, porque sobre os rins tem quasi o mesmo perigo.

Tanto que se perceber inchação, he necessario tomar esterco de cavallo, & lança-lo em huma caldeira, & nella dar-lhe huma fervura com vinagre, que fique em modo de papas bem grossas, & applicar-lho em cima, & se a inchação for dorida, & levantar pol-mão alto, & não alastrado, lhe porám claras de ovos batidas com pedra hume, como acima dissemos.

Para os rins, & cernelha, he bom remedio, & facil, ( se não se poder atalhar, a que a inchação venha a supração ) seguir o que dissemos acima no supurar, & abrir, & continuar achaga até sarar; & se naquella parte fizerem as materias seyos, & cavernas, he necessario siringalas, por não fazerem allí grandes aberturas. O que se fará com agoa da que chamaõ, agoas vulnerarias, de arcabuzadas; porque foraõ inventadas, & preparadas para as chagas, penetrantes das balas de arcabuzes, & mais armas de fogo.

Para se curarem as chagas fundas, & feridas penetrantes, como são as balas, ou estocadas, he necessario primeiro tentealas cõ muito sentido, & mandar pôr o cavallo assim, & da maneira, que estava quando recebeu a ferida, & como a estas penetrantes se lhe não pôde chegar muitas vezes com as mechas até o fundo, nem com unguentos, & pôs, se inventarão as agoas chamadas de arcabuzadas, para se siringarem com ellas muitas vezes no dia, applicando della tambem hum pano molhado na ferida (se poder ser,) & fa se ha beber meyo quartilho ao cavallo cada dia, & assim farão as chagas por mais fundas, que sejaõ, se não offenderão membro principal, por donde sejaõ mortaes de necessidade.

Se o cavallo tiver febre, se lhe não deve dar a beber da tal agoa, porque estas vulneraes são compostas de simplex, quasi todos quentes, que servirão de mayores alteraçoes; porém aos cavallos feridos poucas vezes lhe sobrem febres, como nos homens he muy ordinaria. A agoa vulneraria se faz desta maneira.

*Agoa vulneraria para feridas penetrantes.*

Tomarão huma panella vidrada, na qual meterão outo quartilhos de vinho branco, huma onça, & meya de aristoloquia redonda, raspada, depois porão a panela sobre fogo moderado, ferverá até que se gaste ametade do vinho, & antes de o tirar do lume, lhe lançarão duas onças de açucar fino em pô, que estando tudo derretido, se tirará fóra, & se coará por hum pano, & desta agoa se siringarão as feridas, & se dará ao cavallo a beber todas as manhãs meyo quartilho. Tambem se fazem outras muitas agoas vulnerarias para o mesmo effeito, que os Boticarios sabem compor, & as pôde fazer qualquer pessoa, sabendo os simplex de que são compostas, das quaes as principaes são; acyclamem, a sabina, a verbena, as consolidas mayor, & menor, a serpentina, & a azedoria, a galanga, avinça, provinça, centauria, betonica, aristoloquia, cerejas secas, carne humana em pô, terra sigillata, bolo Armenio; de tudo isto, ou parte d'elles simplex, se pôde compor a agoa vulneraria, cozendo, & pizando  
deste.



destes ingredientes, para tirar delles a virtude, que por escusar mais receitas de composições, de que os livros tratam tanto, ponho antes o simplex, de que todas se compoem, usando-se da agoa na fórma, que acima tenho dito.

## CAPITULO 77.

*Das chagas, & feridas venenosas, feitas por animaes raiuosos; & danados, & para preservar da raiva, assim aos homens, como aos cavallos, & mais irracionaes.*

**C**OMO as feridas, & mordeduras de animaes raiuosos, são na opiniao de todos quasi incuraveis, darei aqui hum remedio excellente, que he hum, *non plus ultra*, para ellas; porque assim nos homés, como nos animaes tem mostrado a experiencia ser efficacissimo, o qual adava encuberto em França há muitos annos, em huma familia illustre, que tinha gloria de curar sem interesse, a todos os que hiao desesperados da vida, buscar aquelle refugio. Depois se descubrio por hum Padre da Companhia, Religioso de vida exemplar, da mesma Familia, que estando enfermo fez escrupulo de não declarar este preciosissimo Antidoto, necessario tanto às vidas dos homens sendo tão facil a composião; o qual deu a receita, & instruçam; delle ao Author, dequem eu fielmente a tirey, & experimentei por varias vezes, & diz mais, que ainda que se haja tido huma, ou duas cezoés da raiva, valendose do remedio saravaõ logo: Diz assim a receita.

*Receita para preservar da raiva a todo o animal vivente, ferido, ou tocado della.*

Se alguma pessoa, ou animal for mordido de outro animal, ou pessoa raiuosa, que tenha ferida, ou chaga aberta, primeiro de tudo, se ha de alimpar mui bem a chaga, rapando muito com alguma ferramenta, ou faca, sem cortar cousa alguma, & se ouver alguma parte rasgada, que seja necessario unir-se, se lavarã primeiro muito bem com agoa, & vinho morno, misturandolhe sal, quanto se possa tomar com tres dedos.

Depois de lavada; & limpa a chaga, tomareis raizes de rozeira brava as mais tenras, & de escorcioneira, de cada hum huma maõ chea; & as cortareis, & pizareis, logo lhe ajuntareis arruda, salva, & margaritas bravas, que crecem nos campos, de cada huma meya maõ chea das ervas, & das flores, porèm das margaritas se tome dobrado, duas cabeças de alhos limpas, huma garfada de sal, de tudo isto mui bem pizado, & unido meteréis sobre a ferida em modo de cataplasma, & se a chaga for funda aveis de tirar o çumo, & substancia de tudo isto, & deitalo dentro na ferida atando até o dia seguinte.

Sobre isto logo no mesmo dia que applicares as mezinhas, tomareis de toda ella o tamanho de huma nõs, & o lançareis no almofariz, & deitareis em cima meyo quattilho de vinho branco, misturandoo com a maõ do almofariz, & pizado de novo, o coareis por hum pano, & dareis a beber o coado ao enfermo em jejũ, que depois lavarà a boca cõ vinho, & agoa, para lhe tirar o roim gosto desta bebida, aqual he necessaria, para que a peçonha nam cometa o coração, ou para a lâçar fóra se já estiver apoderada das partes interiores, & não se ha de comer, nem beber tres horas depois de bebida.

Não he necessario tapar, nem lavar a chaga nos mais dias, como se fez no primeiro; porèm ha de applicarse o remedio acima, de vinte em vinte, & quatro horas, por tempo de nove dias, tomando em todos elles a mesma bebida em jejũ, sem haver descuido pelo perigo, que ha até passarem os nove dias.

Se nos ditos nove dias as chagas, ou feridas não estiverẽ saãs; (como não costumaõ estar, se são grandes,) se curaõ depois como chagas simplex, & passados os nove dias, se podem chegar ao enfermo seguramente, o que se não deve fazer antes delles, particularmente sendo mordido alguns dias antes da cura.

Quando o cavallo, ou outro animal for mordido de outro animal raivoso, se ha de usar da mesma maneira, que temos dito ao cavallo, lançandolhe a bebida por hum corno, & ao caõ dandolha em leite, em lugar de vinho, que assim a tomaõ bellamente.

Todos estes ingredientes são muy cômuns, & faceis de achar, porém ainda que falte algum, nem por isso deixa o remedio de obrar. Este mesmo uso de mezinkas, fazem o mesmo effeito para todas as mordeduras de bichos venenosos, para preservar da peste, & ares corruptos, com que toda a triaga nam tem valor, aonde está este remedio, como a experiencia mostrará; & toda a pessoa curiosa pôde ter na sua orta todas estas ervas, com toda a facilidade, para acudir cõ este remedio a semelhantes necessidades. Esta he a receita, & regimento, que deu o Padre da Companhia.

## CAPITULO 78.

*Da Polmoeira, ou falta da respiração, que chamão dar aos foles.*

**E**ste achaque he dos peyores, que padecem os cavallos & sendo velho; & radicado no boste donde procede, tem grande difficuldade o sarar.

Procede de varias cousas, como são, as repetidas carreiras violentas em tempos de calmas, o beberem agoa fria, vindo esquentados, apertarem com elles por subidas acima, quando vão muy cançados, sem os deixarem desafogar, & respirar, & por outras cousas mais, assim antecedentes como permitirias, com que os boses recebem alteração, & algúas vezes chaga. Esta enfermidade he ordinariamente acompanhada de tosse, mas não he sempre.

Conhecese em ver, que o cavallo arqueija muito com as vrilhas, recolhendoas, & alargandoas com excesso, abrindo muito as ventras, & difficultando a respiração natural, & com mais impeto subindo alguma ladeira, ou trabalhando muito.

Se esta ancia de respiração for antiga, & tam grande que atè sobre os rins arqueija o cavallo, acompanhada de tosse, & com ella lança algumas fleumas pela boca, & ventas, com sangue algumas vezes, pouca esperança poderá haver de saúde, & melhor he não cançar com curas, mayormente sendo o cavallo velho, que por menos destes sinaes; se hirá consumindo, & de mal em peyor.

Este mal se alivia, comendo o cavallo verde, porém he hum engano grande, porque depois tornando ao seco, se requinta o mal.

Para se tratar da cura desta enfermidade, he necessario, que o cavallo esteja em estabaria abrigada, & que coma a reção de cevada branca cozida, ( & não de outro grão, ) & beba sempre agoa quente com farinha de cevada, & algúas colheres de mel desfeito nella, & logo se lhe dará a bebida seguinte.

*Bebida para o cavallo que tem Polmoeira.*

Tomarão matroyos, hyfopo, chicoria, sylvestre, de cada hum tres punhados, farão ferver em huma caldeira de agoa, & fervida bem, lhe ajuntarão huma quarta de regalice, & tirada do fogo se coará, no coado meteram hum arratel de mel, logo se derreterá outro arratel de enxofre, & derretido se lançará na bebida, o qual se tornará a tirar, & aderteter, lançandose por seis vezes, & na ultima se deitará o enxofre fóra: depois estando o cavallo enfreado primeiro pela manhã duas horas, se lhe dará pelo corno a terça parte desta beberagem, & se passará meya hora, logo lhe darão outra tanta, & passará outro tanto, & terceyra vez a ultima, & tornará a passar.

Isto se continuará quinze dias, que se o mal estiver em estado de poder sarar, logo cobrará o cavallo melhora, & saúde, porém este remedio obra melhor no principio do veram. Se o cavallo não sarar, se lhe darão huns pòz na cevada, que se fazem desta maneira.

*Pòz para a Polmoeira, & tosse velha.*

Tomarão baba de louro, mirride, genciana, aristoloquia redonda, de cada huma outo onças, agarico tres onças, açafam pizado duas outavas, he necessario que se pize cada cousa sobre si, & fazer pò muito sutil, que depois se peneirá: & destes pòz se dará hum colher pequena ao cavallo, na reção ordinaria; para o que se ha de molhar a cevada, se não for cozida ( como dissemos, ) para que peguem os pòz; estará o cavallo huma hora enfreado antes que coma a reção com os pòz, & outra depois, & se derem os pòz em hum quartilho de vinho branco, ainda se dá

melhor, continuando-os até acabarem, & bem se podem h'r servindo do cavallo com moderação, sem que o suem.

Os pòz farám bom effeito, se o cavallo não tiver dentro no corpo taes chagas, ou impurezas, que impidam a sua operação.

Como as purgas causáo grande ancia, & fadiga aos cavallos; he necessario abster dellas o mais que poderein, & neste mal ainda os affigem mais; mas com tudo, se se entenderem estaõ repletos de humores, & difficeis nas evacuações, se lhe dará este remedio, que he facil, & sem perigo.

*Beberagem purgativa para a Polmoeira.*

Estará o cavallo sem beber dous dias, depois lhe offerecerám hum vaso de agoa, & tanto que tomar o primeiro bocádo, lho titarám, & lhe lançarám na agoa dous arrates de azeite, & com elle lhe deixaráo beber a demais, que este azeite sem' alterar, lhe fará relaxar o ventre, & intestinos, & humedecer as vias, que a Polmoeira tem fecas; & depois se lhe quizerem continuar outros pòz não avendo melhorado com os primeiros, uzaráo do seguinte.

*Outros pòz para a Polmoeira.*

Tomarám de regalice quatro onças, Eleboro branco huma onça; folhas de fabina, hyfopo, & vetonica, de cada huma duas mãos cheas, semente de coentros, & cominhos, de cada hum duas onças, de enxofre em pò, duas onças, myrra boa huma onça, & meya, pizadas, cada huma sobre si grosseiramente, darám isto ao cavallo na cevada; no principio lhe daráo menos de meya colher; depois se irá acrescentando até huma colher, & mais continuando sem intermissáo até se acabarem.

Ainda que alguns cavallos não faráo muitas vezes com todos os mayores remedios, saram outros com bem pequenos, porque succedem sararem huns com huns remedios, outros com outros. E assim direy alguns mais faceis, com que muytos tem sarado de Polmoeiras, dando aos toles, com tosses bem antigas.

*Outro remedio para a Polmoeira.*

Tomarám huma duzia de ovos frescos, metidos em vinagre forte, tanto tempo até que a casca se gaste, & que não fique mais

que a pelezinha de dentro, depois avendo tido o cavallo enfreado toda a noute, lhe farão engolir todos estes ovos, & vinagre, que os cobrio, & cuberto depois com huma manta o passearão duas horas, & depois o recolherão. Este remedio tambem tem obrado grande effeito em algumas terças dos cavallos.

*Outro remedio.*

Por tempo de quatro dias, darão todas as manhãs ao cavallo hũ arratel de azeite, se o não quizer tomar em agoa, se lhe lançará pelo corno, & na reçaõ, que comer da cevada, se lhe lançará enxofre pizado duas partes, & huma de pò de chumbo por espaço, & tempo de quinze dias, dando em cada reçam meyo punho destes pòs, & em toda a agoa que beber lhe lançarão hum arratel de enxofre derretido, tornando a tirar do fundo da agoa, & lançando segunda vez da mesma sorte, por tres, ou quatro, vezes, servindo sempre o mesmo enxofre.

*Outro remedio facil, & que faz bom effeito.*

Tomarão tres quartilhos de leyte de vaca quente, hum arratel de azeite, meyo quartilho de agoa de sempre viva mayor, duas onças de póz de regalice, misturado tudo se fará beber pelo corno ao cavallo, avendo primeiro estado enfreado, & sem comer seis horas, & se dará morna, deitando-lhe mais meyo quartilho de leyte tambem morno sobre a bebida, para acabar de alimpar, & levar tudo para baixo, ao dia seguinte, & alguns mais por diante, se lhe hirão dando os póz, & se não farar não ha para que cançar mais, porque he final de estar já o mal incuravel.

## CAPITULO 79.

*Da tosse dos cavallos.*

**H**A muitos cavallos, que tem tosse, & não tem Polmoeira, nem daõ aos foles, & ha poucos, que tenhaõ Polmoeira, & dem aos foles sem ter tosse. A tosse he hum movimento extraordinario das partes, q̄ fervem à respiração, por meyo do qual a natureza busca remedio para expellir para fóra o que lhe he nocivo no peito, & bofes.

A tosse

A tosse pôde proceder de muitas causas, como são de frios, principalmente recebendoos, estando esquentado o cavallo de algum trabalho, beber agoa muito fria, ou quando os botes se desecaõ por falta de humidade, ou que se irritaõ por algum fumo, ou pó, comendo o na palha, & cevada, ou em agoasturbas, & lodozas, & pôde proceder, quando comer apressadamente, mettendo alguma cousa nas vias da respiraçaõ, ainda que este ultimo fara, sem ser necessario remedio.

Duvidaõ alguns em differençar a tosse da Polmoeira, porém he facil de distinguir, porque na Polmoeira logo ha grande batimento das ilhargas, & manifesto, & os mais sinaes, que no Capitulo 78. em que della tratamos se differaõ, o que não ha na tosse simplex.

He necessario não deixar antigar a tosse, porque della se passa a mayores danos. O remedio universal, para todo o genero de tosse, procedida de qualquer causa, que seja, he o uso dos pôs seguintes, com os quaes cobraõ todos os cavallos logo inteira saúde.

*Pôs para toda a especie de tosses.*

Tomaraõ cardo benedicto, regalice, anis, agarico, de cada hum duas onças, cardomomo, genciana, de cada hum duas onças, funcho duas onças, canela, & nõs noscada, de cada hum quatro onças, galanga duas onças, & feyto tudo em pô separadan ente, depois se ajuntarám, & guardarãem em vidro tapado, cu em bolsa de couro, porque se conservaõ sem perderem a virtude.

Daõse estes pôs na cevada em pequena quantidade, molhando primeyro para que se peguem, depois se vaõ acrescentando até chegar a hum punhado. Os cavallos repugnam no principio comelos na cevada, porém depois vem a gostar tanto delles, que eu tive hum cavallo, que andando enfatiado, & não querendo comer a cevada, era o melhor remedio para a levar, o lançarlhe os pôs nella.

Quem quizer examinar as virtudes de todos os ingredientes destes pôs, veja os livros dos simplex, que eu não posso esen-

derme a explicâr as excellencias delles , porque vou sempre buscando a brevidade.

Se a tosse for de pouco tempo , & em cavallo novo, sem a eficacia dos pöz sobreditos , poderá farar cõ outros remedios mais faceis, com que he necessario acudir-lhe , antes que se antigue , & faça chaga no bofe, & passe à polmoeira, & dar aos soles.

*Para a tosse.*

Funcho , & enxofre dado na cevada fara a tosse nova, enxofre, & azeite faz o mesmo; mel, & agoa quente desteito també he bom, baga de areira bem madura , & negra seca ao fumo , & feita em pó, dado na cevada fara a tosse.

*Outro remedio,*

Hum Author Inglez , diz maravilhas deste remedio, que he muy facil. Tomar as tripas de dous frangos assim cheyas , & com tudo o mais, que ouver dentro nelles, tirandolhe sómente o fel, cortado tudo meúdo, & misturado em hum arratel de azeite, dar-lho assim ao cavallo a beber pelo corno , tendo primeiro enheado duas horas , & outras duas depois , continuando isto tres vezes de cinco em cinco dias. Eu não fiz a experiencia , porém não pôde ter perigo , quando não aproveite.

## C A P I T U L O 8o.

*Da falta da respiração por calor estranho, & difficuldade da expulsão dos excrementos.*

**E**Sta encommodidade , que he muito ordinaria nós cavallos , tem muyta semelhança nos sinaes com a polmoeira , porque tambem tem os mesmos batimentos de ilhargas, & difficuldades nos alentos , de que nasce equivocaremse muitos Alveitares nestas curas , sendo muito diversas , & os remedios de huma para os da outra. Porém differem os sinaes , em que a polmoeira rara vez a ha sem tosse, o que não ha nestoutra enfermidade , porque a polmoeira faz maiores arquejos, mas nam tam apressados , nam faz o calor na lin-



goa, nem no bafco, que fae pelas ventas, como nestoutro achaque. Além de que esta enfermidade succede a qualquer cavallo novo, o que não tem a polmoeira, que rara vez se acha em cavallo, que não paffe de sete annos para diante.

Esta falta de respiração por calor estranho nace das obstrucções dos intestinos, porcedida de se dar muito trabalho ao cavallo, & comer seco, & muitas vezes de sobras de humores grossos, & viscosos, que conglotinaõ as vias da expulsaõ dos excrementos, com que succede esta incomodidade muitas vezes a cavallos muito gordos, & repletos, o que tudo pelos sinais, que tenho dito se manifesta.

O melhor, & mais facil remedio para acudir logo a esta enfermidade, he sangrar o cavallo nas ilhargas hum par de vezes; & se for em Lua nova melhor, & consecutivamente depois da primeira sangria, lançar-lhe huma ajuda emolliente, & aperitiva nesta fórma.

*Ajuda para a falta da respiração por obstrucções.*

Farte-ha cozimento das cinco raizes aperitivas, que são de grama, funcho, aypo, espargo, & gilbarbeira, de cada hum, huma onça, & avendo fervido em outro quarrilhos de agoa por tempo de meya hora, lhe meteraõ as cinco ervas emollientes, a saber, malvas, violas, malvaifco, mercuriaes, & parietaria, de cada hum, hũa maõ chea, que farã ferver até estarem as ervas bem podres, & se coaraõ, ajuntandolhe ao coado meyo arratel de azeite, hũa quarta de mel mercurial, & duas colheres pequenas de sal, & logo metelo a comer verde, que tenho experimentado ser o remedio mais facil, & melhor, com que livraõ sem mais nada os mais dos cavallos.

Se for de verão durma fóra, & coma erva pascendo; se civer comodidade, & não a havendo, se lhe apanhe com o orvalho, & a mais tenra he a melhor; & se for inverno, que não aja ervas nos prados, lhe daraõ couves, folhas de rabaõs, & centuras, & se as poder comer molhadas em azeite será melhor; se não civer estas comodidades, & o cavallo não melhorar, & continuar a repleção, & symptomas da falta da respiração, será necessario purgalo

galo com a purga seguinte.

*Purga para a falta da respiração, por causa de repleção.*

Tomarão aloes foccorrido duas onças, turbit meya onça, geniana meya onça, regalice meya onça, & da rapadura da ponta de cervo, duas outavas, tudo feyto em pôs, com hum arratel de toucinho, ou manteiga fresca, fará n pirolas n fôrma, que dissemos nos Capitulos 7. & 8. de dar as purgas, guardando o modo, q̄ dissemos nos mesmos Capitulos.

Em caso, que o cavallo esteja com muita ancia, & grande baimento do coração; se lhe não deve dar a purga, se nam humas pirolas, que direi para relaxar o ventre, que são nesta fôrma.

*Pirolas.*

Tomarão dous, ou tres arrates de toucinho, confôrme o cavallo for, grande, ou pequeno, & lhe tiraraõ a pelle, & sal, de molhando o em cinco, ou seis agoas por algumas horas, metido em agoa corrente, se tira o sal mais depressa. Tomarão couves vermelhas, barbalco, branco, & cardo benediçto de cada hum, huma mão chea, cortado tudo meúdo, lhe misturaraõ o toucinho para fazer as pirolas, que sejaõ do tamanho de nozes grandes, tendose enfreado dâtes o cavallo espaço de quatro horas, & outras quatro depois.

Se o cavallo sarar, não he necessario enfastialo com mais medicamentos, porèm se não sarar, ainda que tome alguma melhora, he necessario continuar o remedio, & darlhe a beberagem seguinte.

*Beberagem para a falta da respiração por causa de obstruções.*

Tomarão folhas de couves vermelhas de cardo benediçto, & de gordo lobo branco, de cada hum tres mãos cheas, faraõ ferver tudo em sete; ou oito quartilhos de agoa, huma hora a cachão, & cuberta a panela, se deixará arrefecer, & estando quasi fria, se coará, & se deitaraõ na calda duas onças de conserva de roza liquida, & desfeita com a calda, & huma outava de açafraõ, se dará ao cavallo em jejum, tendo tomado dantes huma ajuda, & se iraõ continuando estas beberagens até doze dias, dandofelhe a mesma ajuda todos os dias antes da beberagem.

Se o cavallo perder a vontade de comer, se parará com as beberagens, até tornar a perder o fastio, & o mal será grande se com isto não sarar. Se o cavallo for novo, bastará outra beberagem, q̄ direy para o sarar, sem tomar purga, nem outra cousa, porque cõ ella só ordinariamente sarão, he a seguinte.

*Beberagem para a falta da respiração.*

Meterám dentro em hũa panela outo quartilhos de agoa, cõ cardo benedicto, & pulmonaria, cortadas meudas, de cada hũa, huma maõ chea, visco de carvalho pizado grosseiramente huma onça, raizes de malvaisco pizadas meya onça, de enula campana outra meya onça, de hysope duas maõs cheas, ferveirá tudo duas horas, depois se exprimerá, & se lhe ajuntará de çumo de regalice meya onça, & da mesma regalice pizada, hũa onça, anis, & funcho, de cada hum meya onça em pò, huma outava de açafraõ, meyo arratel de mel escumado, & dous quartilhos de vinho branco, tudo muito bem misturado, daraõ ao cavallo estando enfreado, & sem comer quatro horas dantes, & depois o passearám huma hora, & recolherão, deixando estar enfreado mais duas hora.

Esta beberagem se ha de dar ao cavallo quatro dias continuados, & depois o haõ de deixar descansar tres dias, & logo tornar-lhe a continuar outros quatro dias, que infalivelmente sarará.

*Pòs para a falta da respiração por obstrucções.*

Ha huns pòs, que se daõ misturados com farelo molhado, q̄ continuados saram esta doença, de que tratamos, que sam desta maneira.

Tomaraõ tres arrates de linhaça bem seca no forno, & se fará em pò, & lhe ajuntaraõ huma onça de enula campana, tres de genciana, duas de funcho, salva, & hysope, de cada hum tres onças; poraõ tudo em pó grosseiro, & se misturará, para se ir dando com farelos, todas as menhãas duas colheres ordinarias, deixando depois o cavallo enfreado huma hora.

Se o cavallo estiver muito enfermo, & incapaz de purgas, & remedios violentos, lhe continuaraõ ajudas, & beberagens de

farinha de cevada, & trigo, & se as beber com mel, & azeite, se lhe lancem, & sempre quentes, pode'elle repetir muitas vezes huma ajuda das cinco ervas emollientes, & na ultima fervuca lancarlhe huma onça de sene, & depois de coado deitar na calda meya onça de Crocus Metallorum, que faz grande effeito, & tornalo ao fogo hum quarto de hora; & depois se tornará a coar, & misturan solhe meyo arratel de mel; & huma quarta de manteiga, se dará com as circumstancias, que dissemos no Capitulo 5. das ajudas.

Depois q̄ o cavallo for evacuando por epicrazim, & tomando mais alento, lhe iraõ dando os pós, & beberagem, & purgalo, sendo necessario, como temos dito, & para se lhe dar a purga, vejaõ os Capítulos das purgas.

## CAPITULO 8r.

*Do cavallo magro, & esfaçado, que não quer tornar a medrar.*

**V**emos ordinariamente muitos cavallos, que depois de huma campanha larga, ou de repetidas jornadas, & trabalho não medraõ, & tem couro pegado nos ossos, o pello ouriçado, as verilhas apanhadas, & hũa corda, que vai dellas para a barriga teza, & grossa; & elles tristes, & quebrantados, o estercõ negro, duro, & algumas vezes com bichos, & por mais que se gaste com elles, ainda que comaõ muito, tudo he perdido, se os não curarem, porque a corrupção dos humores, & roim sangue, causados das roins agoas, da desordem dos mantimentos, & em fim de todo o mau trato, não daõ lugar a perfeita nutrição, nem a agitação natural, & exhalção dos espiritos.

Os cavallos, que estaõ nesta fórma, se lhes deve acudir antes com os remedios, que os curaõ, do que com muito comer sem lhes fazer proveito. Para o que se devem logo sangrar na taboa, & meter no verde, se for em tempo, que o haja, continuarlhe as

ajudas emollientes; & fazer hum cozimento nesta forma para os cobrir, & fomentar a pelle que está pegada à carne, & ossos taõ restricta, que impede a evaporação de todo o corpo.

*Fomentação para o couro, que está pegado nos ossos, & endurecido.*

Tomaraõ as cinco ervas emollientes, que já temos nomeadas muitas vezes para as ajudas. & chicoria brava, jacinta, agrimonia, hypericam, folhas, de loureiro, mangerona, rosmanninho, ar-ruda, salva, serpaõ, ouregaõs do mato, as cinco raizes aperitivas, de grama, funcho, aypo, espargo, & gilbarbeira, destas ervas, & raizes, não he forçoso fazer o cozimento de todas, mas sómente das que com mais facilidade se acharem, que por esse respeito nomeyo muitas, & te cozerão em caldeira grande em borra de vinho, metendo primeiro as raize, que são mais duras a ferver hum pouco, & depois as ervas. Estando tudo bem desfeito, tomaraõ hũa mão chea das ervas, & raizes; tam quante, quanto a mão possa soffrer, & esfregarão o cavallo por todo o corpo; molhando sempre no cozimento, esfregando-o com força, & por baixo da garganta, & verilhas. Depois de estar assim bem amolentado, lhe untaraõ em quanto quente com o unguento, que direy todas as partes, aonde a pelle estiver mais dura, & pegada, & por todo o corpo se for possivel, especialmente pela garganta, & nervos das verilhas, & havendo-o bem engraxado, he o unguento, que he o seguinte.

*Unguento para abrandar a pelle endurecida dos cavallos magros.*

Tomarã de alter, & populeaõ, de cada hum duas onças, azeite commum, oleo de macela, de cada hum duas onças, unto de cavallo derretido duas onças, tudo misturado em frio, logo sobre a untura se ha de cubrir com hum lençol em duas dobras, enfiado na mesma borra, & cozimento, se enrolará muito em todo o corpo do cavallo, & cozello se for necessario, & febre elle huma, ou duas mantas bem envolvidas, assim estará vinte, & quatro horas, & acabado este tempo, se torne a fazer o mesmo, assim obranhõ como a untura, & veraõ, como o couro fica brando, & doce depois deste remedio.

He necessario impedir ao cavallo que se não coce, porque a evaporação, & resolução dos humores, que estavaõ crassos, & embibidos nas extremidades, do couro, causaõ entãõ grande coça; do mesmo cozimento se for grande, se pôde guardar para a segunda vez. Esta fomentação he de muito proveito, porque abre os poros, chama os espiritos, dà lugar as evaporações, facilita todos os movimentos naturaes do corpo. He necessario estar sempre cuberto depois daquelles dias primeiros, & tornalo a sangrar na taboa, & darlhe outra ajuda ordinaria.

Se o cavallo mostrar repleção, & enchimento de humores, será conveniente purgalo com a purga seguinte.

*Purga para o cavallo magro, & repleto de excrementos,*

Tomaraõ agarico meya onça, sene huma onça, aloes huma onça, & meya, escamonea preparada duas oitavas, anís, & cominhos, de cada hum huma outava, huma colher de sal moido, tudo feito em pô grosso se lançará em dous quartilhos de vinho branco em huma infusão commua, & os aloes, & escamonea não hão de ficar de infusão, porém metelos ao dar da purga, mexendo, porque não fiquem no fundo, & depois de se darem, enxaguarão o vaso, & corno com meyo quartilho de vinho branco, & darlho sobre ella, guardando em tudo o mais a ordem, que dissemos nos Capitulos das purgas. Ha cavallos doentes deste mal, que tudo isto he necessario para sararem, & ha outros, que com muito menos saraõ logo.

## CAPITULO 82.

### *Da febre do cavallo,*

**A** febre he hum estranho calor, geral em todo o corpo do cavallo, procedido de huma alteração, & revolução violenta dos humores. Não acho, com que a possa comparar melhor, para que até os mais rudes, & grosseiros me entendam, que com o fervor, que faz o vinho dentro na vasilha, porque revolvendose, & agitando,

doze, crece, & se altera de forte, que se não achar lugar; rebentará a vasilha pelas juntas, aquece muito, levanta fumos, & todo he húa confusão, sem haver húa gora clara, & depois, que se acaba, & cessa a fervura, se poem tudo em seu lugar, a borra vay ao fundo, o sarro pegale às taboas, a lira poense em cima; o vinho fica claro, & a vasilha quieta, & ajustada.

Da mesma forte com alteração, & fervor do sangue, & dos humores, elles se envolvem com o sangue, este se altera, & não cabe em seus vazos; os fumos se levantaõ ao cerebro; & recebe delvários, & delvellas, o coração se afflige, as arterias pulsaõ, & parece que todo o corpo do animal se abre.

E depois que com os remedios a natureza senhorea, logo vay separando o bom do mau; com que cessando a alteração, o sangue se recolhe aos seus districtos, os humores a seus vazos, os vapores, & fumos se ventilaõ, o coração, & arterias se moderaõ, o corpo fica livre.

Quando o animal està febricitante, dão os sinais da desordem & excitação, que ha dentro no corpo, a urina, as pulsaçoens, a inquietação, & tristeza do cavallo, o calor do bafio, & ventas a lingo callida, & seca, as veas inchadas, as orelhas derrubadas, a cabeça baixa, o beijo de baixo pendurado, os lagrimaes vermelhos, os olhos luzidios, o movimento do corpo quebrantado, o arquejar das verilhas apressado, o esterco negro, & seco, a falta das evacuaçoens ordinarias da natureza, & o grande fãfio.

Este modo de definição de Febre, & sinais della, basta que saibão os Alveitares, que não são Filósofos, nem obrigados a saber as especulaçoens scientificas, que pertencem ex professo aos Medicos, de que eu muy bem pudera aproveitarme, se por este modo rustico, & intelligivel não achãra mais conveniente a declaração para o intento. Pois acho cheos os livros de Medicina, de definições das febres, com muy doutas especulativas, fazendo juntamente os Doutores Medicos grande quantidade de especies, & divizões de febres, que se não achão nos cavallos; nos quaes as febres se reduzem sómente a tres especies, de que tra-

taremos, que he o nosso principal intento; tratando das curas, que a ellas convem conforme a razão, & experiencia, que dellas se tem no corpo do cavallo, que he muito differente do homem.

A primeira especie de Febre, he hũa alteração violenta de calor, ou seja acendida sómente nos espiritos, ou em alguma inquietação do sangue esquentado, ou tendo sua origem de algũdos humores alterados, & como he acompanhada de muy poucos accidentes, he muy facil de sarar, porque como não ha podridão, que a fomenta; obedece logo aos remedios apropriados a ella.

A segunda especie, he hũa febre com podridão de humores, & com notavel paixão nas partes internas, & he tão violenta, que poem em perigo o cavallo, se não intermite, porque como não são muitos sogeitos a Febres, se ha de entender; que já não vem, se não por causa muy violenta.

Os cavallos são mais regrados, que os homens nos seus appetites, porque os mantimentos dos cavallos são simplex, o seu beber claro, & que não pôde turbar o cerebro, o seu exercicio contribue muito à sua saúde, com que não tem muitas causas para Febres.

A terceira especie de Febre, he a pestilencial, a qual faz muitos accidentes em pouco tempo, derribando logo as forças no mesmo instante, que aparece, & mostrando que senhorea logo o corpo todo, com grande perigo, & pouca esperança da vida do cavallo. Procede por pizaduras, ou mordeduras de animaes venenosos, por algum alimento peçonhento, ou inficionado, & corrupto, ou ar da mesma sorte, que algumas vezes he tal, que já se vio morrem todos os cavallos de hũa estrebaria.

As causas ordinarias das Febres são todas aquellas, que podem corromper, ou alterar os humores, ou seja esquentando-os com exercicios violentos, ou por causa de alimentos quentes, ou de roim digestão, pella quantidade, ou qualidade delles, que não os podendo vencer o calor do estomago, se convertem em humores podres, q̄ corrópem o sangue, a falta de evacuações naturaes



dom obstruções; perturbaõ as faculdades dos espiritos, & agitações animantes do sangue, & humores. E finalmente tudo aquillo, que pôde impedir as operações naturaes, pôde ser causa da Febre.

Os sinais por donde se manifestaõ as Febres, temos já dito araz neste Capitulo. As observaçoens geraes, que se devem guardar, he ter com dieta ao cavallo, ainda que elle queira comer, não lho permittem, se não com amoderação, que diremos, ainda que as primeiras vinte, & quatro horas não coma, não será erro, porque com isso sómente livraõ muitas vezes. E he hum grande engano que uzaõ alguns Alveitares, tanto que vem o cavallo enfermo, & febricitante, daremlhe logo caldas sustanciaes de galinhas, leites, & ovos, & outras cousas contra a sua natureza, & contra a boa regra, alem de que os taes sustentos, se não podem dar, nem elles os comem, se não lançados pelo corno, que lhe causão oppressão, & desgosto; & serve mais de augmentar a Febre. Com o que melhor lhe será, o que comer por si voluntariamente, sendo pouco, que o muito contra sua natureza, que pelo corno se lhe der.

He tambem huma advertencia geral, muito necessaria, não permitir, que ao cavallo se dé purga alguma no tempo da Febre, porque nesta confusão dos humores a natureza, não pôde evacuar os malignos, sem os separar dos bons, o que se faz depois que a natureza senhorea, & os tem cozidos, & regeitados; alem de que a purga esquenta, ancia, trabalha, & causa dores nos intestinos, com que he capaz de lhe causar grande inflamação.

He tambem necessario se observe, que o cavallo esteja sempre no mástigadouro, tirado o tempo, que lhe for necessario para comer alguma cousa.

A primeira especie de Febre se chama simplex; & não deve causar tanto cuidado, como as outras, porque esta sára facilmente, & se cura quasi sempre desta sorte.

*Como se cura a Febre simplex.*

He necessario sangrar logo o cavallo da parte direita na vea da taboa, tirar-lhe dous quartilhos, & meyo de sangue, & no mesmo dia dar-lhe a ajuda seguinte.

*Ajuda para a Febre simplex.*

Tomarão nove quartilhos de agoa, & lhe meterão duas mãos cheas de cevada sem casca, que ferverá hũa hora a cachaõ; depois lhe meterão mercuriaes, bædõs, folhas de violas, & de parietaria, de cada hum tres mãos cheas, que fervertão menos de meyo quarto, depois se coará tudo, & ao coado lhe ajuntará tres onças de canafistola, oleo rozado hũa quarta, outra de oleo violado, quatro onças de assucar, & se lançará com as cautelas q̃ dissemos no Capit. 5. das ajudas.

O dia seguinte se esfregará o cavallo com esfregações de palha aspera, para abrir os pòros do couro, & vaporarem os excrementos do terceiro cozimento, & facilitar-lhe as sahidas, chamando o calor interno às extremidades.

Esta esfregação adoça o couro do cavallo, que he grosso, & està mais seco, & duro com o Febre. He necessario untalo com oleo de macella, de violas, & de endros partes iguaes, & em falta destes o azeite commum, com oleo rozado, em igual quantidade.

Para seu comer, lhe daráõ folhas de chicorias, & alfaces, de borragens, & cevada verde, & de todas as mais ervaes, que sejam frias, & humidas, como tambem meloës, & malencias. De palha se lhe dè a menos, que for possível, nec centeyo, ou milho; sómente cevada em grão se pòde tambem dar, & melhor cozida, porque o centeyo, milho, ou trigo; & palha leca pòdem causar obstruçoens, & fazem o esterco duro, & não se deve dar muito de comer (como dissemos) ao cavallo, salvo estiver muy debilitado, & destituido de forças.

*Mastigatorio para o cavallo febricitante.*

Se a Febre passar de tres dias he necessario atar no mastigadouro, embrulhadas, em hum pano, raizes de pyretro, agarico, pizado tudo grosso, de cada hum duas ouravas, regalice rapada

hũa

há onça outra de assucar, & fazendolhe mastigar isto a meúdo, descargará o cerebro, & terá vontade de comer.

Tambem lhe podem dar alguns farelos trigos molhados, se os apeterer, que são frescos, & não alteraõ, lavandolhe a boca a meúdo com agoa de cevada, vinagre, & ouregãos.

A cevada sem casca cozida muito, depois pizada com assucar; & feita em modo de bolos cozidos no forno, he cousa que os cavallos comem, & apeterem muito; & lhe he de grande sustancia nas doencas. O beber ha de ser nesta forma.

*Beberagem para o cavallo febricitante.*

Ferveram agoa em huma caldeira, na qual se derreterã quatro onças de cristal mineral, ou sal prunele, & deixando-o arrefecer, lhe lançará n hum punhado de farinha de cevada, ou trigo para a fazer branca, & desta agoa podem deixar beber ao cavallo to ta a que quizer, porque nesta forma tempera o ardor das entranhas, resiste à podridaõ, abre as veas, & facilita as obstruções.

He muitas vezes necessario reïterar a sangria, quando o mal não diminue; continuar as esfregaçoens, & unturas, fazendo-as com mayor força pelas pernas, & braços, & repetir as ajudas.

He muito importante para a cura da Febre, saber de que causas procederia; porque se foy por aver padecido frios, nevres, ou serenos, será necessario reïterar muitas vezes as esfregaçoens, cobrir muito bem o cavallo, & darlhe ajudas a meúdo. Se a Febre procedeo de grandes trabalhos, & fadigas, se lhe ha de offerecer a meúdo agoa cozida, na forma, que dissemos, com bem farinha de cevada peneirada, darlhe paõ branco cozido, & se for com assucar melhor, porém sem manteiga, nem grayxa, nem muito sal. Se o cavallo tiver Febre por haver comido sustentos corruptos, ou esterco; será bom reïterar as sangrias, & ajudas com calda laxativa, com hũa mão chea de lixo de pombas, pizado, meyo arratel de manteiga salgada, & meyo quartilho de vinho, em que haja infundido Crocus Metallorum, como ensinamos no Capit. 5. porque este vinho tenho eu achado, que

que faz grande obra nas ajudas; porém nas febres se deve dar em menos quantidade, porque sucedendo mal, se não ponha a culpa ao remedio, sendo nacido o roim effeito, muitas vezes da violencia do mal.

Esta especie de Febre simplez, fara ordinariamente com menos destes remedios, porém he necessario não dissimular com ellas, porque muitas vezes degeneraõ em podres; se as deixaõ radicar.

## CAPITULO 83.

### *Das Febres podres.*

**A** FEBRE podre nos cavallos, he mais ordinaria no veraõ, que em outro algum tempo, & em particular nos lugares quentes. Os cavallos novos, são mais sujeitos a ellas, que os velhos; sobre todos os Alazões, & Ruões, porque são de temperamento mais calido, & he mais certa nos cavallos vigorosos, & ligeiros.

Conhecese, em que o cavallo tem a lingua negra, seca, & ardente, os beiços, & tolanos esquentados, as ventas mais abertas, exhalando fumaças quentes por ellas, grande batimento do coração, titubia o cavallo, se o querem fazer andar, a cabeça baixa, & carregada com dor, & com todos os mais sinais, que já dissemos.

Logo he necessario sangrar o cavallo, as primeiras vezes na taboa, as segundas nos terços, depois nas ilhargas, & ultimamente nas bragadas; isto se entende, sendo necessaria a continuação das sangrias, advertindo, que os cavallos não sofrem tanto a muita repetição dellas, como os homens, porque os seus alimentos solidos, não refazem o sangue tão depressa.

As sangrias são nesta enfermidade o melhor remedio, porque diminuem a abundancia dos humores, facilitão os movimentos, impedem a rotura de algum vaso, ou veas, fazem parar a extrayação do sangue, temperão o calor, & tirado parte do que he nocivo, dão meyo a natureza, para que vença o restante daquilha.

daquillo, que opprime.

Para sustento basta dar ao cavallo sómente o que pòde impedir, que não morra de fome; a cevada em verde, se for tempo, q̄ a haja, os pès de folhas de vides são muito bons, & tudo o mais que dissemos atras nas Febres simplez, como tambem a agoa, que deve beber por não se repetir duas vezes.

Ha de estar no mastigadouro todo o tempo, tirando de noute; & o que lhe for necessario de dia para comer alguma cousa; de manhã, & tarde, se lhe haõ de dar as ajudas, que se seguem.

*Ajuda para a Febre podre.*

Na calda emolliente ordinaria, meteram semente de funcho pizada grosseiramente hũa onça, ferverá com duas mãos cheas de cevada sem casca; depois se coará, & lançará na calda oleo roizado de violas, de cada hum quatro onças, seis gemas de ovos, & benedicta laxativa duas onças, ou canafistola tres onças.

Se quizerem meter em lugar de benedicta, ou canafistola hum quartilho de vinho, em q̄ haja estado de infuzão seis horas, meya onça de Crocus Metallorum, ao qual chamaõ alguns vinho emetico, lhe fará ainda melhor effeito.

Esta ajuda feita nesta forma, & lançada, como dissemos no Capít. 5. das ajudas, puxa pela impuridade, que acha nos intestinos, & alivia as partes superiores.

Tambem he necessario fazerlhe as esfregaçoens por todo o corpo, & unturas que dissemos, & lavarlhe a meúdo a boca com agoa de cevada, vinagre, & ouregãos, & as fontes com vinagrê, & por dentro das ventas.

Com estes remedios livraõ muitos cavallos deste Febre, mayormente se ella intermite, & tem crecenças, & diminuiçoens, que se he continua, & violenta, sem diminuir até os tres dias, he muito mau pronostico, que alguns dentro nos tres dias morrem.

\* \* \*

## CAPITULO 84.

*Da Febre pestilencial.*

**E**STA Febre, que os cavallos padecem algúas vezes, se cura de outra sorte, porque não se trata aqui mais, que de fortificar a natureza, & de correger a malignidade do veneno, que causa os accidentes, que como he a causa da febre, cessando este, se extinguirá a Febre.

Já dissemos as causas venenosas, de que procedião, & o quanto são perigosas, com tudo tem liyrado muitos deste modo, que direy.

*Como se cura a Febre pestilencial.*

Logo que o mal for conhecido, se deve sangrar o cavallo antes que beba, & se tiver bebido, sangralo ao dia seguinte em jejum; depois da sangria dahi a duas horas, desfazer triaga fresca, composta com aloes, & epatica em pòz, de cada hum, huma onça, confeição de jacinthos, & chiclaminus, de cada hum meya onças, dous quartilhos de calda, feita com escabiosa, cardo benedicto, & veronica, de cada hum huma mão chea, darão isto ao cavallo, tendo-o dantes enfreado duas horas, & passeará meya depois de tomar a beberagem, & todos os dias se passará huma hora, lançarlheão repetidas ajudas, & com isto sarão muitos, se o mal não acomete o coração.

Quando este mal procede de ar corrupto, de que huma estrobaria está infectada, he necessario tirar della os outros cavallos, & não entrarem nella, sem primeiro se alimpar, & pinzelar de novo, defumandoa com enxofre, & salitre, antimonio, pez, solas de çapatos velhos queimados, & depois fumos de alecrim, & ervas odoríferas, com vinagre, que tudo he defensivo ao ar corrupto; lavar muito as manjadouras, & alimpar muito bem tudo.

Se o mal proceder de mordeduras de animaes venenosos, he necessario acudir logo ao remedio contra a raiva, & mordeduras

venenosas do Cap. 77. & uzar da triaga emitridates, & de outros defensivos semelhantes.

## CAPITULO 85.

*Dos cavallos, que tem livrado da Febre.*

**Q**UANDO hum cavallo está já livre da Febre, he conveniente purgalo, porque aquelles humores, & causas, que a ascenderão, não podem estar todos evacuados, & podem servir de faisca, que está debaixo das cinzas, que depois se vá fomentando, & torne a levantar mayores lavaredas; porque para cessar a Febre, não he necessario, que os humores roins, ou podridão, que a fomentava tenhaõ sahido para fóra do corpo, mas basta sómente, que naquella alteraçãõ, & batalha, que elles fizeraõ, ficasse vencedora, a natureza, que com os destruiu, & pôr de parte, ficou livre da opressãõ, & sentindose aliviada daquella pena, & quebrantada do trabalho, descança muitas vezes, & não se inquieta a expulsar o resto do impuro; que ha no corpo. Para o que convem a purga para os segurar, que com os remedios irritantes, ou seja porque a despertaõ, & agitaõ, ou pela virtude atrahente delles, que isto são questões, que deixamos para a especulativa dos Medicos doutos, basta só sabermos por experiencia, que com os purgativos se evacua o cavallo, & que fica limpo, & aliviado, & livre do nocivo, & de hũa recaída, que o podia matar,

Não se deve buscar os finais do cozimento, ou separaçãõ dos humores nas ourinas, nem excremento dos cavallos porque não mostraõ indicaçoens por onde aja esse cozimento; basta só ver a calmaria depois da tempestade para aproveitar della com a purga, dandolhe do catholico que dissemos no Cap. 8. das purgas, & antes, & depois della se usaráõ de algũas beberagens; & fomentações, que refresquem; & temperem todo o corpo, que ficou daquelle ardor esquentado, & se darã a purga com as cautelas, que dissemos no Cap. 7. das purgas.

Depois disto se ha de hir alimentando o cavallo pouco a pouco,

pouco, & sem abundancia, no que muitos se enganaõ, parecendo-lhe, que o muito comer repara logo as forças, & vigor, o que he pelo contrario, porque estando o cavallo fraco, & de debilitado não pôde digirir, & fazer cozimento na muita quantidade, & pelo conseguinte, devem ser os sustentos ligeiros, & de facil digestão.

## CAPITULO 86.

*Do mal de Olanda.*

**A**ESTA enfermidade chamaõ no nosso vulgar mal de Olanda, por se entender, que foy trazida em cavallos Olandezes, & como he muito contagiosa, se communicaria logo a muytos, como se diz do mal Francês. Porém eu me não acomodo a que assim se-ja, porque tenho visto muitos cavallos com este mal, sem averem tido occasião de se lhe pegar, antes me parece se corromperia o vocabulo, chamindose de Olanda, avendose de se dizer, mal de landoa; porque faz por muitas partes do corpo hũa landoa, assim internas, como superficiaes, ou tambem se dita mal de volanda, pelo que tem de andar correndo toda a superficie do corpo, aparecendo em hũa parte, & logo em outra em breve tempo; mas de todo o modo não se pôde negar, que o mayor numero de cavallos o adquirem de contagio. Os que lhe chamaõ mal de Loanda se equivocão, & enganaõ; porque o mal de Loanda he achaque das gengivas, que se acha só nos homens, & muy diverso deste.

Os Authores Castellhanos chamaõ a esta enfermidade lamparones; os Italianos, vermes, os Francezes, farcins; os Biscainhos, lobadinos; os Alemães, vurnes; com mais propriedade q̃ todas; porque vurnes na sua lingua he hum bicho, que roe as arvores entre a cortiça, & o pau, & o way corroendo todo.

Alguns fazem seis, & sete especies deste mal, porè n tenho achado que todas se reduzem a tres, que são: Volante, Encordado, & Radicado.



O mal de Olanda de qualquer especie, que seja, he procedido, ou de contagio de outros cavallos, que estejaõ affectados do mal, comendo juntos, ou nos mesmos vasos, pondo as fellas, & freyos de hũas em outros, & ainda chegando-se hum ao outro; & bulta muitas vezes. Tambem procede de haverem os cavallos comido algum verde podre, & melado por baixo, & beberem agoas chocas, & mal cheirosas, & quasi sempre os humores, que peccão são melancolicos, adustos, & requeimados de colera.

Este mal se manifesta com muita clareza, porque logo se mostraõ huns botoens, & cordas entre o couro, & carne, hũas vezes mais profundas; outras com tumor, ou ulcera, & sempre maior copia nos emuntorios, por baixo das queixadas, & por dentro das coixas em cima, junto ás verilhas, por baixo do peitoral, pelas veas, & em outras muitas partes. Pode-se entender, que he mais, ou menos perigoso este mal, conforme a abundancia delle, & as partes, em que se formaõ, serem mais, ou menos nobres, & mais perigoso o mais interior, & radicado, & menos o superficial, que pegandose na pelle com os dedos se levanta, & este he o de menos cuidado.

O mal de Olanda com ser taõ enfadonho, & ser occasião da morte a alguns cavallos, não os affige, nem tira a vontade de comer, antes servem como dantes; porque como a natureza alivia o interior à custa das partes exteriores; se acha sem molestia; porèm não seja isso causa para que se lhes não acuda logo, porque o mal não descança, & os uã corrompendo todos, até que não tenham remedio.

A primeira especie, he mal de Olanda volante. Conhece-se por huns botoes, que aparecem por todo o corpo, agora em hũa parte, logo em outra, & por isso se chama volante, porque em hum instante se vem logo formados, aonde não havia nada.

Este mal he mais facil de atalhar, porque ainda não tem o seu assento fixo, nem tem formado raizes, & fomento nos emuntorios, que o fomentem.

A segunda especie de mal de Olanda, se chama encordado. Conhece-se pelas grassas durezas em modo de cordas, que for-

ma o humor entre o couro , & a carne , & sempre ao cõprido das veas , particularmente das grandes , que estão nas coxas pela parte de dentro , nas das virilhas ; nas da taboa , & peitos , & se formão naquellas cordas botões , & tumores , que se abrem , & lanção materia fétida , acre , & mordicante.

As beiras das ulceras são sempre çujas , & encruadas , & na sua cor mostraõ a má qualidade do humor requeimado , & muitas vezes se fazem duras , & callozas.

A terceira especie , he o mal de Olanda radicado. Aparece com tumores mayores nos emontorios ; nos quaes tem formado raizes muy pegadas , que apalpandose , ou abrindose se achão hũas glandulas , como avelãs mayores , ou menores , & como cacho de uvas , communicadas de hũas a outras ; & dali manaõ a todo o corpo botoens , & vergalhões , & com mais impeto às partes mais vefinhas desse emuntorio , & algũas vezes tão interiores , q se não manifestaõ à vista , porèm apalpandose sim ; & se lhe não acodem penetra o mal dentro ao interior , & mata o animal.

*Como se cura o mal de Olanda.*

Para proceder com ordem na cura desta doença , não se ha de cuidar , que com extirpar os tumores , & palear as chagas se pode curar , porque antes de se acabar a cura estarã sabindo novos tumores , ou pouco depois de acabada ella ; porque sem tirar a causa , não pode cessar o effeyto. Para o que , he necessãio evacuar os humores corruos , & ajudar a natureza a que se detearregue melhor ; & convem , que o sustento seja de facil digestão , & que não acrecente humores , nem cause obstruções. As chicorias bravas , os cardos , a cevada branca , os farelos trigos molhados são convenientes , a agoa em que se haja derretido salitre , as purgas feytas com ruibarbo , aloes , agarico , escamonea , eleboro negro , & outros , como tambem as da composiçãõ , que dissemos no Capitulo das purgas.

As sangrias são aqui de muito proveito , porque impedem a corrupçãõ do sangue , & daõ lugar à natureza a produzir outro novo , & melhor.

Os suores depois de hum cavallo bem evacuado , he o reme-

dio, que melhor fára este mal (que tem muita semelhança com os humores gallicos dos homens, & com lepra, & alporcas) sendo dadas na forma que direi para purificarem o sangue por corruto, que esteja, & extinguiem aquelle humor venenoso.

He necessario, que hum Boticario curioso, & verdadeiro faça com primor a destilação seguinte, que della depende todo o bom successo da cura.

*Agoa sudorifica para os cavallos.*

Tomaraõ antimonio cru meyo arratel, & outro tanto de alfacar candil em pó; tudo misturado em hum alambique ao fogo sobre area, as juntas muy bem tapadas, & o fogo brando, & tanto que o alambique coineçar a destilar, se levantará a ponta algũa cousa, para que se não anticipe, antes de bastante revulção dentro, & a primeira agoa, que for cahindo q̄ he mais branca se guardará para lavar as ulceras feridas, que se cura logo, & depois vay caindo outro licor mais atabacado; que se receberá em outro vaso, que he o sudorifico, que queremos. E a cura do cavallo de qualquer especie, que seja o mal de Olanda, se fará nesta forma.

*Methodo da cura.*

A primeira cousa será, sangrar-se o cavallo nas veas da taboa de ambas as partes juntamente, & tirar de entre ambas quatro quartilhos de sangue, deixando descansar o cavallo tres dias; não lhe dar centeyos, nem erva, & só palha molhada, pouca, farelos trigós, algũa cevada cozida, & agoa de salitre, como já dissemos.

Tres dias, depois das sangrias, se purgará o cavallo com o catholico, que dissemos no Capic. 8. das purgas, depois se deixará descansar tres dias; logo se tornará a reiterar a purga, acrescentandolhe, ou diminuindo nas quantidades, conforme, o que tiver obrado com a primeira.

Feytas estas evacuações, se meterá o cavallo nos suores, & não antes dellas, porque estando repleto, & tendo occupadas as primeiras vias, seria muito difficiloso puxar os humores dellas, & evacualos com o suor pelo couro para fóra, sendo não facil,

eil, & melhor caminho o dos purgativos para os lavar pelo ventre. Tambem ditei outro purgativo proprio para este mal, se não ouvera o que assim digo.

*Outra purga para o mal de Olanda.*

Tomarão aloes lococetino hũa onça, raizes de jalapa, & folhas de sene, de cada hum meya onça, escamonea preparada hũa outava; coloquintida tres escrupulos, raizes de mechoacão hũa drama, & meya, & se o cavallo for de estimação, será necessario meter mais meya onça de ruybarbo; & senna, dobrar a escamonea, misturado tudo em pòz grosseiros, que se infundirã em dous quartilhos de vinho branco (na reserva da escamonea, & aloes, não se ha de meter de infusão); ajuntarã tambem de canela; & cravo de cada hum, huma outava, & de gengibre hum escrupulo.

Terã o cavallo sem comer desde a meya noute até as seis da manhã, & se lhe dará a purga pelo corno, mexendoa muy bem primeiro; ao depois se lavarã o vazo corno, & a boca do cavallo, com meyo quartilho de vinho, para lhe tirar o mau sabor; cubrirã logo o cavallo com sua manta, & o passearã hũa hora recolhido, estando depois com o freyo mais quatro horas.

Sempre he necessario que preceda haver tomado na noute antes da purga, hũa ajuda, & outra depois, que tiver purgado com ella. Se a purga não ouver obrado bem, será conveniente reiterala com dobrado mechoacão; & na ajuda meterã hum quartilho de vinho, em que se haja infundido Crocus Metallorum na fórma, que temos dito, se faz esta infusão, no Capit. 5.

Dous dias depois da primeira purga, se ha de sangrar ainda o cavallo, & tirarlhe tres quartilhos de sangue.

Se as purgas não obrarem, como succede não fazerem tal ves effeyto em algũs cavallos, & em outros obrarem abundantemente conforme as naturezas, & disposiçoens, obrando huns ingredientes melhor em huns, que em outros, em tal caso, se lhe darã as pirolas seguintes.

*Pirolas para o mal de Olanda.*

Tomarã folhas de sene, & raizes de hermodatiles, de cada hum

ham meya onça ; agatico tres outavas , escamonêa preparada duas outavas , pedra de armenio lavrada meya onça , eleboro negro lavado em vinagre , & de infuzão nelle por tempo de tres horas , depois seco ao fogo lento , hũa outava , tudo se porá em pòz grossieiros , & se farão pirolas com dous arrates de toucinho lavado em muitas agoas , que lhe tirem o sal , & para correctivos , canela , cravo , funcho , & gengibre , de cada hum hũa outava ; farám pirolas , embebido muy bem tudo no toucinho do tamanho de nozes grandes , & se guardarám no modo de dar a purga , as prevenções que dissemos nos Capit. 7. & 8. das purgas , & o cavallo assim curado suará o mal de Olanda admiravelmente.

*Como se dão os suores.*

Primeiramente se enfreará o cavallo às cinco horas da manhã , estará assim sem comer até as nove , & a estas lhe darám meyo quartilho de agoa de cardo benedicto , em a qual lançarám trinta gotas do antimonio preparado , que arraz dissemos ; depois lhe darão mais ainda meyo quartilho da mesma agoa sem o antimonio , & o cubrirão todo muito bem , com duas , ou tres mantas , & o farám passear a trote brando meya hora , ou mais , para o fazer suar , depois o recolherám , muy bem abrigado , esfregandolhe muito o suor , mas sempre cuberto , porque algúas vezes suão muito mais depois que estão dentro na estrebaniã , & estará sem comer mais duas horas com o freyo posto.

Se cõ as trinta gotas o cavallo não tiver suado bastantemente ; ao dia seguinte , guardando a mesma ordem , lhe lançarám quarenta gotas , que serám o pezo de dous escropulos , & se as quarenta o não fizerem suar bem , se vá augmentando até que a quantidade o faça suar abundantemente.

Porém se com a menor quantidade suar bastantemente , não he necessario augmentarlhe a quantidade , se não hir com ella continuando os suores todos os dias ; & se enfastiar , & perder de todo a vontade de comer , será necessario pararlhe com a cura alguns dias , até torna a vontade , & depois continuar outra vez com os suores.

Ha muita difficuldade para se achar a quantidade certa , que

convem para fazer suar os cavallos, porque o natural de cada hum he differente. Huns cavallos suão com trinta gotas, outros he necessario sincoenta para o; fazer n suar. O melhor he començar por trinta, & aumentar, até chegar a quantidade, que faça o effeyto.

Se não se entender que quantia seja hñ gota, se pôde regular pelo pezo de hum grão de trigo. Destes suores se daraõ ao cavallo dez, ou doze, & mais sendo necessario conforme suas forças; & se for debilitado, & que perca a vontade de comer, se podem enterpolar os suores, dandolhos hum dia, & outro não, se depois dos dez ou doze suores se vir, que os botoões ficaõ secos, & marchos, & as co-lis di niquidas, & secas, se pode ter por certo, que o cavallo está saõ, & não necessita mais que de dieta. Porém se os botoões, & ulceras estiverem ainda verdes, ou que algum tempo depois nação outros, será necessario purgalo de novo, & tornarlhe a dar outros tantos suores, & com isto sararaõ todas, & quaesquer especies de mal de Olanda por mais forte, que seja, sem ser necessario abrilos com navalhas, como fazem de ordinario os Alveitares logo pela primeira tenção; de que procedem muitas vezes fluxos de sangue, & perigo grande, & ficarem os cavallos disformes quando livres, com culturas, & marcas grandes.

Muitos querem curar logo o mal de Olanda com fogo, sem precederem outras evacuações, & remedios mais facéis, & seguros por o acharem facil de executar, o qual não deixa de ser bom remedio, se não tivera o defeito de deixar os finais do fogo, & juntamente ha algũas partes, aonde o fogo se não pôde dar com segurança, como he na cabeça, & partes nervosas, & inchadas.

Para se dar o fogo, he necessario seguir as cordas com o fogo, & atalhas, sem que penetre o couro. Os botoões, & funchos se deixaõ amadurecer, & se furaõ com botoens de fogo. Logo que se der o fogo, se sangrará o cavallo copiosamente, & purgalo duas, ou tres vezes (como temos dito,) conforme a necessidade o pedir, & tornando a aparecer mais botoões, se deixaram amadurecer, & meterlhe o fogo.

A sangria se pratica muito no principio, & fim da cura. Se depois de se dar o fogo ouver partes, aonde se não possa dar com segurança, se uzará do cauterio Potencial, que faz a mesma obra, sendo dado methodicamente, do qual acharão receitas no Cap. 11. do fogo Potencial.

O fogo fara o mal de Olanda em todas as partes, que esteja, porém sem se evacuar o cavallo, será quasi sempre inutil. Quando o cavallo se cura com o fogo deste mal, he necessario trabalhá-lo no tempo da cura, tirado nos dias da purga, & sangria. Como este mal de Olanda, he muy ordinario nos cavallos, he necessario, que nos alarguemos mais nos remedios d'elle, para que cada qual faça aquelle, com que melhor successo tiver, & conforme o merecimento do cavallo.

Em todo o genero de curas deste mal, he sempre necessario observar o que temos dito de sangrias, & regimentos; & em seu guimento disse, sempre he bom remedio darlhe esta purga seguinte.

*Purga para o mal de Olanda:*

Tomarã raizes do verdadeiro eleboro negro ( que nesta enfermidade he hũa das principaes drogas ) a quantidade, que quizerem, & as lavarã, & enxugarã, & as metão em hum vaso com vinagre rozado, que fiquem em infuzão vinte, & quatro horas, & depois as tirarã; & secarã a fogo lento, & se guardarã para as necessidades.

Destas raizes pizadas tomarão tres outavas, hũa onça de senne, turbit, & aloes, de cada hum meya onça, ruybarbo borrifado com vinho, huma outava, anis, & funcho meya outava, de cada hum, salitre huma outava, gengibre, & nõs nascada, de cada hum, hum escupulo, & meyo; farã de tudo pöz grosseiros, & farão pirolas, com hum arratel de manteiga fresca, que darã ao cavallo na forma, que dissemos nos Capit. 7. & 8. das purgas, & descansando depois della dous dias, se lhe dará a beberagem seguinte.

*Beberagem para o mal de Olanda.*

Tomarã raizes de angelica, de genciana, de valeriana, de beroni;

betonica, de aristoloquia redonda, & de malvaisco, de cada hum hũa onça, & meya, se forem secas, & se verdes dobrarãm o pezo; folhas de agrimonia, duas mãos cheas, pizarão as raizes grosseiramente, & meteraõ tudo em humia panela bem tapada, com seis quartilhos de agoa, que ferverãm atè se galtar ameda-de, & depois se coará, expremendo tudo bem, lhe ajuntarãõ à calda assim quente hũa onça, & meya de çumo de regalice, pizada juntamente, & se misturará à calda outro tanto vinho branco, & meyo escrupulo de açafraõ.

Esta infuzãõ se ha de dar ao cavallo em cinco manhãs repar-tida, tendo o primeiro enfreado tres horas dantes, & depois duas; passæraõ o cavallo meya hora depois que atomar; passados os cinco dias logo as cordas, borões, ou chagas se hiraõ murchando, & sarando, & se pôdem hir servindo do cavallo com moderaçãõ.

Se o cavallo naõ sarar com isto, será o mal muito grande, com que será forçoso tornar a curalo de novo, sómente nas sangrias deve aver moderaçãõ, que naõ pôdem os cavallos com a muita repetiçãõ dellas.

O mal de Olanda radicado, he muytas vezes muy mau de extinguir, porque penetra a carne, & se revolve por baixo das veas, & faz nos emuntorios hum ninho de landoas, muy intin-cadas; & a massa sanguinaria participa muito deste vicio; com que só com a força, & propriedades occultas dos alixapharmacos, se tem achado, que fara perfectamente, sendo curado este mal methodicamente.

Será o cavallo sangrado, & purgado, como dissemos; depois se lhe dará a infuzãõ do guayacãõ, salisfrazia, raiz da China, ou salsa parrilha, com esta advertencia, que se o corpo do cavallo estiver cheyo de humores crùs, lentos, & viscosos, & o cavallo for gordo, & carregado de carnes, será necessario mayor quantidade do guayacãõ, que os corta atenua, & prepara para melhor a natureza, & medicamentos purgantes os expulsarem do corpo.

Se o cavallo for seco, magro, & cheyo de humores quentes, &



beliosos, ou melancolicos queimados, a infuzaõ de raiz da China os prepara, sem augmentar o seu calor, & a infuzaõ da falça parrilha tambem serve para o mesmo, que he meãa na sua temperança.

*A infuzaõ do guayacaõ se faz desta maneira.*

Tomaraõ dez onças de pao de guayacaõ rapado, & o infundirão em outro quartilhos, & meyo de agoa, que ferverá a fogo lento por espaço de doze horas, & tendose a panela tapada, com que venha a ficar em seis quartilhos. Depois se courá, & se darão dous quartilhos cada dia ao cavallo continuados por tempo de seis dias, estando entreado tres horas dantes, & duas depois; & entaõ se purgará com a purga atráz escrita, a que ajuntarão mais hũa onça de confeiçaõ amec simplex, ou com a composição, que diffemos no Cap. 8. das purgas; juntandolhe a dita confeiçaõ amec.

A infuzaõ da China se fará nesta forma.

*Infuzaõ do pao da China.*

Tomarã de raiz da China cortada meüda, quatro onças, & se infundirá em outro quartilhos, & meyo de agoa, & em vaso de vidro cuberto, espaço de quinze horas, depois as farã ferver com fogo lento até se gastar ametade, fazendo muito que nada se exhale estando fervendo; depois de coada, darã a terça parte ao cavallo cada manhã, enfreado duas horas de antes, & duas depois. He necessario esta infuzaõ, que se dê morna, & se faça de tres em tres dias, por quanto se corrompe, & faz azeda, continuando por seis; ou outro dias, & ao depois purgar o cavallo.

A infuzaõ da falça parrilha se ha de fazer nesta forma.

*Infuzaõ de falça parrilha.*

Tomará n seis onças de falça fendida, & cortada meüda, se infundirá em outro quartilhos de agoa, estando assim de noute até pela manhã, depois se ferverá na mesma agoa, até se gastar ametade. Esta coada se dará a terça parte ao cavallo, seis manhãas continuadas, ao depois disto purgalo como temos dito.

Estas infuzões se podem tambem misturar huas com outra, conforme as noticias dos humores, & temperamento do cavallo, que tem propriedade de dissipar o humor maligno, purificar o sangue, & consumir todo o vicio delle, & com a prova se verificará os effectos.

Para o mal de Olanda, que se poem na cabeça do cavallo darei receita de hum Italiano moderno muy louvada.

*Receita para curar o mal de Olanda.*

Tomarãõ amerade de meyo quartilho de çumo de asintro, no qual meterãõ hũa onça de pedra hume em pò, de sal comum em pò, duas ouravas, espirito de vitriolo, dez gotas; meterãõ tudo em huma ambula, & estando o cavallo enfreado da meya noute atè as seis horas da manhãa, lhe lançarãõ dentro nas orelhas hũa pouca desta composiçãõ, esfregandolhe as orelhas para a fazer bem penetrar, & da mesma forte continuarãõ atè se gastar toda a composiçãõ em ambas as orelhas. Tomarãõ depois o asintro assim pizado; & com elle se taparãõ as orelhas, metendolho dentro nellas, se atarãõ de tal modo com hum cordão, que as não penetre dentro ar algum, assim se deixará o cavallo estar cõ o freyo tres horas mais, & passadas se deixará comer o cavallo, sem lhe tirarem os cordões das orelhas; & depois sem comer delde a meya noute, atè as seis da manhãa o tornarãõ a ter enfreado, & entãõ se lhe tirarãõ os cordões, & lhe darãõ duas sangrias ambas ao mesmo tempo nas veas da taboa, de que lhe tirarãõ de entre ambas cinco quartilhos de sangue, deixando enfreado mais duas horas.

Esta receita he particular, só tem hum defeito, que he ficar sempre os sinaes do cordão nas orelhas, porque nascem nellas os cabellos brancos.

Com este remedio faraõ os cavallos do mal de Olanda, & assi na cabeça, como nas mais partes vestidas atè as mãos, & suposto que o Author diz, que em todo o corpo que o mal esteja o larra, não fis experiencia mais; que dos que tinhaõ o mal na cabeça, & peitos, com que não seguro todo o corpo.

*Outro remedio.*

Olepi Escuyer traz hũa receita, com a qual diz tem curado infinitos cavallos, & que comprava todos os que estavaõ mais podres do mal de Olanda por menos preço, estando seguro em os farar logo. Para o que manda, se tomem raizes de *lapatum acutum* grossas, & compridas, como hum dedo; & fendidas pelo meyo fazer hũa cruz na testa do cavallo, despegandolhe o couro com hũa costa de pao lizo, para meter as raizes, com que fica quem debaixo do couro em cruz, & seguras, applicandolhe em cima hum emplasto de pez negro, que estará até que por si se despegue; depois tomarãr partes iguaes de *lapatum acutum*, & de dente de Leão tanto das raizes, como das folhas, se pizaraõ em hum almofariz com dous dedos de sal; & de tudo bem misturado, se fará n duas bolinhas, como nozes pequenas, que se meterãr hũa em cada orelha, atadas muy bem ambas, & estará o cavallo assim vinte, & quatro horas; depois se cortaraõ os cordoens, & os botoens, & ulceras, se lavaram com o seguinte lavatorio.

*Para as ulceras, & botoens.*

Tomarãõ quatro quartilhos de vinagre, & se meterãõ nelle muitos ferros ferrugentos, por espaço de vinte, & quatro horas, & no fim se reparará toda a ferrugem sobre hum vazo, & nella se lançará hũa mão cheia de pedra hume, em pedra, & outra de sal grosso, & do mesmo vinagre se deitará hum quartilho, & meyo, tudo com o que dizemos misturado, se fará ferver ao fogo até que se consumaõ duas partes; com a outra que ficar se esfregaram os botões, & frunchos do cavallo, com hum pano grosso, & aspero, para que os escarne, abra, & faça sangrar, & se em algũas partes ouver grande inchação, como nas pernas custuma haver, se molharaõ panos neste lavatorio, & se envolverãõ nelas. As esfregaçoens se faraõ em hum dia, & em dous não até se começarem as ulcêras, & botoes a murchar, & entãõ se polvorisaraõ com caparroza, calcinada para os dessecar de todo. Muitos cavallos doentes de mal de Olanda faraõ com o remedio seguinte.

Sangrarãm o cavallo em ambas as veas do pescoço, tirando-lhe seis arrates de sangue; ao dia seguinte lhe daraõ huma beberagem de tres quartilhos de vinho branco, duas onças de aloes socotrino, & duas onças de triaga fina, bem misturado; guardando sempre as regras que dissemos no dar das purgas nos Capitulos 7. & 8. & com isto secaõ os botões muitas vezes; sem mais nada.

## CAPITULO 87.

*Das Ebulaçoens do sangue.*

**H**A muitos Alveitares, & pessoas, que se enganaõ, & cuidaõ ser mal de Olanda as Ebulaçoens do sangue, & assim se poem em grande cuidado; & gastos para os curar. Quando ha superabundancia de sangue, & que ferve por causa do muito calor, derramase, ou se extravassa facilmente algũa parte deste sangue superfluo, de que apparece os funchos, & tumores por toda a parte do corpo, que parece mal de Olanda.

Isto procede ordinariamente do muito comer dos cavallos; sem trabalharem em tempo, que lhes dão o verde, he mais certo se os não sangraõ logo; porque crece o sangue em abundancia, & não pôde resolver o superfluo. Distinguese do mal de Olanda; em que nasce de repente, da noute para a menhaa, & não são radicados com a carne do cavallo, nem tão duras, nem buscaõ as veas, como o outro, & sobre tudo o sarar brevemente desfaz logo a duvida, porque com duas sangrias copiosa na taboa, que he o remedio, se resolvem logo estes tumores, & com meterem o cavallo na agoa do rio hum par de vezes. As sangrias sendo pequenas, recolhem para dentro este humor, & em seguimento causa febre ao cavallo; o que se remedeia com o sangrarem mais, & darihe depois da sangria hũa proporcionada quantidade de triaga, que aliviatá muito o cavallo, & fará lançar o humor por algũa via: O cavallo dormirá ao sereno sendo veraõ.

## CAPITULO 88.

*Da graixa ou gordur a derretida.*

**A**MESMA palavra, com que esta doença se nomea; a explica, succede pela mayor parte em cavallos gordos, quando fazem algum exercicio violento, & mais certa em tempo de calmas, q̄ recebendo o cavallo calor excessivo, se lhe derrete a graixa dentro do corpo, & deste mal morrem muitos cavallos, porque he muito mau de conhecer, & se enganaõ com elle, & não lhe acudindo com promptidaõ se perde o cavallo, porq̄ algũas vezes dá muy poucos sinais de doente, trabalhando ainda dous dias em quanto agraixa lhe não entupe as facultades naturaes, & morre logo de hum dia para outro, & se está com descânço o manifesta melhor. De ordinario perde o cavallo a vontade de comer, deitando-se, & levantando-se a meudo, olhando para os rins; porẽm mais certo indicio he metendolhe a mão pelo cesso, trazer o esterco envolto em graixa, & da mesma sorte a mão, com que se mostrará claramente ser graixa, com que ficaõ os sinais claros, para se tratar logo dos remedios.

He necessario primeiro de tudo, fazer que se torne a meter a mão algũas vezes, untada em manteiga fresca, & tirarem todo o esterco, & graixa; que poderem, sem offender os intestinos; depois disto se ha de sangrar o cavallo na taboa, & darlhe hũa ajuda, que se fará com seis quartilho de calda ordinaria, na qual meteraõ duas onças de catholico commum fino, huma onça de diaprunis solitivo, huma quarta de mel violado, duas onças de canafistula, & hum quartilho de vinho, em que aja estado de infuzãõ Crocus Metallorum, como diffemos no Capit. 5. Depois do effeyto da ajuda, se passará em parte fresca meya hora, & dahi a huma se dará a beber ao cavallo meyo quartilho de sempre viva mayor, misturado com hum quartilho de vinho branco, isto dado a tempo alimpa, & fara o cavallo.

Depois de dada esta beberagem , passearão o cavallo de passo vagaroso hũa hora ; & se tornará a reïterar a ajuda , buscarão todos os meyo para que o cavallo coma , seguindo o methodo , que temos ensinado nos Capitulos 22. & 23.

Para esta doença , se costuma dar a beber ao cavallo meyo quartilho do seu mesmo sangue , que se lhe tira da caboa , misturado com hũa onça de escamonea preparada em vapor de exofie , depois se passará hũa hora , observando neste remedio como no precedente ; a saber vazar o cesso , & darlhe ajudas.

Tem-me assegurado , que fazendo sangrar hum carneiro , & todo o sangue , que se tirar delle assim quente, dalo a beber ao cavallo fara logo da graixa derretida ; o remedio he facil , eu o não tenho experimentado.

As pirolas compostas, com assafetida ; & de bagas de louro , reduzidas em pirolas tamanhas , como nozes , dadas ao cavallo depois de sangrado , são muito efficazes , & faraõ o cavallo.

Todo o cavallo de graixa derretida fara com facilidade ( se he logo conhecido o mal, ) curando-o como temos dito ; porém não se conhecendo , mata logo o cavallo facilmente

## C A P I T U L O 89.

### *Do Agoamento, Infusura, & Resfriamento.*

**N** A M. faço separaçõ destas enfermidades , porque são todas hũa mesma cousa , ainda que sejaõ capituladas com diferentes nomes. E supotto que alguns Authores Espanhoes dizem , que differem ellas somente nas causas , de que procedem , & que por estas são hũas mais perigosas , outras menos , vemos com tudo , que ha Agoamento leve , & forte , Infusura forte ; & leve , & da mesma sorte os Resfriamentos , & juntamente vemos que as mesmas causas , que fazem os Agoamntos , fazem tambem os Resfriamentos , & Infusuras , como são ; o suor , & calor grande , a que se siga logo frio , porque o passar de hum extremo a outro , faz este dano.

dano. O trabalho violento, parando logo o cavallo de repente ; o meterse na agoa, estando suado ; o receber algum chuvaire de agoa, neve ; não se lhe dar de beber vendo agoa, ou de comer vendo o mantimento, ou vendo comer outros cavallos, que estes grandes desejos lhe causão hũa revolução grande no corpo, de que se segue o dano, que póde compararse, com o que recebem as prenhasdas, quando por desejarem abrotaõ ; o forçarem a que trabalhe o cavallo estando manco de algum pè, ou mão o estar na estrebaria, comendo muito sem exercicio, mayormente em cavallos, que costumão ter este dano, o estar o cavallo manco de algũa mão, que o obriga a estar sobre os tres pés, o tirar-lhe a sella logo suado, sem o passearem primeiro, & entouparem, & não lhe darem de comer vindo de trabalhar, & também o dar-lho com demasia entãõ, faz o mesmo dano, porque está o calor dividido, & falta no estomago o que he necessario para abraçar, & cozer muito mantimento, o encabrestarse hum cavallo, ou meterse por baixo da manjadoura, ou soltandose com outros cavallos na estrebaria, trabalhando muito, por qualquer destas causas, & em fim por outras semelhantes, que com o nome de Agoamento se explicaõ melhor, que com rezaõ lhe chamãrão os antigos Agoamento, porque com o calor estranho, & revolução de humores, se derretem estes, & convertem em hũas agoas liquidas, que correm para as partes baixas, debilitadas com o trabalho, & com pouco calor para o resolver, & resistir, de forte, que os nervos se encolhem, os musculos inchaõ, & as mãos, & pernas se fazem endurecidas, & ordinariamente padecem mais as mãos, que os pès, por terem aquellas mayor corpo sobre si, de que deça mayor fluxaõ ; & porque também recebem mayor pezo do corpo do animal, & os cavallos padecem frio grande, ou seja pela fresquidaõ do lugar seguin-dose ao calor grande, ou pelo frio da cezaõ, & como as mãos, & pès trabalhaõ mais, levaõ a mayor dor, rcebêdo a mayor carga dos humores. Donde se adverte que he muyto necessario passear hum cavallo, muito a passo vagaroso em parte abrigada, & muy bem cuberto depois de aver trabalhado com violencias, para se resolve.

solverem, & dissiparem os humores, que vem sobre as mãos, & pès como tambem por se não esfriar o suor de repente, & tapar os póros à evaporação.

Muitas vezes a companhia ao Resfriamento a gordura derretida, & os cavallos, que são agoados com a graixa derretida, tem muito mayor trabalho a sua cura.

O Agoamento mais trabalhoso, he aquelle, que he acompanhado de febre; porque se não he curado com muita cautela, morre o cavallo facilmente, ou fica incapaz toda a sua vida. O Agoamento menos perigoso, he aquelle, que não dá em todos os quatro pès, & o que sómente enteza os nervos por frio estranho, sem grande decimento de agoas humorosas, que se vê em que o cavallo move bem o corpo, ainda que as mãos andem tezas, & poem sobre os pès, se o obrigaõ a andar, para hir a saltos, como manietado.

O cavallo, que está com grande Resfriamento, não pode caminhar a diante, nem recuar a tras, não póde mover as mãos, & pès; sem grande pena, não se atreve a por os pès no chão, nem quer comer, senão muito pouco, a pèle está pegada muito ao corpo; as ilhargas sumidas para fina, & tem algúas vezes nellas grande batimento, & está muy triste, & treme algúas vezes.

O mayor Resfriamento não causa nunca a morte ao cavallo, (salvo se he acompanhado de febre;) porém tem necessidade de se lhe acudir com grande cuidado, porque não sendo assim, lhe decerám os humores aos calcos de tal sorte, que fique distor-me delles, & incapaz de servir.

A primeyra cousa, que se deve obrar nesta cura, he atalhar a que os humores, que estão derramados pelos nervos, & musculos, não caião sobre os calcos, porque os farião disformes. Empedindose estes humores com remedios defensivos em todo o casco, & coroa d'elle, & nas mãos, & pès com a composiçãõ da carga, que dissemos no Cap. 13.

Os Mouros, & Turcos, quando os seus cavallos tem Resfriamentos, lhe dão hum quartilho de çu no de cebolas brancas, com hũ pouco de çuma de alhos misturados; sangraõ-nos nas quatro pernas;



pernas; & dous dias depois se servem delles, como dantes. Não creyo que remedio seja sufficiente nestas nossas terras; eu nunca fiz delle experiencia.

*Como se curão os Agoamentos.*

Tanto que se conhecer o cavallo Agoado, he necessario sangralo logo na taboa de ambas as partes copiosamente, & receber o sangue em hum alguidar, movendo sempre com a mão, para que se não coalhe; depois meter o cavallo no rio até lhe cobrirem os pés, & mãos, com que não chegue à barriga, & nella o deixarão estar assim duas horas largas; neste tempo se ferverà em hũa panela esterco de porcos o mais fresco, que se achar com vinagre, & azeite de nozes. Saíndo da agoa se lhe ha de atar muito bem as mãos, & pés, com ataduras de pano de estopa novo, por cima do joelho das mãos, & das curvas das pernas, para empedirem os humores, a que não deçaõ livremente, & se lhe untarãõ os pés do lugar das ataduras até todo o casco com esterco de porcos cozido em vinagre, & dentro nos cascas havendo os desterrados primeiro, se meterá hum defensivo de vinagre fugem, & claras de ovos, & pelo lugar das ataduras, & dahi para cima, & por todas as espaldas, peitos, lombos, & coxas, se carregará com a composiçãõ do Capit. 13. misturando nella o sangue, que se tem tirado, & bolo Armenio na forma, que no mesmo Capit. 13. dissemos, & dahi a algũas horas, lhe lançarãõ hũa ajuda laxativa, & terãõ o cavallo em hũas fundas de mantas; ou lençoës em dobras, para que não ponha tanta força sobre os pés, & mãos offendidos, que lhe acrecenta o mal, além de que deitando se não se pôde muitas vezes tornar a levantar.

Se o cavallo não quizer comer nada; he necessario darlhe pelo cornõ cevada cozida, & beberagens; & fazerlhe tudo o que for possivel, para que vá comendo, como dissemos nos Capit. 22. & 23. & de seis em seis horas tornar a renovar o esterco de porco, & o defensivo por fora, & por dentro do casco; passadas as primeiras vinte, & quatro horas se tirará o esterco dos braços, & pernas, & se carregará com a carga, que dissemos no Cap. 13. & tornaráõ a fazer o mesmo de vinte em vinte, & quatro horas,

como

como também por todas as mais partes, sem tirar a primeira; & se continuaraõ as ajudas, reiterando as sangrias, fazendo huma cada dia sempre na taboa, com que em breve tempo serã saõ.

*Outro remedio.*

Quando hum cavallo está agoado, he necessario sangralo em todas as quatro pernas, & se não se poderem achar bem as veas por causa da inchação, sangrarscha na taboa. Depois tomaram vinagre em hum alguidar, com dous punhados de sal commum, & que esteja hũa pessoa em cada mão a esfregar, por espaço de meya hora com o vinagre, & sal, & lhe encherã in os calcos por dentro, & por fóra, como assima fica dito; lançarlhe hũa ajuda, & dahi a seis, ou outo horas se reitirem as esfregações, & passear o cavallo meya hora, conseguindo em lhe tornar a pôr o esterco de porco por dentro: & por fóra dos calcos, & continuando assim de tempo em tempo com este remedio, que for feito com diligencia, & cuidado se porã o cavallo em breves dias capaz de poder servir. Porém he necessario acudirlhe com tempo, porque o agoamento envelhecido, he muito mau decurar.

Se o cavallo river fastio, lhe deitem a cevada pelo corno, como temos dito, & se uze dos remedios, que lhe dissemos nos Capitulos 22. & 23. E se o agoamento for com muito batimento das ilhargas, serã necessario uzar das sangrias, & continuar as ajudas

*Outro remedio.*

Este remedio se tem feito com bom successo muitas vezes, & he deste modo. Tomaraõ o çumo de huma duzia de cebolas brancas, o qual misturaraõ com hum quartilho, & meyo de vinho branco, & com excremento de minino, que seja saõ, & misturado tudo, o faraõ beber ao cavallo, sangrando-o depois de ambas as veas da taboa, & se aquestrarã hũa pouca de aveya, causa de hum alqueire em hũa caldeira, com agoa, & o mais quente que o cavallo a poder sofrer, se lhe porã em hum sacco sobre os rins, & nos calcos se uzará como temos dito.

*Outro remedios.*

O Senhor de Bella Villa diz, que uzava sempre cõ bom suc-

cesso o remédio seguinte. Sangrar o cavallo em ambas as veas da taboa, tirarlhe seis arrates de sangue, recebendo-o em hum alguardar limpo, & deixado coalhar. Depois tomar dous quartilhos da agoa, que fair do sangue, & dous quartilhos de vinho branco, com excremento de minino, que não chegue a outo annos, com distincão, que se o cavallo for o do achaque, será o excremento de minino, & sendo egoa, será de menina, & lhe juntarão duas onças de encenso em pó, fazer que tudo ferva meya hora, & dallo ao depois a beber ao cavallo pelo corno. Logo que estiver sangrado, se lhe meta nos cascos, & ao redor delles o adstringivo seguinte.

*Adstringente para dentro, & ao redor dos cascos.*

Tomarãr dous arrates de unto velho derretido, hum quartilho de vinagre, duas tigelas de farinha centeya, ferverá tudo, & ao depois se lhe juntará ainda na fervura, esterco de porco fiavel, se estiver muy delgado, se lhe meterá mais farinha, se duro mais vinagre, continuando com este remedio todos os dias, pondolho com atadura, que não caya, esfregando-lhe as mãos, & pernas com decoada de cinza de vides, de alto abaixo, & molhados rolos de palhas trigas, ou centeas, se envolverãr nellas, molhandoas sempre com a decoada. Não beberá o cavallo nos primeiros dias, comerá pouco grão, palha a que quizer.

Passados os tres dias o levarão a agoa corrente, rendoo nella hũa hora, deixando-o beber a que quizer, repetindo isto quatro, ou cinco vezes. Podense dar ajudas nesta receita, & ainda alguns dias depois de estar saõ, para que fique melhor, & mais seguro. Para todo o cavallo agoado, he admiravel remedio o uzo da carga, & composicão do Cap. 13.

As pirolas compostas com affaferida, & bagas de leuro, de que tratamos no Cap. 88. são tambem excellentes, porque com ellas fomente curaõ todos os Olandezes os seus cavallo agoados, & as trazem de reserva nas campanhas, para as occasioens, porque os cavallo de Olanda são muito fugeito a agoamentos.

## CAPITULO 90.

## Dos Torcilhões.

**O**S Torcilhões são hūas dores de barriga excessivas, a que são muito sujeitos os cavallos, procedidas de diversas causas, que as fazem ocasionar diferentes effeytos. Hūas vezes nace[m] dos humores, que se enfe[r]rao nas entranhas, outras vezes de ventosidades grandes, que afligem o cavallo, outras de supresões de ourina, outras por obstruções de excrementos calidos, & secos, outras por materias cruas; crassas, & viscosas de muito comer; mal ditigido, q̄ causaõ estes accidentes, & algūas vezes por sangue esquentado, & colera aceza, de que a natureza se quer descarregar pelo ventre, & o acha impedido. Chama-se Torcilhaõ pelo torcer, que faz o cavallo com dores, ou por causar tormento, ou por serem eercās de ventre.

Conhecese o Torcilhaõ, quando o cavallo està muito inquieto, & se deita, & levanta a meūdo, olhando muitas vezes para as verilhas, & todo se debate, & trabalha por se livrar da affiçã, que o molesta. Muitas vezes, he acompanhada esta doença com as olivas, que nace[m] abaixo das orelhas como disse[m]os no Cap. 39. o que he necessario se advirta, porque suposto, que a mayor parte das dores da barriga, são sem olivas, tambem ha olivas sem dores de barriga; & com estas costumaõ os cavallos fazer os mesmos sinaes, que com as dores de barriga.

O Torcilhaõ tem muita semelhança com a colica dos homens; & como he doença de consideraçã, & frequente nos cavallos, de que morrem muiros por erros das curas, he necessario, que nellas nos alarguemos mais.

Os Authores, que melhor escreverãõ, fazem seis especies de Torcilhaõ, & tenho alcançado que são todas as que ordinariamente se achaõ.

## CAPITULO 91.

## Da primeira especie de Torcilhão.

**Q**UANDO os cavallos comem muito, & o estomago não pôde fazer digestão, causaõse tantas cruezas, que suffocão o calor natural; & fazendo força para vencer as cruezas he causa das dores, & de receber juntamente vento nos intestinos. & estomago; que augmenta. Poucos cavallos morrem desta especie de dores; acudindolhe a tempo oportuno, salvo se fosse algum cavallo tão gordo, que comesse de repente tanta quantidade de trigo, ou centeyo em grão; que arrebutasse, como succede muitas vezes a alguns, que acharaõ hum balde, ou sacco à sua vontade.

O centeyo faz muyto facilmente este accidente, sendo muito, & bebendo logo sobre elle, & sendo cũ he de mayor prejuizo do que cozido, & o mesmo he o trigo.

*Como se acade à primeira especie do Torcilhão.*

O remedio para este accidente, consiste em ajudar a digestão, fortificando a natureza. Vomitorios não ha que tratar delles nos cavallos, porque lhe causaõ mais accidentes, que provei. to. O que se fará logo, he mandar meter a mão, & tirar todo o estercos do intestino recto, & lançarlhe huma ajuda laxativa ordinaria de outo quartilhos, na qual meterám hum de vinho de Crocus Metallorum, como ensinamos no Capit. 5, no mesmo tempo he necessario preparar meyo quartilho de agoa ardente; na qual se desfará de triaga, grossura de huma avelã, meya onca de açafraõ, & farão beber tudo ao cavallo, tanto que tiver purgada a ajuda.

Se com este remedio não fizar logo, he necessario passalo muito bem, cobrilo, & impedilo, que se não deite; & estando emmantado, lhe passarám pela barriga hum esquentador com brazas dos ordinarios de esquentarias comas;

& isto por tempo de hum quarto, ou de meya hora; mas de sorte que o não queime. E se isto não appacar as dores, he necessario darlhe meya onça de orviatão em hum quartilho de vinho branco. O orviatão he remedio seguro para todas as especies de dores de barriga, com que sempre se dà com segurança. O figado de viboras quando se acha nas boticas, he o mais excellente remedio de todos; para todas as especies, ainda que he caro, & poucos Boticarios o sabem preparat, & tambem fara o mal de Olanda.

Ha dores, que procedem do grande enchimento do estomago, com que a continuacão das ajudas, he dos melhores, & mais seguros remedios.

## CAPITULO 92.

### *Da segunda specie do Torcilhão.*

**A** SEGUNDA especie de dores, he causada de ventosidades, que he a mais ordinaria, que costumão ter os cavallos; especialmente são fogeitos a ella, os que tem birra, porque a força, & puxos, que fazem em vão, lhes enchem o corpo de vento, porém húa boa ajuda carminativa basta muitas vezes para os sarar.

Avendo frialdades no corpo se pódem levantar dellas vapores, & ventosidades, sendo bastintes para as levantar, & poucas para as dissipar, & desfazer. Commumente são sempre as ventosidades levantadas por falta de calor; & se estes ventos são em grande abundancia, fazem estender muito o estomago, & intestinos, causão grandes dores ao cavallo, & se conhecem pela inebação, que fazem, levantando o ventre para cima, como que quer arrebenatar, por donde se vê serem ventosidades; porém nos de mais fimes he como as outras, porque o cavallo se afflige, deita, & levanta; & faz todos os demais movimentos, que dicemos.

*Como se cura a segunda especie do Torcilhão.*

Acodese a esta doença com sangrar o cavallo nas verilhas, & debaixo da lingua, & passeado, porque com o passeio o calor natural se agita, para vencer o mal; porém deve ser passeado pela redea a passo, & a trote bem cuberto, & se não bastar, preparará a ajuda seguinte, que a todo outro remedio neste caso antepoño.

*Ajuda para a segunda especie do Torcilhão.*

Farão seis quartilhos de cozimento das cinco ervas emollientes ordinarias, com as sementes seguintes, que he necessario pizalas, & fazelas ferver primeiro hum quarto de hora, antes que metão as ervas. As sementes serão cominhos, semente de funcho, erva doce, de cada hum hũa onça, & tamem das ervas destas sementes, ou das que dellas se acharem, meterão de cada huma, huma mão cheia, & se ouver flores de macella, meya mão cheia. Depois de cozido tudo, se coará, & meyo quente, lhe lançarão tres onças de catholico commum, ou de benedicta laxativa; meyo arratel de azeite, ou hũa quarta de manteiga, & quatro onças de oleo de arruda escrito no Cap. 41.

De tudo isto se fará ajuda, & se lançará na forma, que temos dito no Cap. 5. & se com esta ajuda não purgar bastantemente, ou que ainda haja dores, se repetirá a ajuda seguinte.

*Outra ajuda.*

Tomarão nove quartilhos de vinho tinto; que farão ferver com seis mãos cheas de salva, até se gastar a terça parte, & o darão depois de coado ao cavallo, que faz muito bom effeyto nestas dores. Se o cavallo não sarar com as ajudas, será necessario que dahi a huma hora, depois de ter lançada a ajuda, se lhe dê pelo corno hum arratel de azeite comum, & fazelo passear a trote pela redea, por espaço de hum quarto bem cuberto, & depois outro quarto de hora a passo ordinario.

Se não bastarem estes remedios, ou que as ajudas não fossem tão bem preparadas, q̄ fizessem passar as dores, será conveniente uzar de hum oleo purgativo; & carminativo, que tem notavel effi-  
cacia para atcher, & sarar as ventosidades, applicado em ajuda; &

he de maiores virtudes para as mais especies de Torcilhoens.

As pessoas ; que tem muitos cavallos em Olanda, cultumão ter deste oleo sempre em caza, que he muito facil, & se faz desta maneira.

*Oleo carminativo para o Torcilhão.*

Tomaraõ arruda, nevada, ouregãos, secas à sombra, de cada hũa, hũa mão chea; cominhos, erva doce, bagas de louro, de cada hum, hũa onça, dous arrates de azeite, hum arratel de vinho branco, porãm as sementes em pó, & pizaraõ as ervas ; & tudo junto meterãm em huma panella de barro, & ferã melhor vidrada per dentro, & cubrirãm com outra panela, que fique ajustada boca com boca, muy bem barradas com massa, que não exhale fora, & fervendo assim a fogo lento por espaço de seis horas, se deixaraõ depois esfriar algum pouco ; & se coará o azeite, ajuntandolhe quatro onças de coloquintida, se tornará a meter na mesma panela, assim o azeite, como a coloquintida barrando a panela, como da primeira vez, se porã de novo a fogo lento por tempo de seis horas, & passadas ellas, espertarãm o lume, & o faraõ ferver a cachaõ duas horas & o deixaraõ esfriar antes de descobrit a panela, & se coará, & espremerã, guardindose este oleo, porque se conserva com toda a sua virtude muito tempo.

Em hũa ajuda ordinaria, se metem tres até quatro onças deste oleo, que faz maravilhas, fazendo expellir as ventosidades, puxaõ do pelos humore viscosos, que muitas vezes, ou quasi sempre causaõ estas dores; & fará mais este oleo, que todos os electuarios da botica, custando menos, de que a experiencia mostrarã o bom effeyto.

CAPITULO 93.

*Da terceira especie do Torcilhão.*

**A**

TERCEIRA especie de Torcilhão que dà aos cavallos, he mais facil de conhecer, que as precedentes, aqual procede de hũa sorte de steuma vidrada, que se apegã às membranas, & tem acrimonia, ou seja por podridaõ, ou corrupçaõ, ou porq̃ he salgada, & mordicante irrita a natureza, que querendose descarregar della, faz



violencia, causando dores estranhas, que são insupportaveis, & tão infosteveis, que muitas vezes morrem dellas os cavallos; o que succede raras vezes nos Torcilhoës, de que já tratamos atrás.

Esta especie de dores, se conhece, em que o cavallo além de se debater muito, & fazer os mesmos sinais dos outros Torcilhoës, se está sempre espremendo, & pondo em forma de querer lançar os excrementos, repetindo puxos grandes, sem obrar nada, & juntamente sua nas verilhas, & orelhas, & se lança algum esterco he muy pouco, antes lança fleumas pegajosas, que com grandes dores; se despegão das tripas, depois do que ha hum instante de descanso, em que cuidão está são, porém logo tornaõ as dores a repetir, & os accidentes, como dantes.

Muitas vezes costuma dar esta especie de Torcilhoã ao cavallo, depois de se aver vazado muito no dia antecedente, que intentando a natureza aliviarse da opressão das fleumas pegadas às tripas, faz lançar os excrementos, & ficarem só as fleumas movidas irritando os intestinos, que causão aquellas grandes dores; como acres, & pegadiças, obrigando os intestinos a grandes puxos, & forças, para quererem lançar fóra, o que lhe he tão nocivo.

Para remedear este dano, he necessario preparar huma ajuda de leite, ou caldo de tripas; & meterlhe quatro, ou cinco onças de azeite, outro tanto de manteiga fresca; meya duzia de gemas de ovos, & duas, ou tres onças de assucar mascavado. Esta ajuda adocça a acrimonia dos humores, mas como não tira a causa, será necessario tornar a reiterala dahi a tres horas, & em lugar do azeite commum, meterlhe tres onças do oleo carminativo, de que fizemos menção no Cap. 92.

Os purgativos pela boca, não são aqui convenientes, porque farião mayor violencia, & agravo, levando mais humores pelos intestinos já irritados, & causariaõ nova afflicção ao cavallo, com risco de o matarem; além de que hũa purga, está quasi vinte & quatro horas dentro no corpo do cavallo, & neste tempo poderia já estar são, & morrendo, sempre se ha de attribuir à purga. Com que só aconselharey por melhor, a repetição das ajudas,

húas emollientes, outras carminativas, outras laxativas, & purgativas para puxarem algúas fleumas despegadas, q̄ vão abindo caminho às outras.

Sòmente se o mal se for dilatando, se pòdem dar pela boca dous, ou tres arrates de azeite morno, ametade rozado, & ametade commum, com quanto onças de cristal de tartaro, para lhe abrir os intestinos, alimpandoos, & cortando os humores, & lhe aplacará as dores da colica, que com sua lubricidade coarã por dentro das tripas; adoçando os humores, & temperando o calor. Será bom passear o cavallo pela redea, & a passo vagaroso, que não aqueça no passeio, por não irritar os humores. Nunca poderá ler o mal tão grande, que com todos estes remedios, ou partes delles não fare.

#### CAPITULO 94.

*Da quarta especie de Torcilhão.*

**A** QUARTA especie de Torcilhão, he procedida de lombrigas, que se afferraõ no estomago, & na tripa grande, & causaõ tão desesperadas dores aos cavallos, que se deixaõ cahir em terra, como mortos, ficando estendidos sem movimento.

As lombrigas, que causaõ estas dores são commumment e húas largas, grossas, & curtas, como pevides de aboboras, & de cor avermelhada. As compridas, brancas; & agudas nas pontas, não são tão nocivas, como as primeiras, que roem muitas vezes as tripas, & as furaõ; donde naceem aos cavallos dores grandes, & excessivas.

Conhecese que o cavallo tem lombrigas; & lhe causaõ este tormento, quando de tempo em tempo se achão no excremento. Porém as avermelhadas; são mais difficultosas de achar, por serem quasi da mesma cor do excremento. Diferenciaõse tambem estas dores das outras, em que o cavallo, que as padece, se morde nas ilhargas com os dentes, & muitas vezes tiraõ pedaços de couro; como se fossen doentes de raiva. Suaõ por todo o corpo, & se deitaõ, & levantaõ arrojandõse mais repentinamente.

Não fallo aqui em muitas castas, & especies de lombrigas, a que são muito ligeiros os cavallos, porque sò trato dos Torcilhoens, & das causas, de que procedem as dores, que das lombrigas trataremos em seu lugar particularmente.

Quando os cavallos padecem dores, por causa de lombrigas, lhe darão hũa ajuda nesta forma.

*Ajuda para o Torcilhão cansado de Lombrigas.*

Tomarãr cinco quartilhos de leite fresco, & meya duzia de gemas de ovos, hũa quarta de assucar, tudo unido, se dará ao cavallo em ajuda, que fará acudir as lombrigas à tripa grande. Advertindo que logo neste tempo se de pella boca ao cavallo duas outavas de Mercurio doce, o qual sabe hoje preparar qualquer Boticario; porèm hãse de dar em huma bôlãzinha de massa crua, que farãr engolir ao cavallo, untada de manteiga, como pirola, porque de outra sorte lhe ficará o Mercurio embebido pela garganta, & dentes queixaes, servindolhe de prejuizo.

Podese dar muita diversidade de pós, & mefinhas para matar as lombrigas; porèm o mais excellente he o sublimado, ou Mercurio doce que leva tudo a barrer, & sò com seu vapor, mata toda a casta de lombrigas.

Se não quizerem uzar deste remedio, ou nao ouver o Mercurio preparado; se poderá uzar do remedio seguinte, que he bom para se guardar, para todo o tempo.

*Beberagem para Lombrigas.*

Tomarãr colôquintida, & agarico, de cada hum duas oitavas, turbit quatro outavas, tudo feito em pó grosso, se misturará com hum copo de fel de boy, & hum quartilho de vinho branco, que se dará pelo corno ao cavallo; depois o passarãr muy bem cuberto, & dahi a quatro horas, lhe darãr huma ajuda de caldo de tripas, ou de leite de vacas, em que se desfará meyo arratel de mel escumado, & seis gemas de ovos. Tambem se pôde fazer a calda de cozimento de cevada, agri-monio, & beldroegas, desfazendose nella meyo arratel de mel.

## CAPITULO 95.

*Da quinta especie de Torcilhão.*

**A**QUINTA especie de dores, he muy frequente nos cavallos os quaes as padecem, quando não podem ouinar. São causadas por obstruções, que estão no collo da bexiga, ou alguns humores grossos, de que os rins se descarragaõ na bexiga, & nella se incorporão, & fazem dentos, que não podendo sair tapão a via da ourina, & fazem supresões, & dores grandes, ou inflamação na bexiga, ou areas grandes, ainda que nos cavallos raras vezes se achão estas.

Algumas vezes succedem as dores de supressão de ourina nos cavallos, por estar o intestino recto muito cheyo, & entupido de excrementos duros, que fazem compressão ao collo da bexiga, que impedem a expulsão da ourina. Esta doença he perigosa se os cavallos não são com promptidão soccorridos.

Os sinais são quando o cavallo se deita, & levanta muitas vezes, & se affige muito, faz differença das outras; em que o cavallo, se prepara repetidas vezes para ourinar, & não pôde, & lhe inchão as verilhas, ao que se ha de acudir desta maneira.

*Como se ocode ao Torcilhão por causa da supressão da ourina.*

Primeiro de tudo, se ha de mandar meter a mão no cavallo untada com manteiga, tirandolhe todo o esterco a que chegar com muito tento de não offender a teipa; logo o sangrarão na taboa; depois se lhe lançará hũa ajuda ordinaria no cozimento das cinco raizes aperitivas, como dissemos na segunda especie de Torcilhão Cap. 92. ou lhe daraõ a ajuda seguinte.

*Ajuda diuretica, que tem propriedade para fazer ourinar.*

Tomará n meyo arratel de trementina, desfeita, com meya duzia de gemas de ovos; em cozimento das cinco ervas emolientes, desfazendo a trementina dentro, com tres onças de azite, que dissemos para as ajudas, no Cap. 92. & em falta deste outro

tanto de catholico commum, & se lançará ao cavallo mais quente, que morna, como o não escalde, & se passará meya hora antes de a tomar; a trementina se não lance na agoa sem primeiro se desfazer nas gemas, porque na agoa se faz dura, & não serve.

*Outro remedio para fazer urinar.*

Tambem fazem urinar dous quartilhos de agoa morna, em que se tenhaõ fervido duas onças de erva doce, & duas outavas de semente de rabãos.

*Outro remedio.*

Tambem he bom ferver alhos em azeite, & com elle untar as vetilhas, & toda aquella regiaõ.

*Outro remedio.*

O que faz ordinariamente grande effeyto, he saber meter a mão pello cesso, & bollir a bexiga, que fica ali naquella parte, cõ que urinaõ logo; & levar no punho da mão, manteiga crua, para engraxar dentro aquella parte.

*Outro remedio.*

Tambem se pó se meter hũa cindea de rolo de cera; untada em oleo de amendoas amargas, pela verga, & deixala estar hum pouco.

He bom, quando se fazem os remedios, fazer fomentaçoes sobre os rins, & que se faça com dous alqueires de centeyo cozido; & quente quanto possa sofrer o cavallo, postos em hum sacco sobre os rins, que são aonde chega o arçãõ trazeiro da sella.

*Outro remedio para fazer urinar.*

Hũa erva que chamaõ trepadeira, que nasce entre os tiigos, & trepa pellas canas delles, cozida em vinagre, & molhando com elle a verga, & bolças quente, faz logo urinar. Se isto não bastar, farão o seguinte.

*Outro remedio.*

Tomaráõ hũa duzia de seixos brancos pequenos dos que se achão nas beiras dos rios, postos em hum fogoã, os farão vermelhos, & lançaráõ assim em dous quartilhos de vinho branco, repetindo isto tantas vezes; até que os seixos se vão moendo; depois se dará deste vinho ao cavallo, que he tão diuretico, que

o fará logo urinar.

*Outro remedio.*

O lixo de pombas borrifado com vinagre, & depois lançado em hú testo de brazas, defumando o cavallo pellos narizes metendolhe a cabeça por dentro de hum saco aberto de ambas as partes faz logo urinar.

Muitas vezes basta para o cavallo urinar, metello em huma côrte de ovelhas, solto ali, sem freyo, nem prizaõ; ou metido da mesma maneira na estrebaria de outros cavallos, tirando-os, & deixando-o sò solto.

Como muitas vezes a supressão de urinas, procede de flegmas crassas, que empedem a expulsaõ, he necessario attender a isso com remedios convenientes. O mais seguro remedio para fazer urinar hum cavallo, he darlhe meya colher ordinaria de azeite de ambar, dandolho em hum quartilho de vinho branco, fazendo-o passear logo.

Quando he húa supressão rebelde, que pòde ser causada de inflamação no collo da bexiga, não será conveniente reiterar muitos remedios diureticos pela boca, porque levariaõ mais flegmas á bexiga, & aumentariaõ as dores, & inflamação; com que neste caso serão mais seguras as applicaçoes exteriores, que temos dito, & fomentaçoes nas partes affectas.

Custumão os cavallos com grandes dores da supressão, su-mirselhe para cima hum testiculo, & algumas vezes ambos, que comprimindo dentro o collo da bexiga, fazem as dores maiores, & a difficuldade da expulsaõ mais difficil; de que procede o morrer, se se não adverte nisso acudindolhe com os remedios, que direi, & desta circumstancia, que algúas supressoes trazem consigo, nace o entenderem Reyna, Calvo, Redondo, & outros, que avia húa especie de Torcilhão, que dava nos testiculos, & que lhe não achavão remedios; porque todos os cavallos morriaõ.

*Como se acode ao Torcilhão de Testiculos retirados.*

Atalhe este mal com deitarem o cavallo em palha, ou lugar muy brando, & untarlhe ali muito toda a regiaõ das verilhas com o oleo seguinte.

*Oleo para fazer sair os testiculos retirados.*

Tomarãem azeite commum dous arrates, & o meterãem em hũa panela com malvas, malvailco, farinha de linhaça, folhas de violas, & depois de bem ferver, lhe misturarãõ meyo ariatel de oleo de linhaça untado com isto todas aquellas partes, & com as ervas applicandoas no lugar dos testiculos, tudo quente o mais, que o cavallo puder sofrer, com o que a pouco espaço vem logo aparecendo, & entãõ se pega nelles, & se ata hũa correa de couro muito brando assima delles, com que não tornem a retirar-se, & se fará levantar o cavallo, que sem duvida lançará logo o excremento, & ourina; porque aquella fomentaçãõ adoça, & aplaca a inflamaçãõ do collo da bexiga, & abranda as dores.

He necessario, que se não trate mais de diureticos ( como temos dito, ) tanto, que se conhecer, que a difficuldade da ourina procede da inflamaçãõ, ou obstruçãõ rebelde no collo da bexiga, o que he certo quando os testiculos se retiraõ, porque neste caso todo o genero de diureticos he prejudicial.

A sangria nas verilhas, & ainda na taboa, se o mal apertar muito, são muy louvada, & as ajudas laxativas, & fomentaçõens sobre os rins, & sobre o fole da verga.

O antimonio-preparado chamado pós Angelicos, duas ouravas, misturados em hũa bola de manteiga; dado em forma de pirogla, fará mais obra, que tudo.

Tambem se pôde fringar o cano com o colirio de raizes, sem opio, com leite de mulher, com agoa de cevada, ou de malvas, & em resoluçãõ seria a supersãõ mortal de necessidade, se com todos estes remedios, ou parte delles não sarase.



## CAPITULO 95.

*Da sexta especie de Torcilhão.*

**R**ARAS vezes succede aos cavallos esta sexta especie de dores, a qual he causada de materia colerica, & toda de fogo, de que escapaõ muy poucos, he mã de differençar esta dor das outras, & todos os remedios, que para as dores precedentes saõ uteis, para esta saõ veneno, porque he lançar lenha sobre o fogo.

Alguns sinais por donde se pòde conjecturar esta especie de Torcilhão, & differençar das outras, saõ o temperamento do cavallo; se he colerico, & fogoso, se tem os lagrimais dos olhos, a lingua, & toda a boca muy vermelhas, encendidas, & secas, & as pontas das orelhas muy fiãs.

Este mal coñete mais ordinariamente aos cavallos mais vigorosos, & de mayores espiritos, & sendo muyto mau lde conhecer, ainda he peyor de curar. Com tudo livraõ alguns com o methodo seguinte.

*Como se acode à sexta especie do Torcilhão.*

Primeiramente, se dará ao cavallo hũa sangria na taboa, pequena, & dahi a hũa hora, outra nas ilhargas, depois huma ajuda na forma seguinte.

*Ajuda para o Torcilhão de colera.*

Farãõ coziñento de beldroegas, alfaces, malvas, chicorias, ametade de hum pepino maduro, se for em tempo, q̃ os haja; fer-verá tudo espaço só de duas Ave marias; depois coado, lançarãõ na calda seis onças de mel rozado, com tres de lenitivo para ajudar a natureza a descarregar esta materia.

Serãõ conveniente fazer toda a diligencia, para que o cavallo coma, ou sejaõ ervas frescas, ou cevada verde, farelos moihados, ou o que elle quizer; porque estas dores biliosas augmentaõse com a abstinencia.

Depois se levarãõ o cavallo ao rio, aonde o cubra todo, deixando o



ando o beber a que quizer ; & se for de inverno , se lhe darà agua  
 a beber com quatro onças de cristal mineral a que chamão ( sal  
 prunel ) desfeito nella E sobre tudo he necessario reiterar mu-  
 ltas vezes as ajudas , & algúas vezes a sangria , fazendoas pequenas,  
 & repetidas , & se lhe não darà centeyo , ainda que com este  
 mal , tem os cavallos tão pouca vontade de comer , que fazem  
 muy pouco gasto , porque a desordem da colera es despacha or-  
 dinariamente em menos de quarenta horas , & os que livião deste  
 termo , & comêção a comer , he grande sinal de escaparem.

## CAPITULO 97.

*Das Camaras , & Fluxos do ventre dos cavallos.*

**E**STA doença de Camaras , & Fluxo de ventre não he  
 muy frequentada nos cavallos ; porém quando as pa-  
 decem os mata muy facilmente , & por isso se não de-  
 ve fazer pouco caso della. Quando o Fluxo de ventre  
 vem por causa manifesta , que he quando os cavallos co-  
 mem verde , não ha para que reparar nisso , porque o manimen-  
 to laxativo o causa , & serve essa Fluxão de grande bem , para a  
 conservação da saúde do cavallo , porque a natureza se alivia ,  
 descarregandose de tudo o que o corpo tem de impuro.

O Fluxo de ventre mau , he aquelle , que por fraqueza de esto-  
 mago não pôde digirir os alimentos , & os deixa passar aos inte-  
 stinos , & sem quasi serem alterados os lança o cavallo ; como os  
 comeo ; ou se procede o Fluxo de corrupção , & vicio de humo-  
 res , que occupão o estomago , empedindo a digestão , & moven-  
 do a natureza a expulsar os mantimentos sem cozimento.

Estes humores não são sempre frios , & crús ; porque muitas  
 vezes a colera sendo muita dos intestinos , faz puxar a si , & exp-  
 pellir as viandas , & esta tal Fluxão não he perigosa.

Se os alimentos saem inteiros , sem sinal de cozimento , he ne-  
 cessario acudir logo ao cavallo com os remedies ; porque a natu-  
 reza não pôde reparar as forças abatidas , sem se aproveitar do  
 sustento.

sustento, & lançando-o como o comeo, se não pôde alimentar.

O Fluxo do ventre pôde proceder tambem, de que o cavallo coma muito, & a grande quantidade lhe seja impedimento, para que não faça cozimento algum, isto se remedeia facilmente com a deminuição do mantimento. Tambem succede de comer o cavallo erva podre; & outros sustentos roins; beber agoa de poço, & cisternas, tambem causa este dano.

Podese conhecer o humor, que causa o Fluxo do ventre pelos excrementos, que o cavallo lança fóra; se caindo no chão fervem, & inhião, he final de colera, & se forem brancos denotão cruezas, & sendo como agoa, mostrão grande fraqueza; & se a Fluxão succede vir tambem sangue he de perigo a doença, & se lhe deve acudir com mayor cuydado.

Muitas vezes a Fluxão, serve de descarga, com que a natureza se alivia de algum humor importuno, que a obrigou a expulsalo; porém se as Cameras passão de seis dias, & o cavallo perde a vontade de comer, he muy perigoso, & muitas vezes depois os cavallos se fazem agoados.

*Como se curão as Cameras, & Fluxo do ventre dos cavallos.*

Ha de tirarse a reção de graão ao cavallo, & em lugar della se lhe ha de dar farelos trigos, molhados em vinho tinto; a cevada branca torrada no fogo, & de pois moída; he muito boa, para se lhe dar sempre na beberagem, & a palha, que comer muy bem escaldada primeiro. Logo se ha de começar pelas ajudas detetivas como he a que se segue.

*Ajuda para as Camaras.*

Tomarám cevada branca com casca dous punhados, rozas vermelhas, folhas de ehicoria brava, agrimonia, barbasco branco, bredos, mercuriaes, de cada hum hũa maõ chea, cozerá tudo em soro, ou agoa ferrada, que fique em seis quartilhos, nos quaes desfarã seis gemas de ovos, mel rozado, & assucar mascavado, de cada hum meyo arratel, & se lançará na forma, que temos dito no Capit. 5. das ajudas; & depois, que esta ajuda tiver obrado, & vazado algũs materias corruptas conteũdas nos entestinos, repetirã dahi a seis horas outra ajuda refrescative, &

[adstrine

adstringente, que se segue.

*Ajuda adstringente para as Cameras.*

Tomarão as ervas chamadas, sintinodia, & barbasco branco, de cada huma, huma mão chea, folhas de ranchagem duas mãos cheas, de balauftias meya mão chea, semente de mortinhos, de alface, & de ranchagem, de cada hum duas onças, ferverá tudo em agoa de cevada, que fique em seis quartilhos, metendo tambem hũa mão chea de rozas secas, na ultima fervura, & depois de coado, se lhe lançará na calda, de mel rozado, & de assucar malcavado, de cada hum meyo arratel, & se lançará na forma, que diftamos no Cap. 5. das ajudas, depois de haver purgado com as ajudas; se dará ao cavallo a beberagem seguinte.

*Beberagem para as Cameras.*

Tomarão outro nozes noscadas grandes, ou dez se forem pequenas, & se queimaraõ no fogo de huma vela, depois as meterã de infuzaõ toda hũa noite em dous quartilhos de vinho tinto, que se dará ao cavallo morno tendo o primeiro sem comer entreado quatro horas.

*Outra beberagem para as Cameras.*

Tomarã seis quartilhos de leite, & meterã nelle huma balla de artelharia vermelha no fogo, & desta mesma forte a tornará a meter quatro, ou cinco vezes no mesmo leite; depois lhe ajuntará huma onça de ruibarbo bem tostado primeiro, para que perca a virtude purgativa, acrescentandolhe mais brolho de uvas, tambem tostado primeiro, & pizado, com huma onça de corno de veado queimado, de tudo se fará beberagem, que darã ao cavallo.

Quando os cursos do ventre procedem de causas frias, & de humores fleumaticos, & pituitosos, he necessario depois das ajudas precedentes, dar ao cavallo a bebida seguinte.

*Beberagem para as Cameras de causas frias.*

Tomará tres quartilho, de vinho tinto do mais escuro, & nelle meterã tres, ou quatro vezes hũa barra de aço bem vermelha no fogo, misturando com o vinho meya duzia de gemas, de ovos, duas onças de terra sigillata, com hũa onça de triaga, velha;

lha, & em seguimento d'isto, se continuarão as ajudas conforme a necessidade.

Quando os cursos do ventre procederem de colera, & humores quentes; se dará a primeyra ajuda, que dissemos, depois della esta, que se segue.

*Ajuda.*

Tomarão quatro quartilhos de vinho tinto, & dous de agoa chovediça, & nelles farão ferver as raizes de bistorta, & de tormentina pizida em grosso, de cada huma duas onças; depois lhe ajuntarão duas mãos cheas de folhas de pilosela; tudo muy bem cozido, se coará, & na calda desfarão duas onças de catholico commum, & se lançará esta ajuda como temos dito no Cap. 5.

Se a Fluxão do ventre continuar, se lhe dará a bebida seguinte.

*Beberagem para o Fluxo do ventre de cousas quentes.*

Tomarám agoa de rozas, & tanchagem, de cada hũa, hũ quartilho, misturarão nella duas onças de conserva de rozas velhas, sementes de mortinhos, & tanchagem feytas em pòs, de cada hum, hũa onça, de triaga meya onça, farão hũa bebida d'isto, que darão ao cavallo:

Tambem são muito convenientes as fomentações de banhos, com que se esfrega o ventre, como são os que se seguem, que convem para todo o genero do Fluxo de ventre de qualquer causa, que proceda.

*Fomentações de banhos adstringentes para o Fluxo do ventre.*

Tomarão tanchagem, & sintinodia, de cada hum quatro mãos cheas, folhas de consolida, ou simphitum, de cada hum hũa mão chea, nozes de galhas, & acipreste, landes de carvalho, de cada hũa duas onças; rozas vermelhas, folhas de barbalco de cada hũa tres mãos cheas; ferva tudo em hũa panela, com vinho tinto, & agoa chovediça, partes iguaes (as nozes, & landes, se haõ de lançar pizadas, juntamente com as ervaes,) & como tudo estiver bem cozido ajuntarão na ultima fervura, hum quartilho de vinagre, & outro de oleo de marmellos.

Com este banho se lavará o ventre do cavallo, & faraõ fomen-  
taçoens com elle quente, applicando-o por toda a região do ven-  
tre.

Tambem se pôde untar o ventre do cavallo com oleos de  
marmelos, & mortinhos, partes iguaes, aquentando-os pri-  
meiro.

O banho affima, se pôde reiterar muitas vezes, & tambem he  
de muita efficacia para todas as inchaçoens da barriga, precedi-  
das de algũas esporadas, & he tambem de utilidade para os testi-  
culos inchados, & inchaçoens de pernas, & braços.

## CAPITULO 98.

*Das Lombrigas, que se geraõ no corpo do cavallo.*

**D**A corrupção, & desordem dos alimentos nasce esta  
geração das Lombrigas, porque se se rão fazer co-  
zimento perfeito, criaõse cruezas, & humores, que  
facilmente apodrecem, & desta podridão se geraõ  
diversas castas de Lombrigas, & bichas, que ator-  
mentaõ, & affigem os cavallos.

Já tratamos no Capit. 94. dos Torcilhoens, & dores de bar-  
riga do grande dano, que fazem as Lombrigas, causando dores  
violentas; porèm deixamos para este Capitulo as differenças que  
ha dellas, & os remedios methodicos, & mais meúdamente de-  
clarados.

São as Lombrigas algumas brancas, compridas, & delgadas  
nas pontas, outras pequenas como agulhas, que juntas em gran-  
de numero, saem muytas vezes nos excrementos do cavallo.  
& ha outras curtas, & largas, grossas, & avermelhadas, se-  
melhantes a pevides de aboboras, & sam as mais noci-  
vas, pelas muy grandes dores, que causaõ ao cavallo, &  
toda a sorte de bichas fazem, que o cavallo en magreza,  
& ande preguiçoso, & que olhe muitas vezes para as ve-  
rilhas dobrandose, & torcendose, o pello levantado, abrefelhe-  
a boca

a boca muitas vezes, & não querem medrar por mais que comão, & isto fazem aquelles, que melhor passão com ellas; porêm quando as lombrigas os apertaõ, se deitaõ, & levantaõ muitas vezes com tanta affiçaõ, & dores que morrem muitos cavallos das dores, se a tempo lhe não acodem com os remedios.

Quando os cavallos estaõ de verde, são muitas vezes fogeitos a gerar huns bichos grossos, como favas, que se pegaõ no celso; estes não são perigosos, & se tiraõ com a mão, sem outro medicamento.

*Remedio para as Lombrigas.*

Os remedios, que temos dito para as Lombrigas no Cap. 94. dos Torcilhoës, são muito bons para toda a sorte dellas como são os pós, que ali dissemos, para esse effeyto.

*Outro remedio.*

A palha molhada em agoa, a donde se tenha desfeito salitre, comendo o cavallo della alguns dias continuados, mata as Lombrigas.

*Outro remedio.*

As folhas de pefegueiro, & de salgueiro verdes, cortadas meudas misturadas com a cevada, mataõ as Lombrigas.

*Outro remedio.*

A sabina em pó; misturada com a cevada, mata as Lombrigas.

*Outro remedio.*

A semente de zedoaria pizada, & misturada com farelo trigo, molhado com vinho, mata toda a sorte de Lombrigas.

*Outro remedio.*

A semente de coentros, de cidras, de laranjas, de limões, a rapadura do marfim, & de corno de veado, são simplex, que juntos, ou misturados com outros ingredientes, mataõ todos os bichos.

*Outro remedio.*

A semente de alface, de rabãos, de couves, de coentros, de cada hum duas onças; & de zedoaria huma onça, corno de veado quatro onças misturado tudo em pó se dará ao cavallo na cevada

da, ou em farelo molhado repartido nas reçoens de nove dias, matará todo o genero de bichas,

Se o cavallo andar muito atormentado de quantidade de Lombrigas, ou seja fogueito a ellas, he necessario darlhe a purga seguinte.

*Purga para as Lombrigas.*

Tomarão hum arratel de mel escumado, & lhe ajuntarão tres onças, & meya de aloes em pó, & húa onça, & meya de semente de alexandria, & estando tudo muy bem cozido, se afaste do fogo, & untando as mãos de azeite, para que se não pegue nellas a composição, fazer disto pitolas, como nozes, polvarizando-as por cima de farinha triga, se darão ao cavallo, guardando as regras do modo de dar as purgas; que dissemos nos Capit. 7. & 8.

No mesmo dia que o cavallo tomar a purga, se lhe dará a noite hu na ajuda, com cinco quartilhos de leite, huma quarta de assucar, & seis gemas de ovos para chamar as Lombrigas; com esta doçura ao intestino recto; & dahi a duas horas depois do cavallo ter evacuado, se lhe lance huma ajuda de caldo de tripas, ou cozimento de cevada em que hajão fervido agrimonia, & bel-droegas; & desfarám na calda hum arratel de mel, quatro onças de assucar mascavado, duas onças de catholico commun, ou do oleo escrito no Cap. 92.

Pode-se dar de manhã huma onça de triaga, porque matará as Lombrigas, que estiverem no ventre.

*Outros pôs para matar as Lombrigas, & dissipar a materia, que as fomenta.*

Tomarão folhas de hipericão, & de fel da terra, de cada húa duas onças, de coral, semente de alfases, de cidra, de cada hum meya onça, de genciana, escamonea preparada em vapor de enxofre, & coloquintida, de cada húa, húa outava, canella, & semente de coentro, de cada hum, huma onça, tudo feito em pó, se dará o cavallo em jejum, havendo estado enfreado primeiro quatro horas, & se hirá dando todas as manhãs continuadas, até se acabarem, dados em hum quartilho de vinho, húa onça, & meya cada manhã aos cavallo grandes, & aos pequenos, húa onça, &

nestes mesmos dias se hirá dando ao cavallo répetidas ajudas de leite, ou caldo de tripas com mel, ou assucar para traher as lombrigas, & evacualas. Isto fára o cavallo de toda a especie de bichas.

*Outros pòz excellentes, & de pouco gastó.*

Tomarão muita quantidade de minhocas, que para as ajuntarem com facilidade, darei huma invenção boa. Hão de meter humas poucas de minhocas, com calcas de nozes verdes de infusão com agoa vinte, & quatro horas, com esta agoa borriará a terra em lugares humidos, aonde a terra he pingue, & grossa, que custuma gerar minhocas, & em breve espaço; verão sair assima todas as que estiverem debaixo da terra, aonde poderám ajuntar a abundancia dellas, que quizerem; as quaes meterám em vinho branco, aonde estarám duas horas para ali vomitarem tudo o que tem de mau; depois se tirarám, & meterám em húa penella de barro, a qual muito bem tapada, & barrada cheya dellas, se meterá no forno, depois que se tira o pão metendoa tantas vezes até que se seque, & mirrem de sorte, que possaõ reduzirse em pó, delle darám ao cavallo em duas manhãs até duas onças com vinho tinto, avendo estado o cavallo enfreado, quatro horas primeiro; tambem se dam em farelos molhados com vinho, ou na cevada.

Pasqual Caracciollo, irmão do Duque de Martina, no seu livro intitulado Gloria dil Cavallo, traz grandes remedios para as Lombrigas, como tambem Vegesio no livro 1. capit. 44. porém eu me não aproveito aqui de remedios, ainda que sejam melhores, porque me fio mais destes, de que já tenho experiencia.



## CAPITULO 99

## Da Sarna do Cavallo.

**A**SARNA he hum vicio do couro, que o faz duro, seco, & aspero, faz arripiar o pello, & cair em algũas partes, tambem faz nacer burbulhas, & caspa, & tudo procede de humor acre requemado. O mau sustento, a fome, o repetido trabalho, o ajuntamento de outros cavallos sarnosos, as almofaças, esfreguens, mantas, selas, & freyos, que hajão servido em cavallos, que tivessem sarna, tudo isto a pòde causar; como tambem por darem verde ao cavallo sem o sangrarem, ou vindo molhado do rio recolherse na estrebaria sem se enxugar primeiro, ou pelo abafarem com mantas, quando vem muito suado recolhendo-o logo, porque se encoodea, & endurece o couro, reconcentrando em si o calor, & a erimonia do suor.

Quando os cavallos comem milhãas, pòdem ser mais fogeitos a este mal, por ser erva de mais grosseira digestão.

Conhece-se a Sarna, quando o cavallo se esfrega, mais do que costumava, & em hũas partes mais do que em outras; como na taboa, nas crinas, no cabo, & em fim aonde a sarna mais lhe carga, & muitas vezes começando por algumas partes, & se vem a fazer universal por todo o corpo; algũas vezes se manifesta com burbulhas, ou com o pello cahido em caspa, & sempre cõ o couro mais grosso, & endurecido na parte aonde a sarna he mais; o que se adverte levantando o couro nos dedos.

Ha duas especies de Sarna nos cavallos, a huma chamaõ Sarna viva, & a outra ulcerada. A Sarna viva he aquella, que não abrolha mais por cima do couro, que hũa caspa, & faz cair o pello. Esta he a mais difficultosa de saar, & procede ordinariamente de haver padecido o cavallo algumas fomes, ou frios grandes.

A outra especie de sarna, se manifesta por fora com burbulhas,

lhas, funchos, inchaçoës, escanias, ou codeas; as quaes em se tirando deixaõ a parte esfolada. Esta ultima, he a mais facil de sarar, que a outra, se não for nas crinas, ou cabo adonde se pega muito, & he muito difficultosa de extinguir por causa, de que o couro naquellas partes, he muy grosso, & os remedio o não podem penetrar taõ facilmente.

*Como se cura a Sarna.*

Para se curar este mal com propriedade, he necessario començar pela preparaçãõ de humor, que causa interior, porque seria occasiãõ de grande dano, querer rebater para dentro o humor, q a natureza expelle para fóra, de que podia proceder recolhendo-se, & hir offender alguma parte nobre.

A sangria he quasi sempre necessaria, no principio da cura da sarna, Vigefio o aconselha tambem assim, & que seja na partes mais vesinha da que està affectada, como se a sarna estiver nas ancas, aonde a segunda especie se cultuma mais ordinariamente; seja a sangria nas bragadas; se nas crinas, & pescoço se sangria taboa; se nos peitos, & paz será a sangria nos terços.

Se o cavallo tiver Sarna no tempo de Primavera, ou em qualquer tempo de veram, he bom sangralo muito na taboa, & metelo no verde, & se for possivel, que o coma de pasto de dia, & de noute dormindo nelle, ainda he melhor, porque muitas vezes isto só basta em muitos cavallos para lhe sarar a Sarna pelo menos, untando-os sobre isto juntamente com algum dos unguentos aquescritos, porque a sangria os descarrega, & prepara, o verde os purga, & o unguento os sara.

Se for em outro tempo, que não seja de verão, ou em parte, que não haja comodidade de pastarem, lhe daram duas sangrias na taboa, & o seu proprio sangue lhe faram hir comendo misturado na cevada, ou em farelos molhados; nem ao cavallo se deve dar a comer muita cevada, em quanto se cura, & se lhe devem dar algumas ervas cortadas meúdas, como são escabiosa, lapatum acutum, fume terre; chicoria, amarga, & meya onça de enxofre pizado vivo, tudo muy bem misturado.

to com favelos trigos, dado isto por tempo de outo dias, manhã, & tarde.

Se for no inverno, se haõ de servir das raizes das mesmas erva, & se o cavallo as não quizer comer, se ha de fazer huma infusão com as mesmas ervas, ou raizes em tres quartilhos de agoa, fazendo ferver atè que fique em dous, & coados, lhe misturaram hũa onça de enxofre vivo, & fazela engolir ao cavallo pela manhã, tendo-o enfreado duas horas dantes, & duas depois, esta infusão prepara os humores corruptos, que estaõ dentro do corpo para melhor se evacuarem, que será com as pirolas seguintes.

*Pirolas purgativas para a sarna.*  
Tomarã hum arratel de trementina, aloes, & sene em pòs grosseiros, de cada hum hũa onça, agarico duas outavas, hermodactiles cinco outavas, folipode de carvalho meya onça, eleboro negro lavado em vinagre, dous escrúpulos, tudo feito em pò grosso, misturado com hum arratel, & meyo de toucinho para fazer pirolas, & dalas ao cavallo com as cautelas, que dissemos nos Cap. 7. & 8. das purgas.

Se o cavallo he de talha ligeira, bastará nas pirolas ametade do eleboro negro; & se for magro mimoso, & pouco robusto, bastará, que lhe dem a beberagem seguinte, que he de grande effeito.

*Beberagem purgativa para a sarna.*

Tomarã tres quartilhos de soro de leite, & nelles infundirã quatro onças de tamarindos, & duas de folipode pizado grosso, com meya onça de anis, & seis cravos, farã cozer tudo com seis, ou sete cachoens, & tirando-o do fogo, lhe ajuntarã meya onça de regalice pizada grosseiramente, & a deixarã de infusão toda a noite; ao dia seguinte a coarã, & ajuntarã hũa onça de sene, & de turbit, & mechoação, de cada hum meya onça em pòs, agarico duas outavas, canafistula bem desteira duas onças, com duas outavas de coloquintida pizada, misturado tudo, se dará pela manhã ao cavallo com a ordem, que dissemos nos Cap. 7. & 8. das purgas.

Depois que esta beberagem purgativa tiver acabado de obrar que o costuma fazer com muito bom effeito; se deixe descansar o cavallo, hum, ou dous dias, & passados lhe farão o banho seguinte.

*Banho para a Sarna envelhecida.*

Faraõ decoada de cinza de vides, & enchendo hũa panela, ou caldeira della; lhe ajuntarám pontas de gestas tentas quatro mãos cheas, de raizes de lapatum acutum, & de filidonia mayor, de cada hũa duas mãos chea; raizes de eleboro branco meyo arratrel; faraõ ferver tudo, & depois de terem esfregado a Sarna com hum esfregaõ de sorte, que fique alterada, a lavaram muito bem com este banho, esfregandoa com as ervas, & raizes muy bem quentes, continuando com este remedio cinco, ou seis dias. Se este remedio não obrar logo bem, recorrerám aos que se seguem.

*Oleo para a Sarna.*

Tomarám hum arratrel de oleo de linhaça, & em falta delle azeite commum; metido em hũa panela sobre o lume, lhe ajuntarám polvora pizada, hũa onça, enxofre vivo duas onças, euforbio meya onça, faraõ ferver tudo meya hora, tendo cuidado, que não pegue o fogo dentro, ou se derrame a fervura para fóra.

Esfregarám primeiro a Sarna com hum esfregaõ, & logo applicarám este oleo, esfregando novamente com elle muy bem quente as partes todas, aone estiver a Sarna.

*Outro oleo.*

Tomarám hum arratrel de azeite, ao qual ajuntarám de verde-te em pó hũa onça, euforbio meya onça, enxofre vivo duas onças, ferverá tudo, mexendose, & em dando huma fervura boa se tirará do fogo, & se lhe dará em quente, hũa onça de sublimado. Este remedio he excellente para a Sarna, que está dentro nas crinas, & cabo, porque he muy penetrativo, por rezão do sublimado; & busca o mal até o fundo.

Conhecese estar o cavallo saõ; quando o couro, aonde estava a Sarna fica mais delgado, & doce, como nas outras partes, que em quanto a pele está grossa; mostra ter humor, de que poderá

ainda.

ainda sair Sarna.

No inverno por tempos frios, são muy difficultosos de sarar os cavallos que tem Sarna, & se não sararem com os remedios, que dissemos, só poderá proceder de não haver sido bem purgado, & evacuado, sendo necessario tornalo a sangrar; & purgar de novo, & depois fazerlhe os remedios sobreditos, que não podem deixar de obrar, & sobre tudo para a Sarna muy rebel, & antiga, ou ulcerada, se poderá uzar do unguento, que se segue.

*Unguento verde para a Sarna.*

Tomarám hum arratel de mel em húa panela nova, com quatro onças de verdete em pò, tres onças de agoa forte, misturado tudo em frio, estando a panela muy bem cuberta para as occasiões.

Húa só untura deste unguento, basta ordinariamente para sarar a Sarna; porém ha-se de impedir, que o cavallo lhe não chegue com os dentes. Este unguento, quando a agoa forte he boa, faz cair húa escama, & ficar estolada a parte, mas não deve dar cuidado, porque untada depois com graixa branca, logo a pele se sara, o pelo vem, sem ficar sinal algum, & o cavallo fica saõ.

Este unguento verde, não só he bom para a Sarna, mas para todas as chagas sordidas, que para essas tem a mesma propriedade, que o Egyptiaco, para mundificar, & digirir a carne sordida, & a podridão das chagas; & tem virtude para sarar os arestins, machinhos novos de ranilhas, os figos, & mais podridões dos cascos, & suposto, que algumas vezes applicado muito, cause alguma inchação nas pernas, logo tornaõ a desfinchar com agoa do rio, ou ao menos com a car-

ga do Cap. 13

(::)

## CAPITULO 100.

*Do Esforço, ou Rendimento dos rins.*

**S**UCCEDE muitas vezes caírem os cavallos com tanta violencia, que offendem as partes interiores, & rompem algúas vezes veas dentro, de que se esparge o sangue, & cahe nas partes concavas, & baixas do interior, adonde se coalha. corrompe, & causa accidentes muito trabalhosos, & algúas vezes a morte,

Succede muitas vezes, q̄ hum cavallo, faz hum esforço, ou rendimento de rins em huma queda ordinaria, taõ grande, como se caíra de muito alto, porque para este dano basta; que as cordas, ou ligamentos, que acompanhão o espinhaço, se estendaõ ou relaxem para fazerem, que o cavallo se acne rendido delle, & se não possa mover dos rins. Isto se manifesta, quando se sabe, que o cavallo tem dado queda, ou se deita sangue pela boca, ou pelas ventas, se caminha com pezo das ancas, sem o seu movimento ordinario, & o mis certo sinal he, não poder o cavallo recuar, especialmente em hũa subida.

*Como se cura o Esforço, ou Rendimento dos rins.*

Para este dano, he necessario sangrar o cavallo hum par de vezes na taboa, & logo em quente applicarlhe sobre toda a região dos rins a carga, que escrevemos no Cap. 13. com bolo Armenio, reiterandoa algumas vezes, & depois dar banhos, & fomentaçoes sobre os rins, com cozimentos de boas ervas; como já distemos no Capit. 47. das mãos, & pernas pizadas, & applicar panos dobrados molhados, & com as mesmas ervas sobre os rins, tudo quente, & abafado com huma manta, isto se entende ao exterior; porèm para o interior, se fará o que se segue.

*Ajuda para o Esforço, ou Rendimento dos rins.*

Dar-se-ha huma ajuda ao cavallo nesta forma. Tomarám qua-

tro quartilhos de leite, dous de caldo de tripas, & nesta calda firaõ ferver por tempo de meya hora, folhas de malvas, & de violas, de cada huma tres mãos cheas, linhaça pizada hum punhado, depois se lhe ajunte flores de marcella, & de coroa de Rey, de cada hũa, hũa mão chea; isto coado, desfarãm na calda meyo arratel de oleo rozado, meya duzia de gemas de ovos, hũa quarta de assucar branco, & meyo arratel de termentina, que se desfarã com as gemas de ovos primeiro, tudo bem unido, & se lançará na forma, que temos dito no Capit. 5. das ajudas. Depois que a ajuda purgar, se farã esta beberagem.

*Beberagem para os rendimentos dos Rins.*

Tomarãm meyo quartilho de azeite commum, huma onça de semente de mastruços em pòs, ou onça, & meya, se for o cavallo grande, basta bolo Armenio, & mumia, de cada hum meya onça, & firaõ engolir tudo ao cavallo.

A carga sempre reiterada sobre os rins, como dissemos, & se misturarem pòz de rozas, & de murta ainda farã neste caso melhor effeito. Alguns mandão meter os cavallos na agoa para este rendimento dos rins; porém se elle for consideravel, não convem, se o estorço, for leve, & a agoa for de marè, bem poderá bastar para o sarar.

CAPITULO 201.

*Da inchacão dos testiculos.*

**I**NCHAM os testiculos aos cavallos por varias causas. Hũas vezes por sorofidades, & humores, que decem ahi; outras vezes por pancada, ou couce, que o cavallo receba, & tambem por decida de tripa, se ha rotura, que caia dentro dos bolços.

*Como se cura a inchacão dos Testiculos.*

Se a fluxacão he leve, não ha melhor remedio, que meter o cavallo no rio, q̄ com poucos banhos sarará logo; porém se for decida

de tripa, ou hum nor de má qualidade, se uzará da cataplasma seguinte, langrando primeiro o cavallo hum par de vezes na taboa.

*Cataplasma para os testiculos.*

Tomarám farinha de cevada, & vinagre, & faraõ papas de tudo, & eitando quasi cozidas, se lhe ajuntará oleo rozado, & de marmelos o que parecer conveniente, conforme as papas, & dous dedos de sal; applicarseha com pouca quentura, & se atará pelo melhor modo, que puderem.

*Fumentação.*

Faraõ huma decoada de cinza de vides, & em quatro quartilhos della, se ajuntará meyo arratel de enxofre vivo; borras de vinho tinto, duas onças ferverá tudo junto meya hora; depois com hum pano brando, se lavarám os testiculos muitas vezes.

*Outra Cataplasma.*

Ferverám farinha de favas, ou favas pizadas em borras de vinho, & se meterá entre dous panos, sendo raro, o que estiver para a parte dos testiculos, & se applicará na parte.

Quando a ernea he de tripa decida, que tem cahido nos bolços por se haver relaxado o perittonio; (o que he muy facil de conhecer) entã se ha de procurar de tornar a recolher a tripa affima com a mão, & metela no seu lugar; & para se fazer bem se ha de deitar primeiro o cavallo em parte branda, & lhe lavarám os testiculos com agoa de tanchagem, depois de se lhe aver recolhido a tripa com a mão, logo estará preparado o adstringente que se segue.

*Adstringente.*

Tomarám raizes de consolida mayor; cascas de romãas, & de carvalho, maçãs de acipreste, galhas verdes; graons de sumagre, de cada hum quatro onças, semente de anis, & de funcho, de cada hum duas onças, flor de romãas, de macella, coroa de Rey, de cada hum duas mãos cheas, pedra hume em pò meyo arratel, misturado tudo em hũa saquinha acolchoada; serverá affim metida em hũa caldeira, ou tacho cheo de vinho tinto; & se porá sobre a rotura, por donde recolheraõ a tripa muito bem com



primida com ataduras, que voltem por cima do cavallo; & por entre as pernas para cima; & se aquentará a mesma almofada das drogas no vinho, em que foy cozida todos os dias, & tornalla a applicar quente, que terá bom successo, se a rotura não for antiga, que então será melhor remedio capar o cavallo, que logo ficará remedeado, porque se comprimem as bolças de forte, que tapão a rotura, & impedem o cair da tripa.

Este remedio affima dito do colhaõ. filho, he bom para apertar toda a forte de inchação, porque a faz repercutir, & resolver brevemente. Tambem se pôde uzar do adstringente.

*Unguenta adstringivo.*

Tomarã vinagre rozado quatro onças, oleo rozado, & de murinhos de cada hum cinco onças, fará meyo arratel, ferverã tudo, & depois lhe ajuntem de çumo de tanchagem; & de erva moura, de cada hum duas onças; estará assim em fogo lento espaço de meya hora, depois lhe ajuntarão pôz de rozas vermelhas, & de murta de cada hum duas outavas, bolo Armenio, & terra sigilata, de cada hum meyo arratel, & feito unguento, se applicará sobre a parte.

do Vegesio no liv. 3. cap. 8. diz. que cevada queimada desfeita em pô com graixa de porco, faz desfinchar os testiculos, & que tambem fel de cão, he excellente. Os remedios são facéis, & sem perigo se podem experimentar.

CAPITULO 102.

*De como se capão os cavallos.*

**H**A muitos cavallos incapazes de todo o serviço pelo excessõ de sua inquietação, procedida do grande cio; Se estes são frouxos, & molles naturalmente, ficam tristes, desayrosos, & fracos; porém os que são de sua natureza muito vigoroso, & alentados, não deixão de ficar depois de capados com bastante coração, & serviço para tudo.

Por dous modos se podem capar os cavallos, sem perigo. O primeiro, & principal, em que tenho achado melhor successo, & facilidade, he o seguinte.

*Primeiro modo de capar os cavallos.*

Teraõ o cavallo de palha, ao menos hum mez dantes, que não esteja muy gordo, & sempre he necessario, que seja na Primavera, ou Outono, em tempo temperado, & na desfeyta da Lua; tres dias antes de se fazer a capadura, estará o cavallo sem beber agoa alguma, & neste terceiro dia se deitará o cavallo em parte branda, atandolhe muy bem os pés, & mãos juntos, lhe carregará m sobre a cabeça para que a não levante, porque assim estará mais quieto.

Terão no fogão hũas facas de fogo preparadas, & pegando em hum testiculo, darão nelle hum golpe com navalha, desviandose de o darem naquella cultura do perineo, que vay pelo meyo das bolças, & puxando pelo testiculo, apartará delle brandamente com os dedos, sem instrumento aquellas parastatas, & membranas, que o acompanhaõ, & logo cortarã os nervos, que pegaõ no testiculo com as facas de fogo; intendo dentro no lugar donde tiraõ o testiculo, hum novelinho de lã, ou fios tamanho, como huma nõs, enfopado em hum defestivo, seyto de trementina lavada, oleo de apario, & rozado, partes iguaes; & neste chumacinho ha de ficar prezo hum fio do comprimento de hum palmo, que fique pendurado de fora, & se ha de cozer a pele com huns pontos raros, & por entre elles ha de ficar pendurado o fio do chumaço. E o mesmo, que temos dito, se ha de fazer no outro testiculo, & lavar todas aquellas bolças, & verilhas com vinagre morno, em que aja fervido salva, funcho, & tanchagem. Logo fazer levantar o cavallo, & darlhe hũa sangria na taboa, & no dia seguinte outra da outra parte, & depois nos peitos, cada dia hũa até quatro, & mais se ouver muita inflamação.

Sempre se iraõ fomentando os bolços, & toda aquella região com oleo rozado, & agoa de tanchagem, batidas hũa com outra.

Passados cinco dias, se uzará de vinho estitico, cozido com

murtã, cascas de romãs, rosas secas, maçãs de acipreste, a que ajuntarã tambem duas mãos cheas de salva; & passados alguns dias; que as materias tenhaõ apodrecido os pontos, se irã puxando pello fio brandamente do chumaço atè que faya. Com este methodo fiz capar à minha vista muitos cavalloõs novos, & velhos, & machos de liteiras todos com bom successo.

*Outro modo de capar.*

Tambem se capaõ os cavalloõs, ficando os testiculos dentro; o que se faz, pegando na pele somente; & dando nella hum golpe, sem offender o testiculo; & tirando este para fóra, darlhe tres voltas, & tornalo a meter dentro, assim torcido, com que as não defande, & no outro testiculo fazer o mesmo, & cozer os golpes, logo atalos com ourelos, ou ataduras brandas para segurarem, que não defendem as voltas; cozendo a ferida com seus pontos seguros. Nesta forma se costumã capar os boys, porèm não he necessario dar golpe, porque o testiculo está sò pegado por huma ponta, o que não pôde fazerse no cavallo, porque pega por duas, & por isso cae atravessado nos bolços, & sem abrirem o couro, o não podem voltar.

Outros uzão de hũas talas, & diversos modos de capar, que em todos se experimentãõ repetidas vezes maos successos.

CAPITULO 103.

*Do Rendimento, ou Esforço dos quartos trazeiros, ou ancas do cavallo.*

**O**S cavalloõs além de se renderem pelos rins, tambem se rendem, & fazem esforços nos quartos trazeiros, de que procede manquejarem de sorte, que se não podem ter no pè rendido.

Procede isto muitas vezes de quedas, outras de estender, ou torcer muito a perna; & relaxaten se algumas cordas, & ligamntos, ou sahir de seu lugar o osso, que ajunta a coxa com o corpo. Para se averiguar, se o osso sahio da junta, ou se he

relaxa-

relaxamento de nervos, & ligamentos, se advertirá, que dos nervos, & ligamentos relaxados manqueja o cavallo, porém poem o pè no chão, & ainda que seja com dores o governa, & se he deslocação se não poem sobre o pè. Este se ha de atacar com húa corda pelo travadouro, & pegar a corda a húa arvore nova, que não seja tão tenra, que se arranque, nem tão grossa, que se não mova, & fazer andar o cavallo adiante, para que puxando pelo pè prezo, o torne a encaixar em seu lugar; logo applicarlhe a carga do Cap. 13. com bolo Armenio, & sangrar o cavallo na taboa.

Se ouver sómente relaxação de nervos, ou cordas se ha de começar pela sangria da vea da quartela da mesma perna, & logo carregar a coxa com a carga do Capit. 13. continuarlhe os banhos, & fomentações, que receitamos para os cavallos abertos no Cap. 44. E podem assegurar-se, que a carga tem sarado cavallos que já tinhaõ a coxa mirrada, & falta de sustancia, & sómente ella, & as fomentações, que dissemos bastarão para as curar perfeitamente. Se o rendimento da coxa vier a carregar sobre a perna até a quartella, como succede algúmas vezes, sangrese o cavallo na porta do casco, a que chamaõ fonte, & cubrase a perna com a carga assina apontada.

## CAPITULO 104.

### *Da Extensão, & Relaxamento do nervo do jarrete.*

**S**UCCEDE muitas vezes huma extensão no nervo grosso da perna, a que chamaõ jarrete por causa de alguma queda, ou força grande, que o cavallo faça sobre hum pé, ou sobre ambos, também de pancada, que receba no nervo, & algúmas vezes por serem potros novos, tendo os nervos tenros, & fazerem alguma violencia, ou obrigando-os a saltos, & curvetas fortes, em que suspendão o pezo do corpo todo sobre os pès, por qualquer destas, ou outras causas incha o jarrete, & causa grande dor ao cavallo, fazendo-o algúmas vezes secar a coxa, & se manifesta com a grossura, que mostra, & dor no nervo, quando o apalpaõ.

*Como se cura a Extensão, ou Relaxamento do jarrete.*

Para se remediar este achaque, se ha de sangrar o cavallo no mesmo pé, na vea da quartela, logo mitigar a dor com banhos quentes repetidos a meúdo, que se farão de cabeça, & meúdos de carneiro cozidos com salva, mentrastos, funcho, sementes de mostarda, & de marcella; depois desgovernar o cavallo assima, & abaixo do jarrete com as cautelas, que dissemos no Cap. 9. de desgovernar, & applicarlhe hum adstringente, que receitamos no ultimo lugar do Cap. 101. que he de oleo rozado, vinagre rozaço, & outros ingredientes, que nelle se pòdem ver por não se repetir mais vezes. Tambem a composição da carga do Capit. 13. he excellente neste caso.

Se a extensão for leve, custuma bastar sòmente fomentala a meúdo com agoa ardente; porèm se a relaxação do nervo for consideravel, como custumaõ ser algumas vezes, & que quando o cavallo quer andar se esquecê com a perna atraz, como se estivera quebrada, ou fóra da junta, he necessario applicarlhe o seguinte.

*Cataplasma para o jarrete relaxado.*

Tomarão raizes de consolida maior, & de malvaisco pizadas em grosso, de cada húa duas onças, se forem verdes duas; & meya, & fervidas depois em huma panela nõva com vinho tinto, como estiverem brandas lhe meterám de malvas, malvaisco, hyssopo, veronica, sanicola, de cada hum meya mão, cortadas meúdas, & depois de tudo cozido, mexendoa sempre as pizarám em almofariz até fazer tudo, como massa; tornarám depois ao fogo, acrescentandolhe de graixa de teixugo quatro onças, & se applicará quente em cataplasmas, & panos, que a segurem; porèm antes de se applinar; se ha de ter untada a parte com o que se segue.

*Fomentação para o jarrete relaxado.*

Tomarám de oleo rozado duas onças, de macella, & de zimbrow, de cada hum huma onça; & quente em húa tigela, lhe nisturarám de castorium em pò, duas outavas, & estando quente se untará a parte, para que penetre.

Esta untura se ha de applicar hum dia, & outro não, porque poderá causar inflamação, & neste caso se ha de uzar só do oleo rozado, em quanto torna a applicar.

Quando se tirar a cataplasma, se ha de applicar sobre a mesma maça outra de novo, & a atadura não ha de ser muito apertada, mas de sorte, que se conserve na parte, que com estes remedios desinchará n logo os nervos, & tornarã a seu temperamento por mais disformes, que estivessem.

## CAPITULO 105.

### *Do Agrião.*

**N**O alto do nõ, que està detraz do jarrete, aonde dá o esterco do cavallo, se cria hum tumor duro, gerado de materia; fleumatica, fria que se endurece por sua viscosidade; procede de o cavallo dar algum couce, tocando com o nó em pedra, ou pao aspero, ou de se esfregar muito naquella parte, & algumas vezes do muito trabalho, & com elle crece; mais nunca se faz muito disforme; tambem he hereditario, ordinariamente não causa dor algũa, nem faz manquejar o cavallo, sò lhe serve de defeito á fealdade.

Este achaque de principio pode se curar; porèm em sendo envelhecido, tem muito difficultosa cura. Quando o tumor he novo, basta para o galtar o remedio seguinte.

#### *Remedio para o Agrião novo.*

Tomarã hum parte de oleo de nozes, com duas de agoa ardente, mexido muy bem batido, q̄ ficará, como unguento; com isto esfregarã a parte fortemente a meúdo Para o Agrião mais antigo, se fará o emplasto seguinte.

#### *Emplasto para o Agrião envelhecido.*

Tomarã de galbano hũa onça, armoniaco tres onças, em plasto opopanaco hũa onça, tudo se infundirá em hum quartilho de vinagre forte por tempo de quarenta horas, movendo o meúdo; depois o farã ferver até ficar em ametade do vinagre,

coado

coado por hum pano, & estando ainda quente se tornará ao fogo, juntandolhe pez negro, & rezina, de cada hum quatro onças, termentina duas onças; & de tudo, se fará emplasto, que se applicará na parte, renovando-o de tempo em tempo, até que o tumor de todo se desgaste.

## CAPITULO 106.

*Dos Alifafes.*

**O** ALIFAFE he hum humor frio, flemmatico, & seroso, que faz hũa inchação molle, & aquosa, quando não he muito antiga. Nace entre o nervo grosso do jarrete, o osso da perna, & carregando nelle com a mão, passa o humor a outra parte mais abaixo, humas vezes, he com mayor tumor, outras com menos; huns são mais molles, & outros mais endurecidos.

As causas de que procedem os Alifafes, são ordinariamente de trabalharem muito os cavallos na tenra idade de potros; o muito descanso na estrebria, em cavallos muito pezados, tendo o ladrilho muito baixo de detraz. Tambem são sogeitos a este achaque, os que são muito levantados de diante, & os inclinados a fazer curvetas, & porse sobre os pês, são mais ocasionados a este dano, & se custuma achar mais vezes nos cavallos, que tem as pernas grossas, & os jarretes carnudos, & são muitas vezes hereditarios.

Este achaque se manifesta com hum tumor, como hum ovo mais, ou menos entre o nervo do jarrete, & o osso, & apalpan-dose obedece, sem doer ao cavallo, quando se apalpa, ou comprime. Este achaque como se vem a antigar, & endurecer entropoa o cavallo, & lhe entropoece ajunta, & nervos, & tem então mais difficultoso remedio; em quanto não são duros se curão nesta forma.

*Como se curão os Alifafes.*

Primeiro de tudo se desgovernará o pè do Alifafe affima, &

abaixo da junta com a ordem, que dissemos no Cap. 9. do de/governo, logo se lhe rapará o pello sobre o Alifase, & se lhe applicará o seguinte.

*Emplasto para amolemtar, & preparar a humor do Alifase.*

Tomarã raizes de brionia, & de pepinos bravos, & em falta deste ultimo, de açucenas, de cada hum duas onças, pizadas se cozeraõ em azeite, & graixa de porco, tanto de hum, como de outra, atè que vão amolentando, depois as pizarã tanto, que fiquem como massa, tornandoas a meter em o azeite, & graixa, acrescentandolhe de tromptina quatro onças, & de pez, & rezina outro tanto, com meyo arratel de unguento amoniaco, tudo derretido lhe ajuntarã farinha de linhaça, & de semente de funcho, tanto de huma, como de outra, quantidade sufficiente, para engrossar, tudo em modo de cataplasma; & se applicará em estopas sobre o Alifase, com ataduras brandas, que não molestem o nervo, renovandose cada vinte, & quatro horas em nove dias continuos.

Tambem se podè uzar dos emplastos oxicrocio, & meliloto partes iguaes, continuados os mesmos nove dias. Estes emplastos não são mais que para amolentar, & preparar o tumor; com o que, depois de se uzar delles, (como temos dito) se fará o seguinte.

*Emplasto para consumir, & gastar os Alifases.*

Tomarã vinagre muito forte seis quartilhos, meterã dentro, quatro pedaços de cal viva, deixando ferver assim em frio, sem lume, atè se derreter; depois a deixarã estar duas, ou tres horas, com que aja lugar de se assentar no fundo; depois coarã ovinagre. & lancarã nelle duas mãos cheyas de cinza de vides, muybem abrazadas, que tambem se deixarã assentar no fundo; depois se coará o vinagre levemente em outra panela, & em dous quartilhos deste vinagre, ajuntarã oleo de petroleo quatro onças, oleo de castor outro tanto, pedrahume; & enxofre, de cada hum duas onças, lixo de pombas seco quatro onças. tudo.



debern misturado, & unido.

Nesta composição se molharão as ramas de hũas penas juntas, & se applicarã sobre o Alifase, tendolhe primeiro dado humas sarjes muito sotís, que não penetrem todo o couro; & se applicará esta untura de seis em seis horas, continuandoa por tempo de outo, ou dez dias, sem a pôr em cataplasmas mais, que sómente molhar o Alifase as vezes, que digo, tendo cautela em que o cavallo lhe não chegue com os dentes, que isto o fará se-  
car.

Alguns Alveitares expertos, tambem abrem os Alifases, & os vão depois degerindo, & mundificando, fazendo-os sair em materias, porêm he obra muito delicada, & perigosa; para quem a não tenha visto obrar, nem se podem declarar as meudezas, & cautelas, com que deve fazerse, & quando se haja de executar, seja no verão, porque em tempo de frios, se tem visto ficarem cavallos aleijados para toda a vida.

O melhor, & mais seguro remedio; que tenho achado para curar os Alifases, assim novos, como antigos, depois de se haver desgovernado o pê, & amolentado o Alifase, com os emolientes, que assim dissemos; he, darlhe humas sarjes meúdas, que penetrem só até o meyo do coro, & logo untalos com o Potencial dos bichos, que dissemos no Cap. 11. do fogo Potencial, applicado na forma, que nelle se declara.

Se o Alifase for de pouco tempo, custuma algũas vezes farar tom o remedio seguinte.

*Outro remedio para os Alifases:*

Tomarã dous quartilhos de vinagre forte, & lhe meterã tres onças de galbano, & outro tanto de almecega; farão ferver estas drogas, até que os dous terços de vinagre se gastem; depois misturarã seis onças de sangue de dragão, hum arratel de bolo Armenio fino, trementina commua outro tanto, misturarã tudo sobre fogo lenro, & se applicará como carga com hum papel por cima, & se reformará hum dia; & outro não, continuando algũas vezes, até se gastar o Alifase.

Alguns dão o fogo actual aos Alifafes, porém o que não obra nelles o unguento dos bichos, applicado na forma, que dissemos, o não ha de vencer o fogo actual.

## CAPITULO 107.

*Das curvas, & sobre-curvas, & curvaças.*

**T**ODAS estas enfermidades de Curvas, Sobre-curvas, & Curvaças, de que alguns Authores querem fazer divisoens, vem a ser a mesma cousa, & assim o mostram as curas; em que pouco, ou nada se differem. Chamaõse assim, pela parte, em que se poem, que he junto às curvas das pernas. A differença, que fazem somente, he que a Curva, & Curvaça são os tumores de pouca dor, & a Sobre-curva he ordinariamente muito dolorosa, & tanto assim, que algumas vezes sendo antiga, faz o cavallo estreito, & apanhado das verilhas, & lhe faz secar a coxa, & causa estas dores por estar sobre os nevos, & ligamentos donde a perna do bra.

Estes males são quasi sempre hereditarios, & quando se adquirem por causas, he em carreiras violentas, quando ao parar chamaõ ao cavallo de repente, fazendolhe meter muito os pés, ou fazendo-o dar voltas estreitas sobre elles.

Manifestase com hum tumor duro pequeno, algúas vezes maior, porém nunca he muito grande.

*Como se curão as curvas.*

A primeira cousa será desgovernar a perna assim, & abaixo da junta pelo modo, que dissemos do Cap. 9. do desgoverno, & rapar o pello da parte, applicando sobre a grossura o seroto seguinte.

*Seroto para as curvas.*

Tomarám emplasto de aquilaõ de gomas, duas onças, gumeli, ou opoponaco, & amoniaco, de cada hum huma onça, & meya, oleo de espique; & de termentina, de cada hum huma onça, cera

nova a que for conveniente. He necessario pizar as gomas em vinagre, & depois fazelas ferver a fogo lento, & passalas por hum pano, & juntar-lhe o mais, fazendo huma massa a modo de emplasto preparada por hum boticario, porque de outra sorte se não fará co no he necessario; & se porá este emplasto em huma pele branda applicando em cima do tumor; avendo-o primeiro estregado muy bem com oleo de açucenas.

O emplasto estará assim pegado sete, ou outro dias, & mais se for necessario, o qual costuma gastar estes tumores reveis, & grosseiros, & com elles sómente firaõ as Curvas, Sobrecuvas, & Curvagas, não sendo muito antigas, & outros tumores, sendo de humores crassos, & peruitosos.

Quando não fiquem gastados estes tumores de todo, se lhe poderá dar hum potencial na forma, que dissemos no Cap. ix.

## CAPITULO 108.

## Dos Esparavoens.

**H**A duas differenças de Esparavoens. Huns; que claramente se manifestaõ; outros, que com difficuldade se conhecem. Aos que se formaõ dentro na junta da perna, sem mostraré por sóra tumor, chamaõ os Italianos Esparavaõ seco, & os Espanhoes Degravaõ Garv. zuel *luclo*, porque dentro da junta se endurece hum humorinho, que faz hum graõ, como gravaço, a que nõs chamamos graõ de bilco; & quem fizer notoria em hum cavallo morto; que padece este achaque o achará assim, o qual pica; & embaraça o movimento da junta; & o melhor final, por onde este tal Esparavaõ se conhece, he porque o cavallo, que o tem he muy espinhado do pè aonde está o Esparavaõ, ou de ambos se saõ dous, & os levanta, & puxa com galhardia, mas não lhe gabo a obra, porque em pouco tempo lhe vem a secar as coxas, & ancas, & se fazem estreitos das verilhas, & quanto mais os obrigaõ a fazer curvetas, & cavallarias sobre os pès, mais depressa se estropeaõ.

São estes esparavoës muito maos de curar por estarem intrinsecos ; com tudo nos principios , succede muitas vezes remedearense , com se desgovernar aperna assima , & abaixo da junta , tapar o pello com huma navalha na junta , & esfregala muito com unguento de Mercurio , atè que se embeba nela , isto por tres vezes , hum dia , & outro não , passear o cavallo huma hora antes de o untar , & outra depois.

Este remedio o fará sarar , se ainda não for tão envelhecido ; que esteja já duro , & como osso ; & quando o esteja , não irá peyora peyor , & servirá mais annos.

O fogo , que muitos aconselhaõ neste Esparavaõ os estropea muitas vezes , fazendolhe entropecer os nervos , & junta sem proveito , como temos visto por experiencia.

A outra diversidade de Esparavaõ se chama boyuno , porque todos os boys os tem assim , & da mesma sorte , que aparecem nos cavallos , ainda que huns sejam mayores , que outros.

Manifestaõse claramente com hum tumor duro , levantado na ponta da junta da perna , pela parte de dentro ; assim logo donde custumaõ fazer o desgoverno da cana.

São causados os Esparavovens , assim os intrinsecos , como os boyunos de trabalhar o cavallo muito novo , de o fazerem andar sobre os pès , de muitas curvetas , & saltos , trazerem pezo na garupa , ou outra pessoa nas ancas , do muito trabalho , correrem por subidas , & muitas vezes são hereditarios.

O tumor he duro , como osso , & sempre faz manquejar o cavallo , se não he no principio he depois , porque erece com o trabalho , & se vay radicando mais para dentro , causa grande dor ao cavallo , quando trabalha , & lhe faz secar a coxa fazendoos estreitos de verilhas.

Raro será o cavallo Esparavonado de muito tempo , a que se não tenha sumido o bojo por mayor , que o tivesse.

Tambem se conhecem os cavallos Esparavonados , em que poem o pè de ponta , & manquejaõ mais , quando saem da estribaria , do que depois que aquecem.

*Como se curaõ.*

Esta manqueira sempre tem melhor remedio no principio, do que depois de antiga, desgovernando o cavallo logo do alto, & baixo da junta; applicandolhe sobre o tumor o seguinte.

Tomarã dos unguentos de agripa, marcietaõ, & de alter, de cada hum duas onças, oleo de açucena huma onça; oleo de minhocas, & de semente de engos tres onças, tudo misturado se porã quente sobre o Esparavaõ em fórma de emplasto, & se renovarã cada dia hũa vez, por nove dias, & no fim delles se porã o seroto, que dissemos no Cap. 107. das curvas.

E não avendo melhoria, será necessario darlhe hum dos peñencias do Cap. 11. na forma, que nelle se declara, ou o fogo; actual, sem o penetrar muito, porque he ali o couro delgado, & se o penetrar de todo, se perderã o cavallo, & assim se deve dar cõ as cautelas, que ensinamos no Cap. 10. de dar o fogo.

Os mais achaques, que os cavallos custumaõ ter deste lugar do Esparavaõ; atè a ferradura do pè; temos já tratado meudamente de todos, quando fallamos das mãos, porque nas canas, & nos cascos, são os mesmos como temos dito.

## CAPITULO 109.

*Das cavallos topinhos.*

**C**HAMAMSE topinhos os cavallos; que poem os pès de ponta, & assim caninhaõ, & quanto mais se faz antigo este dano, peyor he de remediar, & he mais ordinario em bestas muares, & mais commum nas velhas, q̃ nas novas, & muitas vezes se vem a incapacitar de todo o serviço, fazendo tambem humas gretas muito dolorosas nas quartelas pela parte de detraz affima dos candados.

Todo este mal se remedeia com por ao cavallo nos pès humas ferraduras, com hũas bordas compridas a diante, que passem alèm do casco quasi hũa polegada de comprimento, aparandolhe o casco de forte, que fique desentaloado o mais que poder ser dei-

xandolhe'adiante no lume do casco todo o que tiver.

Nette mesmo tempo se haõ de fomentar as pernas, & nervos dellas, com banhos de caldo de tripas de carneiro, cozidas com salva, funcho, & gomos de loureiro, de cada hum huma maõ chea, applicando este banho mais quente que morno duras, & tres vezes cada dia, untando tambem sobre o banho as mesmas pernas, & nervos dellas com unto de porco derretido, tirandolhe o sal, & manzeiga de vacas; misturado tudo com partes iguaes continuando estas fomentaçoes, até que o cavallo ponha os pés iguaes que fique sem esse defeito.

Avendo cuidado de que ande sempre com ferraduras delgadas atraz, grossas a diante, & bem desentaloadas.

Tambem he necessario, que o ladrilho da estrebaria, para remedear este dano seja lizo, & sem covas, porque avendoas as bufcão estes taes cavallos de proposito; para nellas terem meridos os pés de ponta, com que nunca melhorariaõ.

#### ADVERTENCIA.

**A**lgũas enfermidades mais com que se alargaõ alguns Authores, especialmente Espanhoes, fazendo capitulos particulares dellas se reduzem todas a estas, de que temos feito menção, porque a Tircicia nos cavallos se envolve na Polmoçira, a Estangurria nas enfermidades da ourina, que vaõ na quinta especie dos Torcilhoes, a Leforia nas Camaras, & Fluxoens de ventre, & assim todas as mais que parecer que aqui faltaõ. Tambem algũas doencas não refiro, porque sò se achaõ nos homens, ainda que alguns Authores as relataõ sem necessidade, o que eu não quiz fazer, por tratar só de buscar a brevidade, por não molestar aos leytores, alargandome sómente mais nos achaques a que os cavallos faõ mais fogueitos, como Mormos, Torcilhoes, mal de Olanda, & outros semelhantes.

FINIS.

LAUS DEO.

# INDEX

## DA SUMMULA DA ALVEITARIA.



- A P. 1. Como se hão de conhecer, & saber examinar as idades, achaques, & defeitos dos cavallos. fol. 189.*
- Cap. 2. Como se hão de fazer as sangrias, & as cautellas, que se devem observar. fol. 199.*
- Cap. 3. Em que tempo são mais convenientes as sangrias nos cavallos, & em que vea se hão de fazer conforme as causas. fol. 201.*
- Cap. 4. Que observaçoens se devem guardar no fazer da sangria, saber a quantidade, & conhecer a qualidade do sangue. fol. 203.*
- Cap. 5. Do modo, & ordem, com que se hão de dar as ajudas aos cavallos. fol. 206.*
- Cap. 6. Do modo de dar os xaropes, & dos simplex com que se compoem. fol. 209.*
- Cap. 7. Das cautellas, que se devem observar, para purgar os cavallos, & de todos os medicamentos purgantes que a elles convem. fol. 211.*
- Cap. 8. Como se deve dar a purga aos cavallos, & a ordem, que nisso se deve guardar. fol. 221.*
- Cap. 9. Como se ha de desgovernar o cavallo, & das advertencias, que deve haver nisso. fol. 224.*
- Cap. 10. Do modo, com que se ha de dar o fogo, do effeyto, que faz, & das cautellas, que se devem observar. fol. 227.*
- Cap. 11. Do fogo. & cauterios Potenciaes. fol. 229.*
- Cap. 12. Como se hão de despaltar os cavallos. fol. 231.*
- Cap. 13. De como se hão de fazer as cargas perfeitas para os cavallos.*

# Index da Summula

	fol. 233.
Cap. 14. Dos sinais, & observação para conhecer todo o cavallo. doente.	fol. 236.
Cap. 15. Da Birra.	fol. 238.
Cap. 16. Da Fava.	fol. 239.
Cap. 17. Da boca chea.	ibid.
Cap. 18. Dos çapinhos, ou Barbalioens.	fol. 240.
Cap. 19. Dos sobre-dentes.	ibid.
Cap. 20. Da boca ferida.	fol. 241.
Cap. 21. Da lingua ferida.	fol. 242.
Cap. 22. Do fastio dos cavallos, & dos remedios para os fazer co- mer.	fol. 243.
Cap. 23. Dos cavallos, que deixão de comer por doenças graves, & que sustento se lhes deve dar.	fol. 245.
Cap. 24. Do fluxo de sangue pela boca.	fol. 247.
Cap. 25. Das chagas, & callos, que se fazem na barbada do ca- vallo.	fol. 248.
Cap. 26. Das chagas ou ulceras de dentro das ventas.	fol. 249.
Cap. 27. Da Fluxão dos olhos.	ibid.
Cap. 28. Da pancada, ou golpe sobre olho.	fol. 251.
Cap. 29. Dos cavallos Lunaticos.	fol. 252.
Cap. 30. Do tumor que nasce entre as queixadas.	fol. 254.
Cap. 31. Das Landoas, que nascem entre as queixadas.	fol. 256.
Cap. 32. De toda a especie de Mormo.	ibid.
Cap. 33. Das achaques, & enfermidades da cabeça.	fol. 261.
Cap. 34. Da Erespela, & inflamação do rosto do cavallo.	fol. 264.
Cap. 35. Do Espasmo.	fol. 266.
Cap. 36. Do vertigio.	fol. 269.
Cap. 37. Do desvario.	fol. 270.
Cap. 38. Dos Alvarazos.	ibid.
Cap. 39. Das olivas.	fol. 271.
Cap. 40. Como se ha de tirar a carne mal posta nas ilhargas da taboa junto às queixadas, que impede o enfreamento, como tam- bem o Gato carnosso, junto às crinas.	fol. 272.
Cap. 41. Do Ante-cor.	fol. 273.
	ap. 42.



## da Alveytaria.

Cap. 42. Do Latejar do coração.	fol. 276.
Cap. 43. Do esforço, ou Rendimento das pazs.	fol. 279.
Cap. 44. Do cavallo aberto.	fol. 282.
Cap. 45. Dos peitos sumidos, & paz secas.	fol. 284.
Cap. 46. Das mãos quebradas.	fol. 285.
Cap. 47. Das mãos pizadas, & inchadas do trabalho.	fol. 286.
Cap. 48. Da sobre_xodela	fol. 288.
Cap. 49. Das Lupas.	ibid.
Cap. 50. Do Eslabão.	fol. 289.
Cap. 51. Das Gretas.	fol. 290.
Cap. 52. Das Sobre-canas.	fol. 291.
Cap. 53. Da Extensão, & Relaxamento dos nervos das mãos.	fol. 292.
Cap. 54. Da inchação sobre a junta, & nó da mão.	fol. 293.
Cap. 55. Das Ovas.	fol. 294.
Cap. 56. Das Porrilhas.	fol. 296.
Cap. 57. Da Deslocação, & Esfriamento da junta.	ibid.
Cap. 58. Das Humidades, & gretas, que se criaõ nos machinhos, & quartelas, & das mais inchaçoens daquelle lugar.	fol. 298.
Cap. 59. Das Encabrestaduras.	fol. 300.
Cap. 60. Dos Arestins.	ibid.
Cap. 61. Da coça das mãos, & pernas dos cavallos.	fol. 302.
Cap. 62. Das Alcançaduras.	fol. 303.
Cap. 63. Das Sobre-mãos, Formes, & Cravos.	ibid.
Cap. 64. Dos Garvarros.	fol. 305.
Cap. 65. Do Galapago.	fol. 308.
Cap. 66. Dos cascos enchapinados, ou encastelados.	fol. 309.
Cap. 67. Dos Quartos, & Raças.	fol. 310.
Cap. 68. Das encravaduras, pregos de rua, & hastilhas, que offendem o casco.	fol. 315.
Cap. 69. De quando as materias sobem à coroa do casco, & ameaçam o desaralo	fol. 318.
Cap. 70. Da Manqueira por defeito, ou falta de cascos.	fol. 320.
Cap. 71. Da pancada do casco, ou ferradura assentada.	fol. 321.
	Cap. 72.

## Index da Summula.

- Cap. 72. Da Podridão, ou Figos das ramilhas, & formigueiros. fol. 324.
- Cap. 73. Como se ha de chamar o calor natural a hum casco que está privado de substancia por causa de achagues. fol. 325.
- Cap. 74. Das Muraduras, chagas; & feridas. fol. 325.
- Cap. 75. Das Pizaduras, & Tumores da sermelha, ou cruz. fol. 374.
- Cap. 76. Das chagas dos rins, ou feridas penetrantes do corpo do cavallo. fol. 377.
- Cap. 77. Das chagas, & feridas venenosas, feitas por animaes raiuosos, & danados, & para preservar da raiva, assim aos homens, como aos cavallos; & mais irracionaes. fol. 339.
- Cap. 78. Da Polmeira, ou falta da respiração, que chamão dar aos foles. fol. 341.
- Cap. 79. Da Tosse dos cavallos. fol. 344.
- Cap. 80. Da falta da respiração por calor estranho. & difficul-  
dade da expulsão dos excrementos. fol. 346.
- Cap. 81. Do cavallo magro, & estaçado, que não quer tornar a medrar. fol. 350.
- Cap. 82. Da Febre dos cavallos. fol. 352.
- Cap. 83. Das febres podres. fol. 358.
- Cap. 84. Da febre pestilencial. fol. 360.
- Cap. 85. Dos cavallos, que tem livrado a Febre. fol. 361.
- Cap. 86. Do mal de Olanda. fol. 362.
- Cap. 87. Das Ebuliçoens do sangue. fol. 374.
- Cap. 88. Da Graixa, ou Gordura derretida. fol. 375.
- Cap. 89. Do Agoamento, Infusura, & Resfriamento. fol. 376.
- Cap. 90. Dos Torcilhoens. fol. 382.
- Cap. 91. Da primeira especie do Torcilhão. fol. 383.
- Cap. 92. Da segunda especie do Torcilhão. fol. 384.
- Cap. 93. Da terceira especie do Torcilhão. fol. 385.
- Cap. 94. Da quarta especie do Torcilhão. fol. 388.
- Cap. 95. Da quinta especie do Torcilhão. fol. 360.
- Cap. 96.

## da Alveitaria.

- Cap. 96. Da sexta especie do Torcilhão. fol. 394.  
Cap. 97. Das camoras, & fluxo do ventre dos cavallos. fol. 395.  
Cap. 98. Das Lombrigas, que se geraõ no corpo do cavallo. fol. 399.  
Cap. 99. Da farna do cavallo. fol. 403.  
Cap. 100. Do Esforço, ou Rendimento dos rins. fol. 408.  
Cap. 101. Da Inchação dos Testiculos. fol. 409.  
Cap. 102. De como se capaõ os cavallos. fol. 411.  
Cap. 103. Do Rendimento, ou Esforço dos quartos trazeiros, ou ancas do cavallo. fol. 413.  
Cap. 104. Da extenção, & relaxamento do nervo do jarrete. fol. 414.  
Cap. 105. Do Agrião. fol. 416.  
Cap. 106. Dos Alifafes. fol. 417.  
Cap. 107. Das curvas, sobre-curvas, & curvaças. fol. 420.  
Cap. 108. Dos Esparvoens. fol. 421.  
Cap. 109. Dos cavallos Topinhos. fol. 423.

FINIS.





# LICENCAS

## Do S. Officio.

**P**ode-se tornar a imprimir o livro de que se trata ; & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 15. de Mayo de 1733.

*Alencastro. Cunha. Sylva. Cabedo. Soares.*

## Do Ordinario.

**P**ode-se tornar a imprimir o livro de que se trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para que corra. Lisboa Occidental 15. de Mayo de 1733.

*Gouvea.*

## Do Paço.

**Q**ue se possa tornar a imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarã a esta Meza, para se conferir, & taxar, & dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19. de Mayo de 1733.

*Galvão. Rego.*

## Do S. Officio.

**V**isto estar conforme com o Original, pôde correr. Lisboa Occidental 14. de Agosto de 1733.

*Alencastro. Cunha. Teixeira. Soares.*

## Do Ordinario.

**V**isto estar conforme com o Original, pôde correr. Lisboa Occidental. 17. de Agosto de 1733.

*Gouvea.*

## Do Paço.

**T**axaõ em papel este Livro em 00. para que possa correr. Lisboa Occidental 25. de Agosto. de 1733.

*Pereyra. Teixeira. Rego.*

Este libro es de propiedad de don Juan de los Rios  
y no se permite su venta ni su alquiler

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mirrored and difficult to decipher but appears to contain names and possibly dates.



HÍPICA-ESPAÑOLA

T. 17-

